

Os POSSUÍDOS
E O AMULETO SAGRADO

ARMANDO ALVES NETO



A SAGA DOS POSSUÍDOS

LIVRO 1

Armando Alves Neto

^{os}**P**OSSUÍDOS
E O **A**MULETO **S**AGRADO

1ª Edição — Versão para *Kindle*
Belo Horizonte-MG, 2013

Este livro foi finalista do *Prêmio SESC de Literatura Edição 2012/2013* na categoria Romance.

Para mais informações, acesse o site

www.ospossuidos.com

ou mande um email para o autor

aaneto@ospossuidos.com

Curta também o livro no Facebook

www.facebook.com/asagadospossuidos

e no Skoob

www.skoob.com.br/livro/342272

Copyright© 2012-2013
Armando Alves Neto
Todos os direitos reservados.

Esta obra foi produzida pela *Amazon Kindle* e distribuída pela *Amazon Direct Publishing*. Nenhuma parte pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios eletrônicos ou mecânicos (incluindo fotocópia e gravação), ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Arte da capa por Daniel Fontes

Dedicado a Celso Alves da Costa, meu pai, que me ensinou que a melhor forma
de encarar a vida é com um sorriso no rosto

Sumário

PRÓLOGO

PARTE I — DO PLANALTO ÀS MONTANHAS

A Liberdade Verde

Revirando o passado

O segredo dos possuídos

Olhos misteriosos

Dr. Paulista

Rochas, cristais e esmeraldas

A caverna dos papagaios

PARTE II — O CASO DO ANTROPÓLOGO

Versos na fumaça

A proposta de Aline

Uma noite agitada

Um rosto familiar

Ataques de onça

Uma conversa suspeita

A lenda da Cruz de Prata

O convite de formatura

PARTE III — O SACRIFÍCIO

Três viajantes

Sombras e luzes no parque

O homem da tatuagem tribal

O colega da faculdade

O amuleto sagrado

Medidas desesperadas

Morte na água

EPÍLOGO

Prólogo

Poucas são as pessoas até o momento que sabem o que anda acontecendo nos cantos mais obscuros e nas mesas mais influentes deste país. Conspirações e arranjos que há anos vem sendo elaborados de maneira secreta, e cujos fins são tão aterradores que seria impossível explicá-los sem que a sanidade de quem o fizesse fosse severamente questionada. E infelizmente, também são poucos os que podem fazer alguma coisa para impedir o que está para acontecer. E não haveria qualquer esperança, não fossem os acontecimentos daquela noite chuvosa de final de novembro.

O céu esfumado da madrugada estava tomado de nuvens carregadas e, com frequência, clarões de luz se projetavam no horizonte, iluminando de maneira tênue a bela Manaus. Da janela do sétimo andar de um prédio no centro da cidade, um homem de olhos escuros observava a tempestade cair sobre a ilha de concreto na qual havia se transformado a capital do Amazonas. A sala onde ele estava era pequena e continha apenas uma mesa escura, comportando um cinzeiro vazio e cinco cadeiras. Acima da janela, um relógio redondo de ponteiros grandes indicava onze minutos para a madrugada de sábado, e apesar da chuva intensa, fazia um calor infernal naquela noite.

O homem permaneceu muito tempo contemplando a paisagem noturna e cinzenta, com ventos constantes a empurrar as massas de água em direção ao leste. O reflexo no vidro mostrava sempre a mesma figura de semblante fechado e olhos carregados, sem ânimo para manter a cabeça erguida. Os cabelos negros eram curtos, lisos e estavam despenteados. A barba, por fazer a vários dias, também era escura e cobria-lhe a tez pálida. O corpo atlético com mais de um metro e oitenta gozava de boa saúde, mas agora as noites mal dormidas pesavam-lhe sobre as costas. Usava camisa tipo esporte, branca e amassada. Abaixo da manga direita, na frente do ombro, trazia escondida a marca de sua *ruína*, três listras irregulares verticais em cima de outras duas horizontais, tatuadas em negro. *O fogo sobre a água.*

Mas a própria aparência era o que menos preocupava Carlos no momento. Uma ansiedade irracional corroía seu peito e sufocava a garganta. De repente, passos no corredor chamaram sua atenção. Logo a porta se abriu e quatro homens aparentemente desconhecidos, vestindo ternos escuros, entraram na sala. O primeiro era magro, de estatura mediana e pele negra, mas apesar dos óculos grandes e dos sinais iniciais de calvície, parecia ter pouco menos de quarenta anos. Trazia nas mãos uma maleta de couro marrom e desejou boa noite ao

atravessar a porta. O homem que entrou em seguida era bem mais maduro. Devia ter mais de cinquenta anos de idade, mas sua estatura e força eram visivelmente superiores a do primeiro sujeito. A pele era clara e os cabelos, curtos e levemente grisalhos, estavam penteados para trás. A barba era pouco volumosa, porém mais escura. Também carregava um semblante sério, mas entrou calado.

Os dois últimos indivíduos usavam roupas parecidas entre si, pretas, sem paletó nem gravata. Um deles era bastante jovem, com vinte e poucos anos, enquanto que o outro não tinha mais do que trinta. Ambos eram altos e fortes, e permaneceram de pé, com os braços cruzados, um de cada lado da porta. Carlos nunca os tinha visto, mas percebeu logo a postura imponente e ameaçadora que exibiam. *Homens da Guarda Secreta*, pensou ele. Seu coração disparou no peito.

O sujeito de idade mais avançada puxou uma cadeira, abriu o paletó, revelando a barriga protuberante, e sentou-se. O estranho com a maleta repetiu o gesto. Já Carlos permaneceu imóvel, observando os recém-chegados, e levou apenas um instante para reconhecer o velho sentado à sua frente.

— *Senador Manauára?* — o tom era de surpresa. Afinal, estava diante de uma importante autoridade da república.

— Boa noite, meu bom homem — a voz do parlamentar era grave, mas sem muita energia. Parecia um pouco abatido. — Então, você é o pai do pequeno *Pedro*?

— Sim, senhor. Aconteceu alguma coisa com meu filho?

— Não, não — respondeu o velho calmamente. — Está tudo bem com ele. Por favor, sente-se, Carlos. Posso chamá-lo assim, não?

— Sim, claro. *Carlos Abreu*, ao seu dispor!

O senador então repetiu o nome em voz baixa, como se quisesse memorizá-lo.

— Temos sérios assuntos a tratar, Senhor Abreu! — o primeiro homem a entrar colocou a maleta sobre a mesa. A voz era ligeira e um pouco nasalada. — Eu me chamo Sérgio Saldanha e represento legalmente o Senhor Seixas no... — o senador levantou a mão esquerda abruptamente na direção do sujeito, calando-o. Permaneceu com a palma erguida por alguns segundos, enquanto mirava Carlos com firmeza. O olhar era penetrante, difícil de encarar.

— Advogados... — debochou o parlamentar, com um leve sorriso nos lábios, quase imperceptível. — Sempre apressados e objetivos. Achar que tudo é assim tão fácil de resolver — fez então uma pausa. Por fim, abaixou a mão e apontou na direção de uma cadeira. — Por favor, sente-se!

Sem alternativa, Carlos se acomodou junto à mesa, ficando de frente para os dois homens.

— Talvez você não saiba, Carlos, — Manauára continuou — mas sou um

grande amigo do seu pai. Ele fez generosas contribuições à minha primeira campanha ao senado. Infelizmente faz anos que não o vejo. Como ele tem passado?

Carlos pensou para responder. Fazia tanto tempo que ele e o velho ranzinza estavam brigados que o último encontro deles parecia ter sido em outra vida. — Não sei, senhor. Não temos nos falado ultimamente.

— Entendo... — o senador tamborilou os dedos na mesa, encarando-o. — Bem... Você deve estar se perguntando por que vim até aqui — ele recostou os cotovelos sobre o móvel e aproximou-se. — Não se preocupe com o seu filho. Ele está bem. É um menino bastante saudável e forte. Me disseram que herdou isso do pai.

O comentário fez um breve calafrio correr a espinha de Carlos. Queria ser capaz de esquecer aquela fatídica noite em que seu filho nasceu, mas por mais que tentasse, era impossível. — Gostaria de vê-lo, senhor. Minha mulher está muito preocupada.

— *Ainda não!* Conforme o meu bom amigo aqui disse, — ele apontou para o advogado — temos um assunto sério a tratar. A situação é grave, Carlos. *Gravíssima*. Tão logo soube do caso, fiz questão de vir pessoalmente.

— O que aconteceu?

— Bem... Como já deve saber, estamos prestes a mudar os rumos deste país. E nesse momento tão importante, não podemos admitir nenhum erro — o homem fez uma breve pausa, proferindo um leve suspiro. — Mas infelizmente algumas coisas andaram escapando ao nosso controle. Pessoas em quem confiávamos de olhos fechados resolveram nos trair na pior hora possível. Por isso a segurança e o sigilo de alguns projetos ficaram seriamente comprometidos.

Carlos permaneceu em silêncio.

— Há três semanas, — o parlamentar continuou — o companheiro Seixas desconfiou da existência de alguém passando informações confidenciais a pessoas fora do nosso grupo — ele levou a mão direita ao bolso do paletó e tirou um maço de cigarros de marca desconhecida. Silenciou-se enquanto retirava um da cartela e o colocava na boca. — Ele mesmo analisou diversos registros nos computadores da sede e descobriu alterações recentes em alguns deles, realizadas sem o nosso conhecimento.

O velho levou a mão esquerda ao outro bolso e retirou um isqueiro vermelho. Acendeu o cigarro sem, em instante algum, desviar os olhos do homem à sua frente. Após a primeira tragada continuou. — E o mais curioso disso tudo é que todos os lançamentos alterados pertenciam à mesma pessoa. *Você!* — o dedo indicador apontava na direção de Carlos. Os segundos subsequentes de silêncio fizeram o ar parecer mais pesado. — Por que fez isso? Depois de tantos anos de

dedicação à nossa causa, por que nos traiu assim? E justo agora, em um momento tão importante como este?

— Eu... não sei do que o senhor está falando, Senador.

— *Não minta para mim!* — gritou o velho, dando um forte soco na mesa. Fumaça branca e densa saía-lhe pela boca e narinas. — Nós já sabemos de tudo. Sabemos que você acessou e modificou os registros nas últimas semanas. Sabemos que trocou os nomes das crianças e os lugares onde elas estavam escondidas. E temos certeza de que entregou os dados originais a alguém. Quem foi?

— Senador... Eu.. eu realmente não sei do que o senhor está falando — Carlos tentou se manter firme. Era treinado para esconder seus reais sentimentos e emoções, mas agora suava de maneira descontrolada e sentia o rosto enrubescendo.

— Ouça — o velho voltou a se acalmar. — O que fez foi grave. Gravíssimo. Você roubou registros de um projeto altamente secreto do governo. Falo de crime federal com punições severas. Outras pessoas pegariam sentenças máximas por muito menos — deu outro trago no cigarro. O ar da sala começava a ficar empestado. — Contudo, estamos inclinados a não te denunciar. Em consideração ao seu pai, convenci Seixas a lhe dar a oportunidade de se redimir. Por isso vim até aqui hoje. *Para fazer uma proposta!*

Manauára se levantou e começou a caminhar em direção à janela. Parou e permaneceu ali, em silêncio. Depois voltou a falar, ainda olhando a paisagem noturna. — Como disse, algumas coisas saíram de nosso controle recentemente. Anteontem, por exemplo, o Seixas quase nos deixou.

— O que aconteceu com ele? — Carlos tentou demonstrar preocupação.

O senador deu mais um trago no cigarro e liberou fumaça enquanto falava. — Bom... o companheiro Seixas prestou um grande serviço a este país. Ele também entregou o único filho homem para servir aos propósitos de nosso projeto. Ele acredita nas recompensas futuras que virão de todo esse sacrifício.

— Assim como eu! — disse Carlos.

— É o que vamos ver — o senador virou-se de volta para a sala. — Bem, parece que aconteceu alguma coisa errada durante o procedimento envolvendo o filho dele. Isso foi há três dias. Agora ambos, Seixas e a criança, estão bem. Mas antes, o nosso caro irmão esteve entre a vida e a morte.

— Fico feliz em saber que ele está bem — Carlos disparou, tão rápido quanto pôde.

O senador esboçou um sorriso cínico em resposta. — Bom, vamos direto ao assunto. Sou um homem ocupado. Diga a ele, Saldanha — e voltou a ficar de costas, olhando através da janela.

Carlos agora encarava o advogado.

— Senhor Abreu — disse o homem negro, com sua voz ligeira. — Vim até aqui hoje como representante legal do governo e do Senhor Sinval Seixas para lhe fazer uma proposta. Uma proposta irrecusável, garanto. Estamos inclinados a relevar todos os males causados pelo senhor e, até mesmo, a recompensá-lo pelos bons serviços prestados no passado. E, em contrapartida, pedimos somente a sua colaboração incondicional daqui em diante.

— Sempre estive e sempre estarei disposto a cooperar com a causa...

— Ótimo! — completou o advogado. — Isso torna as coisas bem mais fáceis. Terá a oportunidade de provar sua total fidelidade ao meu cliente, Senhor Abreu. Para isso, ele impõe apenas duas condições. Primeiro, queremos saber para quem o senhor entregou os registros secretos e quem são as pessoas por trás desse conluio contra o governo.

— Desculpe insistir, mas já disse que...

— Segundo, — o advogado o interrompeu — e isso é muito importante, Senhor Abreu. Terá de trocar o seu filho recém-nascido pelo herdeiro do Senhor Seixas!

— O quê? — o pedido caiu feito bomba em sua cabeça. Sua primeira reação foi de total incredulidade. De súbito, Carlos se levantou, alertando os dois homens que protegiam a porta. Mas o senador e o Doutor Saldanha permaneceram calmos.

— Onde está o meu filho? — gritou. — Quero vê-lo agora.

— Ele estará aqui em alguns minutos — disse Manauára, retornando à mesa e amassando o cigarro contra o cinzeiro. — Poderá vê-lo em breve, prometo. Mas, por favor, acalme-se.

Demorou um pouco até que Carlos voltasse a se sentar.

— Precisamos daqueles registros — retomou o senador. — E principalmente, precisamos do seu filho Pedro.

— Mas por quê? O que aconteceu?

— Como já lhe disse, Seixas e a esposa também tiveram um menino recentemente. Um garoto forte e saudável chamado Michel. Eles encaminharam a criança para a floresta e submeteram-na ao... *procedimento* — e ao pronunciar essa última palavra, o senador abaixou o tom da voz e movimentou a cabeça na direção de Carlos. — Isso foi um dia antes de levarem o seu filho também. Seixas estava muito empolgado com a ideia de oferecer o próprio herdeiro para participar do projeto. Como principal responsável pela realização do procedimento, ele deve ter preparado algo especial para o momento. Mas as coisas não deram tão certo quanto ele esperava.

— Mas sempre achei que o processo era totalmente seguro — disse Carlos,

espantado. — Quero dizer, nunca ouvi falar que algo tenha dado errado antes.

— Bem, não sei o que houve. E na verdade, essa parte não me interessa. Só sei que Seixas se esforçou demais e precisaram hospitalizá-lo rapidamente.

— E o que isso tem a ver com o meu filho?

— Segundo me informaram, parece que submeteram o garoto ao procedimento poucas horas depois do ocorrido. Foi então que os coordenadores do processo notaram alguma coisa diferente do normal. Se é que normal é a palavra certa a usar neste caso. Mas o menino está bem, não se preocupe! Não sei mais detalhes, — o velho fez uma breve pausa, enquanto pegava outro cigarro — mas Seixas tem muito interesse no seu filho e me pediu para propormos a troca. Ele não tinha forças para vir pessoalmente.

Carlos tentava assimilar tudo. *Vocês não podem fazer isso comigo*, ele devia ter dito. *Sei de muitas coisas erradas que vocês fizeram*, podia ter ameaçado. Mas não o fez. Até o momento, havia feito grandes sacrifícios e corrido sérios riscos ao roubar os registros confidenciais e passá-los adiante. Mas uma coisa era permitir a submissão de seu filho ao procedimento, até então completamente seguro. Outra bem diferente era colocá-lo à mercê de pessoas sem escrúpulos. Contudo, as palavras erradas deixaram sua boca. — Isso é loucura...

— Pedro será uma peça importantíssima nos nossos planos, Carlos. Sei que deseja o melhor para ele e para nós.

— O senhor me pede algo muito além do meu alcance — ele quebrou o silêncio.

— Bem, parece que Seixas não pensa assim. Ele disse que você aceitaria trocar as crianças sem problema. Afinal, não seria a primeira vez, não é, Carlos?

Ele sabe a verdade, Carlos concluiu. *Está jogando comigo. Maldito bastardo!*
— Por anos servi a essa organização. Segui os ideais do Senhor Seixas com a certeza de ser o melhor e dei o meu máximo para o projeto. E se entreguei meu único filho recém-nascido, foi porque tinha plena confiança de que ele teria a oportunidade de fazer mais pela causa do que eu mesmo. Agora, o senhor me pede que... que troque o meu filho por uma criança que nem conheço?

— Sei que estou pedindo muito — complementou o senador. — Infelizmente todos temos que fazer sacrifícios, Carlos. Eu não pediria isso há ninguém em outras circunstâncias. Ainda mais ao filho de um amigo. Mas lembre-se da sua delicada situação. O que está em jogo aqui não é só o destino do pequeno Pedro, mas o seu também. Se for condenado por crimes de alta traição contra o governo, a pena será de no mínimo trinta anos em prisão federal. Estamos lhe dando uma escolha que poucos teriam. Devolva os registros, entregue as pessoas envolvidas nessa conspiração, troque o seu filho com Seixas e garanto uma excelente recompensa para você e sua esposa. Isso é o máximo que posso

oferecer.

— A Sarah jamais aceitaria isso — Carlos abaixou a cabeça e pensou na mulher. — E eu também não. Já foi difícil enganá-la para Pedro participar do procedimento. Além disso, vocês não têm nenhuma prova contra mim.

— Ora, vivemos tempos violentos, Carlos. Pessoas de bem estão sempre revelando suas faces mais hediondas. Amanhã cedo, alguém que conhecemos pode muito bem ser apanhado com quarenta quilos de pasta base de cocaína no carro. Ou pode ser acusado de ser o maníaco estuprador de um bairro nobre qualquer por uma dúzia de jovens estudantes precisando pagar a faculdade — o senador se levantou com um meio sorriso visceral nos lábios. Guardou então o maço e o isqueiro nos bolsos, deixando um cigarro intacto sobre a mesa. — Bom! Isso era tudo o que tinha a dizer. Agora tenho que ir. A noite vai ser longa. Vou deixá-lo pensar um pouco no assunto. Meu amigo Saldanha aqui ficará no prédio até você ter uma resposta para nós.

— Não se apresse, Senhor Abreu — disse o advogado, levantando-se e ajeitando os óculos contra o rosto. — Esperamos que tome a decisão certa.

Então, um dos guarda-costas abriu a porta e todos começaram a deixar a sala.

— Senador? — a voz de Carlos foi pouco mais forte que um suspiro. — Deixe-me ver o meu filho. Preciso saber se está tudo bem com ele.

O velho ponderou por alguns segundos. Olhou o relógio na parede, marcando quase meia-noite e vinte.

— Certo. Vou permitir que veja o garoto. Ele estará aqui no prédio em poucos minutos. Mas aproveite para se despedir — o parlamentar então deu ordens aos dois seguranças para acompanharem Carlos até o berçário. E, antes de desaparecer através do corredor, virou-se e disse. — Michel é um menino muito esperto e saudável. Se escolher ficar com ele, não irá se arrepender — e foi essa a única e última vez que Carlos Abreu se encontrou com o senador da república. O velho foi embora, acompanhado do advogado.

— Vamos andando! — ordenou o sujeito barbado protegendo a saída. O pai de Pedro então se levantou e caminhou até a porta, sob os olhares dos dois guarda-costas. Não sabia o que fazer ou pensar. Temia por sua família e tinha a consciência de estar nas mãos de gente bastante perigosa. Em silêncio, andou através do corredor, seguido de perto pelo segurança mais jovem. O outro vinha logo atrás.

Carlos nunca havia estado naquele andar do prédio antes, e não tinha a menor ideia de para onde iam. Pararam em frente ao elevador. O homem mais novo pressionou o botão e demorou pouco até que a porta se abrisse. Os três então entraram com destino ao terceiro piso do edifício. O aparelho era bem antigo, tal qual o restante do prédio, e pareceu uma eternidade até descerem ao andar

desejado.

Quando enfim chegaram, não precisaram caminhar muito até o berçário. A pequena placa no alto da porta indicava o lugar. O segurança mais velho bateu e esperou para ver se ouvia alguma resposta. Como não obteve nenhuma, girou a maçaneta e entrou. O pai de Pedro foi logo em seguida.

Aquela era uma sala bem maior do que a anterior. Já na entrada, havia uma pequena mesa de ferro branca e enferrujada, com uma cadeira metálica. Apoiados sobre o móvel estavam um aparelho de telefone vermelho, uma caneta preta e uma prancheta de compensado com alguns formulários. Mais ao centro do cômodo ficavam três berços, todos parecidos. Eram brancos e metálicos, no mesmo estilo da mesinha. Uma leve cortina de seda clara escorria do teto, presa por um gancho, e protegia um dos pequenos leitos. Dos outros dois, pelo menos um estava vazio. No canto da sala, próximo à janela, havia um sofá velho de um só lugar. O barulho da chuva contra o vidro fechado soava abafado, mas constante. Nos fundos do aposento existia ainda um marco sem porta, uma entrada para outra sala, coberta por tiras de pano lembrando uma cortina rústica.

Assim que os três homens chegaram, se depararam com uma mulher que surgiu pelo anteparo. Tinha a aparência de enfermeira, pois usava blusa e saias brancas, sapatos sem salto também claros, e os cabelos loiros estavam presos em um rabo de cavalo. Certamente contava menos do que quarenta anos de idade. Era magra, de baixa estatura, e a pele pálida parecia extensão de seu uniforme. Levava ainda óculos arredondados e avental junto ao corpo. Seu olhar foi de curiosidade ao ver os estranhos dentro da sala.

— Pois não? — a voz era calma e doce.

— Enfermeira. Este homem está aqui para ver o filho recém-nascido — exclamou o segurança mais velho. Em contraste, sua voz era rude e nervosa.

— E qual é o nome da criança?

— Pedro — Carlos declarou de impulso. — Pedro Nunes Abreu.

A mulher pegou o prontuário sobre a mesa e deu uma rápida olhada. — Ah sim! Está aqui — ela apontava para uma parte do primeiro formulário. — Mas ele ainda não chegou. Devem trazê-lo a qualquer momento. Por que não se senta e espera um pouco, Senhor...?

— Carlos...

— Certo. Sente-se ali, *Senhor Carlos* — a mulher apontou na direção do pequeno sofá contra a parede. Então se virou para os outros dois homens. — Lamento, mas não posso permitir muita gente aqui ao mesmo tempo. Devo pedir para esperarem lá fora.

— Neste caso ele virá também — o segurança barbado se referia ao pai de Pedro. — Temos ordens para ficar de olho nele.

De repente, um som agudo se propagou pelo ar. Era o choro de uma criança recém-nascida e parecia vir do berço envolto pela cortina. O barulho era ensurdecedor e encobria até mesmo o som constante da chuva. A enfermeira logo desviou a atenção e foi até o leito para acalantar o bebê. Enquanto isso, o segurança mais jovem colocou a mão no ombro do companheiro e, com um leve gesto e expressão de desagrado por causa do ruído, puxou-o em direção à saída. O outro sujeito relutou por alguns segundos e, antes de ir, lançou um olhar ameaçador sobre Carlos.

— Me dê o seu telefone! — ele estendeu a mão aberta.

O homem se lembrou do aparelho de celular que trazia no bolso e o passou ao segurança, sem argumentar. Só depois disso, os dois vigias deixaram o berçário e fecharam a porta atrás deles. A enfermeira logo acalmou a criança.

— Sente-se, Senhor Carlos. Seu filho estará aqui em breve. Fique à vontade. Já volto — a mulher caminhou em direção à outra sala, deixando o homem sozinho.

Carlos se sentou no sofá e ali permaneceu durante vários minutos, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos cobrindo o rosto. Começava a ficar desesperado e sem ação. Pensou em ir até o telefone sobre a mesa e ligar para a esposa em casa. Mas naquele momento, como ocorreu poucas vezes em sua vida, faltou-lhe coragem. Não sabia o que dizer e nem por onde começar. *De que forma explicarei a ela tudo o que está acontecendo?* A pobre coitada desconhecía completamente a verdadeira face do marido, mesmo após tantos anos de relacionamento. Pensava que ele era gerente administrativo de uma grande empresa de cosméticos e que precisava viajar com frequência pelo país para participar de reuniões. Mas infelizmente isso estava muito longe da cruel realidade.

Carlos tão pouco poderia pensar em fugir, pois apesar de suas habilidades, não seria capaz de enfrentar dois agentes treinados da organização. Ele se levantou e aproximou-se da porta, na expectativa de averiguar se os homens ainda permaneciam no corredor ou se tinham ido embora. O som de murmúrios ininteligíveis indicava a presença de pelo menos um deles ali. De repente, ele se assustou com um novo choro quebrando o silêncio do recinto. O pequeno recém-nascido do berço coberto voltava a reclamar da falta de atenção, dessa vez, bem mais alto.

O homem mirou na direção das cortinas cobrindo a abertura do outro cômodo na esperança de ver a enfermeira entrar a qualquer momento, mas ela não apareceu. Não era possível que não tivesse ouvido. Indignado, caminhou até o berço. Ao se aproximar olhou novamente, esperando ver a babá surgir correndo. Chamou por ela, embora não soubesse o nome, mas nada da mulher retornar.

Através do véu translúcido, viu a pequena criança imóvel. Ela apenas chorava. E muito alto. Resolveu, por fim, tomar uma atitude. Abriu as cortinas para acalmar o bebê, assim como havia feito algumas vezes com Pedro. E então, levou um tremendo *susto*.

No lugar onde esperava ver um recém-nascido, de pele enrugada, cabelos ralos e expressão de choro, havia algo surpreendente. Assemelhava-se a uma criança de verdade. Tinha cabeça, pequenos braços e pernas, e até fralda. Mas não era real. Parecia mais um... *boneco*. O susto foi tão grande que, com um salto, Carlos afastou-se do berço. Naquele mesmo instante, sentiu uma mão pequena e suave segurar seu punho. Era a enfermeira que havia retornado. Ficou muito surpreso ao vê-la, pois ela pressionava o dedo indicador contra os lábios cerrados e a fisionomia de serenidade e firmeza que apresentou da primeira vez tinha se transformado. A tensão moldava suas expressões agora.

Rapidamente ela caminhou até a porta e, com um leve gesto, virou a chave. O barulho do choro emitido pelo brinquedo abafou totalmente o som de seus movimentos. Aproximou-se de Carlos e sussurrou.

— *Depressa!* Não temos tempo a perder. Você deve fugir.

— Não vou a lugar nenhum sem o meu filho.

— A criança está aguardando no estacionamento. Precisa escapar com ele daqui.

— Quem é você? Por que está me ajudando?

— Isso não importa — correu em direção a um dos berços vazios. Carlos a seguiu e viu quando ela retirou algo do pequeno leito. Parecia um monte de lençóis amarrotados. — Terá que sair pela janela. É a única chance. Vão matá-lo assim que disser quem são as pessoas que ajudou. Tomarão o seu filho de qualquer forma.

Com agilidade, a enfermeira carregou o amontoado de panos até a janela perto do sofá. Ao abri-la, vento e chuva invadiram o recinto. Subiu no estofado e amarrou a ponta do tecido no basculante. Depois, atirou o bolo de lençóis para fora do prédio e uma corda improvisada surgiu do terceiro andar até o chão.

— Vá até o estacionamento. Um homem estará esperando com o seu filho. Leve-o e desapareça da cidade. Não volte para casa.

— Mas preciso pegar minha esposa.

— *Eles a levaram!*

Um calafrio percorreu a espinha de Carlos. — O quê?

— Pegaram sua mulher. Você é o próximo. Fuja enquanto pode.

— Como? Para onde a levaram?

— Não sei. Agora vá, antes que seja tarde demais.

— Mas eu...

— *Vá rápido!* — insistiu a enfermeira.

Ele deu uma última olhada na direção da porta para depois seguir as ordens de fuga. O brinquedo continuava a chorar e logo provocaria a desconfiança dos vigias no corredor. Aproximou-se da janela, mas evitou olhar para baixo. Segurou o lençol e pôs a primeira perna do lado de fora, antes de agradecer a mulher. Começou então a deslizar pelo pano molhado. A chuva fria caía-lhe sobre as costas, mas a adrenalina aquecia todo o seu corpo. O medo agora era o de perder as forças. Mas Carlos era homem saudável e de boa constituição física, e a tarefa, aparentemente tão perigosa, acabou se mostrando menos difícil do que o esperado. Os pés logo tocaram o chão e, ao olhar para a janela pela última vez, não viu mais a enfermeira e nem ouviu o choro do brinquedo.

Estava agora na parte de trás do prédio de dez andares. Havia apenas um pequeno pátio entre o edifício e o imóvel dos fundos, com alguns pavimentos a menos. Carlos seguiu por um longo corredor, contornando sacos de lixo, caixas de papelão e latões de metal, até chegar à lateral da construção, onde o espaço era maior. Existia um estacionamento simples, com lugares para cerca de quinze ou dezesseis automóveis, mas àquela hora da madrugada, haviam apenas três. Em frente a um carro popular, tipo sedã e de cor preta, estava um homem de pé na chuva. Era um sujeito alto e magro, vestido com jaleco branco de mangas compridas, todo molhado. Por baixo era possível ver a camiseta clara e calças jeans. Tinha ainda cabelos curtos e negros, arrepiados por causa da água. Tratava-se de um jovem, com algo entre dezoito e vinte e cinco anos. Trazia um cigarro aceso na mão direita, protegido da chuva pela mão esquerda.

Carlos se aproximou, até ter certeza de que era uma pessoa desconhecida. Foi o estranho quem quebrou o silêncio.

— *Carlos Abreu?* — a voz era firme.

— Sim! Sou eu. Você está com o meu filho?

Ele não respondeu. Apenas atirou o cigarro no chão e caminhou pelo lado direito do carro preto. Abriu a porta do passageiro e retirou um guarda-chuva negro. Após desdobrá-lo, abaixou-se novamente e, com uma das mãos, recolheu do veículo um pequeno volume envolto em um cobertor azul aveludado. Ainda em silêncio, entregou o embrulho a Carlos. *Era Pedro.*

Uma alegria momentânea tomou conta dele ao ter o filho nos braços. O mesmo rostinho claro, as mesmas bochechas coradas e o mesmo cabelinho escuro. Era muito parecido com a mãe, pensou.

— Está de carro? — perguntou o estranho, protegendo a criança com o guarda-chuva.

— Sim — ele voltou a se lembrar de que ainda não estava seguro. — Parei lá fora.

— Então vá embora. Fuja da cidade o mais rápido possível — o homem entregou-lhe o guarda-chuva e correu para dentro do automóvel.

Carlos relutou. Queria saber quem era aquele sujeito e a mando de quem o ajudava. Mas o momento exigia pressa e ele saiu correndo pelo portão do estacionamento com o filho nos braços. Seu carro estava parado a poucos metros do prédio, sob a luz de um poste. Era um importado vermelho, já com mais de dez anos de uso. Deixando o guarda-chuva cair no asfalto, retirou um molho de chaves do bolso, abriu o veículo e entrou. Desenrolou o filho do cobertor molhado e prendeu-o junto à cadeira de bebê no banco de trás. Depois, saiu acelerado, sem colocar o cinto de segurança.

O movimento era pequeno àquela hora da noite. A maioria dos semáforos no centro da cidade ficava amarela durante a madrugada, mas agora muitos estavam apagados, talvez por causa da tempestade. Carlos dirigiu em direção ao sul, tomando o caminho de casa. Não podia abandonar a esposa assim tão facilmente. *Preciso ter certeza de que ela não está lá me esperando. Ela está lá, está lá*, ele refletia quase em tom de reza. *A enfermeira tem que estar enganada. Se ao menos ainda tivesse meu telefone, podia descobrir alguma coisa.* Levou a mão ao bolso e percebeu o buraco na calça, sobre a coxa direita. Só agora se dera conta de que o lugar estava manchado de sangue. Parecia um corte grande, mas superficial, ocorrido possivelmente enquanto corria por entre os latões enferrujados nos fundos do prédio.

A chuva aumentava a cada curva e, em alguns trechos, a visibilidade ficou bastante comprometida. Era difícil até mesmo saber se alguém o seguia. Em outra situação, teria sido mais prudente parar e esperar a chuvarada diminuir. Mas, dada a urgência do momento, Carlos achou melhor correr o risco. Acelerou ao máximo. E após cerca de quinze minutos cortando cruzamentos e entrando pelas ruas de um bairro nobre da cidade, atingiu a porta de casa.

Aquele não era lugar dos mais simples. Dois andares enormes, garagem dupla, um belo jardim visível através das grades da frente e varanda cheia de vasos de plantas de diferentes tipos. Carlos nunca foi de querer ajuda do pai, por isso precisou financiar a moradia em cerca de quinze anos, dos quais ainda restavam dez para pagar. Estacionou devagar e observou a residência com cautela para ver se havia algum movimento estranho na fachada. Comandou então a abertura do portão eletrônico, mas antes de entrar, abriu o porta-luvas e pegou o revólver *calibre trinta e oito*. Ele raramente tirava a arma de casa, fazendo isso apenas em situações de extrema necessidade.

Alcançou a garagem. Lá dentro estava o veículo da mulher, da mesma marca do seu, mas de cor azul-escura e mais bem conservado. Desceu do carro com o filho nos braços e o revólver em punho, e correu em direção à entrada.

Destrancou-a e entrou, provocando um ruído sinistro nas dobradiças. Estava tudo *escuro*.

— *Sarah!* — gritou. Não obteve resposta.

Sem acender as luzes, adentrou a sala principal e fechou a porta atrás de si. Achou melhor vasculhar a casa na escuridão, pois conhecia bem todos os cômodos. Continuou chamando pela mulher e procurou por ela na cozinha, na copa, na área de serviço e nos dois aposentos de hóspedes do primeiro andar. Não encontrou nenhum sinal estranho. Indícios de arrombamento, vestígios de luta, nada.

Desesperado, subiu as escadas e vasculhou o segundo piso. Olhou na própria suíte, no quarto do pequeno Pedro e no banheiro, tudo em vão. Suas últimas esperanças ficaram confinadas ao escritório, no final do corredor. Aquele era seu lugar preferido na casa, onde passava grande parte do dia trabalhando. Isso quando não viajava para fora da cidade. Aproximou-se lentamente e empurrou a porta entreaberta com o pé. Não havia qualquer sinal de Sarah. A enfermeira tinha razão. Eles a levaram.

Imediatamente perdeu a força das pernas e, com Pedro nos braços, sentou-se no chão. Atirou a arma contra a parede e começou a chorar. Seu mundo se aproximava do colapso. Mas não podia desistir. Não agora. Recompôs-se ao olhar para o rosto inocente do filho. Voltou à realidade. Lembrou-se de que ainda precisavam fugir. Tinha de salvar o garoto a qualquer custo. Levantou-se e entrou no escritório, uma sala pequena e confortável. Acendeu as luzes.

À direita da porta, havia uma estante de dez compartimentos, alta como o teto. Estava repleta de livros dos mais diferentes tamanhos e cores, e de pastas de plástico pretas e etiquetadas. O relógio digital cinza indicava quase uma da manhã. Em outra parede, uma pequena janela sem cortinas compunha o cômodo. No centro da sala havia uma cadeira giratória, ocupada por uma mochila de cor negra. Carlos retirou-a e pousou o filho em cima do assento. Mais no canto do escritório ficava uma escrivaninha de mogno, sobre a qual repousavam o computador e pilhas de documentos. O móvel exibia duas gavetas no lado direito, uma sob a outra, e apenas a primeira tinha fechadura. Era onde costumava esconder da mulher o revólver, entre outras coisas.

Ele então revirou a estante e colocou algumas pastas e papéis soltos no interior da velha mochila. Tomou novamente o molho de chaves do bolso e usou a menor delas para abrir a gaveta. Lá dentro estavam todas as suas quatro identidades falsas e uma caixa de balas. Guardou tudo na bolsa, mas seu pequeno cofre ainda não ficou vazio. Bem no fundo, enrolado em um pedaço de tecido de algodão, ficava seu bem mais precioso. Retirou o objeto comprido da gaveta e, com todo o cuidado, desenrolou-o sobre a palma da mão esquerda.

Era uma *faca*. Mas não uma qualquer, feita em metal. Essa era especial, produzida a partir da lasca de uma pedra azul-acinzentada, quase translúcida. A forma era bastante irregular, comprida, larga e com dois gumes. Uma espécie de fibra vegetal enrolada protegia a empunhadura. Tratava-se de um belo artefato indígena, presente dado a ele por um grande amigo há muito tempo. Mas o objeto não era incomum apenas na aparência. Essa faca não servia para cortar ou ferir. Ao contrário, era uma *adaga de cura*.

Carlos sabia usá-la bem. Levou-a até o rasgo da calça, na região da coxa direita, e encostou a lâmina de lado sobre o ferimento. Concentrou-se então na dor. Não demorou muito até que o artefato emanasse um leve brilho azulado, visível mesmo sob a luz fluorescente da sala. Em seguida, sobreveio a sensação de calor na superfície da pele e o subsequente alívio da moléstia. Passados poucos segundos, o sangue coagulou sobre a ferida e o avermelhado da tez em volta diminuiu. A dor desapareceu completamente. E foi aí que um som baixo chamou sua atenção. Era o ranger das dobradiças da porta da frente. Alguém tinha acabado de entrar na casa.

Carlos colocou a faca na mochila, jogou-a nas costas e apagou a luz do escritório. Tomou Pedro nos braços e, de arma em punho, caminhou sorrateiramente através do corredor. Uma onda anestésica percorreu seu peito ao ver, pelo vão da escada, duas figuras entrarem de forma artilosa na sala principal. Ambas tinham a mesma altura mediana, mas enquanto uma era muito magra, a outra era corpulenta, de tórax largo. Sob a fraca luz oriunda da rua, a pessoa mais delgada fez sinal para a segunda vasculhar a cozinha. E após a sombra robusta desaparecer no térreo, produzindo sons estranhos de correntes balançando ao caminhar, a primeira começou a subir os degraus, indo de encontro ao morador escondido.

Carlos só teve algumas frações de segundo para decidir o que fazer. Com Pedro nos braços, o único caminho de fuga seguro era a escada. Seria impensável saltar por quaisquer das janelas do andar superior. *Droga! Devia ter ouvido os conselhos daquela enfermeira*, pensou. Quando o invasor atingiu metade dos vinte e dois degraus, viu que se tratava de um homem loiro, de cabelos curtos e pele clara. Aparentava menos de vinte e cinco anos, tinha uma espécie de brinco no nariz e vestia capa de chuva escura. Seus passos quase não faziam barulho. Aquele devia ser um dos lendários assassinos secretos da organização, tão letais e astutos que Carlos sequer acreditava na existência deles. Mas não esperou o sujeito se aproximar mais para averiguar. Como única alternativa, saiu do corredor e apontou o revólver, desferindo um *tiro* contra o estranho!

O estalo do disparo ecoou por toda a residência. Pedro começou a chorar por

causa do barulho. O inimigo, alvejado, soltou um grito agudo e recostou-se na parede, colocando a mão sobre o ombro direito. Carlos continuou com a arma apontada na direção dele, fitando o rosto esguio. E de repente, o invasor desapareceu no ar. O dono da casa mal teve tempo de entender o fato, quando um braço claro e magro o agarrou em volta do pescoço. Alguém o havia prendido e agora tentava sufocá-lo. Com o filho no colo, não dispunha das mãos para se soltar. No reflexo, usou o revólver para golpear a cabeça do adversário, bem na frente. Depois de três coronhadas seguidas, o inimigo o soltou e caiu no chão do corredor, desnortado. Era o mesmo sujeito que tinha baleado, o braço direito banhado em sangue por baixo da capa de chuva.

— *Igor?* — um grito grave veio do primeiro piso.

— *Aqui em cima!* — o rapaz loiro ainda consciente, mas caído, usava a mão esquerda para pressionar a testa. — *Ele me acertou...*

Carlos correu até as escadas, mas desceu apenas quatro degraus quando o outro invasor bloqueou sua fuga. Era um homem forte, também jovem, e de cabelo raspado. A pele era mais escura do que a do primeiro, quase negra, e sua camisa e calças eram simples e empoadas. Mas tinha algo estranho no pescoço, uma espécie de coleira reluzente, presa a correntes estendidas até duas pulseiras, uma em cada braço. Parado, o sujeito agarrou o corrimão metálico e Carlos, apoiado na escada com a mão do revólver, levou um tremendo choque.

Desnortado com a onda elétrica instantânea, deixou a arma de fogo cair no primeiro piso. Suas vistas escureceram, mas percebeu o atacante avançar pelos degraus. Sem pensar, saltou o corrimão e caiu de dois metros até o térreo, pousando no sofá de três lugares. No meio das escadas, o invasor fez menção de descer, mas ouviu os gemidos do companheiro baleado, agonizando no corredor do segundo nível. Subiu o restante dos degraus para ampará-lo.

Carlos então aproveitou a deixa. Apanhou a arma de fogo do chão e deixou a sala. Não havia tempo para pegar o carro. Correu até o portão dianteiro e, mesmo debaixo de chuva, abriu-o e saiu em direção à rua, com Pedro nos braços. Uma luz acendeu no vizinho à esquerda. Alguns dos moradores das casas em frente olhavam das janelas e varandas. Provavelmente haviam acordado com o barulho do tiro. Mas ele não se importou. Saltou por cima da enxurrada, descendo paralela à rua, e correu sob as luzes amareladas dos postes no quarteirão onde morava. E depois de virar a esquina, nunca mais foi visto por nenhum de seus vizinhos.

Nem ele, nem sua esposa e nem o jovem chamado *Pedro*.

P_{ARTE} **I**

Do **P**LANALTO ÀS **M**ONTANHAS

Capítulo 1

A Liberdade Verde

Quando acordou na madrugada de quinta-feira, dia doze de abril, Pedro sequer imaginava que aquele seria seu último dia de trabalho no supermercado. O rapaz tinha só dezessete anos, todos vividos em um bairro pobre na periferia de Taguatinga, cidade-satélite de Brasília, e já era repositor de mercadorias em um estabelecimento localizado na região central da Capital Federal. Era véspera do seu alistamento militar e ele precisou sair bem mais cedo que o de costume. Ainda estava escuro quando tomou o ônibus cerca de seis quarteirões de sua casa. Esperava ter a oportunidade de conversar com o chefe logo pela manhã, hora do dia em que o homem andava menos mal-humorado do que o habitual. Precisava pedir para faltar no dia seguinte, embora já tivesse avisado antes.

Seu local de trabalho se chamava *Supermercado Capital* e ficava quase na extremidade da Asa Norte. O bairro se unia à Asa Sul para formar o Plano Piloto, área mais nobre de Brasília, separada pelo imponente Eixo Rodoviário. Considerado um mercado de médio porte, bem menor do que as grandes redes, era um lugar que atendia centenas de pessoas diariamente e onde se podia comprar todo tipo de produtos. Mas, apesar do tamanho, pouca gente trabalhava lá.

Além de Pedro, só havia outro repositor, a quem todos chamavam de Marquinhos. Cinco mulheres controlavam as caixas registradoras e uma outra ficava no balcão da gerência. Dois açougueiros atendiam no frigorífico na lateral esquerda da loja e três padeiros comandavam a pequena confeitaria à direita. Por fim, havia ainda a senhora viúva e de mais idade, responsável pela limpeza de todo o lugar.

Por volta de cinco e meia da manhã estava tudo escuro e fechado no supermercado. Pedro então destrancou a porta de vidro, cruzou os caixas vazios e caminhou até a parte inferior da loja. Sempre gostava de passar a mão pelos *freezers* abertos a fim de sentir o frio que descia sobre os laticínios e, quando estava sozinho, aproveitava para pegar um iogurte daquela marca que ninguém comprava. *Ah, vão acabar perdendo mesmo...*

O local tinha uns sessenta metros de comprimento e de largura. Nos fundos, existia a escada elevada até o segundo andar, onde ficava o escritório do dono. A entrada fechada exibia uma placa com a palavra "Gerência" e a janela, voltada para o interior do mercado, dava uma visão de dentro da sala do chefe. Uma

escuridão tomava conta do recinto e Pedro teve de aceitar que ele ainda não tinha chegado.

Caminhou então até a porta de metal nos fundos do primeiro andar, que levava até a área mais interna do estabelecimento. Lá ficavam os vestiários masculino e feminino, e a pequena cozinha, tudo distribuído ao longo de um estreito corredor. Ao final desse existia um portão reforçado, dando acesso ao pátio de descarga de mercadorias nos fundos. Não havia ninguém no vestiário quando entrou. Então colocou o uniforme e ficou sentado, esperando o relógio de parede marcar seis horas.

Ansioso, Pedro refletiu sobre seu passado e projetou seu futuro. Devido aos problemas de saúde do pai, precisou arrumar trabalho antes mesmo de completar a maioridade. Seu emprego era chato e cansativo, e deixava pouco tempo e ânimo para os estudos. Matriculou-se na turma de terceiro ano noturno da Escola Padre Pereira, próxima à sua casa, mas o entusiasmo durou menos de um mês. E entre trabalhar para ajudar nas despesas e concluir o segundo grau, escolheu a contragosto a primeira opção. Agora, Pedro era apenas mais um tipo comum, magricelo, estatura média, olhos negros, pele clara maltratada pelo sol e cabelos pretos anelados até a altura dos ombros. E assim como muitos de seus amigos, ele estava condenado a uma vida sem muitas perspectivas. Mas havia um plano. Um plano perfeito, arquitetado há quase um ano. Era uma ideia bastante atraente e que chamava a atenção de vários brasileiros prestes a completarem a maioridade. *Seguir a carreira militar.*

Algo inusitado aconteceu em um belo dia, quando Pedro ainda estudava de manhã e assistia a uma aula chata de matemática. A diretora, uma senhora muito baixa e magra, com voz irritante e óculos mais grossos do que tijolos de vidro, bateu na porta e anunciou a chegada de dois homens estranhos. Eles eram jovens, altos e fortes. Usavam botinas de couro pretas, semelhantes às da polícia, mas seus uniformes tinham aparência bem diferente. Vestiam calças e camisas de mangas compridas, tudo camuflado em tons de verde-escuro. Ambos apresentavam cabelos curtos, quase raspados, cobertos por boinas na cor musgo. Um deles parecia adolescente, como os muitos sentados naquela sala de aula, e ao entrar permaneceu em pé de maneira firme, com as pernas levemente afastadas. Trazia nas mãos um maço de papéis e no rosto um amontoado de espinhas, e apresentou-se como *Soldado Santos*. O outro, pouco mais velho, tinha as mangas da camisa dobradas acima dos cotovelos e manteve os punhos juntos atrás das costas. Era o *Sargento Farias*, ou coisa assim. Pedro lembrava-se mais de seu sotaque carioca que de seu nome.

Esse último então começou a falar de maneira bastante eloquente, dissipando logo a tensão inicial provocada por sua chegada. Ele era habilidoso com as

palavras e fazia uso de piadas e gírias comuns entre os jovens. Mas apesar da descontração, o assunto era sério. Tratava-se de uma campanha de conscientização realizada pelas Forças Armadas nas escolas de todo o país. Falou primeiro sobre a importância que a Marinha, o Exército e a Aeronáutica tinham na manutenção da soberania do território nacional. Em seguida, enumerou diversas funções e responsabilidades desses órgãos, como a proteção das fronteiras, o combate ao tráfico de drogas e o apoio a comunidades de baixa renda.

Enquanto o sargento falava, o soldado distribuía papéis para os alunos. Ao receber o seu, Pedro viu que se tratava de um pequeno encarte contendo um breve resumo do discurso do homem. A página inicial era bastante chamativa, pois trazia a frase "a Amazônia é verde e amarela" estampada em letras garrafais sobre uma imagem da grande floresta. Já a contracapa continha um informativo com datas e passos para os jovens prestes há completarem dezoito anos e interessados em ingressar nas Forças Armadas. Na época, Pedro só tinha dezesseis e deu pouca atenção a esses detalhes.

Depois de alguns minutos, o sargento atingiu o ponto principal do discurso: a questão da Amazônia. Esse era tema de constante preocupação por parte do governo e da sociedade nos últimos anos. O homem começou falando sobre a ameaça da ambição internacional em relação à grande floresta. Listou acontecimentos do passado que denunciavam a presença estrangeira no lugar, como o achado de bases de guerrilheiros colombianos e a ação de ONGs ilegais explorando povos nativos inocentes. E por fim, enumerou diversos programas de preservação da fauna, da flora e das tribos indígenas da região, tudo apoiado pelos órgãos militares. Ele terminou a visita convocando os jovens a se alistarem em uma das três linhas das Forças Armadas, com ênfase particular para o Exército. Pediu ainda que pensassem na possibilidade de dedicarem suas vidas a defesa da Floresta Amazônica, a qual chamou de "um bem precioso de todos os brasileiros".

Depois daquele dia, Pedro guardou o folheto e, durante muito tempo, esqueceu-se completamente da visita surpresa. Quase um ano mais tarde, encontrou o papel e foi aí que a ideia de seguir a vida militar se tornou não só a chance de defender o país, mas também a oportunidade de se libertar de um futuro sem boas perspectivas. Desde então, o pensamento permaneceu em sua cabeça e ele começou a se preparar com o intuito de se tornar soldado do Exército.

Faltando cinco minutos para o início do expediente, ouviu passos no corredor e logo alguém entrou no vestiário.

— *Pedro?* — era Marquinhos, seu colega de trabalho repositor. — Chegou

cedo, irmão! Acho que é a primeira vez que você chega antes de mim...

Marquinhos era um homem já com trinta anos de idade, magro, mas bem forte. Era um exímio nadador, mas o que fazia seus braços serem bem definidos eram as caixas pesadas que carregava todos os dias. Pouco maior do que Pedro, tinha cabelo preto espetado, cortado mais curto nas laterais e sempre lambuzado com bastante gel. A orelha direita trazia um pequeno brinco de argola e o rosto era liso, sem barba.

— Cheguei cedo para tentar falar com o chefe. Preciso conversar com ele um assunto importante.

— *Xiii...* Algum problema? — o homem contorceu toda a face.

— Bom. Isso vai depender do humor dele hoje.

— Sei como é. Tem dias que a gente não pode nem olhar para ele — disse Marquinhos. Então se aproximou de Pedro e, esboçando um leve sorriso, sussurrou. — Depois falamos disso. Vamos almoçar juntos. Tenho uma grande novidade para te contar.

— Que novidade? — a curiosidade do jovem ficou atiçada pela expressão do colega, mistura de alegria e ironia.

— Agora não... Vem vindo alguém — e quando o homem concluiu a fala, Pedro ouviu novos passos no corredor.

Saíram do vestiário e deram de cara com os dois açougueiros chegando para trabalhar. Eles pareciam alegres e conversavam animadamente sobre futebol. Pelo contexto, o time de um deles havia perdido outra partida e continuava na lanterna do campeonato nacional. Todos se cumprimentaram e os homens entraram na sala para se trocarem também.

— É, meu irmão... Hoje vai ser um dia daqueles — Marquinhos alongou os braços e torceu as mãos. — Que bom que só falta um mês para as minhas férias.

— Você me ajuda a descer os sacos de arroz da prateleira agora cedo? — o jovem perguntou.

— Claro! Mas primeiro, tenho que ver uma coisa. Vai andando que já te encontro lá. — E assim, ele caminhou até a porta no final do corredor, destrancou-a e saiu para o pátio da loja.

Pedro achou aquilo bastante estranho. Não havia nada para se fazer lá fora àquela hora da manhã. Os caminhões de mercadorias só começavam a chegar depois das oito. *Ele está aprontando alguma. Será que tem a ver com essa tal novidade que tem para contar?* O jovem precisaria esperar até o almoço para descobrir e, sem perder tempo, se lançou ao trabalho.

Iniciava-se então outro dia. Faltando quinze minutos para as sete, todos os funcionários já estavam presentes a seus postos, exceto Dona Márcia, a senhora loira e gorda do primeiro caixa, próximo à entrada. Quinta-feira era o dia de

folga dela. O chefe também não havia chegado ainda e Pedro perdeu as esperanças de conversar com ele antes do final do expediente. Em poucos minutos, o supermercado já estava cheio de clientes. O jovem teve uma manhã bastante agitada, pois aquele era o dia da semana em que chegavam as remessas de frutas e verduras. Ele e Marquinhos passaram boa parte do tempo carregando caixotes dos fundos para o interior da loja. Lá fora, não havia nada de estranho. Depois disso, o homem ficou organizando a mercadoria na prateleira principal e ele reparou que o amigo ia frequentemente até a seção atrás do estabelecimento.

Pedro já estava cansado pelo resto do expediente quando, pouco antes do meio-dia, chegou um carregamento de galões de água mineral e de caixas de leite. Com muito esforço, ele e o colega concluíram o serviço e assim puderam compartilhar uma hora inteira de almoço. Normalmente eles faziam as refeições em um bar no mesmo quarteirão do supermercado. Com certeza, não era lugar visitado pelos agentes da Vigilância Sanitária, mas lá os pratos-feitos eram baratos e bem servidos. Naquele dia, porém, Marquinhos quis ir ao restaurante de comida a quilo, a três quadras dali. Pedro nunca tinha ido até lá, mas sabia que o local era bem mais caro se comparado aos outros refeitórios da região. Tentou desistir da ideia, mas o colega insistiu, prometendo pagar sua conta.

Quinta-feira era dia de feijoada no *Restaurante Beira-mar*. O nome era curioso, já que Brasília ficava a centenas e centenas de quilômetros do litoral. A primeira sensação de Pedro ao entrar no estabelecimento foi de estranheza. O lugar era do mais alto nível, cheio de paletós, gravatas e malas por todos os lados. Parecia até que estavam na Asa Sul, o bairro mais nobre de Brasília. Alguns fregueses lançavam olhares de esguelha para seus uniformes sujos de tomates, mas Marquinhos não pareceu perceber. Havia bastante espaço no salão principal e a decoração tinha certo caráter rústico. Quadros entalhados em alto-relevo adornavam as paredes, grande parte retratando motivos do mar como peixes, âncoras e navios. Os dois amigos foram logo se servindo da melhor feijoada da região e preferiram se sentar em uma mesa mais simples.

A curiosidade de Pedro era maior que a fome e, antes mesmo de experimentar a comida, quis saber. — E aí, qual é a novidade? O que você foi fazer nos fundos da loja hoje de manhã afinal?

Marquinhos estava com a boca cheia e demorou a responder. — Há... isso? — sorriu. — Não é nada. É bobagem.

— Então conte! — Pedro era curioso mesmo e não se preocupava em disfarçar.

— Cara, é muito bizarro... Se eu te contar agora, não vai acreditar. É melhor que veja com seus próprios olhos — Marquinhos levantou as sobrancelhas e levou mais comida à boca. — O problema é que ele não está lá o tempo todo.

Por isso preciso ficar de olho. Eu te chamo para ver quando ele aparecer. Mas a novidade não é essa.

— E então?

— Adivinhe com quem tenho um encontro?

— Não sei. Quem?

— Vou te dar uma pista — Marquinhos era a própria expressão da felicidade.

— Ela trabalha no supermercado.

— A Dona Maria?! — Pedro mal pôde conter o sorriso ao pensar na faxineira de quase sessenta anos.

— Que Dona Maria o quê. Estou falando sério.

— Qual é o problema com ela? Ela é viúva, não? É livre e desimpedida.

— É... Já faz uns trinta anos — Marquinhos entrou na brincadeira.

— Com quem você vai sair então?

— Com a Rose.

— A Rose? — o jovem ficou admirado. Sabia que o amigo tinha uma queda pela bela moça loira de olhos verdes que trabalhava em um dos caixas. Todos os dias, Marquinhos conversava com ela e, muitas vezes, Pedro precisava chamá-lo para descarregarem alguma mercadoria. — Ela não namora um policial?

— Não. É aí que está. Ela terminou com aquele cara. E ele não é policial. É só um escrivão de delegacia.

— E por que terminaram?

— Isso eu não sei. Mas agora ela é livre e desimpedida, e alguém terá de preencher o vazio no coração dela — a voz de Marquinhos misturava sarcasmo e autoconfiança.

— E o que vocês farão?

— Não pensei nisso ainda. Ela não pode sair à noite, porque cuida dos filhos da irmã que é enfermeira. Por isso, combinamos de ficar juntos amanhã o dia todo. Ela até já pediu à Fernanda para trocarmos o dia de folga, já que o descanso da Rose é só na segunda.

— Amanhã? — Pedro se alarmou. — Vai faltar amanhã?

— Claro. É o meu dia, não é? — sexta-feira era a folga de Marquinhos. Já o jovem faltava no domingo. Esses eram os dois dias de menor movimento de caminhões de descarga na loja.

— Mas amanhã é o dia do meu alistamento militar. Não lembra que te pedi para trocar comigo?

Instantaneamente a expressão no rosto do repositor se transformou de pura alegria em profunda preocupação. — É amanhã?

— É. Dia treze de abril. Esqueceu?

— Caramba — o homem levou a mão à testa. — É mesmo. *Que droga!*

Ele apenas abaixou a cabeça e fixou o olhar no prato de feijoada. Pedro ficou constrangido com a situação após perceber a decepção se abater sobre o colega. Enfim começou a comer e, até terminarem, nenhum deles disse uma só palavra. Por fim, Marquinhos quebrou o silêncio.

— Bom, talvez o chefe nos deixe faltar amanhã. Afinal, o supermercado não vai parar se sumirmos por um dia.

Pedro concordou, mesmo porque não sabia como confortar o amigo. Mas no fundo tinha a certeza de que o Seu João jamais daria folga aos dois simultaneamente, ainda que fosse na sexta-feira. Enfim, terminaram de comer e logo foram embora. Para o jovem, foi bastante constrangedor quando seu colega pagou a conta. Ele até ofereceu dinheiro, mas o amigo não quis aceitar. Marquinhos pareceu um pouco menos desanimado na caminhada de volta.

— E então, está pensando em virar homem de farda, hein?

— Sim — Pedro estava meio sem graça. — Acho que vai ser bom para mim.

— Sabe que vai ter de cortar o cabelo, não é? — o sujeito sorriu discretamente.

A ideia era o que mais incomodava o jovem. — Já refleti muito sobre isso. O sacrifício deve valer à pena.

— Vale sim. Principalmente quando não se tem muitas oportunidades na vida.

— Por que você diz isso?

— Bom... É que nunca pensei na possibilidade de seguir a carreira militar — Marquinhos desabafou. — Na verdade, durante minha adolescência, tive até aversão à ideia. Talvez isso seja culpa de um tio meu do Exército. Ele era muito rígido e detestava crianças. Meu pai, *que Deus o tenha*, até tentou me convencer a entrar para Aeronáutica. Uma das poucas coisas que lembro dele é que adorava aviões. Até meus doze anos, ele me levava a todas as exposições da Esquadilha da Fumaça. Eu também gostava daquilo tudo, mas com dezessete, era bem menos maduro do que sou hoje.

Pedro pensou que, mesmo aos trinta, a maturidade não era a maior qualidade de Marquinhos.

— Na verdade eu queria ser bombeiro, igual ao meu velho. Mas quando terminei o segundo grau, comecei a trabalhar e aqui estou até hoje. Talvez, se tivesse entrado para a Aeronáutica, estaria bem melhor de vida agora.

Pedro não disse nada. Sua mente divagou, tentando imaginar se, com trinta anos de idade, ainda seria repositor do mesmo estabelecimento, assim como o colega. O receio de não conseguir entrar para o Exército o assombrava às vezes. Foi Marquinhos quem lhe arrumou o emprego no Supermercado Capital, onde já trabalhava a sete anos.

— Mamãe ficou muito feliz ao saber que você quer ser militar — continuou o

sujeito. — Quando contei a ela, foi correndo perguntar ao seu pai se era verdade mesmo. Acho que ela tinha medo de que o querido *Pedrinho* dela acabasse igual a mim.

— Não diga isso. A Dona Marta tem muito orgulho de você.

— Pode ser — o homem fez uma pausa, a qual Pedro não interrompeu. — Seu pai é que não ficou nada contente com a sua decisão. Pelo menos, foi o que minha mãe me disse.

— É... O Chico tem andado meio estranho essa semana.

Chico era *Francisco Oliveira Sobrinho*, o velho com quem Pedro dividia o casebre no número 259 da Rua Presidente Antônio Carlos. Foi caminhoneiro de profissão, e por isso os vizinhos o conheciam mais como *Chico Estrada*. Trabalhou durante quase toda a vida rodando pelas malhas viárias do país até o ano passado, época em que ficou doente e incapaz de dirigir. Na verdade, ele não era pai biológico de Pedro. O jovem era apenas um bebê no dia em que seu pai verdadeiro o abandonou na porta do velho, e para ele, isso já era uma história antiga e sem graça.

— Ele também anda meio calado ultimamente... — continuou. — Acho que prefere que eu termine os estudos antes de fazer qualquer outra coisa. Ele dá muito valor a isso... Até hoje se recusa por não poder dirigir mais. Ele não queria de jeito nenhum me ver abandonar a escola.

— Ele está certo, meu irmão. Você não pode ficar assim. Ser repositores não é profissão para a vida toda.

E foi com uma mistura de sentimentos ruins apertando o peito que Pedro retornou ao trabalho. Ao chegar ao supermercado, viu o carro do chefe parado no estacionamento em frente ao estabelecimento. Era um jipe importado, todo cinza e com tração nas quatro rodas. Embora fosse o veículo perfeito para pessoas de espírito aventureiro, o jovem era capaz de jurar que aquele ali nunca havia passado por uma estrada de terra antes.

— Dona Odete — ele se aproximou do caixa da senhora negra, com óculos grandes e cabelo crespo bem curto. — O chefe está aí?

— Sim — cochichou ela. — Chegou num mau humor danado. Acabou de entrar gritando no celular. Pelo jeito, ele brigou de novo com aquela bruxa da ex-mulher.

Ótimo! Era tudo o que eu não queria. Conversar com o Seu João no dia em que o homem já acordou mal-humorado, o que de fato não era muito difícil de acontecer. Agora o melhor era esperar até o fim do expediente, pois a situação não poderia ficar pior. Pelo menos, era isso que Pedro achava...

A tarde se arrastou lentamente naquele dia e o jovem passou boa parte do tempo apenas repondo alguns produtos nas prateleiras. Quando se cansava, ia para os caixas ajudar a empacotar as compras dos fregueses. Marquinhos também usava a mesma estratégia, mas ficava sempre no balcão da Rose. Porém, depois do almoço, Pedro viu pouco o amigo, que permaneceu a maior parte do tempo organizando as geladeiras próximas ao fundo do supermercado. Assim, ele ia com frequência até o setor de descargas atrás da loja. O jovem ficou na esperança de receber o chamado para ver o que havia lá de tão misterioso, só que o convite nunca veio.

Às cinco horas em ponto, tomou coragem e decidiu ir conversar com o chefe. Com o peito queimando de ansiedade, caminhou até os fundos do supermercado e começou a subir a escada de metal até o platô no segundo andar, onde ficava a sala do velho. Viu as luzes acesas através da janela e, quando se aproximou da porta, ouviu gritos provenientes do recinto. Uma das vozes exaltadas era a de seu chefe, pois era alta e grossa. A outra era de uma mulher.

— Não tem a menor condição — gritou a voz feminina. — É muita coisa para uma pessoa sozinha.

— Pois eu digo que uma pessoa só é mais do que o suficiente para limpar esse lugar — o homem falou mais alto. — Mas claro, tem de ser alguém sem preguiça.

— Está me chamando de preguiçosa? Trabalho nesse supermercado há quase sete anos e nunca tive ajuda. O senhor sempre diz que vai contratar uma pessoa, mas até hoje nada — Pedro reconheceu a voz. Era Dona Maria, a mulher da limpeza. — Mas agora cansei de esperar. Ou o senhor arruma alguém para dividir o serviço ou, a partir de amanhã, não volto mais.

— Nesse caso, se vou mesmo ter de contratar uma faxineira nova, não preciso mais da senhora. *Está despedida!*

— Isso não fica assim — gritou a mulher.

Pedro então ouviu o som do arrastar de cadeiras e as pessoas começaram a caminhar em direção a saída da sala. Tentou retornar ao primeiro andar, mas foi pego de surpresa no meio das escadas. A porta se abriu e Dona Maria, a senhora já de idade, cabelos brancos, magra e baixa, saiu com a cara fechada e lágrimas nos olhos. Ela nem o olhou quando passou por ele.

— *Quem sabe alguém jovem não deixa esse lugar mais limpo!* — esbravejou o homem que apareceu na porta.

Tinha pouco mais de um metro e meio de altura, e não era muito gordo, embora apresentasse barriga protuberante e ombros largos. Trazia uma pequena quantidade de pelos pretos na nuca e nas laterais da cabeça. A barba rala

disfarçava o pescoço enrugado e, assim como o cabelo, possuía alguns fios brancos em destaque. A voz era forte e ameaçadora e os olhos castanhos, protegidos por um par de óculos arredondados, exalavam fúria. Quando a mulher sumiu de vista, ele percebeu a presença do jovem.

— O que você quer? Veio pedir demissão também?

— Não, senhor — a voz saiu fraca, quase inaudível. — Preciso conversar com o senhor.

O homem, por sua vez, apenas deixou a porta aberta e voltou para dentro da sala. Pedro interpretou o gesto como convite de boas-vindas. Somente uma vez tinha entrado naquele lugar. Foi no primeiro dia de trabalho. Ali, conheceu as regras do estabelecimento e ouviu os sermões que o Seu João aplicava a todos os funcionários recém-contratados do Supermercado Capital. A sala devia ter apenas uns dez metros quadrados. Era um escritório típico, com uma escrivaninha pequena onde se sentava o chefe e outras duas cadeiras para as visitas. O jovem escolheu o assento da esquerda. Durante um tempo, o homem se comportou como se estivesse sozinho. Permaneceu alguns segundos mexendo no computador sobre a mesa e, depois, pegou o celular e começou a falar. Parecia que ligava para algum departamento de recursos humanos a procura de uma nova faxineira.

Pedro ficou ali sentado e, enquanto esperava, olhou pela janela e viu quase todo o supermercado. Lá de cima, Seu João tinha uma visão privilegiada do estabelecimento. Era possível ver a entrada, os caixas e a maioria dos corredores. Voltando-se para o interior da sala, reparou na pequena prateleira instalada na parede, sobre a qual havia alguns cadernos e pilhas de papéis. Mas o que mais chamou sua atenção foram quatro fotos em porta-retratos, todas mostrando os mesmos rostos. Eram dois meninos, um aparentando ter dez anos e o outro oito, e ainda uma menina com menos de cinco.

— E então? — Seu João tinha encerrado a ligação e agora olhava friamente para ele.

— Bom, é... Não sei se o senhor se lembra, mas vou precisar faltar amanhã — Pedro estava tão tenso que quase não conseguiu falar.

— Faltar? Ah, impossível! — o homem disparou sem pensar, a barba salpicada de saliva. — Sabe o que estive fazendo hoje cedo, garoto? Negociando. Comprei mais de cem caixas de cerveja em lata de um novo fornecedor. A marca é pouco conhecida, mas o preço era excelente. É bom tomar café reforçado amanhã. Essa não vai ser uma daquelas sextas-feiras em que você fica só enrolando não. Vai ser um dia bem puxado.

Droga! Já começou mal. — Mas senhor, eu preciso faltar... É o dia do alistamento para o serviço militar obrigatório.

— O quê? Você ainda não tem dezoito anos?

— Vou fazer em outubro.

O homem encostou o cotovelo direito sobre a mesa e a mão apoiou o queixo barbudo. Ficou com a sobrancelha esquerda erguida enquanto encarava o funcionário. Pedro aguardou tenso por uma resposta. Depois de ponderar por alguns instantes, a expressão de raiva no rosto do chefe, predominante desde sua chegada, se desfez.

— É mesmo... Lembro de você ter comentado — disse o velho, um pouco mais relaxado agora. — Bom, neste caso, não tenho escolha. Pode faltar.

— Muito obrigado, senhor — ele estava aliviado.

— Bom — o homem recostou-se na cadeira e, apesar das pernas curtas, Pedro viu a ponta dos pés, apenas com meias, se espichando por baixo da mesa. — E então? Pretende seguir a carreira militar ou só quer brincar de soldado?

— Não, senhor. Esse é o meu grande sonho.

— E acha que será capaz de matar alguém, garoto? — o homem cerrou as sobrancelhas.

— Hã... — a pergunta pegou Pedro de surpresa. Ele nunca tinha pensado nisso antes. — Não sei... Mas aprecio a ideia de servir ao país. Não que eu não goste de trabalhar aqui, mas...

— *Ah! Qual é, garoto?* Não precisa mentir para mim. Ninguém gosta desse lugar. Nem mesmo eu! — Seu João esboçou um leve sorriso, algo inédito para Pedro. — Afinal, você não pretende ficar aqui o resto da vida que nem o Marcos, não é?

Ele não respondeu.

— Mas você faz bem em querer seguir a carreira militar, garoto — o homem continuou. — É uma boa escolha profissional. Ainda mais nesses dias tão incertos de hoje. Veja o meu filho mais velho, por exemplo, o Plínio — Seu João apontou na direção das fotos sobre a prateleira. Pedro deduziu que ele falava do maior entre os dois meninos.

— Ele queria trabalhar aqui comigo. Pensou até em fazer faculdade de Administração. Durante um tempo, ele até veio e tentou aprender o serviço. Mas aí eu disse: "Meu filho, isto não é lugar para você. Você merece coisa melhor do que viver em um ambiente como este". O comércio é muito estressante e digo por experiência própria que não vale a pena gastar a saúde mexendo com isso — ele retirou os óculos e passou a mão sobre os olhos. Parecia cansado.

— Felizmente no fim, ele me ouviu. Depois de um tempo, acabou seguindo a carreira do avô. O Plínio entrou para o Exército aos dezoito anos e hoje, com vinte e cinco, já é sargento na base de Belém do Pará.

— E ele gosta do que faz? — Pedro sentiu-se mais a vontade em esticar a

conversa com o chefe, algo que sempre procurava evitar.

— Sim, bastante. Ele tem muito orgulho de ser militar. E eu também. Principalmente porque ele trabalha em uma região crítica, próxima à Floresta Amazônica. Depois do que ocorreu no passado, todo o cuidado é pouco.

— O que aconteceu no passado?

— O quê? Você não sabe? — o homem fez cara de espanto. — Não... É claro que não. Você é jovem e isso já foi há muito tempo. As pessoas não gostam de comentar sobre essas coisas hoje em dia. É algo que preferem esquecer!

— O quê? — a curiosidade de Pedro aumentou.

— O escândalo da *Liberdade Verde* — disse o homem, com a voz baixa e lenta, como se não quisesse que ninguém mais o escutasse. Então, colocou de volta os óculos. — Foi um fato que causou bastante polêmica na época. Tudo aconteceu há dezoito anos, se não me engano. O Plínio tinha só cinco e minha ex-mulher ainda esperava a nossa filha caçula. A Liberdade Verde era uma ONG que atuava no meio da Floresta Amazônica, dando assistência médica a tribos indígenas. Naqueles dias existiam centenas de outras ONGs fazendo o mesmo, mas essa não era de verdade. — Seu João virou a cadeira para a janela. — Tratava-se de um grupo de agentes estrangeiros com a missão de recrutar índios para iniciar uma guerra contra o Governo Federal. Eles queriam unir todos os povos indígenas a fim de promover uma revolta separatista e assim, criar um território independente incorporando a nossa floresta. Tentaram descaradamente roubar a Amazônia de nós, brasileiros.

Pedro ficou surpreso. Nunca tinha ouvido nada a respeito.

— Felizmente na época havia pessoas investigando as atividades dessa ONG. E graças a denúncias do nosso atual vice-presidente, Afonso Manauára, as autoridades conseguiram impedir a conclusão do plano desses ladrões estrangeiros. Na ocasião, ele era senador e foi quem denunciou a ONG. Agentes federais invadiram a sede da organização no meio da floresta e prenderam centenas de pessoas. Mas o que provocou mesmo o escândalo foi o fato de que, entre os ativistas detidos, estava o filho mais velho do governador do Amazonas na época. O jovem era um dos diretores da ONG e a polícia federal o acusou de alta traição contra o país.

— Aqueles foram tempos terríveis, garoto — a expressão no rosto do chefe era de desagrado. — Na ocasião, várias pessoas acabaram presas, acusadas de fazerem parte da Liberdade Verde. Até mesmo alguns secretários e agentes de alto escalão do governo. Falava-se inclusive na existência de um grupo de políticos que tramavam contra o país e que se beneficiariam com a possível criação de um *Estado Novo* englobando a floresta. Só que a mídia encobriu o fato e as provas acabaram se perdendo com o tempo. No fim, muitos dos

acusados foram soltos e fugiram do Brasil, ou se reelegeram para seus antigos cargos. Coisas do nosso país...

— Que horrível! — comentou Pedro.

— Pois é... Mas acontece que a Polícia Federal abriu investigação e baniu diversas outras ONGs da Amazônia. Depois disso, Manauára elaborou projetos de lei coibindo a atividade dessas organizações na região e, desde então, foi reeleito senador duas vezes, até chegar à vice-presidência.

— Mas hoje em dia é difícil isso acontecer de novo, não é? — indagou Pedro.

— Quero dizer, com relação à floresta. Há muitos soldados das Forças Armadas lá, não?

— Sim, é o que dizem — o homem respirou fundo enquanto coçava a careca.

— Mas essa ONG, a Liberdade Verde, não foi completamente destruída. Muita gente diz que seus membros continuam por aí, espalhados pelo país, planejando golpes para alcançar seu objetivo inicial. Ainda no mês passado, meu filho saiu em missão secreta à procura de Emanuel Seixas, o líder da Liberdade Verde. Mas não conseguiram encontrá-lo. Anos atrás ele escapou de ser preso e, desde então, se tornou um dos homens mais procurados do país, acusado de tráfico de drogas, armas e animais silvestres. Dizem que ele continua por aí, recrutando seguidores para fortalecer sua organização secreta. E ontem mesmo, minha filha recebeu um *e-mail* contendo trechos de uma mensagem escrita por Emanuel Seixas, convocando as pessoas a lutarem pela libertação dos povos da Amazônia.

— Claro que oficialmente o governo nega que a Liberdade Verde esteja na ativa até hoje, mas os militares e até mesmo a Polícia Federal ainda procuram por seus membros. E é por isso que eu te digo, garoto. Devemos tomar cuidado, porque o perigo é real. E precisamos também de pessoas como você e o meu filho, para ajudar a proteger este país.

— Sim, senhor...

— Bom. Chega de conversa — o homem endireitou a cadeira. — Pode ir. Espero que consiga se tornar militar. Em qual órgão vai se alistar?

— No Exército mesmo.

— Então, boa sorte amanhã.

Pedro agradeceu e levantou-se para sair.

— Antes de ir, garoto... Queria lhe pedir dois favores.

— Claro. Pode falar, senhor.

— Você poderia jogar o lixo da cozinha fora? Geralmente a Dona Maria faz isso no final do expediente, mas agora estamos sem faxineira...

— Sim. Deixe comigo. E o outro favor?

— Sabe se o Marcos já foi embora?

— Creio que não. Somos vizinhos e ele sempre me espera para irmos juntos.

— Então, peça a ele para vir até aqui. Ele terá de vir amanhã.

— Mas senhor... É a folga dele — Pedro estava tão descontraído agora por causa da conversa bem sucedida com o chefe que se esqueceu de pensar antes de falar.

— *Sim!* — o homem ergueu as sobrancelhas e olhou para o jovem com expressão de reprovação. — Mas preciso de alguém aqui amanhã. E não pode ser você. Então, terá que ser ele!

— Sim senhor — achou por bem não argumentar mais. Não havia nada o que pudesse fazer. Caminhou em direção à porta.

— E sabe de uma coisa? É até melhor o Marcos vir no seu lugar, garoto. Ele é bem mais forte e resistente, e o trabalho será bastante pesado. Eu teria pena de você se estivesse aqui amanhã — e assim, o homem voltou-se na direção da tela do computador e não olhou para ele de novo.

Pedro fechou a porta e começou a descer as escadas. Coitado do Marquinhos! Além de perder a folga e a chance de ficar um dia inteiro com a garota de seus sonhos, ainda vai trabalhar sozinho carregando caixas de cerveja até não aguentar mais. Ele lamentava a má sorte do amigo, mas a verdade é que não tinha culpa nenhuma. Afinal de contas avisou todo mundo com antecedência de sua falta. Quando chegou ao vestiário, encontrou Marquinhos trocando de roupa. O expediente já havia acabado.

— O chefe quer te ver.

— Sim... — replicou o homem em tom de desabafo. — Já esperava por isso.

— Sinto muito, cara. Muito mesmo.

O repositor não respondeu até terminar de amarrar os cadarços dos tênis. Então se levantou e pôs a mão pesada sobre o ombro do amigo. — Tudo bem, irmão. Não esquentar. Se for para eu e a Rose ficarmos juntos, não é isso que vai atrapalhar — um leve sorriso emergiu em seus lábios e, antes de sair, voltou a encarar Pedro. — Está me devendo uma, hein?

— É. Estou...

E assim o jovem ficou sozinho no vestiário. Também trocou de roupa, tirou a mochila do armário, guardou o uniforme dentro dela e deixou-a sobre o banco, ao lado da bolsa de Marquinhos. Saiu então do recinto e foi até a cozinha. O lugar estava vazio. Tratava-se de um cômodo minúsculo, com uma mesa de madeira sem cadeiras, uma bancada de mármore com três assentos bem altos e sem encosto, uma geladeira azul velha e um fogão marrom. No canto, próximo à entrada, havia uma pia de alumínio, sob a qual estava a pequena lata de plástico cheia de lixo. Pedro retirou o saco preto, amarrou-o com um nó cego e levou-o para fora da cozinha. Depois, caminhou em direção à porta de metal no final do

corredor.

A parte de trás da loja era uma grande área cimentada com cerca de duzentos e cinquenta a trezentos metros quadrados. Era onde os caminhões de entrega estacionavam a fim de deixar os produtos encomendados para o supermercado. Mais ao fundo havia também os depósitos, pequenos galpões de estoque de mercadorias não perecíveis, e o frigorífico no qual estocavam as carnes. Próximo à lateral do estabelecimento, lugar onde os veículos manobravam, ficava um longo e alto portão de metal que dava para a rua. Ao lado, puseram uma grande caçamba de ferro amarela, na qual Pedro e Marquinhos atiravam os resíduos da loja. Encostada na parede ali perto havia uma vassoura de piaçava. Estava quente ali fora e ainda era possível sentir na pele o sol escaldante, atenuado por sua posição avançada no horizonte.

Ao se aproximar da enorme lixeira, o jovem começou a ouvir barulhos estranhos. Era como se alguém ou alguma coisa revirasse o lixo do supermercado. Seu primeiro pensamento foi que pudesse ser um gato. Era difícil que fosse um cachorro, pois a caçamba tinha mais de um metro e meio de altura. Aproximou-se devagar e, quando chegou muito perto, viu montes de sacos plásticos, caixas de papelão e outras coisas se movimentando de maneira aleatória. Algumas das frutas trazidas de manhã também estavam lá, jogadas. Havia cheiro de carne podre no ar. O que quer que fuçasse dentro da caçamba, estava completamente escondido no meio do lixo.

Revirando o passado

Sem fazer barulho, Pedro colocou o saco no chão. Apanhou a vassoura encostada na parede e, com a ponta do cabo, começou a cutucar o amontoado de lixo. De repente, algo esquisito emergiu do meio do entulho. Parecia uma cabeça pequena. Era bastante bizarra, coberta até o pescoço por uma pele cinza escura toda enrugada. Nas laterais destacava-se um par de olhos arredondados, de cor vermelha tão intensa que provocava medo. Completando a visão exótica, havia um bico escuro e comprido, mais claro e curvado na extremidade, mas ainda sim pontiagudo.

Quando o bicho percebeu a proximidade de Pedro, saltou de maneira brusca, desvencilhando-se do lixo, e emergiu completamente. Assim, o jovem viu o resto do corpo, todo coberto por penas negras, com cauda longa e grandes asas. Os pés eram escuros, tal qual o bico, e equipados com garras afiadíssimas. Sem dúvida era a ave mais estranha que já tinha visto. E mais agressiva também, porque ela abriu as asas em toda a sua envergadura e arrepiou as penas do corpo, colocando-se em posição de defesa. O cheiro era muito forte e desagradável.

O jovem fez um rápido movimento de mãos na tentativa de espantar a ave, mas o efeito foi exatamente o contrário. Com agilidade, ela avançou e deu uma bicada em sua mão direita. *Droga!* A dor foi intensa. Mas antes que recebesse outro ataque, ele se afastou. Desconfiado, o bicho subiu na lateral da lixeira e alçou voo, pousando em um grande ipê amarelo plantado a uma distância segura do supermercado. Pedro observou-o por alguns segundos, então pegou o saco de lixo do chão e o atirou dentro da caçamba. Nesse instante, percebeu o sangue nos dedos. Olhou as costas da mão direita e viu o corte no lugar onde fora mordido. Voltou ao vestiário e encontrou Marquinhos mais uma vez.

— Bom, já vou indo — disse o homem, colocando a mochila no ombro. — Não precisa me esperar hoje. Ainda tenho de contar à Rose que terei que trabalhar amanhã. Vou levá-la até em casa... *O que aconteceu?*

Pedro segurava a mão ferida e, quando entrou no vestiário, foi correndo até a pia. Lavou o machucado e só então percebeu o *estrango*. *Porcaria...* — Você não vai acreditar — o corte era profundo e o sangue não parava de escorrer. Pegou uma toalha de papel e fez pressão sobre o ferimento.

— O que foi?

— Tinha um bicho dentro da caçamba de lixo e ele me mordeu. Era um urubu ou coisa parecida.

A história era absurda demais e Pedro sabia disso. Tanto que, ao contá-la, olhou para Marquinhos esperando ver a reação de surpresa na face do colega. Mas quem se surpreendeu foi ele.

— Ah! Deve ter sido o Geraldinho — Marquinhos tinha ares de satisfação.

— Quem?

— *Geraldinho...* É o urubu que vem aqui todos os dias procurar comida na lixeira.

Pedro ficou indignado. — Você conhece aquele *bicho*?

— É claro. E a Rose também. Foi ela que deu esse nome para ele. Disse que cheirava igual ao ex-namorado dela. Ele apareceu a primeira vez na segunda-feira. Depois voltou na terça e ontem. Mas hoje ainda não tinha vindo.

— Então era isso? É por isso que você ia até lá fora toda hora? Jogou aquelas frutas lá para ele?

— Desculpe, irmão! Devia ter te contado. Ele é muito bravo. Mas como eu ia saber? Deixa ver a sua mão — Marquinhos se aproximou e examinou a ferida. — Velho, isso aí está horrível. Melhor procurar um médico.

— Não foi nada. Quando chegar em casa, passo um creme cicatrizante do Chico.

— Se quiser, vou com você.

— Já disse, estou bem — respondeu, sentindo um pouco de raiva agora. Foi até o armário e retirou um pedaço de pano branco e limpo onde enrolava a escova de dente. Usou-o para envolver a mão e amarrou as pontas sem ajuda do colega.

— Hum! Você é quem sabe...

Os dois repositores apanharam as mochilas e caminharam em direção à saída do supermercado. Marquinhos se despediu e foi conversar com Rose, que já se preparava para deixar o caixa. Pedro então saiu do estabelecimento, atravessou a rua e caminhou alguns metros até a parada de ônibus. O ponto estava cheio, pois ali passavam várias linhas diferentes com destino a quase todas as partes da Grande Brasília. Durante os dez minutos que ficou esperando, removeu a raiva por seu amigo até entrar no coletivo rumo à periferia. O veículo lotado era normal para o horário e ele teve dificuldades em encontrar um lugar onde pudesse ficar de pé com algum conforto. Colocou a mochila no chão e segurou firme na alça do banco com a mão esquerda. *A direita doía muito.*

A viagem até sua casa geralmente demorava quarenta minutos, pois o ônibus dava muitas voltas antes de deixar o Plano Piloto. O trânsito do fim de tarde era sempre complicado, especialmente na saída do Eixo Monumental, próxima à imensa Torre de Televisão de Brasília. O trajeto seguia pela Via Estrutural, rodovia radial que contorna parte do enorme Parque Nacional, até a cidade de

Taguatinga, afastada vinte e cinco quilômetros da Asa Norte. Quando desceu do ônibus, Pedro caminhou por seis quarteirões do bairro pobre, quase na divisa com Brasília, até a rua onde morava.

Sua casa era a típica moradia da periferia brasiliense, pequena, inacabada e mal assistida pelo poder público. Humilde e sem muito conforto, contava apenas com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, sem quintal. Na rua, o chão ainda era de calçamento e há anos os moradores esperavam o asfalto. A rede de tratamento de esgoto também não tinha chegado e o hospital mais próximo ficava em outro bairro distante. Pedro abriu o portão de grades enferrujado e caminhou até a entrada principal. No estreito espaço em frente à residência haviam pedaços quebrados de seu guarda-roupa que há dias ele relutava em jogar fora. *Preciso consertar isso*, ele pensava toda vez que entrava ou saía de casa. Destrancou a porta e entrou.

A sala pequena e um pouco escura tinha apenas um conjunto de sofás mofados de dois e três lugares e uma curta mesa de centro, mas agora havia um *cheiro diferente*. Um perfume de flores, suave e agradável, preenchia o ambiente. No estofado maior estava o seu pai, Chico Estrada. Mas o homem não era o único na casa. Sentada no outro sofá, de costas para a porta, repousava uma mulher desconhecida.

O velho logo se levantou e caminhou em direção ao rapaz. Era um senhor já de mais idade, na faixa dos sessenta anos. Magro e de aparência frágil, apresentava braços e ombros ainda bem definidos pelos tempos do volante e era quase da mesma altura do filho, mas parecia um pouco menor, porque andava curvado. A pele era morena e os cabelos, curtos e crespos, estavam bastante acinzentados e ficavam mais ralos em função da idade.

— Pedro. Temos visita — a voz era calma e vacilante.

A mulher se levantou e permaneceu imóvel, encarando o jovem. Chico então o abraçou, algo que raramente fazia. Depois colocou a mão trêmula sobre o seu ombro e o conduziu até a estranha.

— Essa é *Mayra*!

Mayra era linda. Esse foi o primeiro pensamento de Pedro. Em seu rosto esguio, de traços finos e delicados, era possível perceber os detalhes de alguns sinais impressos pelo tempo. Uma ruga aqui, outra mancha ali. Mas nada capaz de tirar a beleza da pele corada, de cor morena bastante natural. Seus longos cabelos negros eram tão lisos que nem pareciam reais. Entre eles, destacava-se uma única trança, muito fina, caída à frente do ombro direito.

— Olá, Pedro. Como tem passado? — sua voz era doce e firme, mas ao proferir tais palavras, não exteriorizou qualquer sentimento. Os olhos negros e profundos fitaram os dele por um breve instante.

Ela era mais alta do que a maioria das mulheres, e seu corpo era esbelto e formoso como o de uma adolescente. Trajava calças jeans, vestia blusa azul e calçava tênis claros. Não usava brincos ou anéis e nem carregava bolsa. Era o tipo de pessoa da qual seria difícil dizer a idade exata, mas se Pedro tivesse de arriscar, lhe daria algo entre trinta e quarenta anos.

Involuntariamente ele estendeu a mão direita, enrolada no pano branco. O sangue havia transpassado o tecido e agora se destacava como uma grande mancha rubra.

— Está ferido? — Mayra segurou-lhe o braço na altura do cotovelo. Percebeu que ela tinha as palmas das mãos frias e úmidas. Apesar da delicadeza dos traços e da aparente suavidade dos movimentos, o toque dela era firme.

— O que foi isso, Pedro? — Chico fez cara de preocupação.

— Não foi nada — mentiu. — Eu... me cortei com uma garrafa quebrada no lixo do supermercado — preferiu não contar a história do urubu diante de uma pessoa estranha.

— Tem certeza? — Mayra insistiu. — Parece um corte profundo.

Ele repetiu que estava bem e, sem querer soar rude, desvencilhou-se da mulher e meteu a mão ferida no bolso. Foi duro disfarçar a dor.

— Pedro — disse Chico, após um instante de silêncio. — Essa moça veio aqui para conversar com você...

— O rapaz está cansado, Senhor Francisco! — ela interrompeu. — Por que não deixamos ele tomar banho e comer algo primeiro?

Novamente a curiosidade do jovem voltara a ficar atizada. — O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Ainda não — respondeu Mayra.

— Como assim "ainda não"? O que houve?

— Está tudo bem. Vá tomar um banho. Na volta, falaremos.

Pedro relutou em deixar a sala, mas após a insistência de seu pai, se retirou. Os dois nunca haviam recebido visitas antes. *Quem é aquela estranha mulher? O que ela tem de tão importante para conversar comigo?* Sem alternativa, o jovem foi até o quarto, jogou a mochila no chão e separou roupa limpa. O cômodo era bem apertado, mal cabendo a cama, o criado-mudo e o armário quebrado de duas portas. Tais móveis compunham o dormitório desde que ele se entendia por gente. Ao chegar ao banheiro, o menor aposento da casa, retirou o pano enrolado da mão. A dor tinha diminuído bastante, mas o lugar havia ficado mais vermelho e inchado, e ele apenas lavou o ferimento com água e sabão. Tomou então um banho rápido, vestiu roupa e prendeu os cabelos com um elástico preto.

Em poucos minutos estava de volta à sala, pronto para saber o motivo de tão

estranha visita. Juntou-se ao pai no sofá de três lugares, enquanto Mayra permaneceu sentada no outro.

— Bem, Pedro... — disse ela. — Não temos muito tempo, por isso vou direto ao assunto. Seu pai me contou que, amanhã, você irá se alistar no Exército.

— Sim, vou.

— Acredito que essa seja a sua vontade, e não dele. Estou certa?

— Sim. Esse é o meu sonho — disparou sem muita convicção.

A mulher fez outra pausa. Parecia calcular cada palavra. Seus belos olhos negros mantinham-se firmes sobre o jovem, mas era um olhar profundo e vazio. Enfim, quebrou o silêncio.

— Você deve estar se perguntando afinal quem sou eu e o que vim fazer aqui.

Ele não respondeu. Apenas acenou positivamente com a cabeça.

— Bem. Antes de ir embora, darei respostas a essas duas perguntas. Mas primeiro, há muitas coisas que você precisa saber. E a principal delas é que não deve ir se alistar amanhã.

— *Por que não?* — Pedro rebateu.

— Existem motivos fortes para isso. Mas antes de explicá-los, há uma história que você precisa conhecer. Uma história muito antiga, quase esquecida. Mas importante, não apenas para esclarecer o seu passado, mas também para direcionar o seu futuro.

— Agora está me matando de curiosidade — o jovem sorriu sem graça.

— Já vai entender — disse a mulher. — Mas talvez eu não seja a melhor pessoa para começar a explicar.

Mayra e Pedro olharam na direção de Chico Estrada. O homem havia ficado quieto desde que o filho voltara à sala. Inicialmente ele demonstrou surpresa após a estranha lhe passar a palavra de maneira tão súbita. Ficou mudo e passou a carregar uma expressão de pesar. Por fim, curvando-se, fechou os olhos e tapou o rosto com as mãos. Os cotovelos se apoiaram sobre os joelhos.

— Eu... eu não sei se posso fazer isso.

— Fazer o quê? — perguntou o jovem.

— É preciso, Senhor Francisco. É para o bem dele.

O homem permaneceu concentrado e levou algum tempo até voltar a si. Apesar de ter relaxado as feições, seus olhos castanho-escuros continuaram cerrados.

— Está bem... — o velho olhou para o filho. — Pedro... Sempre tentei ser o mais honesto possível com você. Nunca escondi que não era o seu pai... Mas a realidade é que não tenho sido muito justo.

— Do que está falando, Chico?

— Todo o seu passado é uma grande mentira. Mentira que contei apenas para

te proteger, Pedro — ele suspirou. — Agora vou lhe contar a verdade. A verdade sobre como te encontrei. Meu Deus, nunca pensei que contaria isso a ninguém. Eu imploro, ouça tudo com atenção antes de me julgar. Desde já, peço perdão...

— Está me assustando, Chico.

O velho respirou lenta e profundamente. Lágrimas começaram a minar de seus olhos. Continuou.

— Bem... Como você sabe, eu já fui casado, Pedro. Tinha uma esposa maravilhosa. O nome dela era Rita. Ela era de um pequeno povoado no interior da Bahia. Conheci ela em uma das muitas viagens de caminhão que fiz até o Nordeste. Na época eu tinha meus trinta anos e dirigia para uma empresa de transportes.

O jovem ficou *perplexo*. Nunca ouviu Chico falar sobre sua vida pregressa assim tão abertamente. Ele sabia que o pai adotivo havia se casado há muito tempo, mas apenas conhecia o nome da mulher e mais nada. O velho não gostava de tocar no assunto. Pedro achava que o motivo disso era alguma tragédia ocorrida anos atrás.

— O dinheiro era pouco, mas suficiente para duas pessoas de vida simples como nós. De início, fomos morar lá em Brasília, em uma casinha bem próxima do centro. Éramos muito felizes, mas por causa do meu trabalho, às vezes, ficávamos dias ou mesmo semanas sem nos ver. De vez em quando eu a levava em uma ou outra viagem, sempre que a distância não era grande demais.

— E com o tempo, nossa felicidade ficou completa. A Rita estava grávida do nosso primeiro filho... — Essas últimas palavras saíram meio engasgadas e Chico fez uma pausa. Esfregou os olhos avermelhados, tomou fôlego e continuou. — A chegada daquele menino me encheu de alegria, mas também pôs uma grande responsabilidade nas minhas costas. O dinheiro que ganhava era pouco para sustentar três bocas. Foi então que pensei que um caminhão próprio seria a solução de todos os nossos problemas. Peguei algumas economias e tomei empréstimos em um banco. Por fim, consegui realizar o meu antigo sonho.

— Tudo estava perfeito, até o sétimo mês de gestação da Rita. Por causa das dívidas, comecei a trabalhar mais do que antes. Ficava cada vez menos tempo em casa. Minha mulher não podia me acompanhar mais por causa da gravidez. Com o passar dos dias, ela começou a ter alguns problemas. Infelizmente ela escondia isso de mim, talvez com medo de que eu deixasse de viajar e o dinheiro acabasse faltando. Então, um dia, quando me dei conta, ela estava internada em um hospital. Só descobri que tinha perdido nosso filho dois dias depois, assim que cheguei de viagem. Ela teve uma hemorragia... — e a partir daí, Chico não conseguiu mais conter as lágrimas. Sua voz ficou sufocada na garganta e suas mãos se perderam sobre o rosto.

Pedro também não se conteve e seus olhos ficaram úmidos e ardentes. Mayra, porém, manteve-se firme.

— Está tudo bem, Senhor Francisco... Continue.

— Depois de uns dias, ela morreu — o velho se recompôs. — E, de repente, eu estava sozinho, sem esposa, sem filho e ainda com a dívida de um caminhão que eu não queria mais. Durante semanas, fiquei sem sair de casa. Demorei meses para voltar a trabalhar. Foi só quando os credores tentaram tomar o caminhão, por causa das prestações atrasadas, que voltei a dirigir. Então, vendi o barraco onde morávamos no centro e comprei este aqui. Com o resto do dinheiro, quitei todas as dívidas.

— Passei os cinco anos seguintes praticamente na estrada. Às vezes, saía com uma carga de soja até o Sul do país e, de lá, fazia outro frete para o Sudeste, e para o Nordeste logo em seguida. Ficava semanas fora de casa. Lembro que cheguei a passar quase seis meses sem ver meus vizinhos. Era mais fácil superar a dor longe daqui. Mas um dia, algo inesperado aconteceu. Depois de dois meses na estrada, decidi voltar para cá. Havia acabado de retornar de uma viagem que fiz da capital de São Paulo até Palmas no Tocantins, onde fui levar algumas sacas de café. A jornada foi longa e meus olhos ardiam após muitas horas dirigindo à noite. Mas eu já estava dentro do estado de Goiás, a menos de duzentos quilômetros daqui, e tinha resolvido parar só quando chegasse em casa. Já começava a amanhecer e eu acelerava para poder chegar mais rápido. Aí, avistei algo estranho às margens da estrada. Parecia uma pessoa *caída*.

— Primeiro, achei que meus olhos estavam me pregando uma peça. Mas, olhando pelo retrovisor, percebi que não tinha me enganado. Havia alguém tombado na beira da rodovia. Encostei o caminhão e esperei, antes de sair, porque pensei que pudesse ser uma tentativa de assalto. Então desci e comecei a caminhar na direção da pessoa. Foi aí que um som estranho chamou minha atenção. Parecia o choro bem fraco de uma criança recém-nascida. Apertei o passo e, quando cheguei perto, vi um homem ainda vivo. Ele estava deitado no chão, meio de lado. Vestia roupa toda suja e rasgada, e tinha também uma mochila preta e imunda nas costas. Havia uma marca estranha em seu ombro direito, uma tatuagem, eu acho. E segurava um pequeno volume nos braços, enrolado em uma manta azul-clara. Era uma criança de poucos meses de vida.

— Perguntei se estava bem. Só depois que falei, ele percebeu a minha presença. E quando abriu os olhos, levantou a cabeça e me olhou, vi que estava ferido. *Muito ferido!* Tinha bastante sangue no rosto, no pescoço e no peito. Ele me pediu ajuda, com uma voz tão baixa que mal dava para entender. A respiração dele estava fraca. Assustado, pedi que esperasse um pouco e então corri até o caminhão. Na época eu andava com uma caixa de primeiros socorros

debaixo do banco. Quando voltei trazendo a maleta, o homem havia se sentado e, com uma das mãos, segurava a criança, enquanto se apoiava sobre o outro braço. Ele me perguntou se tinha Morfina ou algum outro remédio para a dor.

— Respondi que não. Então, vi ferimentos na garganta dele. Eram cinco ou seis perfurações através das quais havia jorrado uma quantidade impressionante de sangue. Com o que tinha ali em mãos, não dava para fazer nada por ele. Apenas peguei um rolo de ataduras e enrolei ao redor de seu pescoço.

— Falei que ele estava muito ferido e que precisava de cuidados médicos, mas ele não se importou. Perguntei então se ele podia se levantar. Apoiando-se em meus ombros, ele ficou de pé. A pele estava fria e o rosto pálido. Teria sido bem mais fácil se tivesse me entregado a criança, mas ele não queria soltá-la de jeito nenhum. Apanhei a mochila e a minha maleta, e comecei a conduzi-lo até o caminhão.

— Quando nos aproximamos, o homem parou e se apoiou na roda de trás. Obriguei ele a continuar e, ao chegarmos à porta do passageiro, teve muita dificuldade em subir. Acho que sua perna direita também estava machucada. Ele me passou o bebê, meio a contragosto, e só assim consegui sentar no banco. Enquanto ele subia, desenrolei a criança para ver se ela tinha algum ferimento. Era um menino. Parecia tudo bem com ele, então o devolvi ao estranho. Quando entrei no caminhão, vi que a face do sujeito estava contorcida. Ele sentia muita dor.

— Lembrei que, na época, havia um hospital na cidade mais próxima, cerca de vinte quilômetros a frente de onde estávamos. Falei isso com ele, mas para minha surpresa, o homem fez um movimento brusco com a cabeça e me olhou assustado. *Gritou* comigo, dizendo que não queria ir a nenhum hospital. Tentei convencê-lo da gravidade da situação, pois ele continuava a perder sangue. Então ele disse que só precisava ir até uma farmácia. Eu concordei. Achei melhor não confrontá-lo naquele momento. Resolvi levá-lo à cidade de qualquer forma. Liguei o caminhão e sai acelerado.

— O homem então se virou para frente e, com os olhos fechados, recostou a cabeça sobre o banco. Durante alguns minutos, dirigi sem perceber nenhuma reação dele. O silêncio começou a me incomodar e decidi que devia manter o sujeito acordado a todo custo. Perguntei o que havia acontecido. A resposta foi *surpreendente*.

— Disse que havia sido atacado. Indaguei quem tinha feito isso e ele respondeu que foi *uma onça*. Primeiro achei a história muito estranha. Pensei que ele começava a delirar. Mas, ao me lembrar das perfurações no pescoço, percebi que podia ser verdade. O homem ficou calado de novo. Então perguntei se o menino era filho dele. Depois de alguns segundos, confessou que sim.

Questionei qual era o nome do garoto. Respondeu que era *Pedro*, mas ao perguntar pelo nome dele, não tive resposta.

— Segui dirigindo e logo avistei a placa indicando a entrada da cidade de Barro Alto, quatorze quilômetros à frente. Para manter o estranho acordado, voltei à história do hospital. Mas quando disse que em poucos minutos chegaríamos lá, ele voltou a falar de maneira rude que não queria ver nenhum médico. Ao perguntar o motivo, ele me respondeu que era um fugitivo.

— Fiquei mais assustado. Perguntei se fugia da polícia. Ele afirmou que não e percebi que sua voz começava a ficar fraca. Depois completou, dizendo que fugia do governo. Disse que alguém o perseguia, que tentavam matá-lo e pegar o menino. E, a partir daí, o homem começou a delirar e, no meio dos murmúrios, consegui identificar apenas algumas poucas palavras. Lembro dele ter dito, mais para si mesmo do que para mim, que precisava chegar a Brasília. Queria evitar que algo terrível acontecesse. Isso, ele repetiu várias vezes. De vez em quando, chamava por uma mulher de nome Sarah e dizia a ela que não entregaria o filho. Logo em seguida, falava que merecia a morte, por causa de coisas erradas que tinha feito.

— E de repente, o homem ficou quieto e a criança começou a escorregar de seus braços. Segurei ela com a mão direita e, com a esquerda, encostei o caminhão, temendo pelo pior. Tomei o menino do estranho sem qualquer resistência. Não houve tempo suficiente de chegar à cidade... — novamente Chico não conseguiu conter a emoção.

Já Pedro não sabia o que dizer. Quando olhou para Mayra, percebeu o detalhe de uma lágrima escorrendo através da expressão rígida e comedida da mulher. Ela, por sua vez, ao ver que era observada, levantou-se e andou em direção à janela, dando as costas para a sala.

— Na hora, lembro que fiquei desesperado — continuou Chico. — Havia um homem morto no meu caminhão, que podia ser até um foragido da justiça. E havia ainda um menino recém-nascido que eu não sabia se era mesmo filho dele. Não tive reação. Não adiantava mais levá-los até a cidade e tive medo de que, a qualquer momento, alguém passasse na estrada e me visse naquela situação. Por outro lado, se abandonasse o sujeito ali, jamais poderia deixar a criança largada à própria sorte. Então, tomei a decisão mais importante da minha vida.

— Desci do caminhão, puxei o homem para fora e coloquei o corpo no meio do mato, na beira da estrada. Aí, percebi a arma na cintura dele e fiquei mais assustado. Voltei correndo, liguei o motor e fui embora, levando a criança. Dirigi sem parar até em casa. A primeira coisa que pensei ao chegar a Brasília foi levar o menino para um orfanato ou deixá-lo com alguém que quisesse cuidar dele. Mas, a princípio, tive medo de que isso pudesse me comprometer quando

encontrassem o corpo. Resolvi ficar com o garoto por um tempo, antes de entregá-lo. contei a algumas pessoas que abandonaram um menino em minha porta. A prima de um amigo, que trabalhava no Centro de Adoção, me ajudou a registrá-lo como meu filho. Mantive o nome original da criança e dei a ela meu sobrenome. *Pedro Oliveira* — Chico olhava para o jovem com os olhos vermelhos.

Pedro permaneceu calado, tentando assimilar a triste narrativa. Durante toda a vida, pensou que seus pais verdadeiros o tinham abandonado, pois isso era o que o velho sempre contava. Com o passar do tempo, o rapaz perdeu o interesse no assunto e a tristeza causada pelo sentimento de rejeição se esvaneceu ao longo dos anos.

— Meu pai está morto? Ele não me abandonou?

— Não... — disse Chico. — Ele o segurou até o último momento. Sinto muito, Pedro. Lamento se o fiz pensar que seus pais o largaram aqui na porta. Mas não me restou alternativa. Alguns podem achar que essa história acabou mal, mas minha vida mudou desde o dia que te encontrei. Sei que foi egoísmo, mas você foi uma benção para mim, filho. Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar seu pai, a não ser cuidar de você.

— Algo que fez muito bem, Senhor Francisco — Mayra voltara a olhar para o jovem. — Seu pai teria orgulho ao ver o homem em que se tornou, Pedro.

— Você o conheceu?

A mulher não respondeu imediatamente. Os olhos dela se perderam mais uma vez através da janela e o rapaz ficou admirando a beleza de seus traços por alguns instantes.

— Sim, conheci... Encontrei com ele algumas vezes, muitos anos atrás. Creio que apenas em duas oportunidades nós nos falamos.

— E como ele se chamava?

— Carlos Abreu — a resposta veio de Chico.

— E a minha mãe? — o jovem não conteve a pergunta.

— Eu a vi somente uma vez. O nome era *Sarah Nunes Abreu*. Como o seu, Pedro Nunes Abreu.

— Ela também está morta? — ele temeu pela resposta.

— Não sei dizer...

Pedro permaneceu em silêncio. Chico havia se tranquilizado e agora o encarava. Mayra ficou apenas observando a rua.

— Quem eram meus pais afinal? O que aconteceu?

A mulher respirou fundo e relaxou os ombros. Virou-se novamente para o jovem, mas dessa vez sem encará-lo.

— Há poucas coisas que sei dizer sobre eles, porque como falei, os conhecia

pouco. Mas há algo que posso afirmar com certeza. Seu pai foi *assassinado*.

— *Já chega!* — Chico falou com rudeza. — Você prometeu contar apenas o necessário.

— Isso é necessário, Senhor Francisco. Ele tem o direito de saber a verdade — Mayra estava calma, e não esboçou qualquer surpresa com a reação do velho. — Pedro precisa entender o perigo que corre.

— Sim, mas não acha que é muita coisa para se contar assim de uma vez? Precisamos dar tempo a ele.

— Cada segundo agora é precioso.

— Tudo bem, Chico — o jovem tentou acalmar o pai, mas por dentro estava preocupado. — Eu aguento ouvir toda a verdade. Por favor, me digam... Por que estou em perigo?

— Tudo o que posso dizer — prosseguiu Mayra — é que seus pais moravam em Manaus. Seu pai era um agente a serviço do governo. Ele trabalhava em alguns projetos sigilosos ligados à Floresta Amazônica. Na época, havia pessoas muito perigosas se utilizando da proteção política que tinham para explorar secretamente os recursos naturais da mata. Tratava-se de um grupo misterioso entranhado nos Poderes Executivo e Legislativo. Era chamada de a *Sociedade do Fogo-Fátuo*. Mas poucos conheciam esse nome. Nem mesmo o próprio presidente da república sabia de sua existência, tão obscuras eram suas atividades. E seu pai era um dos membros mais antigos.

— Então, ele era um criminoso?

— Não! Longe disso... Era um agente duplo. Estava infiltrado no bando com o intuito de passar informações secretas de seus componentes a pessoas que investigavam as ações ilícitas cometidas por eles. Creio que seu pai acabou descobrindo coisas terríveis, enquanto agia como informante. Mas infelizmente ele foi desmascarado e pagou caro por isso. Um dia, saiu uma notícia no jornal da cidade declarando que o seu pai havia matado a sua mãe em casa e fugido com o filho recém-nascido. Mas nunca encontraram o corpo de Sarah Nunes na residência ou em qualquer outro lugar. É provável que tenham sequestrado a sua mãe, tão logo descobriram que Carlos era um traidor. Ninguém jamais ouviu falar dela depois disso. E nem do seu pai. Imagino que a história que o Senhor Francisco nos contou aconteceu pouco tempo após ele ter fugido de Manaus.

Pedro ficou calado durante alguns instantes. Mayra fez o mesmo e, ao se voltar para a janela outra vez, parecia procurar por algo na paisagem cinzenta, cheia de casas humildes e pequenos prédios comerciais. A noite já havia caído sobre a cidade e parte da rua logo em frente à casa de Chico estava às escuras. Há semanas, as luzes dos postes haviam se queimado.

— Ainda não entendi o que isso tudo tem a ver com eu querer me alistar no

Exército. Por que não devo ir amanhã?

— Quando seu pai fugiu, ele levou algumas coisas consigo. Entre elas, estavam documentos secretos roubados, comprometendo pessoas influentes, membros da Fogo-Fátuo. Mas o mais importante de tudo o que ele carregou foi uma criança. Um pobre e inocente menino. Pedro, Carlos o tirou de Manaus não só para protegê-lo, mas também porque sabia que você tinha se tornado valioso para as pessoas a quem ele traiu.

— Valioso, eu? De que jeito? — ele começava a ficar impaciente diante das respostas evasivas da mulher.

Mayra fez uma pausa enquanto voltava-se em direção à sala e caminhava lentamente até sentar-se no sofá. Pareceu uma eternidade até que ela voltasse a se pronunciar. — Isso infelizmente não posso responder. Não no momento. Existem muitas coisas que ainda não sei.

Pedro ficou em silêncio. Sua cabeça dava voltas e mais voltas enquanto pensava em tudo o que acabara de ouvir. Dezenas de perguntas apareciam ao mesmo tempo em sua mente e ele não sabia qual fazer primeiro.

— E como você tem tanta certeza de que sou mesmo o filho desse homem?

— Conversando com Senhor Francisco, cheguei à conclusão de que o estranho que ele encontrou era mesmo o seu pai. Mas, para ser bem sincera, não estava cem por cento segura até vê-lo entrar por aquela porta.

— Mostrei a ela os documentos dele — disse Chico. — Ele tinha umas quatro identidades diferentes. A mochila ficou embaixo do banco do caminhão e eu a guardei.

Pedro voltara a ficar sem palavras. Mayra parecia lhe dar tempo para pensar. Já Chico, visivelmente inquieto, levantou-se do sofá e foi até a cozinha, dizendo que iria preparar um café.

— Quem é você? — o jovem indagou, na esperança de que a mulher fosse menos evasiva agora que o velho tinha saído da sala.

— Seu pai não estava sozinho, Pedro. Anos atrás, havia muitas pessoas que sabiam da existência dos projetos inescrupulosos desse grupo secreto dentro do governo. Elas se opunham a tudo isso e lutavam para acabar com a Fogo-Fátuo. Mas a tarefa se tornava cada vez mais difícil com o passar do tempo. A influência dessa sociedade tomou proporções incontroláveis. A maioria de seus opositores acabou presa e subjugada, e assim como seu pai, vários pagaram com a própria vida.

— Entretanto, alguns conseguiram escapar das perseguições e permanecem até hoje na luta contra o mal causado por esse grupo. Eu sou uma dessas pessoas. Atualmente faço parte de uma Organização Não Governamental secreta que apoia filhos de perseguidos políticos e vítimas da Fogo-Fátuo. Jovens como

você. Nós vivemos escondidos, espalhados pelo país e em alerta. Damos apoio financeiro e social a todos os que já sofreram com esse mal. E vim até aqui para ajudá-lo, Pedro — Mayra moveu-se no sofá, sentando mais próximo do jovem. — Como nós, você também corre grande perigo. Depois da fuga do seu pai, o governo destacou dezenas de agentes para procurar por vocês dois. É possível que alguns deles tenham chegado bem perto de encontrá-los.

— Só que quando acharam o corpo de Carlos sem o filho, as pistas se perderam. Mas nem por isso, eles desistiram de continuar as buscas, mesmo depois de tanto tempo. E é por essa razão que insisto para que não vá se alistar amanhã. As pessoas que o procuram sabem que você irá completar a maioridade este ano. Descobrimos que o governo realizará exames de DNA em todos os jovens que se recrutarem no país agora, com o objetivo de encontrar o filho de Carlos Abreu.

— Por causa disso, comecei a ficar preocupada se o acharia antes de se alistar. O tempo estava contra mim e, por isso, intensifiquei as buscas nos últimos meses. Confesso que cheguei à Brasília sem muitas expectativas. E quando finalmente o achei, cinco dias atrás, não havia tempo. Ainda assim, pensei que seria mais conveniente conversar com o Senhor Francisco antes de encontrá-lo. Desde o início da semana, tenho vindo até aqui. Temendo que minha presença na cidade pudesse ter atraído a atenção de inimigos, coloquei um vigia no seu encalço. Por acaso, percebeu que alguém estava te seguindo durante esses últimos dias, Pedro?

O jovem puxou pela memória. — Não.

— Já imaginava. Todo cuidado é pouco. Você está em perigo e eu não podia correr o risco.

— E o que sugere que eu faça? Não apareça para me alistar? Não sabe que o alistamento é obrigatório?

— Não se preocupe com isso agora. Esse problema pode ser resolvido depois — Mayra se calou com o retorno de Chico.

O velho trazia um bule e duas xícaras de plástico, tudo em cima de uma pequena bandeja de metal. Ele tinha uma leve expressão de dor no rosto e, após colocar a travessa sobre a mesinha de centro, apertou o ombro esquerdo com a mão. Mayra se serviu antes dele, mas Pedro não quis. Ele não gostava de café. Preferiu concentrar-se nas costas da mão ferida. O lugar ainda doía um pouco e o fazia pensar na história de seu pai verdadeiro, e sobre como ele morreu após sofrer o ataque de um animal selvagem.

— Conforme já disse ao Senhor Francisco, — Mayra quebrou o silêncio — é muito perigoso você permanecer morando aqui, tão próximo à Brasília.

— Deixar Taguatinga? — Pedro não podia conceber a ideia.

— Se eu o encontrrei, tenho certeza de que, cedo ou tarde, os agentes do governo também o farão. Sobretudo depois que não acharem o jovem que procuram, por meio dos exames de DNA, certamente irão atrás dos desertores do alistamento.

— Mas eu e Chico não temos para onde ir.

— Essa é outra dificuldade que podemos resolver — Mayra estava séria. — Assim como você, há outros jovens que também ajudamos a esconder.

— Está propondo que eu...

— *Venha comigo!* — interrompeu a mulher. — Saia deste lugar enquanto pode.

— Não! — Pedro se levantou do sofá com um grito. — Eu não posso simplesmente sair daqui. Fugir sem mais nem menos. Além disso, nem te conheço. Como vou saber que você não é um desses... desses... *agentes do governo*? Como vou saber que toda essa história maluca é verdadeira?

Mayra manteve a tranquilidade, como se já esperasse pela reação.

— Entendo que é difícil. Mas não estou pedindo que faça as malas agora. *Não!* Hoje, vim apenas para colocá-lo a par de sua grave situação. E também para lhe dar uma opção. Infelizmente não tenho como provar tudo o que disse, por isso, só posso esperar que confie em mim. Venha comigo e prometo que terá uma vida bem melhor do que a que leva aqui.

— Qual é o problema com a minha vida? — Pedro levantou a voz. — Eu gosto muito dela.

Chico, por sua vez, segurou-lhe o braço com força e, em tom de ordem, pediu calma.

— Eu não disse que há nada errado. Só pensei que, agora que acabei com os seus planos de entrar para o Exército, talvez você tivesse de achar outros caminhos.

Pedro não retrucou. Sentou-se e cobriu os olhos com as mãos. Tudo era muito confuso.

— Venha comigo — o jovem continuou a ouvir a voz calma da mulher. — Se vier, terá a oportunidade de voltar a estudar, sem precisar trabalhar. Em nossa ONG, temos recursos para mantê-lo. Poderá terminar, pelo menos, o segundo grau se quiser. Conhecerá outros lugares e fará novos amigos. E o melhor de tudo. Você estará mais seguro lá do que aqui sozinho nessa cidade.

— Não — o jovem ainda mantinha os olhos fechados.

— *Está bem!* — a mulher se levantou do sofá. — Entendo que essa não é uma decisão fácil. Especialmente depois de ouvir tantas coisas. Vou te dar tempo para pensar em tudo o que dissemos, Pedro. Estarei esperando por você amanhã ao meio-dia naquela quadra de esportes abandonada no final da rua. Se aparecer,

saberei que desistiu do alistamento. Aguardarei sua resposta. Me acompanha até a rua, Senhor Francisco?

E assim o rapaz ouviu os passos leves de Mayra em direção à saída, seguida de perto por Chico Estrada, mas seu perfume ficou impregnado na casa. Após conversarem aos murmúrios do lado de fora, o velho retornou, mas antes de fechar a porta, dirigiu suas últimas palavras à mulher. — Não se preocupe. Vou conversar com ele.

O segredo dos possuídos

Assim que aquela estranha visita foi embora, Pedro trancou-se em seu quarto. Já eram quase dez horas da noite, uma a mais do que o jovem tinha planejado para ir se deitar. O dia do alistamento começaria cedo, pois ele precisava chegar às seis da manhã em uma junta de serviço militar do Exército do outro lado da Capital Federal. Mas sabia que não conseguiria dormir. Havia ainda muitas perguntas sem resposta. *Quem é aquela mulher estranha? Será mesmo verdade tudo o que ela me disse? E, afinal de contas, onde ela pretende me levar?*

O jovem então se lembrou do caso contado por seu chefe, sobre a sociedade secreta chamada "Liberdade Verde". De acordo com o homem, esse bando, que queria dividir o país anos atrás e que supostamente foi destruído, estaria agora recrutando pessoas secretamente para voltar à ativa. Alguns de seus membros tinham escapado na época das perseguições, entre eles o grande líder, Emanuel Seixas. E, segundo Mayra, existia ainda outro grupo conhecido como a "Sociedade do Fogo-Fátuo", explorando impunemente a Floresta Amazônica. Mas qual dos dois falava a verdade, se é que havia alguma? *Será que a mulher faz parte da Liberdade Verde?* Isso parecia bastante plausível, já que ela mesma confessou que o governo ainda caçava a ela e a outras pessoas, e por esse motivo precisavam viver escondidas. Assim, a história da ONG protetora de crianças vítimas da Fogo-Fátuo seria uma farsa? E por que estariam perseguindo Mayra afinal?

Uma coisa era quase certa. Se ela fazia mesmo parte da Liberdade Verde, então o pai biológico de Pedro também. Segundo ela, o homem era um agente duplo trabalhando para a Fogo-Fátuo e passando informações secretas desse grupo a terceiros. *Mas quem?* Membros da Liberdade Verde? Tal qual a mulher, Carlos Abreu era fugitivo e ambos se conheciam. Sem dúvida, essa era uma teoria possível. Mas havia outras. Mayra poderia ser uma integrante da Fogo-Fátuo tentando descobrir se Pedro era mesmo filho do homem procurado. Talvez ela estivesse apenas investigando o paradeiro do jovem para entregá-lo ao governo.

O rapaz então se lembrou de a mulher ter dito que colocou um vigilante para segui-lo ao longo da semana. Tentou se lembrar de alguém que tivesse visto com mais frequência nos últimos dias, mas as únicas pessoas com quem teve contato foram seus colegas de trabalho. O supermercado era um estabelecimento aberto, visitado por muita gente todo o tempo. Seu seguidor poderia entrar lá, disfarçado

de cliente, várias vezes ao dia, sem levantar quaisquer suspeitas.

Infelizmente nenhuma das teorias levantadas explicava a pergunta principal. Por que o governo estaria atrás dele afinal? *Será que acham que eu ainda tenho os documentos roubados pelo meu pai biológico, depois de tanto tempo?* Isso também o fazia se lembrar de outro ponto misterioso da história. A morte de Carlos Abreu.

Mayra afirmou categoricamente que haviam assassinado o homem há muitos anos. Mas, de acordo com Chico, uma onça atacou o sujeito às margens de uma rodovia. E antes de morrer, ele teria assumido ser fugitivo do governo, fato confirmado pela mulher. Será que ele conseguiu escapar de Manaus e viajar milhares de quilômetros além da Região Norte para sofrer o ataque de um animal selvagem, tão longe da Floresta Amazônica? E se a onça atacou mesmo o pobre infeliz, por que não avançou depois sobre Pedro, uma vítima completamente indefesa?

O tempo corria devagar. O jovem abriu a gaveta do pequeno criado-mudo ao lado da cama e pegou o velho panfleto do alistamento. "A Amazônia é Verde e Amarela" dizia o encarte, cujo fundo era escuro na parte superior e composto de uma bela imagem da grande floresta, vista de cima, na faixa inferior. Deitado, começou a ler pela centésima vez as mensagens contidas no panfleto. Lembrou-se então das expectativas criadas em torno de sua entrada para as Forças Armadas. O relógio sobre o criado-mudo marcava mais de meia-noite. Em pouco tempo, Pedro deveria se preparar para sair. Mas ele não conseguia tomar uma decisão.

Primeiro considerou abandonar sua vidinha pacata no Planalto Central e fugir com Mayra e Chico para um lugar distante, longe de seu emprego chato e do bairro pobre onde morava. A mulher havia feito promessas de uma vida melhor, mas ele não podia confiar assim em uma pessoa desconhecida. Começava então a achar mais prudente permanecer em Taguatinga e seguir os planos originais. Mas aí teria de se arriscar e partir para o alistamento. E quão grande seria esse risco? *Caso fosse mesmo alguém procurado, o que os membros da Fogo-Fátuo fariam se me encontrassem? Será que me matariam, assim como supostamente fizeram com meu pai? E minha mãe? Será que ela ainda pode estar viva, conforme Mayra havia insinuado?* Essas eram questões que atiravam Pedro para o outro lado da balança e, dessa forma, ele passou boa parte da noite ponderando os fatos e tentando definir a solução do seu enorme problema.

Passavam das três e meia da manhã quando a luz da sala brilhou por debaixo da porta do quarto. Logo em seguida, o leve chiado de um rádio deu lugar à melodia de violas de uma música sertaneja. O volume era baixo demais para se distinguir a canção, mas o jovem sabia que era de um tipo antigo e interiorano,

bem no estilo que Chico gostava. Ele então se levantou, calçou os chinelos, abriu a porta e caminhou através do pequeno corredor até a sala. Lá estava o velho, sentado no sofá e segurando o rádio de antena quebrada.

— Oi, Pedro. Te acordei? — Chico parecia desconcertado. Desligou o aparelho.

— Não... Não consegui dormir nada.

— Também não preguei os olhos.

O jovem se sentou ao lado do pai.

— Como se sente? — o velho quis saber.

— Confuso... Minha cabeça está uma bagunça.

— Imagino — o homem suspirou fundo. Gaguejou ao tentar se expressar. — De coração eu... sinto muito que as coisas tenham chegado a esse ponto.

O jovem olhou para o pai, enquanto as palavras hesitavam deixar sua boca. — Chico... Sobre a história que o senhor contou... do meu pai verdadeiro... Quero dizer, biológico. Queria que soubesse que... não o culpo pelo que aconteceu.

— Obrigado, filho.

— Mas, por que não falou nada disso antes?

— Não sei. Acho que tive medo de te perder — Chico abriu um sorriso sem graça e, em um ímpeto de emoção, abraçou o jovem, sendo prontamente correspondido.

— Ajude-me, pai. Não sei mais se devo me alistar! O que faço?

— Ah, meu filho. Entendo a sua situação. É uma decisão muito difícil. Você se preparou tanto. Mas agora é você quem deve decidir.

Não era a resposta que Pedro esperava. — E se nós fugíssemos? — perguntou o jovem, sem muita empolgação. — E se juntássemos nossas roupas e viajássemos para algum lugar, bem longe daqui? Como fazíamos quando eu era criança.

— E para onde iríamos?

— Não sei. Qualquer cidade do interior bem distante. Um local onde pudéssemos recomeçar.

— Pense bem, Pedro. Essa seria uma solução temporária. Aquela mulher já sabe quem somos. Se ela nos encontrou aqui, não será difícil nos achar de novo. E além do mais, não temos dinheiro suficiente para iniciar uma vida nova.

— Mas... — a decepção tomou conta do jovem.

— Fugir dos problemas não resolve nada, Pedro. Talvez até conseguíssemos nos esconder por algum tempo, mas viveríamos dia após dia com medo.

— Então, o que devo fazer? Ir com aquela mulher estranha?

— Pode ser uma boa opção...

— Por que o senhor acha isso? O que ela te disse que ainda não sei?

— Nada além do que já ouviu... Ela me falou que faz parte de um grupo de proteção para crianças, filhos de perseguidos políticos.

— Mas vocês dois já vinham conversando desde o início da semana. Sobre o que falaram durante todos esses dias?

— Bem. Gastamos tempo tentando entender e juntar os fatos. Assim que ela chegou aqui na segunda-feira, se apresentou como investigadora de crianças desaparecidas. Fiquei muito assustado, mas o pior foi quando ela disse que procurava por um jovem chamado Pedro. Tentei negar que conhecia alguém com esse nome, mas ela insistiu. Conversamos durante horas. No fim, tive que pedir para ela ir embora, porque você estava prestes a chegar. Ela foi, mas voltou no outro dia. Então acabei confessando a história de quando encontrei o seu pai. Mayra ficou bastante interessada, querendo saber cada detalhe sobre o caso. Em seguida, ela me contou tudo o que disse a você.

— E o senhor acha que podemos confiar nela, Chico?

— Como já falei, não quero influenciar sua decisão, filho. Mas se quer mesmo saber, para mim Mayra parece ser uma pessoa sincera e bastante preocupada com você. Mas creio que mentiu quando disse que conhecia pouco o seu pai, porque depois que contei a história de como ele morreu, ela ficou emocionada e até chorou. Foram lágrimas verdadeiras pelo que pude perceber. Acho que ela não só conhecia bem o seu pai, como também gostava muito dele.

Um breve silêncio se fez na sala, pois de maneira súbita, um som agudo e periódico se espalhou por toda a casa. Era o despertador dentro do quarto de Pedro, programado para disparar às quatro horas da manhã.

— Hora de decidir, filho. Se acha que deve ir para o alistamento, melhor se aprontar.

Durante um minuto, a única coisa que se ouviu foi o som estridente do relógio, ecoando insistentemente pelo ar. Pedro ficou ali, sentado e cabisbaixo, enquanto Chico esperava pela resposta. Por fim, o alarme parou de tocar.

— *Não vou para o Exército* — as palavras foram hesitantes, mas quando as proferiu, olhou fundo nos olhos de seu pai. *A decisão estava tomada.*

Chico relaxou os músculos do rosto enrugado e esboçou um leve sorriso, antes de abraçar o filho de novo. Ao fazê-lo, Pedro concluiu que aquela era a resposta que o pai esperava ouvir. Ou pelo menos parte dela, porque ainda cabia ao jovem decidir se deixaria ou não Taguatinga.

— E quanto a Mayra? Vai aceitar a proposta?

— Não sei. Preciso pensar...

— E vai se encontrar com ela?

— Sim. Tenho muitas coisas para perguntar. Sei que ela ainda não me contou tudo...

* * *

Havia despontado uma bela manhã naquela sexta-feira, dia treze de abril. O céu estava limpo e a promessa era de dia ensolarado e quente até o crepúsculo. Após o nascer do sol Pedro voltou para a cama e foi a muito custo que conseguiu dormir uma hora ou duas. Levantou agitado e esperou até por volta do meio-dia. A ansiedade em reencontrar Mayra o consumia, embora ainda não tivesse certeza sobre as reais intenções da mulher.

Ele então saiu de casa e caminhou sozinho seis quarteirões até o final da rua, onde existiam uma quadra de *futsal* e uma pracinha abandonada. Mesmo sob o sol escaldante, um grupo de oito garotos corria atrás de uma bola no piso irregular. Não havia sinal de Mayra em lugar algum, por isso o jovem se afastou e se sentou em um banco de cimento, na estreita área verde ao redor da praça. Desse ponto, era possível ver os dois extremos da rua pouco movimentada do bairro. Achava que assim veria a mulher chegar, mas se surpreendeu quando ela o chamou por trás do assento.

— Pedro... — Mayra encontrava-se de pé, a três metros dele. — Que bom que veio!

— Não fui para o alistamento.

— Sabia que tomaria a decisão certa — ela se sentou ao lado. Usava roupas semelhantes às da noite passada, calças jeans, tênis brancos e blusa verde sem estampas. Mas diferente de antes, seus cabelos lisos estavam presos, formando um longo rabo-de-cavalo. A pequena trança mantinha-se intacta sobre o ombro direito. Já os olhos negros e profundos se escondiam atrás de um par de óculos escuros.

— Mas isso não quer dizer que confie em você — Pedro fez questão de deixar claro.

— Entendo. Então, não vai embora comigo?

O rapaz hesitou. — Ainda não me decidi...

— Mas se veio, está considerando a ideia!

— Vim porque preciso que me responda uma pergunta.

— O que você quer saber?

O jovem vacilou mais uma vez, mas depois disparou. — Você faz parte da Liberdade Verde?

Imediatamente Mayra olhou para os lados com rápidos movimentos de cabeça. Pareceu preocupada que alguém tivesse ouvido as palavras e fez gestos com as mãos, indicando que ele havia falado alto demais. Apenas um carteiro passava pela rua na hora, e ele não deu atenção.

— O que você sabe sobre isso? — ela murmurou.

— Eu... ouvi alguns comentários — o rapaz ficou surpreso com a reação. Percebeu que tocara em um ponto muito importante.

— A primeira coisa que precisa saber — ela apontou o dedo indicador na direção do jovem, falando com firmeza — é que esse assunto é *totalmente proibido*.

— Desculpe — ele disse.

Mayra suspirou fundo e relaxou a postura.

— Não, eu é que peço desculpas. Não quis ser grossa. Mas é que isso é... bem. É muito perigoso.

— Lamento, mas tinha que perguntar.

A mulher ficou calada, olhando na direção da rua. Parecia pensativa.

— Não existe ONG nenhuma, não é? — o rapaz arriscou.

Mayra voltou a atenção para ele. Encarou-o por alguns instantes e murmurou. — Bom... Talvez esse não seja o momento ideal para te contar certas partes da história, Pedro. Esperava dar um pouco mais de tempo até que você pudesse assimilar melhor o que aconteceu à sua família. Mas já que tocou no assunto, vou dizer a verdade. Respondendo a sua pergunta, *não*. Não sou membro do grupo chamado Liberdade Verde. E se quer mesmo saber, não há ninguém que faça parte dele, porque a Liberdade Verde *não existe!*

Pedro ficou chocado. — Como assim?

— Simplesmente não existe. É apenas uma invenção, criada com fins políticos pelo próprio governo para amedrontar e controlar a população. Implantar nos brasileiros o medo de perderem a Floresta Amazônica para grupos de países estrangeiros.

— Mas por que o governo faria isso?

— Essa é uma questão complexa demais para discutirmos aqui e agora. Mas o que posso dizer é que uma das principais consequências da disseminação desse terror é o aumento crescente do poderio militar do país. A maioria das pessoas pensa que nossas Forças Armadas estão entre as mais precárias do mundo, mas a verdade é que estamos nos tornando um estado bélico. Todos os anos, milhões são desviados para investimentos em projetos secretos do Ministério da Defesa. Nunca se perguntou o porquê de tantas propagandas de convocação de jovens envolvendo a questão da Amazônia, como se a única missão das Forças Armadas fosse proteger a floresta?

Mayra tinha razão. Pedro se lembrou da visita dos dois membros do Exército ao seu colégio, quase um ano atrás. Aquela foi a única palestra que o jovem havia testemunhado. Porém, no rádio, na televisão e até na *Internet*, era possível consumir todos os dias às propagandas de convocação de adolescentes. E a

proteção da floresta era sempre o ponto de principal destaque em todas elas.

— É tudo parte de um jogo, Pedro. Um jogo secreto e perigoso que pode custar a vida de muitos jovens como você. O governo diz que os países líderes da ONU cobiçam a Amazônia. Assim, manipulam a opinião pública, impõem controle aos meios de comunicação e propagam o medo entre a população. E em um jogo desse tipo, o maior aliado é sempre um adversário que não se pode capturar. Um inimigo perpétuo! A Liberdade Verde... — ela sussurrou.

Pedro ficou momentaneamente em silêncio. *Será isso tudo verdade?* Se a Liberdade Verde não existe, então por que o Exército realizaria tarefas de busca a seus membros, conforme seu chefe havia lhe contado? Mas esses pensamentos, ele manteve para si. Por hora, lhe interessavam outros pontos da história.

— Ontem você falou sobre outras pessoas foragidas. Disse que elas também vivem escondidas, fugindo do governo. Se vocês não são membros da Liberdade Verde, então por que estão sofrendo perseguição? E afinal, por que estão atrás de mim?

— Bem... Essa é outra parte da história que eu esperava te contar depois, quando estivesse preparado — Mayra recostou-se no banco. Parecia calma agora. — Mas talvez, seja melhor você saber de uma vez. Vai perceber que a questão da Amazônia tem muito mais a ver com tudo isso do que possa imaginar. Mas para entender os fatos, precisará manter a mente aberta.

— E o que isso significa?

— O que vou contar agora pode parecer meio absurdo. Talvez pense que é só fantasia. Mas tente não julgar racionalmente. Pelo menos, não por enquanto.

— Está bem...

— E seria melhor que o Senhor Francisco não soubesse desse segredo. Para própria segurança dele. Espero que isso fique somente entre nós dois.

Pedro fez que sim com a cabeça.

— Certo. Bem... há muitas décadas atrás, havia uma tribo indígena no coração da Amazônia conhecida como os *Itaguaçus*. Na linguagem local, *os Adoradores da Grande Pedra*. Era uma comunidade pacífica e pouco numerosa, que vivia principalmente em função da caça, pesca e agricultura. Mas eles possuíam uma particularidade. Mantinham-se isolados das outras tribos e, até por volta de setenta anos atrás, não haviam experimentado nenhum contato com o homem branco.

— A lenda também diz que esses nativos, assim como os de outras tribos da região, dominavam o poder de invocar espíritos da natureza para ajudá-los nas tarefas diárias. Até aí, nada de estranho. Era crença comum em quase todos os povos amazônicos que entidades mágicas governam todas as coisas na Terra. Os animais, os rios, as matas, tudo. Os Itaguaçus, porém, atingiram profunda

intimidade com o mundo místico, a ponto de desenvolverem uma interação com os espíritos maior do que a de qualquer outro povo. Conta-se que, dentre as muitas capacidades que a tribo tinha de invocar essas entidades, havia uma cerimônia secreta. Um rito no qual o grande pajé era capaz de retirar um espírito da natureza e aprisioná-lo em um objeto. Isso era conhecido como o *Ritual da Possessão*, pois o ser extraído passava a habitar o novo corpo físico.

Mayra se calou e olhou para os garotos na quadra de *futsal*. Um deles havia pego a bola e foi embora correndo, seguido de perto pelos demais. Quando os dois ficaram sozinhos na praça, ela mirou Pedro, talvez esperando por algum sinal de que ele estava acompanhando a história. Depois que ele anuiu com a cabeça, ela prosseguiu.

— Os índios consideravam esses objetos como amuletos sagrados. Geralmente eram machados, lanças ou qualquer outro tipo de utensílio usado no dia-a-dia. Acreditava-se, por exemplo, que a flecha carregando um espírito dos ventos era bem mais precisa e mortal durante as caçadas do que uma simples seta comum. Já a pedra com o espírito de um animal preso a ela servia para atrair ou espantar da tribo animais daquela mesma espécie.

— Ainda segundo as lendas, acreditava-se que esses amuletos sagrados podiam ser feitos de qualquer coisa. Inclusive de seres humanos. Os Itaguaçu tinham o hábito de aprisionar espíritos no corpo das pessoas. Muitas vezes, os índios tratavam algumas enfermidades ou mesmo deficiências de nascença dessa forma. Mas o processo era perigoso. Eles usavam a cura por meio da possessão espiritual somente em casos de vida ou morte. Era completamente proibida em outras circunstâncias, principalmente em recém-nascidos — Mayra deteve-se por um instante.

— Tudo estava bem, até o dia em que um bando de viajantes encontrou o caminho escondido para a terra dos Itaguaçu. E quando isso aconteceu, décadas atrás, homens brancos começaram a estudar esses rituais primitivos. Eles descobriram o grande poder existente por trás da manipulação dessas entidades da natureza. O governo então começou a financiar projetos secretos para a implantação de espíritos em crianças. E, quebrando uma das regras mais sagradas dos Itaguaçu, um grupo deu início à exploração inescrupulosa das forças místicas da floresta.

— *A Fogo-Fátuo!* — murmurou Pedro.

— Sim!

— Mas por que fizeram isso?

— Bem, muitos dos recém-nascidos que receberam espíritos acabaram desenvolvendo algumas... digamos... habilidades especiais. Eles se tornaram importantes armas nas mãos do governo, como eram as flechas enfeitiçadas para

os índios. Alguns viraram assassinos, com poderes difíceis até de se imaginar — Mayra fez uma pausa. — Mas o problema foi que, diferente de outros tipos de amuletos sagrados, as pessoas tinham vontade própria. Muitas delas, ao perceberem a exploração que sofriam, acabaram se revoltando contra seus criadores. Várias conseguiram fugir e são procuradas até hoje. Atualmente vivem escondidas, algumas sozinhas e outras em grupo. São conhecidas como os *Possuídos*.

Pedro ficou perplexo após ouvir aquela singular narrativa.

— Então... quer dizer que eu sou um...? — o jovem não completou a pergunta, temendo pela resposta.

— *Um possuído* — Mayra abaixou mais o tom da voz. — Tudo leva a crer que sim. Seu pai trabalhou em alguns desses projetos secretos. Acredito que, quando esteve prestes a ser descoberto como traidor, ele não teve alternativa senão entregá-lo à Fogo-Fátuo. Uma espécie de prova de fidelidade. Assim, é possível que você tenha sido submetido ao ritual da possessão. E isso explicaria o fato do governo estar à sua procura e do seu pai ter fugido de Manaus com o filho recém-nascido.

— Você também é uma possuída?

— Sim...

— Mas o que significa isso exatamente?

Mayra levou tempo para responder. Retirou a presilha dos cabelos, balançou-os e voltou a prendê-los, enquanto um carteiro cruzava a rua do outro lado. — Sei que pode parecer uma ideia meio assustadora, Pedro. Ser possuído por uma entidade sobrenatural. Mas você deve entender que isso não tem nada a ver com os conceitos pregados pelas religiões atuais. Os espíritos adorados pela tribo de que falei não tem nenhuma relação com demônios, anjos ou almas de pessoas mortas. São mais como energias vitais da natureza. Os índios acreditam que essas entidades eram responsáveis por governar as leis da vida e da floresta. Os especialistas chamam isso de *Princípio do Animismo*, uma ideia onde todas as coisas possuem um espírito que as orienta, que dá força. Plantas, animais, os quatro elementos. Tudo segue esse princípio. Por isso, existem diferentes tipos de espíritos na natureza.

Pedro estava perdido. Era difícil acreditar no que ouvia. — E qual é o seu espírito...? — a questão causou estranheza.

— Bem... Digamos que isso não seja algo muito delicado de se perguntar a alguém — a mulher olhou para o lado, juntando as mãos sobre os joelhos.

— Desculpe. Não quis ofender — ele ficou meio desconcertado. Nem tanto pela resposta de Mayra, mas por causa do silêncio subsequente.

— Não se preocupe — ela sorriu discretamente. — Mas você ainda tem muito

que aprender.

— Então, sua ONG é um grupo de pessoas possuídas por espíritos e foragidas do governo?

— É uma forma melhor de descrever — a mulher fez cara séria. — Mas mesmo assim, temos recursos para ajudá-lo. Posso cumprir as promessas que fiz. Como disse, há outros jovens iguais a você vivendo conosco.

— E o que eles fazem lá? O que terei de fazer?

— Essa escolha é sua. Pode viver como um jovem comum, ou aprender a dominar o seu espírito. Possuí-lo, em vez de ser possuído por ele. Podemos ensiná-lo a controlar e usar seus poderes adormecidos. E o mais importante, podemos ajudá-lo a encontrar sua mãe.

A ideia soava bastante estranha para Pedro. Dona Marta, a mãe de Marquinhos, era o que ele tinha de mais próximo a uma figura maternal, mas mesmo assim não se imaginava com uma família maior do que ele e Chico. — Você acha que ela ainda pode estar viva?

— Não sei... Mas se estiver, certamente sente a sua falta.

O jovem ficou calado.

— Preciso que confie em mim, Pedro.

— Com uma história absurda dessas e sem provas, fica difícil.

— Está certo... — Mayra então levou as duas mãos ao pescoço e retirou um colar por cima da cabeça. Era uma corda negra e fina, que prendia um pequeno pingente esbranquiçado. Parecia um dente, pontiagudo e opaco, com mais de três centímetros de comprimento. — Estenda a mão machucada! — ela ordenou.

— Para quê?

— Vou dar uma prova do que estou dizendo.

Incerto, Pedro espichou a mão direita na direção da mulher. Ela então a segurou firme e virou a palma aberta para cima. Fechou os olhos e apertou o dente do colar com os dedos. Segundos depois, pressionou o objeto pontiagudo contra a mão do rapaz. A princípio, não aconteceu nada de estranho. Pedro começou a se sentir meio bobo quando, de repente, uma onda de formigamento começou a descer por seu braço. Subitamente uma pontada desconfortável brotou de seu peito, no lado direito. Em seguida, uma dor intensa rasgou suas entranhas.

— Aiiiii... O que é isso? — gemeu.

Mayra não fez nada. A dor abdominal aumentou e o jovem, curvado de agonia, ajoelhou-se no chão. *Vou morrer, droga!* — Pare...

— Calma... Já vai passar!

Ela estava certa. A dor foi diminuindo gradativamente, até desaparecer por completo em segundos. Mas o formigamento na ferida da mão bicada pelo urubu

demorou a sumir.

— O que fez comigo? — Pedro voltou a se sentar no banco. As pernas estavam moles.

— Esse é um amuleto sagrado — ela exibiu o dente. — O que você sentiu foi o poder do espírito aprisionado aqui dentro. Lamento, mas não havia outra forma de provar o que eu disse.

— Isso doeu... — ele respirou fundo.

— Não se preocupe. Ficar bem... — Mayra levantou-se e pôs o colar de volta no pescoço. — Creio que já fez todas as perguntas que queria. Tenho que ir andando agora. Preciso arrumar minhas coisas. Vou embora de Brasília essa noite.

— *Hoje?*

— Sim. Já fiquei aqui tempo demais. Passarei na sua casa às sete.

— Mas não sei se vou com você...

— Pois então, é melhor se decidir logo. Espero uma resposta até o fim do dia...

E assim Mayra foi embora, mas Pedro permaneceu sentado no banco da pracinha por um longo tempo, pensativo. *Que história inacreditável.* Pessoas com poderes sobrenaturais, amuletos mágicos, sociedades secretas, conspirações do governo. Quanto mais perguntas, mais absurdas eram as respostas. E o pior de tudo era que, por mais estranhos que fossem os fatos, ele estava inclinado a acreditar.

Chico continuava sentado no sofá quando o rapaz chegou em casa.

— Você a viu? — perguntou o velho.

— Sim.

— E então?

— Pensei bem, Chico... Acho que o melhor será nós irmos com ela — a decisão veio pouco antes de cruzar o portão.

— Nós...? — ele rebateu. — Isso não é sobre nós, Pedro. É sobre você.

— O que o senhor quer dizer?

— Ah, meu filho... Como te falei antes, essa é uma questão que tem mais influência no seu futuro do que no meu. Você já é quase homem feito. Chegou a hora de trilhar seu próprio caminho.

— Quer que eu vá sozinho? — o jovem ficou indignado. *Ele quer me abandonar.*

— Isso também é difícil para mim, Pedro. Mas esse é o seu destino, acredite. Sou apenas um velho inútil. Estou cansado de ser um fardo para você.

— Não diga isso, Chico.

— Mas é a mais pura verdade. Por causa desse maldito ombro, acabei

atrapalhando seus estudos. E agora, também arruinei seus planos de ir para o Exército.

— Nada disso é culpa sua.

— É sim. Devia ter te contado tudo desde o início. Não precisava ser assim.

— Mas o senhor não pode me deixar. Não agora...

— Minha vida de aventuras já acabou, Pedro. Mas a sua está só começando. Você sempre quis viajar, conhecer lugares diferentes. Sempre quis saber por que seus pais o abandonaram. E não diga que é mentira. Sei que, lá no fundo, ainda quer conhecê-los. Agora, tem a chance. Vá e aproveite! Para gente como nós, as oportunidades são raras e se deixamos elas passarem, nunca mais voltam.

Pedro se surpreendeu com a firmeza na voz do homem. — Mas o que o senhor vai fazer?

— Bom. Eu estou velho, mas ainda posso me virar sozinho — Chico sorriu.

— Não compreendo...

— Não se preocupe, meu filho — ele pôs a mão sobre o ombro direito do rapaz. — Um dia você entenderá. Vá com aquela mulher e aproveite.

Pedro ficou sem reação. Apenas contemplou a expressão de serenidade do velho.

— Tenho uma coisa para te dar — Chico retirou algo do bolso da calça e estendeu ao jovem. — Isso era do seu pai.

O rapaz pegou o pedaço de papel verde plastificado. Parecia um documento de identidade, bastante antigo e amassado. O plástico do revestimento estava todo enrugado e descolado em uma das extremidades. Na parte da frente havia a foto de um homem bem jovem, com aparência de vinte e poucos anos, pele clara, cabelos lisos e negros, e olhos escuros. Do outro lado, o nome *Carlos Abreu* se destacava no alto do documento, abaixo do número de registro e da data de expedição, trinta anos atrás. O homem era filho de Cláudio José Abreu e Maria Abreu dos Santos, e natural de Manaus no Amazonas.

— Isso estava dentro da mochila dele — Chico completou. — Havia várias, mas essa era a verdadeira.

Em silêncio, Pedro ficou admirando a foto de seu pai, a primeira e única que viu até então. E assim, resolveu partir de Taguatinga, para um destino completamente incerto.

* * *

O restante da tarde passou lentamente e Pedro se consumia em ansiedade, enquanto esperava pela chegada de Mayra. Não gastou muito tempo no preparo das malas. Não possuía muita coisa para levar, mas suas roupas, toalha e outros

utensílios foram suficientes para encher sua mochila e a velha mala de Chico. Também só tinha um par de tênis e teria de usá-lo na viagem.

Passava das sete da noite quando Pedro e seu pai, sentados no sofá da sala, ouviram sons de batidas na porta da frente.

— É ela. Deixei o portão destrancado — o velho se levantou e abriu a entrada.

Mayra surgiu e, com um rápido movimento, fechou a passagem atrás de si.

— E então? — ela ergueu os óculos escuros sobre a cabeça e olhou diretamente de Chico para Pedro.

— Vou com você.

A mulher não esboçou surpresa ou satisfação. — Ótimo! Nesse caso, devemos ir logo.

Para grande admiração do rapaz, ela caminhou apressadamente em direção à cozinha. Os dois a seguiram. O cômodo era pequeno e estava bagunçado por causa do almoço que saiu tarde naquele dia. Mayra chegou perto da janela, próxima ao fogão, e abriu o vidro. Colocou em seguida o dedo indicador e o mínimo dentro da boca e emitiu um assovio curto e muito alto.

Curioso, Pedro se aproximou e então, levou um *tremendo susto*. Não foi um homem quem apareceu do lado de fora. Tão pouco uma mulher. Do nada, um vulto estranho, tão escuro quanto a própria noite, desceu voando dos céus e pousou sobre o parapeito. Após se recuperar do espanto, ele percebeu que já tinha visto a grotesca figura antes. A mesma cabeça enrugada, o mesmo corpo robusto coberto por penas negras, os olhos avermelhados sinistros, o bico afiado. Tudo acompanhado de um cheiro forte e desagradável de carniça invadindo o ambiente.

— O que é isso? — Pedro soltou um grito.

— Não se assustem — a mulher acariciava a criatura. — É uma *urubu-fêmea*. Ela é muito dócil.

— Dócil? Esse bicho quase arrancou a minha mão — o jovem levantou o braço direito e mostrou o corte.

— Pensei que tinha se ferido com uma garrafa quebrada — Mayra fechou o semblante.

— Eu... inventei isso — ele assumiu com alguma vergonha. — Mas não imaginava que você conhecia esse... *Espere!* — por um instante Pedro se lembrou de Marquinhos. Recordou-se do que o colega disse sobre o urubu, que ele visitava o supermercado desde o início da semana para buscar comida na lixeira. Então, uma ideia maluca surgiu em sua mente. — Era esse bicho que estava me vigiando durante esses dias?

Mayra pareceu surpresa com a pergunta. Ela olhou para Chico e em seguida para Pedro. — Depois conversamos sobre isso.

Ela retirou do bolso um papel dobrado e um rolo com uma pequena quantidade de esparadrapo. Envolveu a pata direita do animal com a folha e prendeu com bastante adesivo. Na sequência segurou a cabeça da ave e começou a beijá-la e a acariciá-la. Pedro teve a sensação de que a mulher cochichava no ouvido do bicho enquanto lhe dava beijos, como se fosse um belo filhote de cachorro ou de gato. De repente ela empurrou levemente a ave, que saiu voando através da janela.

— Nos veremos em breve — disse a si mesma, antes de se virar na direção de Pedro. Segurou-lhe o braço da mão ferida com firmeza. — Você devia ter dito logo que era uma mordida — Mayra olhava para o ferimento com expressão de preocupação. — Terá que ir a um hospital. E justo agora que estamos em cima da hora — lamentou.

— Não se preocupe. Estou bem.

— Tem certeza?

— Sim. Está tudo bem — a ferida não doía mais.

A mulher permaneceu ainda durante algum tempo encarando o jovem, como se não quisesse acreditar. Desviou o olhar ao ouvir o som de dois toques de buzina na rua e então, retornou à sala. Tão logo alcançou o cômodo, o rapaz ouviu o som do carro parado na porta da casa. Mayra olhou através da janela.

— Nosso táxi chegou. Hora de irmos — A mulher caminhou até Chico, estendendo-lhe a mão. — Senhor Francisco... Foi um imenso prazer conhecê-lo. Queria ter vindo aqui em circunstâncias melhores. Espero que me perdoe por todo o transtorno que causei.

— Apenas cuide do meu filho como prometeu.

— Pois reforço a promessa. Dou-lhe a minha palavra de que cuidarei bem dele. Eu mesma o trarei são e salvo qualquer dia desses — e depois disso, colocando a mão no bolso novamente, retirou outro pedaço de papel, agora menor. — Esse é o número de telefone com o qual o senhor poderá entrar em contato conosco. Peça-lhe, por favor, que espere três dias antes de usá-lo. Depois, pode ligar a vontade.

Chico pegou a nota, deu uma rápida olhada, dobrou-a e pôs no bolso.

— Te espero lá fora, Pedro — Mayra deixou a casa em direção à rua.

Pai e filho se olharam por alguns instantes, calados.

— Você está bem mesmo? — o velho mirava a mão do rapaz.

— Sim. Não se preocupe — ele olhou meio sem graça para o pai. — Bom... Adeus então.

— *Tome!* — Chico estendeu a mão, passando-lhe um bolo de papéis dobrados.

— Que isso?

Era dinheiro. — Recursos para a viagem. Não é muito, mas é tudo o que

tenho.

— *Não!* — o jovem tentou devolver as notas. — Não posso...

— Por favor, leve. Assim fico menos preocupado.

Pedro relutou em vão. — Obrigado, pai — concordou e, enfim, os dois se deram um longo e caloroso abraço.

— Vá com Deus, meu filho. E não se preocupe comigo. Ficarei bem.

— Tenho que descobrir o que aconteceu com meus pais, Chico. Mas não me importa o que digam. Para mim, você será sempre o meu pai verdadeiro.

O ex-caminhoneiro não disse nada. Pedro pegou a mala, pôs a mochila sobre o ombro e saiu. Lá fora, viu o táxi branco esperando por ele. A luz do poste em frente à casa permanecia apagada e o rapaz não conseguiu ver o rosto do motorista. Mayra esperava de pé ao lado do veículo.

— Tem certeza de que não quer se despedir dos vizinhos? — Chico coçou o ombro ruim. — Dona Marta é como uma mãe para você.

— Assim fica mais fácil. Diga a ela que volto em breve.

— Está bem. Eu digo.

— E peça ao Marquinhos para avisar que não voltarei ao supermercado. Invente uma desculpa qualquer por mim.

— Claro... Pode deixar.

Pedro se afastou, caminhando em direção ao táxi, sem olhar para trás. Ao se aproximar, o motorista correu em seu auxílio. O sujeito desejou boa noite e solicitou a bagagem. Era um senhor já mais velho, calvo, barrigudo e de bigode volumoso. Pôs a mala e a mochila do jovem no bagageiro e entrou no carro. Pedro então deu a última olhada na casa. Acenou para Chico antes de entrar no veículo.

— Para onde vamos? — o taxista parecia empolgado. Certamente não imaginava que transportava dois foragidos.

— Rodoviária de Brasília — Mayra não demonstrou nenhum entusiasmo.

A ida até o Plano Piloto foi bem tranquila e tomou pouco menos de trinta minutos. O motorista falava sem parar e, como a mulher não lhe dava muita confiança, sobrou para Pedro a missão de dedicar-lhe alguma atenção. Por causa de desvios na pista, o carro precisou fazer uma grande volta ao entrar na região central de Brasília. Foi necessário contornar todo o Plano Piloto por fora, antes de tomarem o Eixo Monumental no lado leste, perto da Esplanada dos Ministérios.

Estavam na avenida atrás do Congresso Nacional, já próximos à rodoviária, quando Mayra pediu ao homem que encostasse o carro. A princípio, Pedro pensou que a mulher queria apenas admirar o grande prédio, com seus dois pratos brancos enormes, um virado para baixo e o outro para cima. Mas ele logo

percebeu que ela tinha expressão de preocupação estampada na face. Mayra olhava para trás de maneira agitada. Diversos carros passaram por eles, até que ela pedisse ao homem para retomar a viagem. Pedro teve a impressão de que o motorista ficou um pouco desconfortável com a atitude da mulher. Nos minutos finais que se seguiram até contornarem o prédio e cruzarem a Praça dos Três Poderes com destino à rodoviária, o velho não disse uma só palavra.

Mayra pagou a corrida ao desembarcarem, e ela e Pedro pegaram as malas antes do motorista arrancar, calado. A mulher trazia apenas uma pequena bolsa marrom, onde cabiam roupas para poucos dias. Ela então levou o jovem até uma das plataformas de embarque no lado leste. A rodoviária de Brasília ficava bem no centro da cidade, ponto de interseção entre o Eixão, forma pela qual os moradores se dirigiam à via norte-sul, e o Eixo Monumental, no sentido leste-oeste. Fora construída na divisa das duas asas do Plano Piloto, sob o imenso viaduto que ligava o Eixo Rodoviário. O movimento de passageiros naquela noite de sexta-feira era intenso. A maioria parecia ser de trabalhadores esperando o transporte de volta para casa após a semana cheia. Mas as plataformas de embarque interestaduais estavam vazias. Os dois fugitivos se sentaram em bancos de plástico coloridos que, aqui e ali, contrastavam com o tom cinza-concreto do chão e das paredes.

— Ainda temos uma hora — Mayra olhava para o grande relógio branco e quadrado pendurado no teto. Eram oito da noite. — Você jantou? Quer que eu compre alguma coisa?

— Não, obrigado.

A mulher então se acomodou melhor no assento. Apoiou a nuca no encosto do banco e permaneceu imóvel, mas de olhos abertos. Pedro fez o mesmo. Passou os vinte minutos seguintes analisando a loucura que estava prestes a cometer. Ainda não tinha certeza se havia tomado a decisão certa, mas agora era tarde para voltar atrás.

— Posso fazer uma pergunta? — arriscou, com um murmúrio.

Mayra não respondeu, mas virou a cabeça em sua direção.

— Qual é o meu espírito?

Ela pensou um pouco. — Infelizmente não tenho resposta para isso. Só posso dizer que, no lugar onde vamos, existe alguém que talvez saiba. Sugiro que tente dormir durante a viagem, pois a jornada será longa e cansativa. Amanhã, teremos um dia cheio.

— Mas você pode pelo menos me contar que lugar é esse?

De novo Mayra não respondeu. E não precisou, porque no exato instante, um imenso ônibus amarelo manobrou na lateral da rodoviária e encostou junto à plataforma de embarque. O enorme letreiro luminoso exibia em letras grandes o

destino: *São Paulo, SP.*

Capítulo 4

Olhos misteriosos

— Pedro...? Pedro?

Pedro abriu os olhos. Estava sentado de forma desajeitada na poltrona do ônibus. Os pés formigavam. O pescoço doía.

— Desculpe acordá-lo — a voz era suave. Mayra encontrava-se ao lado, de pé no corredor.

O jovem estranhou, porque o veículo estava parado. Assim como sua companheira de viagem, os outros passageiros tinham ficado de pé ou ainda se levantavam. Olhou através da janela e viu a grande plataforma, cheia de lojas iluminadas e a fileira de quatro ônibus estacionados bem ao lado do seu. Ao fundo, na linha do horizonte, o céu escuro e carregado de nuvens tornava-se avermelhado e já era possível observar o contorno dos prédios ao longe.

— Já chegamos?

— Ainda não. Essa é só a parada para o café da manhã.

— Que horas são?

— Quase seis. É cedo, mas achei que, talvez, você pudesse estar com fome. *Venha!* Vamos comer alguma coisa. Temos só vinte minutos.

Pedro ficou espantado com o quanto havia dormido. Normalmente seu sono era leve e qualquer motivo, por mais simples que fosse, era suficiente para lhe provocar insônia. Jamais conseguiria dormir em um ônibus em movimento, a menos que estivesse muito cansado. E esse era o caso, já que passara a noite anterior em claro. Levantou-se e esticou as costas. Sentia as pernas um pouco dormentes, porque elas tinham ficado o tempo todo dobradas. Em algum ponto entre a partida de Brasília e agora, um novo passageiro apareceu sentado à sua frente. O sujeito deitou completamente o assento, comprimindo os joelhos do rapaz.

Com certeza, havia mais gente ali do que quando o ônibus partiu do Planalto Central. Eram menos de quinze pessoas antes, mas no momento o veículo estava cheio. Demorou um tempo até que Pedro e Mayra conseguissem descer, pois tinham se sentado no último banco do lado do motorista, próximo ao pequeno banheiro.

Fazia um pouco de frio àquela hora da manhã.

— Que lugar é esse? — o jovem olhou em volta e concluiu que estavam em um enorme terminal rodoviário, cercado por uma infinidade de prédios de tamanhos variados.

— Ribeirão Preto. Já estamos no estado de São Paulo.

Os dois então caminharam em direção a uma lanchonete, cuja entrada ficava próxima à plataforma de desembarque. Pedro não tinha fome. Não costumava comer de manhã, por isso pediu apenas um salgado. Escolheu ainda uma lata de refrigerante, pois não gostava de café e nem de leite. Mayra, por sua vez, solicitou uma xícara de café expresso, mas não comeu nada. Seus olhos estavam vermelhos e suas pálpebras inferiores um pouco escurecidas. Porém seu olhar era vivo e ela parecia em alerta. Vez ou outra, mirava de maneira desconfiada para os lados, como se alguém pudesse surpreendê-la a qualquer momento. *Ela tem medo de alguma coisa*, Pedro entendeu.

Apesar disso, ele se distraiu. Começou a relembrar os últimos instantes da véspera. Depois de entrarem no ônibus, ainda na Capital Federal, o motorista apareceu e desejou boa viagem. Ele anunciou seu nome aos passageiros, Antônio, e falou que a jornada de Brasília até São Paulo levaria cerca de quatorze horas. A primeira parada seria por volta de meia-noite, na cidade goiana de Catalão, mas Pedro adormeceu muito antes de chegarem ao município.

— Desculpe pela Bárbara — disse Mayra.

— Hã?

Ela o encarava agora.

— Quem é Bárbara?

— A urubu. Esse é o nome dela. Lamento pela bicada. Como está a mão?

— Bem... Não dói mais.

— Não sei o que aconteceu — a mulher provou o café. — Os urubus são animais dóceis. Muitas vezes as pessoas os hostilizam, só porque seus hábitos são um pouco *exóticos*.

Durante alguns instantes, Pedro lembrou a cena nos fundos do supermercado. Bárbara era, sem dúvida, uma denominação bastante estranha para um bicho tão feio e malcheiroso. Marquinhos a tinha batizado com nome do ex-namorado de Rose, pensando se tratar de um urubu macho.

— Ela é sua?

— Não! A Bárbara não tem dono. Nenhum animal neste mundo tem, apesar de algumas pessoas insistirem nisso.

— Então, por que ela te obedece? É adestrada?

— Somos amigas de longa data — ela olhou para o céu. — Ajudamos uma à outra...

Pedro começou a comer.

— E desculpe-me também por aquela pequena demonstração com o amuleto — ela completou.

Involuntariamente o jovem mirou os seios de Mayra, imaginando o dente

sagrado dependurado entre eles. Mas ao notar que ela percebera seus movimentos, desviou o olhar, sem graça. A mulher escondia o colar sob a blusa, mas dava para ver a corda negra que prendia o pingente mágico em seu pescoço.

— Isso só serve para machucar as pessoas? — ele perguntou. — Quer dizer, é só isso que os possuídos fazem?

Mayra mordeu os lábios com suavidade. — Esse é um amuleto de autoproteção — ela segurou o dente por cima da blusa. — Deve ser utilizado apenas para defesa. Não queria usá-lo em você, porém era a única forma de convencê-lo a vir. Mas não se preocupe... Nem todos os possuídos são assassinos — ela terminou o café. — Agora vamos. Nosso ônibus já vai partir.

Findados os vinte minutos da parada, os passageiros começaram a retomar seus assentos. Pedro e Mayra foram os últimos a subirem e, quando entrou, o jovem percebeu que um motorista diferente havia assumido o lugar do que partiu de Brasília. A viagem seguiu depois que o veículo manobrou na pista do terminal e transpôs os grandes portões de ferro da rodoviária de Ribeirão Preto, com o dia já quase claro. Da janela, observou a passagem rápida das inúmeras casas, ruas e pessoas no início de mais um dia. Era manhã de sábado e, mesmo àquela hora, já havia muita gente saindo de casa. A cidade era grande e levou tempo até o ônibus contornar um viaduto, quase na saída do município, para pegar novamente a rodovia principal em direção à capital do estado.

— Quanto ainda falta para chegarmos?

Mayra, que tinha colocado os óculos escuros e recostado a cabeça sobre o banco, virou-se lentamente para ele. — O que foi?

Pedro teve a impressão de que ela havia caído no sono. Ficou meio sem graça, mas mesmo assim repetiu a pergunta.

— Acredito que mais três horas. Quatro no máximo — Mayra acomodou-se novamente e permaneceu em silêncio.

O rapaz não puxou mais assunto e continuou apenas observando a paisagem, à medida que a cidade ficava para trás. O sol avançou lentamente através do céu, mas ele não conseguiu dormir, apesar das tentativas. As nuvens negras da alvorada haviam se dissipado. Agora, um brilho intenso e radiante se projetava sobre os montes verdes ao longe, aqui e ali salpicados de tons marrom-terra, ora vermelho-escuros, ora amarelados. De vez em quando, pequenos vilarejos no alto da serra e grandes fazendas encravadas no coração de vales infindáveis se destacavam na imensidão da paisagem. Mas o que mais surgia no trajeto do ônibus eram postos de pedágio.

O primeiro foi próximo à cidade chamada São Simão, segundo comentou o homem sentado à frente. Depois vieram outros. Um em um município de nome engraçado, Santa Rita Passa Quatro, outro em Pirassununga e mais um na altura

de Leme. Alguns passageiros desembarcaram quando o ônibus estacionou na rodoviária de Araras. Dois postos de pedágio ficaram para trás nas cidades de Limeira e Sumaré. Mais gente desceu em Campinas, mas o veículo continuava cheio. Mayra permanecia imóvel, com os olhos escondidos atrás de seus grandes óculos escuros. Pedro não sabia se a mulher dormia ou não, porque ela não falava nada e tão pouco parecia respirar.

Eram por volta das onze horas da manhã quando o ônibus atingiu as imediações da capital paulista. À medida que se aproximavam do destino, o trânsito ficava mais complicado e era como se uma quantidade infinita de veículos tentasse chegar ao mesmo lugar. O céu, azul e claro após o belo nascer do sol, agora era cinza e escuro, com o peso de nuvens trazendo o prenúncio de uma garoa. Devagar, passaram pela marginal que corria ao lado do conhecido Rio Tietê, famoso por seus altos níveis de poluição. Atrás dele a grande metrópole já se mostrava imponente, com arranha-céus enormes rasgando o firmamento e avenidas largas cruzando a rodovia. O barulho também ficava cada vez mais intenso por causa das sirenes e das buzinas e, não raro, helicópteros cortavam os ares, abafando o ruído infernal oriundo do trânsito. E após quilômetros de engarrafamento, eles enfim chegaram ao grande terminal rodoviário da cidade de São Paulo.

Pedro ficou admirado com o tamanho do lugar. Apenas no lado em que o ônibus parou, havia dezenas de áreas de embarque, quase todas ocupadas por veículos enormes e das mais variadas cores. Parecia que milhares de pessoas circulavam por ali naquele instante. Mas Mayra tinha pressa. Ela mal pôde esperar até que o auxiliar do motorista retirasse as malas do bagageiro do ônibus.

— Vamos. Precisamos andar rápido.

O jovem pegou a bolsa velha, colocou a mochila nas costas e seguiu a mulher através das grandes portas de vidro que separavam as áreas de embarque do interior do terminal. A princípio, Mayra caminhou apressadamente, como se estivesse certa de seu objetivo. Mas após transporem corredores e passarem diante de vários lances de escadas, parecia um pouco insegura. Depois de olhar de um lado para outro, resolveu caminhar em direção a alguns bancos desocupados.

— Pedro. Preciso fazer uma coisa antes de almoçarmos. Sente aqui e cuide das malas.

— Está bem — ele respondeu, meio incerto.

— Você vai ficar bem?

— Acho que sim.

— Certo... Volto logo — E então, Mayra saiu andando apressada e desapareceu.

Durante dez ou quinze minutos, Pedro ficou sentado em um dos bancos, apenas observando os transeuntes. Havia gente de todo tipo. Orientais, grupos de idosos, jovens vestidos de preto cheios de penduricalhos de metal, e homens e mulheres de terno, entre outras coisas. Mas ele logo se cansou de ficar ali, pois tinha passado as últimas quatorze horas naquela posição. Ao se levantar, reparou no grande mural na parede próxima aos bancos. Parecia um quadro de avisos cheio de papéis pregados. Sem perder as malas de vista, colocou-se em frente ao painel e começou a ler os encartes para passar o tempo.

Havia duas partes principais. No lado esquerdo ficavam dezenas de anúncios comerciais, onde os que mais se destacavam eram os de agências de turismo. Mas foi o lado direito do quadro que mais chamou sua atenção. No alto, impresso em letras maiúsculas, a palavra "DESAPARECIDOS" saltava em meio a confusão de cartazes. E espalhados de forma aleatória sobre o enorme espaço em branco estavam dezenas de fotos, legendadas com informações das pessoas correspondentes. Pedro percebeu que, entre os inúmeros rostos, existia uma grande variedade de tipos.

Por exemplo, havia uma menina de apenas quatro anos, desaparecida há quase três, em uma pequena cidade do interior de São Paulo. Seu nome era Clara e, da última vez que foi vista, usava vestido vermelho e sandálias brancas. Tinha também um homem chamado Flaviano, sumido há pouco mais de dois meses em São Paulo, capital. O sujeito de quarenta e seis anos era professor universitário e sumiu em uma madrugada de terça-feira, após dar aulas para o curso noturno de uma faculdade. Outro desaparecido era um empresário de setenta e três anos chamado Inácio, que desapareceu na cidade do Rio de Janeiro cerca de nove meses atrás. Os parentes o viram pela última vez durante o velório da esposa e chegaram notícias a eles de que o velho foi visto em São Paulo, dias depois. E como esses, havia muitos outros cartazes curiosos. Um padre mineiro, uma mulher do sul de Goiás, um condenado foragido da penitenciária de Salvador e até um mendigo com parentes no interior do Mato Grosso. Todos tinham suas imagens expostas no saguão do maior terminal rodoviário da América do Sul.

Então, um dos cartazes chamou sua atenção. Fixava-se bem no canto do mural, encoberto por outros dois menores. Parecia antigo, pois estava rasgado e impresso em tons de preto e branco. Trazia a imagem de um homem jovem, com trinta e poucos anos, cabelos lisos e escovados para trás. A expressão era séria, quase agressiva. O rosto era liso e magro, os olhos eram pequenos e a pele morena. Sob o retrato havia um curto texto.

Procurado: Emanuel Seixas. Recompensa...

É ele. O líder da Liberdade Verde. O suposto o inimigo número um do país. A figura que, segundo Mayra, chefiava uma falsa sociedade secreta. Mas quem era

aquele sujeito então? De quem era aquela imagem? Alguém tinha rasgado a parte relativa ao valor do prêmio, e possivelmente o motivo da procura, mas o nome continuava bastante visível.

— E aí, *jovem!* — um sussurro interrompeu seus pensamentos. Era uma voz rouca e falha.

Pedro se assustou. Não percebeu a chegada do estranho, agora parado ao lado. Era um homem alto e magro usando chinelos de dedo, camisa branca furada, jaqueta e calças jeans surradas. O cabelo era curto e despenteado, e a barba era rala e malfeita. Mas o que chamava mesmo a atenção eram os olhos avermelhados, o esquerdo mais fechado do que o direito. Era como se a pálpebra não respondesse a seus comandos, o que dava ao estranho uma aparência bizarra.

— Tem um cigarro aí?

— Não. Eu não fumo — Pedro estava apreensivo. O sujeito parecia drogado.

— *Há, que isso!* Arruma um cigarro aí.

— Não tenho.

— Hum. Você não é daqui é, garoto? Dá para ver pelo seu jeito de falar.

O rapaz deu um passo para trás em direção às malas.

— Por que está recuando? — o homem pareceu ofendido.

Ele não respondeu. Apenas recuou outro passo e olhou ao redor, procurando por mais alguém, mas ninguém passava no momento.

— É o seguinte — o sujeito se aproximou. Parecia ter dificuldades em movimentar uma das pernas, mas isso não o impediu de andar agilmente. — Estou precisando de dinheiro para voltar para minha terra. Tenho uma mãe muito doente, sabe? Será que você pode me emprestar algum?

— Lamento, mas não tenho nada — Pedro ficou sem reação.

— Que isso, jovem! Um pouquinho só não vai fazer falta...

— Ele já disse que não tem — uma voz firme emergiu atrás do estranho. Mayra havia retornado e surpreendido aos dois.

— *Hum...* Que gracinha! — ele debochou, com um sorriso torto.

— É melhor você ir embora — a mulher usou de uma firmeza que deixou Pedro preocupado.

— Cuidado, moça — o homem mudou repentinamente de comportamento. Colocou a mão direita no bolso da jaqueta e retirou algo. O jovem ouviu o som fraco e agudo, e uma pequena lâmina brilhante surgiu nas mãos do marginal. — Vai acabar se machucando.

— Vá embora — ela olhou para o rapaz.

— *Já chega! Passa a grana. Vocês dois* — o tom do estranho revelava nervosismo.

O que aconteceu na sequência foi muito rápido. O sujeito se projetou na

direção de Pedro com a faca, talvez achando que ele era ameaça maior do que a bela mulher de traços delicados. Mas esse foi seu grande erro, pois com um movimento ágil, Mayra usou a mão esquerda para segurar o braço armado do agressor. O homem tentou se desvencilhar, mas já era tarde, porque sua faca caiu no chão, a três metros do local. Com outro gesto veloz, a mulher torceu o pulso do bandido, e pressionou algo contra a mão do infeliz, que desabou de joelhos, gemendo de dor. Da mão direita dela, pendia o cordão negro que usava no pescoço.

— *Preste atenção!* — disse ela, com a expressão totalmente diferente do que Pedro conhecia até então. Havia brilho de fúria em seus olhos e as feições estavam tensas. — Dessa vez não vou quebrar a sua mão. Mas daqui a uma hora passarei aqui de novo. E prometo que, se o vir mais uma vez, não serei tão gentil. *Entendeu?*

O homem não respondeu de imediato. Babava pelo canto da boca e segurava-se para não urrar de dor. Mas não suportou muito tempo e se viu obrigado a acenar com a cabeça. Por fim, Mayra o soltou, mas ele ainda permaneceu no chão de joelhos, pressionando o estômago. Pedro sabia que a dor era forte, pois tinha sentido o mesmo.

— Venha... — ela disse ao jovem, colocando o pingente de volta ao pescoço. — Vamos embora.

O rapaz ficou tão chocado com a atitude da mulher que a seguiu em completo silêncio. Apenas quando ela parou em frente a uma grande quantidade de armários metálicos, no setor de guarda-volumes, foi que voltou a si.

— Como fez aquilo?

— O quê?

— Desarmar aquele sujeito. Você acabou com ele.

— *Isso...?* Defesa pessoal — Mayra usou uma pequena chave para abrir o cadeado da gaveta número 117.

— E onde foi que aprendeu?

— Por aí... Agora, preste atenção. Você nunca deve reagir em casos como esse. Só fiz aquilo porque foi necessário. Entendeu?

Pedro apenas acenou com a cabeça. Ela ainda parecia um pouco agitada e suas palavras estavam cheias de agressividade. Guardou a própria bagagem dentro do armário e depois colocou a mala e a mochila do rapaz.

— Por que está guardando nossas coisas aí?

— Esse não é o ponto final da viagem. É só uma parada rápida. Essa noite mesmo, nós as pegaremos de volta.

— Então, vamos pegar outro ônibus?

— Sim. Sei que está cansado, Pedro, mas lamento dizer que estamos somente

na metade do caminho até sua nova casa.

— E para onde vamos?

— Você faz muitas perguntas. Precisa aprender a controlar a curiosidade. Logo saberá. Por ora é melhor almoçarmos. Deve estar com fome.

E estava mesmo. Seguiram então para uma grande área da rodoviária, lugar em que ficavam várias lanchonetes e restaurantes. Já era mais de meio-dia e bastante gente infestava o local. Mayra parecia incomodada. Seus olhos vigilantes varriam constantemente os arredores, mas o rapaz não sabia pelo que ela procurava. Depois de comerem, cruzaram o saguão onde o estranho assaltante os abordou, mas não havia sinal dele agora.

Os dois retornaram ao guarda-volumes para pegar roupas limpas e pagaram por banhos nos lavatórios do terminal. Pedro então se sentiu renovado e pronto para uma nova jornada. Depois disso, caminharam até o outro extremo da rodoviária e se sentaram em bancos próximos à saída do metrô. Alguém tinha deixado jornais sobre um dos assentos. Eram daquele mesmo dia, segundo a mulher.

— Você disse que havia uma pessoa aqui em São Paulo capaz de responder a minha dúvida.

— Sim...

— E onde ela está? Se é que posso perguntar?

— Vamos encontrá-la, não se preocupe! Ainda temos tempo.

— Certo... Mas e agora? O que faremos?

— Esperar.

— E pelo quê?

— Pelo início da noite.

* * *

Mayra manteve o foco no jornal durante quase todo o passar da tarde, lendo cada página com atenção. Ela quebrou o silêncio apenas ao comentar a notícia de que, de acordo com o governo, mais de cem mil adolescentes tinham comparecido aos postos de alistamento do país no dia anterior. Número, segundo ela, alto demais para ser verdade, mesmo com as massivas propagandas pró-engajamento. Também a quantidade de deserções e dispensas havia sido a menor dos últimos anos, inferior a um por cento.

— As campanhas estão funcionando — comentou ela sarcasticamente.

Mayra não era o tipo de pessoa que gostava muito de conversas e, por isso, Pedro passou a maior parte do tempo sentado e em silêncio, observando os transeuntes. Vez ou outra, a ferida em sua mão latejava levemente, mas agora já

começava cicatrizar e nem parecia tão ruim. Ele já beirava o limite da impaciência quando, por volta das cinco e meia da tarde, Mayra se levantou. Caminharam em direção à entrada do metrô e, após transporem as catracas, subiram a longa escadaria com destino ao piso superior. Lá, havia dois pares de trilhos enormes que cruzavam toda a extensão do terminal. Aquela parecia ser a hora em que a estação ficava mais cheia, pois era o início do fim do dia na grande metrópole.

Andar de metrô em São Paulo não foi a melhor experiência na vida do rapaz. Ele estava bem acostumado ao ônibus lotado que fazia a ligação entre Brasília e Taguatinga todos os dias, mas isso agora era muitas vezes pior. Nunca imaginou que pudesse caber tanta gente assim no mesmo lugar. Felizmente a viagem durou poucas estações e eles desceram em algum ponto bem no centro da cidade. Em seguida, tomaram um ônibus alguns quarteirões à frente. Durante quase uma hora, o veículo trafegou através da capital. Pedro ficou admirando a grandiosidade da metrópole, com os imensos prédios, as largas vias e os inúmeros habitantes. E por todo o tempo, Mayra continuou muda. Cada minuto de silêncio dela o deixava mais bloqueado para fazer qualquer pergunta. Após deixar uma grande avenida, o ônibus deu várias voltas por entre bairros residenciais de classe média, onde o trânsito era relativamente melhor. São Paulo parecia uma cidade sem limites.

— Vamos descer no próximo — Mayra se levantou e pressionou o sinal de parada.

Desceram do veículo e Pedro logo percebeu que estavam em um lugar muito estranho. A noite havia caído e, diante deles, erguia-se uma ladeira bastante íngreme. Qualquer carro provavelmente teria dificuldades em subir a rua. Um ônibus nem tentaria. Iniciaram então a subida. Alguns minutos de caminhada começaram a revelar o bairro pobre, cheio de casas velhas e barracos inacabados. O lugar parecia bem pior do que onde Pedro morava, frio, triste e sombrio. Algumas pessoas os encaravam das portas de suas humildes residências. *Não devíamos ter vindo até aqui.* Ele sentia-se desconfortável, mas Mayra não demonstrava ligar. Ela olhava em volta, mais preocupada em encontrar o caminho certo.

— *É aqui!* — disse. — Finalmente.

Ele achou estranho, pois pararam na parte mais íngreme da elevação, em frente a um muro mal rebocado de cimento, pichado e caindo aos pedaços. Era um casebre pobre, pouco elevado acima do nível da rua e localizado na esquina com a quinta viela a partir do pé da ladeira. Onde um dia existiu um portão de entrada, havia uma grande chapa retangular de madeira marrom-escura obstruindo a passagem.

— Que lugar é esse? — começava a se arrepender de ter vindo.

Mayra começou a empurrar a tábua para dentro. Ouviram então o som de alguma coisa pesada se arrastando atrás da barreira. Depois de abrir uma pequena fresta, ela entrou na frente e Pedro logo a seguiu. Um tambor metálico enferrujado escorava a porta improvisada. Essa, por sua vez, era na verdade uma mesa maciça, deitada de lado e com uma das pernas quebradas. A mulher tapou novamente a passagem.

Agora estavam na parte dianteira da casa simples, bastante deteriorada e construída quase dois metros abaixo do nível da rua. Logo na frente havia um recorte retangular na parede, bloqueado com tijolos e cimento. Parecia que ali, um dia, existiu uma grande janela voltada para a impressionante vista da cidade. Uma escada de pedra ardósia levava até a porta principal, também feita em madeira maciça. Ainda na fachada, ficava uma janela menor, cujos espaços dos vidros estavam obstruídos por algum tipo de papelão ou plástico preto, e era impossível enxergar dentro da habitação. No pequeno alpendre havia a maior parte de um armário velho, todo destruído, que bloqueava a luz proveniente dos postes na rua. Um fogão antigo de quatro bocas jazia jogado no chão ao lado. Mayra parecia impressionada com a cena.

— Devo avisá-lo, Pedro — ela olhava com expressão séria. — Isso pode ser um pouco chocante.

Tanto bastou para que o desconforto do jovem se transformasse em receio. Seu coração acelerou e as mãos começaram a suar, mas ele não disse nada. Apenas observou quando a mulher deu três batidas firmes na porta. Nenhuma resposta. Ela então bateu novamente e, mais uma vez, silêncio absoluto. Depois encostou a orelha na madeira e, por fim, bateu uma terceira vez.

De repente, foi possível escutar alguns ruídos vindos do interior da casa. O leve som do estalar de uma tranca antecedeu a abertura da porta. Tudo o que conseguiram ver através da pequena fresta foi a corrente de metal esticada, bloqueando o abrimento total da entrada. De resto, a escuridão era completa.

— Quem está aí? — proferiu a voz fraca, lenta e grave.

— Sou eu, Mayra.

— Mayra...? Que Mayra?

— Você sabe quem sou. Deixe-me entrar, *Sapiranga*.

A voz se calou durante alguns instantes, enquanto a mulher mantinha-se impassível diante da porta. — O que quer aqui?

— Preciso de uma consulta.

— Não faço mais consultas.

— Por favor. Vim de muito longe para isso.

— Lamento, mas perdi minha habilidade. Não posso mais ajudar.

— Sei que isso é mentira — Mayra aproximou-se. — Por favor, me deixe entrar.

— *Vá embora!* — ordenou, antes que a porta começasse a se fechar.

— Tenho dinheiro — a mulher usou um tom de urgência.

— Isso não me serve para nada.

A entrada se fechou.

— Foi *Aratama* quem me pediu para vir — disse ela.

Novamente fez-se um breve silêncio, mas de súbito um leve som de metal ecoou pelo ar e a porta então se abriu, dessa vez sem a corrente que a prendia. Não houve nenhum convite verbal de entrada. Mayra deu uma rápida olhada para Pedro, antes de se perder na escuridão do recinto. *Definitivamente eu não deveria estar aqui.* Respirou fundo e foi logo em seguida.

— Tem um interruptor perto da porta, na direita — disse a voz misteriosa.

Foi o rapaz quem achou a chave e, após pressioná-la, uma luz fraca e amarelada revelou o lugar bizarro. Era uma casa pequena, com o cômodo principal lembrando uma sala. Só lembrava mesmo, porque era toda suja e bagunçada, cheia de jornais, revistas e caixas de papelão espalhadas pelo chão. As paredes tinham manchas de infiltração enormes e um cheiro horrível de mofo e fezes empestava o ambiente. Havia ainda uma porta ao fundo, direcionando para outro aposento. Mas o que mais chamou a atenção do jovem foi a figura do homem sentado em uma cadeira, em um dos cantos da sala.

Era um sujeito muito magro. O rosto comprido era esguio e os ossos das mãos e dos pés descalços eram visíveis atrás da pele. Essa, por sua vez, era pálida, o que dava ao estranho uma impressão cadavérica. Usava camisa e calças surradas e rasgadas. As unhas compridas estavam sujas. Mas sua maior peculiaridade era, sem dúvida, a faixa de pano preta enrolada em volta da cabeça, que lhe tapava os olhos e prendia os longos cabelos castanhos e maltratados. Por causa disso, era difícil dizer com certeza, mas ele não parecia ter mais do que cinquenta anos.

— Oi, *Nelson* — disse Mayra.

— Olá... — o homem estava cabisbaixo e quase não se moveu depois do acender das luzes. Mas suas feições ficaram contorcidas e a voz mais arrastada.

— É bom te ver de novo — continuou ela.

— Queria poder dizer o mesmo — havia mistura de sarcasmo e tristeza na forma como o estranho falava. Após uma breve pausa, ele seguiu. — Tem alguém aí com você. Quem é?

— É um rapaz. O nome dele é Pedro. Gostaria que o lesse para mim.

— Outro possuído?

— É o que quero descobrir.

O homem emitiu uma gargalhada fraca e sinistra, que provocou calafrios no

jovem.

— Como vai, Pedro? — o estranho continuava imóvel, mirando o chão, mas com a orelha esquerda apontada na direção dos visitantes.

— Bem — ele mentiu. Estava morrendo de medo.

— Hum... Que voz grave. Quantos anos têm, meu jovem?

— Dezesete.

— *Dezesete?* Um pouco velho, não?

— Ele só foi descoberto agora — disse a mulher. — É por isso que precisamos da consulta.

— E como é a tatuagem dele?

— Ele não tem nenhuma — respondeu Mayra, deixando Pedro surpreso. Chico deve tê-la passado tal informação.

— *Não?* Tem certeza de que esse jovem é um...

— Foi por isso que Aratama nos mandou. Esperamos que tire essa dúvida.

— Hum... E como vai aquele velho safado?

— Bem, na medida do possível. Ele me pediu para ver como você estava.

— A consciência dele deve estar bem pesada...

— Sabe que ele não pode vir aqui, mas sempre se preocupa muito com você.

Nelson deu de ombros. — Bom... Diga a ele para não se preocupar mais. Já estou morto mesmo... Nada de pior pode me acontecer.

— O que quer dizer?

— E o que mais isso pode querer dizer? Não reconhece um defunto quando vê um?

Mayra pareceu ter ficado meio atônita com a resposta do homem, pois durante algum tempo ela o observou friamente.

— Você não está morto — contestou ela.

— Estou sim. E você também. Todos os outros malditos possuídos estão. Só não sabem disso...

— Parou de tomar os remédios? — Mayra quis saber.

— Isso é só para os vivos.

— Você está muito magro. Há quanto tempo não se alimenta?

— Já nem me lembro — o homem esboçou outro sorriso. Pedro viu o conjunto de dentes amarelados e sujos. Faltavam pelo menos dois na parte inferior. — Meu cérebro está parando de funcionar.

— Você precisa de ajuda, Nelson.

— Se veio aqui para isso, já pode ir embora.

— Não vai nem olhar o garoto?

— Por acaso não ouviu nada do que eu disse? Estou *morto*. Minhas habilidades desapareceram. Meus olhos estão se decompondo aos poucos. À

noite, quando vou para a cama, sinto os vermes passeando por dentro deles.

— Ah é? Se perdeu os poderes, então por que essa venda? Por que as luzes apagadas e as janelas bloqueadas?

— A luz ainda incomoda um pouco — resmungou.

— Por favor, Nelson. Tente. Aratama precisa dele.

Todos ficaram quietos por alguns instantes. A estranha figura, raquítica e maltrapilha, pareceu considerar. — Está certo. Vou dar uma olhada nele. Tem outra cadeira por aí, garoto — o homem balançou o braço magro. — Sente-se aqui diante de mim.

Pedro olhou relutante para Mayra. A mulher estava tranquila agora e seu olhar firme e inexpressivo parecia endossar o pedido de Nelson. Lentamente, buscando passagem entre as pilhas de coisas no chão, o jovem pegou a cadeira, que lembrava muito o estilo da mesa vista lá fora. E colocando-a diante do estranho, sentou-se. Estavam a menos de dois metros agora.

— Terei que pedir que saia, minha querida — o tom do morador foi mais alto do que o normal. — Sabe que o seu brilho radiante ofusca os meus olhos — completou com um leve sorriso de sarcasmo.

Mayra caminhou lentamente até a saída, sob o olhar apreensivo do jovem.

— Isso não irá demorar — disse ela.

— Apague a luz e feche a porta quando sair — resmungou o morador.

As trevas voltaram a tomar conta do recinto. Pedro agora estava mais tenso do que nunca. — O que vai acontecer?

— Não se preocupe, garoto. Você não sentirá nada, garanto — a voz era mais grave e sinistra no escuro.

Pedro não tinha ideia do que iria ocorrer. Seria o estranho um possuído? Será que ele era mesmo um cadáver ambulante, como dizia ser? *Maldição, caí numa armadilha*. Só agora começava a se dar conta disso. Mayra o conduzira até a toca escura de uma criatura das sombras que odiava luz e que, no momento, tinha uma presa indefesa nas mãos. *Como pude ser tão inocente*.

— Bem... Leva tempo até meus olhos se acostumarem — a voz grave interrompeu seus pensamentos. — E então, meu jovem. De onde você é?

— Taguatinga... — ele gaguejou.

— E onde fica isso?

— Perto de Brasília.

Mais alguns instantes de silêncio se seguiram. O coração do rapaz acelerou quando ouviu sons do homem se ajeitando levemente na cadeira.

— Conhece Aratama? — Nelson perguntou.

— Não, senhor.

— Ah, que pena! Queria tanto saber onde ele está. Ela nunca me diz.

— Quem é esse tal de Aratama?

— É só um velho. O mais velho de todos. Chamam-no de *o Primeiro Possuído*.

— E quem é você? — Pedro tomou coragem para perguntar.

— Eu...? Sou o terceiro, eu acho — segundos de silêncio pairaram sobre a casa e, antes que o jovem continuasse o interrogatório, o homem falou. — *Ah, sim*. Agora posso vê-lo claramente. Você poderia prender os cabelos para que eu possa olhar melhor o seu rosto?

A escuridão era total e Pedro não podia ver a própria mão diante da face. *Como ele conseguirá me enxergar nesse breu*. Atendendo à solicitação, retirou um elástico do bolso e amarrou a cabeleira em um rabo-de-cavalo.

— Agora, fique parado.

A ansiedade do jovem atingiu o ponto máximo. Perguntou o que acontecia, mas o sujeito repreendeu-o com um silvo, um pedido de silêncio. Durante cinco minutos ou mais, permaneceu sentado na cadeira, com o peso da respiração comprimindo-lhe o peito. Os únicos sons que ouvia foram os de gotas de água caindo de uma pia em outro cômodo. Já tinha se habituado aos odores ruins da casa.

De súbito, o homem se levantou e caminhou lentamente ao redor dele. Seu coração gelou. Os ruídos dos passos se afastaram e, de repente, a luz da sala se acendeu. E apesar de fraco, o brilho foi intenso o suficiente para incomodar seus olhos por alguns segundos. Já Nelson pareceu sentir mais o efeito ofuscante da luz, mesmo usando a venda negra. Mayra, por sua vez, deve ter ficado esperando atrás da porta, pois ela logo abriu e entrou.

— E então? — ela perguntou.

— Ele vai sobreviver.

O homem caminhou em direção à cadeira onde estava sentado. Andava levemente curvado e tateava as pilhas de entulho no chão com os pés.

— O que você viu?

— Nada — ele se sentou.

Ela franziu o cenho. — Como assim, nada?

— Nada. Eu disse... Meus poderes me abandonaram.

— Isso não é possível — Mayra ficou indignada. — Você pode me ver, não pode? Pediu para eu esperar lá fora.

— Bem. Você sempre foi mais... digamos... *forte*.

— Mas você nunca falhou antes.

— Falhei sim. Foi uma única vez, mas falhei. E você estava lá. Não se lembra?

— Aquilo era diferente.

— Claro... — o sujeito suspirou. — Bem... Tenho apenas duas teorias para você. A primeira é que meus olhos realmente estão menos sensíveis, como disse. E a segunda é que talvez esse jovem não seja o que esperam. Você escolhe...

— Não creio em nenhuma delas — a mulher tentava controlar o tom de voz.

— Não me importa em que crê. Lamento por não ter podido ajudar. Mandem minhas últimas lembranças ao velho. Agora, por favor, vão embora. E se querem mais um conselho, *não voltem!* Estão se arriscando sem necessidade. Você, mais do que ninguém, sabe que não me colocaram neste buraco apenas para se livrarem de mim. Vez ou outra, aparece gente aqui fazendo perguntas sobre certas pessoas que conhecemos bem.

Mayra ficou encarando o sujeito por um tempo com raiva no olhar. Já Nelson permaneceu quieto, com a cabeça baixa. Ela então retirou alguma coisa do bolso de trás da calça e estendeu a ele.

— Aqui está o dinheiro que prometi.

— Já disse que não preciso disso.

— Por favor, aceite. Foi Aratama quem mandou — ela manteve a mão firme estendida.

— Deixe em qualquer lugar... Já tem muitos papéis jogados por aí mesmo. Alguns a mais ou a menos não fazem diferença.

Mayra colocou o pequeno maço com as notas de alto valor em cima da cadeira onde Pedro estivera sentado, mas não disse nada ao sujeito.

— Vamos, Pedro. Vamos embora.

O jovem respirou aliviado, e não se despediu do estranho antes de cruzar a porta atrás da mulher. Mas sem que Nelson pedisse, apagou a luz e fechou a entrada. Ele e Mayra atravessaram de novo o portão improvisado e o serraram outra vez. Estavam uma vez mais na rua escura e inclinada do bairro afastado na capital de São Paulo. E apesar de parecer um lugar estranho, o jovem se sentia bem mais à vontade agora do que dentro da casa de Nelson.

— Mayra, quem é aquele homem?

— Um doido varrido — ela respondeu secamente.

— Ele também é um possuído?

— Sim...

— Mas o que significa tudo isso?

— Não sei — ela obviamente não tinha desejo de conversar. Começou a caminhar rua abaixo, deixando Pedro para trás.

— E agora? Se não sou um possuído, vai me levar de volta para Brasília?

A mulher parou e olhou fundo em seus olhos. Pareceu que ia dizer alguma coisa, mas depois se virou e continuou andando.

Capítulo 5

Dr. Paulista

Pedro caminhava através de um longo corredor todo iluminado. Dos dois lados havia prateleiras cheias de mantimentos e outros produtos. O lugar era bastante familiar. Tratava-se do supermercado onde trabalhava, mas a organização parecia um pouco diferente agora. O estabelecimento era maior do que costumava se lembrar, mas não havia dúvidas quanto a sua localização. Então, andou na direção dos fundos da loja.

A sala de seu chefe, no segundo andar do pavimento, estava às escuras. De repente, ouviu risos provenientes do pequeno corredor onde ficavam os vestiários e a cozinha. Curioso, foi até lá para ver do que se tratava. As risadas continuavam e pareciam vir de trás do portão de ferro que protegia os fundos do estabelecimento, na parte em que faziam as descargas de produtos. Ao se aproximar, percebeu, em meio a sons de risos, uma discreta conversa entre duas pessoas. Escutou atentamente e reconheceu as vozes dialogando atrás da porta.

— Ele já virou meu amigo — era Marquinhos. — Vem até aqui quase todos os dias.

— Que bicho mais feio! — disse Rose, a garota do caixa, com seu tom delicado.

Pedro levou a mão direita à maçaneta e, com facilidade maior do que o normal, abriu-a. Via-se agora diante de um ambiente escuro e abafado.

— Marquinhos? — chamou, mas não obteve resposta. *Deve estar com raiva de mim ainda.*

Deu então alguns passos para fora do supermercado até perceber que não estava no pátio de manobras de caminhões que esperava encontrar. Aquele era um lugar muito estranho. O chão era liso e acinzentado, coberto aqui e ali por pequenos montes de lixo espalhados. Já o teto era baixo e tão escuro quanto o céu de uma madrugada sem lua. Havia goteiras por todos os lados, mas a água não se espalhava pelo piso, desaparecendo através dele como se esse fosse uma esponja. Mas estranho mesmo era a ausência de paredes ao redor. A única coisa que impunha limites ao recinto, ao menos visualmente, era a névoa branca que se alastrava em todas as direções.

Olhando mais à frente, Pedro viu algo diferente no meio da penumbra sinistra que o envolvia. Parecia o vulto de uma pessoa pequena, difícil dizer se era uma criança de pé ou um adulto ajoelhado no chão. À distância, a névoa não permitia fazer tal distinção. Sentiu-se estranhamente atraído pela figura obscura e, de

maneira quase involuntária, começou a caminhar na direção dela. À medida que se aproximava, duas coisas estranhas aconteciam simultaneamente. A primeira era que a silhueta disforme parecia ficar menor e menos definida, como fumaça negra se contraindo para o chão, em vez de espalhar-se pelo ar. A segunda era que as costas de sua mão direita, sem nenhum tipo de ferimento ou cicatriz, começavam a doer de maneira mais intensa.

Chegou a menos de dois metros da estranha criatura e, ainda sim, não conseguiu dizer com certeza do que se tratava. De repente, a fumaça tomou forma e um grande par de asas negras se abriu em ampla envergadura. Olhos vermelhos e sinistros contemplaram-no durante alguns milésimos de segundo, antes que a enorme cabeça enrugada e equipada com um bico afiado avançasse sobre ele. O rapaz soltou um grito de horror e caiu de cócoras no chão. Não teve forças para se levantar, apesar de querer fugir o mais rápido possível. E então, tudo ficou claro.

Pedro continuava sentado, agora não no solo, mas em uma confortável poltrona. Sentia um pouco de frio, mas mesmo assim uma quantidade anormal de suor escorria-lhe pelo rosto. Encontrava-se uma vez mais dentro de um ônibus de viagens interestaduais. O veículo estava parado, e não havia nenhum passageiro nos bancos visíveis daquele ponto. Até Mayra tinha sumido. Que sonho mais estranho, ele pensou. Mas foi tão real. E nem tudo fora fruto de sua imaginação. O dorso de sua mão destra, agora com a cicatriz já quase curada, estava inchado, enrubescido e a dor tornava a incomodá-lo.

Durante um breve momento, não se lembrou de onde estava e nem mesmo de como havia chegado até ali. Aos poucos, porém, sua memória voltava a lhe servir. Ele e Mayra deixaram a casa de Nelson no bairro pobre e distante da capital de São Paulo. Pegaram um táxi na volta para a rodoviária, porque a mulher tinha medo de que não conseguissem chegar a tempo de tomar o outro ônibus. Retiraram as malas do guarda-volumes e então seguiram correndo até outra plataforma de embarque, onde subiram em um imenso veículo branco com destino à *Belo Horizonte*, capital de Minas Gerais.

Ao olhar através da janela, Pedro viu o grande terminal rodoviário, com uma área extensa na qual haviam vários ônibus estacionados. O céu ainda estava escuro e uma névoa, menos densa do que a do seu sonho, cobria toda a paisagem ao redor. Viu sua companheira de viagem logo em frente a uma loja de lembranças. Mayra falava em um telefone público, enquanto outras pessoas esperavam em fila para usar o aparelho. Ela retornou minutos depois, trazendo uma garrafa de água e um pacote de papel engordurado.

— Bom dia — sentou-se ao lado de Pedro. — Como se sente?

— Bem — mentiu. — Só estou com um pouco de frio.

— Está com febre. Sente alguma dor?
— Minha mão está latejando.
— Está inchada — Mayra olhava o ferimento. — Deve ter infeccionado.
— Onde estamos?
— Na cidade de Oliveira, em Minas. Faltam poucas horas para chegarmos à Belo Horizonte.
— E para quem você estava ligando?
— Para um amigo. Ele vai nos receber na rodoviária — ela acomodou-se melhor no assento. — E então? Está com fome? Trouxe salgados. Tem sede?
— Não, obrigado. Não quero nada.
— Devia comer alguma coisa. Está muito pálido.
— Não tenho fome.
Mayra não insistiu mais. Apenas inclinou a poltrona e ali esperou até as pessoas começarem a retornar ao veículo. O motorista logo ligou o motor e o ônibus partiu novamente para a estrada. Pedro recostou a cabeça sobre o banco, sentindo-se meio tonto e sonolento. A má impressão causada pelo estranho pesadelo começou a se dissipar aos poucos. O som da viagem também foi caindo de volume. Ele então pegou no sono de novo.

* * *

Quando acordou, já era dia claro. Pedro ainda estava dentro do ônibus em movimento e o veículo agora trafegava em uma longa avenida, margeada por pequenos prédios, comerciais em sua maioria. Grandes carretas trafegando a baixas velocidades obstruíam as faixas laterais da estrada, onde coletivos municipais vermelhos, verdes e azuis tentavam pegar novos passageiros. Um deles trazia como destino no letreiro luminoso "Belo Horizonte".

— Já chegamos?
— Quase — Mayra esticava os braços. — Creio que mais uns vinte minutos.
Em pouco menos de meia hora, tempo que pareceu uma eternidade para Pedro, eles enfim atingiram o centro da capital mineira. Sua primeira impressão foi a de que aquele não era um lugar tão grande e populoso como Brasília ou São Paulo, mas o céu, sem dúvida, parecia bem mais claro e o clima, um pouco mais agradável. Porém, ele ainda sentia frio e uma sensação de mal-estar, talvez provocada pela febre, havia recaído sobre o seu corpo.

Enfim o ônibus contornou a grande avenida paralela a uma linha de metrô e, após passar por baixo de um viaduto, chegou às portas do terminal rodoviário. Era manhã de domingo e o movimento parecia tranquilo. O veículo desceu a rampa da entrada principal e manobrou em uma das plataformas de desembarque

no subsolo da estação. Mayra olhava através da janela como se procurasse por alguém. E quando o carro finalmente parou, ela retirou a mochila de Pedro do bagageiro na parte superior e ambos desceram. As pernas do jovem calejadas pela câimbra pareciam fracas, como se há dias ele não comesse nada, e as vértebras da coluna estalavam ao menor movimento.

Depois de pegarem as malas, começaram a caminhar pelo saguão principal em frente a outras plataformas, e não demorou muito até que uma pessoa viesse recepcioná-los. Era um homem claro e magro que, antes de avistar a mulher, andava de um lado a outro. Trazia nas mãos um cigarro aceso, atirado ao solo tão logo começou a caminhar na direção dos viajantes. Mayra não correu, mas quando estava próxima ao sujeito, largou a própria mala no chão e os dois se abraçaram rápida e calorosamente. Depois disso, Pedro teve a impressão de que ele tentou beijá-la, porém ela desviou o rosto e se afastou.

— Glauber, esse é o Pedro, o rapaz de quem falei — disse ela, meio constrangida. — Pedro, *Doutor Glauber Paulista*. Um amigo meu.

Glauber era um homem jovem e de boa aparência. Provavelmente tinha pouco mais de quarenta anos de idade, mas podia ter menos. Talvez fosse o estilo das roupas que lhe davam um ar jovial. Vestia calças jeans pretas, camisa social de mangas compridas e tênis brancos. Os cabelos, negros e lisos, exibiam um corte moderno, com as costeletas levemente maiores do que o normal, mas sem exageros. Seu rosto era liso, de barba feita, e os olhos eram escuros como os do rapaz. Era um pouco mais alto do que Mayra e Pedro, e sua postura ereta era bastante imponente. Não era do tipo atleta, com ombros largos e braços fortes, mas também não era magro a ponto de o tacharem de fraco.

— Oi. Como vai? — primeiro ele estendeu a mão direita, mas trocou ao ver que o rapaz preferiu usar a outra. Sua voz era grave e cheia de energia, e apesar de envolto em uma cortina de colônia masculina, dava para sentir o hálito desagradável de cigarro. Estava tão perfumado que o seu cheiro ficou impregnado na mão esquerda do jovem após se cumprimentarem.

— Prazer em conhecê-lo — Pedro respondeu.

— Você parece pálido. Está tudo bem?

— Ele está ferido — Mayra estendeu a mão destra do rapaz.

— O que foi isso? — Paulista olhou espantado o ferimento.

— Foi a Bárbara.

Ao que pareceu, o homem conhecia bem o significado daquele nome, porque depois de olhar para a mulher de maneira reprovadora, começou a examinar a mão de Pedro. Apertou a região em torno do machucado. — Dói?

— Sim.

O médico então pousou a mão leve e fria sobre a testa do rapaz. — Essa febre

é sinal de infecção — diagnosticou.

— Você acha mais prudente levá-lo ao hospital?

— Não. Não está tão grave assim. Melhor irmos para minha casa. Vamos — Paulista pegou a mala de Mayra do chão e conduziu-os em direção aos degraus que levavam até o nível superior da velha rodoviária.

Depois de subir dois lances de escada, Pedro sentiu-se um pouco tonto, mas melhorou logo após alguns segundos. Estava agora ao ar livre e, sob o brilho e calor intensos do sol da manhã, contemplou o céu azul e sem nuvens. Caminharam através do estacionamento até se aproximarem de um carro preto. E não era preciso entender muito de automóveis para perceber que aquele era um modelo importado e caríssimo. Tinha quatro portas, pneus de aro grande e pintura metálica. O bagageiro era enorme e o interior era espaçoso e luxuoso, com bancos de couro e painel computadorizado.

Pedro sentou-se na parte traseira. Os três deixaram a rodoviária e logo já estavam em meio ao trânsito intenso e barulhento do centro da capital. Paulista e Mayra economizavam palavras e, quando conversavam, falavam apenas de coisas banais como o tempo e a mudança no sentido de algumas ruas. O homem dirigiu por uma longa avenida que parecia levar à parte mais elevada da cidade. E depois de contornarem uma praça e passarem por cima de um pequeno viaduto, Pedro teve uma visão ampla de Belo Horizonte. Foi uma sensação estranha. Constatar que estava cercado por cadeias de montanhas em todas as direções, como se o local fosse uma grande ilha isolada de concreto, trazia um sentimento de limitação, de finitude. Ali era, sem dúvida, um lugar bem diferente de Brasília, onde tudo era plano e poucos obstáculos encobriam a tênue linha divisória entre o céu e a terra. Mas apesar disso era uma bela paisagem, e não era difícil compreender porque a capital de Minas levava aquele nome.

A subida da avenida, entretanto, foi puramente ilusória, pois logo o carro começou a descer por uma ladeira bastante íngreme. Em breve, Pedro viria a descobrir que Belo Horizonte era diferente de Brasília, não apenas pelas cadeias montanhosas à volta, mas também pela irregularidade da topografia. Não levou muito tempo até atingirem as imediações de um bairro residencial e, por fim, à fachada de um grande condomínio, com um prédio largo, de altura superior a dez andares.

Paulista abriu o portão eletrônico, fez sinal para o porteiro na guarita de entrada e manobrou dentro da garagem no subsolo do edifício. O lugar estava cheio de carros, muitos deles tão ou mais luxuosos do que o do médico. Em silêncio eles pegaram as malas e caminharam até o elevador. Subiram até o sétimo andar e seguiram através do estreito corredor até a entrada de número 702. Parecia haver apenas dois apartamentos por piso. Paulista abriu a porta e

logo uma criatura pequena correu para recepcioná-lo. Era um gato peludo, de cor marrom-clara e olhos escuros.

— Já voltei, *Pitico* — o homem colocou o felino no colo. — Olha quem está aqui — exclamou, apontando o bichano na direção dos visitantes.

O animal, porém, não gostou muito do que viu e contorceu a face, mostrando os dentes afiados e eriçando os fios do bigode. Pulou dos braços do dono e, arrepiado, correu para dentro do apartamento.

— Você sabe que ele não gosta de mim e que eu detesto gatos — disse Mayra, em tom sério. — Por que insiste nisso?

O homem não respondeu, mas fez cara de deboche antes de todos entrarem.

Claro que, após ter visto o carro de Paulista, Pedro não esperava que seu apartamento fosse um lugar simples. A sala principal era enorme. Tinha um grande tapete verde no centro e um sofá de canto, cheio de almofadas, com mais de quatro metros ao todo. Havia também uma estante contendo diversos aparelhos de áudio e vídeo, conectados à maior e mais fina televisão que ele já viu. Na parede, uma janela ampla estava coberta por cortinas claras de seda. O homem abriu-as assim que chegou, mas outros prédios obstruíam boa parte da vista.

— Fiquem à vontade. Eu já volto.

Retornou logo em seguida trazendo um estetoscópio em volta do pescoço, um medidor de pressão arterial e uma maleta de plástico branca. Dela, retirou um termômetro digital e sentou-se no sofá ao lado de Pedro. Pediu-lhe que levantasse a camisa e colocasse o aparelho debaixo do braço esquerdo. Na sequência, ordenou que ficasse de frente para ele. O rapaz então sentiu a ponta fria do instrumento metálico tocar-lhe o peito.

— Respire fundo e devagar.

Por quatro vezes, seguiu as ordens do médico e esperou pelo diagnóstico.

— Hum... Os batimentos estão um pouco acelerados.

Depois, Paulista mediu a pressão e, em tom casual, comentou que estava normal. Observou a língua e a parte interna das pálpebras.

— O que eu tenho?

— Parece um caso típico de resposta inflamatória. Deixe ver a sua mão.

Pedro se virou e estendeu a mão direita.

— Vê este inchaço? — continuou o doutor. — É um edema por causa do ferimento. A pele em volta também está bastante avermelhada.

— Eu devia ter lavado melhor isso — o jovem comentou, meio sem graça.

— Não teria adiantado — disse o médico. — Iria piorar de qualquer forma. Em casos de mordida de certos bichos, só mesmo com medicação. Especialmente urubus. Animais carniceiros têm muitas bactérias na boca — ele

olhou para Mayra.

Ela estava sentada na outra ponta do sofá, de braços cruzados, e não esboçou reação. De repente, o termômetro começou a emitir um apito fraco.

— Trinta e oito... Não está tão mal — o homem guardou o instrumento de volta na maleta e revirou-a até encontrar uma cartela prateada. — Você tem algum tipo de alergia, Pedro?

— Não que eu saiba.

— Esse aqui vai servir então. Mayra, poderia pegar um copo de água na cozinha?

A mulher se levantou e desapareceu da sala.

— Dê-me a sua mão novamente — disse o médico, antes de dobrar as mangas acima dos cotovelos.

Pedro estendeu o braço e o homem o segurou com a mão direita. Reparou então em uma marca no punho do sujeito, bem no meio do antebraço. Era um desenho todo negro, desgastado pelo tempo, com riscos irregulares sem representação definida. Depois, o médico pousou a mão esquerda sobre seu ferimento. A princípio, ele sentiu um pouco de dor. Paulista então fechou os olhos e abaixou a cabeça. Seus lábios se moviam rapidamente, mas nenhum som deixava sua boca. Em segundos, Pedro experimentou uma onda quente envolver sua mão e, de repente, a dor desapareceu por completo. Foi algo muito estranho. Apesar da sensação de calor, era como se o médico tivesse jogado água gelada sobre um ferimento de queimadura. Quando Paulista abriu os olhos e soltou sua mão, Mayra já tinha retornado, trazendo o copo de vidro cheio.

— Sente-se melhor? — o homem carregava um leve sorriso nos lábios.

— Sim — Pedro ficou admirado. Não apenas a dor havia desaparecido, mas também a cor avermelhada ao redor do ferimento. Porém, o inchaço persistia. — O que você fez?

— Eu só retirei um pouco da dor.

— Como?

— Nada de mais. É só uma velha técnica de anestesia indígena que aprendi.

— Você é um possuído?

Paulista olhou desconsertado para Mayra antes de responder. — É... Sou. Agora, preste atenção. Eu só aliviei a dor, mas a infecção continua aí. Pegue esta cartela. Este é um antibiótico muito forte. Um a cada doze horas, durante sete dias, será suficiente. E não deixe de tomar, mesmo se achar que já está bem.

— Certo. Obrigado, doutor.

— Me chame de *Paulista*.

Pedro pôs um comprimido vermelho na boca e o engoliu, junto com a água trazida por Mayra.

— Agora um descanso fará muito bem a você. Tenho um quarto de hóspedes aqui. Durma um pouco e acordará melhor.

O jovem então pegou sua bagagem e seguiu o homem da sala até o pequeno corredor onde estavam quatro portas fechadas.

— O banheiro é ali, caso precise — ele apontou para a entrada no fundo à direita. — Você pode ficar aqui nesse quarto.

O cômodo ficava em frente ao sanitário. Paulista abriu, acendeu as luzes e entrou, seguido de perto por Pedro. Havia uma cama arrumada, um pequeno armário e um roupeiro de duas divisórias, tudo feito em madeira escura e sólida. A janela estava fechada, encoberta por uma persiana branca, e um relógio de parede indicava pouco mais de oito da manhã.

— Fique à vontade. Têm travesseiros e lençóis no guarda-roupa. As toalhas estão no armário, caso queira tomar banho.

Paulista então saiu e fechou a porta.

Pedro queria muito entrar em um chuveiro quente antes de dormir, mas o frio que ainda sentia o desencorajava. Deixou para depois. Preparou a cama, tirou os tênis, apagou a luz e se meteu debaixo do cobertor, tremendo. Logo começou a sentir sonolência. Enfim, após dois longos dias dormindo em bancos de ônibus, barulhentos e desconfortáveis, voltaria a repousar no silêncio de um quarto escuro e na tranquilidade de um leito macio. Mas não dormiu imediatamente. Durante algum tempo, ficou pensando em Paulista e na incrível demonstração de seus poderes. *Então a história de Mayra é verdadeira. Ou, pelo menos, parte dela. Os possuídos são mesmo capazes de fazer coisas extraordinárias. Não pode ter sido um truque. Mas, e se foi...*

* * *

Pedro acordou com sons de murmúrios atravessando seus ouvidos. Parecia que duas pessoas sussurravam palavras em algum lugar não muito longe dali. O quarto ainda estava escuro. Levantou-se silenciosamente e acendeu a luz. Faltavam quinze minutos para as duas da tarde. Agora já se sentia bem melhor. A dor havia desaparecido por completo e uma grande quantidade de suor cobria-lhe as vestes, os lençóis e o travesseiro. Não tinha mais calor e nem frio.

As vozes continuavam a dialogar, mas não era possível entender o contexto da conversa. Ele compreendeu ou achou ter compreendido apenas uma palavra, "*Pedro*". Curioso, calçou os tênis, procurou pela toalha e separou uma muda de roupa limpa. Se alguém o visse saindo do quarto, diria que estava indo tomar banho. Após abrir a porta, silencioso como um gato, pôde escutar melhor os leves sussurros provenientes de outra entrada fechada no final do corredor.

— Quero dizer que, só porque ele se chama Pedro, não significa que seja a criança certa — era a voz de Paulista, tão baixa que mal dava para ouvir.

Estão mesmo falando de mim. Pé após pé, o jovem se aproximou sorrateiramente do outro quarto. Ao passar pelo arco que conduzia à sala, viu o grande cômodo vazio.

— É ele sim. Eu sei que é — murmurou Mayra.

— E como pode ter tanta certeza disso?

— Não ouviu o que acabei de contar?

— Sim, mas nada do que me disse parece muito conclusivo. Quer dizer... Esse homem, esse tal de Francisco. Como podemos saber se a história dele é verdadeira. Não te soa um tanto estranha?

— Você, melhor do que ninguém, sabe que a história não é tão absurda assim, Glauber. Além disso, ele me mostrou o documento de identidade do sujeito. Era mesmo o de Carlos Abreu.

— Mas como foi que você encontrou esse homem afinal?

Mayra não respondeu imediatamente, o que fez com que Pedro quase encostasse a orelha na porta. Seu coração estava na garganta.

— Isso não interessa agora. O importante é que achei o garoto.

— Não interessa... — repetiu Paulista. — Já entendi. Esse é mais um daqueles seus segredos com Aratama, não é?

— Bem... Segui muitas pistas nos últimos anos. Algumas delas levavam até a Capital Federal. Mas eram sinais vagos. Carlos Abreu era um homem inteligente. Lembre-se de que ele tinha treinamento militar e que conseguiu enganar bastante gente. E se passou muito tempo desde aquela época...

— Evasiva como sempre — debochou o médico. — Tudo bem. Não precisa me dar explicações. Pode manter isso entre você e o velho.

Houve então outra pausa. Pedro ficou com medo de ser descoberto, porém, sua curiosidade falou mais alto e ele continuou espreitando atrás da porta.

— Sei que é ele, Glauber. Eu sinto.

— Está bem. Digamos que ele seja mesmo o filho de Carlos Abreu. E quanto a Sapiroanga? Por que não conseguiu ver o espírito dele?

— Não sei. Talvez seja pelo fato do Pedro ter ficado tanto tempo sem manifestar os poderes. Afinal, ele está perto de completar dezoito anos e nunca recebeu treinamento.

— Mayra... Nós dois sabemos que isso é pouco provável.

— Por que você não acredita que seja ele? — a mulher aumentou o tom da voz, em claro sinal de irritação.

— Só estou tentando te proteger. Não quero que tenha mais decepções. E por favor, abaixe a voz. Ele pode nos ouvir.

Ela permaneceu em silêncio durante alguns instantes.

— Por todos esses anos você tem procurado por esse garoto — Paulista prosseguiu. — Mas às vezes me pergunto se você e Aratama não estão esperando demais dele.

A mulher continuou calada.

— Mayra? *Olhe para mim!* — o médico sussurrou. — Fiquei muito preocupado com você nas últimas semanas. E os outros também. Durante quase um mês, não tivemos nenhuma notícia sua. Sua ligação hoje de madrugada me assustou.

— Desculpe. Fiquei apreensiva com o Pedro. A febre dele estava bastante alta.

— Não... Está tudo bem. Eu não quis dizer que não gostei que ligasse. Pelo contrário, adorei ouvir sua voz. Mas confesso que temi muito por você. Por que nos deixou às cegas assim? Por que não mandou notícias?

— Aratama me deu essa missão. Era minha obrigação e apenas minha — a resposta foi seca.

De novo, o silêncio tomou conta do quarto e, por vários minutos, Pedro ficou de pé do lado de fora, com o coração acelerado, tentando ouvir alguma coisa. Já estava quase disposto a retornar ao dormitório quando Mayra voltou a falar.

— Desculpe, Glauber. Não quis ser rude com você. Mas como você mesmo disse, dediquei tempo demais para achar esse rapaz. Os últimos dias foram bem difíceis. Esperava encontrá-lo abandonado em um orfanato, como acontece à maioria das crianças. Mas quando conheci o Senhor Francisco e vi o quanto ele se dedicou ao garoto, eu... eu me perguntei se deveria mesmo envolver o Pedro nisso tudo.

— Bom... Se ele for mesmo um possuído, então creio que você fez a coisa certa. Mas ele não tem nenhuma marca e Sapiranga nunca falhou em detectar o tipo do espírito de ninguém.

— Esse ainda é outro problema. Estou bastante preocupada com o Nelson. Fiquei assustada quando o vi. Ele está muito magro. Acho que parou de comer há alguns dias. E você tinha de ver as coisas que ele me disse.

— O que ele disse?

— Coisas estranhas. Ele falou que já está morto e que seu corpo está se decompondo aos poucos.

— Hum... Deve ter parado de tomar os remédios de novo.

— Foi o que pensei. Perguntei-lhe isso e ele não negou.

— Pobre diabo... Os problemas mentais dele estão se agravando.

— Acha que eu deveria contar a Aratama?

— Não sei. O velho se preocupa muito com ele, você sabe. Mas infelizmente não a nada que se possa fazer. E depois, é bastante arriscado ir até lá ou trazê-lo

para cá. Dá última vez que fui até Sapiranga, fiquei com a sensação de que alguém estava me seguindo.

— Você deve estar certo. Me dói muito esconder a verdade de Aratama, mas ele já tem muita coisa com o que se preocupar.

— Bom... Eu irei até São Paulo na próxima semana — disse Paulista. — Talvez tenha tempo de ir vê-lo.

— E o que vai fazer lá? Algum encontro chato de médicos de novo?

— Não dessa vez. Agora, terei uma missão bem mais importante.

— Missão? Que missão?

— Bem, você não é a única a dividir segredos com o velho.

Silêncio mais uma vez.

— E quanto ao garoto? — sussurrou o homem. — O que pretende fazer agora?

— Pensei em levá-lo até Aratama.

— *Até lá?* Tem certeza de que essa é a coisa mais sensata a fazer? Acha que devemos correr esse risco?

— Sim — a mulher não vacilou.

— Bem... Só espero que saiba o que está fazendo. De minha parte, eu sinceramente torço para que esteja certa e que esse seja mesmo o jovem que Aratama procura. Assim, quem sabe, você não tenha mais tempo para mim de agora em diante.

Alguns momentos de silêncio se seguiram e esses pareceram incomodar mais o médico.

— O que foi, Mayra? Por que está tão distante?

— Não posso viver essa vida que você planeja, Glauber. Já falamos sobre isso...

Alguém se mexeu na cama, produzindo som de molas relaxando e contraindo de novo. — O que a preocupa agora?

— Nada... Não é nada — a mulher suspirou. — Só estou um pouco cansada da viagem. Preciso dormir mais.

— Já pensou onde ele vai morar? Se quiser, pode deixá-lo aqui por alguns dias.

— Não. Creio que será melhor o Pedro ficar com outros iniciantes. Tem algum espaço no apartamento do Jorge. Pretendo levá-lo para lá ainda hoje.

— Você é quem sabe. Se precisar de qualquer coisa, é só falar.

— Tem uma coisa sim.

— Diga.

— Bom, ele faltou ao alistamento e vai precisar de um certificado de dispensa militar. Pensei que talvez pudesse usar seus contatos para arrumar um para ele.

— Nossa! Isso não é assim tão fácil quanto conseguir uma identidade ou carteira de motorista. Não sei se será possível.

— Confio em você, Glauber.

— Bem... Terei de cobrar alguns favores. Farei o que estiver ao meu alcance.

De repente, uma estranha sensação dominou Pedro. Era o sentimento sinistro de que alguém ou algo o observava pelas costas. Ao se virar de volta para o corredor, deu de cara com um par de olhos arregalados e profundos monitorando seus movimentos. Era Pitico, o gato do médico, apenas com a cabeça à mostra, estendida através da abertura que dava para a sala. Seu olhar era frio e ameaçador, e ele continuava a exhibir os dentes em sinal de irritação. *Ele não gosta de mim. Não gosta de ninguém, especialmente de estranhos.*

Sentindo-se um pouco intimidado, Pedro voltou ao quarto sem fazer barulho. Com isso, o felino desapareceu correndo pela casa, mas a sensação desagradável causada por ele permaneceu ainda durante algum tempo no ar. Fechou a porta e deitou-se na cama novamente, repassando na mente os trechos da conversa ouvida.

Algumas coisas pareciam endossar a história contada por Mayra em Brasília. De fato, havia outros jovens especiais, aprendendo a manifestarem os poderes de seus espíritos. E pelo jeito, Pedro logo os conheceria. E existia ainda um líder, Aratama, ao qual também seria apresentado em breve. Mas a dúvida quanto a ele ser mesmo um possuído persistia, embora Mayra continuasse acreditando nisso. Algo bastante compreensível, já que ela dedicou muito tempo para encontrá-lo. *Mas por quê? O que ela espera de mim que deixa Paulista tão preocupado? Os dois parecem ter um caso, disso não restam dúvidas.* Talvez viesse daí o excesso de aflição do sujeito.

As horas passaram lentamente enquanto o sol decaía no horizonte e as sombras das montanhas ao longe encobriam a lateral do prédio, tornando as cortinas da janela quase dispensáveis. Por volta das seis da tarde, suaves batidas na porta interromperam-lhe os pensamentos.

— Pode entrar — ele sentou-se na cama.

Mayra apareceu na entrada, com seus longos e lisos cabelos negros soltos agora. Ela tinha trocado de roupa e suas pálpebras escurecidas pelo cansaço da viagem já haviam voltado ao normal. Sua atual aparência era mais bela do que nunca.

— E então, como se sente? — ela perguntou.

— Bem melhor, acho.

— Ótimo — ela ostentava um leve sorriso.

Talvez fosse pelas roupas novas ou pelos cabelos soltos, mas Mayra parecia muito diferente. Sua pele morena estava corada e as expressões eram bem menos

tensas agora do que ao longo de toda a viagem desde Taguatinga.

— Já tomou banho?

— Ainda não. Acabei de acordar — ele mentiu. — Acho que dormi direto.

— Então tome uma ducha e troque de roupa. Paulista preparou o jantar para nós. E acredite, ele é melhor cozinheiro do que médico.

Pedro, que tinha tudo preparado de antemão, caminhou em direção ao banheiro. Entrou e tomou um delicioso banho. Saiu vestindo trajes limpos e, com a toalha molhada nas mãos, seguiu as vozes de Mayra e Paulista através da casa. Encontrou-os em um grande cômodo que parecia a mistura de cozinha e copa. A mulher estava sentada na mesa de vidro de seis lugares, enquanto o médico, usando avental branco e luva de cozinheiro, olhava dentro do fogão prateado.

— Onde coloco a toalha?

Mayra levantou-se, tomou-a de suas mãos e saiu por outra porta, nos fundos da cozinha.

— Oi, Pedro. Sente-se. O jantar sai em dez minutos — Paulista fechou o forno. — Como vai a mão?

— Bem melhor. Ainda está um pouco inchada, mas parou de doer. Obrigado.

O sujeito sorriu. Aproximou-se e, após retirar a luva, pousou novamente a mão sobre a testa de Pedro.

— Hum! Sem febre. Muito bom.

Mayra logo retornou e, a pedido do médico, começou a preparar a mesa. Colocou diante do jovem, e em outros dois lugares, pratos de porcelana enormes e rasos, e copos de cristal finos, gravados em baixo relevo. Por fim, pôs talheres pesados de metal, adornados em todo o cabo. Paulista então serviu o jantar e Pedro saboreou uma suculenta torta de frango com vegetais, da qual o médico se gabou de ter feito tudo, desde a massa até o tempero especial do recheio. Durante a refeição, um silêncio completo tomou conta do ambiente. Apenas os sons de batidas dos talheres sobre os pratos traziam alguma vida ao apartamento. Pedro se esforçava para ser o mais delicado possível na hora de manipular o garfo e a faca, pois tinha medo de parecer grosso e mal-educado diante do dono da casa.

— Agora é melhor arrumar as suas coisas — disse a mulher para o jovem, logo após terminarem o jantar. — Temos de ir embora.

— E para onde vamos? — ele tentou soar o mais casual possível, como se não imaginasse a resposta.

— Para o seu futuro lar.

— Ele acabou de comer, Mayra! — Paulista interrompeu. Ela, por sua vez, respondeu-lhe com um olhar reprovador, mas ele não pareceu muito intimidado.

— Espere pelo menos uma hora até fazerem a digestão. Lembre-se de que ele ainda não está cem por cento. E assim é bom, porque dou plantão daqui a pouco e posso pegar carona com vocês — completou.

Meio a contragosto, ela concordou. E durante cerca de trinta minutos, Pedro permaneceu na cozinha conversando com o homem. Falaram apenas de coisas triviais e foi Paulista quem demonstrou mais curiosidade, indagando sobre sua vida. Queria saber se o rapaz tinha estudado, onde trabalhava e como era seu pai adotivo. O jovem, porém, evitou devolver-lhe perguntas, temendo que alguma delas pudesse dar pistas de que andara ouvindo conversas pelo corredor. Mayra, após ajudar com a louça, deixou a cozinha. Já passavam das oito da noite quando ela retornou, insistindo que fossem logo, pois já começava a ficar tarde.

Pedro regressou ao quarto, colocou a roupa suja dentro da mala, jogou a mochila nas costas e voltou para a sala. Lá estavam Mayra com sua bolsa de viagens nas mãos e Paulista com uma camisa diferente. De volta ao elevador, e posteriormente à garagem, eles andaram até o carro do médico. No caminho o homem acendeu um cigarro e deu apenas duas ou três tragadas antes de atirá-lo ao chão, próximo ao veículo. Mas dessa vez quem assumiu a direção foi Mayra. Glauber sentou-se na parte de trás, deixando o banco ao lado do motorista para Pedro.

Após saírem do prédio, a mulher dirigiu durante alguns minutos por entre ruas estreitas e pouco movimentadas, que subiam e desciam em meio a bairros nobres e mais arborizados da capital. Ela parecia bastante ansiosa e conduzia o veículo bem mais rápido do que Paulista, a ponto de o homem pedi-la que tivesse cuidado com o carro. Logo pararam em frente a um grande hospital. Era uma construção de seis andares, toda iluminada e parcialmente deserta àquela hora da noite. O doutor então desceu e caminhou até a janela do passageiro. — Foi um prazer conhecê-lo, Pedro — ele estendeu a mão esquerda.

O jovem retribuiu o cumprimento. — Agradeço a hospitalidade, Senhor Paulista. E obrigado por... me curar — disse ele, ainda com dúvidas sobre o que havia acontecido mais cedo.

— Eu não fiz nada. Foi você quem fez — o médico abriu um largo sorriso. — Mas não se esqueça de tomar os remédios como eu falei.

— Está certo.

— Até logo então — proferiu Mayra secamente.

O homem acenou e deu as costas. E antes que a mulher partisse, Pedro viu que o médico acendeu outro cigarro enquanto caminhava em direção à porta do hospital.

Rochas, cristais e esmeraldas

Mayra encostou o carro junto à calçada. Ela e Pedro estavam agora diante de um prédio pequeno de cinco andares, com fachada de tijolos maciços expostos e janelas amplas livres de grades. Levaram cerca de meia hora para chegarem até ali depois de deixar Paulista em frente ao hospital. O trânsito até então tinha sido tranquilo, mas conforme a mulher havia comentado, o lugar ficava do outro lado da cidade. O bairro de agora não era tão nobre quanto o que Pedro acabara de conhecer, nem tão pobre como aquele em que cresceu. Parecia residencial em sua maior parte, cheio de prédios baixos e algumas casas, mas também havia pontos comerciais e portas de bares aqui e ali. Estava tudo fechado àquela hora da noite.

Os dois desceram do carro e, após pegar as malas, Pedro acompanhou Mayra até o portão de ferro na entrada. Aquele parecia ser um prédio bem antigo e sem portaria. A mulher tocou o interfone do *apartamento 303*.

— Sim? — uma voz ecoou do aparelho. O ruído era tão intenso que ficava difícil dizer se quem atendeu era adulto ou criança.

— Sou eu... Mayra. Por favor, abra o portão, *Jorge*.

— *Mayra...?* — instantes de silêncio. — Certo, pode subir...

Ouviu-se então um estalo na tranca e a mulher abriu-a sem muitas dificuldades, adentrando a construção. O jovem a seguiu de perto. A primeira coisa que viram foram as portas de dois apartamentos, uma de cada lado do estreito corredor, e um lance de escadas que levava ao próximo piso. Não havia elevador. Mayra subiu e Pedro foi logo atrás, mais devagar por causa da bagagem.

No segundo andar, parte da área comum era escura, com lâmpadas queimadas e nenhuma janela a vista. Os acessos a outras residências estavam em sua maioria enfeitadas com vasos de plantas no chão. Ao chegarem ao terceiro nível, a mulher caminhou até a entrada do apartamento 303, no outro extremo do corredor. Tocou a campainha uma única vez e rapidamente um jovem magro e de pele clara apareceu para recepcioná-los. Devia ter quase a mesma altura de Pedro, embora fosse um pouco menor.

— Olá, Jorge — disse Mayra. — Podemos entrar?

Apesar de surpreso, ele prontamente abriu caminho. Seus cabelos, naturalmente repartidos ao meio, eram curtos, lisos e de cor acobreada. Usava um par de óculos quadrados que destacavam os olhos castanho-claros. O queixo

era fino, coberto por uma barba rala, quase um cavanhaque, mas sem bigode. Vestia calção de pijama e camisa preta, com a palavra *Geologia* e a sigla *UFMG* estampadas em letras brancas na altura do peito. Só o *M* era na cor vermelha e seu contorno era suave, remetendo ao perfil de duas montanhas no horizonte.

Pedro estava agora no que parecia ser a sala do apartamento. Era pequena, com apenas um sofá marrom e uma estante de três prateleiras, onde ficavam uma televisão simples e um telefone sem fio. Oposta à porta havia uma janela ampla, fechada na hora, e no teto girava um ventilador bastante antigo e barulhento, quase todo feito em madeira. Na parede acima da tevê fora dependurado um relógio quadrado, marcando nove horas da noite. Comparada à sala de Paulista, essa era bem mais simples, com menos da metade do tamanho.

— Jorge... Esse é Pedro. Seu novo companheiro de apartamento.

A julgar pela reação do rapaz, Pedro percebeu que aquilo foi uma grande novidade.

— Companheiro? — a expressão era de quem parecia ter acabado de acordar.

— Sim. Ele é um dos nossos. Acabou de chegar à cidade e vai precisar de alguém que o ajude a se instalar. E como tem lugar aqui no seu apartamento, seria excelente se você pudesse fazer isso. Tudo bem?

— É... — Jorge ficou boquiaberto, sem saber o que dizer. E quando finalmente pareceu que falaria algo, Mayra o interrompeu.

— *Ótimo!* Está em boas mãos, Pedro — ela caminhou até a porta. — Jorge irá mostrar o lugar. Agora eu tenho de ir. Estou certa de que ficará bem aqui. Precisa de mais alguma coisa?

— Acho que não — disse o jovem, meio incerto. A reação da mulher também o surpreendeu. *Ela ainda tem pressa.* Há pouco estava ansiosa para deixar a casa de Paulista e levá-lo a seu novo lar, mas agora era como se outras coisas a preocupassem mais.

— Está bem. Até breve então — Mayra voltou ao corredor e fechou a porta atrás de si, deixando os dois jovens sozinhos na sala.

— Hã... Oi... — o rapaz de óculos quadrados estendeu a mão, visivelmente constrangido com a situação. — Sou o Jorge.

— Pedro — ele apertou a mão do morador, usando a direita mesmo, agora sem dor. — Prazer em conhecê-lo.

— *Espere aí!* — Jorge comprimiu as sobrancelhas. — *Pedro Oliveira?*

— Sim. Como sabe?

O rapaz mordeu o indicador e mirou o chão. — É engraçado, mas hoje de manhã, alguém ligou perguntando por esse nome.

— Ligaram para cá procurando por mim? — ele ficou alarmado. — A que horas foi isso?

— Umas dez, eu acho.

Não podia ser ninguém conhecido, Pedro pensou. Há essa hora, ele dormia na casa de Paulista. — E a pessoa não disse quem era?

— Não. Nem perguntei. Pensei que fosse engano.

Quem teria ligado? Seria meu pai? Era possível, afinal a mulher entregou ao velho um papel com um telefone de contato escrito. E ela comentou com o médico que já tinha pensado em levá-lo para aquele apartamento, assim talvez o número fosse o de Jorge. Ela também pediu a Chico que esperasse três dias antes de ligar, imaginando que fariam uma longa viagem até São Paulo. E como deixaram Brasília na sexta-feira e agora já era domingo, fazia três dias que Pedro estava fora de casa, embora o total de horas não ultrapassasse muito quarenta e oito. Infelizmente não havia telefone em sua antiga moradia de Taguatinga e nem na da mãe de Marquinhos, os vizinhos mais chegados, e ele não imaginava de onde Chico pudesse ter ligado.

— Você contou a alguém que vinha para cá? — Jorge pareceu preocupado.

— Não. Nem ao menos sabia para onde estava vindo. Cheguei a Belo Horizonte hoje e ninguém me disse nada.

— Mas então, quem foi que ligou?

— Pode ter sido o meu pai. Mayra passou um número de telefone para ele, mas ela não me contou de onde era.

— Bom... Ela também não me avisou nada — Jorge sorriu, meio sem graça.
— De onde você é?

— Taguatinga. Fica próximo à Brasília.

— Legal — o rapaz parecia não ter muito assunto e ficou olhando os próprios pés descalços.

Pedro estava igualmente desconfortável com a situação e, tentando quebrar o gelo, procurou pensar em alguma conversa para introduzir. A primeira coisa que veio a sua mente foi perguntar a Jorge se ele era um possuído, mas pensando melhor resolveu falar sobre algo menos importante. — Essa sua camisa. O que quer dizer? — apontou as letras na roupa.

— Ah. É só uma blusa da faculdade. Eu faço o curso de *Geologia*. A sigla significa *Universidade Federal de Minas Gerais*.

— Você faz faculdade? — Pedro ficou admirado. As poucas pessoas conhecidas que cursavam o ensino superior eram bem mais velhas do que ele. E Jorge, apesar dos óculos e da leve barba, parecia muito jovem, com menos de dezoito anos.

— Sim... — ele trancou a porta.

Novamente, durante alguns segundos, os dois ficaram em silêncio. Foi o dono do apartamento quem falou desta vez. — Bom, melhor arrumarmos um lugar

para você ficar — ele ajeitou os óculos contra o rosto. — Já deu para perceber que aqui é a sala... *Venha!* Vou mostrar o resto da casa. Só não repare a bagunça. Não esperava visitas hoje.

Jorge atravessou o cômodo e seguiu por um corredor estreito e branco, acompanhado de perto por Pedro, que carregava a mala e a mochila.

— Esse é meu quarto — o estudante de geologia apontou a primeira entrada à esquerda.

Era um aposento bem apertado, com um guarda-roupa escuro embutido na parede, uma cama de solteiro e um criado-mudo quase embaixo da janela.

— Aqui é a cozinha — continuou, mostrando um grande vão sem portas ao lado direito do corredor, bem em frente ao quarto. Pedro viu a pia de pedra clara e manchada, a minúscula mesa redonda com quatro cadeiras, o fogão marrom e a geladeira branca. — Se quiser comer ou preparar alguma coisa, fique à vontade.

— Obrigado, mas acabei de jantar.

O cômodo também era pequeno, pouco maior do que a sala. Ao fundo havia uma abertura, um marco de madeira que dava para outro corredor, paralelo ao primeiro. No extremo desse acesso erguia-se uma porta maciça, semelhante a da entrada principal.

— Lá atrás fica a área de serviço. Aquela porta ali vai dar lá fora. É estranho, mas esses apartamentos antigos costumam ter duas saídas.

De onde estavam não era possível ver além da cozinha, mas sobre a pia ficava uma janela que dava uma visão parcial através da parede de tijolos furados. Podia-se enxergar claramente os fundos do apartamento vizinho. Logo acima, entre as residências, existia um vão enorme e, embora fosse noite, uma luz fraca escorria pelo espaço. Era como se houvesse uma entrada para o sol bem no meio do prédio, mas as luzes de agora vinham das moradias superiores.

— Bem, ali é o banheiro — Jorge mostrava a segunda porta à esquerda no corredor, ao lado de seu quarto. Tal qual o restante da casa, o lugar era minúsculo, mas diferente dos outros cômodos, era todo azulejado na cor branca.

— Parece um bom apartamento — Pedro tentou ser simpático. — É seu?

— Não. É alugado. É um pouco velho na verdade. O prédio deve ter uns trinta anos pelo menos. Mas este aqui até que está bem conservado.

Por fim, Jorge parou diante de um cômodo escuro à direita, em frente ao banheiro e ao lado da cozinha. — Você pode ficar aqui — ele acendeu as luzes. — Está meio bagunçado.

Bagunçado era pouco para descrever o lugar. O aposento era menor do que onde o estudante dormia, mas guardava muito mais coisas. Havia seis caixas de papelão, tampadas e empilhadas duas a duas em um dos cantos. Noutro extremo estavam três pilhas de livros de cores e tamanhos variados. Logo abaixo da

janela ficava um saco de lixo preto, amarrado e com um pequeno volume dentro. Próximo repousava uma sacola, feita de lona verde, apoiada em uma mochila toda suja. Perto da porta encontrava-se outra bolsa e sobre ela havia um computador portátil aberto, mas desligado. Em outro canto ficava um caixote de madeira clara. Completando o caos, uma pequena almofada, provavelmente do sofá, fora atirada ao chão e roupas sujas se espalhavam por cima de tudo. *Nem meu antigo quarto em Taguatinga era assim tão zoneado.*

Jorge entrou andando com cuidado por entre seus pertences e começou a abrir espaço no meio do cômodo. Primeiro, recolheu as vestes e as atirou no corredor. Depois fechou o computador, colocou-o dentro da mochila e a levou para o seu quarto. Na volta, apanhou as roupas espalhadas e as carregou até a área de serviço. Após retornar, começou a empurrar tudo para os cantos até conseguir espaço livre no cômodo minúsculo.

— Tenho um colchão inflável aqui — ele retirou um volume escuro de dentro da mochila suja. — Não é como uma cama de verdade, mas é bem melhor do que dormir no sofá.

— Para mim está ótimo — o jovem respondeu.

Jorge desdobrou e estendeu o invólucro sobre o vão aberto no meio do cômodo, antes de retirar outra coisa de dentro da mochila. Era uma pequena bomba manual. Conectou então a extremidade do tubo ao colchão e começou a enchê-lo.

Sentindo-se um pouco mais encorajado, Pedro entrou em seu novo quarto e, curioso, olhou em volta. Uma das caixas de papelão estava sem as partes de cima, e foi possível ver seu conteúdo. Tratava-se de uma imensa quantidade do que pareciam ser revistas em quadrinhos. Já entre as pilhas de livros, alguns dos títulos também eram visíveis. Havia um grande compêndio preto intitulado "Introdução à Formação de Rochas Minerais", de *Harold Brett*. Outro menor em tamanho, mas muito maior em volume, era o "Dicionário de Mineralogia". Existiam ainda "Princípios Básicos de Físico-química" de *Samantha Fritzgarret*, "Paleontologia Moderna: uma Visão Prática" de *Alberto Moura*, e "1984", de *George Orwell*. Esse último era o único jogado diretamente no chão, com várias páginas marcadas por tiras de papel rasgado. As pilhas incluíam ainda papéis soltos e jornais. *Ele deve gostar muito de ler.*

— Isso aqui são pedras? — perguntou ao olhar dentro do caixote de madeira.

— São rochas! Pedras são coisas que se joga nos outros... — Jorge sorriu, voltando a atenção para o jovem e a caixa. Mas Pedro ficou sério. — Desculpe. É uma piada de geólogo... Sei que não é engraçada, mas não perco a oportunidade... Eu coleciono rochas. É um pequeno *hobby*.

— Legal... — comentou, sem muita empolgação. Passada a surpresa, seguiu

olhando em volta, mas seu comentário tanto bastou para que o estudante de geologia ficasse mais a vontade.

— Geralmente eu as trago dos trabalhos de campo na faculdade. No curso nós viajamos para realizar estudos práticos. Existem vários lugares próximos daqui de Belo Horizonte que são importantes sítios paleontológicos, com formações geológicas bastante peculiares. Sempre que encontro uma rocha diferente, eu a guardo para estudá-la mais tarde. Algumas são bem interessantes — Jorge se levantou e caminhou até o caixote. — Veja esta aqui, por exemplo — retirou uma pequena pedra cinza-metálica da caixa e passou a Pedro. — É uma *Hematita Especular*. Muito comum aqui em Minas Gerais. Pesada, não? Isso é porque é composta de puro óxido de ferro.

O jovem ficou admirando o mineral em suas mãos. Ele era pesado, opaco, extremamente brilhante e exibia vários tons de cinza, do mais claro ao preto.

— Linda, não é? — disse Jorge, com certa cintilação nos olhos. — É daí que vem a maior parte dos metais usados nos carros, aviões e todo o resto.

— É bonita sim.

— Esta aqui é uma rocha de *Magnesita* — o estudante tomou a primeira pedra das mãos de Pedro, passando-lhe outra, menor e mais clara. — Carbonato de magnésio. É mais leve do que a Hematita, mas tem uma peculiaridade. São muito difíceis de fundir. Você precisa de temperaturas altíssimas se quiser derreter uma rocha dessas. Servem para forrar o fundo de fornalhas em grandes indústrias de produção de aço.

O minério em questão era mais irregular e bem menos brilhante do que o primeiro.

— Mas esta aqui é a minha preferida — Jorge substituiu outra vez o objeto nas mãos de Pedro. Era uma pedra bem maior agora, comprida, leve e transparente. — *Cristal de quartzo*. Achei próximo a uma gruta, três semanas atrás. O quartzo é um dos minerais mais abundantes da Terra. Este aqui tem uma transparência quase perfeita.

Era um belo exemplar, sem dúvida. Brilhante, liso e cortado de maneira incrivelmente regular. Um hexágono exato, cristalino, sem qualquer rachadura. Um dos extremos era um pouco esbranquiçado, mais opaco do que um cubo de gelo, mas o resto era impecável.

— Parece valiosa — Pedro comentou.

— Não tem valor financeiro, se é o que quer dizer. Nenhuma delas tem. Mas do ponto de vista geológico, são inestimáveis. — Jorge então colocou a pedra de volta na caixa com cuidado e retomou a tarefa de encher o colchão.

Preocupado de que o comentário pudesse ter ofendido seu anfitrião, Pedro resolveu quebrar o gelo com uma pergunta direta. — Você é um possuído?

A questão atraiu novamente a atenção de Jorge. — Sim. E imagino que você também seja, do contrário não estaria aqui.

— Bom... Mayra disse que sou, mas não tenho tanta certeza. Para falar a verdade, nem sei bem o que significa ser um possuído.

— Como assim? — o estudante ficou admirado. Seus olhos castanhos cresceram atrás dos óculos. — Você não tem uma marca?

— Não — a pergunta começava a chatear. — E você?

— Sim. Veja — Jorge virou-se e levantou a camisa. Era uma tatuagem estranhamente simples, semelhante à de Paulista apenas no tom de preto. Três listras horizontais regulares e paralelas, com cerca de dez centímetros cada, estampadas bem no meio das costas, na altura dos pulmões.

— Isso tem algum significado?

— Não que eu saiba — o estudante baixou a camisa. — Mas é estranho você não ter uma dessas. Todos os possuídos que conheço têm uma.

— E quantos possuídos você conhece?

— Não muitos. Menos de sete, acho — Jorge finalmente terminou de encher o colchão. E, colocando sobre ele a almofada do sofá, completou. — Pode usar isso como travesseiro. Está limpa. Agora, por favor, me ajude a por o caixote no corredor. Assim poderá colocar suas coisas aqui no canto.

Pedro então pôs a bagagem no chão e, juntos, eles carregaram a caixa cheia de pedras para fora do quarto, próximo aos aposentos de Jorge. O objeto não era tão pesado quanto esperava, mas ainda sim seria muito difícil para uma pessoa sozinha movê-lo do lugar.

— Então, nunca recebeu treinamento? — o estudante de geologia quis saber.

— Treinamento?

— É... Para desenvolver e controlar seu espírito.

— Não. Como disse, não tenho a menor ideia do que é ser um possuído.

— Bem... Sobre isso, há pouca coisa que eu posso te contar. De certa forma, ainda sou considerado iniciante. Dizem que existem espíritos aprisionados dentro de nossos corpos. São entidades da natureza ou algo assim — essa última frase saiu aos murmúrios.

— Já escutei isso.

— Então talvez já tenha ouvido também que esses espíritos, algumas vezes, se manifestam na forma de poderes sobrenaturais.

— Bom... Vi coisas bem estranhas no caminho para cá — ele lembrou-se de seus encontros com Nelson e Paulista.

— Que tipo de coisas?

Pedro ainda se sentia desconfortável ao falar sobre eventos tão anormais para ele, mas agora teria de contar. — Primeiro, conheci um homem cego em São

Paulo. Mas ele enxergava no escuro e disse que eu não era um possuído. E depois, quando cheguei aqui, um médico me curou de uma infecção quase instantaneamente. Assim que ele me tocou, — mostrou a ferida na mão direita — a dor sumiu na hora.

Jorge manteve o olhar fixo sobre a mão machucada do jovem, mas parecia perdido em pensamentos.

— O que foi?

— Estranho... Agora que você mencionou esse homem cego, me veio à mente uma vaga lembrança. Acho que também já me encontrei com ele. Parece uma memória bem antiga. Sei que eu e meu pai viajamos até algum lugar muito longe para vê-lo. Só não tenho certeza se era em São Paulo.

Jorge então pôs a ponta do dedo indicador no meio da armação de seu par de óculos quadrados e fechou os olhos, como se fizesse esforço mental para se lembrar de algo.

— E você? Tem algum poder sobrenatural? — Pedro não resistiu.

— Vou mostrar — o estudante voltara à realidade.

Pegou então sua pedra favorita de dentro da caixa e, sentando-se no chão, colocou-a entre as pernas, no meio do corredor. Começou a olhar fixamente o bloco transparente, mas por cerca de um minuto, nada aconteceu. Pedro manteve a expectativa acesa depois que Jorge fez sinal para que tivesse um pouco mais de paciência, com os olhos fixos no cristal de quartzo. Após alguns segundos, ele já começava a ficar com o rosto todo vermelho, como se o ato de concentração exigisse grande esforço físico. E quando parecia prestes a desistir, algo extraordinário aconteceu. Começou com uma leve *vibração*.

A pedra, apoiada sobre a face mais regular, iniciou um balanço repentino. A frequência de oscilação aumentou rápido, provocando sons de batidas do cristal contra o chão. Pedro ficou maravilhado com a incrível demonstração de poder. E como se não bastasse, aos poucos, a rocha passou a girar em torno do próprio eixo sem sair do lugar. Ela rodava muito devagar e parecia tão leve que poderia flutuar a qualquer momento. O jovem tentou imaginar qual seria o próximo truque, mas Jorge não prosseguiu. No fim, ele estava tão vermelho que tinha começado a suar. Fechou os olhos e o cristal parou de se mexer.

— Foi incrível! — Pedro ficou maravilhado. — Como consegue fazer isso?

— Meu espírito me permitiu desenvolver poderes de *telecinese* — disse, após recobrar a cor natural. — Posso mover coisas com o poder da mente.

— Foi muito legal.

— Mais ou menos... Ainda tenho que melhorar bastante. Agora, por exemplo, minhas habilidades só funcionam com rochas. Paulista acredita que isso acontece porque elas são elementos primitivos, compostos de substâncias mais

simples. Provavelmente isso as torna mais fáceis de controlar.

— Você conhece o Doutor?

— Sim, conheço. Ele é o meu treinador. Me ajuda a desenvolver os poderes e a entendê-los melhor. Com bastante treinamento, talvez um dia, eu consiga mover coisas bem mais complexas.

O estudante pôs o cristal de volta no caixote. — Bem, já é tarde — disse ele. — Amanhã acordo cedo.

— Muito obrigado, Jorge. Desculpe invadir assim o seu espaço. Mas se aquele homem cego estiver certo, então minha estadia aqui não será longa.

— Não se preocupe — o estudante de geologia foi até seu dormitório e retornou com um lençol dobrado. Entregou-o ao jovem. — Boa noite e fique à vontade. *Até amanhã!* — depois voltou ao quarto, fechou a porta e ouviu-se o som da chave na tranca.

Pedro então foi para seu novo aposento, encostou a porta e terminou de ajeitar as coisas. Como já havia dormido boa parte do dia, o sono demorou a vir. Abriu a janela e contemplou a vista modesta da cidade. O relevo parecia bem menos irregular naquela região. Muitos edifícios, pequenos e médios, erguiam-se nos largos quarteirões até onde era possível enxergar. De fato, o som de carros passando próximos ao prédio dificilmente cessava por mais do que dois ou três minutos. *Se for mesmo morar aqui, terei de me acostumar ao barulho.* Mas até quando ficaria ali? Quem poderia dizer?

* * *

Pedro acordou no dia seguinte com o brilho e o calor do sol sobre o rosto. Com a porta e a janela fechadas, o quarto parecia um forno gigante. O lençol e a camisa estavam jogados em um canto e o jovem usava apenas um calção preto. Levantou-se e começou a vasculhar a casa. Eram quase oito da manhã e Jorge já havia saído. Ele então apanhou a mala, levou-a até a área de serviço, separou algumas das vestes sujas no tanque e o encheu. Embora não soubesse quanto tempo permaneceria ali, era melhor lavar um pouco de roupa antes de uma eventual próxima viagem.

Ele seguiu para o banheiro e tomou um banho rápido. Precisou se acostumar à água fria, pois, por mais que ajustasse o registro, o chuveiro não oferecia potência suficiente. Este, aliás, parecia já bastante usado, manchado nas laterais e com alguns furos entupidos. E foi só depois de desligá-lo que percebeu que havia se esquecido de levar a toalha. Ela ainda estava enrolada no fundo da mala lá na área de serviço. Para não cruzar a casa completamente nu, embora estivesse sozinho, enrolou-se em uma minúscula toalha de rosto pendurada ao lado do

espelho. Abriu então a porta e colocou os pés molhados no corredor. Precisava atravessar a cozinha e por isso correu, espalhando água pelo chão. Surpreendeu-se ao perceber a geladeira aberta. Escutou um ruído, uma música agitada tocando baixo.

— Jorge? — chamou, uma vez que não podia mais recuar sem que parecesse estar fazendo algo errado.

Ninguém respondeu. Mas quando a porta do refrigerador se fechou, um grito estridente ecoou através do apartamento, seguido do som de uma jarra espatifando-se no chão. Água e cacos de vidro espalharam-se em todas as direções. De trás da geladeira surgiu uma figura singular. Não era o rapaz magro, de óculos quadrados e barba rala, mas sim uma garota. Uma jovem e bela mulher.

Era alta. Esbelta. A pele era escura, negra como o véu da noite. O rosto era belo, com traços delicados e arredondados. Os cabelos pretos e crespos estavam modelados em tranças finas, estendendo-se até os ombros feito pequenas madeixas lisas. Mas sua maior peculiaridade era, sem dúvida nenhuma, os olhos. Eram grandes, enormes, verdes e profundos. Pareciam duas esmeraldas cintilantes mirando Pedro fixamente, compondo a expressão de espanto.

— Quem é você? — perguntou ela, com a voz enfraquecida por causa do susto. Puxou um fio na altura do pescoço e dois fones de ouvido saltaram de suas orelhas. O som devia estar no último volume.

— Meu nome é Pedro — ele também ofegava. — E você, quem é?

— O que está fazendo aqui? — a garota ignorou a pergunta.

Ela está mais assustada do que eu. — Estou passando uns dias.

— *Aqui...?* Desde quando?

— Desde ontem.

— Mas e o Jorge?

— Ele ainda mora aqui. Somos companheiros de apartamento.

De súbito a expressão no rosto da moça transformou-se do susto inicial para uma curiosidade contida. — Foi ele quem te trouxe para cá?

— Não. Vim com Mayra. Não sei se a conhece...

— Mayra te trouxe? Então você é um...

— Um possuído? — ele se adiantou. — É...

A jovem ficou parada durante alguns instantes, apenas encarando o visitante. Depois fechou a porta da geladeira e, só então, pareceu se dar conta de que ele estava quase nu. Pedro, por sua vez, percebeu o gesto dela para desviar o olhar e, morrendo de vergonha, retornou ao banheiro. Todo molhado, vestiu as roupas sujas atiradas ao chão, prendeu os cabelos úmidos e voltou à cozinha, ainda com a cor vermelha estampada no rosto.

— Perdoe pelo susto. Acabei de sair do banho.

— Tudo bem — ela agora juntava os cacos de vidro espalhados e respondeu sem olhá-lo diretamente.

— Você ainda não me disse quem é.

— *Aline* — a moça segurava os cabelos e continuava a mirar o chão.

— Muito prazer... Deixa eu te ajudar — o jovem não sabia o que fazer. Apanhou alguns pedaços de vidro corridos para baixo da mesa.

— Quer dizer, Pedro, que você um possuído também? — Aline agora parecia um pouco mais descontraída.

— É. Mas antes que pergunte, eu não tenho nenhuma marca no corpo.

— É... Deu para ver — a garota carregava um sorriso maroto, o que fez o jovem ficar mais sem graça.

— Desculpe... Não sabia que tinha gente aqui. Você é amiga do Jorge?

— Amigos? Não. Somos apenas colegas. Aquele chato não tem amigos.

— Ele parece ser um cara legal.

— Legal? *O senhor das pedras*? — Aline usava um tom de sarcasmo. — Por acaso, ele já te mostrou a caixa?

Pedro sorriu, acenando com a cabeça.

— Ah, isso aqui é uma bauxita — a moça imitava Jorge, com um grande pedaço de vidro da jarra quebrada nas mãos, a voz levemente enrouquecida. — Tem mais de um milhão de anos e eu a uso como travesseiro todas as noites.

O jovem não conseguiu conter as risadas.

— Aposto que ele não te mostrou o melhor — completou ela.

— O quê?

— O *videogame* — os grandes olhos verdes de Aline brilharam.

E depois de catarem todos os cacos de vidro e secarem o chão da cozinha, levou Pedro até a sala. Parecia bastante familiarizada com ambiente, pois abriu a porta no meio da estante, logo abaixo da televisão, e retirou um pequeno aparelho preto. Era do mesmo tamanho do computador de Jorge, porém um pouco mais alto.

— Adoro *videogames* — disse ela, conectando fios do console atrás da tevê e a uma tomada próxima. — Esse aqui é de última geração.

Ela então pegou dois *joysticks* sem fio, ligou-os e passou um deles para Pedro. Ele, por sua vez, segurou-o sem muita firmeza.

— Jorge tem um jogo de aventura excelente. Você pode jogar com um guerreiro ou com um feiticeiro. Eu prefiro o bruxo. Mas tem outro aqui de *Fórmula 1*. O que você prefere?

— Não sei. Nunca joguei isso antes.

Não era verdade que ele jamais havia jogado *videogame* na vida. Quando

criança ia bastante até a casa de Marquinhos para brincar com o irmão mais novo dele, Anselmo. Os dois filhos da Dona Marta já trabalhavam naquela época e tinham acabado de comprar o jogo mais sofisticado do momento, bem simples se comparado aos aparelhos modernos. Mas isso já fazia tempo e, embora gostasse também, Pedro nunca pôde adquirir um *videogame* para si. Além disso, parecia haver toda a sorte de jogos dentro da estante de Jorge. Eram tantos que só se podia escolher um retirando e vasculhando várias pilhas deles.

— Não se preocupe. Eu te ensino. Vamos começar com corrida. É mais fácil.

E assim uma manhã agradável se passou e o jovem, sem comer nada, se perdeu em meio aos jogos mais incríveis que já tinha visto. Aline era muito empolgada e ensinava-lhe cada detalhe necessário para acelerar o carro ou lançar feitiços especiais com uma arma mágica. Mas também era bastante competitiva e, ao menor sinal de que Pedro pudesse vencê-la, usava de conversa para distraí-lo.

"De onde você é? Quantos anos têm? Mora sozinho ou com parentes? Trabalha ou estuda?" Essas eram apenas algumas perguntas que ela utilizava nos momentos críticos a fim de ludibriá-lo. Ele sempre se desconcentrava ao responder e, embora rebatesse todas elas de volta, Aline era evasiva, e não dava muitos detalhes sobre sua vida. As únicas coisas que descobriu foram que ela tinha dezoito anos, um ano mais velha do que ele, e que segunda-feira era seu dia de folga no emprego. Porém, ela não disse em que trabalhava.

Eles passaram horas jogando, mas para Pedro pareceram somente alguns minutos. Já era próximo de uma da tarde e seus dedos doíam de tanto apertar botões.

— E então, Aline, você também é uma possuída? — o jovem só queria puxar assunto, pois já imaginava a resposta.

A garota acenou com a cabeça, mas manteve os olhos verdes concentrados na televisão, tentando fazer com que sua personagem saltasse de um prédio para outro em um jogo de aventura urbana.

— E quais são os seus poderes? — ele disparou.

Instantaneamente ela despertou do transe provocado pelo *videogame* e, olhando o pequeno relógio na parede da sala, disse. — *Puxa vida!* Olhe que horas são. Preciso ir. Tenho muita coisa para fazer.

Para Pedro, a reação dela foi totalmente inesperada. A garota dos olhos de esmeralda se levantou, desligou o *aparelho* e guardou tudo de volta como estava dentro da estante.

— Melhor não contar ao Jorge que mexemos aqui — disse ela. — Ele pode ficar uma fera, sabe. Adeus. Foi um prazer conhecê-lo.

Ela retornou à cozinha e saiu pela porta que dava acesso ao corredor,

trancando-a após se despedir. *Será que a ofendi com a pergunta, ou ela tinha mesmo que ir embora?* Pedro sentiu-se tão à vontade com a presença de Aline nas poucas horas em que a conheceu que até se esqueceu do que Mayra falou sobre indagar as pessoas por seus espíritos. "Digamos que isso não é algo muito delicado de se perguntar a alguém", declarou a mulher, na única vez que ele a questionou a cerca dos poderes dela. Mas apesar de tudo, a garota de olhos verdes havia lhe deixado uma ótima impressão.

Foi afinidade à primeira vista.

* * *

— O quê? Ela esteve aqui? — disse Jorge, depois que Pedro contou sobre a visita surpresa de Aline. Começava a anoitecer quando o rapaz retornou da faculdade. — Mas como foi que ela entrou? Você abriu a porta?

— Não. Saí do banheiro e dei de cara com ela na cozinha.

— Aquela *enxerida* — esbravejou Jorge. — Já troquei as chaves uma vez por causa dela. Deve ter feito outra cópia. O que ela veio fazer aqui?

— Eu... não sei — mentiu. — Ficamos apenas conversando na mesa.

— *Droga!* Queria saber por que ela vem tanto aqui afinal.

Pedro ficou em silêncio. *Não é certo mentir para meu novo amigo.* Não era o jeito correto de se começar uma amizade. Mas no fundo, alguma coisa lhe dizia que devia seguir o conselho de Aline. E para seu momentâneo alívio, Jorge mudou de assunto. — E então, seu pai ligou de novo?

— Não — ele pensou nisso a tarde toda.

— E Mayra apareceu?

— Também não. Fiquei o dia todo esperando.

— Isso não é estranho — disse o estudante. — Às vezes ela some e passa muito tempo sem dar notícias. E, de repente, surge do nada. Era ela quem deveria me treinar neste período em que estou morando aqui em Belo Horizonte. Mas como ela nunca para no mesmo lugar, acabaram me jogando para o Paulista.

— E quem é o treinador de Aline? — Pedro não queria mais tocar no assunto, mas por outro lado, ainda estava curioso sobre a garota.

— É ele também. Ela é a queridinha do doutor — Jorge proferiu em tom de escárnio.

— E você sabe quais são os poderes dela?

— Hum... Não perguntou isso a ela, perguntou?

— Perguntei — Pedro contorceu as sobancelhas.

— E o que ela disse? — o estudante de geologia parecia espantado, a cabeça

projetada para frente.

— Nada. Apenas se levantou e foi embora. Acho que ficou ofendida.

— Ela é muito boa nisso, acredite. Mas aí está algo que eu gostaria de descobrir também. Ela nunca fala do treinamento e nem mostra os poderes. Perguntei a Paulista uma vez, mas ele disse que ela não queria que ninguém, além dele, soubesse.

Que estranho, Pedro pensou. *Por que ela faria tanto mistério em torno de suas habilidades se Nelson, o médico e Jorge as exibiram abertamente?* Talvez fosse coisa de mulher, afinal Mayra também não gostou ao ser questionada sobre isso.

— Você sabe quais são os poderes de Mayra? — ele perguntou.

— Não. Como disse, nunca tive muito contato com ela.

Mal Jorge terminou de falar, o interfone da cozinha tocou. Coincidência ou não, era a mulher. E quando ele abriu a porta da sala, lá estava ela, com seus longos cabelos soltos e o habitual ar de preocupação e mistério.

— Como você está? — ela mirava Pedro.

— Bem.

— Já se instalou? Precisa de alguma coisa?

— Não. Estou bem.

— Quer entrar? — Jorge convidou.

— Não. Estou apenas de passagem. Queria falar com você, Pedro. Amanhã, quero que acorde cedo. Esteja preparado para sair às sete horas.

— Sim, mas para onde?

— Depois te explico. Será melhor que vista trajes leves. Camiseta e bermuda. E calce um tênis. *Isso é importante*. Leve também uma muda de roupa na mochila. E traga um chapéu ou boné. Peça emprestado ao Jorge se você não tiver. Entendeu?

— Certo, mas...

— Até amanhã então. E lembre-se. Estarei aqui às sete.

Mayra deu as costas e desceu pelas escadas, desaparecendo tão rápido quanto havia surgido. Pedro viu de relance seus longos cabelos negros antes de Jorge fechar a porta.

— Não falei que ela chega e vai embora assim, sem mais nem menos?

O jovem não respondeu. Estava mais interessado em imaginar onde Mayra o levaria no dia seguinte.

— Pelo jeito, parece que vocês farão uma boa caminhada amanhã — comentou o estudante de geologia. — Para onde acha que ela vai te levar?

— Não sei — Pedro ainda estava perdido em pensamentos. — Mas acho que vai me apresentar a Aratama.

— *Aratama?* — Jorge arregalou os olhos. — Não. Isso é impossível.

— E por quê?

— Ninguém pode vê-lo. *Essa é a regra!*

— Como assim?

— Ele vive em um esconderijo secreto. Nenhum de nós pode vê-lo ou conversar com ele. Poucas pessoas conhecem sua localização.

— Mas quem é esse tal de Aratama, afinal?

— Ele é o possuído mais velho — Jorge se sentou no sofá. — O primeiro. O mentor de todos os outros. Foi ele quem treinou Mayra e Paulista. Acho que só os dois sabem onde é o esconderijo. E eles não podem levar ninguém lá.

— Mas do que ele está se escondendo?

— Bem. Dizem que o governo está atrás de nós, possuídos. Por essa razão, não posso sair levitando rochas por aí. Mas, às vezes, tenho minhas dúvidas sobre isso. Assim como, também, penso que Aratama mesmo nem exista. Para mim, ele parece mais um mito do que alguém real.

— Quer dizer que nunca o viu? Não sabe quem ele é?

— Não. E ficaria muito surpreso se você o conhecesse, pois já ouço falar dele há quatro anos e sei tanto sobre ele quanto você agora.

Pedro achou melhor encerrar a conversa. No momento, à luz do que seu novo companheiro havia confidenciado, ele voltava sua curiosidade na direção do possuído dito como sendo o mais experiente de todos. Ouvira o nome pela primeira vez ainda em São Paulo, quando a mulher o usou para convencer Nelson a abrir a porta. O homem lhe perguntou se o conhecia. Esperava descobrir o paradeiro do velho extraindo alguma informação, pois ele mesmo disse que Mayra nunca lhe contava nada. E Paulista a preveniu sobre levar o jovem até Aratama.

Pedro então percebera que havia algo muito misterioso por trás desse nome, mas onde quer que Mayra o levasse, restava-lhe apenas se preparar e esperar até o nascer do próximo dia.

A caverna dos papagaios

Quando Pedro se levantou no dia seguinte, tudo já estava pronto. Ele havia deixado a roupa separada e, agora, sua mochila descansava em um dos cantos do quarto, aos pés de uma cadeira da cozinha. Jorge não tinha nenhum chapéu para emprestar, então decidiu que usaria o próprio cabelo se precisasse esconder o rosto do sol. Faltando trinta minutos para a hora marcada, o estudante de geologia também já se encontrava de pé, pois suas aulas na faculdade começavam cedo. Os dois tomaram café juntos e conversaram pouco. Pedro tentava não pensar em nada, mas não conseguia ficar quieto por muito tempo.

Exatamente às sete horas, o interfone do apartamento tocou e Mayra pediu-lhe que descesse. Ele pegou a mochila, cópias das chaves da casa e saiu. Jorge o seguiu, carregando escada abaixo a bicicleta preta na qual ia para a faculdade todos os dias. O carro de Paulista estava estacionado em frente ao prédio e, dentro dele, a bela mulher de semblante rígido e olhar enigmático prendia os cabelos. Pedro se despediu do amigo e entrou no veículo.

— Bom dia — ele colocou a mochila no banco de trás.

— Bom dia — Mayra, séria como sempre, esforçava-se para demonstrar simpatia. — E então? Preparado para uma boa caminhada?

— Não sei... Aonde vamos?

— Você logo saberá. Mas antes de irmos, preciso que me prometa uma coisa.

— O quê?

— Quero que jure que não contará a ninguém onde eu o levei e nem o que fizemos lá. Nem mesmo ao Jorge. Isso é muito *importante* — a mulher mirou fundo nos olhos dele.

— Tudo bem. *Eu juro*.

Mayra não disse mais nada. Como em sinal de aprovação, apenas ligou o motor e saiu acelerada.

— Será que pode pelo menos dizer quanto tempo levaremos para chegar?

— Umas duas horas de carro, mais ou menos. E depois... Bom, mais um tempinho.

Duas horas de carro mais uma boa caminhada, ele pensou. *Se estamos mesmo indo ver Aratama, ele provavelmente mora bem longe*. Pedro queria tocar no assunto, mas isso o levaria a se incriminar e a mulher descobriria que ele tinha ouvido sua conversa com Paulista. Então preferiu apenas observar a viagem e manter-se acordado todo o tempo para saber onde aquilo daria.

Após deixarem o bairro de Jorge, seguiram contornando ruas estreitas até atingirem uma grande avenida de quatro pistas, plana e bem cuidada. Pedro começava a ver partes da cidade inteiramente novas para ele. O céu era azul-acinzentado, ainda pálido, mas o sol já subia imponente no horizonte, trazendo o prenúncio de um dia quente e belo. A rodovia culminava em outra, mais estreita, com apenas duas pistas. Logo à frente, após passarem por debaixo de um pequeno viaduto, o caminho voltava a se alargar para seis grandes vias. Neste ponto, as construções de vários andares começaram a dar lugar a imóveis simples e antigos.

De súbito, atingiram os limites da cidade, e não tardou até Pedro voltar a ver belos vales e montanhas imponentes ao longe. E após cerca de vinte e cinco minutos de viagem, medidos no relógio do painel do carro, ele contemplou o monumental *Centro Administrativo do Estado de Minas Gerais*. Era um conjunto de prédios majestosos e pouco ortodoxos, cercados de áreas verdes, semelhantes a muitos dos edifícios de Brasília. Isso não era coincidência, pois, segundo Mayra, o arquiteto que havia projetado o complexo era o mesmo da capital federal.

A imensa rodovia era toda sinalizada, com avisos mostrando, entre outras coisas, o caminho para o Aeroporto Internacional. Conduzindo adiante por mais quinze minutos, a mulher tomou um pequeno desvio para a direita, levando aos limites de um novo município. Uma placa grande e amarela com letras pretas indicava "*Lagoa Santa*". Porém, não tendo ainda atingido uma hora de viagem, Pedro nem se preocupou em perguntar se já tinham chegado. O carro potente de Paulista transpôs a cidade em pouco tempo. Era um lugar bem menor do que a capital mineira, com prédios baixos, ruas estreitas e uma quantidade moderada de pessoas caminhando pelas calçadas.

Uma vez mais, vastas áreas verdes tomaram conta da paisagem e Pedro teve a leve sensação de que a estrada subia de maneira suave. Pequenas pontes, comércio isolados e acessos a outras cidades ficavam para trás à medida que a rodovia fazia curvas em direção à cadeia montanhosa que se levantava no horizonte. E assim foi a última hora de viagem.

— E então? Ainda falta muito?

— Sim — a resposta de Mayra foi seca.

De repente, o veículo atravessou uma alta estrutura de metal erguida sobre a estrada. Nela, a placa desejava "Boas vindas à Serra do Cipó". As primeiras habitações demoraram pouco a aparecer e eram de tamanho médio, de um ou dois andares, e cercadas de árvores por todos os lados. Tabuletas rústicas de madeira indicavam tratar-se de pousadas para viajantes recém-chegados à serra. O próprio ar ali parecia diferente, mais leve e frio. Logo a frente havia

uma ponte bastante estreita, com largura para um só carro, sob a qual corria um riacho adornado aqui e ali por enormes pedras brancas. Mas Pedro só o viu de relance, porque antes de cruzarem a estrutura, deixaram o asfalto e tomaram a primeira estrada de terra à direita.

A viela era quase tão estreita quanto a ponte e, logo no início, outra placa com as inscrições "Parque Nacional da Serra do Cipó a 5 km" escritas a mão e sem cuidado sinalizava o trecho. Seguindo mais devagar agora, mas ainda demonstrando segurança, Mayra dirigiu por cerca de três quilômetros até atingirem uma bifurcação. Ali uma tabuleta menor e improvisada indicava que a entrada do parque ficava no fim da rua à direita. Porém, havia uma pequena trilha sem indicações à esquerda e, até certo ponto, sujeita a passar despercebida por alguém desatento. Mas a mulher não apenas percebeu a senda como também guiou o carro naquela direção. A curiosidade de Pedro aumentava a cada segundo.

Após dois ou três quilômetros pelo caminho tortuoso, cheio de buracos, pedras e poças de água, eles finalmente avistaram o casebre em uma clareira no meio da mata fechada. Ali terminava a trilha. Agora, diante deles, erguia-se notável e pretensiosa uma grossa porteira de madeira.

— Você pode abri-la, Pedro?

— Que lugar é esse? — hesitou.

— Não se preocupe. Estamos na casa de uma *velha amiga*.

Ele então desceu do veículo e caminhou em direção à cancela. Apesar de antiga e bastante castigada pelo tempo, era feita em madeira maciça e dava a impressão de que seria necessário grande esforço para empurrá-la. A tarefa, porém, foi mais fácil do que se esperava. Mayra entrou na propriedade e seguiu por cerca de vinte metros até parar bem próximo a casinha branca, deixando Pedro completar o resto do caminho a pé. Ao se aproximar do carro, ele percebeu que a moradora havia aparecido na janela para ver quem tinha chegado. Ela logo surgiu na porta e, de imediato, pareceu reconhecer Mayra quando esta saiu do veículo.

Tratava-se de uma senhora de idade já bem avançada que, apesar de andar curvada, movia-se com bastante desenvoltura. O rosto, avermelhado e cheio de rugas, contorceu-se em um agradável sorriso e os braços flácidos se abriram para receber a companheira de Pedro.

— Como vai, *Dona Conceição*? — Mayra correspondeu ao gesto, com uma alegria que pareceu forçada.

— Bem, minha fia. Muito bem, graças a Deus — a idosa tinha um lenço preto amarrado na cabeça, cobrindo parte dos cabelos brancos. — Você sumiu, querida.

— É... Andei meio ocupada nos últimos meses.

— E quem é esse rapagão bonito? — Dona Conceição olhava para o jovem.

— Esse é Pedro. Um amigo meu. Eu o trouxe para conhecer o parque.

Pedro a cumprimentou. O toque dela era surpreendentemente firme e suas mãos eram ásperas, calejadas pelas intempéries da vida. De perto, era possível ver que lhe faltavam pelo menos uma dúzia de dentes e que as gengivas estavam enegrecidas. Mesmo assim o rapaz não lhe dava mais do que sessenta anos de idade, mas tinha a impressão de que a idosa, baixa e um pouco gorda, podia ser mais velha.

— Vamos chegá... Vamos chegá — repetiu ela, voltando-se para a porta. Parecia muito feliz em receber visitas. — Acabei de passá um café novinho. Chegaram bem na hora.

Antes de segui-la, porém, Mayra retornou ao carro e retirou uma caixa de papelão do bagageiro. Então ela e Pedro entraram na casa e seguiram a moradora através da sala pequena e escura. Se olhando de fora a moradia parecia muito antiga, por dentro dava para ter a certeza de que, além de velha, era também mal conservada. As paredes eram tortas e em diversos pontos faltava parte do reboco. Era possível ver os tijolos maciços da construção, unidos uns aos outros não por cimento, mas por algum tipo de barro ou argila marrom. *Este lugar está caindo aos pedaços.*

Pendurada na parede, oposta à janela, ficava uma grande cruz, esculpida em uma peça única de madeira maciça. Ao lado estava o retrato antigo de um homem maduro, de terno escuro, bigode e cabelos curtos bem penteados. Na sala, havia ainda um sofá caindo aos pedaços e uma estante antiga, sobre a qual descansava uma bíblia e diversos outros símbolos cristãos, como imagens da Virgem Maria e esculturas de anjos.

Seguindo por um estreito corredor, atingiram o que parecia ser a cozinha. Tal qual no primeiro cômodo, o teto ali era alto e escuro, composto por telhas de cerâmica enegrecidas pela ação do tempo. Vigas desgastadas por cupins sustentavam o telhado e, em torno delas, passavam fios de energia culminando em um bocal de lâmpada vazio, pendurado no centro do aposento. Havia ainda uma pequena mesa de madeira maciça, sobre a qual Mayra colocou a caixa de papelão, um armário velho e um fogão à lenha vermelho, cuja chaminé subia além do telhado. O lugar só não era mais escuro do que a sala porque a janela ampla e a porta precária, ambas abertas com vista para a serra, permitiam a entrada do sol. As montanhas ao longe se banhavam da tímida luz que transpassava as nuvens esbranquiçadas do horizonte.

— Trouxemos um presente, Dona Conceição — disse Mayra.

— Oh... — a idosa abriu a caixa e, ao ver o conteúdo, sorriu mais. Seus olhos

brilharam e se encheram de lágrimas. — *Deus lhe pague, fia!* Estava mesmo precisando. Já faz tempo que meus filhos num vêm me visitá, sabe... A vida para eles está difícil também.

— A senhora é tão boa para nós — Mayra riu. — Isso é o mínimo que podemos fazer.

Agradecendo aos céus repetidamente em voz alta, a velha abriu a porta do armário e retirou três xícaras de vidro. Havia um bule azul de metal sobre o fogão à lenha, ainda com brasas vivas no interior. Os convidados se sentaram junto à mesa enquanto Dona Conceição servia-lhes o café. Pedro mirou a caneca sem muita vontade, mas sua companheira direcionou-lhe um olhar encorajador. Ficou claro que ele devia aceitar a oferta de bom grado. E assim o fez.

Mayra também tomou um gole. — Não há café neste mundo como o da senhora, Dona Conceição — ela elogiou.

A velha agradeceu, enquanto retornava o bule à trempe de ferro. Depois remexeu as brasas no interior do fogareiro com um pedaço de pau, limpou as mãos na barra da saia e sentou-se junto a eles. Seus movimentos foram lentos e penosos.

— Ainda com dores nas costas? — Mayra perguntou.

— Sim, fia... É por causa da cama. Aquele *dotô*, amigo seu, me deu uns remédios, mas num adiantô nada. E o pior é que a benzedeira que morava lá pras bandas da gruta morreu. Ela era a única que tirava a minha dor.

— E quando foi a última vez que o Doutor Glauber esteve aqui? — ela usava um tom casual.

— Foi na semana passada.

Mayra tomou outro gole de café, pensativa, olhando o chão.

— Você já sabe do casal de jovens que sumiu lá dentro? — a velha apontava através da janela em direção a serra.

— Não. O que houve?

— Ah, minha fia — continuou a idosa. — Foi há duas semanas. Foi o fio da mulher que mora na fazenda lá embaixo que me contô. Ele trabalha de guia no parque.

— E o que aconteceu?

Enquanto forçava pequenas quantidades de café garganta abaixo, Pedro percebeu que Dona Conceição agora parecia mais séria, ao passo que Mayra demonstrava bastante interesse.

— Bom... Pelo que falaram, parece que os jovens entraram lá numa sexta-feira e domingo ainda num tinham voltado. Na segunda, o pessoal do parque juntou um grupo e saíram atrás deles. Acharam as bolsas dos dois na entrada do caminho proibido, mas ninguém quis ir até lá para procurar.

— Não acredito que isso ainda aconteça — Mayra ficou revoltada.
— Mas acontece... E sei que até hoje o casal num voltô mais.
— Por que não proíbem a visita ao parque de uma vez?
— É um lugar perigoso mesmo — comentou a velha. — Tem coisa ruim lá... Mas tem muita gente aqui que depende dele para ganhar o pão de cada dia.
— O que é esse caminho proibido? — Pedro ficou curioso.
— É uma trilha antiga. Leva até o *Canyon das Bandeirinhas* — sussurrou Dona Conceição.
— É só uma passagem escondida na mata fechada, muito difícil de achar — completou Mayra, sem importância. — Vai até o ponto mais baixo do parque. Dizem que passa dentro de um velho cemitério de escravos. *Histórias apenas*.
— Não, fia. Num é só isso não — repreendeu a velha, ainda em tom de murmúrio. — O Canyon é mais do que um lugar de descanso eterno dos antigos. Lá, mora o próprio mal encarnado — ela fez o sinal da cruz, benzendo-se. — Desde que eu era menina, minha avó já contavam os causos assustadores de lá.
— Não acredito nessas histórias — Mayra terminou o café.
— Mas devia. Ainda mais você e seus amigos, que ficam rondando por aí no parque. Tem muita coisa estranha que acontece aí dentro. Eu mesma, outra noite, vi um homem misterioso andando lá perto do rio, um dia que fui buscar água. Nem sei se era mesmo uma pessoa. Tudo que dava pra vê era o vulto enrolado num pano preto, com a cabeça toda coberta. Fiquei com tanto medo que saí correndo de volta pra casa...
— A senhora já me contou essa história — Mayra sorriu. — Aposto que era alguém acampado no parque querendo lhe pregar um susto.
— Pois se queria me assustá, conseguiu. As pessoas falam que tem um homem morando lá dentro. Um eremita que fica vagando por aí. Mas por que ele tem que andar todo coberto? E ainda mais de noite?
— Talvez seja por causa do frio. Aqui venta muito de madrugada.
— Num sei não. Só sei que rogo todas as noites pra que *Nossa Senhora* mantenha essa assombração bem longe do meu quintal.
— Bem... Se ele estava próximo ao rio, talvez quisesse apenas um pouco de água. Ele deve ser de carne e osso tanto quanto nós — Mayra levantou-se da mesa.
— De qualquer modo, é sempre bom tê cuidado — disse a velha. — Ainda mais você, minha fia, que adora entrar sozinha nessas matas. Não sei por que vocês jovens gostam tanto de ir até lá.
Mayra olhou na direção da serra durante alguns instantes. Já o jovem terminou o café e, tão logo a anfitriã lhe ofereceu mais, recusou.
— Bom... Vamos andando, Pedro. Ainda temos uma longa caminhada pela

frente — ela voltou-se para a cozinha. — Muito obrigada, Dona Conceição. Como sempre gostaria de contar com a sua boa vontade para dar uma olhada no carro. Creio que amanhã já estaremos de volta.

— Sim... Claro, fia. Pode ficá sossegada.

— Foi um prazer conhecê-la, senhora — o rapaz levantou-se da mesa.

— O prazer foi meu, fio. Volte sempre.

E após se despedir, Mayra atravessou a porta da cozinha e começou a caminhar pelos fundos da casa. Pedro a seguiu, passando primeiro em frente a uma pequena cabine de madeira que parecia um banheiro. Depois cruzou uma cisterna caindo aos pedaços e um chiqueiro com dois porcos enormes. Por fim, atingiram uma portinhola precariamente sustentada por cercas de arame farpado, que se estendiam em volta do terreno de Dona Conceição. Mayra abriu a estreita passagem e ambos deixaram a propriedade. Do casebre, a velha permaneceu observando até os dois desaparecerem na paisagem.

— Ela é bem simpática — Pedro comentou.

— É. É sim...

— Ela mora aqui sozinha?

— Sim. Pobre mulher... O marido morreu há muito tempo. Ela tem nove filhos e nenhum deles dá a mínima para ela — Mayra avançou sem olhar para trás.

Estavam agora diante de uma pequena depressão onde um caminho bem definido, composto de pedras claras e lisas, descia por quase oito metros na direção sul. A leste ficava a grande cadeia montanhosa que se estendia por vários quilômetros até o alcance das vistas. Sobre ela erguia-se o sol, radiante acima das nuvens do horizonte, executando sua missão diária de fazer do tempo quente e seco. Eram por volta de nove e pouca da manhã segundo a mulher. Além do relógio de pulso, ela não trazia mais nada. Pelo jeito não esperava muitos contratempos daquele ponto em diante. Pedro, por outro lado, carregava a mochila, apenas com algumas peças de roupas, um cantil redondo e três maçãs recolhidas da geladeira.

— E agora? Para onde estamos indo? — ele quis saber.

— Essa é uma trilha pouco conhecida que leva para dentro do parque. Ela segue por cerca de mil e quinhentos metros para o sul. Depois acompanha paralelamente o caminho principal dos visitantes por oito quilômetros até uma queda d'água chamada de *Cachoeira da Farofa*. É para lá que nós vamos. Espero que esteja preparado. Serão mais de duas horas de caminhada. Mas vale a pena. O lugar é muito bonito.

Após descerem a trilha, eles pisaram em terreno arenoso, margeado por enormes pedras cinza-claras. Logo à frente havia uma espécie de muro com menos de meio metro de altura, todo moldado em pequenos blocos de rocha

branca, escurecidas pelo musgo que crescia à sombra do lado norte. A construção era bastante regular e se estendia por não mais do que vinte passos ao longo da rota. A mulher disse que se tratava de algo bem antigo, feito por escravos há centenas de anos, quando a Serra do Cipó era trajeto obrigatório para as expedições dos primeiros bandeirantes.

Aos poucos, pequenas árvores surgiam no corredor da trilha e a mata começava a se adensar. Em alguns pontos, a luz atenuada do sol atingia o solo, após transpor as copas ramosas da vegetação. Em outras partes fora do caminho, onde a sombra era mais intensa, o chão estava todo alagado e a matéria orgânica em decomposição exalava um cheiro relativamente agradável. E assim foi por quase um quilômetro, até que de repente o trecho se abriu e, diante deles, surgiu o grande rio escuro e avermelhado correndo na direção oposta ao parque. Deve ter sido ali que Dona Conceição viu o homem encapuzado, Pedro pensou.

Eles então beiraram a água durante algum tempo até que uma pequena trilha, quase invisível, os levou novamente até a mata fechada. Aos poucos o caminho começava a se inclinar para cima, à medida que a vegetação ficava mais espessa. Ali as árvores eram menores e mais finas, e seus galhos mostravam-se agressivos contra os que desejavam atravessar. No final do trecho, quase não havia indícios de que alguém já tivesse passado por ali, porém Mayra seguia determinada.

Logo outro campo aberto surgiu e, durante um breve instante, contemplaram o rio de novo, antes de virarem para leste. Por fim, alcançada a parte mais alta de um enorme barranco de terra, os dois tiveram uma visão privilegiada do lugar. Cerca de cinquenta metros adiante, e quatro abaixo do nível onde estavam, havia uma estrada de chão bem definida, cruzando toda vista em direção ao sudeste. À direita dessa trilha ficava uma grande área verde e do outro lado um espaço mais aberto, típico do cerrado brasileiro. Ao longe se erguiam as montanhas, com enormes paredões de pedra ainda escondidos da luz solar. Pedro sentiu-se encorajado ao ver que o trecho de caminhada melhoraria dali para frente.

— Estamos dentro do Parque Nacional — disse Mayra. — Aquela é a trilha para visitantes. Logo ali, à esquerda, fica a portaria.

— E como desceremos esse barranco?

— Não vamos. Não usaremos aquele caminho. Pelo menos, não agora. Não podemos ser vistos. Iremos por uma rota alternativa.

— E não seremos vistos fora da trilha?

— Dificilmente. Poucas pessoas andam por essas matas hoje em dia. Os moradores locais têm medo das histórias sobrenaturais e o governo emprega o mínimo de gente para cuidar do lugar. Os recursos de proteção ambiental vão direto para a Amazônia. Os parques nacionais, estaduais e municipais estão

todos abandonados.

Pedro olhou em volta, agora menos animado. Não havia ninguém em parte alguma.

— *Venha!*

E assim Mayra seguiu por cima do barranco até que um novo ponto de descida surgisse diante deles. Começaram então a andar, ora sobre o calor escaldante do sol, ora encobertos por matas cheias de árvores e plantas exóticas. Vez ou outra, a terra se abria para revelar grandes pedras acinzentadas e irregulares. Logo a frente havia sempre a gigantesca cadeia montanhosa, esverdeada pela natureza e azulada pelo céu que traiçoeiramente os convidava a seguir adiante.

A beleza da Serra do Cipó era tão atraente que fez Pedro se esquecer temporariamente de todos os seus problemas, mas após quarenta ou cinquenta minutos de intensa marcha, já começava a sentir o cansaço. Ele não estava acostumado a longas caminhadas. E se tinha treinado corrida nos últimos meses nos quarteirões do bairro onde morava, foi porque queria muito passar nos testes físicos do alistamento militar. O ar puro era revigorante, especialmente para alguém que viveu toda a vida perto de Brasília, uma das cidades mais poluídas do país. Mas caminhar no meio da mata, subindo e descendo trilhas irregulares e lutando contra pedras, era tarefa bem mais difícil do que dar voltas na praça abandonada a poucos quarteirões de sua casa.

De repente, um barulho estranho chamou-lhes a atenção. Era um som claro e fácil de identificar. *Água corrente*. E logo surgiu diante deles um filete cristalino como Pedro jamais tinha vislumbrado, um pequeno córrego que deslizava por cima de um veio de pedras esbranquiçadas. O lugar estava protegido da luz do sol por árvores enormes, transformando-o em um oásis após alguns quilômetros de caminhada. Sem cerimônia,

Mayra entrou no riacho. Ela nem se preocupou em descalçar os tênis. Depois de tomar duas mãos de água, deitou-se e molhou todo o corpo, deixando por último os longos cabelos negros e a fina trança que descia da nuca até o ombro direito. Pedro fez o mesmo, afastando apenas a mochila, mas não esperava que a temperatura fosse tão *gelada*. Precisou molhar-se de uma só vez, em um ímpeto de coragem, pois aos poucos seria muito difícil fazê-lo. O leito do riacho era arenoso e dentro dele a visibilidade era completa.

— Não podemos nos demorar aqui — disse Mayra, já fora do rio, os seios bem definidos pela camiseta molhada. — A partir desse ponto, seguiremos a trilha principal do parque. Teremos que ser mais rápidos agora.

Pedro então voltou à margem para buscar a mochila, reabasteceu o cantil vazio e cruzou a água, seguindo a mulher. O banho havia lhe feito muito bem. Sentia como se suas energias tivessem sido restauradas. Na meia hora seguinte,

os dois caminharam em uma trilha clara e bem definida, mas nem por isso mais fácil. Existiam vários pontos alagados no caminho. Era uma água suja e cheia de mato, quente se comparada a do riacho, e que subia além das canelas na maior parte do trajeto. Em três ocasiões, porém, a lama passou acima da cintura, tornando o avanço quase impossível.

Parecia haver uma tendência da trilha em mudar gradativamente a direção de sul para leste. As montanhas, que outrora pousavam como berço do sol nascente, estavam agora bem próximas e logo à frente. Tanto que, à distância, podia-se enxergar muito bem a enorme queda de água que escorria por um dos imensos paredões de rocha.

— É a cachoeira? — Pedro perguntou.

De tão distraído pela beleza exuberante da paisagem, mal percebeu que Mayra tinha se afastado. Havia uma pequena trilha paralela à principal que levava até um conjunto de pedras morro acima. Ali ficava uma espécie de marco, um portal aberto, composto de dois paredões encimados por um bloco de rocha inclinado. Parecia uma construção natural, mas lembrava muito a entrada de um templo primitivo. Além daquele ponto, não era possível ver mais nada, apenas árvores. A mulher seguiu em direção a esse caminho, mas Pedro logo percebeu que ela não pretendia tomá-lo. Pelo menos não de imediato, porque ela começou a rodear o mato que margeava a passagem.

— O que foi?

Mayra não respondeu, permanecendo concentrada em sua busca.

— Vamos subir essa trilha?

— Não.

Ela parou e se abaixou, levantando uma estaca de madeira do chão, com uma placa pregada na parte superior. Depois, fixou-a de pé entre duas pedras, bem no meio do pequeno caminho. Estava escrito, em letras grandes e pouco legíveis, "Perigo de deslizamento. Não ultrapasse".

— Preste atenção, Pedro! — ela encarou-o nos olhos. — Aconteça o que acontecer, você nunca deve tomar essa trilha. Se algum dia passar por aqui de novo, nem pense em subir. Entendeu?

— É o lugar onde aqueles adolescentes se perderam, não é? O tal caminho proibido?

— É apenas a entrada. A única até o Canyon das Bandeiras. Devia ter sido fechada há muito tempo — ela resmungou, antes de retornar à trilha principal.

Na casa de Dona Conceição, Mayra dizia não acreditar nas histórias sobre o lugar e, lá, até riu do assunto, coisa que raramente fazia. Mas agora, diante da entrada do caminho, a lembrança dos casos contados pela velha parecia mais sombria e real. O que existia além desse ponto era um total mistério, pois um

amontoado de pedras enormes e árvores frondosas obstruíam a vista na direção sul.

Por hora eles voltaram à trilha principal e, poucas dezenas de metros à frente, encontraram outro riacho cruzando o caminho. Esse, porém, não era como o primeiro, raso, cristalino e rápido, mas sim largo, de água escura e quase parada. O leito era mais profundo em alguns pontos, mas em nenhum deles era necessário nadar para se atravessar. Pedro era bom nadador e desde cedo aprendeu com Marquinhos as técnicas de sobrevivência dos bombeiros que o pai dele tinha ensinado. Mas aqui, precisou apenas levantar a mochila acima da cabeça para afastá-la da água gelada no nível de seu peito.

Após cruzarem o rio, subiram um barranco tomado de arbustos e, logo, enormes rochedos esverdeados, com mais de cem metros de altura, ergueram-se imponentes e intransponíveis à frente. Assim, caminharam em meio a árvores e cipós, até acharem um grande conjunto de rochas. Ao transporem-nas, descobriram outra trilha menor que se inclinava para cima e que corria paralela ao caminho principal, do qual já estavam bastante afastados.

A partir daquele ponto, o trajeto se tornara mais difícil, se é que isso era possível, pois havia pedras por todo o chão. Era preciso olhar bem onde pisavam, porque fendas enormes se abriam como erosões no solo seco e a vegetação rasteira escondia armadilhas. Conforme seguiam, outro som se propagava pela mata. Era um barulho semelhante ao da água que descia o riacho quilômetros atrás, porém mais forte, mais grave, mais agressivo. A subida se acentuava a cada passo e exigia atenção e esforço redobrados. O sol erguia-se bravio quase na metade do céu, castigando a pele desprotegida e indicando que faltava menos de uma hora para o meio-dia.

Então, ao atingirem o ponto mais elevado da enorme pedra, puderam contemplar a vista panorâmica da região. Há cem metros ou mais de distância, e há vinte metros abaixo, o caminho principal se dividia em trilhas menores, quase invisíveis, por entre pedregulhos e árvores de médio porte. Essas estavam por todo lugar e obstruíam boa parte da visão. Mas tudo isso Pedro só percebeu depois. O que mais lhe chamou a atenção num primeiro momento foi o grande paredão de pedra, uma escada de quatro enormes degraus, que se erguia diante deles. Devia ter entre sessenta e oitenta metros de altura ao todo. Do centro jorrava a intensa coluna d'água que colidia contra as rochas, terminando em um lago límpido e cristalino. Ele ficou impressionado com tamanha exuberância da natureza.

— Pedro. Essa é a *Cachoeira da Farofa*.

Só de olhar era fácil entender a razão do nome. A enxurrada que vinha de cima descia com extrema violência e se esfarelava ao colidir contra cada nível da

cascata, formando a imensa cortina branca que culminava no poço cheio de pedras. O som era forte, mas igualmente relaxante. Não havia ninguém nas proximidades.

— É impressionante. Nunca vi nada parecido.

Era verdade. Ele jamais sonhara com tal cenário. O tempo passava devagar agora.

— *Vamos!* — disse Mayra, após alguns minutos de descanso.

Ela continuou seguindo a trilha, que parecia contornar o paredão de onde pendia a bela cachoeira. Relutante, o jovem a seguiu, mas não sem primeiro esvaziar o cantil novamente. *Não é possível. Ela quer me matar antes de chegarmos.*

Não demorou até que perdessem a grande cascata de vista. O barulho da água, entretanto, ainda os perseguiu por muitos passos. A subida tortuosa e traiçoeira virava agora para o sul, estendendo-se até alcançar o mesmo nível do topo da cachoeira. Não havia visibilidade alguma naquele trecho, porque uma pequena floresta encobria o caminho.

Depois de um tempo a trilha finalmente começou a descer e as árvores ficaram mais raras à medida que enormes paredes de rocha cresciam ao redor. Eram formações monumentais, com várias camadas de pedra que deixavam visíveis apenas uma breve porção do céu. O lugar parecia uma caverna sem teto. Continuaram por mais um quilômetro. Pedro estava prestes a entregar os pontos, mas Mayra não dava sinais nem de cansaço e nem de misericórdia.

De repente, algo desceu voando do céu em direção à mulher. Ela estendeu o braço direito, não para se defender de um ataque, mas para acolher a enorme ave negra, com asas grandes e bico protuberante. Era *Barbara*, a urubu-fêmea. Mayra reconheceu-a imediatamente e, por alguns instantes, acariciou e elogiou o pássaro, enquanto Pedro manteve-se afastado. Sua mão não doía mais, porém havia uma cicatriz para lembrá-lo do passado.

— Ela veio voando de Brasília até aqui? — ele estava impressionado.

— Inacreditável, não? Os urubus são aves de grande resistência. Conseguem voar centenas ou até milhares de quilômetros sem parar.

Ela então estendeu de volta o braço e a ave voou, desaparecendo de vista. Continuaram a seguir pela trilha, Mayra sempre à frente. E de repente ela parou, não para esperar pelo jovem, mas para contemplar alguma coisa que surgiu diante dela. Pedro não conseguiu ver de imediato e, ao se aproximar, olhou ao redor sem muita curiosidade. E foi aí que percebeu o que sua companheira mirava tão fixamente. Ficava no final da trilha, cinco metros subindo pelas pedras. Parecia a entrada de uma *caverna*.

Era uma grande fenda na rocha, tão alta quanto uma casa e larga o suficiente

para duas pessoas entrarem lado a lado sem dificuldades. As paredes ao redor eram irregulares e se estendiam por dezenas de metros acima da abertura. Seria a imagem típica de uma das muitas grutas e cavernas da região, não fosse por uma pequena particularidade. Havia diversas rachaduras e pequenos buracos na pedra logo sobre a entrada e essa área estava coberta por uma camada esverdeada que se movia ao sabor do vento. E só após aproximar-se um pouco mais, o jovem percebeu que aquilo eram pássaros. *Papagaios* para ser mais exato. Um bando enorme.

Havia dezenas, talvez centenas deles. A maioria era de cor verde-clara, brilhante, e vários tinham tons de amarelo e azul espalhados como pequenas manchas sobre a cabeça e na frente do pescoço. Todos possuíam bicos escuros e olhos grandes e alaranjados, e se agrupavam em bandos de três ou quatro em cada ninho.

— Que lugar é esse? — Pedro perguntou, protegendo os olhos do sol com o braço direito.

— É a caverna de Aratama. Você já me ouviu falar sobre ele antes, na casa de Nelson.

— E quem é ele?

— É o líder do nosso grupo de possuídos. O mais velho de todos nós. Recorremos a ele sempre que precisamos de aconselhamento.

— Ele mora aqui? — era difícil esconder a surpresa. Ele esperava ver um casebre de madeira ou algo do tipo.

— Sim. Como disse em Brasília, Pedro, também somos pessoas procuradas pelo governo. Agora, lembre-se de sua promessa de não contar a ninguém sobre esse lugar.

— Então os outros nunca vieram até aqui? Quer dizer, Jorge, Aline...?

— Não. E eles não devem saber de nada. É muito perigoso para nós se muita gente souber onde está o nosso líder.

— E por que você me trouxe?

— Aratama era grande amigo de seu pai. Ele sempre quis conhecê-lo. Agora, espere aqui — ordenou a mulher, avançando em direção à caverna.

As aves, que a princípio já demonstravam ter percebido a presença dos dois estranhos, começaram a ficar agitadas. De súbito, o som grave e estridente do bando de pássaros ecoou potente colina abaixo. Mayra, porém, seguiu firme e a passos lentos em direção aos animais. À medida que se aproximava, eles pareciam se acalmar. Ao chegar a menos de três metros da entrada da caverna o silêncio era completo e as aves apenas a observavam tranquilamente, como se ela fizesse parte da paisagem.

— Eu já volto — ela gritou para o jovem, antes de desaparecer na negritude

da abertura.

Pedro esperou por dois ou três minutos até que Mayra retornasse para chamá-lo. Seguindo-a lentamente sob os olhares profundos e desconfiados dos papagaios, ele entrou na caverna.

A princípio, tudo era muito escuro, e ele tinha a vaga impressão de que havia um grande corredor à frente, cuja altura e comprimento eram difíceis de determinar. O chão era bastante liso e regular, e inclinava-se levemente em direção ao nível mais baixo da gruta. À medida que a luz do sol ficava para trás e que seus olhos se acostumavam à escuridão, um pequeno ponto luminoso e flamejante cintilava metros adiante. Era como se o brilho de uma chama se projetasse sobre as paredes de uma curva no fim do corredor. Com Mayra sempre à frente, Pedro prosseguiu, agora mais rápido.

Enfim chegaram a uma espécie de salão dentro da caverna. Era um lugar grande, com mais de dez metros de largura por outros dez de comprimento, e com o teto bastante alto, superior a cinco metros em seu ponto mais elevado. Por todo lado havia formações rochosas em padrões cônicos pendendo de cima e brotando do chão. Pequenas quantidades de água minavam da cobertura e se espalhavam pelo local. E apesar da iluminação precária, proveniente do lampião sobre a grande pedra em um dos cantos, Pedro observou algumas coisas jogadas ao solo. Eram utensílios como panelas, peças de roupa e pedaços de lenha, entre outros. A imagem daquele lugar inóspito e sombrio fez sua memória voltar no tempo três dias, quando esteve na casa de Nelson em São Paulo. Um ambiente escuro, úmido e desolado que pouco lembrava a habitação de um ser humano. Demorou a perceber a presença de mais alguém no recinto além dele e da mulher.

— *Bem vindos, meus filhos* — proclamou uma voz lenta e grave, quase rouca, mas que ao mesmo tempo era estranhamente suave e inteligível. Vinha de um ponto da caverna que o jovem não conseguiu identificar.

— Esse é o rapaz de quem falei, Mestre — disse Mayra.

— Como vai, Pedro? — completou a voz misteriosa. — Bem-vindo à humilde casa de *Aratama*.

P_{ARTE} II

O CASO DO ANTROPÓLOGO

Capítulo 8

Versos na fumaça

De um canto da caverna escura, à direita, um vulto começou a se mover para frente. Logo a luz fraca do lampião iluminou-o por completo, mas ainda sim, não era possível enxergar a pessoa. O que Pedro viu foi uma figura pequena, com cerca de um metro e sessenta de altura, magra e totalmente coberta por um manto marrom-escuro. Um capuz envolvia a cabeça e a face estava oclusa por causa da iluminação precária.

— Peço desculpas por me apresentar dessa forma, Pedro — disse a figura misteriosa, com sua voz áspera. — Sei que é uma grande indelicadeza de minha parte não mostrar o rosto. Mas você deve entender que um homem que vem morar num lugar tão inóspito e isolado como este deve ter suas razões para ser tão precavido. Apesar disso, espero que se sinta à vontade em meu humilde lar. Não é muito confortável, mas esteja em sua casa.

— Obrigado — disse o jovem, sem muita firmeza. Não se sentia nem um pouco a vontade. A voz rouca do sujeito o fazia se lembrar de um dos tios de Marquinhos, que tinha uma grave doença na garganta por causa de anos de fumo. — Desculpe-me perguntar, mas quem é você?

— Sou a sombra de um passado remoto. Alguém esquecido há muito tempo e que assim deve permanecer... Pode me chamar de *Aratama*.

Pedro encarou a figura sinistra. Tentou olhá-la nos olhos, mas era impossível achá-los no meio da penumbra que encobria o rosto. Não sabia o que dizer ou perguntar. Desde que ouviu Mayra contar a Paulista que o levaria até o velho possuído, o *primeiro* de acordo com Nelson, começou a imaginar como e onde aconteceria esse encontro. Mas nada do que imaginou o preparara para aquilo. *Será que ele realmente vive aqui?* Era difícil acreditar, embora tudo levasse a crer que sim. *Será que Aratama é o estranho que Dona Conceição viu às margens do rio, o tal eremita do parque?* Isso explicaria bem o comportamento de Mayra, tentando desacreditá-la.

— Mayra me disse que o Senhor conheceu o meu pai — comentou o jovem, incerto. — Quer dizer, meu verdadeiro pai.

— Sim... Conheci sim, muito bem — a réplica foi arrastada, quase lamuriosa. — Jamais, em minha longa vida, encontrei um homem tão corajoso e determinado.

— E o Senhor também conheceu a minha mãe?

Aratama demorou alguns segundos para responder. — Bem... Digamos que eu sabia bastante sobre ela. E posso dizer que era uma mulher excelente. Seu pai a amava muito.

O velho caminhou devagar até uma pedra próxima e, com um murmúrio de esforço, sentou-se com ligeira dificuldade. Calçava um par de luvas de couro escuras. Já os pés continuavam oclusos, mesmo depois de sentado, tão comprido era o seu manto. Diante de seus custosos movimentos, Pedro começou a duvidar se aquele homem poderia realmente ter ido tão longe, até a margem do rio na vizinhança da fazenda de Dona Conceição. *Deve ser mais idoso do que eu pensava.*

— Por que vocês dois não se sentam também? Devem estar cansados.

Mas antes que os visitantes esboçassem qualquer desejo de se sentarem sobre a pedra nua do chão, um ruído ensurdecedor ecoou dentro da caverna. Eram novamente os gritos das centenas de papagaios, todos se agitando ao mesmo tempo. Mayra se voltou para o corredor de entrada e colocou-se em estado de prontidão. A postura era firme e defensiva como no episódio da tentativa de assalto na rodoviária de São Paulo. Aratama, porém, continuou sentado e quieto. De repente, o som dos pássaros diminuiu e eles ouviram passos rápidos e pesados dentro do corredor. Alguém se aproximava do imenso salão de pedra. E então, Pedro o viu pela primeira vez.

Era um homem enorme, com quase dois metros de altura. Tão grande que, ao entrar na câmara, curvou-se para não bater a cabeça no estreito vão de entrada. Era também muito forte, com braços musculosos, costas largas, pernas compridas e abdômen bem definido. Devia ter mais de trinta anos, embora estivesse escuro demais para ver os detalhes de sua face. Usava calças brancas de linho cru, estava descalço e sem camisa, e havia uma tatuagem sobre o ombro direito.

— *Mestre?* — bradou com sua voz poderosa, antes de parar diante de Mayra. Seu rosto triangular era liso, sem nenhuma barba, e uma vasta cabeleira negra e ondulada escorria-lhe pelas costas.

— Oi, Roger — ela relaxou a guarda.

— Ah... É você. Por um instante pensei que tinha alguém estranho aqui. Ouvi os papagaios gritarem e... — o homem parou de falar, mostrando-se surpreso ao perceber a presença de Pedro. Os olhos eram escuros e a pele parecia corada quando iluminada pela fraca luz do lampião. — Quem é esse? — perguntou em tom rude.

— Está tudo bem, *Carabao* — Aratama ergueu-lhe a mão de forma tranquilizadora. — Esse é o Pedro Oliveira. Ele é um de nós. Mayra o encontrou há poucos dias.

Roger permaneceu imóvel e, apesar de não ter questionado mais, manteve o olhar de desconfiança.

— O que faz aqui? — a mulher olhava para o gigante e usou o mesmo tom áspero com que ele indagou sobre Pedro.

— Veio treinar, ora... — foi Aratama quem respondeu. — Ele é meu discípulo, não se lembra?

— O senhor não recebeu a minha mensagem, Mestre?

— Sim, recebi... E devo confessar que fiquei muito impressionado com o desempenho da sua urubu de estimação. Mas não se preocupe com o Carabao. Ele está aqui apenas para nos ajudar.

— Bom... Já que está tudo bem, vou voltar lá para fora — disse o homenzarrão.

— Não. Fique — Aratama ordenou calmamente. — Vou precisar de você. Por favor, sentem-se todos.

Os três obedeceram, sentando-se diante do velho. Pedro encostou a mochila em uma pedra próxima, mas acomodou-se no chão como os outros.

— Sabe por que está aqui, meu jovem?

Ele pensou um pouco. — Não exatamente.

— Está aqui porque é um de nós — disse Aratama.

— *Um possuído!*

— Isso mesmo... E para todos nós, possuídos, chega a hora em que precisamos tomar uma decisão. Talvez a mais importante de nossas vidas — o velho apertou os próprios joelhos com as mãos enluvadas. — Creio que, se veio de tão longe e de livre vontade até aqui, é porque já tem alguma ideia dos perigos que corre estando por aí sozinho.

— Bem... Mayra me contou sobre o meu pai e sobre os possuídos. Mas sinceramente não acredito que seja um de vocês.

— E por que não? — Aratama não parecia surpreso.

Pedro pensou em como prosseguir. Não queria parecer um tolo aos olhos do Primeiro Possuído. — Bem, nunca senti nada de... anormal, eu acho.

— Sim...

— E aquele homem em São Paulo foi claro ao dizer que eu não era um possuído.

— Sapiiranga não conseguiu ver o espírito dele, Mestre — Mayra confirmou.

Aratama ponderou durante alguns instantes antes de continuar. — Não é estranho que você não tenha desenvolvido nenhum poder sobrenatural até hoje, Pedro. Dominar uma entidade incorporada ao corpo não é algo que acontece da noite para o dia. Exige muito treinamento e leva tempo até que se consiga controlar os poderes. Em geral, são anos de dedicação.

Ele pareceu segurar o queixo por baixo do capuz durante um segundo ou dois. — Quanto a Sapiranga, bem... Não tenho certeza se os olhos dele ainda são como costumavam ser. Mas é provável, meu jovem, que o seu espírito ficou adormecido por tanto tempo que nem mesmo ele tenha sido capaz de senti-lo. O ideal é que um possuído inicie o treinamento por volta dos dez anos de idade, quando o corpo já está preparado. No seu caso, a falta de estímulos pode ter contraído sua capacidade de desenvolver os poderes naturais da possessão.

— Mas e quanto à marca? — Pedro mirou a tatuagem no ombro de Roger. Tais quais as do médico e do estudante de geologia, era composta de traços negros e primitivos. Essa, porém, parecia ter a forma do desenho rupestre de algum animal de quatro patas. — Jorge me disse que todos os possuídos têm uma.

— Não é só uma marca — completou Aratama. — É uma tatuagem sagrada. Herança de uma antiga cerimônia indígena, realizada após a consagração da pessoa a determinado espírito. Existem três ritos sagrados pelos quais um possuído normalmente passa durante a vida.

— O primeiro é o *Ritual da Possessão*. É nele que se oferece o corpo puro de um recém-nascido como moradia a uma entidade do plano espiritual. É nesse ponto que o espírito faz a travessia para este mundo e adormece dentro da criança.

— Já o segundo é um rito de passagem, chamado *Ritual da Anunciação*. É quando se comunica à tribo que o bebê acolheu um espírito. Isso acontece sempre poucas semanas após o primeiro. É então que o indivíduo recebe a marca sagrada. Essa tatuagem está intimamente ligada à entidade adormecida e serve para que todos saibam que aquela é uma pessoa especial.

— O terceiro e último é o *Ritual do Despertar*. Em geral, ocorre depois que a criança completa dez anos e tem por objetivo acordar o espírito adormecido. Dificilmente um possuído consegue desenvolver suas habilidades sem passar por essa última cerimônia. Acredito que você tenha passado apenas pelo primeiro rito, quando ainda era um bebê. Sabemos que o seu pai escapou poucos dias depois que o submeteram à possessão. Isso explica o fato de não ter recebido a marca.

Aratama silenciou-se enquanto o jovem manteve-se pensativo. As pernas cruzadas formigavam por causa da caminhada, mas ele não se arriscou a se levantar.

— Seu pai foi um homem extraordinário, Pedro. Um sujeito determinado que sabia o que queria. Desejava acabar com as pessoas inescrupulosas que se insurgiam contra a nação. Mas infelizmente ele se envolveu demais nessa guerra, até que não tivesse alternativa a não ser fugir.

— Guerra? Entre quem?

— De um lado está o nosso inimigo. Um adversário sem rosto. Uma poderosa organização secreta conhecida como a *Sociedade do Fogo-Fátuo*. Seus membros estão em todos os lugares. No governo, na imprensa, na polícia, nas ruas e até nas organizações religiosas. Do outro estamos nós, os *Possuídos*, meros cidadãos renegados, condenados a vivermos escondidos em nossas cavernas. É uma luta desleal, meu rapaz. Muito injusta de fato — o velho suspirou. — Mas não nos resta alternativa, senão enfrentá-la.

— Mas se há uma guerra, então pelo que estamos lutando?

— Essa é a pergunta mais importante de todas, Pedro. E infelizmente não existe uma resposta clara. Nós, possuídos, lutamos em princípio por uma questão de sobrevivência. Mas a verdade é que, talvez, sejamos a última linha de defesa na oposição ao controle absoluto que a Fogo-Fátuo planeja para o país.

— Isso tem alguma coisa a ver com a Amazônia? — Pedro quis saber.

— Mais do que possa imaginar. Para que entenda o que estou tentando explicar, vou contar uma breve história — o velho ajeitou-se melhor sobre a pedra. — A trágica saga de um homem que mudou o destino de tudo. Seu nome era Bartolomeu de Moura Seixas, mas todos o conheciam como *Capitão Seixas*. O título não vinha de nenhuma patente oficial, e sim da capacidade de liderança e da influência que ele mantinha sobre seus homens. O sujeito era um explorador, um dos muitos financiados pelo governo para realizar levantamentos dos recursos naturais da região norte e centro-oeste do país, décadas atrás. Era também um bandido perigoso e ganancioso, que se impunha pela força acima de tudo.

— Acontece que o capitão e seu bando partiram certa vez do Mato Grosso para explorar a parte mais ao sul do Amazonas. A viagem teria durado vários meses até que, depois de chegarem às imediações de Manaus, seguiram para oeste. Fome e pragas assolaram a expedição, mas Seixas não permitia que ninguém desistisse até encontrarem algo de valor. Ele jamais aceitaria voltar de mãos vazias. Então, um dia, acharam uma trilha secreta dentro da floresta. Ela levava até o vale onde ficava uma tribo indígena aglomerada ao redor de uma grande pedra. Os nativos se autodenominavam os *Itaguaçus*. Existiam relatos escritos por Seixas dizendo que seu bando foi o primeiro a descobrir a tal localidade e que esses índios nunca haviam tido contato com o homem branco.

— E parece que os habitantes foram muito receptivos com os visitantes. A tal ponto de o cacique oferecer sua única filha mulher para o capitão, como prova de paz e boas vindas. O nome dela era *Ceci* e era a mais bela jovem da tribo... — Aratama respirou fundo. Depois pegou uma grande cabaça em forma de garrafa do chão e sorveu um breve gole de água. — Estão com sede?

— Não, obrigado — Pedro havia trago seu próprio cantil. Mayra e Roger também rejeitaram a oferta.

— Os Itaguaçu eram um povo pacífico — o velho continuou — e permitiram que os homens brancos ficassem por ali durante muitas semanas. Seixas, que a princípio não vislumbrou a grandiosidade de sua descoberta, começou a estudar a cultura e os rituais da comunidade. Ele também teve um filho com Ceci, mas depois de um tempo, juntou seus comparsas e continuou sua jornada para o norte, abandonando a mulher e a criança.

— Meses após, tendo sido mal sucedido em sua busca, o Capitão Seixas retornou à tribo dos Itaguaçu, onde viveu por mais um ano, até ser expulso. Parece que ele teve algum desentendimento com o velho cacique e, por isso, o obrigaram a partir. Mas o problema foi que Ceci, a filha do chefe, esperava outra criança dele. Revoltado, Seixas se foi, mas logo retornou. Ele então invadiu e queimou toda a tribo, matando o líder. Durante a invasão, Ceci deu a luz ao filho mais novo e perdeu a vida depois do parto. O capitão também recebeu um ferimento fatal na batalha e morreu horas após o ataque. Com sua morte, seus homens saquearam a aldeia e partiram de volta para a civilização, deixando os dois filhos órfãos do líder para trás, um já com quatro anos e o outro recém-nascido.

— Bom... Para encurtar a história, os dois meninos viveram na tribo, criados como índios, aprendendo seus rituais e costumes. Mas um dia o pajé teve um sonho... Uma visão noturna prevendo que as crianças seriam a ruína da aldeia se continuassem morando ali. Infelizmente o velho estava certo. Um grupo de nativos então as levou até um orfanato de Manaus e lá elas ficaram até a maioridade.

— Só que anos mais tarde, um dos filhos, o mais novo, resolveu voltar à tribo de sua mãe e, após muita insistência, foi aceito. Ele permaneceu lá por muito tempo, estudando os rituais antigos, e quando retornou à cidade, fundou a Sociedade Secreta do Fogo-Fátuo. Ele então começou a realizar o Ritual da Possessão em recém-nascidos, algo terminantemente proibido pelas leis da tribo. E foi aí que nós, possuídos, surgimos.

Aratama fez uma breve pausa, tempo suficiente para que um nome emergisse na mente de Pedro. Ele se lembrou da velha foto, com o rosto magro e raivoso, do sujeito mais procurado do país.

— Esse homem... Filho mais novo do Capitão Seixas... Por acaso, o nome dele era Emanuel?

Aratama abaixou a cabeça antes de responder. — Não... Emanuel era o primogênito. Foi o irmão dele, Sinval, quem começou tudo isso.

— Mas se o irmão criou a sociedade secreta, então por que existem cartazes

de procurado por aí com a foto de Emanuel? O que ele fez de errado?

— Bem... Emanuel não era um homem santo, Pedro — disse o Primeiro Possuído. — Ele fez muitas coisas erradas. Mas também foi um dos poucos que se opuseram ao irmão. E infelizmente todos os que fizeram isso, incluindo o seu pai, tiveram um final trágico. Quando Emanuel descobriu o que Sinval fazia, tentou enfrentá-lo, mas a Fogo-Fátuo já era poderosa demais.

— Quer dizer que Emanuel Seixas...?

— *Está morto* — anuiu o velho.

— Mas então, por que estão procurando por ele?

— É muito simples, meu jovem. A principal arma da guerra de que falei é a manipulação da opinião pública. A Fogo-Fátuo é uma organização que ganha terreno com base no medo. Toda essa história de soberania sobre a floresta e cobiça internacional da Amazônia é apenas um dos meios de controle da população. O povo sempre precisa de um inimigo para odiar. Alguém que receba a carga de sentimentos negativos, que desvie as atenções, enquanto seus líderes agem impunemente e de maneira autoritária, fazendo o que bem entendem. E esse inimigo tomou a forma de Emanuel Seixas e desse grupo fictício conhecido como *Liberdade Verde*.

— E é por isso que precisamos lutar, Pedro — Aratama aumentou o tom de sua voz rouca. — Somos a última linha de defesa do povo contra essa ameaça invisível. Poucas pessoas, além de nós, sabem da existência da Fogo-Fátuo e dos crimes que ela cometeu. A morte de seu pai e o desaparecimento de sua mãe foram apenas alguns. Muitos já perderam a vida e a liberdade lutando nessa guerra.

— Mas por que vocês simplesmente não revelam ao mundo o que sabem sobre essa sociedade?

— Não é tão simples assim, Pedro. Conforme já disse, eles estão em todo lugar. Inclusive nos meios de comunicação. O governo controla secretamente a imprensa e a usa para disseminar o medo e o ódio entre a população. O braço da Fogo-Fátuo é tão grande e forte que chega até o gabinete da vice-presidência em Brasília. Afonso Manauara é um dos membros mais fiéis da organização. Juntos, ele e Sinval comandam milhares de pessoas em todos os lugares.

Pedro guardou silêncio por alguns momentos. Em sua mente, começava a se materializar um cenário sombrio, uma trama complexa que em vez de esclarecer o que já sabia, tornava tudo mais obscuro. O inimigo tomava forma, embora seu rosto ainda fosse tão indefinido quanto o de Aratama. Esse, por sua vez, esperou até que Pedro falasse.

— O senhor disse que vim aqui para tomar uma decisão.

— Ah sim... Você deve escolher se fará ou não parte dessa guerra, meu jovem.

Não queremos obrigá-lo a nada, mas terá de decidir se irá nos ajudar na batalha. É muito importante que faça essa escolha sozinho e de maneira consciente. Apesar de ter feito uma longa viagem, ainda pode desistir. Podemos fingir que nunca esteve aqui e você poderá voltar para junto de seu pai adotivo. Entretanto, acredito que não haverá lugar seguro onde vocês dois possam ficar de agora em diante. Por outro lado, se escolher se tornar um de nós, seremos capazes de protegê-lo. Seu pai estará a salvo enquanto estiverem separados. Mas como disse, lutar nessa guerra não será tarefa fácil. Estamos enfrentando uma batalha desleal e precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir.

Pedro ponderou, os olhos fixos sobre a chama tremeluzente do lampião. — O senhor acredita que a minha mãe ainda esteja viva?

— É possível.

Olhou para Mayra. A mulher o mirava fixamente, externando ansiedade por sua decisão. Roger também o encarava, porém sem muito interesse. Aratama permaneceu imóvel.

— Mas e se eu não for um possuído?

— É um risco — disse o velho. — Mas só o tempo tem essa resposta. Fazemos um trato. Você se junta a nós. Receberá treinamento para desenvolver o seu espírito. Voltará à escola para terminar os estudos. Terá auxílio financeiro para morar em Belo Horizonte pelo período que precisar. E em troca, prometo que faremos o possível para encontrar a sua mãe, esteja ela viva ou não. O que me diz?

Novamente Pedro tentou encará-lo. Mesmo tratando-se de uma figura enigmática, o sujeito encapuzado parecia emanar uma aura de paz e sabedoria. Algo que atraía sua confiança, apesar de ainda não saber nada sobre aquela gente. *Mas não há mais caminho de volta. Não para mim. Não tenho muito a perder agora...*

— Eu aceito...

Foi Aratama quem hesitou dessa vez. Ficou imóvel, aparentemente olhando para Pedro. Mayra mirava o velho com expressão de preocupação. Roger também estava em silêncio, com o olhar perdido nas chamas do pequeno lampião.

— Certo então — disse enfim o senhor da caverna. — Neste caso, temos muita coisa a fazer. *Carabao!* Quero que fique aqui e me ajude a arrumar tudo. *Mayra!* Leve Pedro lá para fora e prepare-o para logo mais à noite.

— O que vai acontecer à noite? — o rapaz perguntou.

— Hoje, você dará o primeiro passo para se tornar um verdadeiro possuído. Vamos realizar o Ritual do Despertar para o seu espírito.

— E como é esse ritual?

— Você verá. Não se preocupe agora. Vá com Mayra e tente manter a mente livre de maus pensamentos. Até mais tarde...

Pedro então se levantou do chão e seguiu a mulher de volta através do corredor até a saída da gruta. Sentiu uma leve câimbra, mas andou sem dificuldades. Já passava muito do meio-dia e ele agora se dava conta de que estava morto de fome. Novamente os papagaios demonstraram desconfiança, mas mantiveram-se quietos, apenas observando os dois.

Mayra caminhou em direção ao norte e, a poucos metros da entrada da caverna, começou a descer uma leve encosta de pedra que culminava em um terreno arenoso e escuro. Alguns passos à frente, surgiu o grande paredão branco, de onde se projetava uma enorme rocha achatada que servia de telhado para o abrigo improvisado. Ali havia algumas roupas, uma mochila e outros utensílios que provavelmente pertenciam a Roger. Existiam ainda resquícios de uma pequena fogueira, apagada já há algum tempo. A mulher colocou as coisas de Pedro em um dos cantos do refúgio.

— Ajude-me a cavar um buraco aqui — ela solicitou, ajoelhando-se um pouco mais a frente, embaixo do telhado de pedra.

— Por que estamos cavando? — ele questionou, depois de retirar boa quantidade de terra da vala que já tinha quase o seu tamanho.

— Isso faz parte da preparação do ritual. Você deve se enterrar aqui. A terra irá purificar o seu corpo para que o espírito possa se manifestar pela primeira vez. Acho que já está bom.

— E agora? Quer que eu me deite aí?

— Sim. Mas antes terá de tirar toda a roupa.

— O quê? — Pedro achou que era brincadeira.

— Para que a terra o purifique, ela precisa estar em contato direto com a sua pele — Mayra articulava da maneira mais natural e séria possível.

Ele ficou bastante constrangido. Seu rosto corou e as palavras estacionaram na garganta.

— Você se sente incomodado em ficar nu na minha frente? — perguntou ela, com uma seriedade que o deixou ainda mais sem graça.

— Bom... Um pouco.

— Certo. Nesse caso, enquanto me viro, você tira a roupa, deita aí e se cobre com um pouco de terra. Depois cubro você com o resto.

Mayra então caminhou até um canto do abrigo e, agachada de costas, começou a mexer na mochila. Com o movimento, a blusa dela se levantou e Pedro viu parte de uma tatuagem acima da cintura, no meio da lombar. Era semelhante a dos outros, mas bem maior, com pequenos pontos e linhas marcadas em negro. Mas logo desviou o olhar. Despiu-se, sentou no chão frio e

úmido do abrigo e cobriu-se do umbigo até os joelhos com o monte de terra acumulada ao lado. *Isto está mais gelado do que a água daquele riacho*, ele pensou, gemendo. Depois, a mulher começou a empurrar sobre ele o resto do solo remexido e, em pouco tempo, seu corpo estava totalmente encoberto. Apenas o rosto ficou livre e ele só conseguia ver o teto de pedra acima, mal podendo olhar ao redor.

— Mais tarde volto para buscá-lo — Mayra bateu as mãos para limpá-las. — Lembre-se do que Aratama disse. Procure esvaziar a mente. Tente relaxar e sentir o solo. E não saia daí. Até... — e assim a mulher desapareceu, indo em direção à caverna.

Pedro então ficou ali no chão, deitado, vestido só com a terra escura e porosa do parque, tentando imaginar o que seria "sentir o solo". *Sinto apenas o frio. O frio e as pedrinhas pontiagudas arranhando minhas costas e espetando a minha bunda*. Apesar do sol intenso que havia feito todo o dia, o terreno estava fresco, e isso, com o tempo, trouxe relaxamento a seus músculos cansados da longa caminhada. Era uma sensação estranhamente agradável. Teria sido fácil adormecer naquela situação, não fosse a fome que atacava o estômago. Será que Mayra se esqueceu de que ele precisava almoçar, ou ficar sem comer também fazia parte da preparação para o ritual?

E durante toda a tarde, Pedro esperou. Conforme ordenado, tentou esvaziar a mente e pensar apenas em coisas boas. Mas havia poucas das quais se lembrava. Sobretudo após ter recebido a primeira visita de Mayra. Só agora ele se dava conta do quanto sua vida tinha se transformado. Eventualmente sons de passos firmes e pesados quebravam sua concentração. Olhando ao redor, podia ver a silhueta enorme de Roger caminhando de um lado para o outro, antes de retornar à caverna. Devagar o tempo foi passando, até que os últimos raios de luz do sol poente e avermelhado atingissem a parede do abrigo e iluminassem o *garoto simplório de Taguatinga* pela última vez. Sua vida nunca mais seria a mesma.

* * *

Talvez Pedro tenha adormecido um pouco após o anoitecer, porque o céu tornou-se escuro de repente e Mayra apareceu ao seu lado, sem que ele percebesse.

— *Venha!* Está na hora.

Ele demorou a se levantar. Era como se o solo tivesse sugado parte de suas energias, relaxando os músculos ao ponto de a câimbra e a fome desaparecerem por completo. Seus longos cabelos anelados estavam sujos de terra e folhas, e ele ainda sentia pequenas pedras agarradas à pele das costas. Quando ficou de pé,

viu que Mayra trazia um manto cinza aveludado, que ela logo estendeu sobre o seu corpo. A mulher estava diferente. Tinha o rosto pintado, com linhas grossas verticais na testa e horizontais nas bochechas, todas em cor vermelho-terra. Os contornos dos olhos eram mais escuros que o normal e havia uma pena negra amarrada à ponta de sua fina trança de cabelo.

Ela apanhou um pequeno pote branco do chão, de onde retirou um pouco de tinta com os dedos, passando-os sobre a fronte de Pedro. Ele achou tudo aquilo bobagem, mas não se opôs. Por fim, ela o envolveu com o braço e o conduziu de volta à caverna. Apreensivo, ele caminhou em silêncio até a entrada da morada de Aratama, onde os papagaios pousavam acorados e quietos, a maioria de olhos fechados. *Estão começando a gostar de mim. Ou então, estão com mais sono do que eu.*

Agora o corredor principal da gruta encontrava-se completamente escuro e mal dava para se ter ideia de suas dimensões. A mulher o guiou até a grande câmara do velho possuído, mas o lugar estava vazio. Seguiram andando e Pedro logo percebeu outro caminho à frente, uma continuação dos fundos da caverna. A passagem era mais estreita do que a primeira e virava abruptamente para a esquerda. Ali surgiu um segundo salão, menor do que a antecâmara principal, iluminado por diversas velas espalhadas por todos os lados, que não serviam para aquecer o local. No meio do recinto passava um pequeno rio subterrâneo, um filete de água cristalina com mais ou menos três metros de largura. A corrente jorrava de um grande buraco irregular à direita e corria por um vão largo na parede à esquerda. Junto à margem do riacho estavam Aratama e Roger.

— Seja bem-vindo de novo, Pedro — disse o velho, ainda oculto pelo manto escuro e desgastado. — Aproxime-se.

O jovem caminhou a passos lentos até ele. Próximo ao córrego, o chão de pedra e o próprio ar pareciam mais frios.

— Agora que a terra retirou as impurezas do seu corpo e da sua mente, — continuou Aratama — você está pronto para passar pelo ritual mais importante. Mas antes de dar início à cerimônia, preciso perguntar outra vez. Tem certeza mesmo de que quer se tornar um de nós? A partir daqui, não haverá retorno.

Naqueles milésimos de segundo, Pedro se lembrou de Chico, e de como o velho queria que ele partisse com Mayra. *O que ele diria agora se soubesse onde estou me metendo?* Pensou também nas pessoas importantes de sua vida que nunca conheceu, Carlos e Sarah Abreu. Elas certamente teriam feito dele alguém bem diferente do que era. E embora não acreditasse muito nessa coisa de destino, de alguma forma era como se tudo aquilo não pudesse ter acontecido de outra maneira. Era como se ele realmente tivesse sido criado para estar ali, naquele momento, com aquela gente.

— Pedro? — Mayra o chamou de volta à realidade. — Responda ao Mestre!

— Sim — ele anuiu, sussurrante.

— Certo... — continuou Aratama, hesitante, como se tivesse sentido a dúvida do rapaz. — Então, quero que entre na água.

O jovem retirou o cobertor sujo de terra que o envolvia e pôs o primeiro pé dentro do riacho. *Nossa!* Estava gelado, bem mais do que os rios que atravessou para chegar até ali. Ao se deitar sobre o leito raso e duro, uma onda de choque percorreu todo o seu corpo. Levou alguns segundos até que o frio se tornasse suportável, mas muito longe de ser agradável.

Aratama então começou a recitar, em voz alta, palavras de uma língua estranha. Eram versos rimados e repetitivos de alguma melodia primitiva, acompanhados apenas do som do chocalho artesanal balançando em suas mãos enluvadas. Pedro viu o Primeiro Possuído sentado na beira da água, com as pernas cruzadas, enquanto Roger balançava uma espécie de ramalhete de folhas secas em chamas. Fumaça cinza-clara se espalhava pelo ar e o brilho fraco das velas tremulava no teto da caverna. O cheiro provocado pela queima era doce, remetendo o jovem às festas juninas de sua infância.

E foi assim durante um longo tempo, o qual ele não conseguiu precisar. Aratama, de vez em quando, interrompia o balançar do chocalho para atirar folhas e pequenas pedras na água, acima de seu corpo. Porém, a voz rouca continuava a ecoar pelo ar, com eventuais mudanças nos versos, sempre estranhos.

"Tata rovere oñembopere mitã mandu"ápe.

Tata rendague oho chendive.

Oje"ove"yva tatá rovasa, ohapy vaekue che ñe"e.

Tata, tata, tata..."

De repente, o velho pegou o buquê incandescente das mãos de Roger e, colocando os pés calçados no riacho, balançou-o sobre Pedro. Estranhamente a fumaça, que outrora se espalhava em todas as direções, começou a descer, como se fosse mais pesada que o ar. Em pouco tempo havia uma nuvem densa na superfície ao redor do jovem. Agora a fragrância era bem mais suave, leve feito neblina matinal, mas quente e reconfortante como o vapor de uma sauna.

O frio desapareceu por completo e seu corpo ficou totalmente relaxado. Mesmo a fraca correnteza do filete de água parecia capaz de levá-lo, sem que ele tivesse forças para reagir. Sua mente começava a ficar turva e o teto da caverna movimentava-se ao sabor do acaso. Por uma fração de segundo, pareceu-lhe ter visto os olhos de Aratama. Eles eram grandes, brilhantes, aguçados e rubros em função do fogo que balançava nas mãos. Depois, o brilho das chamas de todas as velas foi ficando mais e mais fraco, à medida que a voz do velho se perdia ao

longe. Roger já não era mais visto. Mayra se perdera na penumbra. *Não estou sentindo mais nada. Não tenho forças para me mexer. Está tudo tão escuro.*

Por que o mundo emudeceu?

* * *

A luz então voltou. Pedro retornou. Continuava deitado no chão duro e frio, mas agora não havia água. Ao contrário, encontrava-se novamente enrolado em um velho cobertor. Parecia o mesmo. Roger também estava lá ao seu lado.

— Bom dia, Pedro. Como se sente?

Antes de responder, tentou entender o que aconteceu. Enquanto seus olhos ainda se acostumavam à luz tímida do sol nascente, olhou em volta. Era o abrigo de pedra, fora da caverna. Estava vestido com as roupas extras que trouxe na mochila e deitado próximo ao buraco onde Mayra o enterrou. O gigante de cabelos longos sentava-se recostado na parede, as veias protuberantes impressas nos braços inchados.

— Estou bem — disse. — O que aconteceu?

— Você perdeu a consciência durante o ritual — o homem esboçou um sorriso discreto em seu rosto comprido. — Isso sempre acontece. Foi assim comigo também.

— E então, deu certo? Quer dizer, o ritual...?

— Bem, só o tempo poderá dizer... Geralmente a gente não sente nada de diferente no início — Roger estendeu-lhe uma garrafa plástica e transparente de meio litro. A água estava gelada, mas cheia de pequenos particulados verde-escuros acumulados no fundo. Pedro não hesitou em beber, tão seca estava sua garganta. — E não se preocupe se demorar a manifestar os poderes. Às vezes leva meses até que as coisas aconteçam. Mas creio que esse não será o seu caso. Mayra é muito experiente e tenho certeza de que ela vai ser uma excelente treinadora.

— Ela vai me treinar?

— Bom... Aratama ainda não decidiu. Mas sei que não haverá escolha melhor. Você deve estar faminto.

E estava mesmo. Pedro não tinha comido nada desde o café da manhã do dia anterior. Roger passou-lhe uma trouxa de pano com algumas frutas, pães e biscoitos.

— Onde estão os outros?

— Na caverna. Aratama me pediu que o levasse de volta para lá assim que tomasse o café.

E então ele terminou de comer e retornou à gruta. Lá fora estava o imenso

bando de papagaios, agitados sob a luz reconfortante do sol. E lá dentro, o velho e a mulher esperavam por eles.

— Muito bem, meu rapaz. Agora você é um dos nossos — disse o Primeiro Possuído. — Está pronto para iniciar o treinamento. E, aliás, isso é uma das coisas que ainda falta discutirmos. Estive conversando com Mayra e concordo com ela quanto a você morar na casa de Jorge. Ele é um jovem responsável e tenho certeza de que será uma boa companhia. O que acha?

— Para mim está ótimo. Se ele não se importar, é claro.

— Não acho que isso seja problema — continuou o velho. — Com relação a outros detalhes, como preparar a casa e arranjar uma escola para você, tenho certeza de que Mayra poderá cuidar disso. Ela prometeu ao seu pai que você terminaria o segundo grau. Terá de ajudá-la a cumprir essa promessa.

— Sem problemas.

— Enquanto for um de nós, te daremos auxílio financeiro para viver, sem que precise trabalhar. O dinheiro não é muito, mas é mais do que ganhava no seu antigo emprego, imagino. E poderá fazer o que quiser com ele. Inclusive ajudar o seu pai adotivo se necessário. Só quero que entenda que não estamos te pagando por nada. Esperamos que use o tempo livre para estudar e se dedicar ao treinamento. Podemos contar com seu empenho, Pedro?

— Certamente. Farei o melhor que puder.

— Ótimo. Você também deve jurar que jamais revelará o segredo do nosso grupo a ninguém. Quando seus dons começarem a se manifestar, não deverá usá-los em público. Manter a discrição sobre a nossa condição é a chave fundamental para a sobrevivência. O inimigo está sempre à espreita. Jura guardar sigilo dos possuídos?

— Sim.

— Bem... Creio que agora está quase tudo resolvido. Resta apenas decidir a questão do seu treinamento. Além de sua dedicação, quero que me prometa também que irá respeitar e obedecer ao seu treinador. A palavra dele será a sua lei.

— Não se preocupe, Mestre — disse Mayra. — Pedro é um jovem obediente e determinado. Isso foi algo sobre ele que descobri desde o início.

— Ótimo. Nesse caso, fico bem mais tranquilo — Aratama continuou. — Bem. Quanto à pessoa que irá treiná-lo, tenho certeza absoluta de que se trata de alguém competente e capaz de ajudá-lo a desenvolver seus poderes rapidamente. Não temos tempo a perder e precisamos recuperar o seu atraso.

O Primeiro Possuído fez uma pausa e todos ficaram na expectativa.

— Quero dizer a vocês — ele olhou em volta — que essa foi uma decisão muito difícil para mim. Mas depois de pensar bastante no assunto, decidi que

Carabao será o escolhido.

— *O quê?* — Mayra esbravejou.

Roger ficou espantado. Era impossível saber qual dos dois parecia mais surpreso.

— O que o senhor está dizendo? — completou a mulher.

— Foi o que eu disse. Carabao irá treinar Pedro.

— Mas Mestre! Ele é... — ela apontava para o grandalhão.

— Um excelente pupilo que já está pronto para passar seu conhecimento adiante — interrompeu o velho.

— Mas ele nunca orientou ninguém.

— Ela tem razão, Mestre. Não estou preparado para assumir essa responsabilidade.

— Roger, meu filho... Você tem sido um ótimo aprendiz, mas já faz algum tempo que percebi que não tenho mais nada para te ensinar. Agora, chegou a sua hora de nos ajudar mais do que já tem feito durante todos esses anos. Já quanto à experiência, — o velho se voltou para Mayra — você, minha impetuosa menina, também não tinha até orientar o seu primeiro aluno.

— Nós dois sabemos que o meu caso é bem diferente — ela resmungou. — Por favor, Mestre. Deixe-me treinar o garoto.

— Existem outras missões de igual importância que exigirão alguém de minha inteira confiança, Mayra. Esperava que você pudesse aceitá-las de bom grado.

A mulher ficou em silêncio, rangendo os dentes. Aratama aguardou até que ela relaxasse a postura e abaixasse a cabeça.

— E quanto a você, — ele se virou para Roger — te dou a tarefa de orientar esse jovem e torná-lo um de nós.

— Mas o senhor acabou de me dar outra missão de extrema importância...

— *Carabao...* — a calma imperava sobre o velho. — Eu jamais lhe daria duas missões tão importantes quanto essas, e ao mesmo tempo, se não tivesse certeza absoluta de sua capacidade em cumprir ambas. Mas claro, tem o direito de recusá-las. Afinal, você não é mais o meu discípulo. Não somos mais professor e aluno. A partir de agora, somos iguais. O que me diz?

— Tentarei fazer o meu melhor, Mestre — a voz de Roger saiu sem muita confiança.

— Ótimo. Então está decidido. Pedro, esse será o seu treinador. Tenho certeza que vocês se darão muito bem. Agora, se me dão licença, — o velho falou aos dois possuídos — gostaria de ter uma palavrinha com nosso novo membro a sós antes de ele ir embora.

— Claro, Mestre — o grandalhão deixou a caverna.

Mayra fez o mesmo, mas sem dizer nada. Ela ainda não parecia muito feliz.

— Pedro... Antes de você ir, tenho uma coisa para te dar — ele se abaixou com cuidado e retirou algo de trás de uma rocha.

Era um volume comprido, envolto em um pano branco encardido. Aratama o estendeu ao jovem, sem dizer nada. Ele, por sua vez, desenrolou o objeto. Parecia uma *faca*. Mas era diferente, rústica, pesada, feita de uma pedra azulada escurecida. Possuía corte dos dois lados, mas não era muito afiada. O cabo estava enrolado com uma corda enegrecida e danificada. Grande demais para uma peça normal, colecionava ranhuras e tinha lascado em três lugares na ponta.

— O que é isso?

— É um amuleto sagrado. É de origem Itaguaçu. Pertenceu a Carlos Abreu.

Pedro admirou um pouco mais a arma. Parecia comum, apesar de ser um instrumento antigo e primitivo.

— Tem um espírito aqui dentro?

— Tinha. Já retornou para o outro lado. Eles só conseguem ficar muito tempo nesse mundo quando aprisionados a seres humanos. Quando presos a objetos, é necessário realizar constantes recargas de energia para que se perpetuem aqui. O que havia aí deve ter morrido de fome. De qualquer forma, é uma lembrança do seu pai. Dei-lhe isso poucos meses antes dele desaparecer. Era para proteção. Agora é seu.

— Obrigado, Mestre.

— Bom, melhor você ir arrumar suas coisas. Meu trabalho está terminado.

— Nós nos veremos de novo?

— Tenho certeza que sim. Adeus, Pedro...

A proposta de Aline

Juntos, Pedro, Mayra e Roger deram início à longa jornada de volta. O rapaz reviu a bela cachoeira, cruzou o grande rio, passou diante da entrada do caminho proibido e margeou o pequeno riacho, tomando a trilha que levava até a fazenda de Dona Conceição. Foram cerca de duas horas de silêncio absoluto da mulher, que andava a frente, sempre a boa distância dos outros. Roger parecia incomodado com a situação e falou muito pouco. Mayra não demonstrou simpatia nem mesmo quando encontraram a velha senhora do pobre casebre.

Os três deixaram logo a Serra do Cipó, com destino a Belo Horizonte. Porém, ao chegarem à cidade de Lagoa Santa, a mulher desviou o caminho e começou a dirigir pelo centro do município. Parou ao lado da igreja, em frente a uma praça inclinada e pouco arborizada.

— Aqui está bom para você? — ela perguntou a Roger.

— Está ótimo! — então ele encarou o jovem. — Bom, Pedro... Fico por aqui. Estive pensando em começar o treinamento o mais rápido possível. Que tal amanhã?

— Claro. E onde será?

— No Parque Municipal de Belo Horizonte.

— Não sei onde fica.

— É bem lá no centro da cidade. Muito fácil de achar. Tenho certeza que Jorge saberá explicar. Às oito da manhã está bom?

— Combinado.

— Certo. Então, até amanhã — Roger desceu do veículo e bateu a porta com força.

Mayra não esperou para arrancar e em pouco tempo os dois já se encontravam a caminho da capital. E lá se foi outra meia hora de silêncio absoluto até que o carro chegasse ao prédio de Jorge.

— Então... até logo — Pedro estava meio sem graça pela cara amarrada de sua companheira.

— Adeus! E mais uma vez, lembre-se da sua promessa sobre não contar a ninguém aonde você foi — disse ela, ríspida.

Também deve estar com raiva de mim, apesar de eu não ter culpa nenhuma. Fiz tudo o que ela me pediu. — Está bem.

— Ah! Tem outra coisa que Aratama se esqueceu de dizer. Jamais, sob hipótese alguma, saia da cidade desacompanhado. É muito perigoso. E evite ir a

qualquer lugar, a menos que seja extremamente necessário. Entendeu?

— Sim.

Então, sem mais delongas, Mayra saiu acelerada enquanto ele entrava em seu novo lar.

Jorge chegou tarde naquele dia. Já eram quase sete horas da noite quando ele encontrou Pedro no sofá e foi logo indagando o que havia acontecido nos dois dias de sua ausência. O jovem então contou sobre Aratama.

— O quê? Você o viu? Realmente o viu? — o estudante de geologia pareceu incrédulo, os olhos castanho-claros arregalados atrás dos óculos.

— Vi sim.

— Onde? Como?

— Sinto muito, mas não posso dizer. Mayra me fez prometer que não contaria a ninguém. Eu nem devia ter te contado que me encontrei com ele.

Jorge considerou a resposta de cenho franzido. — Está bem, mas como ele é? Isso você pode me falar, não?

— Como assim?

— Quantos anos ele tem? Ouvi dizer que é o mais velho de todos nós. Paulista deve ser o possuído mais velho que conheço, e ele só tem uns quarenta anos.

— Não sei. Ele usava uma espécie de manto. Não deu para ver o rosto. Na verdade, não deu para ver nenhuma parte do corpo. Além disso, estava tudo muito escuro. Mas creio que ele era bem velho. A voz era rouca, lenta, e ele andava curvado e com dificuldade.

— Então você se encontrou com ele, mas não o viu?

Pedro sorriu, acenando com a cabeça.

— E o que ele disse afinal?

Então, o jovem narrou tudo o que Aratama havia lhe dito. Falou da sociedade do Fogo-Fátuo, da qual o estudante nunca tinha ouvido, da tribo dos Itaguaçu e da história do Capitão Seixas. Comentou também sua experiência ao passar pelo Ritual do Despertar, mas omitiu detalhes que pudessem dar alguma pista do esconderijo do velho possuído. Por fim, falou ainda sobre Aratama ter escolhido Roger como seu treinador e a fúria que consumiu Mayra por conta disso.

— *Espera aí!* — Jorge o interrompeu, surpreso. — Ela queria ser a sua treinadora, mas ele escolheu o grandão? Eu nem sabia que ele era treinador.

— E não era. Serei seu primeiro aluno.

— Hum... Tudo isso é muito estranho — o estudante de geologia estava pensativo e seus olhos ficaram perdidos no espaço.

— Estranho por quê?

— Por favor, não me leve a mal, mas primeiro você chega como um possuído sem nenhuma marca e sem nunca ter treinado antes. Aí Mayra te leva até

Aratama. Não pense que é inveja da minha parte, mas é que em quatro anos eu jamais o vi. Aline, que já treina a mais tempo do que eu, também nunca esteve com ele. Isso certamente faz de você alguém muito especial. Mas em vez de escolher Mayra, Aratama te joga para o Roger. E o mais incrível é que ela queria ser a sua treinadora. Não faz sentido...

— Mas o que tem de estranho ela querer ser a minha treinadora? — Pedro tentava esconder a resignação.

— Não, nada! Só achei esquisito, porque ela nunca gostou de ensinar a ninguém. Soube que ela já orientou muita gente no passado, inclusive o próprio Roger. Mas já faz tempo que não assume nenhum pupilo. Quando vim para Belo Horizonte, há pouco mais de um ano, Paulista me contou que Aratama a tinha designado para ser a minha treinadora. Só que, como ela está sempre viajando, o Doutor acabou me adotando. Um pouco a contragosto dele, eu diria.

— E como foi o seu ritual?

— Bem parecido com o seu — Jorge coçava a barba rala. — Pelo menos no geral. Fui levado a uma praia deserta perto de onde eu morava. Aí me enterraram na areia e fiquei lá, desde cedo até o anoitecer. Quando saí, a maré era tão alta que a água já cobria metade do meu corpo. Então tive de permanecer um tempo dentro do mar e depois correr uns três quilômetros na praia, até cair esgotado. Foi uma experiência horrível.

— E onde é que você morava?

— *Guarapari*. Fica no litoral do Espírito Santo, perto de Vitória.

Jorge levantou-se do sofá e começou a caminhar em direção a seu quarto.

— Sabe como faço para ir até o Parque Municipal? — Pedro perguntou.

— Sei sim. É muito fácil. Mas o que você vai fazer lá?

— É o meu primeiro treino com Roger. Ele marcou para amanhã cedo.

— No parque — Jorge cerrou os olhos. — Me parece um tanto chamativo...

Pedro havia pensado nisso. Se deveria guardar segredo acerca de sua condição, talvez não fosse boa ideia ficar usando seus poderes sobrenaturais, sejam eles quais forem, em locais públicos.

— Bem, ele deve saber o que faz... — o estudante concluiu. — Há um ônibus que passa poucos quarteirões daqui e que vai até o centro. Ele para bem na entrada do parque. Não tem erro. Amanhã eu te mostro onde é o ponto.

Nesse exato instante, o telefone da sala tocou e Jorge correu para atender. — É o seu pai — sussurrou ele, estendendo o aparelho sem fio a Pedro. — Esqueci de contar. Ele voltou a ligar ontem. E como você não estava, pedi que ligasse hoje.

Foi uma alegria incrível para o jovem voltar a ouvir a voz do velho. Sua felicidade só não foi maior do que a do próprio Chico Estrada, que não se cansava de perguntar se ele estava bem e se tinha feito boa viagem. A vontade

era de contar ao pai tudo o que lhe havia acontecido nos últimos dias, mas escolheu omitir os fatos menos naturais, revelando apenas o que Mayra lhe recomendara. Disse estar morando na casa de um novo amigo e que, em breve, voltaria à escola. A conversa foi curta, já que o ex-caminhoneiro ligava de um orelhão do bairro, mas suficiente para que o seu coração ficasse mais leve.

* * *

No dia seguinte, Pedro acordou cedo. Tinha dormido mal à noite, apesar do cansaço da jornada da véspera. As pernas lhe doeram tanto de madrugada que nem o anti-inflamatório de Paulista parecia ajudar. E para piorar, sentia-se ansioso por seu primeiro dia de treinamento. Até então, não havia se perguntado de que forma seriam os exercícios para se tornar um possuído. Mas, fossem como fossem, estava disposto a se entregar por completo. Desejava obter resultados rápidos e compensar os anos de atraso. E principalmente estava curioso em saber que tipo de poderes possuía e qual era seu espírito.

Às sete horas daquela manhã de quinta-feira, Pedro e Jorge saíram de casa. Parecia inacreditável, mas fazia apenas uma semana que ele tinha saído para seu último dia de trabalho no Supermercado Capital. O estudante de geologia o levou até o ponto de ônibus, mas não quis esperar, do contrário chegaria atrasado à aula das sete e trinta. Após dez minutos, Pedro tomou a lotação azul indicada pelo amigo em direção ao centro da cidade. Sentou-se perto do cobrador e pediu a ele que indicasse a parada mais próxima do Parque Municipal. A viagem não levou muito mais do que meia hora e, com certeza seria menos, não fosse o engarrafamento quase no final.

Quando o ônibus subiu sobre um viaduto que virava para a esquerda, ele viu o imenso terminal rodoviário onde tinha desembarcado dias atrás. E depois que o veículo desceu e virou à direita, já estava em uma larga avenida do centro movimentado de Belo Horizonte. Eram duas vias enormes, com três pistas cada, divididas por um largo canteiro central. Após duas paradas, recebeu um sinal de que seu ponto era o próximo. Deixou o coletivo e, assim que ele partiu, viu do outro lado da avenida uma grande área verde, protegida por grades e cercada de prédios altos por todos os lados.

Era espantoso. Uma enorme reserva bem no centro da cidade. Pedro tinha imaginado uma praça com árvores e alguns bancos, mas não aquilo. Claro que, comparada ao Parque Nacional da Serra do Cipó, esse não era nada. Mesmo assim, impressionava pelo lugar onde se encontrava. Ele atravessou a avenida e caminhou em direção ao portão principal, aberto. Muitas pessoas cruzavam o passeio em frente à entrada e algumas delas adentravam ou deixavam o local

sem preocupações aparentes. Mas nenhuma era tão alta e forte quanto Roger.

Pedro procurou por ele, mas o possuído não estava em lugar algum. O grande relógio do canteiro central da avenida indicava dez minutos para as oito e, por isso, resolveu aguardar. Eram quase oito e quinze quando o homem apareceu.

— Esperando alguém? — ouviu a voz de Roger atrás dele. O sujeito aparentemente tinha vindo de dentro do parque. Usava a mesma roupa do dia anterior e trazia nas mãos um grande pedaço de pau, envergado por uma corda de aço. Parecia um arco.

— Bom dia, Mestre — disse Pedro.

— Por favor, não me chame assim — ele sorriu. — Aratama é o nosso único mestre. Pode me chamar de Roger.

— Está bem...

— Desculpe o atraso. Entrei pelo outro lado do parque. Devia ter imaginado que você chegaria por aqui.

— Tudo bem — o rapaz estava muito ansioso. — E agora, Roger?

— Venha comigo — disse o gigante, caminhando de volta para dentro da reserva.

Pedro o acompanhou e, lado a lado, eles desceram através de um passeio cimentado, cruzando a linha divisória que separava a metrópole cinza da mata verde. Em todo canto havia inúmeras árvores e, por cima delas, era possível ver os perfis dos enormes prédios. Isso tirava parte da sensação de se estar distante da cidade grande, mas ainda sim, o lugar era muito bonito. Era o auge do outono e o chão estava coberto por camadas de folhas de várias cores e tamanhos. As chuvas de março já tinham cessado e abril trazia o rotineiro clima quente e seco. Dentro do parque, porém, a temperatura parecia mais amena e agradável do que fora dele. E por todo lado havia gente. Pedro viu muitas crianças correndo, acompanhadas dos pais, e casais de namorados, de adolescentes a idosos, em bancos instalados sob as árvores.

— Vamos treinar aqui? — ele objetou.

— Sim, por quê?

— Tem pessoas passando. Não seria perigoso se nos vissem treinando?

Roger deu uma risada. — Não se preocupe. Por enquanto, não haverá nada de extraordinário que elas não possam ver. Como já disse, leva tempo até que as coisas comecem a acontecer. Por hora, esse será apenas um treino normal.

— Normal como? — sussurrou. — Como é o treinamento de um possuído?

— Bom, até onde sei, não existe uma fórmula. Acho que isso varia muito de pessoa para pessoa. Desenvolver o espírito exige esforço tanto físico quanto mental. Sei que os índios passavam por grandes privações físicas, como fome e frio na floresta, e ficavam dias apenas meditando. Mas não se preocupe. Não

serei tão cruel.

— E então, o que farei?

— A primeira coisa é conseguir permissão para treinarmos aqui.

— E a quem devemos pedir?

— Você verá — Roger sorriu.

Seguiram caminhando. Continuaram a descer até atingirem um espaço gramado e parcialmente obscurecido por conjuntos de árvores em volta. Conforme Pedro descobriria mais tarde, estavam no meio do parque, quase escondidos.

— Ali — o homem parou.

Ele apontou para o centro de uma pequena área cimentada, rodeada de arbustos. Nela havia uma grade alta de metal, um alambrado protegendo um dos lados. Encostado nesse aramado ficava uma enorme pilha de lixo, com dois metros de comprimento, um de largura e quase um e meio de altura.

— Aquela é a casa do meu amigo.

— Casa? — o jovem não viu nada parecido.

— Sim. Ele é o dono do parque. Bom, pelo menos, é isso que ele pensa. *Venha!* Preciso te apresentar antes de começarmos o treino.

Pedro então se aproximou da bizarra moradia. Era um amontoado de ferros retorcidos, caixas de papelão e tábuas de compensado, tudo coberto por uma lona azul velha e rasgada. Havia todo tipo de lixo espalhado dentro e fora do barraco. Garrafas quebradas, aparelhos eletrônicos danificados, jornais e roupas amassadas, dispostos de maneira desordenada. O odor era bastante desagradável. Atrás do entulho estava um homem baixo, descalço e maltrapilho. Ele mexia em uma pilha de sacos pretos quando se virou, surpreso.

— Oi, João — disse Roger. — Como vai?

O sujeito ficou menos alarmado ao ver o grandalhão, mas a presença de Pedro ainda parecia deixá-lo desconfiado. Seus cabelos negros e desgrehados eram maiores nas laterais do que nas entradas, o que lhe dava um ar meio patético. A pele era clara, a barba rala e os olhos um pouco tortos. Usava camisa aberta, sem nenhum botão à vista, e a calça escura tinha uma perna mais curta do que a outra.

— Bem... — sua voz era grave.

— João... Estou aqui para te apresentar a um amigo meu. Esse é o Pedro. Pedro, esse é o dono do parque.

— Oi, Senhor João? — disse o rapaz. O termo "senhor" saiu por hábito, pois o estranho possuía o mesmo nome de seu antigo chefe. Mas ele parecia mais jovem do que Roger.

— Dono do parque não — corrigiu o sujeito. — Só desta área — girou o

braço em volta, mostrando o cimentado e os gramados ao redor. A expressão era séria.

— Claro — disse o grandão. — O Pedro quer saber se ele pode ficar por aqui no seu quintal comigo.

— Seus amigos são bem vindos — ele resmungou. Então voltou a mexer no saco de lixo como se não tivesse sido interrompido.

Roger agradeceu e recuou, voltando cerca de vinte metros até uma área plana e verde.

— Aqui está bom — disse ele.

— Roger, quem é esse homem?

— É um mendigo. Ele vive aqui dentro do parque. O coitado pensa que é o dono do lugar.

— Ele parece meio perturbado.

— E é mesmo. Mas não se preocupe. É inofensivo. Desde que você não o chame de *Suíno*. É como todos o conhecem por aqui. E ele vira uma fera. As pessoas têm medo de vir até esse ponto por causa dele. E isso é bom, porque assim podemos treinar em paz.

— Bem, estou ansioso.

— Certo... Vamos lá — Roger pôs o arco no chão. — Em primeiro lugar, não preciso dizer que nunca treinei ninguém antes. Devo confessar que estou um pouco nervoso também. Gostaria que tivesse paciência comigo, Pedro.

— É claro — respondeu prontamente.

— Já com relação ao treinamento, pensei bastante sobre o que deveria fazer e qual seria a melhor forma de ajudá-lo a progredir rápido. Tem uma coisa que foi muito útil para mim e acredito que também servirá bem para você. Meu primeiro treinador era mestre de capoeira. Já ouviu falar de capoeira antes, Pedro?

— Sim... Mas nunca vi ninguém lutando.

— A capoeira é mais do que uma luta. É uma ideologia. Durante meu treinamento, meu mestre me ensinou todos os movimentos. Muitos são rápidos e suaves, mas demandam bastante esforço. Vou ser sincero com você. Não é fácil aprender a jogar a capoeira. Precisa de anos de prática para se tornar um professor. Mas acredito que ela pode ajudar a aumentar nossa consciência corporal. E isso é um dos fatores fundamentais para se dominar o espírito. Posso ensiná-lo alguma coisa. O que acha?

— Parece legal.

— Ótimo! Tenho certeza que você irá gostar muito de aprender a jogar. E o bom é que se eu for um mau treinador, pelo menos terei te ensinado algo útil — Roger sorriu outra vez. — Bem. A primeira lição da capoeira é sobre roupas. Essa sua calça não é boa. Seria melhor se arrumasse uma como a minha, mais

folgada e flexível.

— Está bem.

— A segunda lição — o homem apanhou o grande arco de madeira do chão — é sobre o nosso principal instrumento. Este é o berimbau. Você também já deve ter ouvido falar.

— Claro.

— O berimbau é muito interessante para nós, porque o som que faz é bastante, digamos, primitivo. É semelhante a outros instrumentos dos índios antigos, usados nos grandes rituais, embora tenha surgido em outra cultura. Aratama acredita que a música é um dos principais elementos para se acordar os espíritos adormecidos. Vamos nos sentar aqui um pouco.

Então, Pedro e Roger se acomodaram de pernas cruzadas na grama, um de frente para o outro.

— Hoje, em nossa primeira aula, irei apenas tocar o berimbau. Enquanto isso, quero que feche os olhos e se concentre na música. Esvazie a mente, assim como fez anteontem. Procure não pensar em nada. Só ouça o som.

— Certo.

— Tem alguma coisa que queira saber antes de começarmos?

— Sim. Nós iremos treinar todos os dias?

— Não. Seria o ideal, mas infelizmente não tenho tanto tempo livre. Treinaremos todas as terças, quintas e sábados. Mas você deve praticar sempre. Certo?

— Sim...

— Alguma outra questão?

— Sim... — Pedro vacilou por um instante. — Como é ser um possuído? Quero dizer, o que é que se sente?

Roger esfregou a superfície da testa. — Hum, é difícil explicar. Não sei como todos eles se sentem. Só posso falar como eu me sinto. Normalmente é como se houvesse uma fonte extra de energia permanente no meu peito. Algo que me dá mais força, mais vitalidade. Não é fácil dizer. Mas creio que isso aconteça com todo mundo que chega ao último nível.

— Último nível?

— É. O último nível de dominação do espírito. Sabe, o treinamento de um possuído é muito parecido com o de um aluno de capoeira. Você começa como iniciante e vai subindo gradativamente, até se tornar mestre. Na capoeira existem diversos níveis de aprendizado. É possível identificar o grau de um praticante pela cor da corda que ele usa na cintura.

Pedro então reparou, pela primeira vez, no cordão que amarrava as calças de Roger por baixo da camisa. Era roxo-escuro e estava um pouco gasto.

— Esse aqui — continuou — significa que posso ser professor. O aluno começa no nível iniciante, sem corda, e vai passando por diversas combinações de cores até o grau mais alto, de cor branca. De maneira parecida, Aratama definiu três níveis principais de aprendizado para os possuídos. O primeiro é o seu. Nessa etapa, ocorrem as primeiras manifestações do espírito. Já na segunda, o possuído aprende a usar os poderes e a manifestá-los de acordo com a sua vontade. Finalmente na terceira etapa, se adquire pleno controle sobre a entidade. É a partir desse ponto que um possuído pode ensinar outros.

— Então, foi isso que aconteceu com você. Aratama subiu o seu nível.

— É — Roger tinha um ar indisfarçável de autoimportância.

— E como vou saber se o meu espírito está se manifestando? Como saberei se sou mesmo um possuído?

— Ainda tem dúvidas disso, Pedro?

— Bom... Ainda não tive provas.

— Não se preocupe. Você descobrirá. Lembro bem da primeira vez que percebi que meu espírito tinha acordado — o homem olhou para as árvores à direita.

— Sem ofensa, mas posso perguntar qual é o seu espírito?

— Bem... — Roger vacilou. — Não tem problema. Carrego dentro de mim o espírito de um animal.

— Qual animal? — Pedro estava muito curioso agora. A tatuagem do gigante lembrava mesmo um bicho de quatro patas, mas era impossível defini-lo.

— Hum... Acho melhor não te contar. Não quero assustá-lo.

— Tudo bem. Não vou me assustar.

— Melhor não — o possuído parecia meio sem jeito. — Vamos deixar assim por enquanto. Com o tempo, você vai descobrir. Podemos começar o treino?

Roger então retirou do bolso uma pequena pedra lisa e a pressionou contra a corda de aço do berimbau. Com a outra mão, pegou um chocalho feito de cabaça e uma vareta de madeira, e começou a tocar o instrumento. Pedro permaneceu quieto e com os olhos fechados. Até onde conseguia, tentava manter a concentração na música simples e pouco variada.

E foi assim o treinamento durante muitos dias. Ele apenas ouvia a melodia repetitiva por quase trinta minutos, com a única diferença em relação à primeira vez de que, na meia hora seguinte, ele e Roger faziam uma pequena corrida ao redor do parque. Num curto tempo o rapaz já estava em boa forma, mas nada ainda de seu espírito se manifestar.

Duas semanas depois, o homem começou a lhe ensinar movimentos específicos da capoeira. O gingado, a mandinga e alguns golpes básicos, nada sofisticado demais. Roger possuía uma habilidade incrível e chamava a atenção

alguém tão alto e pesado apresentar tamanha destreza e elasticidade. Ele dava longos mortais e ficava de ponta-cabeça, apoiado em apenas uma das mãos. Pedro achava tudo aquilo fascinante e sentia-se motivado com treinamento. Mas isso foi só no início, porque com o tempo a frustração começava a tomar conta dele, uma vez que seu espírito não se manifestava.

— Você precisa ter paciência. Isso demora mesmo — dizia-lhe Jorge, toda vez que confessava sua decepção.

Paralelamente ao treinamento, Pedro começou a frequentar a escola. Mayra tinha lhe arrumado lugar no terceiro ano de um curso noturno não muito longe de casa. Ela confessou que não gostava da ideia de ele sair após o anoitecer, mas aquela era a única vaga disponível em todo o sistema público. Ele não via mal nisso, afinal, já tinha começado a cursar o último ano do segundo grau em Taguatinga à noite. Problema mesmo era repor o atraso. Como entrou na escola mais de dois meses após o início do ano letivo, havia muita matéria para se colocar em dia.

O estudo, de fato, tomava boa parte de seu tempo agora, mas ele nem se comparava a Jorge. O amigo raramente fazia outra coisa que não fosse ler. Quando não eram os enormes volumes técnicos do curso de geologia, eram livros de ficção ou revistas em quadrinhos. Ele adorava leitura e dizia que a influência tinha vindo da mãe, professora de Literatura Portuguesa de um colégio tradicional de Vila Velha, no Espírito Santo. O computador também era seu companheiro inseparável. Além disso, ele treinava duas vezes por semana com Paulista e, de vez em quando, usava os poderes para tentar levantar pedras sobre a cama. Mas, assim como Pedro, não parecia fazer muito progresso.

Jorge era mais do que uma companhia tranquila e silenciosa. Era também um colega prestativo, que ajudava o jovem com as dificuldades em Matemática, Português e outras disciplinas. Aos poucos os dois iam se conhecendo melhor, e era impossível que não se tornassem bons amigos. Pedro descobriu que, além da mãe professora, Jorge tinha um pai engenheiro civil e um casal de irmãos mais novos, uma adolescente de quinze anos e um garoto de treze. Fora isso, ele morava em uma cidade próxima a Vitória, capital do Espírito Santo. E, após passar no vestibular com apenas dezessete anos, mudou-se para Belo Horizonte onde já mora há um ano e meio. Mas, se por um lado ele era um poço de tranquilidade e conhecimento, Aline era completamente o oposto.

Sempre agitada e falante, a moça era uma fonte que transbordava alegria constante. Na segunda-feira, uma semana depois de seu primeiro encontro com Pedro, ela retornou ao apartamento para mais uma sessão de *videogame*. Fez isso outras vezes nos fins de tarde, após o expediente e antes do jovem ir para a aula. A garota dos olhos de esmeralda trabalhava na loja de roupas de um *shopping*

próximo ao prédio de Jorge. Geralmente ficava lá até as seis, mas em algumas oportunidades saía mais cedo. Dizia que ganhava muitas horas-extras como prêmio pelas vendas que fazia. Seu único dia de folga era na segunda-feira.

Tornar-se amigo de Aline não exigia qualquer esforço por parte de Pedro. Mas, apesar disso, ele ainda sabia muito pouco sobre ela. Tinha dezoito anos, dividia um apartamento com a melhor amiga, *Kátia*, treinava com Paulista três noites por semana, e não possuía nenhum parente conhecido. Nem pai, nem mãe, nada. Esse assunto, em especial, ela evitava a todo custo, assim como falar de seus poderes. Foi Jorge quem contou a Pedro que ela havia crescido em um orfanato de Belo Horizonte. E foi ela quem o apresentou a cidade, levando-o sempre que possível a praças, *shoppings* e alguns dos bares mais famosos de BH. A garota adorava passear e tinha comprado seu primeiro automóvel, em suaves e longas prestações, fazia apenas três meses. Empolgada com o carro novo, na cor verde-escura, seu tempo livre era quase sempre dedicado aos passeios. Mas, além de Jorge e de Aline, Pedro não contava com nenhum outro amigo.

Ele havia feito colegas na escola, mas a maioria das pessoas de sua sala era de adultos mais velhos. Gente que trabalhava durante o dia e que tentava estudar à noite, sacrifício que conhecia bem. Vários eram casados e tinham filhos, alguns até netos. Eram todos muito diferentes dele. Já no prédio onde morava, o jovem mal via seus vizinhos. Eram, em sua maioria, famílias de três ou quatro membros, pessoas discretas que pouco se interessavam pela vida dos outros. Mas havia uma exceção. Uma senhora aposentada, chamada Lêda, que habitava o trezentos e dois, bem em frente ao apartamento de Jorge. Essa sim vivia em função dos vizinhos e qualquer som mais alto ou coisas deixadas no corredor viravam reclamações formais para o síndico.

Roger, por outro lado, até podia ser considerado alguém próximo. Pedro logo desenvolveu grande admiração não apenas pelas habilidades físicas, mas pela pessoa gentil e bem humorada de seu treinador. Respeitava-o bastante como mestre, mas a convivência não passava daquelas três horas semanais no Parque Municipal. Certo dia, o gigante o levou até uma praça onde mensalmente vários grupos de capoeira da capital se reuniam para atividades conjuntas. Eles também fizeram excursões ao Mercado Central da cidade, onde o possuído indicou as melhores lojas para compra de suplementos alimentares. Mas no geral, não havia tempo suficiente para conversarem outros assuntos que não fossem relativos ao treino. Já João, o mendigo maluco, quase não ficava em seu barraco. Ele vivia perambulando pela reserva, saindo de lá frequentemente para recolher lixo nas proximidades do centro.

Chico ligava toda semana, mas não era o bastante para suprir a falta que fazia.

As novidades de Taguatinga eram poucas. Os vizinhos já tinham parado de questionar sobre o misterioso sumiço do rapaz. O velho lhes contou que Pedro foi visitar uns parentes no interior de Goiás e acabou encontrando um bom emprego por lá. E por falar nisso, Marquinhos estava deprimido depois que a Rose reatou com o ex-namorado.

Já Mayra, após providenciar alguns móveis para o seu quarto e de colocá-lo na escola, desapareceu, ficando mais de um mês sem dar notícias. E como Jorge tinha dito antes, esse era um comportamento bastante natural da parte dela. O jovem também raramente se encontrava com Paulista e quando isso acontecia, era sempre muito rápido.

De qualquer forma, a vida de Pedro seguia normalmente, um pouco mais agitada agora do que no Planalto Central, mas ainda sim bastante tranquila. Talvez fosse a carga variada de atividades, ou as novidades vivenciadas nas últimas semanas, mas o fato foi que, sem perceber, dois meses se passaram desde o dia em que se submeteu ao ritual. Neste ponto, uma nova rotina começava a se estabelecer. Mas, em pouco tempo, isso estava prestes a mudar. Inesperadamente seu caminho faria uma guinada radical para novos e perigosos rumos.

E tudo começou com uma inocente *proposta*.

* * *

Era início de uma bela noite de domingo, e Pedro e Aline tinham acabado de chegar em casa. Ela trabalhou até tarde, conforme ocorreu a semana toda, e ele foi até o *shopping* para comprar roupas e um aparelho de celular com parte do dinheiro que conseguiu juntar. Ao entrarem conversando animadamente, deram de cara com Jorge estudando no sofá da sala. Além do livro aberto em suas mãos, havia outra meia dúzia deles espalhados pelo chão e o computador portátil encontrava-se sobre uma cadeira logo em frente.

— Você não cansa de estudar não, garoto? — Aline provocou.

— Não posso falar agora — ele nem tirou os olhos do livro.

— Amanhã é a última prova dele antes das férias — Pedro explicou.

— As duas últimas — o estudante corrigiu.

— Hum... Já vai tirar férias, é? — ela sentou-se no sofá. — Então, bem que você podia arrumar um tempo para sair com a gente.

Jorge fechou o livro e respirou profundamente enquanto a encarava. Pedro achou que ele a insultaria ou que sairia da sala pisando duro, mas não foi o que aconteceu. Ao contrário, ele retirou os óculos e passou a mão sobre o rosto. Parecia cansado. — Não se preocupe — resmungou. — Depois de amanhã, terei um mês inteiro livre até começar o próximo semestre.

— O que quer dizer? — Aline pareceu surpresa.

— Paulista não me deixou viajar para casa dos meus pais nessas férias.

— Mas por quê?

— Não sei. Ele não me disse. Falou apenas que seria mais seguro no momento se eu ficasse por aqui. Já faz quase seis meses que não vejo minha família. E o que me deixa mais chateado é que já tinha até comprado as passagens.

— E você não vai? — a moça ficou indignada.

— É claro que não. Se ele mandou, tenho que ficar. Ele deve ter suas razões para pedir isso.

— Não acredito... Sabe! Esse é o seu maior problema. Tudo o que te mandam fazer, você faz. Não acha que já é hora de comandar a sua própria vida?

— Olha só quem está falando. A *queridinha* do Doutor. Você vive bajulando ele e agora vem me dizer para não obedecê-lo.

— Não sou uma bajuladora. E não concordo com ele sempre. O Glauber é um homem bom e justo, mas não temos de fazer tudo o que ele manda.

— Devemos obedecer ao nosso treinador. Essa é a regra *número um*.

— Está bem, está bem... — ela deu de ombros. — Não quero mais discutir sobre isso. Faça o que achar melhor. Então, já que agora vai ter tempo, podia me ajudar a pensar em lugares legais para a gente levar o Pedro.

Jorge se acalmou e pareceu ponderar por alguns instantes antes de pôr os óculos de volta. — Que tal o Museu de História Natural da UFMG? Soube que haverá uma exposição muito interessante sobre...

— Ah não — interrompeu a garota. — Melhor esperar ele terminar essas provas, Pedro. Até lá, ele só vai pensar na faculdade. Meu medo é que acabemos indo a uma exposição de pedras.

O jovem não conteve o riso e virou o rosto para disfarçar.

— Bom, vou embora — Aline se levantou.

— Você veio até aqui só para me irritar, não foi? — Jorge repreendeu.

— Não. Não foi só isso — ela sorriu. — Na verdade, queria fazer uma proposta para vocês dois.

— Proposta? — Pedro ficou curioso.

— É que daqui a pouco mais de um mês é o meu aniversário. Dia seis de agosto. Este ano vai dar no sábado. Estou pensando em uma pequena comemoração. Mas só se vocês dois prometerem que vão.

— É claro que vamos. Não é, Jorge?

O estudante de geologia apenas fez que sim com a cabeça, sem muita empolgação.

— E onde será a festa? — Pedro quis saber.

— Estive pensando... Acho que o melhor lugar seria em uma *boate*. Assim

posso levar todos os meus amigos sem gastar muito. Sem contar que vai ser bem mais divertido. Tem uma boate em uma cidade perto daqui que dá desconto na entrada para convidados que estejam comemorando o aniversário de alguém. Amanhã mesmo eu...

— *Espera aí!* — dessa vez foi Jorge quem interrompeu. — Você disse "outra cidade"?

— Sim. Qual o problema?

— O problema é que não podemos sair desacompanhados de Belo Horizonte. E o Pedro sabe disso. Por acaso, pretende convidar Paulista ou Mayra para irem a sua festa?

— Lá vem você de novo seguindo essas regras sem sentido.

— Ele tem razão, Aline — Pedro interveio. — Mayra foi muito clara comigo. Ela disse que Aratama ordenou que nós não deixássemos a cidade sozinhos, sob hipótese alguma.

— Ela disse? Não foi Aratama quem disse?

— Bom. Ela falou que ele se esqueceu de me falar.

— Estão vendo. Isso só prova que essas regras não têm fundamento. Afinal, se fosse importante, Aratama não se esqueceria de dizer. Não acham?

Nisso Aline tinha razão. E pelo pouco que Pedro conhecia Mayra, poderia jurar, sem medo de se enganar, que ela era meio paranoica.

— A boate fica muito longe daqui? — ele perguntou.

— Não. Menos de uma hora de carro. É em uma cidade chamada *Lagoa Santa*.

— Ah sim, eu conheço. É perto de Belo Horizonte. Estive lá quando... — *Ops!* Ele parou abruptamente.

— Quando você foi ver Aratama — Jorge completou. — Era isso que ia dizer, não era?

Droga, falei demais. Não havia como negar agora. O estrago já estava feito. Aline mordeu o lábio inferior e o encarou com seu par de olhos verdes, enquanto o estudante mantinha-se igualmente atento.

— Sim — Pedro confessou.

— Aratama está em Lagoa Santa? — o amigo perguntou.

— Eu... não posso dizer.

— Pode confiar em nós. Não contaremos a ninguém.

— Não. Ele não está lá. E, por favor, não me perguntem mais. Prometi que não falaria nada.

Todos ficaram em silêncio. Aline então quebrou o gelo. — E aí? Vocês vão ou não à minha festa?

— É claro que não — Jorge respondeu.

— Você vai, não é, Pedro? — os profundos olhos dela se mantiveram firmes sobre os dele. Sua mão suave tocou-lhe a pele do braço.

Ele sentiu um calor momentâneo, uma vez que, juntos, sentimentos de pena e empolgação tomaram conta de si. *Ela mexe comigo, sem dúvida.* Não havia como negar um pedido de Aline. Não depois de ela ter sido tão gentil e receptiva, mostrando-lhe a cidade e ajudando-o a comprar roupas novas. Não olhando dentro daquele lindo par de esmeraldas enormes e cintilantes.

— Vou sim...

— *Ótimo!* Vai ser demais. Amanhã vou aproveitar meu dia de folga para preparar tudo. Tenho que ligar para o pessoal da boate e para mais uma dúzia de amigos.

— Posso chamar o Roger? — ele arriscou. Seria uma forma de contornar o problema sem criar outros novos.

— Seu treinador?

— É... Ele é um cara legal. É jovem e alegre, deve curtir ir a festas. Vão gostar de conhecê-lo melhor. E assim, não iremos sozinhos.

— Mayra não vai gostar disso — disparou o estudante de geologia.

— Tudo bem... Pode chamá-lo — disse Aline após uma pausa. — Bom, preciso ir. *Adeus!*

E então, ela foi embora, deixando para trás a impressão de que era, naquele momento, a garota mais feliz do mundo. Mas sua alegria radiante logo se esvaiu do pequeno apartamento e o que ficou foi apenas o olhar calculista e desaprovador de Jorge.

Uma noite agitada

Passado um mês, agosto chegou. Sobreveio-lhe então o solstício de inverno, trazendo ventos frios e baixa umidade do ar. Finalmente era dia seis, sábado, a data tão aguardada por Aline. Ela não tinha outro assunto nas últimas semanas além de seu aniversário de dezenove anos. A festa seria em uma boate chamada *Refúgio*, em Lagoa Santa, e começaria por volta das onze horas da noite. A ausência de Jorge já era dada como certa, mas ainda assim Pedro não perdia oportunidades de tentar convencer o amigo a ir. Mas ele estava irredutível.

Como era costume nos sábados de manhã, o jovem partiu para o Parque Municipal a fim de dar mais um passo na longa caminhada para se tornar um possuído. Mas naquele dia em especial, esperava fazer algo mais. Já que havia se esquecido de comentar com Roger a respeito da festa de Aline, essa seria sua última oportunidade. Além disso, e mais importante, precisava comprar uma lembrança para a amiga. Ele não tinha muitas ideias sobre o que poderia dar a ela. Não era de seu hábito presentear, uma vez que suas condições financeiras eram sempre muito limitadas. E como Jorge não queria nem ouvir falar da festa, Pedro contava apenas com seu próprio instinto para escolher algo.

Chegou ao centro por volta das oito da manhã e caminhou até a entrada do parque. Sonolento, ainda não tinha se habituado a acordar cedo depois de ir dormir tarde, mas não podia abdicar de sua última aula de matemática na sexta-feira à noite, que terminava quase onze horas. Seu treinador costumava se atrasar cinco ou dez minutos e, por conta disso, ia direto para o gramado se alongar e aquecer. Às vezes tentava conversar com o mendigo, mas naquele dia João não estava em parte alguma, o que, aliás, não era raro. Esperou mais de meia hora até que o grandalhão aparecesse correndo.

— *Pedro!* — Roger tinha um tom de urgência. — Desculpe o atraso.

— Tudo bem. Aproveitei para me aquecer.

— Lamento, mas hoje não posso ficar. Tive um contratempo e preciso ir. Não deu tempo de te avisar.

— Sem problemas...

— A gente repõe na segunda. Mesmo horário, certo? — Roger começou a recuar na direção de onde tinha vindo, mas ainda o encarava.

— Estarei aqui.

O homem então correu até a saída do parque. Pedro o seguiu caminhando e, de longe, teve um breve vislumbre da grande avenida metros à frente. Viu

quando o possuído abriu a porta de um carro preto e entrou, com Paulista ao volante. O veículo arrancou em disparada e desapareceu no intenso tráfego. Por um instante pensou em Aratama, um homem idoso vivendo no meio da mata, sem nenhum tipo de assistência médica, água tratada ou alimentos conservados. Ele se encontrava há pelo menos quatro horas, duas de carro e duas a pé, de qualquer ajuda que os outros possuídos pudessem prestar. Mas como não podia fazer nada por ele, concentrou-se em seus demais problemas. Agora que seu mestre cancelara o treino, restava-lhe apenas a segunda missão: encontrar um presente de aniversário para Aline.

Pedro gastou boa parte da manhã explorando as lojas no centro da cidade, mas nada que fosse bom o suficiente cabia em seu orçamento. Roupas não eram boa opção. A garota era especialista no assunto e preferia comprar as suas próprias. Maquiagem, perfumes e adornos do gênero poderiam ser excelentes presentes para alguém vaidosa como ela, mas se desse algo do tipo, a chance de erro seria enorme. *Como vou agradar uma pessoa tão difícil assim?*

Aline também adorava todos os estilos de música eletrônica, *techno*, *acid*, *house*, *trance*, *drum and bass* e outros dos quais Pedro nunca tinha ouvido falar. Ele gostava mais de *rock and roll*, e como filho genuíno da Grande Brasília, escutou muito *Legião Urbana*, *Plebe Rude* e outras bandas durante a pré-adolescência. Depois estendeu seu gosto para os velhos grupos, *Guns and Roses*, *Metallica*, *Nirvana*, *Led Zeppelin* e *Pearl Jam*. E então ele se deu conta de que não sabia quase nada sobre sua amiga. Do que gostava, que tipo de coisas queria, que sonhos tinha. Nada.

Farto de procurar, deu uma última volta pelos quarteirões próximos ao parque, disposto a comprar qualquer coisa. Ao dobrar uma esquina, avistou João, o mendigo, revirando sacos plásticos na porta de uma loja. Aproximou-se e percebeu quando um homem gordo, de estatura média, cabelos pretos e bigode volumoso saiu de dentro do estabelecimento.

— Já falei para não revirar o meu lixo, *seu porco*! — ele ameaçou.

João, por sua vez, fugiu correndo e gritando palavrões. Pedro ficou revoltado, afinal aquilo era apenas lixo. O que havia de mal nisso? E essa não era a primeira vez que via as pessoas hostilizando o pobre mendigo, só por que o seu comportamento de juntar coisas velhas em casa era diferente. Mayra dissera o mesmo sobre a aversão dos seres humanos aos urubus. Cogitou repreender o homem, mas ele retornou à loja antes que chegasse. O estabelecimento tinha portas de vidro, com um adesivo exibindo o nome: *Antiquário Garcia e Filho*. Parecia um lugar interessante. Talvez ali houvesse algo de bom para se dar a Aline. Desesperado como estava para encontrar um bom presente, engoliu momentaneamente a raiva e resolveu explorar o local.

Quando entrou, Pedro viu uma série de prateleiras, também de vidro, dos dois lados do salão, todas cheias de utensílios variados. Eram bules de chá, jarras, porta-retratos e centenas de outras coisas antigas. Havia quadros e outros objetos pendurados nas paredes, e dezenas de lustres e abajures no teto. Dava para entender porque o mendigo estava tão interessado no lixo daquele lugar. Os mostruários formavam um corredor de dez metros e no fundo ficava um balcão de madeira, com o homem gordo sentado atrás dele. Devia ter algo perto de quarenta anos.

— Vamos entrando, meu jovem! — ele se levantou e sorriu. Nem parecia o mesmo sujeito de um minuto atrás. — Em que posso ajudá-lo?

— Estou procurando um presente de aniversário.

— Então veio ao lugar certo. Que tipo de presente deseja?

— Não sei... É para uma amiga.

— Hum ... — o homem ergueu as sobrancelhas e juntou as mãos em forma de esfera. — Quantos anos ela vai fazer?

— Dezenove?

— Bem jovem... Pois tenho aqui o presente perfeito — ele retirou da gaveta do balcão uma espécie de bracelete prateado, fino e com estranhas inscrições em alto relevo. Era bonito sem dúvida. — Sua amiga vai adorar este.

— Não sei... — tinha lhe sobrado pouco dinheiro no mês anterior, e o desse ainda não havia chegado. — Parece caro.

— Hum... Quanto você tem aí, rapaz?

Pedro disse o que estava disposto a gastar, sem esperança de que fosse suficiente.

O homem refletiu. — Só isso? — relutou. — Bem, hoje é o seu dia de sorte. Vou te dar um desconto de mais de cinquenta por cento. Bom, hein? *Negócio fechado!* Quer que embrulhe?

— Sim, por favor...

Problema resolvido, pensou Pedro. Embora suspeitasse de que pudesse ter sido passado para trás, Aline certamente iria gostar do presente. *E tomara que goste mesmo, por que lá se foram minhas economias de um mês inteiro.*

De volta em casa, encontrou Jorge estudando na mesa da cozinha. Mas dessa vez, havia mais alguém com ele. Era um rapaz de pele clara, cabelos curtos e pretos, ombros largos e boné virado para trás. O estranho mexia no celular quando ele entrou.

— Ora. Já chegou? — perguntou o estudante.

— É... O treino hoje foi cancelado — a resposta foi vacilante.

— Pedro, esse é o Gustavo, meu colega da faculdade.

Gustavo se levantou e apertou sua mão com firmeza. Ele era bem forte e

parecia frequentador assíduo de academias. — E aí, Pedro, tudo tranquilo?

— Sim. E você, como vai?

— Mais ou menos. Não é, JP? — ele carregava um sorriso sarcástico quando deu um cutucão no colega. Jorge fez cara de irritação, mas não respondeu. Seus olhos já estavam concentrados de volta nas páginas do grande livro de capa preta. — E então, Pedro. Você mora aqui com o JP?

— Sim — o jovem sabia que JP, iniciais de *Jorge Prudente*, era forma pela qual os colegas da faculdade se dirigiam a seu amigo.

— E como você aguenta ele? — Gustavo soltou uma gargalhada. — Estou brincando... O JP é gente boa — disse, depois que ninguém reagiu. — Agora sério, você também estuda na Federal?

— Não. Ainda estou terminando o segundo grau.

— Sei. Nesse caso, anota aí uma dica. Se for fazer curso superior, não escolha geologia.

— E por que não? — ele nunca tinha pensado sobre isso.

— Cara, é um curso muito chato. Dá trabalho demais, tem pouco emprego na área e ainda pagam mal.

— Já falei que você está no curso errado — disse Jorge. — Agora será que podemos continuar o trabalho?

Gustavo o ignorou. — E aí, Pedro, o que você treina?

Jorge imediatamente desviou sua atenção do livro e olhou para ele, apreensivo.

Droga, preciso aprender a controlar a língua. — Capoeira — respondeu meio incerto.

— É mesmo? Que legal. Também fiz uma vez. Foi por pouco tempo na verdade. Eu ficava com uma menina que era filha de um mestre. Cara, ela era muito linda. A família inteira dela jogava. Mas no fim, não deu certo. Há quanto tempo você treina?

— Só três meses...

— E gosta?

— É bom.

— Sabe. Gostaria de voltar a praticar algum dia. Só que agora, queria levar a sério. Em que academia você faz?

Pedro se enrolou na resposta. Naquele instante, não conseguiu pensar em nenhuma mentira, nem tão pouco outro assunto para desviar a atenção. Jorge tamborilava os dedos sobre a mesa e pareceu ter pressentido o perigo.

— Por favor, Gustavo, concentre-se aqui. Este trabalho é para segunda. Quero terminar hoje.

— É impossível acabar isso hoje. Vamos precisar de pelo menos mais uma

semana para fazer tudo. E todo esse sacrifício para quê? Só para ganhar sete pontos. Sete pontos em cem.

— Ainda assim temos que terminar. Você mesmo é um que sempre precisa de pontos extras no final.

— Mas esse trabalho não vale tanto esforço. Logo hoje, em pleno sábado, que eu podia ter ido jogar bola com meus amigos, estou aqui fazendo um maldito relatório que não vale quase nada. E o pior de tudo é que aquele velho nem vai ler.

— Que velho? — Pedro quis saber.

— A múmia caquética, professor de Mineralogia III — Gustavo estava revoltado. — Essa foi a primeira semana de aula e o infeliz já marcou prova para quinta e um trabalho gigantesco para depois de amanhã. O Marcelo, de Mineralogia I e II, era tão gente boa... Não era, JP? Bem que disseram que o *Professor Velho* era jogo duro. Meu irmão já me contou umas histórias cabeludas sobre ele. Teve uma vez que...

— *Chega!* — Jorge esbravejou. — Pode ir embora. Deixa que eu termino o trabalho sozinho e coloco o seu nome. Vá jogar bola com seus amigos!

— Calma aí, JP. Só estava brincando. Vou te ajudar a terminar isso — ele se sentou junto a mesa novamente.

— Bom. Vou parar de atrapalhar vocês dois. Estarei no meu quarto se precisarem.

— Aí, Pedro? — disse Gustavo, antes de ele sumir de vista. — Mais tarde vou pagar uma pizza para o JP. *Vegetariana, claro* — ele olhou sorrindo para o colega de turma. — Abriam uma pizzeria excelente aqui perto. Se quiser vir com a gente...

— Obrigado, mas não posso. Tenho uma festa hoje.

— Festa? Onde?

— É aniversário de uma amiga minha e do Jorge... — Pedro parou de falar repentinamente quando percebeu que o amigo fazia-lhe sinais para que ficasse quieto.

— Amiga? — Gustavo ficou interessado. — É aniversário daquela sua amiga gatinha, JP? A que tem uma colega mais linda ainda?

O estudante de geologia não tinha como negar. Aline era sua única amizade feminina. Apenas confirmou com a cabeça.

— Cara, a sua amiga escurinha é muito bonita, mas aquela colega dela é maravilhosa. *Que morena!* — ele emitia um chiado lascivo. — E você hein, JP? Nem me falou dessa festa...

— Eu não vou.

— Como assim não vai? — Gustavo parecia indignado. — É aniversário da

sua melhor amiga. Você tem que ir. É sua obrigação.

— Vai ser muito longe daqui.

— Onde?

— Em uma boate, lá em Lagoa Santa — foi Pedro quem respondeu.

— Não seja por isso — o rapaz endireitou o boné e bateu as palmas das mãos com força. — Levo vocês até lá. Vamos no meu carro. Conheço bem a cidade e já fui nesse lugar. Que horas está marcado?

— Já disse que não vou! — Jorge aumentou o tom de agressividade.

— Que isso, JP? Precisa aprender a relaxar um pouco. Mal começou o semestre e já está estressado. *Vamos, cara!* Vai ser bom para você.

O estudante fechou os olhos e ficou quieto durante alguns segundos até se acalmar. — Certo, eu vou... Mas por favor, vamos terminar este trabalho. Não quero ter de acabar no domingo.

E foi assim que Gustavo, em menos de um minuto, fez o que Pedro não conseguiu em um mês inteiro. Convencer o amigo a quebrar uma regra.

* * *

Aline não ficou nada contente ao descobrir que Gustavo iria a sua festa. Tão logo Pedro soube que seu companheiro de apartamento havia mudado de ideia, ligou para informá-la, supondo que isso a agradaria. Mas estava enganado. A garota parecia conhecer bem o colega de Jorge, e certamente não gostava dele. Porém, como o jovem não conseguiu convidar Roger, haveria um ingresso sobrando e ela não hesitou em concordar por fim.

Já passavam das dez da noite quando Gustavo retornou, após ter ido em casa se trocar. Pedro, com o presente na sacola, e Jorge, de cara amarrada, já o aguardavam prontos na sala. O estudante de geologia não parecia nada satisfeito, pois ele e o colega não haviam conseguido concluir o trabalho da faculdade. E assim, os três tomaram a estrada para a cidade de Lagoa Santa. E se os céus da capital mineira exibiam um belo e homogêneo tom de azul-anil, salpicado de estrelas, o horizonte na direção da festa encontrava-se tomado de pesadas nuvens escuras.

O prenúncio da tempestade se acentuava a cada quilômetro vencido, mas isso não incomodava a Pedro. Naquele momento, estava mais preocupado em tentar animar seu amigo, que ia como se estivesse a caminho de um velório. *Com certeza, a chuva não vai deixá-lo mais animado.* De fato, nada parecia alegrá-lo. Gustavo, por outro lado, esbanjava felicidade e contentamento. Em conversa esperando na sala, Jorge se referiu a ele como alguém sem preocupações na vida, além de sua própria aparência e do carro novo. Era mais um adolescente, filho de

pais ricos, que entrou na faculdade pública depois de estudar nas melhores escolas particulares.

— Ainda que pudéssemos deixar a cidade, — resmungou Jorge anteriormente — eu detestaria ir a um lugar como esse. Está cheio de gente igual ao Gustavo. Filhinhos de papai, pessoas fúteis e sem objetivos na vida. E os amigos da Aline também são todos assim.

Quando atingiram os limites do município, uma fina garoa começou a marcar o para-brisa do carro, e não demorou muito até a chuva desabar com toda a fúria. Gustavo parecia seguro do caminho, tanto que, após cruzar a entrada da cidade e passar diante da vila militar da Aeronáutica, tomou uma rota alternativa à de Mayra. E foi quando Pedro viu, pela primeira vez, a lagoa que dava nome ao lugar. Tratava-se de um enorme espelho d'água, margeado por árvores, entre elas coqueiros, e faixas de passeio e asfalto. Uma forte cortina de chuva cobria a vista do outro lado, o que poderia provocar a sensação de estarem diante do mar, não fossem as luzes estáticas dos postes nos morros ao longe.

Poucos minutos após contornarem parte da lagoa, Gustavo tomou uma ruela escura que seguia por dezenas de metros até começar a subir. Seguindo estrada acima, logo chegaram a um trecho mais desabitado da cidade. Havia poucas casas aqui e ali na beira da rua de pedra, além de inúmeros terrenos baldios, cobertos de mato alto. Então surgiu uma grande quantidade de carros estacionados e uma construção de um único andar, porém bastante larga, ergueu-se diante deles. Era uma boate, sem dúvida. Havia luzes multicoloridas no vão da portaria e dezenas de pessoas esperavam em fila para entrar, protegidas da chuva por uma área externa. Eram na maioria jovens, bem produzidos e animados apesar do mal tempo. Gustavo arranhou um lugar para estacionarem sem muitas dificuldades e ele, Pedro e o ainda pouco empolgado Jorge, correram.

— E agora? — perguntou o estudante.

— Aline falou que tem uma lista de convidados na porta — disse o jovem. — Nós damos os nossos nomes e só pagamos metade da entrada.

— E ainda vamos ter de pagar para entrar?

— Mas é claro.

— Não, não, não! — interrompeu Gustavo. — Não se preocupem com isso, meus amigos. Hoje é tudo por minha conta.

Sem graça, Pedro tentou rejeitar a oferta, mas não teve argumentos. Jorge não falou nada e manteve a cara séria, demonstrando que não queria mesmo estar ali. E mais quinze minutos esperando na fila não contribuíram para melhorar seu humor. Depois desse tempo, os três finalmente adentraram o recinto.

Pedro nunca havia estado em uma boate antes. Para ele era tudo novidade.

Logo após a entrada, o primeiro ambiente tinha o ar escuro e pesado como na casa de Nelson, mas ao contrário dessa, estava cheio de vida e energia. Naquele ponto, a música já era alta o suficiente para que as conversas se dessem aos gritos no pé do ouvido. Andando um pouco mais, os arredores se clareavam e as luzes da pista de dança se projetavam sobre as paredes.

Havia gente por todo lado. Belas garotas, maquiadas e perfumadas, desfilavam em grupos ou agarradas aos braços dos namorados. Casais acomodavam-se em sofás compridos, tomando drinks coloridos, e uma grande bola espelhada girava no teto, bem no centro do salão. À direita ficava um enorme balcão de atendimento aos clientes, que se estendia pelo corredor à frente e seguia paralelo à pista de dança, poucos degraus abaixo. Era tudo o que dava para ver sobre a baixa iluminação, mas Pedro também percebeu a bela garota que caminhava em sua direção. Era, sem dúvida, a mais linda que viu até então.

— Até que enfim vocês chegaram — era Aline, abrindo os braços e o sorriso. Seus grandes lábios traziam uma cor vermelha intensa e a pele escura parecia brilhar além do normal. Os cabelos eram os mesmos de sempre, com tranças finíssimas que alcançavam os ombros, mas agora estavam presas a um broche na parte superior da cabeça. O pescoço exposto exibía uma pequena tatuagem negra, a marca da possessão, com traços mais finos e arredondados do que os de Jorge, mas igualmente abstratos. Ela usava ainda um belo vestido preto, que caía muito bem em seu corpo esbelto. Pedro ficou momentaneamente sem reação, admirando o andar gracioso e sensual da moça.

— Feliz aniversário! — ele desejou, entregando a sacola com o presente.

Aline o abraçou e beijou-lhe o rosto antes de tomar o embrulho. Sentiu-se um pouco constrangido, mas isso logo passou. Agora, a garota estava mais interessada em ver o que havia ganhado e manifestou extrema alegria ao descobrir.

— Nossa... Que linda — ela colocou a pulseira no punho direito e a exibiu, sorridente. Depois deu outro abraço em Pedro. — Adorei.

— Parabéns — disse Jorge de maneira contida.

Aline também o abraçou e o beijou com a mesma empolgação, como uma boa anfitriã devia fazer. — Estou muito feliz que tenha vindo.

O estudante apenas balançou a cabeça em sinal positivo, mas nem mesmo naquele momento ele sorriu. Gustavo enfim avançou para cumprimentar a aniversariante. Educadamente ela o envolveu com os braços, mas dessa vez Pedro sentiu que a amiga agia de maneira mais formal. *Ela realmente não gosta dele*, concluiu.

— Venham! Vou apresentar o resto do pessoal — e assim, ela puxou o jovem

pela mão e seguiu por entre a multidão.

Os quatro caminharam em direção à pista de dança, que por sinal era enorme e estava lotada. Devia ter vinte metros de largura por outros cento e cinquenta de comprimento, e ficava cinco degraus mais abaixo. Do lado esquerdo havia um palco vazio e, bem no meio, uma bancada redonda, tomada por equipamentos de som e de luz, abrigava o *DJ* no comando da música. Já à direita, no fundo da pista, repousava uma grande quantidade de mesas e cadeiras, onde muitos clientes se acomodavam. Foi para lá que Aline os levou. Em um canto, duas mesas juntas formavam uma só e, à sua volta, estavam oito pessoas.

— Gente — ela gritou, tentando superar a música. — Quero apresentar dois amigos meus. Pedro e Jorge. Esse é Gustavo, colega deles.

Todos olharam e os cumprimentaram, alguns de forma contida e outros de maneira mais extravagante. Eram jovens e, na maioria, do sexo feminino.

— Esses são Rodrigo e sua esposa, Luiza — Aline apontou o casal do lado esquerdo, próximo a ela. — Rodrigo é gerente da loja... — o homem era loiro, com um corte de cabelo discreto, e usava camisa social e gravata. A mulher também era loira e parecia mais a vontade do que ele.

— Essa é a Kátia...

A garota dispensava apresentações. Pedro não a conhecia pessoalmente, mas sabia que aquela era a melhor amiga de Aline. Estava sentada próxima à ponta da mesa, do lado direito. Era uma morena linda, tal qual Gustavo havia adiantado. Tinha olhos azuis, pele clara e traços delicados. Os cabelos eram longos e lisos, e lembravam os de Mayra, embora a cor fosse menos escura. Também trabalhou como vendedora na loja de roupas e depois mudou de profissão. Mas ela e Aline continuavam a dividir o apartamento, algo que, segundo Jorge, desagradava a Paulista.

— Aquele é o Alex. Ele também é vendedor... — o rapaz estava sentado ao lado de Kátia. Usava um corte de cabelo moderno, espetado e cheio de gel com purpurina. Vestia camiseta branca apertada e os cumprimentou apenas balançando os dedos da mão direita.

— Aquela da outra ponta é a Camila. É vendedora também... — a moça era ruiva cacheada. Estava sentada do mesmo lado do gerente e da esposa. Entre ela e o casal havia outro rapaz, de pele negra e cabelos curtos. — Aquele é o namorado dela, o Anderson. E aquela ali é a prima, Vanessa. Ela é a única daqui de Lagoa Santa... — a jovem era loira, de olhos azuis, e sentava-se perto da ruiva. Era muito bonita e olhou diretamente para Pedro, mas parecia pouco a vontade.

— E aquela ali é a Claudinha. Ela é a caixa da loja — a garota estava junto à outra ponta da mesa. Tinha cabelos negros, curtos e repicados, e seus olhos

castanho-escuros eram grandes e se destacavam por causa da maquiagem pesada, quase gótica.

— Fiquem à vontade — concluiu a aniversariante. — Se quiserem bebidas, peçam ao garçom ou então ali no balcão. O banheiro é lá no fundo.

Pedro se sentou ao lado de Alex, Gustavo tomou o assento da outra ponta, também à direita, e o estudante de geologia ficou entre eles. No início, o jovem se sentiu um pouco deslocado. As únicas pessoas que conhecia ali eram Aline e Jorge, mas enquanto a primeira tinha de dar atenção a todos, o segundo não queria conversa. Quem se sentia à vontade mesmo era o colega do estudante de geologia, que mal fora apresentado e já fazia Claudinha rir. Mas não levou muito tempo até que a aniversariante puxasse Pedro pelo braço até o centro da pista de dança. Logo na sequência vieram Kátia, Alex, Claudinha e Gustavo. Lá, a música era alta e mal dava para conversar.

De repente, ele se viu em meio a dezenas de pessoas pulando e dançando animadamente. Sem alternativa, resolveu ensaiar alguns passos contidos. *Eu devia estar treinando dança, não capoeira*, ele desejou. O colega de Jorge também dançava de maneira mais retraída, mas seus movimentos eram claramente investidos na direção de Kátia. Já Alex não era nada discreto e chamava a atenção por sua coreografia frenética. Pedro não sabe por quanto tempo ficou ali dançando, mas quando pensou em retornar à mesa estava morrendo de sede. Caminhou então até o balcão, pediu um refrigerante e foi se sentar ao lado do amigo. Para sua grande surpresa, Jorge já não parecia mais tão aborrecido. Ao contrário, ele até conversava com alguns dos colegas de Aline.

— Você já conhecia a cidade? — perguntou Anderson, o rapaz negro namorado da ruiva.

— Não — o estudante de geologia respondeu.

— Pois aqui é excelente. Muito tranquilo. Bem diferente de BH. Já falei com a Camila que, quando nos casarmos, viremos para cá. Não é, meu amor?

— Duvido — disse ela. — Não é qualquer um que pode morar em Lagoa Santa. Essa é uma cidade só para ricos. Não é verdade, *Nêssa*?

— Não é bem assim — respondeu a prima loira.

— É sim! — Camila rebateu. — Comprar uma casa nova aqui é só para milionários.

— Ah, mas nós também vamos ser ricos — brincou Anderson.

— E você, já conhecia a cidade? — a ruiva perguntou a Pedro.

— Só de passagem — ele respondeu, sob o olhar frio e curioso de Jorge.

— E não foi aqui que encontraram aqueles bichos pré-históricos gigantes, Vanessa? — o namorado de Camila pegou o copo e tragou um pouco mais de vodka com limonada.

— Preguiças — confirmou ela.

— Na verdade, não foram apenas animais pré-históricos — completou Jorge.
— Lagoa Santa é muito importante, tanto do ponto de vista paleontológico quanto arqueológico. Aqui é o berço de toda a civilização humana das Américas. Faço o curso de Geologia na UFMG e um professor meu contou que foi aqui que encontraram os fósseis mais antigos dos primeiros hominídeos americanos. Existem esqueletos expostos no Museu de História Natural que saíram deste lugar.

— É mesmo...? Que legal — disse Anderson. Sua expressão, porém, não demonstrava tanto interesse.

— Essa cidade é cheia de mistérios — completou Camila, mirando a prima.
— E aquele caso da lagoa? Os antigos acreditavam que suas águas eram curativas. Não conheço bem a história, mas parece que no passado, muitas pessoas doentes vieram até aqui para beber da água e se lavar nela. Dizem que todas conseguiram curas milagrosas e foi por isso que batizaram a cidade de Lagoa Santa.

— É. Mas hoje em dia, se você entrar lá, vai é pegar uma doença — Anderson riu.

— Os antigos acreditam mesmo em qualquer coisa. Lembra do que a nossa avó contou mais cedo, Nêssa?

— Ah é! — o namorado da ruiva interveio. — Eu e a Camila chegamos aqui de manhã e, quando dissemos que sairíamos hoje à noite, a avó delas falou para ficarmos em casa, porque era muito perigoso sair de madrugada. Aí perguntei por que ela estava tão preocupada e ela contou que havia uma onça rondando a cidade. Imaginem só, uma onça em plena cidade atacando pessoas?

— É, mas você não precisava ter rido na cara dela daquele jeito — Camila repreendeu. — Coitadinha.

— Desculpe, meu bem, mas é que a sua avó é muito inocente. Ela acredita em tudo o que a gente fala.

— Mas não é só ela que crê nisso — interrompeu Vanessa. — As pessoas estão mesmo falando dessa história. Até saiu no jornal. Parece que viram um animal grande rondando uma das fazendas no caminho para a Serra do Cipó.

— Isso até pode ser verdade — disse Anderson. — Mas daí a dar de cara com um bicho desses aqui no meio da cidade? Alguém teria visto, não acha?

Súbito, toda a triste estória contada por Chico voltou à tona e Pedro se desligou momentaneamente da conversa. Num breve instante, imaginou uma enorme onça pintada caminhando por uma estrada deserta, com dentes afiados e saliva escorrendo pelos cantos da mandíbula. Então, vislumbrou o animal atacando um homem com um bebê no colo. Quase pôde ouvir os gritos de

agonia e choro das vítimas.

— É. Como você disse querida, — Anderson completou — essa cidade é mesmo cheia de mistérios.

Naquele exato instante, retornaram à mesa Aline, Claudinha e Alex. Kátia e Gustavo haviam sumido, mas provavelmente ainda dançavam no meio da multidão. A aniversariante então chamou o garçom, que logo serviu uma rodada de bebidas coloridas e alcoólicas que Pedro não conhecia. Ele não gostava muito de beber. Sobretudo a cerveja tinha um gosto horrível para ele. Chico Estrada jamais colocara uma gota de álcool na boca e sempre contava o caso de seu pai, que morreu depois de cair bêbado do cavalo. Jorge, por sua vez, pediu apenas suco de laranja. Ele não comeu nada porque todos os petiscos continham algum tipo de produto derivado de animais.

E assim, a noite seguiu madrugada adentro e quase todos, Aline em especial, ficavam mais alegres à medida que o garçom servia as bebidas. Pedro se revezou regularmente entre a mesa e a pista de dança. Mantinha-se no refrigerante até o momento em que se viu forçado a ir ao banheiro, e ao passar próximo ao balcão, lá estavam Gustavo e Kátia conversando ao pé do ouvido. Ao retornar à mesa, viu que Aline tinha assumido o assento de Claudinha na outra ponta e agora falava com Vanessa e Camila.

— Sente-se aqui, Pedro — disse ela, apontando a cadeira ao lado.

Ele obedeceu, mas virou-se para Jorge. — Acabei de ver o seu amigo com a Kátia lá no balcão — sussurrou.

— Eles estavam juntos?

— Não sei. Mas ela parecia interessada.

— O Gustavo não é de confiança. Quer apostar que teremos de arrumar carona para ir embora? Não devíamos ter vindo com ele. Eu já volto — Jorge se levantou da mesa e desapareceu na direção do balcão.

Nesse instante, Rodrigo e Luiza se levantaram e começaram a se despedir. Pedro notou que a esposa do gerente parecia ter uma perna mecânica, o que gerou a ela alguma dificuldade ao se erguer da cadeira. Aline disse que ainda era cedo, mas o casal insistiu em ir. Claudinha aproveitou a deixa para sair também e Alex, que veio com ela, se viu obrigado a ir, externando sua vontade de ficar.

— Temos que ir — ela argumentou. — Esqueceu que somos nós quem abrimos a loja amanhã cedo? Aline é a única de folga.

— *Folga merecida* — brincou a garota dos olhos de esmeralda. — Afinal sou a melhor vendedora de lá, não é Rodrigo? E vocês não vão embora — dirigiu-se aos demais convidados sentados. — Fiquem aqui enquanto levo os outros até lá fora. *Eu volto já!*

Então ela acompanhou os quatro até a portaria da boate.

— Vamos dançar um pouco, querido? — Camila se agitou na cadeira.

— Agora?

— É. *Agora!* — ela insistiu e, ao se levantar, se virou para a prima. — Você vigia a minha bolsa, Nêssa?

O casal então saiu antes que a moça pudesse responder. E, de repente, Pedro estava sozinho com ela na mesa. Sentindo-se incomodado por causa do silêncio entre eles, tentou pensar em algo para dizer, mas a loira se antecipou.

— Aline contou que você joga capoeira — ela comentou casualmente.

— Bem... Sim.

— E ela disse que você é muito bom.

— A Aline é meio exagerada às vezes — Pedro estava sem graça. — Na verdade, sou péssimo. Comecei faz só três meses.

— Ah sim? Bem... Também já fiz uma vez, durante algum tempo. Havia um grupo aqui na cidade, mas ele acabou.

Outra vez um silêncio constrangedor se impôs entre os dois, mas Pedro desejava manter a conversa aquecida. *Não posso ficar calado. Preciso falar alguma coisa. Interessante de preferência. Mas o quê?* Ele nunca foi o que se podia chamar de um sedutor nato, tão pouco se achava bonito ou atraente. De fato, não tinha muito jeito com as mulheres. Por meses guardou uma paixão secreta por uma menina da escola chamada Renata, mas jamais se declarou para ela. Também havia beijado uma prima de Marquinhos, Cida, que passava férias em Taguatinga. Mas o relacionamento acabou após uma semana, depois que a moça voltou para casa.

— E então, Vanessa? Você mora aqui há muitos anos? — a pergunta salvadora lhe veio à mente.

— Desde que nasci.

O jovem vacilou, pensando o que mais poderia dizer.

— Você dança bem — ela disparou.

— Obrigado — murmurou sem graça. — Mas se acha isso, é porque só conhece péssimos dançarinos.

Os dois deram risadas. Ele então se encheu de coragem.

— Hã... Você não quer dançar?

— *Ah não!* Morro de vergonha. Além disso, preciso vigiar a bolsa da minha prima.

— Entendi... Você é do tipo que só gosta de ficar rindo das pessoas, mas não se expõem ao ridículo como eu, não é?

Vanessa abriu outro sorriso, o que deixou Pedro bem mais a vontade. *Pelo menos, não deve me achar um chato.* Ela era bonita e tinha belos olhos, azuis como os de Kátia. Sentiu-se atraído por ela. Admirou sua pele aveludada e seus

cabelos dourados. Aproximou-se para ouvi-la melhor e, quando percebeu, ambos já conversavam de forma desinibida. Ninguém retornou à mesa durante um bom tempo. Pelo que conseguiu descobrir, a garota tinha dezessete anos e morava com a mãe e a avó. Ela também terminava o segundo grau e sonhava entrar para a Medicina. Ele, que nunca pensou sobre o assunto, disse que queria fazer Geologia, já que esse era o único curso do qual sabia alguma coisa.

Súbito, as pessoas começaram a retornar. Primeiro Camila e Anderson, suados de tanto dançar, e depois Jorge e Aline. Os dois aparentemente discutiam, mas quando se sentaram perto de Pedro, calaram-se. Logo em seguida, Kátia apareceu sozinha.

— Aline, eu vou indo — disse ela.

— Como assim?

— O Gustavo se ofereceu para me levar até em casa. Você não se importa, não é?

— Hã... Não. Claro que não. Pode ir.

— A gente se vê lá então. Feliz aniversário de novo. Até... — as amigas se abraçaram.

— Não falei que ele ia nos deixar para trás? — Jorge resmungou para Pedro. Aline também ouviu.

— Se sabia, por que o trouxe? — ela perguntou, depois de Kátia partir.

— *Eu não o trouxe!* — gritou o estudante. — Já expliquei que ele se ofereceu sozinho para vir. E quer saber...? Você está bêbada e eu não vou mais discutir isso.

— *Hum...* — ela mordeu o lábio inferior. Àquela altura, Pedro percebera que essa era sua principal forma de demonstrar resignação. — Não importa. Vocês dois voltam comigo — resmungou.

— Certo, mas eu dirijo — disse Jorge. — Você não tem condições de pegar a estrada.

A garota não retrucou mais. Talvez no fundo soubesse que o amigo tinha razão.

— Nós já vamos, Aline — Camila se levantou.

— Ah não. Ainda é cedo...

— Cedo? — o estudante de geologia reclamou. — Já são quatro da manhã. Podíamos ir embora também, não acha?

A aniversariante relutou, mas por fim, deu o braço a torcer. — Está bem — ela pegou a bolsa da cadeira.

No fim, Pedro não achou ruim ir embora. Estava cansado de tanto andar pelo centro de Belo Horizonte e tinha acordado muito cedo naquele dia. E assim, ele, Aline, Jorge, Camila, Anderson e Vanessa se dirigiram até o caixa na saída.

Àquela hora da noite, o número de pessoas dentro da boate já era bem menor e as músicas, mais antigas, eram típicas de final de festa. Do lado de fora havia pouquíssimos carros. O céu mostrava-se todo estrelado e a lua cheia iluminava a escuridão no alto do morro, mas o chão ainda estava bastante molhado.

— Muito obrigada por terem vindo — disse Aline à Camila, depois que se aproximaram do automóvel do casal. — Espero que tenham gostado.

— Sua festa foi ótima, amiga. Parabéns de novo. A gente se vê na terça.

Todos se despediram. Pedro deu três beijos no rosto de Vanessa e se virou para seguir os amigos em direção ao carro verde-escuro de Aline, estacionado alguns metros mais a baixo.

— *Pedro?*

Ele olhou para trás. Era a jovem loira que, diferente da prima e do namorado dela, ainda não havia entrado no veículo. Ele então se aproximou e a viu estender-lhe a mão para entregar um pedaço de pano.

— Quando vier de novo à Lagoa Santa, me ligue — ela disse.

Pedro ficou surpreso. Seu coração se aqueceu. Agora tinha nas mãos um lenço com o nome "Vanessa" e uma sequência de números escritos à caneta. — Vou ligar sim.

E então, algo fantástico aconteceu. O jovem se aproximou novamente da garota de olhos azuis para se despedir com beijos no rosto, mas como que por magnetismo, seus lábios encontraram os dela. O beijo durou apenas alguns segundos, mas foram os instantes mais emocionantes que ele viveu nos últimos meses. A boca de Vanessa era molhada e quente, e o calor dela se propagou através de seu corpo. De repente ela se afastou e, com um sorriso leve e o rosto vermelho, entrou no carro.

Ele guardou o lenço no bolso e seguiu. Aline e Jorge o aguardavam no meio do caminho.

— Alguém se deu bem aqui, hein? — ironizou a garota, com uma alegria contida.

Pedro apenas sorriu sem dizer nada. Preferiu aproveitar o sabor do beijo em sua boca.

— Vamos embora — disse o estudante de geologia.

— Essa foi a noite mais feliz da minha vida — Aline abraçou simultaneamente os amigos, enquanto os três caminhavam em direção ao carro. — Adoro vocês — ela se virou para Jorge. — Você é meio chato às vezes. Mas gosto de você.

— Também gosto muito de você — ele debochou. — Agora me dê as chaves.

A garota procurou dentro da bolsa até encontrá-las e, ao se aproximarem do veículo, entregou-as ao amigo. Nisso, Anderson passou dirigindo e buzinou uma

vez antes de desaparecer no sopé do morro, com Vanessa acenando pela janela. Jorge destravou as portas e os três entraram, Pedro na frente e Aline atrás. Ela se deitou e parecia que ficaria quieta pelo resto da viagem. O carro manobrou no estacionamento e começou a descer a enorme ladeira que culminava na rua da boate. No início, o chão era de calçamento, mas logo adiante se transformava em asfalto liso e molhado. Subitamente a garota se sentou, agitada.

— A noite ainda não acabou! Quero ouvir mais música — ela inclinou-se e ligou o rádio no último volume.

Irritado, Jorge o desligou. — Ah não! Chega de barulho por hoje.

Ela não aceitou tão facilmente e voltou a ligar o som, alegando que o carro era dela. Mas o estudante também era insistente e tornou a desligar. E o que aconteceu na sequência foi tão rápido que Pedro se quer conseguiu reagir.

O veículo chegou até o pé do morro e estava em uma parte nivelada da rua. Era o ponto mais deserto do trecho e, além da lua cheia, só havia luzes em um poste a trinta metros à frente. De repente, alguém saiu correndo de dentro do matagal, na beira da estrada. Estava tão próximo que Jorge tentou desviar, jogando para a esquerda, mas não conseguiu em tempo. A pessoa recebeu o impacto de lado e caiu, depois de rolar por cima do capô. Aline soltou um grito de pavor. O carro subiu o meio-fio, entrou no mato e só parou após bater em alguma coisa muito grande.

Um rosto familiar

O motor do carro se apagou.

De repente, um silêncio absoluto pairou sobre a noite úmida e fria. Pedro sentiu o coração bater acelerado no peito, pressionado contra o cinto de segurança. *Estou vivo. Estou vivo.* Puxou os cabelos para trás. À frente pousava uma grande quantidade de mato alto, iluminado apenas pelo farol do lado direito do veículo. O esquerdo estava apagado.

Jorge ficou paralisado por alguns instantes, com as duas mãos coladas ao volante, a respiração congelada no tempo, mas foi quem quebrou o silêncio. — Vocês estão bem?

— Acho que sim — Pedro respondeu. — E você, Aline?

A garota apenas anuiu com a cabeça, sentada no banco traseiro. Parecia em estado de choque, os olhos verdes arregalados compondo o rosto pálido.

Jorge abriu a porta, vencendo o matagal com dificuldade, e saiu. O jovem o seguiu e a primeira coisa que viu foi o grande volume atirado ao chão, logo à frente do carro. Era uma criatura enorme e de pele escura, coberta por pelos curtos. Jazia deitada de lado, com a cabeça e as quatro patas esticadas, imóvel. Parecia um boi ou uma vaca, o mato não permitia ter certeza. Havia ainda um amassado no para-choque e o farol tinha se quebrado. Mas o estudante de geologia não se importou nem com o animal e nem com o carro. Ao descer, correu em direção ao corpo de um homem igualmente quieto, estendido no meio da rua. Pedro também se aproximou, temendo pelo pior. *Droga!* "Não devíamos ter vindo até aqui", ele pensou nas palavras do amigo, enquanto chegava mais perto do desfalecido. *Droga!*

Jorge se agachou junto ao sujeito, que jazia deitado de barriga para cima. Usava calças jeans e camisa simples, ambas rasgadas e surradas. Lembrava muito um mendigo, pois estava descalço e com a barba por fazer. Devia ter quarenta e poucos anos de idade. O cabelo era liso e preto, e a pele avermelhada parecia suja. Havia marcas de cortes e de queimaduras ao longo dos braços e, sobre o punho da mão direita, destacava-se uma espécie de tatuagem com cicatrizes recentes. Era um símbolo estranho, com duas linhas onduladas horizontais sob outras três verticais, a do meio maior que as demais. E tal qual o joelho esquerdo, o rosto fora tomado por sangue. A ferida na testa, de onde minava o líquido rubro, era nova, como que provocada pelo atropelamento.

Aline, que havia descido do carro, agora caminhava descalça até eles. Levado

de impulso, Pedro também se agachou junto ao estranho e usou o lenço de Vanessa, a única coisa que tinha disponível nos bolsos, para estancar o ferimento.

— Não toque nele — Jorge ordenou, tarde demais.

O jovem fez pressão contra a testa ferida do atropelado. Porém, levou um tremendo susto quando uma mão rápida e forte agarrou a sua. O homem despertou subitamente, emitindo um grito pavoroso. No reflexo, Pedro conseguiu se soltar, mas ficou sem o lenço. O estranho tentou se erguer do chão, mas Jorge o conteve com as duas mãos.

— Calma! Fique quieto — disse ao moribundo.

Ele continuou tentando se levantar, mas não foi forte o suficiente para superar os dois rapazes juntos.

— O que aconteceu? — perguntou, menos agitado. Sua voz era fraca, nervosa e ofegante, e seus olhos estavam arregalados.

— Você sofreu um acidente — disse Jorge. — Precisa ficar calmo — ele se virou para Aline e gritou. — *Ligue para a emergência! Peça uma ambulância agora!*

— Não. Por favor, não! — retrucou o homem, os dentes vermelhos de sangue. — Vocês têm que me ajudar.

— Vamos ajudá-lo — Pedro ficou assustado com a reação inesperada.

— *A ambulância!* — Jorge repetiu aos berros.

A garota fuçava dentro da bolsa, visivelmente nervosa.

— *Não* — insistiu o estranho. — Estou bem.

— Você não está bem — disse o estudante de geologia. — Acabou de ser atropelado.

— Tenho que sair daqui — ele continuou, ainda alterado. — Fui *sequestrado*. Acabei de fugir do cativeiro. Por favor, me ajudem...

Um espasmo gelado correu o peito de Pedro. A expressão de horror no rosto daquela figura maltrapilha era perturbadora, parecia mesmo assustada com alguma coisa. Aline havia encontrado o celular na bolsa, mas permaneceu com ele nas mãos, estática.

— Sequestrado? — Jorge afastou as mãos. — Nesse caso, melhor chamarmos a polícia.

— *Não!* — o homem gritou com mais força. Sua ação foi tão violenta que conseguiu se sentar. — Vocês não entendem. Não posso ir ao hospital e nem à polícia. Eles estão em toda parte.

— Eles quem? — Pedro perguntou, olhando ao redor.

— Vocês têm que me tirar daqui. Tenho que chegar a Belo Horizonte o mais rápido possível. Preciso avisar o meu colega da época da faculdade que ele corre

perigo... — o estranho se calou de súbito. Sua cabeça mirava o meio do mato, dez metros à frente de onde o carro havia parado, e sua expressão era de puro horror.

O capim começou a se mexer lentamente. E então, uma sombra surgiu movimentando-se por entre as folhas. Primeiro a luz da lua refletiu um par de olhos enormes e brilhantes. Depois, quando avançou mais, foi possível ver seu perfil com clareza. Era uma criatura *dantesca*. Parecia um animal, pois andava sobre as quatro patas. A face era arredondada e um pouco achatada, e a boca continha inúmeros dentes afiados. As orelhas pontiagudas estavam de pé, em sinal de alerta. O corpo era robusto e muito grande, e seus movimentos eram bem calculados.

Pedro não podia acreditar nos próprios olhos.

— *Ai, meu Deus. Corram!* — o estranho então se levantou e fugiu de maneira descontrolada. Seguiu alguns metros pela estrada e depois se embrenhou no meio do mato, do lado oposto de onde tinha surgido. Mas o jovem estava paralisado de medo, assim como Jorge e Aline também pareciam estar.

A criatura reagiu de imediato. Deu um salto longo para frente e correu atrás do homem, desaparecendo no matagal. Ela estranhamente pareceu ter evitado se aproximar dos três jovens.

— O que foi aquilo? — a garota balbuciou.

— Uma onça — Pedro não conseguia tirar os olhos da mata, mas não desejava ver o bicho de novo.

— Não pode ser — Jorge rebateu. — Isso é loucura.

— O que faremos agora?

— Vamos embora daqui — disse Aline.

— Mas temos que ajudá-lo.

— E o que podemos fazer?

— Ela tem razão, Pedro — retrucou o estudante de geologia. — *Venha!* Vamos antes que aquela coisa volte.

Os três então correram até o carro. A vaca continuava lá, caída e morta, obstruindo a área de manobra a frente. Jorge virou a chave, mas o motor não deu qualquer sinal de vida. Pedro olhou para trás, tenso pela expectativa de que aquela sombra medonha voltasse para apanhá-los. O estudante tentou de novo, mas nada aconteceu. Aline pareceu ter visto algo se mexendo no mato do outro lado e começou a gritar, desesperada. Só na quarta tentativa foi que Jorge conseguiu ligar o automóvel. Ele deu marcha ré a sangue frio, retornando à estrada, e retomou o caminho para a capital.

Pedro olhou para trás, ainda esperando ver alguma coisa sair do matagal, mas a cena daquele terrível incidente logo se perdeu na negritude da madrugada. Só

que suas consequências não...

* * *

Pedro acordou por volta das onze horas da manhã no domingo. Apesar de cansado, não conseguiu dormir por muito tempo. O sofá da sala, além de desconfortável, não tinha comprimento suficiente, e suas pernas ficavam dependuradas, ao passo que a cabeça permanecia encurvada sobre o braço do estofado. *Por que não preferi o colchão inflável*, ele se perguntou enquanto massageava o pescoço abaixo da nuca.

Assim que se sentou e ajeitou os cabelos, as lembranças da noite anterior retornaram de imediato. As mais significativas pelo menos. A festa na boate, o beijo em Vanessa, o atropelamento do estranho e a aparição de uma onça no meio da cidade. Teria algum desses acontecimentos, ou todos eles, sido mera ilusão de sua mente inebriada pela mistura de sono e fumaça da pista de dança? *Talvez tenha sido tudo um sonho*. Quem dera fosse mesmo.

Ele então se deu conta de que ainda usava as roupas da noite anterior. A boca estava seca, por isso prendeu os cabelos e andou até a cozinha para tomar um copo de água. Lá encontrou o amigo sentado, com a cabeça baixa apoiada sobre a mão direita e lendo o mesmo livro da véspera.

— Bom dia, Jorge...

O estudante não respondeu, permanecendo imóvel e concentrado. Mas foi só Pedro se aproximar um pouco mais para perceber que, na verdade, o companheiro cochilava em cima do próprio braço. Ele acordou subitamente, deixando a caneta cair no chão.

— O que foi? — retrucou, assustado.

— Nada. Só disse bom dia.

— Ah... Bom dia — Jorge se abaixou e apanhou a esferográfica.

— Você não dormiu?

— Dormi... Dormi sim.

— Quanto tempo? — Pedro estava desconfiado de que o amigo mentia.

— Umas duas horas, acho.

O jovem foi até o filtro sobre a pia e pegou um copo com água. — O que está fazendo?

— Tentando acabar essa droga de trabalho da faculdade — Jorge dava tapas leves no próprio rosto para despertar. — Duvido que o Gustavo apareça aqui hoje, por isso tenho que terminar sem ele. Aquele idiota! Nunca mais terei pena dele.

Sem pressa, Pedro degustou a água enquanto observava o amigo através do

fundo do copo. O estudante estava visivelmente cansado, com os olhos vermelhos e a pele mais pálida do que o normal. *Há dias ele não dorme bem. Não me admira que tenha andado tão mal humorado ultimamente.* — Também não consegui dormir muito bem — encheu outra vez o copo. — O que aconteceu ontem à noite?

— Não sei — Jorge fechou o livro, porém não olhou para ele. — Mas não consigo parar de pensar nisso. Aquele homem parecia bastante assustado.

— E não era para menos. Fiquei paralisado só de ver aquela... coisa.

— É. Parece que a avó da amiga da Aline não estava tão enganada afinal de contas.

Pedro lembrou-se da história contada por Anderson, o namorado de Camila. Ali ela soava lúdica, quase engraçada, mas agora trazia sensações terríveis.

— Estive pensando, Pedro, e acho que existe alguma coisa muito estranha nisso tudo. Aquele sujeito disse que foi sequestrado e que tinha acabado de fugir do cativeiro. E então, um animal selvagem o persegue, bem no meio da cidade. Alguém teria de ser azarado demais para escapar de um sequestro e cair nas garras de uma onça, ou seja lá o que for aquilo.

— Bom. Talvez seja só uma terrível coincidência.

— Não acredito em coincidências. *Não.* Aquele bicho parecia ter um objetivo. Imagino que se fosse um animal comum, seu comportamento natural seria o de atacar as presas mais fáceis. Nesse caso, nós. Mas ele mal nos olhou. Ao contrário, preferiu correr atrás do estranho, que já tinha até se escondido no meio do mato.

— Vai ver a onça o seguiu justamente porque ele correu. Deve ser coisa de extinto. Caçar as vítimas que fogem com medo.

— Ou então, — Jorge completou — talvez não seja um bicho comum. Talvez seja um animal adestrado.

— Também é possível. Afinal, se Mayra tem uma urubu de estimação, porque alguém não pode ter uma onça? — ele brincou.

— Você acha que pode ser obra de um possuído?

— Por que está perguntando isso?

Jorge hesitou antes de responder aos sussurros. — Bem, Paulista me disse uma vez que alguns possuídos têm espíritos de animais dentro de si. E quando esse é o caso, a pessoa desenvolve uma profunda intimidade com outros bichos da mesma espécie, podendo inclusive adestrá-los ou controlá-los.

— Então Mayra é dominada pelo espírito de um urubu? — Pedro desdenhou.

— Você pode até achar engraçado, mas penso que esse é exatamente o caso dela.

— Bem... Isso explicaria porque ela ficou tão ofendida quando perguntei

sobre seus poderes.

— Mas tem outra coisa mais interessante — Jorge continuou. — Em alguns desses casos, o possuído fica tão poderoso que se torna capaz até mesmo de se transformar na forma da própria criatura do espírito que o possui.

— Você acha que o que vimos era uma pessoa, e não um animal?

— Ou isso, ou então era um bicho real controlado por alguém com poderes sobrenaturais. Quem sabe?

Pedro refletiu por alguns instantes. As suposições do amigo o deixaram mais intrigado e confuso, a mente fervilhava. — Agora que você disse isso, pensei em uma coisa. Lembra do que o homem falou sobre não querer ir para o hospital e nem para a polícia? Disse que "eles estavam em todos os lugares".

— Lembro — Jorge respondeu. — E imagino que ele se referia às pessoas que o sequestraram.

— Exatamente. E isso foi a mesma coisa que Aratama me disse quando nos encontramos. Ele falava sobre o nosso real inimigo, a sociedade secreta que criou o projeto dos possuídos. Advertiu que os membros da Fogo-Fátuo estavam em todos os lugares.

— Você acha que foram eles quem sequestraram aquele pobre infeliz?

— Hum... Lembra que havia uma tatuagem estranha no punho direito dele? — Pedro recordou-se, empolgado.

— Na hora não reparei.

— Parecia recente. A pele ainda estava cicatrizando. Era uma marca bem no estilo da sua, da de Roger e da de Paulista. Só que o desenho era um pouco diferente. Será que o homem era um possuído também?

— Se a tatuagem era nova, provavelmente não.

Nesse mesmo instante, a porta do quarto de Pedro se abriu e alguém caminhou até a cozinha. — Ai... Vocês têm remédio para dor de cabeça? — murmurou Aline, com uma expressão terrível no rosto. Seus olhos estavam inchados e as tranças desorganizadas de maneira aleatória. Também usava a mesma roupa da noite anterior.

— Tem uma caixa no armário do banheiro — disse Jorge.

A garota se virou, entrou no cômodo e trancou a porta.

— Ela vai ficar uma fera quando vir o estrago do carro — cochichou o estudante.

— A culpa não foi sua. Afinal de contas, se tivéssemos te ouvido desde o início, nada disso teria acontecido.

— Bem... Agora não adianta ficarmos nos lamentando. Vamos torcer para que ninguém tenha nos visto lá.

Jorge abriu o livro, enquanto Pedro se perdeu em pensamentos. Sentia alguma

coisa de estranho no ar, algo mais esquisito do que os acontecimentos já discutidos com o amigo. Começou como um impulso em seu inconsciente que emergiu de repente e foi tomando forma de maneira gradual. Era apenas uma sensação no início. Uma leve impressão que surgia toda vez que visualizava na mente a imagem do homem misterioso. Aquela figura grotesca e assustada parecia familiar. Sabia que já o tinha visto antes e, embora não conseguisse se lembrar onde e quando, o sentimento se tornava cada vez mais forte.

Aline retornou do banheiro com o cabelo mais arrumado e caminhou em direção a Pedro, tomando-lhe o copo com o resto de água. Jogou um comprimido marrom na boca e engoliu o líquido de uma vez. — *Argh!* Que ressaca horrível — exclamou.

— Você se lembra de tudo o que aconteceu ontem? — o jovem quis saber.

— Mas é claro. Eu não bebi tanto assim.

— Tenho as minhas dúvidas — o estudante de geologia provocou.

Ela se sentou e, apoiando o cotovelo esquerdo na mesa, tapou o rosto com a mão. — Que horas são?

— Quase onze — disse Pedro.

— Puxa! Achei que fosse mais cedo.

— Jorge e eu falávamos sobre o incidente na volta ontem.

— Ai... Ouvi o que vocês dois disseram — Aline olhou para ele. — Não acho que isso tenha alguma coisa a ver com os possuídos.

— Então, como você explica o que aconteceu? — perguntou o estudante.

— Não pretendo explicar nada.

— Bom. Nesse caso, nossa teoria é a única que temos.

— Será que vocês dois não percebem que esse negócio de sociedade secreta é só uma *historinha* de Mayra para nos manter sob controle?

— Ah é? E quanto a Paulista — Jorge jogou o livro fechado sobre a mesa. — Ele acredita nessa "historinha".

— E Roger também — Pedro completou.

— E daí? Isso não prova nada.

De repente, a palavra "Roger" acordou um pensamento adormecido na mente de Pedro. Na primeira conversa com seu treinador no Parque Municipal, o homem havia revelado ser possuído pelo espírito de um animal. E embora não tenha detalhado de qual se tratava, disse que era um assustador. Talvez, tão assustador quanto uma onça.

— Esperem um momento — ele virou-se para Jorge. — Lembra do que falei sobre o Roger? Dele ser possuído por um animal assustador?

O estudante de geologia pareceu puxar pela memória e, depois de alguns milésimos de segundo, uma expressão se formou em seu rosto. Era como se,

além de ter se lembrado, tivesse capturado os pensamentos de Pedro naquele momento.

— Não... Roger, um homem-onça? *Está maluco!*

— E por que não?

— Ele é nosso aliado. Você o conhece melhor do que eu. Acha que seria capaz de sequestrar alguém?

— Claro que não — a ideia era absurda. — Mas lembrei de outra coisa. Quando me encontrei com Aratama, ele tinha dado uma missão a Roger, além de me treinar. No mesmo dia, voltamos para Belo Horizonte, mas ele ficou em Lagoa Santa. E ontem de manhã, cancelou o treino e saiu correndo junto com o doutor.

— Você acha que os dois foram para lá?

— Não sei. Roger nunca me fala nada sobre o que faz quando não estamos treinando. Mas e se a missão que Aratama deu a ele foi em Lagoa Santa?

— Talvez ele e Paulista estejam apenas monitorando atividades da Fogo-Fátuo na região.

— Isso tudo é ridículo — Aline interrompeu, sem gritar. Pela expressão, sua cabeça doía muito. — Se fosse verdade e se o perigo estivesse tão próximo assim, Glauber me contaria. Ele nunca nos deixaria correr esse risco.

— Ele nos disse para não sairmos da cidade — Jorge ironizou. — Ou será que você já esqueceu?

— Por acaso, quer que eu admita que a culpa foi minha? — os olhos verdes dela exalavam fúria. — Certo, eu admito. Não devia ter chamado vocês dois para a minha festa. Está satisfeito?

— Calma. A culpa não é sua — disse Pedro. — Se eu não tivesse falado da festa para o Gustavo, nada disso teria acontecido.

— Agora não adianta chorar — Jorge interrompeu. — O que aconteceu, aconteceu. Não podemos mudar o passado.

— Tem razão — Aline se acalmou. — O melhor que temos a fazer é esquecer. Não falaremos mais sobre isso. Vamos fazer um pacto de não contar a ninguém o que ocorreu ontem.

— De acordo — disse Jorge. — De minha parte, ninguém vai saber. Mas que isso sirva de lição para todos nós.

— Esquecer? — repetiu Pedro. — Vai ser muito difícil. Estou com uma sensação estranha.

— Que sensação? — a garota esbugalhou os olhos.

— Aquele homem que atropelamos... Acho que o conheço de algum lugar — a impressão era forte agora.

— De onde?

— Não me lembro.

— Deve ser só uma sensação mesmo — ela completou. — Sentimos coisas esquisitas às vezes, quando ficamos impressionados.

— Pode ser... — Pedro estava meio incerto.

— E então? Vai manter o segredo? — Aline o encarou.

— Sim. Claro...

— Bom. Nesse caso, o assunto está encerrado — ela se levantou. — Agora é melhor eu ir embora. Estou preocupada com a Kátia. Ela não atende o celular. Só espero que aquele seu amigo troglodita a tenha levado para casa.

— Aline... — Jorge vacilou antes de prosseguir. — Você não viu ontem quando chegamos, mas o carro ficou meio... amassado.

— Ah... *Droga!* — ela lamentou. — Tinha esquecido disso.

— Posso ajudar a pagar parte do prejuízo se quiser.

— Não se preocupe. Tenho seguro... Mas é engraçado. Achei que você ficaria mais preocupado com aquela pobre vaca do que com o meu carro! — ela sorriu.

— Eu nem pensei nisso — o estudante relaxou os ombros.

— Pois é. Do que adianta não comer carne e sair por aí atropelando os animais.

Todos deram risadas. Aline então voltou para o quarto, pegou a bolsa e as chaves do automóvel, e seguiu em direção à porta principal, acompanhada por Pedro.

— Notou que o Jorge tem andado meio estranho ultimamente? — ela sussurrou, ainda dentro da sala.

— Não percebi — ele respondeu sem pensar. — Mas sei que anda estressado com a faculdade.

— Não sei não... Ele parece mais nervoso do que o normal.

— Por que você diz isso?

— Não, por nada — ela se esquivou, abrindo um sorriso maroto. — E aí? Quando vai ligar para aquela garota?

Apesar de tudo, Vanessa ainda tinha lugar nos pensamentos de Pedro. — Não sei... Perdi o telefone dela.

— Como assim, perdeu?

— Usei o lenço que ela me deu para estancar a ferida na testa daquele estranho. Acho que ele o levou embora.

— Não se preocupe com isso. Eu peço o número para a Camila. *Adeus!*

Ao abrirem a porta, lá estava a vizinha do 302, molhando as plantas do corredor. Ela parou imediatamente o que fazia e ficou encarando os jovens com um olhar curioso e reprovador. Aline pôs a bolsa no ombro e seguiu até as escadas arrumando os cabelos.

— Que coisa feia — a velha resmungou. — Uma moça solteira dormindo na casa de dois rapazes.

— Bom dia, Dona Lêda — ela ironizou. E antes de desaparecer, gritou para Pedro. — Você foi ótimo, meu amor. *Um beijo...*

O rapaz ficou vermelho feito um pimentão.

— O síndico vai saber disso — a velha o encarava.

Ele apenas fechou a porta sem dizer nada.

Com o quarto liberado, tentou dormir um pouco mais. Mas, como de costume, o sono teimava em não vir, uma vez que milhares de pensamentos lutavam por espaço em sua mente. Toda vez que se levantava, via o companheiro de apartamento sentado na mesma posição, lendo o mesmo livro e escrevendo coisas no computador portátil. Ele resistia bravamente ao cansaço e, sempre que possível, Pedro lhe dirigia alguma palavra de incentivo.

A tarde foi se arrastando e a noite trouxe uma surpresa, junto com o vento gelado que soprava do leste. Jorge ainda parecia longe de terminar o trabalho e, após tomar banho, resolveu dormir um pouco. Pediu ao amigo que o acordasse dali a duas horas. Pedro então se sentou na sala para ver televisão. Aline não havia dado mais notícias e, por isso, pegou o telefone na intenção de contatá-la.

E foi nesse instante que a campainha do apartamento tocou.

— Pedro? — perguntou uma voz feminina.

— Sim... Quem é?

— Sou eu, Mayra. Abra o portão, por favor.

Mayra?! Ele achou muito estranho. Fazia tempo que não tinha notícias dela. Três meses para ser exato. A mulher desapareceu poucos dias após retornarem da Caverna dos Papagaios e nunca mais falou com ele, ligou ou mandou recados. Teria sua raiva perdurado tanto assim? *Será que ela já sabe que eu, Jorge e Aline saímos sozinhos da cidade?*

Disposto a descobrir, abriu o portão eletrônico e posteriormente a porta da sala. Foi então que um rosto familiar surgiu diante dele. Longos cabelos negros, lisos e soltos, a pena negra presa à ponta da pequena trança do lado direito. Olhos escuros e tristes, mas cheios de energia. Mayra parecia a mesma de sempre, exceto por estar um pouco mais magra. Como de costume, usava calças jeans e tênis e vestia blusa verde-escura.

— Oi, Pedro. Como vai? — um sorriso forçado emergiu dos lábios dela, mas se desfez rapidamente.

— Bem. E você?

— Também estou bem. Posso entrar?

— Claro. Entre!

Ela adentrou a sala e se sentou no sofá. O rapaz fez o mesmo após trancar a

porta.

— E o Jorge?

— Está dormindo. Quer que vá chamá-lo?

— Não. Não precisa. Passei apenas para saber como você está.

— Estou bem. E você? Já faz tempo que não a vejo.

— Perdoe a minha ausência, Pedro. Tenho andado bastante ocupada nos últimos meses.

— E o que tem feito? Se é que posso perguntar.

— Vejo que sua curiosidade continua ativa — Mayra alisou os cabelos, um pouco mais descontraída agora. — Bem, deixa ver... Desde a última vez que nos vimos, tenho viajado muito.

— Isso tem algo a ver com a missão que Aratama te deu?

— Tem sim...

— E imagino que não possa me contar nada, certo?

— Bem, não em detalhes. Mas posso dizer algumas coisas. Basicamente o que tenho feito é procurar por outros possuídos escondidos pelo país. Conforme já disse uma vez, há mais foragidos por aí, assim como nós. Nos últimos anos, Aratama vem tentando uni-los em nossa luta, mas não tem sido fácil. Convencê-los demanda constante trabalho diplomático.

— E existem muitos possuídos renegados?

— É exatamente o que tenho tentado descobrir. Não sabemos ao certo quantos já se rebelaram. Pode haver um número considerável deles. Porém, não temos ideia de onde estão. E ainda tem outro problema. Vários preferem continuar escondidos a se levantar contra o inimigo.

Mayra se calou e seu olhar se perdeu através da janela. Pedro fitou os belos olhos negros da mulher e esperou até que ela voltasse a falar.

— Infelizmente tenho tido muito trabalho em convencer algumas pessoas a abraçarem à nossa causa — concluiu ela, após respirar fundo.

— Você tem notícias de Aratama?

— Oh sim. Ele está bem. Acabo de vir de lá. Ele me deu notícias suas, mas parece que Roger já não o visita faz tempo. Diga-me, o que você tem feito?

— O mesmo de sempre. Só treinamento e estudo. Acho que a escola tem sido mais produtiva, mas os dois estão indo bem.

— Por que diz isso?

— Bom, não estou reclamando do Roger — Pedro não queria tocar no assunto, mas foi inevitável. — Pelo contrário, ele é um excelente treinador e uma ótima pessoa. Mas é que, até agora, não aconteceu nada de especial, entende? Ainda não sei qual é o meu espírito. Aliás, nem mesmo sei se tenho um.

— Pedro, você deve compreender que não é assim que as coisas funcionam.

Os poderes do espírito não aparecem da noite para o dia. Roger é inexperiente, mas Aratama acredita que ele está se saindo bem. E ainda que eu fosse a sua treinadora, jamais esperaria que tivesse uma evolução tão rápida quanto deseja. Os possuídos levam tempo para manifestarem suas capacidades. E o seu caso é pior, porque o seu espírito ficou adormecido por muitos anos. Mas não desanime. É importante que continue se dedicando. Um dia, vai acontecer!

— E como vou saber quando esse dia chegar?

Mayra pensou um pouco. Depois retirou do pescoço o pequeno pingente em forma de dente e estendeu-lhe a peça.

— Segure... — ela disse ao ver a hesitação de Pedro.

Receoso, ele pegou o objeto e começou a admirá-lo. Parecia um osso de verdade.

— Feche os olhos e se concentre — ela completou. — Esvazie a mente. Imagine que o amuleto está ficando quente.

Ansioso, ele obedeceu. Cerrou as pálpebras e apertou o dente com as pontas dos dedos, como vira Mayra fazer das outras vezes. No início, teve medo de sentir de novo a dor agonizante que correu seu corpo da primeira vez, mas depois, relaxou.

— Sente alguma coisa diferente?

— Não...

— Concentre-se mais um pouco.

Ele afagou o objeto em suas mãos por mais meio minuto.

— E agora?

— Nada — ele abriu os olhos.

A mulher então tocou a ponta do instrumento, mas nada aconteceu.

— O que foi? — Pedro perguntou.

— O espírito deve ter adormecido — ela tomou-lhe o pingente. — Isso ocorre às vezes, quando a energia é recarregada.

— Recarregada?

— Sim. Os espíritos precisam de energia para se manterem nos objetos sagrados. Quando se usa os poderes de um amuleto, parte dessa energia é consumida, e tem que ser repostada, do contrário, a entidade deixa o mundo físico para sempre.

Pedro então se lembrou da faca de pedra de seu pai. Segundo Aratama, havia um espírito nela que tinha se perdido por falta de energia.

— E como é feita essa recarga?

— Há vários rituais para esse fim. Mestre Aratama é um dos poucos que os conhecem. É uma pena... Queria que você sentisse como é usá-lo.

— Fica para a próxima.

— Não se preocupe, Pedro — ela colocou o pingente de volta. — Saberá quando chegar a hora. Não desanime...

— É isso que Jorge e Aline vivem me dizendo.

— Precisa ter paciência — Mayra segurou-lhe a mão da cicatriz. — Não pode se comparar a eles. Os dois já treinam há mais tempo e também tiveram muitas dificuldades no início. Você irá conseguir. Lembre-se da promessa que fez a Aratama. Seja forte e nos ajude.

— Eu serei... — ele abaixou a cabeça e olhou para o chão.

— Já se arrependeu de ter deixado sua casa?

Ele não esperava a pergunta. *Será que devo lhe dizer a verdade? Que muitas vezes já pensei em voltar para junto de Chico.* Sem saber bem o motivo, preferiu mentir dessa vez. — Não — continuou a mirar o piso. Nem mesmo a Jorge tinha confessado a vontade de retornar ao Distrito Federal, que eventualmente se abatia sobre ele. Sobretudo nas últimas três semanas.

— Você tem falado com o Chico? — a mulher indagou. — Tem mandado algum dinheiro para ele?

— Sim.

— E como ele está?

— Bem, acho. Ele sempre é bastante rápido nas ligações.

— Deve estar sentindo muito a sua falta, Pedro. Mas ele compreende a necessidade da sua ausência.

— Eu sei. Queria compreender também...

Mayra se calou e o encarou longamente. Parecia tranquila agora, com a serenidade estampada nos olhos. — Um dia, entenderá. Não se preocupe com isso por enquanto. Em breve, todos conheceremos as suas habilidades. Tenho certeza de que você será muito útil a Aratama — ela tinha um leve sorriso nos lábios.

Pedro resolveu aproveitar a descontração da mulher para fazer outra pergunta que o incomodava há semanas.

— Mayra... Por falar em dinheiro, — ele gaguejou — estive pensando... De onde é que vem a grana que eu, Jorge e Aline recebemos todos os meses? Quem é que banca toda essa luta contra o governo?

A mulher voltou a ficar séria. — É dinheiro honesto — ela respondeu secamente. — Não tem com o que se preocupar. Use-o bem e aproveite seu tempo livre para treinar.

— Certo...

— Bom! Preciso ir andando.

— Já...? Mas acabou de chegar.

— Passei só para vê-lo mesmo.

— Sua missão já terminou? Quero dizer, você vai ficar por aqui agora?

— *Não*. Estou apenas de passagem. Daqui a pouco pegarei a estrada novamente.

— E quando vou te ver de novo?

— Eu não sei. Mas sempre que estiver por perto, passo para dar um oi — disse Mayra, caminhando em direção à porta. — Ah! Só mais uma coisa. Procurei pelo Roger na casa dele, mas não o encontrei. Você poderia dar um recado a ele por mim?

— Claro.

— Diga que Aratama precisa vê-lo com urgência.

— Eu direi.

— Certo. Não se esqueça então. Adeus, Pedro. E lembre-se também de não sair da cidade. E tome cuidado ao andar pela rua. Principalmente à noite.

Ele ficou em silêncio, enquanto a mulher descia as escadas. "Não saia da cidade". A frase ecoou em sua mente. Na primeira vez que Mayra disse, parecia algo sem importância. Agora, porém, soava mais como uma advertência sarcástica do tipo "eu te avisei".

Depois de acordar o amigo, seguiu para o quarto, mas não conseguiu dormir logo. Quase que involuntariamente, ficou rememorando a noite anterior. Tudo aquilo acabou se refletindo em seus sonhos. Lembrou-se de estar andando por uma estrada, de mãos dadas com uma garota, Vanessa talvez. A cena era meio confusa, mas em determinado momento alguma coisa invisível os perseguia. Jorge e Aline apareciam correndo no fim do sono, mas não chegaram a tempo de ajudá-los.

* * *

O dia seguinte foi uma segunda-feira bastante atípica na nova vida de Pedro. Ele não estava acostumado a acordar muito cedo após o domingo. Jorge, ao contrário, saía às sete da manhã e os dois só se encontravam brevemente no final da tarde, antes de o jovem ir para as aulas noturnas. Naquele dia, porém, ele deveria compensar a falta de treinamento no sábado, conforme combinado com Roger.

As coisas do estudante de geologia continuavam jogadas sobre a mesa da cozinha e ele parecia ter tido uma péssima noite. Lembrava um morto-vivo, com olhos avermelhados, pálpebras inchadas e pele pálida. Tinha ficado a madrugada toda acordado para terminar o trabalho da faculdade e estava tão sem forças que, naquele dia, desistiu de ir de bicicleta e tomou o ônibus. Mas apesar disso, demonstrava imensa satisfação consigo mesmo por ter feito o relatório

praticamente sozinho.

Pedro, por sua vez, seguiu para o centro da cidade e fez sua caminhada matinal, de três vezes semanais, até o espaço gramado do parque, onde esperava por seu treinador. O homem não havia chegado ainda, mas em um raro momento de tranquilidade, lá estava o mendigo, organizando o lixo ao redor de sua humilde residência. *A casa dele está maior a cada dia*, o jovem observou. Qualquer coisa que encontrasse nos arredores do parque que lhe parecesse interessante virava parte de uma parede, do teto ou simples objeto de decoração em sua moradia.

— Oi, João — o rapaz se aproximou.

— Oi — o homem não olhou para ele. Continuou mexendo no lixo.

— Sua casa está ficando grande, hein?

Ele não respondeu.

— E muito bonita também.

— Você acha? — o mendigo secou-o com seus olhos tortos.

— Está sim.

— Ela precisa ficar mais bonita — resmungou. — Ele vai chegar logo.

Preciso aumentar a casa.

Pedro se aproximou. — Quem vai chegar?

— *O meu pai.*

— Seu pai está vindo para cá?

— É. Tenho que arrumar tudo antes dele chegar — João voltou a atenção para o saco de lixo.

— E onde ele está agora?

— Quem? — o mendigo pareceu confuso.

— O seu pai.

— *Ah...* Está viajando. Não sei aonde ele foi não. Mas pediu que eu esperasse aqui. Disse para construir uma casa para a gente morar quando ele voltasse.

Pedro o encarou por alguns segundos. — E há quanto tempo ele saiu?

João então apanhou do chão, perto de onde estava, um calendário sujo e amassado. Analisou-o por um momento e o mostrou. — Hoje faz duas semanas.

O jovem viu que a folhinha era de três anos atrás. O sujeito apontava para o dia quatro de junho. Pobre coitado. Já perdeu até a noção do tempo.

De repente, o mendigo abaixou o papel e fechou o semblante. Seus olhos vultos pareciam ter mudado de direção. Pedro percebeu que alguém tinha acabado de chegar. E ao se virar, ficou bastante surpreso.

Não era Roger...

Ataques de onça

Era o Doutor Paulista quem tinha chegado. Ele estava de pé sobre o gramado e trazia na mão direita o seu companheiro de todas as horas, um cigarro aceso. Usava jaleco branco, o que denunciava sua profissão. Já o rosto liso de outrora fora substituído por outro com uma barba recente, o que lhe dava uma aparência cansada e descuidada.

— Bom dia, Pedro — a expressão era de seriedade.

— Bom dia — aproximou-se.

— Pobre infeliz — Paulista mirava o mendigo, que se afastou e desapareceu depois de sua chegada. — Continua esperando pelo pai até hoje.

— O que aconteceu com ele?

— Foi abandonado quando tinha dez anos — o médico deu um trago no cigarro e expeliu a fumaça. — Acho que o pai dele o largou em alguma praça ou parque. O coitado pensa que foi aqui neste lugar.

— E não foi?

— Não. Ele não é daqui de Minas. Não sei de onde veio, mas mesmo depois de anos continua esperando. Ver uma pessoa com debilidades físicas é triste, mas doenças mentais são ainda piores — lamentou.

— E por que não o levam para um asilo ou coisa assim?

— Já tentaram — o médico deu outra tragada. — Mas não adianta. Ele sempre volta para cá. Tem a ideia fixa de que esta é a sua casa.

Pedro hesitou. Já sentia pena do pobre morador do Parque Municipal antes mesmo de conhecer sua triste história. Ele certamente precisava de algum tipo de ajuda, mas ninguém, além de seu treinador, parecia se importar muito. Como também não podia fazer quase nada pelo mendigo, resolveu mudar de assunto.

— E o Roger?

Paulista soltou fumaça enquanto respondia. — Ele não poderá vir hoje.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Bem, ele está um pouco doente. Pediu para que eu viesse aqui te avisar. Mas não se preocupe. Não é nada grave — completou o médico, depois de notar a cara de assustado do rapaz.

— Mas o que ele tem?

— Já disse que não é grave. Mas terá de ficar um tempo de repouso em casa.

— Quanto tempo?

— Algumas semanas.

— Semanas?

— Sim. E ele pediu para que, nesse período, você continuasse praticando sozinho as lições que ele passou.

— Está bem — Pedro reparou que o médico tinha um pequeno arranhão no pulso esquerdo, já em processo de cicatrização, mas o fato não o incomodou na hora.

— Infelizmente — continuou ele — não tenho tempo para te orientar. Você sabe, dou plantão no hospital e ainda treino a Aline e o Jorge. Queria muito poder te ajudar, mas...

— Tudo bem. Diga ao Roger que vou praticar.

— Bom... De todo modo, estou a disposição caso tenha qualquer problema. Prometa que vai me procurar se precisar de algo...

— Claro. Não se preocupe.

— Agora tenho que ir ver como o Roger está. *Ah!* Tem mais uma coisa — Paulista deu uma última tragada e, sem remorso algum, atirou o cigarro ao chão. Depois de pisar em cima, colocou a mão no bolso da calça e retirou um pequeno envelope de cor parda e dobrado ao meio. — Isso é para você.

Pedro pegou o papel e, a princípio, pensou que não havia nada dentro. Estava todo rasgado na parte superior, como se tivesse sido aberto de maneira descuidada. De um lado ficava o selo dos correios e uma inscrição que dizia "Remetente: José Fernão Palhares, Rua Padre Anchieta, número 19, Copacabana, Rio de Janeiro, RJ". Do outro estava escrito "Destinatário: Glauber Paulista, Vila Barragem Santa Lúcia, Rua Treze, número 108, Belo Horizonte, MG".

— Abra! — ordenou o médico.

Ele obedeceu e, de dentro do envelope, retirou a única coisa que havia. Parecia uma cédula de identidade, verde e retangular, mas não era. Tratava-se de um certificado de alistamento militar do Exército. Na frente ficava o espaço vazio para a foto tamanho três por quatro e, logo abaixo, o nome do portador, "Pedro Oliveira". Do outro lado estava escrito "Pai: Francisco Oliveira Sobrinho" e "Mãe: Desconhecida". Ali aparecia também o número do documento e dois espaços com as inscrições "Situação: dispensado" e "Motivo: excesso de contingente".

— Esse é um papel oficial do Exército — disse Paulista ao ver a interrogação em seu rosto. — Aí diz que você foi liberado do alistamento em Brasília por falta de vagas. Felizmente hoje em dia há muitos jovens querendo se alistar. O governo tenta absorver todos, mas isso nem sempre é possível. De qualquer forma, essa desculpa é bem menos suspeita do que alegar dispensa por problemas físicos, já que você não tem nenhum.

— Então estou livre do serviço militar para sempre? Não virão mais atrás de mim?

Paulista pensou um pouco. Talvez tentasse entender o que Pedro realmente queria saber. — Sim, está livre do alistamento. Mas não significa que não corre mais perigo. Só quer dizer que não o procurarão por ter desertado das Forças Armadas. Acho que não tenho que lembrá-lo de que todos nós somos pessoas procuradas.

— Claro.

— Quanto ao documento, precisa de uma foto e da sua assinatura. Também terá que plastificá-lo. Deixo isso em suas mãos. E por favor, tome cuidado com ele. Foi muito difícil de conseguir. Melhor mantê-lo guardado em casa. Só o use quando for estritamente necessário. Entendeu?

— Sim, pode deixar. *Obrigado.*

— Bom. Então, adeus.

Paulista esticou a mão para cumprimentar Pedro, que por sua vez respondeu ao gesto. O homem apertou com firmeza e, sem aviso prévio, forçou gentilmente sua mão direita, virando-a de costas. Com um olhar curioso, examinou a velha cicatriz causada pelo pássaro de estimação de Mayra.

— Ficou uma marca, hein? Ainda sente alguma dor?

— Não. Só coça às vezes.

— É normal. Mas evite ficar coçando. Não seria bom ter outra infecção daquela, não é? — o médico então soltou sua mão e começou a caminhar em direção à saída do parque.

— Doutor?

— Doutor não — ele rebateu, com seu tom tranquilo e descontraído. — Já falei para me chamar de Paulista.

— Sim... Paulista. Poderia mandar um recado para o Roger?

— Mas é claro. O que é?

— Bom... Na verdade são duas coisas. Diga a ele que desejo melhoras e que espero que se recupere rápido.

— Eu digo sim. E o que mais?

— Tenho uma mensagem de Mayra para ele.

— Mayra? — a expressão do médico mudou repentinamente. Pareceu surpreso ao ouvir o nome.

— Sim... Ela mandou dizer ao Roger que ele visitasse Aratama o mais breve possível — Pedro sussurrou. — Mesmo estando doente, acho que ele deveria saber disso.

— É claro. Você está certo. Mas, quando esteve com Mayra?

— Ontem à noite. Ela apareceu lá em casa de surpresa. Mas não ficou muito

tempo. Disse que procurou por Roger, mas não o encontrou.

Paulista, pensativo, desviou os olhos de Pedro por um instante.

— Darei o recado — falou finalmente. — Mas acho que eu mesmo terei de ir ver o Mestre. No momento, Roger realmente não tem condições... — o homem hesitou. — Por acaso ela comentou se Aratama precisava de alguma coisa específica?

— Não. Disse apenas que queria vê-lo.

— E Mayra não disse quando chegou a Belo Horizonte ou quando pretendia ir embora?

— Mais ou menos. Ela falou que tinha acabado de vir da casa do Mestre e que já estava de partida novamente.

— Obrigado. Até logo então.

E assim Paulista caminhou, agora com mais rapidez, em direção à saída do Parque Municipal, deixando Pedro sozinho. Ele ficou admirando o certificado de dispensa militar por algum tempo. Tentou imaginar como o médico teria conseguido tão importante documento. Provavelmente ele conhecia o tal José Fernão Palhares do Rio de Janeiro, que devia ser um excelente falsificador ou alguém de grande influência dentro das Forças Armadas. A primeira opção era pouco provável, pois Paulista disse que aquele era um papel oficial. De qualquer forma, agora tinha como provar que não era desertor do Exército. *Mas esse é só um problema a menos.*

De volta em casa, Pedro teve mais uma surpresa, a segunda de várias outras que ainda viriam naquele longo dia de início de semana. Jorge também havia retornado da faculdade e já se preparava para ir dormir, quando o amigo chegou. Passava um pouco das nove da manhã.

— O que aconteceu? — Pedro perguntou. — Desistiu de ir à aula?

— Não. Eu fui. Mas morri de raiva. Acredita que, depois de passar o final de semana inteiro acordado para terminar o trabalho que precisávamos entregar hoje, o professor simplesmente não apareceu para recebê-lo?

— Não?

— Pois é. Não deu as caras. E nem avisou que a aula seria cancelada. Ficamos lá igual bobos esperando. A conclusão é que quase todo mundo perdeu o final de semana e ninguém entregou trabalho. E eu perdi noites de sono à toa. Tenho certeza de que o Professor Velho fez de propósito. *Aquele maldito!* — Jorge parecia estar mesmo com muita raiva.

— E o seu amigo Gustavo, apareceu?

— Nem me fale nele. Acredita que o safado conseguiu uma cópia antiga do relatório com alguém que já tinha feito a matéria? Ele simplesmente colocou o próprio nome. Nem se deu ao trabalho de copiar com as próprias palavras. Foi

por isso que nem deu as caras ontem. Eu sabia que ele não era de confiança, mas isso me surpreendeu! Mas agora, não importa mais. Preciso dormir um pouco. Não tenho condições de voltar para as aulas da tarde — Jorge respirou fundo. — E você, por que chegou tão cedo do treinamento?

— Bom. Não foi o único a ganhar um bolo do seu professor. Roger também não apareceu.

— Que estranho? Será que ele se esqueceu? Afinal hoje é segunda e vocês treinam na terça.

— Pior que isso. Paulista foi até lá para me dizer que ele está doente.

— Roger doente? O que ele tem?

— Não sei. Perguntei, mas o Doutor não quis falar. Disse apenas que não era grave e que eu não precisava me preocupar. Só que ele vai ficar algumas semanas de repouso.

— Nossa! O que será que aconteceu?

— Sei lá. Mas agora, ficarei sem treinamento por um bom tempo.

Pedro tinha fome. Ele entrou no banheiro para lavar as mãos, antes de vasculhar a geladeira, e então algo dentro da pia chamou sua atenção. Era uma pedra acinzentada e irregular, duas vezes maior do que sua mão fechada. Estava toda molhada e havia terra acumulada no ralo. — O que é isso?

— Ah, estava lavando essa rocha que achei na rua — Jorge retirou-a de lá, apressado. — É bonita, não é?

Pedro, que ainda não conseguia entender a fascinação do amigo pelas pedras, não viu nada de extraordinário no mineral. *Esse aqui parece um simples bloco retirado de uma rua de calçamento*, pensou. Mas seu colega de apartamento certamente enxergava além disso.

— Desculpe — Jorge bocejou, mas parecia ansioso com alguma coisa. — Preciso ir para a cama urgente. Meu cérebro não está respondendo direito. *Boa noite!*

O estudante então entrou no quarto, mas antes que fechasse a porta, Pedro viu de relance um amontoado de outras pedras semelhantes àquela, espalhadas pelo chão do aposento. Sem dúvida, sua coleção havia crescido bastante nas últimas semanas. Jorge ficou entocado lá pelo resto da manhã e início da tarde. Já o jovem, procurando não fazer muito barulho, tirou o dia para estudar as matérias atrasadas da escola.

Perdido no meio dos livros, principalmente o de matemática, ele não conseguia se concentrar cem por cento. As memórias da noite de sábado já começavam a se tornar mais translúcidas, empalidecidas pela ação do tempo, mas a impressão causada pela figura animalesca ainda lhe trazia arrepios à espinha. As lembranças de Vanessa, de sua voz suave, de seus lindos cabelos

dourados e doces lábios ficaram em segundo plano, mas também contribuíam para tirar sua atenção. Além de tudo isso, outra coisa em particular o incomodava. *O que terá acontecido com Roger?*

Será que ele está mesmo doente ou está se aventurando em outra missão secreta? E onde ele e Paulista foram com tanta pressa naquele sábado de manhã? Com certeza não era para a Serra do Cipó, já que, segundo Mayra, o grandalhão há muito não visitava o Mestre. *Teriam eles ido até Lagoa Santa?* Toda vez que tais pensamentos vinham à sua mente, ele tentava se desviar. Mas, se enquanto estava sozinho na cozinha já era difícil manter a concentração nos estudos, após a chegada de Aline, por volta de três da tarde, foi praticamente impossível.

A garota tocou o interfone sem cessar até Pedro atendê-la e subiu as escadas correndo, pois chegou ao terceiro andar em poucos segundos. Depois de abrir a porta, ele logo percebeu a expressão de preocupação estampada no rosto dela.

— O que foi? Por que a pressa?

— Já leu jornal de hoje? — Aline perdera o fôlego.

— Não. O que houve?

Jorge então apareceu no corredor, os óculos mal colocados sobre a face. Seus olhos estavam vermelhos, e não dava para saber se era de raiva ou de sono. Talvez um pouco dos dois. — Que barulhada é essa? Morreu alguém? — ele esbravejou.

Aline, sem dizer nada, apenas estendeu um pequeno jornal dobrado a Pedro. A data era daquele mesmo dia, segunda-feira, oito de agosto. Na primeira página havia a foto de uma onça pintada caminhando entre as árvores de uma floresta, em frente a um rio. Já a manchete principal trazia em letras grandes e vermelhas: "Sangue e Mistério em Lagoa Santa".

— O que é isso? — ele perguntou.

Jorge aproximou-se para ver também e sua expressão de raiva logo se dissipou. Uma nova surgiu, misturando surpresa e preocupação. Rapidamente a garota fechou e trancou a porta da sala.

— Leiam — ela ordenou.

Os três então se sentaram no sofá. Aline, ainda com ares de mistério, arregalava mais os já enormes olhos verdes. Pedro abriu o jornal e começou a ler em voz alta.

— "Um estranho caso intriga os habitantes da cidade de Lagoa Santa, região metropolitana de Belo Horizonte. Na manhã do último domingo, dia sete de agosto, um morador local encontrou o corpo de um homem em um terreno baldio, próximo a uma famosa boate da região. A polícia logo foi acionada e o cadáver foi recolhido e levado para o Instituto Médico Legal da capital. Esse

seria apenas mais um caso comum de assassinato, em um município com moderados índices de violência, não fossem pelas estranhas circunstâncias que o cercam".

— "A vítima já foi identificada extraoficialmente pelas autoridades. Trata-se de um professor universitário paulista de quarenta e seis anos, de nome *Flaviano Batista Guimarães*, foto abaixo à direita" — foi então que Pedro reparou pela primeira vez em um pequeno retrato, tipo três por quatro, no canto inferior da página principal, impressa sob a imagem da onça-pintada. Era a mesma fotografia que ele viu cerca de três meses atrás. Com o choque, interrompeu a leitura e olhou assustado para seus amigos.

— *Lembrei!* Lembrei de onde conhecia aquele homem. Já vi essa foto antes. Foi na rodoviária de São Paulo. Estava em um painel de pessoas desaparecidas. Ele tinha sido sequestrado. *É claro!* Como pude esquecer disso? — ele deu um leve tapa contra a própria testa.

— Então ele foi mesmo sequestrado? — Jorge pressionou as bochechas com a mão esquerda.

— Continue lendo — Aline ordenou, impaciente.

— "Flaviano sumiu desde o dia catorze de fevereiro deste ano. Foi visto pela última vez saindo de carro, depois de dar aulas no curso noturno de uma faculdade particular nas imediações da capital paulista. A família fez o registro de sequestro cerca de quarenta e oito horas após o desaparecimento, alegando ter recebido um pedido de resgate por parte dos sequestradores. Entretanto, essa foi a única ligação, e não houve nenhum tipo de contato posterior. E só agora, quase seis meses depois, foi que uma nova e triste notícia enfim chegou. Os familiares da vítima, que ainda não reconheceram oficialmente o corpo, ficaram bastante consternados com final trágico da história. Mas para a polícia, esse é só o início de um caso intrigante".

— "De acordo com testemunhas, havia indícios de que o homem teria morrido após ser atacado por um tipo de fera selvagem. Suas roupas estavam rasgadas e havia um corte profundo no pescoço, ferida que, ainda segundo testemunhas, não poderia ter sido feita por nenhum instrumento cortante regular. Especialistas também identificaram rastros no local do crime atribuídos a algum animal grande".

— "Os investigadores levantaram a hipótese, pouco provável, de que um cão feroz, das raças *pitbull* ou *rottweiler*, tenha sido o responsável pela morte. Porém, os moradores da cidade acreditam em algo menos plausível. Vários dizem que existe uma onça-pintada andando solta pelo local. O felino só aparece durante a noite e por isso não foi capturado ainda. Mas apesar dessa hipótese absurda do ataque ter sido provocado por um animal selvagem, o caso se encaixa

muito bem com relatos de alguns moradores locais. Eles afirmam terem visto uma estranha criatura perambulando pelos limites da cidade. Os boatos de que um enorme felino, talvez uma onça-pintada, ande solta pela região começaram a se espalhar a cerca de seis meses. Muitas pessoas juram que viram o animal próximo das margens da lagoa principal e de um condomínio fechado não muito longe de lá, e asseguram tratar-se de uma onça".

— "O Senhor José Batista dos Anjos, também conhecido como Zé Pescador, é uma das pessoas que dizem ter visto o animal antes. O aposentado de sessenta e sete anos, que passa as noites pescando às margens da lagoa principal, alega que, há algumas semanas, viu uma criatura perseguir um bando de capivaras que vivem por ali. Era um bicho grande e muito rápido, disse o Senhor José. Ainda segundo ele, muitas capivaras e patos estão desaparecendo da região e os que restaram parecem assustados. O aposentado foi a primeira pessoa a encontrar o corpo na manhã de domingo, após voltar de mais uma noite de pescaria. Sua casa fica a cerca de trezentos metros do local do ataque e ele tomou uma trilha que sempre usava para cortar caminho. Então foi surpreendido por uma cena horrível".

— "Sua esposa, a Senhora Rita Batista de Moura de cinquenta e nove anos, esteve em casa à noite toda e alega ter ouvido coisas estranhas durante a madrugada. *Primeiro eu escutei o som de um carro derrapando*, disse ela. *Acordei com o barulho, mas não me importei. Muita gente bebe naquela boate e sai dirigindo por aí, sem nenhum cuidado. Mas logo em seguida, escutei um homem gritando e, quando me levantei, olhei pela janela e vi apenas um carro escuro indo embora. Depois disso, ouvi mais gritos bem longe. Sabia que tinha alguma coisa errada, mas não tive coragem de sair para ver. Por isso, esperei meu marido chegar*".

— "Ainda no que diz respeito à possibilidade de haver uma onça vivendo no meio da cidade, consultamos o Professor Fernando Salgado do Departamento de Biologia da UFMG. Fernando é especialista em grandes felinos e durante quinze anos estudou as onças-pintadas da região do Pantanal Mato-grossense. Segundo ele, os relatos das testemunhas em Lagoa Santa condizem com comportamento natural desses animais. A *Panthera onca*, ou simplesmente onça-pintada, é um animal de hábitos noturnos, explica o especialista. Elas vivem cerca de vinte anos e passam a maior parte do tempo sozinhas. Caçam geralmente após o anoitecer e perto do amanhecer, e as capivaras estão entre suas presas preferidas. O homem acha ainda que seja possível, embora pouco provável, que a existência desses roedores às margens da lagoa principal tenha atraído o felino. Ele completa que os ataques a seres humanos são raros e que as chances de um animal selvagem ter chegado e permanecido na cidade por tanto tempo são

bastante remotas. Mas o professor não descarta a possibilidade de que talvez se trate de uma criatura que vivia em cativeiro e que fugiu ou foi solta de algum circo ou fazenda próxima".

— "A polícia segue investigando o caso. E, apesar dos indícios levarem a um ataque de um animal selvagem, não se descartou a chance de a morte ter sido causada por um ser humano. É isso que afirma o Delegado Alfredo Bastos da Sexta Delegacia de Homicídios de Belo Horizonte. Segundo ele, por tratar-se de uma possível vítima de sequestro, os detetives estão analisando todas as opções. *Existem indícios que apontam em outras direções*, disse ele. *Estamos fazendo uma busca na região atrás do cativeiro e dos possíveis sequestradores*. Entretanto, nenhum dos agentes responsáveis pela investigação quis dar mais detalhes sobre quais seriam esses indícios. O fato é que, seja conhecida ou não a causa da morte de Flaviano, a polícia mantém o caso em absoluto sigilo. Porém, tivemos acesso a informações privilegiadas".

— "Alguns moradores locais disseram que a vítima estava descalça e sem documentos, e que havia cortes em seus braços e pernas. Essas marcas não teriam sido provocadas por um animal, já que eram finas e regulares. O professor tinha ainda uma ferida na testa, além do pescoço. Possuía também uma tatuagem nas costas da mão direita o que, segundo averiguamos, não condiz com as descrições iniciais dadas pela família na época do sequestro. E uma vez que já se tem quase certeza sobre a identidade do homem, acredita-se que a marca tenha sido feita após o seu desaparecimento".

— "A vítima trazia ainda uma espécie de lenço todo sujo de sangue"... — Pedro esbugalhou os olhos e seu coração disparou. — O lenço. O lenço que Vanessa me deu. Está com o número do telefone dela!

Aline não disse nada, mas seu rosto denunciava que ele havia chegado ao ponto principal da reportagem.

— Nossa! — Jorge ficou boquiaberto.

— E agora? A polícia vai ligar para ela — Pedro se desesperou. — Vão saber que ela me deu o lenço e que nós estivemos na cena do crime.

— Nós não estivemos na cena do crime — corrigiu o estudante de geologia, visivelmente tenso. — Só passamos lá perto.

— Foi o que eu quis dizer. Mas e agora, o que faremos?

Os três ficaram momentaneamente em silêncio. Jorge se levantou e começou a andar de um lado para o outro, enquanto Aline o acompanhava com o olhar concentrado.

— Bom. O jornal disse que o lenço estava cheio de sangue — ele continuou. — Talvez não seja possível ler os números que a menina escreveu. Do contrário, já teriam vindo atrás de nós, não acham?

— Vai ver eles estão ocupados com outras coisas — Pedro comentou, ainda assustado. — Pode ser só questão de tempo até baterem aqui. E para piorar, o carro de Aline é escuro. Aquela mulher no jornal nos viu indo embora.

— É, mas nada disso prova que tivemos algo a ver com o caso. Não é? — perguntou a garota.

— Não sei — disse Jorge. Gaguejou ao continuar. — Talvez... Talvez devêssemos procurar a polícia e contar o que aconteceu.

— *Não!* — gritou Aline.

— Pode ser a melhor coisa a fazer.

— É claro que não. Você acha que alguém vai acreditar na gente? Que nós vimos uma onça e que ela preferiu correr atrás daquele homem a nos atacar?

Pedro sinalizou para que ela abaixasse a voz.

— Não seríamos os primeiros a terem visto o animal — disse Jorge.

— Não podemos confessar que estivemos em Lagoa Santa — dessa vez ela sussurrou. — Lembra do nosso acordo?

— Isso é muito sério, Aline. Vai além da nossa reputação com Paulista. Uma pessoa morreu.

— Não ligo para a nossa reputação. Estou preocupada com os possuídos. A última coisa que queremos é que nossos nomes apareçam em algum desses jornais sensacionalistas. Ainda mais envolvidos em um caso tão estranho como esse.

Súbito, os dois se calaram. Pedro também permaneceu quieto e continuou lendo a reportagem em silêncio. Não havia mais nenhuma informação relevante, a não ser o fato de que encontraram marcas da derrapagem de um carro na estrada, próximo ao local do crime. E após terminar de ler, ficou observando a foto que estampava a página principal do jornal. Obviamente não era o mesmo animal que eles viram em Lagoa Santa. Esse agora parecia menor e caminhava entre as árvores de uma mata densa, junto à beira de um rio. Mas, diante daquela imagem, era inevitável não se lembrar da morte de seu pai biológico e da história contada por Chico.

— Pessoal... — disse, meio relutante. Jorge e Aline voltaram as atenções para ele. — Tem uma coisa que ainda não contei a vocês. É sobre o meu pai verdadeiro. Talvez fiquem surpresos ao saber que... que ele também morreu atacado por uma onça.

Pedro não soube dizer qual de seus amigos ficou mais atônito.

— O quê? — Jorge franziu a testa.

Então, sem entrar em detalhes, o jovem repetiu a história que Chico havia lhe contado meses atrás. Ambos ouviram com atenção, e não disseram nada, mesmo após a conclusão da narrativa. Aline, porém, não se conteve por muito tempo.

— Não acham que tudo isso é muita coincidência?

— É! — Jorge respondeu, pensativo. — Demais...

— O que vocês querem dizer?

— Bom... Sabemos agora de duas pessoas assassinadas por onças — continuou o estudante de Geologia. — E aquele especialista disse no jornal que os ataques desses animais a seres humanos são muito raros. Parece mesmo muita coincidência. Devia ter nos contado isso antes, Pedro.

— Desculpem. Não achei importante. Pelo menos até agora.

— Está bem, mas o que tudo isso quer dizer? — Aline quis saber. — Será que foi a mesma onça que atacou aquele homem e o seu pai?

— Pode ser, mas acho difícil — disse Jorge. — O especialista falou que as onças vivem por volta de vinte anos e se passaram o quê? Dezesete entre esses dois ataques? A não ser que esse não seja um animal comum.

— Oh não. Lá vem você de novo com a história do homem-onça.

— Para mim é uma teoria bastante crível. Embora admita que seja mais provável que alguém esteja domando as onças do que se transformando nelas. Mas ainda sim, isso pode ser obra de um possuído.

— E o que vamos fazer agora? — Pedro sentiu o raspar na garganta quando engoliu em seco. — Quer dizer, e se a polícia vier atrás de mim? O que eu digo?

— Continuo achando que devemos procurá-los e contar tudo o que vimos.

— Bom, já que é para arruinar nossas vidas, então por que não contamos ao Glauber de uma vez? — Aline usou seu característico tom de sarcasmo. — Ou quem sabe a Aratama! Pedro pode nos levar até lá, não pode?

— Você quer, por favor, levar isso a sério! — gritou o estudante.

— Acalmem-se vocês dois — o jovem interveio. — Não é hora de brigarmos. Precisamos pensar no que fazer.

— Já disse o que acho que temos de fazer. Vocês não me ouviram da outra vez e vejam o que aconteceu. Talvez devessem me ouvir agora.

Aline não se manifestou, mas seu rosto ainda demonstrava insatisfação. Pedro pensou um pouco antes de quebrar o silêncio. — Concordo que devemos contar a alguém o que vimos. Mas não à polícia. Cometemos um erro ao sair da cidade, mas não tivemos culpa na morte desse homem. Acho que o melhor seria falar com Paulista. Talvez ele possa nos ajudar, caso precisemos.

— Ele vai ficar furioso com a gente — Aline lamentou. Depois se virou para Pedro. — Por que você não conta ao Roger? Ele parece ser mais tranquilo. Quem sabe nos ajude sem falar para os outros.

— Eu contaria se pudesse vê-lo.

— Como assim?

Ele narrou brevemente à garota seu encontro com Paulista mais cedo.

— Por que não esperamos um pouco então? — continuou ela. — Talvez nunca descubram que estivemos lá. E se por acaso descobrirem, podemos negar que vimos qualquer coisa. Você poderia ter jogado o lenço pela janela do carro e o homem pegou quando passou.

Nada no mundo tinha o poder de fazer Pedro se convencer de algo tão facilmente quanto o olhar profundo e intenso de Aline. Aquele grande par de esmeraldas cintilantes era imponente, firme e belo. Toda vez que se entregava a ele, era como se uma onda de calor tranquilizante percorresse todo o seu corpo, enchendo-o de paz.

— Está bem — disse ele. — Vamos esperar um pouco. Pelo menos até o Roger voltar. Certo?

Ambos olharam para Jorge, concentrado em terminar a leitura da notícia. — Ok! — ele falou finalmente. — Mas é bom ficarmos bem atentos. Tenho o pressentimento de que esse caso ainda não acabou. Posso ficar com o jornal?

Aline consentiu balançando a cabeça. O estudante de geologia então caminhou para o seu quarto e não voltou mais. Ela e o jovem ficaram sozinhos na sala, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

— Eu sinto muito, Pedro.

— Por quê?

— Pelo seu pai.

— Ah... Está tudo bem. Obrigado — disse ele, um pouco sem jeito. Não sabia o que falar nessas horas. Nunca antes alguém havia manifestado condolências pela morte de seu pai biológico.

— Imagino que isso seja difícil para você. O Jorge não entende. Ele sempre teve família. Mas eu sei exatamente o que sente. Sei como é não ter pai e nem mãe.

Naquele instante, Pedro sentiu vontade de perguntar à Aline sobre os parentes dela. Tantas vezes quis conhecer essa parte da história da garota que jamais perderia qualquer oportunidade de questioná-la. Mas agora lhe faltou coragem. Ela se esquivaria, como fez em outras ocasiões, mas no momento ele não queria deixá-la desconfortável. Os dois apenas se abraçaram e ele quase pôde ter certeza de que uma lágrima escorreu através da pele negra da moça. E assim, ela se foi sem dizer mais nada.

A Pedro, restou somente se preparar para a aula. Enquanto remoia os pensamentos, começou a ficar apreensivo de novo. Respirou fundo para não se desesperar, mas sabia que seria só questão de tempo até algo ruim acontecer. *Droga, agora estamos ferrados.*

Como de costume, ele chegou da escola por volta de onze da noite e, após um banho, foi direto para a cama. Porém o sono não veio. Vieram apenas as preocupações que lhe corroíam o peito. *Como pude ser tão burro? Como pude deixar para trás o lenço com telefone daquela menina? Como pude envolvê-la nisso?* Com certeza, se Vanessa tivesse de dar explicações à polícia, suas chances com ela iriam a zero. Mas se esse fosse o maior dos problemas... Pedro nunca sentiu tanto a dor do arrependimento quanto agora. Mayra foi tão clara com ele. "Não deixe a cidade", ela disse. *Por que fui desobedecer?* Girava de um lado para o outro na cama. Seus olhos ardiam e pesavam por causa do sono, mas sua mente estava a mil por hora.

Já eram por volta de três horas da manhã quando algo muito estranho aconteceu. De repente, ouviu sons de batidas no quarto. Parou e escutou com atenção. Pareciam vir da cômoda. Levantou-se e acendeu as luzes. Cautelosamente abriu uma das gavetas. No interior havia uma caixa de papelão, cuja tampa balançava com leveza. Retirou-a, esperando encontrar um rato ou uma barata se debatendo dentro da caixeta. Mas para a sua imensa surpresa, o objeto guardado ali começou a flutuar pelo ar. Era a *faca de pedra* que Aratama havia lhe dado. Ela pairava graciosamente como uma bolha de sabão.

Assombrado, Pedro a segurou. Vibrava de maneira tênue, mas constante. Então, escutou dois toques na porta do cômodo, tão fracos que mal o acordariam se estivesse dormindo.

— Jorge? — ele chamou.

Não houve resposta alguma. Não havia nenhuma luz por baixo da passagem. Mas as batidas continuaram, fracas e espaçadas.

— É você, Jorge?

Nada. Uma chama fria percorreu seu peito. Então abriu a porta devagar e foi aí que tomou outro susto. Uma pedra entrou voando lentamente para dentro do quarto. Era um cristal de quartzo, belo, liso e transparente, o preferido do estudante de geologia. O objeto girava livre no ar, como uma pena pairando sem destino, ao sabor do vento. Mas mais surpreendente foi quando olhou o corredor e viu quase uma dezena de rochas de todos os tipos flutuando pelo ar.

Uma conversa suspeita

Pedro caminhou através do corredor, pé ante pé, a faca de seu pai em punho, tentando se desviar das inúmeras pedras que pairavam pelo ar. O coração batia acelerado no peito. Ao passar em frente à cozinha, viu que algumas rochas e cristais também já tinham se espalhado por ali. Muitas flutuavam bem alto, rentes ao teto. Parou diante da porta parcialmente aberta do quarto de seu amigo. Estava tudo escuro lá dentro e era possível ouvir alguns sussurros e gemidos.

— Jorge? — chamou em voz baixa.

O companheiro não respondeu. Então adentrou o cômodo, provocando um leve ruído com as dobradiças da porta. Sobre a meia-luz de seu próprio quarto, propagada através do corredor, viu o vulto do estudante em cima da cama, coberto por um lençol branco. Ele se contorcia de um lado para o outro, proferindo sons estranhos.

Quando acendeu a luz, viu que Jorge ainda dormia. Suas feições estavam contraídas e havia suor em todo o seu rosto. Resmungava coisas ininteligíveis que algumas vezes soavam como "não, não"! *Está tendo pesadelos*, Pedro compreendeu. Acima de sua cama, três pedras pequenas giravam em alta velocidade formando um círculo perfeito ao redor do ventilador de teto parado. Já no chão do quarto, a velha caixa de madeira onde guardava sua estimada coleção de rochas estava vazia.

Incerto do que devia fazer, Pedro colocou a faca no bolso, aproximou-se da cama e se curvou sobre o companheiro, segurando-lhe os ombros com as duas mãos. Tentava mantê-lo quieto, mas o estudante continuava se debatendo.

— *Jorge!* — chamou, agora com um pouco mais de energia. E só após outras três tentativas, nas quais precisou aumentar o tom da voz, foi que seu amigo despertou.

Tão logo ele abriu os olhos, soltou um grito de terror e todas as pedras caíram instantaneamente. Por todo o apartamento ouviram-se barulhos de objetos se quebrando, como o piso da cozinha, pratos sobre a pia e parte da estante da sala. Já as rochas que circundavam o alto da cama saíram voando em disparada, como se tivessem perdido a força que sustentava seu movimento circular. Uma delas colidiu contra o vidro da janela, provocando uma rachadura que o dividiu em dois pedaços. Outra ricocheteou na porta do armário e bateu com violência na nuca de Pedro, causando dor instantânea.

— O que houve? — Jorge tinha cara de assustado.

— Ai... Eu que pergunto — o jovem massageava o lugar onde levou a pedrada. — Acho que você teve um pesadelo.

O olhar do estudante de geologia era confuso. Aos poucos, porém, pareceu voltar à realidade de seu quarto, de seu apartamento.

— Puxa. Foi mesmo — ele pressionou os olhos com os dedos. Suas mãos tremiam. — Estava tendo um sonho. Um sonho muito estranho...

— Você está bem?

— Estou... O que aconteceu com a janela?

— Uma pedra bateu no vidro.

— Uma pedra?

Pedro retirou a mão da nuca e logo viu a pequena quantidade de sangue em seus dedos.

— O que aconteceu com você? — quis saber o estudante.

— Levei uma pedrada também. Suas rochas estavam todas flutuando pela casa.

— O quê? — Jorge se levantou da cama, colocando os óculos que descansavam sobre o criado mudo. Ficou muito surpreso ao visualizar a caixa de madeira vazia. Ele logo percebeu que por todo o quarto, e ao longo do corredor, havia dezenas de pedras espalhadas. — Eu fiz isso?

— Acho que sim...

O estudante parecia não ter palavras. Boquiaberto e agitado, começou a caminhar pelo apartamento. Já Pedro foi direto ao banheiro para lavar o ferimento e tentar estancar o sangue com um pedaço de papel. Uma rocha grande e negra repousava dentro do vaso sanitário, que por sorte não se quebrou. Jorge logo apareceu, ainda incrédulo com tudo o que viu.

— Não entendo o que aconteceu — disse ele. — Nunca tinha levantado nada antes. Não sei como foi que fiz isso.

— Consegue fazer de novo agora?

O estudante não respondeu, mas voltou-se para o corredor, estendendo as duas mãos em direção a uma das pedras próximas. Mas por mais esforço mental e físico que fizesse, ela não se mexeu. Nem mesmo vibrou, conforme Pedro tinha visto da primeira vez. Surpresa maior pareceu tomar conta de Jorge depois que ele tentou mover outras rochas à frente, sem sucesso.

— Não consigo! O que houve comigo? — a decepção estava estampada em seu rosto.

— Não sei — o jovem retirou o papel. O sangue ainda minava. — Você disse que teve um pesadelo. Lembra de alguma coisa?

— Sei lá... — ele continuava meio atordoado — Lembro-me de andar em um lugar esquisito. Parecia uma floresta, porque havia árvores por todos os lados. E

luzes atrás dos galhos. Eram brilhos fracos e multicoloridos. Mas tinha um caminho, uma trilha muito bem definida guiando meus passos. Não sei quanto tempo durou o sonho. Só sei que caminhei bastante até chegar a uma pequena clareira, onde encontrei um homem — Jorge ficou em silêncio, pensativo.

— Quem? Alguém conhecido?

— Não tenho certeza, mas acho que não. Era uma figura sinistra, magra. Parecia um velho. E estava quase nu, apenas com um pano enrolado na cintura. Não dava para ver o rosto. Era como se houvesse uma sombra sobre a face.

— Mas e aí, o que aconteceu? — Pedro perguntou, ansioso.

— Ele começou a falar comigo em uma língua estranha. Então me senti esquisito, como se um calor percorresse o meu corpo. Aí comecei a ficar mais pesado e as forças das minhas pernas sumiram. Ele se aproximou de mim e eu sabia que precisava me afastar. Mas não conseguia. Não podia sair do lugar. Caí ajoelhado no chão. Então... acordei. *Foi horrível.*

— Bom. Pelo menos, já passou. Você deve estar estressado por causa da faculdade.

Jorge não respondeu. Apenas tirou os óculos e tapou os olhos com a mão. — Foi só um sonho, nada de mais. Como está sua cabeça? — ele perguntou a Pedro.

— Acho que parou de sangrar.

— Desculpe pela pedrada. Eu não quis...

— Não se preocupe. Estou bem. Mas da próxima vez, vou ficar dentro do meu quarto — o jovem sorriu.

Juntos os dois recolheram todas as pedras espalhadas pela casa e limparam a bagunça causada por elas. Três pratos e um copo haviam se quebrado sobre a pia. Na sala, a hematita decepou um dos cantos da estante de madeira. Mais preocupante, porém, foi o piso que ficou rachado em diversos lugares. Como inquilinos, eles teriam de arcar com o prejuízo antes de devolverem o apartamento ao dono. No fim, Pedro estava tão cansado que agora conseguiria dormir. Voltou então para o quarto e sentou-se na cama, mas seu companheiro o seguiu e parou no meio da porta.

— Pedro, tenho que te contar uma coisa.

— O que foi?

Jorge vacilou. — Não é muito fácil para mim. Mas preciso desabafar com alguém.

O jovem ficou curioso. O assunto parecia sério. — Pode confiar em mim.

— Eu sei que posso. E sei que não vai falar disso para ninguém. Principalmente para a Aline.

— Claro...

— Bom... — o estudante respirou fundo e abaixou os olhos. — Pedro... Eu tenho um pequeno problema. Hã... é uma doença...

— Doença? — o jovem se alarmou.

— É... Um distúrbio. Não é nada sério — ele riu de maneira branda. — Mas às vezes, fico um pouco ansioso. Sabe, agitado... Mas é algo perfeitamente normal.

— Mas que doença é essa?

— Bem... Tem um nome estranho. *Transtorno de personalidade esquizotípica*. Mas não se preocupe. Não é nada de mais — Jorge vacilou novamente. — Só estou te contando isso porque... porque preciso que alguém me lembre de tomar meus remédios todos os dias.

— Você se esquece?

— Não é que eu me esqueça... Mas é que os medicamentos são bastante fortes e me dão muito sono. Nesses dias em que virei noites para terminar os trabalhos da faculdade, acabei deixando de tomá-los. E ainda com essa história da onça, acho que fiquei meio transtornado.

— É... Aline e eu notamos que você estava um pouco ansioso — ele se lembrou do fato, que agora parecia fazer sentido.

— Os remédios são justamente para controlar a ansiedade. Eu não posso deixar de tomar. Nós nos vemos todos os dias. Preciso que me cobre isso.

— Está bem. E não se preocupe. Será o nosso segredo!

— Obrigado, Pedro. Você é um bom amigo — Jorge então voltou para o quarto, mas ficou com as luzes acesas durante um longo tempo.

Pedro também se manteve acordado, refletindo nas palavras do companheiro. Passavam das quatro da madrugada quando guardou novamente a faca de pedra e se enfiou sobre os lençóis.

* * *

Duas semanas se foram após aquela estranha segunda-feira. Jorge saiu cedo para as aulas, como de costume. A faculdade ainda andava lhe exigindo muito, pois agora ele passava mais tempo fora e, quando chegava, ficava até tarde estudando. Não tocou no assunto das pedras voadoras de novo, mas todas as manhãs Pedro lhe perguntava pelos remédios. Ninguém, nem mesmo Aline, soube do ocorrido por um longo período. Mas o jovem tinha consciência de que seu companheiro andava dormindo mal e que uma noite dessas parecia estar tendo pesadelos outra vez. Por precaução, Jorge colocou uma tábua de madeira sobre a caixa de rochas e empilhou uma dúzia de livros em cima.

Agora, Pedro também estava ansioso por causa da escola. Ele acordou de

manhazinha, pegou o livro e começou a se preparar para uma prova de Geografia que teria logo mais à noite. Precisava de uma nota melhor do que a que tinha alcançado na avaliação anterior para não passar muito aperto no final do ano, e assim, se pôs a estudar regularmente durante a última semana. *Essa matéria não me entra na cabeça*, ele reclamava em voz alta, mas isso também não ajudava em nada.

Há certa hora, a campainha tocou.

— Oi, Pedro — Aline entrou no apartamento. — Como vai?

— Bem. E você?

— Desculpe ter vindo tão cedo, mas queria muito conversar com você. O Jorge está aí?

— Não. O que foi? Aconteceu alguma coisa? — ele questionou, assustado.

— Não... Tudo bem. Mas é que eu...

Ele ficou em silêncio observando Aline, que parecia um pouco sem jeito. A seriedade, sem dúvida, não era companheira habitual da moça.

— Pedro... Não sei se devia ter feito isso, mas... andei investigando sobre a morte do seu pai biológico e descobri algumas coisas.

— Que coisas? — ele arregalou os olhos, surpreso.

— Bem, você sabe que a Kátia, a minha amiga, é estudante de jornalismo. Ela trabalha na editoração de uma pequena agência publicitária no centro e tem acesso a muitas fontes de informação. Então, sem explicar o motivo, pedi a ela que investigasse o caso da morte do seu pai. Hoje de manhã, ela me entregou isso — Aline passou-lhe três folhas de papel dobradas ao meio.

Ele abriu e viu que uma delas continha um pequeno texto impresso em caracteres negros, enquanto outra trazia uma imagem que parecia parte da página de um jornal. A terceira apresentava uma lista com nomes completos de pessoas, datas em dia, mês e ano, e cidades, tudo distribuído em duas colunas.

— Essa é a resposta de um *email* que ela mandou para alguém lá de Barro Alto em Goiás — disse a garota, apontando a folha com o texto. — *Leia!*

Pedro então começou a ler em silêncio a curta carta.

"Querida Kátia, desculpe a demora em responder, mas é que ultimamente tenho estado muito atarefado. Acabei de assumir esse novo cargo, e não havia ninguém antes de mim. De qualquer forma, é um prazer ajudar".

"Devo confessar que o seu caso me deixou bastante curioso. Como recém-chegado à cidade, conheço pouco as histórias do povo e do lugar. Por isso, encontrei dificuldades. Lugares pequenos são assim mesmo. Mas enfim, vamos ao que interessa. A primeira coisa que fiz foi procurar nos registros oficiais do município algum documento ou relato oficial sobre enterros de indigentes na época que você indicou. Infelizmente, há dezessete anos, a prefeitura não fazia

esse tipo de cadastramento como é feito hoje. Assim, apelei para o único cartório da cidade para ver se existiam papeis do caso. Novamente não tive sorte. Um incêndio acometeu o lugar cerca de cinco anos atrás. Muitos arquivos oficiais se perderam, pois nem todos tinham sido digitalizados ainda".

"Desanimado, confessei meus insucessos à minha noiva, cujos parentes eram da cidade. E foi então que a sorte me sorriu. Ninguém entre os mais velhos se lembrava do caso, mas minha futura sogra conhecia um sujeito com o estranho hábito de colecionar jornais antigos da região. O homem já tinha morrido há algum tempo, mas o filho dele guardou a maior parte da imensa pilha de papéis que o pai juntou por quase trinta anos. E depois de algumas horas procurando folhas com a data próxima da que você sugeriu, *bingo!* Encontrei uma pequena notícia sobre o ocorrido. Mando a versão digitalizada do jornal em anexo".

"Em resumo, a manchete dizia que encontraram um homem, alto e claro, morto em uma estrada a poucos quilômetros daqui. Havia indícios de que ele tinha sido atacado por uma onça. Na época, alguns animais rondavam as fazendas próximas da região em busca de alimento fácil. O estranho não portava documentos e carregava uma arma. Talvez estivesse caçando o animal e acabou morto por ele. Quando foi encontrado, parecia já ter sido medicado, o que indicava que ele provavelmente não estava sozinho na hora do ataque. Mas a polícia não conseguiu desvendar o caso e trataram o homem como indigente. Lamento, mas isso foi tudo o que pude descobrir. Sem mais informações, fica difícil saber onde enterraram o corpo, mas é possível que tenha sido aqui mesmo na cidade".

"Apenas por curiosidade, tive acesso a uma lista oficial do governo, elaborada pelo IBAMA, com nomes de pessoas atacadas e mortas por onças nos últimos sessenta anos. Tem menos de cinquenta registros, o que mostra como são raras essas ocorrências. O inventário está ordenado pelas datas das mortes, que aparecem logo ao lado de cada entrada. A lista é de dois anos atrás, por isso já está desatualizada. Certamente existem mais casos não documentados, iguais ao que tivemos aqui. Soube de um ataque recente que ocorreu aí em Minas Gerais. Não lembro o nome do lugar".

"De qualquer forma, espero ter ajudado na sua pesquisa e, se por acaso, vier um dia aqui para as bandas do Vale do São Patrício, venha conhecer a nossa pequena cidade. Um abraço! Leandro Capelletti, Arquivista da Prefeitura de Barro Alto".

Depois de concluir a leitura, Pedro contemplou a impressão do recorte de jornal e a lista. Não havia fotos e nem o nome de seu pai em nenhum lugar. Para os registros do governo, pelo menos os oficiais, Carlos Abreu não era mais uma vítima de ataques de onça. Morreria e fora enterrado como desconhecido. Um

mero indigente.

— Parece que a história do seu pai adotivo é verdadeira — disse Aline.

— É. Tudo se encaixa. Chico contou que meu pai estava armado. Ele o ajudou, enrolando uma atadura no pescoço onde havia a mordida — a terrível imagem do sujeito sequestrado em Lagoa Santa, todo ensanguentado, aflorou de sua imaginação. — Flaviano também recebeu um ataque na garganta. Será que todas as onças atacam desse jeito?

— Sei o que está pensando, Pedro, mas não acredito que exista alguma relação entre os dois casos.

— Mas e essa lista? — ele estendeu um dos papéis que tinha nas mãos. — Viu como são raros os ataques de onça a seres humanos. Menos de uma morte por ano. *É muita coincidência!*

— Talvez seja apenas isso mesmo.

O jovem se calou. Seus olhos viajaram através da grande janela da sala, até as casas e prédios ao longe. Voltou a si depois que sentiu o toque quente e delicado da garota em suas mãos.

— Lamento muito pelo que aconteceu ao seu pai — ela disse. — Não queria te aborrecer. Só achei que você devia saber.

— Tudo bem. Agradeço o que fez... — ele então olhou fundo nos olhos da amiga e tomou um grande fôlego. — Não aguento mais essa angústia, Aline. Não quero esperar para descobrir se a polícia virá ou não atrás de mim. Preciso fazer alguma coisa. Vou conversar com o Roger. Contar a ele o que aconteceu naquela noite.

— Já falamos sobre isso, Pedro. Vamos aguardar um pouco mais. Está tudo bem até agora.

— Não, não está. Minha consciência fica mais pesada a cada dia. Não tenho dormido bem. Preciso falar com meu treinador. Ver como ele está. Ele é meu amigo, vai saber nos ajudar...

— Mas você nem sabe onde encontrá-lo.

Esse era o problema que o tinha impedido até o momento. — É verdade... Mas e você, não sabe? Paulista nunca te falou nada sobre isso?

— Bom... Ele disse uma vez que Roger morava em uma vila ou favela. Mas eu não sei qual. E não te diria se soubesse.

— Uma vila? — Pedro perguntou, mais a si mesmo do que a Aline.

Ele então se levantou e foi até o armário de seu quarto, de onde retirou o envelope pardo e amassado que o médico lhe dera duas semanas atrás. Releu em voz alta, "Destinatário: Glauber Paulista, Vila Barragem Santa Lúcia, Rua Treze, número cento e oito, Belo Horizonte, MG".

— Esse não é o endereço do Glauber — disse a garota. — Onde arrumou

isso?

— Foi ele mesmo quem me deu. Esse envelope continha um documento de dispensa militar no meu nome. Não achei estranho no início, mas agora que você falou, me lembrei. Parece óbvio que Paulista mandou entregar esta carta na casa de outra pessoa. *Roger!*

— Não me diga que está pensando em ir até lá? — ela inquiriu, mas ele não se manifestou. Indignada, continuou. — Você deve estar maluco. Sabe o quanto esse lugar é perigoso?

— Cresci em um lugar perigoso também.

— É diferente, Pedro. Essa é uma das favelas mais violentas de Belo Horizonte. Já ouviu falar do Morro do Papagaio. É lá. Por favor, não vá.

Ele já tinha lido uma ou outra notícia sobre o local, mas nada suficiente para lhe tirar o pensamento fixo. A violência o cercara boa parte de sua infância e adolescência em Taguatinga, e não o faria recuar agora. — Você sabe onde fica?

— Não! E não conte comigo — Aline gritou. Ela então se levantou e caminhou em direção à porta, deixando o jovem sozinho em casa.

* * *

Naquela mesma tarde, Pedro desceu do ônibus em frente ao *Morro do Papagaio*. Encontrava-se agora na ruela asfaltada e estreita que circundava um galpão metálico velho e abandonado. Era um ponto alto da pequena elevação, de onde se podia ver todo o bairro pobre em direção ao norte, mas ele ainda não havia atingido o topo do aglomerado. Bem ao longe ficavam os prédios da grande região central, contornados acima por nuvens escuras e ao fundo pelos perfis suaves das montanhas azuladas. Porém, o dia era claro e calmo.

Atrás do galpão erguia-se uma rua bastante inclinada e mais estreita. Ela dava para um conjunto de pequenas casas, dispostas de maneira aleatória em vários níveis de altitude do serro, como uma grande escadaria construída de forma irregular. Essa era a favela da Barragem Santa Lúcia, e uma daquelas centenas de casebres era a morada de seu treinador. Enchendo-se com um pouco mais de coragem, Pedro contornou o galpão abandonado e começou a subir a rua para o alto do morro.

À primeira vista, o local não parecia tão ruim. *Aqui não é pior do que o meu bairro lá em Taguatinga*, ele pensou. A qualidade das casas era bem semelhante a que estava habituado, exceto pelo fato de estarem em ruas muito inclinadas. Nos arredores de Brasília não existiam elevações tão íngremes e isso, sem dúvida, trazia uma impressão estranha e um pouco ameaçadora agora. Havia bares e comércio variados por todos os lados, mas esses se tornavam raros em

função da subida. E havia gente. Muita gente. Pessoas subindo e descendo. Homens e mulheres uniformizados iam de um lado para outro, taxistas paravam os carros sobre as calçadas, senhoras empurravam carrinhos de feira e mendigos obstruíam a passagem.

Concentrado em sua missão, Pedro aproximou-se de uma banca e perguntou ao jornaleiro onde ficava a Rua Treze. O homem não pareceu muito certo, mas sugeriu que continuasse subindo até a praça de esportes, cinco quadras acima. Ele assim o fez e, à medida que ia ascendendo, teve a impressão de que as ruas se estreitavam, como que tentando bloquear a entrada de invasores. Quase não havia passeios e os quebra-molas se tornavam cada vez mais desnecessários, pois parecia impossível dirigir por entre aquelas vias de curvas acentuadas a altas velocidades. Neste ponto, as casas eram pequenas e mal acabadas. Muitas exibiam a porta principal encostada na rua. Algumas pareciam ainda em construção, pois tinham buracos de janela vazios ou telhas de amianto desaparecidas. Mas roupas penduradas em varais precários logo indicavam a presença de moradores em todo o lugar. O chão era limpo em sua maioria, mas as paredes estavam sujas, pichadas com palavrões, códigos indecifráveis e figuras bizarras.

Caminhando mais, Pedro subitamente saiu do claustrofóbico emaranhado de casas para um espaço maior e aberto, de onde voltava a vislumbrar o perfil distante da metrópole, agora bem abaixo. Logo viu a área de esportes. Era apenas uma pracinha na verdade, menor do que a de seu bairro, com bancos pichados, um deles quebrado, e algumas árvores pequenas. Havia ainda duas paredes altas e paralelas, unidas por uma rampa de formato semicircular, onde adolescentes faziam manobras com *skates* e bicicletas. Uma mulher negra e idosa estava acomodada em um dos assentos, e ficou encarando-o na medida em que ele se aproximava.

— Bom dia. Por acaso, a senhora sabe dizer onde fica a Rua Treze?

A velha olhou com cara desconfiada e, quando respondeu, usou um tom seco e pouco cordial. — Sei nada não.

— Não conhece um homem chamado Roger? — Pedro perguntou meio sem graça.

— Não.

— Ele é bem alto — insistiu. — Deve ter uns dois metros de altura. Cabelo comprido. Bastante forte. Não o conhece?

— Por que quer saber, filho? — o tom dela era mais agressivo agora.

Um calafrio correu sua espinha. — Ele é meu amigo...

— Aqui tem ninguém desse jeito não. Melhor você ir embora, rapazinho. Não gostamos muito de gente fazendo perguntas aqui não.

Intimidado pelo olhar sinistro, Pedro se afastou. Sem dúvida, aquela senhora de aparência inofensiva conseguiu provocar-lhe um bocado de receio. Os olhos desconfiados dela não se descolaram dele enquanto não lhe deu as costas. *Sou um estranho aqui*, ele teve de se lembrar. *Não posso culpar a velha por ser hostil com estranhos em um lugar como este*. Mas não estava disposto a desistir. Não ainda. Talvez os jovens de *skate* fossem mais receptivos.

Pedro se aproximou da plataforma, mas para alcançá-la precisou contornar parte da praça. Foi então que outro grupo chamou sua atenção. Atrás da rampa ficava uma quadra de futebol muito pequena, e nela havia cinco crianças batendo palmas e executando movimentos leves e rápidos com as pernas. Ele logo percebeu que aquilo não era outra coisa senão *capoeira*. Chegando perto, viu que todos eram meninos e que o mais velho provavelmente não passava de oito ou nove anos de idade. Esse e um menor lutavam entre si, enquanto os outros compunham uma roda improvisada ao redor.

— Estão jogando capoeira? — Pedro puxou assunto.

— É — respondeu um deles. Era um garoto magro, de pele escura e pelo crespo.

— Por acaso, vocês conhecem um mestre chamado Roger?

— Ô Zé! — o menino gritou para o mais velho da turma, que parou de jogar.

— Você conhece algum Roger?

O outro, um moleque claro e de cabelos amarelos e encardidos, olhou para Pedro e depois para o amigo.

— Não, Zé — respondeu.

— Ele é professor de capoeira. Nenhum de vocês o conhece?

— Está falando do *Mestre Pé-grande*? — perguntou o mais velho.

— É, Zé — gritou outro garoto, um moreno pequeno e bem esperto. — Esse é o nome verdadeiro dele. *É Roger*.

— Não é não.

— É sim. Não lembra que ele falou para a gente?

— Ele é grande — Pedro completou. — Bem alto e forte. Tem cabelos compridos.

— Está vendo, Zé. É ele mesmo — confirmou o moreninho.

— Sabem onde ele mora?

As cinco crianças apontaram simultaneamente para a parte mais alta do morro, mas nenhum deles deu qualquer referência específica sobre qual seria a casa.

— Será que algum de vocês poderia me levar até lá?

— Leva ele lá, Zé — ordenou o mais velho ao moreninho esperto.

O garoto mal respondeu e já saiu correndo rua acima, dizendo que voltava logo. Pedro tentou segui-lo o mais rápido que pôde, mas ficou bem para trás. De

volta aos becos apertados e mal iluminados da favela, ele agora começava a ficar confuso. As casas ao redor obstruíam completamente a visão do horizonte, privando qualquer observador de pontos de referência externos. A noção da direção logo se perdia em meio ao emaranhado conjunto de moradias. O jeito era memorizar os detalhes das ruas, todas muito parecidas em sua decadência. Destacavam-se de vez em quando postes de luz com fios expostos e grandes latões de lixo atravessados a bloquearem a passagem dos carros, se é que algum conseguia chegar até ali.

Por duas vezes, Pedro não soube por qual das ruas de pequenas encruzilhadas deveria seguir, até avistar ao longe o menino moreno acenando para ele. Depois de poucos minutos acompanhando o morador local, chegou onde queria. O nome da rua não era visível em lugar algum, mas o número de uma das casas da esquina sim: 108.

— Essa é a casa dele — disse o garoto.

A moradia de Roger era bem como as outras do alto da favela. Paredes de tijolos à mostra, sem reboco nem pintura, janelas com papelão tapando vidros quebrados e portão de metal colado à rua, ornado apenas por uma maçaneta enferrujada e por uma pequena escada de cimento.

— Obrigado.

— Deixa ver se ele está — sussurrou o moreninho, que num impulso típico da infância, correu até a esquina. Subiu, apoiando-se na parede do lado esquerdo da moradia, e olhou através do buraco no papelão que cobria o vidro quebrado da janela fechada. Depois retornou correndo. — Ele está em casa sim. E tem mais alguém com ele lá.

— Quem?

— Não sei. Não conheço. Agora tenho que ir embora. *Tchau!* — de novo o moleque saiu em disparada, dessa vez morro abaixo.

A primeira coisa que Pedro pensou foi caminhar até a porta da frente e bater. Mas como não sabia quem mais estava lá, achou arriscado fazê-lo. E já que havia chegado até ali, e não queria voltar, resolveu espiar pela janela. Seguiu os passos do menino até a parede lateral esquerda. De repente, ouviu um gemido. Era a voz de Roger, sem dúvida.

Quando olhou através do buraco do papelão rasgado, viu seu treinador deitado de lado e sem camisa sobre a cama. Parte de suas enormes pernas estava dependurada, pois o leito era pequeno demais para seu tamanho. O membro direito fora enfaixado da metade da coxa até o tornozelo. O largo tórax também se encontrava enrolado em ataduras, na altura das costelas. O rosto e os braços tinham marcas de ferimento, a maioria já em processo de cicatrização.

Pedro não ficou surpreso ao ver quem era a outra pessoa na casa. Encurvado

sobre Roger estava o Doutor Paulista, vestido discretamente com calças jeans e camisa preta. Com as duas mãos, fazia pressão no lado direito da caixa torácica do grandalhão, cujo rosto se contorcia em dores.

— Está sentindo isso? — indagou o médico, com um tom áspero e recriminador. Roger nem precisou responder, pois sua expressão denunciava a forte dor que brotava do lugar tocado. — Você está com duas costelas quebradas. Já devia ter parado de doer se fossem apenas luxações.

— Não é nada — resmungou o mestre de Pedro, se esforçando para não demonstrar fragilidade frente à dor.

— Não devia ter deixado você sair do hospital. Devia ter te obrigado a fazer pelo menos uma radiografia.

— Não se preocupe, Doutor. Já falei que estou bem.

— Por que é tão cabeça dura, Roger? Isso é sério. Muito sério. Qualquer movimento brusco e as costelas quebradas podem perfurar o seu pulmão. Posso curar muitas feridas e doenças, mas isso não. Por favor, me deixe levá-lo de novo ao hospital. Esse lugar não é bom para alguém no seu estado.

— Não... Só preciso descansar um pouco mais.

Paulista então se ergueu e cruzou os braços, enquanto o enorme possuído se acomodava de barriga para cima na cama com dificuldade. A casa de Roger era muito pequena. O cômodo onde estavam lembrava um quarto, mas apesar disso tinha ainda uma cadeira, uma geladeira e um fogão, todos velhos. O berimbau pousava dependurado por pregos na parede, em meio a duas portas lado a lado, uma que parecia dar no banheiro e outra que levava até a sala, onde provavelmente ficava o portão de entrada.

— Pelo menos fique uns dias na minha casa então — disse o médico. — Assim, terei mais tempo para cuidar de você.

— Aqui está ótimo — Roger estava irredutível. — Não estou sozinho. Os vizinhos sempre me ajudam. O povo daqui é bem generoso, apesar do que muitos pensam. Mas não foi para isso que te chamei aqui, Doutor.

— E para que foi então?

— Lembrei de algumas coisas durante a noite passada. Coisas que aconteceram naquele dia.

— Do que se lembrou? — Paulista puxou a cadeira e sentou-se junto à cama.

— Bem, minha mente ainda está um pouco confusa. Tive alguns relances de lembranças essa madrugada. Não é muito, mas foi suficiente para me tirar o sono.

— *Fale de uma vez!* — disse o médico, impaciente. — Você se lembra de quem o atacou?

— Não. Disso eu não me lembro. Mas recordo de ter visto três pessoas

naquela noite.

— Três pessoas? E quem eram?

O coração de Pedro gelou.

— Não sei. Minhas lembranças são meio turvas. Só sei que elas estavam lá, paradas na rua, e que perto delas havia um homem caído no chão. Tenho quase certeza de que era *Flaviano*.

A pronúncia do nome acendeu no jovem uma chama que lhe subiu pelo peito até a garganta. Ele então se aproximou da janela para ouvir melhor.

— Mas como eram essas pessoas? De que jeito estavam vestidas? — Paulista parecia ávido por mais informações.

— Não eram agentes do governo, se é o que quer saber.

— Como sabe?

— Usavam roupas comuns, acho... — Roger gemeu. — E havia também um carro.

— Que carro?

— Não sei. Só lembro de um dos faróis acesos. Creio que o outro estava quebrado. Como já disse, minhas lembranças são confusas. Tenho quase certeza de que, nessa hora, eu estava na *forma animal*.

— Mas isso não explica a sua falta de memória — Paulista abaixou a voz.

— Não sei não. Talvez seja mesmo a pancada que levei na cabeça. Mas antes disso, já tinha notado algo diferente comigo. Ultimamente quando me transformava, já vinha sentindo coisas estranhas.

— Como assim?

— Não sei explicar muito bem. É como se o meu raciocínio ficasse mais lento quando estou na forma animal. Acho que os meus instintos selvagens estão se manifestando com mais força.

— Você está perdendo o controle? — o médico quis saber.

— Não sei. Mas tem alguma coisa errada acontecendo comigo.

Paulista considerou por alguns segundos, cabisbaixo. Roger olhava para ele como se esperasse por um diagnóstico profissional. Esse, porém, não veio. O jovem doutor apenas limitou-se a fazer outra pergunta. — Falou disso com Aratama?

— Não. Não achei importante.

— Mas deveria — o médico fez uma pausa. — Lembra-se de mais alguma coisa?

— Sim. Também lembro de ter corrido atrás de Flaviano. Estávamos no meio do mato. Ele corria e gritava desesperado. Tentei fazê-lo ficar quieto, mas não consegui.

— E ele não lhe disse nada? — Paulista apertava os próprios joelhos. — Não

perguntou a ele sobre o *Amuleto Sagrado dos Itaguaçu*?

— Perguntei sim. Primeiro ele gritou que não sabia do que eu estava falando. Perguntei várias vezes, mas ele insistiu que não sabia. Mas depois confessou que... que... — Roger parecia recordar-se naquele momento.

— Confessou o quê? — Paulista estava prestes a se levantar da cadeira.

— Que não sabia nada sobre o objeto... e que apenas o tinha mandado para um de seus colegas que moravam aqui em Belo Horizonte.

— E o quê mais?

— Eu... não... não me lembro — respondeu Roger, frustrado. — A última coisa que sei foi que, quando me dei conta, ele já estava caído no chão, sem vida. Havia sangue em minhas mãos. E depois me afastei. Me arrastei por muito tempo na lama até te encontrar.

— Então foi nesse momento que alguém deve ter te atacado?

— Pode ser. Sinceramente não me lembro — Roger cruzou o braço direito sobre os olhos.

— Você voltou a ver aquelas três pessoas de novo?

— Não. Acho que não.

Paulista se levantou da cadeira e retirou um maço de cigarros e um isqueiro dos bolsos. Depois, caminhou em direção ao rapaz. *Droga. Se eu sair correndo, ele vai me ver.* Com o coração na mão, Pedro se abaixou, tentando ficar o mais quieto possível. Então metade da janela se abriu, mas no lugar da cabeça do médico, apenas uma nuvem cinza de fumaça se projetou para fora do sobrado. Porém, a mão branca ficou visível sobre o parapeito, segurando o cigarro aceso.

— Caímos em uma armadilha, Roger. Alguém preparou essa para nós.

— Acha mesmo isso?

— Começo a ter certeza.

— Mas não é possível. Só nós dois sabíamos que Flaviano estava escondido lá. Ninguém mais conhecia a nossa missão.

— Foi o que pensei também. Achei que nada poderia dar errado. Mas veja só. Você se arreventou todo, Flaviano morreu e nós não descobrimos nada sobre o amuleto sagrado.

— Do que está desconfiado? — Roger balbuciou em meio a gemidos de dor.

A mão de Paulista desapareceu momentaneamente da janela, mas logo retornou, junto com outra baforada de fumaça. — Sabe o que o Pedro me contou quando fui me encontrar com ele no Parque Municipal outro dia? Disse que Mayra tinha ido visitá-lo na noite anterior. Isso foi no domingo, exatamente um dia após a nossa missão fracassada.

As pernas do jovem bambearam ao ouvir o próprio nome.

— Mayra apareceu? Para quê?

— O garoto falou que ela foi até Aratama. Mas uma coisa me deixou muito intrigado. Por que ela não me procurou? Quer dizer, ela foi até o velho e depois até Pedro. Por quê? Não acha coincidência demais que ela tenha ficado tanto tempo fora para aparecer um dia após o que aconteceu?

— *Por Deus, Doutor!* Não acredita que foi ela que...

— É claro que não — o médico interrompeu. — Ela não faria isso. Mas se eu a conheço bem, acho que pode estar desconfiada do que fizemos. Você sabe muito bem que Mayra tem meios para nos vigiar a qualquer instante. Mesmo de longe, ela é capaz de monitorar cada um de nossos passos. A última vez que passamos um tempo juntos foi quando ela e Pedro chegaram de São Paulo. E ela já estava bem estranha comigo. Mais indiferente do que o normal.

— Se for verdade, então Aratama também já deve desconfiar de alguma coisa — disse Roger.

Pedro viu a mão de Paulista pela última vez sobre o parapeito. Depois que uma quantidade grande de fumaça flutuou através do ar frio e úmido do alto da favela, uma parte do cigarro aceso saiu voando e girou até cair do outro lado da pequena rua. O médico fechou a janela e caminhou novamente pelo quarto.

— Também tive esse medo. Por isso, assim que conversei com Pedro, fui direto para a Serra do Cipó. Mayra mandou um recado de que Aratama queria ver você. Isso me deixou mais preocupado ainda. Mas depois que falei com o velho, percebi que estava tudo bem.

— Aratama não é tolo, Doutor. Se desconfiasse de alguma coisa, não iria deixar transparecer.

Paulista ficou em silêncio por um tempo. Num ímpeto avassalador de curiosidade, e um pouco de coragem, Pedro arriscou olhar de novo através do buraco do papelão. O médico estava sentado mais uma vez sobre a cadeira diante da cama.

— Não precisamos nos preocupar com isso por enquanto, meu caro amigo grandão. Estou certo de que as notícias de Lagoa Santa ainda não chegaram até ele. E com Mayra fora da cidade, não há como o Mestre saber do que aconteceu com Flaviano.

— Não podemos esconder isso por muito tempo.

— Bom, pensarei numa forma de contar a ele. E se, por acaso, encontrarmos aquele amuleto sagrado logo, não precisaremos mais nos preocupar com nada disso. Lembre-se do que Aratama disse, "quem possuir aquele artefato dificilmente perderá a guerra". Mas, por hora, vamos cuidar para que você se recupere bem. Depois, teremos que descobrir quem é a pessoa que está com o objeto aqui em Belo Horizonte. Precisamos encontrá-la antes de todo mundo. Concorda comigo?

— Sim... — respondeu Roger, relutante.

— Não se preocupe, grandão. Vai dar tudo certo no final. Em breve, terá tudo o que deseja.

— A única coisa que desejo é encontrar a minha irmã.

Paulista emudeceu.

— E você, Doutor? O que deseja?

— Sinceramente? — o médico suspirou. — *Uma vida normal...* Apenas isso. Mas não se martirize pela morte daquele pobre homem. Tudo isso será por uma boa causa, garanto. Nosso grande líder voltará a se orgulhar de nós. *Emanuel Seixas* se orgulhará de nós!

A lenda da Cruz de Prata

Pedro estava tão nervoso que precisou tomar um copo de água antes de contar a Jorge e Aline o que ouvira na favela. Os dois amigos escutaram atentamente e nenhum deles conseguiu esconder a surpresa ao final da narrativa.

— Então, Roger é mesmo o homem-onça? — o estudante de geologia coçava o queixo, atônito.

— Sim. E foi ele quem matou Flaviano. Ouvi de sua própria boca. Disse que suas mãos estavam sujas de sangue e que ele perdeu o controle na forma animal. Ele o perseguiu como uma onça. Lembram?

— Isso não pode ser verdade. — Aline murmurou. — Você deve ter entendido mal, Pedro.

— Não. Escutei claramente. Foram eles quem sequestraram Flaviano e o levaram para Lagoa Santa. Disseram que eram os únicos que sabiam que ele estava lá. Estão agindo escondidos do Mestre.

— Não posso acreditar! O Glauber não faria isso. Ele sempre diz ser tão fiel à Aratama...

— Ele diz muitas coisas, Aline — completou Jorge. — Como podemos ter certeza de que tudo é verdade?

— Ele é o nosso treinador. Sabemos que está do nosso lado.

— Não tenho tanta certeza assim. E não acharia estranho se ele fosse mesmo um traidor.

— Tem que haver uma explicação lógica — Aline parecia abalada.

— E tem — Pedro interveio. — Roger e Paulista sequestraram Flaviano e o mantiveram em Lagoa Santa até o dia da sua festa. No sábado de manhã, Roger cancelou o treino e os dois saíram correndo do Parque Municipal para lá. À noite, o homem fugiu e, por isso, o mataram.

De repente, tudo começava a se encaixar em sua cabeça. Ele então se lembrou de duas coisas. Na casa de Paulista, ouviu o médico dizer à Mayra que precisava ir a São Paulo em alguma missão secreta. E quando Pedro, Roger e a mulher retornaram da Caverna dos Papagaios, seu treinador ficou em Lagoa Santa. Ele tinha algo para fazer lá. Devia vigiar o pobre sujeito, ver se ele ainda permanecia no cativeiro. Era tão óbvio agora.

— Espere aí — disse Jorge. — Isso não faz sentido. Se apenas eles sabiam que o homem estava lá, então quem o vigiava quando os dois vinham para Belo Horizonte? Não podiam deixá-lo sozinho.

— Talvez Flaviano estivesse dopado — o jovem concluiu. — Paulista é médico, lembra?

— Não entendi uma coisa — a garota olhou para Pedro. — Como sabe que Glauber não está fazendo tudo isso a mando de Aratama?

— Ele e Roger trabalham para outra pessoa, Aline. Ouvi o próprio Doutor dizer que queria deixar seu outro mestre orgulhoso.

— Quem?

— *Emanuel Seixas!* O líder da *Liberdade Verde*.

Um silêncio súbito caiu feito véu sobre a pequena sala do apartamento.

— Então ela existe mesmo... — disse Jorge. — Meu pai tinha razão.

— Eu também não acreditava — Pedro prosseguiu. — Mayra e Aratama me garantiram que isso era invenção do governo. Mas meu antigo chefe estava convicto de que a Liberdade Verde ainda está em atividade. Ele me contou que o filho participou de missões secretas para capturar esse Emanuel Seixas.

— Mas por que Glauber e Roger fariam isso? — Aline aumentou o tom de voz. — Por que sequestrariam e matariam alguém assim?

— Por causa do *Amuleto Sagrado!* — Pedro disparou sem vacilar, provocando interrogações nos rostos de seus amigos. — Paulista perguntou a Roger se Flaviano tinha dito algo sobre o amuleto sagrado dos Itaguaçu antes de morrer. E ele respondeu que sim, que o homem havia enviado o objeto para um colega que morava em Belo Horizonte.

— *Um colega da faculdade!* — exclamou o estudante de geologia.

— É. Ele queria avisar a alguém do perigo. Alguém daqui.

— Então, Paulista e Roger estão atrás de um artefato com um espírito dentro...

— Sim. E deve ser muito poderoso. Paulista disse que quem o tivesse dificilmente iria perder a guerra. Flaviano deve ter pegado esse amuleto sem saber do que se tratava e acabou pagando um preço alto por isso.

— Mas o que é esse objeto afinal? — Aline interrompeu.

— Não sei. De acordo com Mayra, pode ser qualquer coisa. Eu mesmo tenho um guardado aqui em casa.

— Você tem um amuleto sagrado? — Jorge ficou espantado.

— Sim. Querem ver?

Pedro então foi até o quarto e trouxe de volta o embrulho de pano que guardava dentro da velha caixa de sapatos no armário. Ao desenrolar a faca, passou-a com cuidado as mãos do amigo. Esse a manipulou com extrema delicadeza, como se fosse algo de grande valor. Seus olhos castanhos brilharam e Pedro sabia o motivo. A pedra de que era feita a arma parecia bastante incomum, rara talvez.

— Não conheço este mineral — o estudante examinou a faca cuidadosamente.

— É linda... Onde a conseguiu?

— Presente de Aratama. Era do meu pai biológico.

— Há alguma chance de este ser o amuleto que Roger e Paulista procuram?

— Acho que não. O Mestre comentou que o espírito que morava aí já desapareceu. Além disso, se fosse algo importante, ele não confiaria a mim.

— Pode ser. Mais alguém sabe que você tem isso?

— Agora, só vocês dois e Aratama. Mayra talvez.

— Nesse caso, acho melhor mantermos isso em segredo — Jorge devolveu a arma. — Não sabemos se Roger e Paulista querem um amuleto em especial. Pode ser que qualquer um sirva. De todo jeito, se o que eles procuram for mesmo um objeto dos Itaguaçu, então deve ser algo primitivo. Algo comum em uma tribo indígena. *Hum...* — ele colocou a mão sobre o queixo barbado e olhou para o teto.

— O que foi? — Aline quis saber.

De repente, estalou os dedos. Um olhar súbito de surpresa e satisfação emergiu por trás dos óculos quadrados. — Flaviano era *antropólogo*!

— E daí?

Jorge não respondeu. Apenas apanhou o computador portátil jogado no sofá. — Depois que a morte dele saiu no jornal, procurei por informações na *internet*. Por acaso, descobri seu currículo acadêmico. Aqui está. *Ouçam!* "Flaviano Batista Guimarães é antropólogo formado pela Faculdade Fátima Meneses de São Paulo". Isso significa que ele era estudioso da evolução humana e dos homens primitivos. Agora escutem só. "Mestre em Antropologia Indígena pela USP" — Jorge leu essa última frase em um tom mais alto. — "e Doutor em Antropologia Forense pela Universidade do Porto de Portugal. Flaviano é atualmente professor do Centro Universitário Guimarães Rocha". Ele era especialista em *Antropologia Indígena*!

— Então trabalhava com índios? — agora Aline tinha brilho nos olhos.

— Não diretamente. Na verdade, ele devia estudar indícios de tribos extintas. Um antropólogo lida mais com fósseis e resquícios de homens primitivos do que com pessoas vivas. Agora vejam isso. Aqui diz ainda que Flaviano trabalhou em um centro de pesquisas em São Paulo, anos atrás. Ele deve ter tido acesso a muitas relíquias antigas. Especialmente indígenas.

— Então ele achou um objeto super poderoso e o enviou para um conhecido aqui em Belo Horizonte — Pedro deduziu. — Mas quem?

— Alguém com quem conviveu na *faculdade*.

— Ótimo! — completou o jovem. — Agora sabemos que foi alguém que ele conheceu nessa Faculdade Fátima sei lá do quê.

— Não creio que seja assim tão simples — Jorge rebateu. — O homem era

um acadêmico. Passou boa parte da vida na universidade. O termo "colega da faculdade" pode se referir a alguém do mestrado ou até do doutorado fora do país. Ele deve ter feito vários amigos desde a graduação até se tornar professor...

Então os três ficaram quietos. Pedro mirava Aline. Ela ainda parecia abismada, abalada com tudo o que acabara de escutar. Jorge olhava a tela do computador, pensativo. Foi ele quem quebrou o silêncio.

— Tem outra coisa estranha no currículo de Flaviano. Segundo consta aqui, ele se formou há catorze anos no curso de antropologia. Dois anos após concluiu o Mestrado e, quatro anos mais tarde, o Doutorado. Então, passou em um concurso público e trabalhou no Centro de Pesquisas Antropológicas de São Paulo por cerca de um ano... O próximo tópico na lista já é de sete anos depois, quando virou professor universitário. Antes do sequestro, ele lecionou por apenas seis meses. Existe uma lacuna de seis anos em sua vida profissional.

— Sim, mas o que isso significa? — Pedro não sabia onde o estudante pretendia chegar.

— Não é óbvio? — Jorge parecia tomado pela satisfação de enxergar algo que seus amigos não percebiam. — Supondo que ele teve acesso ao amuleto sagrado enquanto trabalhava nesse centro de pesquisas, então foi nessa época que ele o enviou para Belo Horizonte.

— E como você pode saber disso? — Aline rebateu. — Está *chutando*!

— Não estou *chutando* — desdenhou. — Estou apenas usando lógica dedutiva, como *Sherlock Holmes* em seus livros. Pensem bem. Por que Flaviano deixaria um emprego público estável e cheio de vantagens, em menos de doze meses, para depois sumir por seis anos?

— Ele estava sendo perseguido — Pedro foi rápido na resposta. — Mandou o amuleto para alguém e então desapareceu.

— Exatamente. E temo que estejamos em sérios apuros agora — Jorge olhou do jovem para a garota. — Acho que nos envolvemos em um problema muito maior do que acreditávamos.

— Deve ser tudo um mal-entendido — a moça se levantou.

— Aline... — Pedro tocou-lhe o braço. — Sei que é difícil aceitar que eles sejam traidores. Mas não há outra explicação. Roger matou aquele sujeito. E matou o meu pai... — sussurrou. A ideia era absurda até mesmo para ele agora.

— Isso não faz sentido — retrucou a garota. — Por que Aratama daria a missão de treinar você justo ao assassino do seu pai?

Ele pensou em uma resposta, mas não encontrou nenhuma.

— Aratama precisa saber, Pedro — Jorge o encarou. — Temos que contar a ele.

— Não. Não ia adiantar. Duvido que o Mestre acredite mais em nós do que

em Paulista ou em Roger. Além disso, ainda que acreditasse, não poderia fazer nada. O próprio médico disse isso... Se pelo menos Mayra aparecesse.

— Então, vamos fingir que nada está acontecendo? — Jorge estava revoltado.

— Também não. Imaginem as consequências. Se eles encontrarem o que procuram, logo não precisarão mais fingir fidelidade a Aratama. Será o fim do nosso grupo. Eles sequestraram e mataram Flaviano, e nada os impedirá de fazer o mesmo conosco ou com o Mestre.

— E então?

— Há outra coisa que podemos fazer para impedi-los de pegarem esse amuleto.

— O quê? — indagou Aline.

— Encontrar o colega de Flaviano primeiro — o jovem tinha um tom determinado. Havia calor em seu peito, consequência da súbita coragem que o consumiu. — O que me dizem?

Nenhum de seus amigos respondeu instantaneamente. Jorge o encarou, balançando a cabeça em sinal de negação. — Mesmo que nossas suspeitas estejam corretas, há milhões de pessoas nessa cidade. Por onde começaremos a procurar?

Pedro não tinha resposta, então esperou que Aline dissesse algo. Ela ponderava com os olhos voltados para baixo. — Bom, posso pedir à Kátia para investigar sobre essa faculdade — ela disse, sem firmeza. — Talvez descubra alguma coisa.

— Não — Jorge protestou. — Melhor não envolvê-la mais nisso. Precisamos agir sozinhos dessa vez. Podem deixar comigo. Vou ver se consigo descobrir os nomes das pessoas que estudaram com Flaviano ao longo da vida. Deve haver esse tipo de informação na *internet*.

— Mas e quanto ao Glauber? — ela retrucou. — E o treinamento?

— Temos que fingir que não sabemos de nada. Se desconfiarem de nós, estaremos perdidos. Teremos que ter cuidado daqui para frente.

— E se Mayra aparecer? — Pedro disparou. — Contamos a ela?

— Até o momento, assumiremos que ela está do nosso lado — continuou o estudante. — Nesse caso, seria imprudente não dizer nada. Mas também não devemos contar com ela. Nunca se sabe quando irá aparecer. Se vamos agir, então não podemos esperar.

Todos concordaram. E assim, o pacto entre eles agora se tornava mais forte e perigoso. Pedro pressentia tempos difíceis dali para frente, especialmente se Roger voltasse a treiná-lo. Ele e seus amigos estavam à mercê dos conspiradores, e não tinham a quem recorrer. A única coisa que podiam fazer era permanecerem juntos.

* * *

Com a passagem da primeira quinzena de setembro, o clima começou a ficar quente e as chuvas, cada vez mais raras. Em poucos dias, o inverno ameno daquele ano daria lugar a uma primavera com previsão de muito calor e baixa umidade do ar. Pedro ficava mais ansioso na medida em que o tempo avançava. Ainda tinha medo de que a polícia viesse procurá-lo, assim que descobrissem o número de telefone no lenço junto ao corpo de Flaviano. *Vai ser hoje*, ele dizia ao se levantar pela manhã. *Vão bater aqui na porta e me fazer perguntas. Vão falar do lenço e usá-lo como prova de que estive na cena do crime. Podem até me acusar do assassinato, e o que eu farei? Não, preciso manter a calma. O lenço não prova nada. Tenho que me convencer disso de uma vez.*

Jorge também não dava notícias sobre a busca pelos possíveis colegas de faculdade do morto. A tarefa era muito difícil e provavelmente ele não havia conseguido nada, por isso Pedro evitava ficar perguntando. Mas algo pior o deixava mais desconfortável. Saber que os inimigos estavam tão próximos. Roger, pelo jeito, continuava em repouso, pois não dava as caras e nem mandava notícias. O Doutor tão pouco aparecia e, às vezes, cancelava seus treinos com Jorge e Aline. E onde estaria Mayra nesse momento tão crítico? *Se ao menos tivesse um jeito de eu avisá-la da traição de Roger e Paulista.* Agora, ela era a única defesa de Aratama, sem a qual ele permaneceria isolado naquela caverna distante.

E se eu não tivesse aceitado o convite de Aline para ir àquela maldita festa... Ele se lamentava por isso toda vez. Depois do que aconteceu em Lagoa Santa, a cidade cheia de mistérios conforme disse uma das amigas da garota, tinha a obrigação de...

— *A cidade cheia de mistérios...* — repetiu em voz alta.

De repente, um breve pensamento se instalou em sua mente. Era algo que não havia pensado antes e que agora pareceu muito óbvio. De tão excitado, ele se levantou do sofá e bateu na porta do quarto de seu amigo. Passavam das dez horas da noite daquele domingo, horário em que Jorge costumava ir para cama.

— O que foi? — ele vestia o velho pijama e parecia meio sonolento.

— Preciso do seu computador. Posso usá-lo?

— Hã... sim — o estudante de geologia bocejou. — Tudo bem.

Pegou a mochila onde ficava o aparelho e passou-a a Pedro. — Por que você está tão agitado?

— Responda uma coisa, Jorge. Roger mora em uma favela. É um lugar de difícil acesso, perfeito para se esconder até mesmo da polícia. Então, por que ele

e Paulista levaram Flaviano para Lagoa Santa?

O estudante pareceu surpreso com a pergunta. — Não sei. Talvez tivessem medo de que os vizinhos descobrissem. Ou temessem que Mayra pudesse aparecer por lá de repente.

— Ou então, — completou Pedro — eles precisavam estar naquela cidade.

— O que você quer dizer com isso?

— Vai ver que toda essa história de amuleto sagrado está ligada de alguma forma a Lagoa Santa. Lembra-se dos comentários das pessoas na boate, sobre o lugar ser cheio de mistérios?

— Sim, lembro. Mas eu não sei se...

— Deve haver uma razão para isso — disse o jovem, ignorando a momentânea descrença do amigo. — Vou ver se consigo achar algo na *internet*.

— Bom... Acho pouco provável que exista alguma relação... Mas por outro lado, devemos considerar todas as possibilidades. Depois você me conta o que descobriu — Jorge fechou a porta.

Pedro se instalou na cozinha, o computador portátil em cima da mesa. Sentado diante da tela, a primeira coisa que fez foi digitar as palavras "Lagoa Santa" em uma página de buscas. Como resultado da pesquisa, mais de um milhão de *sites* diferentes apareceram. Ele logo percebeu que, no país, havia pelo menos dois lugares com mesmo nome. Um era a cidade mineira que ele conhecia, enquanto que o outro era um município goiano do qual já tinha ouvido falar, mas não se lembrava. Porém, como o seu objetivo era a primeira, acrescentou as letras "MG" à busca, e mandou fazer uma nova pesquisa.

Uma vez mais, centenas de milhares de resultados surgiram, mas o segundo já parecia bastante promissor. Era uma página extensa, que falava sobre vários detalhes históricos, geográficos, turísticos e até mesmo geológicos do município. Lagoa Santa ficava a cerca de oitocentos metros de altitude em relação ao nível do mar e sua população era bem menor do que a de Belo Horizonte. Estava situada na bacia do Rio das Velhas, um dos maiores afluentes do grande São Francisco, a mais ou menos quarenta quilômetros da capital do estado. Abriu e leu outras páginas contendo quase que as mesmas informações da primeira.

E assim o tempo foi passando e, noite adentro, Pedro vasculhou dezenas de documentos com dados sobre a cidade, sem achar nada que parecesse muito relevante. De certo modo, todos os fatos eram superficiais e, muitas vezes, descontraídos. Parecia haver consenso acerca de poucas coisas.

A lagoa do município teria sido descoberta por um tropeiro viajante chamado Felipe Rodrigues por volta do ano de 1713. Esse homem veio até Minas Gerais em busca de ouro e, após se desentender com seus companheiros, vagou sozinho e doente pela região. Rogando a Nossa Senhora que o curasse de feridas nas

pernas cansadas, ele achou a lagoa e, banhando-se em suas águas, obteve a graça da cura desejada.

Já por volta de 1833, teria chegado à cidade um naturalista dinamarquês chamado *Peter Wilhelm Lund*. O pesquisador foi responsável por importantes descobertas científicas na região, entre elas fósseis de animais pré-históricos como o tigre dentes de sabre, e o tatu e a preguiça gigantes. Porém, seus maiores achados foram os esqueletos de ancestrais do homem, os mais antigos encontrados na América, que habitaram o local por volta de 12000 anos antes de Cristo. *Nada disso está ajudando muito*, ele concluiu por fim.

De repente, Pedro se assustou com o barulho de uma porta se abrindo. Estava deitado sobre a mesa quando Jorge surgiu na cozinha, vestido com roupas comuns. O computador continuava ligado e a tela exibia a última página que tinha acessado. Era uma espécie de livraria virtual onde se destacava à venda um livro contando a história das cidades do interior de Minas.

— Bom dia — disse Jorge. — Dormiu bem?

— Que horas são? — ele ficou momentaneamente desorientado.

— Seis e dez.

Em princípio, Pedro não acreditou que tinha adormecido sobre a mesa, mas o relógio do computador confirmava isso. Então se levantou para esticar o pescoço e as costas doloridas.

— E aí, conseguiu descobrir alguma coisa?

— Não... Nada de importante — bocejou. — Acho que você estava certo. Talvez tudo seja apenas coincidência.

— Pode ser. Mas sabe? Ontem fiquei pensando no que você disse. Deve existir mesmo algo muito sinistro por trás disso tudo. Nós sabemos que Roger andava pela cidade na forma animal, mas não sabemos por que ele fazia isso. Por que ele se arriscaria a ser visto assim?

— Não sei. Mas seja qual for o motivo, não está na *internet*. Olhei milhares de páginas e não achei nada que parecesse estranho.

— Grande parte do que existe na rede é superficial ou errada — Jorge colocou a água do café para esquentar. — Hoje em dia, fica difícil saber o que é ou não manipulado pelo governo. Quando queremos fontes de informação confiáveis, as melhores opções ainda são os livros.

— Bom... O único que achei sobre o assunto foi esse aqui — Pedro apontou a tela do computador.

O volume de capa vermelha intitulava-se "Lendas e Causos da Estrada Real" e foi escrito por uma mulher chamada Marlúcia Tomáz. Destacado pela seleção do *mouse* estava um pequeno texto: "Conheça as estórias e os mitos que cercam os municípios da Estrada Real, de Ouro Preto à Diamantina. Neste livro, a

professora e pesquisadora carioca revela o contexto histórico e cultural das lendas cujas origens estão ligadas às cidades que formam a famosa rota mineira. Descubra os causos criados em torno da febre da corrida dos metais preciosos, como a montanha branca de *Sabarabuçu* e a cruz de prata submersa nas águas da *Lagoa Santa*"...

— Cruz de prata? — Jorge olhou para ele.

— Sim — respondeu. Não sabia se o amigo havia pensado o mesmo, mas uma cruz de prata era excelente candidata a objeto sagrado.

— Hum... É um livro antigo — comentou o estudante. — Talvez possamos encontrá-lo na biblioteca da universidade. Aliás, pode haver outros sobre o assunto lá.

— E você poderia trazê-los para casa?

— Sim, mas hoje não terei tempo de procurar. Por que não vem comigo até a UFMG? Assim conhece o campus e consulta você mesmo os livros. O que acha?

Sem hesitar por mais que um segundo, o jovem se levantou. Trocou de roupa e jogou água fria no rosto amassado, antes de sair com Jorge. Dessa vez, a bicicleta do estudante ficou em casa e os dois tomaram um ônibus azul que levou menos de dez minutos até o campus da universidade.

Ao cruzarem os grandes portões de ferro na entrada, Pedro percebeu como o local era diferente de seus arredores. A cor cinza do aglomerado de prédios e avenidas havia ficado para trás, dando lugar a ruas menores e extensos espaços verdes com árvores de médio porte e mata antiga. O campus possuía uma área enorme, cercada por telas e muros, ocupando centenas de milhares de metros quadrados na região nordeste da capital mineira. Ficava na Pampulha, parte nobre de Belo Horizonte, onde também estavam a lagoa artificial e as obras arquitetônicas mais famosas da cidade. A passagem pelo portão culminava em uma leve subida curvada para a esquerda e posteriormente para a direita. Seguindo a pequena rua asfaltada, o coletivo passou diante de vários edifícios baixos, com no máximo quatro níveis, mas largos e distribuídos em grandes áreas abertas na mata.

Centenas de metros adiante, saltaram do ônibus. Estavam agora em outra rua, margeada por um par de enormes conjuntos de prédios. Do lado em que desceram ficava uma construção extensa, de apenas dois andares, que culminava em um edifício largo, de quatro pavimentos, cem passos à frente. Uma placa indicava a Escola de Engenharia. Do outro lado havia uma edificação um pouco menos larga, mas igualmente alta. Era o Instituto de Ciências Exatas.

Os jovens seguiram pela rua e, logo, mais prédios ergueram-se diante deles. Pedro viu uma construção menor, com apenas três andares. Era uma grande estrutura de vigas pré-moldadas, entre as quais se fixavam paredes brancas com

generosas janelas de vidro liso. A placa pregada no chão de grama não deixava dúvidas, tratava-se do Instituto de Geociências ou, como Jorge chamou, o IGC. Logo em frente havia uma grande rosa dos ventos de oito pontas, moldada em cimento no solo, indicando que todo o prédio fora construído voltado para o noroeste.

Por dentro, o IGC era igual ao lado de fora, bem iluminado e com paredes acinzentadas. Uma estrutura pouco convencional de corredores não ortogonais, escadas metálicas e bancos no pátio confundiam os visitantes a princípio, mas o lugar era agradável. A luz do sol atravessava as divisórias de blocos furados na direção leste e iluminava o saguão principal. Esse, por sua vez, era um grande círculo arredondado de quase dez metros de diâmetro, escavado cerca de cinquenta centímetros abaixo do nível da entrada. Em seu centro estava pintada outra rosa dos ventos, em escala menor do que a primeira. Muita gente transitava pelos corredores àquela hora da manhã e pareciam, em sua maioria, estudantes.

Jorge continuou caminhando sem dizer nada e Pedro o seguiu, subindo por uma escada bem ao lado da entrada principal. Passaram direto pelo segundo andar e, após alcançarem o terceiro, desviaram de enormes armários brancos metálicos com gavetas numeradas em frente aos degraus. Viraram à direita.

— Ali é a biblioteca — Jorge apontou na direção da porta de vidro larga e aberta logo adiante. — Preciso ir. Não posso chegar atrasado à aula do Professor Velho, senão, terei problemas. Quando entrar lá, verá computadores sobre mesas do lado esquerdo. Eles estão ligados ao sistema da universidade e servem para fazer pesquisas. É só digitar o nome do livro que procura e o programa dará o código de localização na estante. É muito fácil.

— Mas posso entrar lá sozinho?

— É claro que sim. É uma biblioteca pública. Se tiver dúvidas sobre como usar o sistema, é só perguntar para a *Betty*, a bibliotecária no balcão. Ela é muito prestativa. Tenho aula até as onze. Espere aqui que eu volto para pegar o livro. A gente almoça junto e você vai para casa. Certo?

— Sim... — ele não se sentia seguro.

Jorge então retornou às escadas e sumiu de vista. Restou a Pedro apenas caminhar até a biblioteca e torcer para que ali houvesse alguma pista do difícil caso em que ele e seus amigos tinham se envolvido. Logo na entrada do recinto havia algo semelhante a um detector de metais, com duas barras paralelas de cada lado da porta. Mais atrás, à esquerda, ficava uma mesa de madeira marrom escura na qual repousava uma caixa cheia de chaves numeradas. Ninguém guardava o local.

Ainda confuso com arquitetura do prédio, Pedro ficou surpreso com o tamanho da biblioteca. Era uma sala larga e comprida, tomada por grandes

estantes brancas de metal carregadas de livros de todas as cores e dimensões, o que dava uma sensação um tanto claustrofóbica ao ambiente. Depois de passar pelo detector e pela mesa da entrada, ele se viu diante de um balcão branco de madeira, no qual se sentava uma mulher jovem. Estava um pouco acima do peso, tinha pele clara, cabelos anelados e óculos pequenos e avermelhados, bastante discretos. Ao lado havia uma pilha enorme de livros e atrás dela um carrinho de metal, também cheio deles. Concentrada na tela do computador, ela mal percebeu sua entrada.

Ele então visualizou, em um canto à esquerda, o conjunto de mesas com seis computadores um tanto antigos. No lado direito do recinto havia outro cômodo, separado do salão principal por uma parede branca e fina, com vidros que permitiam a vista do local. Parecia uma sala de estudos. Sentou-se diante da primeira máquina e acendeu a tela ao mexer no *mouse*, revelando o programa de pesquisas da biblioteca. Conhecendo o nome do livro que queria, ele logo descobriu como procurá-lo. E, para sua sorte, existia uma cópia disponível. Então teve acesso ao código, cheio de letras e de números, que dava a localização do volume no gigantesco conjunto de estantes velhas. Com a sequência anotada em um pedaço de papel, foi até o balcão, onde a bibliotecária agora organizava a pequena mesa móvel cheia de livros.

— Com licença. Como uso este código?

A mulher pegou a nota e ajeitou os óculos para ler o conteúdo. Mas, de repente, Pedro e ela se assustaram com uma pessoa que apareceu subitamente no balcão, gesticulando e falando alto. — Não encontrei o livro de novo! — gritou o homem, de maneira bastante rude.

Tratava-se de um sujeito idoso, gordo e bem mais baixo do que o jovem. Tinha os cabelos e a barba brancos, e usava óculos arredondados de lentes muito grossas. Trajava camisa social xadrez e calças jeans, erguidas bem acima da cintura e presas por suspensórios amarelos.

— O senhor tem certeza de que está procurando no lugar correto? — a bibliotecária empregava uma voz tranquila, bem diferente do tom grosseiro do homem.

— Eu posso ser velho, mas ainda não estou caduco. Sei onde é o lugar certo. Ou, pelo menos, qual deveria ser. Se esta biblioteca fosse um pouco mais organizada, eu não perderia tanto do meu precioso tempo aqui.

— E o senhor tem certeza de que o livro que procura não está emprestado?

— É claro que não está. Ou você acha que eu estaria aqui procurando? A menos que essa maravilha de sistema informatizado não esteja funcionando bem de novo.

— Por que o senhor não me fala qual é o nome do livro? — disse a mulher,

em voz muito baixa, obviamente tentando fazer com que o seu interlocutor se comportasse de maneira mais civilizada. — Assim seria mais fácil ajudá-lo.

O homem, porém, não se comoveu com a estratégia e continuou gritando. — Você não precisa saber o nome. Apenas me deixe olhar nesse carrinho para ver se, por acaso, não está aí.

E então, sem esperar por autorização, o velho adentrou o balcão e começou a fuçar os livros sobre a mesinha. A mulher tentava ajudá-lo, preocupada em evitar que, em sua ânsia, o sujeito jogasse o que não lhe interessava no chão. Insatisfeito, ele bagunçou tudo e não encontrou o que procurava.

— Sinto muito — disse a bibliotecária — Às vezes, as pessoas retiram os livros da prateleira e depois colocam fora do lugar. Por que o senhor não continua procurando lá? Talvez esteja perto do local marcado.

Resmungando, o sujeito deu ação a suas pernas curtas e desapareceu por entre as estantes. E após se desculpar com Pedro, embora não tivesse culpa alguma, a mulher voltou a dar-lhe atenção, mirando o papel que ele a entregara.

— Siga por esse corredor, — disse ela, nervosa, apontando uma das passagens com a mão trêmula. — Vire a direita na quinta estante e vá até o fundo da sala. Os três primeiros números do código indicam a prateleira e o resto classifica o livro. Qualquer dúvida, me procure de novo...

Depois de agradecer, Pedro seguiu as indicações e caminhou até um conjunto de prateleiras cheia de volumes velhos, muitos amarelados e malcuidados. Foi fácil achar o lugar correspondente, porém o livro não estava lá. Também não se encontrava nas proximidades. O sujeito mal educado caminhava logo ali ao lado, vasculhando setor por setor das estantes próximas. Ele fez o mesmo e saiu procurando na vizinhança. Quase no outro extremo do corredor, um livro chamou sua atenção. Era vermelho, tinha letras grandes na lateral e estava seminovo. Por sorte, era exatamente o que procurava, "Lendas e Causos da Estrada Real". Pegou-o com satisfação e caminhou para o recinto ao lado, atravessando a porta da divisória que protegia a sala de estudos.

O lugar era cheio de mesas e cadeiras brancas, mas poucas tinham ocupantes àquela hora da manhã. As paredes encontravam-se cobertas de mapas de várias regiões do mundo desconhecidas para ele, e um pequeno globo terrestre com centenas de países coloridos jazia sobre um arquivo de metal cinza. *Geografia não é mesmo o meu forte*, ele teve de admitir. Enormes janelas gradeadas voltavam-se para o leste, abertas para a entrada do vento oriundo de um bosque a dezenas de metros do prédio. A luz do sol matinal dominava o recinto, tornando o lugar bastante agradável aos estudos.

Sentando-se próximo à porta, Pedro começou a folhear o livro, encontrando logo o capítulo que procurava, "A lenda da Cruz de Prata". Prendeu os cabelos

anelados em um pequeno rabo de cavalo e deu início à leitura.

"De todas as lendas que habitam o imaginário popular do interior de Minas, ao longo dos caminhos dos Diamantes e da Sabarabuçu, talvez a mais intrigante seja a da *Cruz de Prata*. Ela faz parte da história do nascimento de um município, hoje conhecido como Lagoa Santa. Conta-se que, em meados dos anos 1730, um viajante cansado e ferido sentou-se ao pé de um pequizeiro, no alto de uma colina, para se recuperar. O homem se chamava Felipe Rodrigues e era mais um dos muitos tropeiros que partiram do Rio de Janeiro com o objetivo de buscar ouro e prata nas Minas Gerais".

"Nos delírios que antecipavam a morte, ele teria visto, ao longe, o brilho reluzente de uma luz em forma de cruz que se destacava em meio à paisagem, oclusa por uma estranha névoa matinal. Esse fenômeno atraiu o viajante até uma imensa lagoa, que ficara obscurecida por causa da neblina. Sedento, ele mergulhou nas águas geladas e logo sentiu um alívio imediato nos eczemas de suas pernas. Mas de perto, a luz em forma de cruz não se manifestara mais. Teria sido aquilo apenas um sinal? Um farol a guiar o viajante até a fonte medicinal que precisava?".

"A notícia do milagre logo se espalhou e chegou até a Europa, no berço da coroa portuguesa. A *Lagoa Grande*, como ficou conhecida na época, tornou-se instantâneo alvo de peregrinação para enfermos de várias regiões, e uma vila começou a se erguer ao seu redor. Porém, o caso também atraiu outro tipo de gente. Algumas pessoas sedentas por riquezas interpretaram a história da luz brilhante como o reluzir de veios de prata no leito da lagoa. A lenda então ganhou novas dimensões".

"O lugarejo logo se mostrou pobre em recursos minerais, mas isso não ajudou a enfraquecer o mito da cruz. Ao contrário, muitos homens gananciosos começaram a procurar o suposto objeto divino que, acreditava-se, era o responsável pelas propriedades medicinais da água. Algumas lendas fantasmagóricas juntaram-se ao caso com o passar do tempo e a busca da Cruz de Prata tornou-se um desafio de coragem para os que a cobiçavam. Tais histórias narravam causos de homens que navegaram com suas canoas até o meio da lagoa e, depois de atravessar uma névoa branca e densa, nunca mais retornaram".

"Segundo acreditava-se, havia uma mulher que emergia da água, toda vez que a segurança da cruz estivesse ameaçada. Um rodamoinho então tragava os gananciosos para dentro das águas sombrias e esses se afogavam, morrendo miseravelmente. Depois, a chegada de um homem-santo à região causou reboição entre os habitantes. Segundo consta, o sujeito exorcizou o espírito ruim da lagoa, abrindo caminho para os que cobiçavam o tesouro. Na credence do

vilarejo, um médico teria pegado o objeto sagrado após um passeio de barco, anos depois do exorcismo. Porém, esse homem não era morador local e levou a cruz consigo até Salvador, na Bahia, onde a teria perdido"...

— *Ei, garoto!* — uma voz interrompeu a leitura. O velho mal-educado havia se aproximado sorrateiramente e agora se encontrava de pé ao seu lado. — Deixe-me ver a capa — continuou, forçando-o a fechar o livro.

Tomado pela surpresa, Pedro não relutou.

— Eu sabia. É o que eu estava procurando — disse o velho. Estendendo a mão, ordenou — Preciso dele agora. *Dê-me!*

Em uma situação diferente, o jovem teria sucumbido à timidez ou ao medo e entregado passivamente o livro. Porém, como poucas vezes aconteceu em sua vida, seu sangue fervera com a atitude arrogante do homem. Mesmo sendo uma pessoa já de idade, ele não tinha o direito de destratar a bibliotecária daquela forma.

— Lamento, senhor, mas também preciso dele — respondeu, com toda firmeza que possuía.

O velho não ficou satisfeito e levantou a voz, chamando a atenção dos poucos alunos sentados nas outras mesas.

— Você fez de propósito. Sabia que eu estava a horas procurando por esse livro.

— Não sabia. E mesmo que soubesse, não fiz nada de errado. Tenho tanto direito de consultá-lo quanto o senhor.

— Você estuda aqui, rapaz? — o velho ergueu a sobrancelha esquerda bem acima dos enormes óculos. Os olhos estavam cheios de fúria.

— Sim! — ele respondeu sem pensar.

— E que curso faz?

— Geologia... — gaguejou.

— Hum... — o homem coçou a barba branca. — Vou me lembrar de você. Prometo — resmungou ele, antes de virar as costas e ir embora pisando duro.

As outras pessoas olharam assustadas para Pedro, como se ele tivesse feito a coisa mais absurda do mundo. *Por que estão me encarando? Será que não viram que não tive culpa de nada?* Com o coração acelerado e a vergonha estampada no rosto, tentou continuar a leitura do capítulo, mas não teve forças para se concentrar por um longo tempo. Então se levantou e foi até o computador procurar outros livros que pudessem interessá-lo. Retornou à mesa minutos depois com quatro volumes, além do primeiro que pegara. Passou o resto da manhã folheando o conjunto de textos, tentando inferir algo que valesse a pena ler. Entretanto, nenhum pareceu muito promissor.

Jorge apareceu por volta das onze e cinco. — E então, conseguiu descobrir

alguma coisa? — ele quis saber, após registrar os empréstimos dos livros e deixarem a biblioteca.

— A cruz ficava dentro da lagoa — Pedro murmurou. — Era a responsável pelos poderes curativos das águas. Deve ser por isso que Paulista a quer. Para aumentar os seus próprios poderes.

— Isso é só uma lenda. Você não achou nenhuma evidência mais plausível?

— Ainda não, mas continuarei procurando — ele mostrou os livros que tinha para ler.

Então, retornando ao primeiro andar, os dois chegaram ao restaurante do prédio, um recinto pequeno, com portas de vidro e mesas espalhadas por todo o lado. Havia uma fila moderada no caixa e o lugar começava a ficar cheio. Segundo Jorge, muitas aulas terminavam àquela hora e as pessoas precisavam almoçar rápido para os horários da tarde.

— *Grande Pedro* — disse uma voz familiar. Foi Gustavo, o colega de Jorge, quem o cumprimentou. Ele estava almoçando, sentado com duas meninas em uma mesa. — Há quanto tempo, hein?

— Como vai? — Pedro simulou uma contida alegria ao ver o rapaz corpulento. Seu amigo, porém, ficou sério.

— Que bom te ver, cara.

— Pois é. Você sumiu. Não voltou mais lá em casa — comentou, tentando parecer simpático. Mas ele sabia muito bem porque Gustavo jamais voltara. *Jorge não o sustenta mais nos trabalhos da escola.*

— É... Andei ocupado ultimamente — ele sorriu, olhando para as meninas ao seu lado. — Como foi a aula do velho hoje, JP?

— Ele não apareceu de novo... — o estudante balbuciou.

— Puxa, ainda bem que não acordei cedo hoje. E vocês, vão almoçar?

— Sim — Pedro anuiu.

— Ótimo! Peguem a bandeja e sentem aqui com a gente.

Jorge resmungou alguma coisa. Depois, ele e Pedro foram até o caixa e, após enfrentarem a fila, pediram copos grandes com refresco de uva e o prato do dia, arroz, feijão, salada e estrogonofe. Havia uma versão vegetariana da refeição para o estudante, que já não consumia carne há muitos anos. Na sequência, caminharam até a bancada principal para pegarem as bandejas de comida.

— Por que aqueles caras estão apontando para nós? — Jorge mirava dois jovens estranhos sentados em uma das mesas.

— Não sei — Pedro reconheceu um deles. Era um dos alunos na sala de estudos da biblioteca na hora em que ele discutiu com o velho. Com certeza, falavam do caso.

Os pratos não demoraram muito a sair, o que foi ótimo, porque a noite ruim de

sono provocara no jovem uma fome descomunal. Ele então pegou a comida, apoiando-a sobre a pilha de livros que carregava e virou-se em direção à mesa. E foi exatamente aí que aconteceu uma pequena tragédia. A bandeja era muito lisa e, no momento do giro, o copo de refresco deslizou e tombou, despejando todo o líquido em um homem logo atrás. E para sua triste surpresa, o sujeito não era outro senão o mesmo velho baixo, gordo e mal-educado da biblioteca. Seu rosto se contorceu em um ímpeto de raiva e uma fúria incontrolável encheu seus olhos de cólera quando ele olhou da imensa mancha em sua camisa para a pessoa que o molhara.

— Você de novo? — ele gritou no meio do restaurante.

E antes que Pedro pudesse pensar em qualquer coisa para dizer, Jorge se antecipou. — *Professor Velho!*

O convite de formatura

Professor Velho!

Então aquele era o Professor Velho, o homem mais temido e odiado por Jorge. Pedro já tinha ouvido as histórias que seu amigo contava sobre o sujeito e lembrava-se bem da expressão de repulsa no rosto de Gustavo quando ele pronunciou o nome. Mas, se antes, tudo soava apenas como a tradicional birra que os alunos têm por alguns professores, agora parecia bastante plausível. Ele era mesmo tão grosso e mal-educado quanto diziam. De repente, os clientes do pequeno restaurante do Instituto de Geociências desviaram as atenções para verem o que aconteceu. Todos menos Gustavo, que desapareceu no ar como fumaça.

— Desculpe, Professor — disse Jorge, com a voz trêmula e expressão de medo na face. — Foi sem querer. Não vimos que o senhor estava aí...

— *Seu moleque...* — o velho gritou, com o dedo indicador quase encostado no nariz de Pedro. Seus olhos ardiam em chamas e sua pele, muito clara, começou a ficar corada na região das bochechas, logo acima da barba. — *Você fez de propósito!*

— Eu... Eu não... — o jovem ensaiou uma desculpa.

— Ele não teve intenção, Professor — o estudante de geologia também tinha o rosto vermelho.

— Não ficou satisfeito com o que aconteceu na biblioteca, não é? — o velho esbravejou, ignorando qualquer justificativa. — O que você tem contra mim hein, garoto?

Jorge interrompeu a seção de pedidos de desculpas e mirou o amigo sem entender nada. Pedro, por sua vez, ficou mudo, pois não tinha palavras para explicar o acontecido e nem para contornar a constrangedora situação.

O professor, porém, não se contentou com o silêncio. — Olha só o que você fez com a minha camisa. *É italiana. Caríssima!* — uma enorme mancha roxa de refresco de uva se estendia por todo lado esquerdo de seu torso, indo do peito até a barriga avantajada.

Então, outro homem se aproximou da confusão. Trajava blusa e calças sociais, e carregava uma bandeja com o prato de comida ainda intocado. Era bem mais alto e magro do que o idoso, mas também usava óculos e seus cabelos curtos e negros passavam uma impressão jovial para alguém na casa dos quarenta anos.

— Calma, Velho! Foi um acidente — ele disse, com a voz serena e tão baixa

que poucos no recinto ouviram. Pedro, porém, já sabia que a estratégia de tentar acalmar o homem falando com tranquilidade não funcionava muito bem. Pelo contrário, aquilo parecia servir apenas para deixá-lo mais irritado.

— Ele fez de propósito, Professor Viana — retirou um lenço do bolso e começou a esfregar a própria roupa. — Eu sei que fez.

— Desculpe, senhor, mas não fiz por querer — Pedro exprimiu com firmeza. Pela segunda vez, a atitude desmedida daquele homem fazia seu sangue ferver.

— *Seu insolente!* — o velho gritou, agora chamando a atenção até das pessoas fora do restaurante.

— Acalme-se, *Milton* — o Professor Viana interveio, ainda com a voz diminuta. — Olha o escândalo. Os alunos estão assistindo.

O idoso mirou em volta e só então percebeu que todos ao seu redor olhavam para ele, assustados. Depois encarou Pedro e levou alguns segundos respirando fundo. E aproximando-se, sussurrou. — Acaba de arrumar um inimigo eterno, garoto. Um dia serei seu professor e garanto que sua vida será um verdadeiro inferno. Siga meu conselho e desista do curso agora.

— Ele não estuda aqui, senhor — Jorge proferiu inocentemente.

— Ah não? — a notícia causou uma expressão de surpresa e perversidade na face arredondada do velho docente. — Então, além de tudo, é mentiroso? Claro, alguém como você jamais teria a capacidade de entrar nessa universidade. E pelo visto, também gosta de andar em más companhias — ele olhou de Pedro para Jorge. O estudante ficou quieto e pareceu encolher-se diante do olhar ameaçador de seu professor mais odiado. — Bom, — continuou — nesse caso, outra pessoa terá de pagar por isso. Não é, Senhor Jorge?

De maneira desajeitada, o velho deu meia-volta e foi embora, porém os olhares impressionados de dezenas de estudantes continuaram a recair sobre os dois companheiros. Pedro não sabia se a expressão no rosto de todas aquelas pessoas era de admiração, reprovação ou simplesmente medo, mas tinha certeza de que acabara de fazer alguma coisa muito errada.

— Perdi a fome. *Vamos sair daqui!* — disse o estudante de geologia, colocando a bandeja de volta no balcão. O jovem fez o mesmo. A adrenalina também suprimira sua vontade de comer.

Ambos deixaram o recinto e caminharam até o ponto de ônibus onde haviam descido. Lá, esperaram em silêncio pela chegada do coletivo azul. A desolação no rosto do amigo era visível e Pedro não conseguia explicar o que aconteceu. Ele próprio não entendia como alguém foi capaz de fazer com que perdesse a calma por duas vezes em tão curto espaço de tempo.

— Sinto muito, Jorge — ele tomou coragem após sentar-se junto ao companheiro. — Não sabia que ele era seu professor.

— Mas o que aconteceu afinal? — o estudante ainda parecia atordado.

Pedro então explicou tudo o que ocorreu na biblioteca. Enfatizou o comportamento grosseiro do homem ao lidar com a atendente e contou, nos mínimos detalhes, a forma rude com que se dirigiu a ele por causa do livro.

— É... Esse é o Professor Velho — Jorge desabafou.

— Juro que não fiz de propósito. Não vi que ele estava atrás de nós.

— É claro que não. Eu sei.

Ambos se calaram enquanto o ônibus cruzava os portões de ferro, deixando o campus da UFMG pelo mesmo ponto em que entrou.

— Acha que ele pode fazer alguma coisa contra você? — Pedro perguntou.

— Bom... — Jorge respirou fundo. — Quando ele cisma com alguém, não precisa de motivo para perseguir a pessoa. E digo isso por experiência própria, porque ele nunca foi com a minha cara. A diferença agora é que vai ter uma razão para pegar no meu pé.

— Mas ele não pode fazer nada contra você, pode?

— Ele é o professor da pior matéria que faço este semestre. Tenho certeza de que fará de tudo para me reprovar. E isso não será muito difícil, porque já fui mal na primeira prova.

— Mas você é a pessoa mais estudiosa que conheço. É o melhor aluno da turma.

— Seria se não fossem os remédios — lamentou.

Pedro sentiu o pesar nas palavras do amigo, mas não tinha ideia do que falar para consolá-lo. Sabia que os medicamentos que ele tomava para manter a ansiedade sob controle não deixavam que virasse as noites estudando, algo que parecia ser fundamental para vencer na faculdade. — Ele não pode reprová-lo só por vingança!

— Não sei. Mas podemos esperar tudo daquele velho maluco.

— *Isso não é justo*. Tem que haver alguma coisa que possamos fazer.

— Sou apenas um aluno, Pedro. Comparado aos professores, não somos nada. Já ouvi casos de injúrias e grosserias envolvendo o Professor Velho e alguns estudantes antigos. Pelo menos uma dúzia deles já tentou abrir processo administrativo contra ele junto à universidade, mas nunca adiantou. Os professores são funcionários públicos e só sofrem penalidades em circunstâncias muito especiais. No fim, eles sempre vencem.

— É por isso que ele foi tão grosso com a moça da biblioteca — Pedro lembrou-se do rosto da pobre mulher.

— Tenho certeza de que a Betty já está acostumada. E ela é só uma estagiária, coitada. Provavelmente também conhece as histórias sobre ele e sabe que não pode enfrentá-lo.

— Que histórias?

— Bom, dizem que o Professor Velho já fez coisas muito piores do que maltratar alunos. Coisas que, se comprovadas, teriam provocado a demissão dele no passado. Parece que há cerca de dez anos, a universidade teve de investigá-lo e quase o exoneraram do cargo.

— Mas por quê?

— Pelo que sei, na época ele era diretor do Museu de História Natural da UFMG. Havia suspeitas de que roubou algumas peças antigas de lá para vender no mercado negro — Jorge esfregou o nariz, fungando, o rosto já quase em sua cor pálida normal. — Dizem que o caso provocou o maior rebuliço e então o afastaram temporariamente do cargo de chefia do órgão. Porém, como não acharam provas contra ele, a investigação acabou arquivada. E aquele velho se safou tão bem das acusações que, há pouco tempo, até voltou a assumir a diretoria do museu. Muita gente fala que ele já era rabugento antes desse fato ocorrer, mas parece que depois ficou muito pior. Alguns até acreditam que ele tenha ficado meio perturbado.

— Disso eu não duvido — Pedro sorriu, mas seu amigo continuou sério.

No ponto seguinte, deram sinal e desceram do ônibus. Debaixo do sol a pino do meio-dia, os dois seguiram para casa, desolados e famintos. Jorge não falou mais nada e o jovem achou melhor dar tempo ao companheiro. A visão da pequena igreja, já próxima ao prédio onde moravam, o fez se lembrar novamente do mistério da Cruz de Prata e dos problemas maiores que precisava resolver. O relógio estava contra eles...

* * *

Quase um mês se passou após aquela fatídica segunda-feira do início de setembro e agora, outubro trazia o avivamento das cores da primavera em comunhão com as primeiras chuvas do final de ano. Desde o desastre que ocorrera no Instituto de Geociências, Jorge passava cada vez mais tempo trancado no próprio quarto, estudando. Pedro tinha a impressão de que o amigo ficara um pouco chateado com ele, não sem razão, e assim evitava incomodá-lo. Mas conhecia bem seu colega de apartamento. Sabia que era uma pessoa introspectiva e, por isso, entendia e respeitava sua solidão autoimposta.

Jorge passava mais tempo na faculdade agora e, quase sempre, chegava em casa depois que o amigo saía para as aulas noturnas. Devido à falta de treinamentos pela manhã, Pedro não acordava tão cedo quanto antes, e quando retornava da escola, o estudante de geologia já havia se trancado no próprio quarto, quieto. Com tudo isso, não raras vezes, os dois ficavam dias sem se

encontrar e o jovem não tinha mais certeza se o colega andava tomando os remédios como devia.

E para piorar a constrangedora situação em que colocara Jorge, Pedro acabou descobrindo que sua jornada até a UFMG fora totalmente infrutífera. Depois de ler cada palavra dos trechos que julgara importante dentro dos livros da biblioteca do IGC, ele não encontrou nada que parecesse relevante. Nenhuma pista se quer capaz de ajudá-lo a desvendar o caso do assassinato de Flaviano, que aliás, provava ser mais difícil do que o esperado.

Após terminar de ler e reler sobre a Cruz de Prata no volume dos mitos da Estrada Real, aquilo não fazia mais o menor sentido. Jorge enfim o convencera de que tudo não passava de lenda e que o fato não tinha nada a ver com o tal amuleto sagrado que Paulista e Roger procuravam. Já os outros livros que falavam sobre Lagoa Santa também se mostraram igualmente inúteis, pois pouco acrescentaram à história. Eram apenas volumes técnicos tratando de aspectos geológicos e de achados paleontológicos da região, cheios de termos incompreensíveis para alguém que não fosse aluno pelo menos do segundo ou terceiro ano de geologia. *No fim, tudo isso só serviu para me fazer perder tempo*, Pedro concluiu com pesar. Mas ainda havia outra coisa que o deixava chateado consigo mesmo, além do episódio com o professor de Jorge e de sua infértil busca.

Já fazia tempo que ele não se preocupava em tentar desenvolver seus poderes de possuído. Aliás, conforme os dias passavam, tinha cada vez mais dúvidas de que realmente carregava algum tipo de poder especial que não fosse o de se meter em problemas. Mas o que podia fazer sem um treinador? Meditar? Jogar capoeira sozinho? Nada disso fazia sentido sem a orientação de Roger, e com ela soava ainda pior.

Aline também aparecia bem menos agora. A moça andava apertada, trabalhando muito mais do que o normal, fazendo horas extras por causa do início da temporada de Natal. Para o comércio, as festas de final de ano começavam dois ou três meses antes e essa era a época em que os consumidores estavam mais dispostos a gastar. Mas, sempre que podia, ela aparecia de surpresa no apartamento a fim de fazer o que Pedro não tinha coragem, invadir o quarto de Jorge para indagá-lo sobre a busca pelos colegas de Flaviano. E foi assim no fim de tarde daquela sexta-feira, dia sete de outubro.

— Ainda não tenho novidades! — o estudante gritou, revoltado pela incursão abrupta ao seu dormitório. — Quando descobrir alguma coisa, você será a primeira a saber.

— Já se passou mais de um mês. Não acha que já devia ter descoberto algo?
— Aline estava igualmente irritada.

— Já falei que não é fácil encontrar pistas. A faculdade particular em que Flaviano se formou não era muito renomada e ela faliu há vários anos, depois de ter a licença caçada pelo Ministério da Educação. Ninguém tem orgulho de dizer que estudou lá. É difícil achar essas pessoas. E, além disso, não tenho tempo para ficar pensando nisso o dia inteiro. Não é fácil fazer tudo sozinho.

— Sozinho? Mas foi você mesmo quem disse que não queria ajuda. Se não tivesse sido tão orgulhoso, não estaria fazendo "tudo sozinho".

— Eu não falei que não precisava de ajuda. Só disse que não devíamos envolver a sua amiga nisso.

— Pois tenho certeza que se tivéssemos pedido à Kátia, ela já teria descoberto alguma coisa.

— Vocês querem se acalmar, por favor! — Pedro interpelou, usando o próprio corpo para se colocar entre Jorge e Aline. — Brigar não resolve nada.

A garota então deu meia-volta e foi até a cozinha, bufando de raiva, enquanto o estudante sentou-se na cama com as mãos tapando o rosto. O jovem não sabia o que dizer ou fazer. *Preciso apaziguar as brigas dos dois*, ele compreendia. *Conflitos entre eles agora só tornarão as coisas piores*. Ambos eram donos de personalidades fortes e bem diferentes. Jorge era muito racional e fazia grande esforço para não perder a calma. Aline era a única capaz de tirá-lo do sério e sempre conseguia isso com muita facilidade. Com seu perfil emotivo e impulsivo, ela trazia a energia necessária para fazer as coisas saírem do estado de estagnação.

— Precisamos permanecer juntos — Pedro bradou em voz alta, para que Aline e Jorge pudessem ouvir.

Um silêncio pesado se seguiu ao seu comentário. Ele então caminhou até a cozinha e, lá, viu a garota sentada na cadeira que ele próprio ocupara há pouco. Jogados sobre a mesa, estavam os livros que trouxe da UFMG. Ela olhava para o teto, perdida em pensamentos, e Pedro percebeu algo de estranho em suas feições. Uma sombra encobria o corriqueiro brilho de seus olhos verdes.

— Aconteceu alguma coisa, Aline?

A moça desceu a cabeça e o encarou por alguns segundos sem dizer nada. — Acabo de vir da casa do Glauber. Ele me disse que, a partir de agora, treinaremos apenas uma vez por semana.

— Bom... Isso ainda é bem mais do que tenho treinado — ele tentou esboçar um sorriso.

— Ele falou também que isso é para que eu vá me acostumando, porque em breve ele não será mais meu treinador.

— Como assim?

— Isso é uma prática comum entre os possuídos. Aratama acha que não é

recomendável que tenhamos apenas um orientador durante toda a vida — Aline afastou algumas tranças de cabelo dos olhos. — Ele acredita que o desenvolvimento dos poderes só atinge o máximo depois de um treinamento variado. Jorge mesmo teve outro mestre antes do Glauber — sussurrou. — Mas ele foi o meu único treinador desde meus doze anos. Por que quer me abandonar justo agora?

Para Pedro, a resposta era óbvia. *Muito em breve, Paulista e Roger deixarão o grupo dos possuídos de Aratama e se unirão a outra ordem, a Liberdade Verde de Emanuel Seixas.* E esse parecia ser um triste indicativo de que estavam perto de alcançar seu objetivo. Entretanto, frente à aparente tristeza da amiga, ele guardou seus pensamentos para si.

Jorge, porém, não se conteve. — Devem estar próximos do amuleto — ele apareceu de súbito na porta da cozinha.

— E agora? O que vamos fazer? — Aline estava apática.

— Estamos ficando sem tempo e sem alternativas — disse o estudante de geologia. — Não podemos mais esperar por Mayra, Pedro. Temos que ir até Aratama. Ainda que não possa fazer nada, ele precisa saber o que está acontecendo. Logo será tarde demais.

O jovem então contemplou a tristeza e o desânimo no rosto de seus companheiros e assim, se deixou abater. A derrota parecia inevitável agora e ele não sabia mais que atitudes tomar. Durante semanas, não acharam sequer uma única pista que os guiasse até o colega de Flaviano, e muito provavelmente não encontrariam nada na *internet* ou naqueles livros. Olhou os volumes jogados na mesa e lamentou ter perdido tempo com eles. — No final, esses livros não adiantaram de nada — comentou.

— Você já leu tudo isso? — Aline pegou o compêndio de capa vermelha sobre a Estrada Real.

— Li e reli, mas não encontrei nada de importante.

Manuseando o volume, a garota olhou primeiro a frente, onde a inscrição solitária do título, "Lendas e Causos da Estrada Real", destacava-se em letras brancas. Depois, correu os olhos sobre a breve sinopse da contracapa, a qual o jovem também já tinha lido várias vezes. Por fim, abriu o livro e começou a olhar o texto escrito na pequena aba do interior da capa.

— E então, Pedro? — Jorge interrogou. Sabia que o amigo se referia a Aratama. Não havia saída agora. A promessa de não revelar o esconderijo secreto do Mestre não fazia mais sentido. Eles teriam de ir até lá...

— Jorge? — a voz de Aline interrompeu seus pensamentos. — Como você disse que se chamava a faculdade onde Flaviano estudou?

— Fátima de Menezes, em São Paulo — o estudante respondeu sem vacilar.

Trazia o nome na ponta da língua depois de tê-lo procurado muitas vezes na *internet*.

— Olhem isso! — ela exclamou, surpresa. — A autora deste livro também se formou lá.

Curioso, Pedro pegou o volume das mãos de Aline e leu o trecho do primeiro parágrafo, apontado por ela, descrevendo a curta biografia da escritora. "Marlúcia Tomáz cursou História pela *Faculdade Fátima de Menezes*, na Grande São Paulo. A presente obra, porém, é resultado de estudos realizados durante seu mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais"...

— É mesmo — disse Pedro. — Como não vi isso antes? E olhem só — ele passou o livro a Jorge. — Pela data de nascimento, ela pode ter sido contemporânea de Flaviano na faculdade. E ela estudou na UFMG também. Talvez ainda more aqui em Belo Horizonte. Talvez seja ela quem estejamos procurando.

— *Calma aí!* — interrompeu o estudante, fazendo frente ao ânimo momentâneo que tomara conta de Pedro. — Flaviano falou que procurava por "um colega" e não "uma colega". E, além disso, ela fez o curso de História, e não de Antropologia.

— Mas talvez ela o tenha conhecido — ele retrucou. — Ela pode conhecer alguém aqui em Belo Horizonte que estudou com ele.

— É possível — Aline se levantou, pensativa. — Deixem comigo. Vou ver o que descubro. E não venha me dizer o que fazer — ela se antecipou a Jorge quando ele ameaçou desferir-lhe uma crítica. — Dessa vez vai ser do meu jeito.

E antes que alguém dissesse qualquer outra coisa, a moça caminhou em direção à porta e deixou o apartamento, decidida como somente ela podia ser.

* * *

Levou quase duas semanas até que Pedro tivesse mais novidades sobre o caso de Flaviano. Era quinta-feira, dia vinte de outubro, seu aniversário de dezoito anos. Enfim, ele alcançava a maioridade, algo a ser bastante comemorado sem dúvida, não fosse o desânimo e a tensão que o acompanhavam agora, dia a dia. Estava tão preocupado com outros assuntos que nem sequer reportou a data a seus amigos, mas, na verdade, preferia mesmo que ninguém soubesse. Apenas Chico ligara para parabenizá-lo, e isso pouco contribuiu para levantar seu ânimo.

Naquele dia, ele mantinha sua regular rotina de estudos na parte da tarde. O final do ano letivo se encontrava perigosamente próximo agora e, a despeito de não estar deficiente em nenhuma matéria em especial, ainda tinha muito o que estudar antes da formatura. Pedro estava sozinho em casa, pois Jorge havia

viajado na véspera, em uma excursão de três dias pela faculdade até uma região vizinha à cidade de Diamantina. Quando a campainha do apartamento tocou, Aline subiu as escadas correndo. Era perto de quatro horas da tarde.

— O que foi, Aline? Você não devia estar trabalhando?

— Pedi para sair mais cedo — ela apertava o estômago, golfando o ar, quase sem fôlego.

— E por que a pressa?

— *Rápido!* Vá trocar de roupa. Quero que venha comigo.

— Agora? Para onde?

— Marquei um encontro com a autora daquele livro.

— Um encontro? Como assim?

— Não há tempo para explicar. Troque de roupa! Conversamos no caminho. Temos menos de quarenta minutos.

Surpreso, mas empolgado com a possibilidade de encontrar respostas, Pedro foi até o quarto, vestiu calça comprida e calçou o velho par de tênis. Em pouco mais de dois minutos estava de volta à sala, onde a moça negra o esperava de pé, próxima à janela. Juntos eles correram escada abaixo e entraram no carro dela, saindo em disparada pelas ruas do bairro. No caminho ela explicara que sua amiga, Kátia, ajudou a conseguir o número de telefone da casa da mulher. Aline então ligou, dizendo ser jornalista, e inventou que fazia uma reportagem investigativa sobre mortes misteriosas ocorridas na região de Lagoa Santa. A desculpa dada para o encontro era que queria fazer um levantamento histórico dos estranhos casos que aconteceram no município, que iam desde os desaparecidos na grande lagoa em busca da cruz de prata, até o obscuro assassinato de um homem atacado por uma onça.

Eles deveriam encontrar a mulher na cafeteria de um *Shopping Center* no centro da cidade em menos de trinta minutos e, por isso, precisavam correr. Aline era excelente motorista e conhecia muito bem as confusas e sinuosas ruas da maior parte da capital. O trânsito era mais tranquilo àquela hora e eles logo chegaram ao destino. E após deixarem o carro no estacionamento, adentraram o enorme estabelecimento. Já na portaria principal, o ar fresco e frio encheu-lhes os pulmões com o cheiro característico das lojas de perfumes e roupas, e a quantidade de cores e luzes nas vitraças causava intenso estímulo visual. O natal já batia a porta dos comércios e a imagem do bom velhinho se destacava em cada canto, em cada vitrine do prédio. Era dia útil, porém um grande número de pessoas transitava pelos largos corredores carregando sacolas de compras dos mais variados tamanhos. Aquele era território comum para Aline e, apesar de não ser o mesmo *shopping* onde trabalhava, ela parecia conhecer o lugar como a palma da própria mão.

Em pouco tempo acessaram o terceiro andar usando uma escada rolante e cobriram cerca de duzentos metros até uma loja ampla, com vidraças elevadas e abarrotadas de miniaturas de super-heróis, jogos de tabuleiro e revistas. Para a surpresa de Pedro, aquela não era uma cafeteria comum, mas sim uma enorme livraria, cheia de estantes com livros novos, artigos variados e acessórios de informática. Havia uma lanchonete bem no fundo do estabelecimento e era necessário cruzar mais de vinte fileiras de prateleiras para atingi-la. Atrás de uma bancada de madeira, duas mulheres serviam aos clientes café e uma quantidade variada de salgados, pães e outras bebidas. Ao redor do balcão havia uma série de sofás de um só lugar, bem confortáveis, e três ou quatro deles circundavam pequenas mesas arredondadas. Ali, Pedro percebeu, algumas pessoas liam enquanto bebericavam e comiam tranquilamente.

— E então, como ela é? — ele quis saber.

— Não sei — respondeu Aline, ajustando os óculos escuros para prender as tranças que lhe caíam sobre a testa. — Acho que ela ainda não chegou. Veja o relógio ali na parede. Estamos sete minutos adiantados. *Venha*. Vamos nos sentar e esperar.

E então os dois aguardaram, mas não por muito tempo, porque logo uma jovem senhora, na casa dos quarenta e poucos anos, entrou na livraria e caminhou até eles. Tinha cabelos pretos e ondulados que desciam até a altura do pescoço. A pele era clara e o rosto carregado de maquiagem, mas beirando a discrição. Era magra, porém seu vestido negro era largo na cintura e dava-lhe uma distinção de pessoa mais velha. Carregava uma bolsa enorme nos ombros e ostentava brincos dourados e aliança de brilhantes no dedo anelar da mão esquerda. Quando chegou próxima ao balcão, pediu algo à garçonete.

— Senhora Marlúcia? — disse Aline, aproximando-se com um sorriso estampado nos lábios. Pedro a seguiu de perto.

— Sim?

— Sou Kátia, a jornalista — a garota mentiu.

— Hum... Como vai? — cumprimentou a mulher, exibindo uma simpatia discreta.

— Vou bem. Muito obrigada por ter vindo me encontrar.

— De nada, querida. De nada... E esse rapaz, quem é?

— Ah, esse é o Afonso. Ele é um de nossos estagiários lá na revista. Quando soube que vinha ver a senhora, fez questão de me acompanhar. Ele adorou o seu livro.

Pego de surpresa, Pedro vasculhou a mente tentando descobrir de onde sua amiga tirara tal nome, mas não houve tempo para terminar.

— É mesmo? Que bom saber disso — disse a escritora, agora sim com um

verdadeiro sorriso de satisfação. — Mas, por favor, não precisa me tratar por senhora. Ainda sou muito jovem para essas formalidades. Podem me chamar apenas de Marlúcia.

— É claro... Marlúcia — corrigiu Aline. — Podemos nos sentar?

Então os três se acomodaram em um conjunto de quatro sofás centrados por uma das mesas pequenas e redondas do salão.

— Espero que esta conversa seja rápida — a mulher colocou a xícara de café na mesinha com delicadeza. — Tenho hora marcada na manicure daqui trinta minutos. E então, em que posso ajudá-los?

— Bem, Marlúcia — começou Aline. — Como lhe adiantei por telefone, estou fazendo uma investigação sobre mortes misteriosas ocorridas na cidade de Lagoa Santa ao longo do tempo. Foi o Afonso aqui quem me disse que a senhora é especialista em lendas da região e que estudou alguns dos casos que aconteceram lá.

— Sim, é verdade. Há dez anos, logo depois que me casei, vim morar em Belo Horizonte e fiz mestrado no Departamento de História da UFMG. Minha dissertação foi sobre a influência dos mitos antigos nas populações que viviam ao redor da Estrada Real. Mas sabem... — ela cruzou as pernas e ajeitou-se melhor no encosto. — Não há muita coisa que eu possa dizer sobre Lagoa Santa. E pelo que sei, essa cidade não tem tantos casos de mortes estranhas assim, como você diz.

Aline pareceu desconcertada com a resposta.

— Mas e quanto à lenda da *Cruz de Prata*? — Pedro perguntou. Sentiu que o encontro não começara bem.

— É uma estória interessante... Algumas pessoas morreram e foi só isso. Pesquisei muito sobre o assunto e não sei de outros casos que tenham acontecido naquela cidade.

— Houve um caso recente de ataque de animais selvagens lá — disse Aline cautelosamente. — Não sei se a senhora... quero dizer, você, ficou sabendo. Parece que um homem morreu depois que uma onça o atacou.

— Sim, eu soube... — retrucou a mulher, antes de beber o café. Pedro notou que ela parecia desconfiada de algo, pois suas sobancelhas se ergueram ao ouvir sobre o caso de Flaviano. — Mas para mim, isso não tem nada de estranho, querida. Sabia que muitos fazendeiros têm o péssimo hábito de criar animais selvagens em suas propriedades? Com certeza, algum leão ou tigre deve ter escapado e atacado aquele pobre infeliz.

— *Hum!* A senhora fala como se o conhecesse — Aline arriscou.

— Por que você diz isso? — indagou a historiadora. Um olhar de espanto percorreu o rosto dela, mas logo se desfez em outro cheio de desconfiança.

— Porque vocês estudaram na mesma faculdade e na mesma época — disse a garota em voz baixa, os olhos verdes inflamados fitando os da mulher.

Ela terminou de beber o café e pôs as duas mãos sobre os braços da poltrona. — Bem, chega desse teatro. Você não me chamou aqui para falar da minha pesquisa, não é? Nem sequer é mesmo jornalista. Liguei na revista para perguntar como era a tal Kátia e você não se parece nada com ela.

O coração de Pedro gelou ao perceber que ela desvendara a mentira.

Aline, por outro lado, não demonstrou abalar-se com isso. — Vejo que é uma pessoa inteligente, Senhora Marlúcia. De fato, nós mentimos. Não somos da imprensa e não viemos atrás das lendas sobre Lagoa Santa. Na verdade, estamos investigando o caso da morte de *Flaviano Guimarães*.

— Foi o que imaginei...

— Peço desculpas por isso, mas é que precisamos de sua ajuda.

— E por que acha que posso ajudá-los nisso? — a mulher devolveu, defensiva.

Aline não respondeu. Ficou muda e seu olhar se perdeu temporariamente em outra direção. Marlúcia aguardou a resposta, calma, e Pedro se viu obrigado a dizer alguma coisa.

— Flaviano estava procurando por um colega da faculdade aqui em Belo Horizonte.

Suas palavras foram suficientes para trazer a garota de volta, que pareceu surpresa com o que acabara de ouvir.

A escritora também se sobressaltou. — E como sabem disso? Por acaso, são da polícia?

— A polícia não acredita que Flaviano foi assassinado — Aline continuou. — Mas nós sim. Temos indícios de que ele estava a caminho de Belo Horizonte para se encontrar com um velho conhecido. Um amigo da faculdade.

— Pensei que ele havia sido sequestrado.

— E foi. Mas não acharam o cativo. Por isso deram o caso por encerrado. Porém, acreditamos que ele foi mesmo assassinado. Estamos tentando provar isso — disse Aline. A presença de espírito da garota era tão forte que até Pedro sentiu-se compelido a crer na história. Os enormes olhos verdes dela, penetrantes e intrusivos, pareciam capazes de convencer qualquer um de qualquer coisa. Mas a mulher resistiu.

— Lamento, — ela pôs a bolsa no ombro — mas se não são da polícia e nem da imprensa, então não temos nada para conversar.

— *Marlúcia!* — Aline segurou a mão direita da escritora apoiada sobre a cadeira. — Uma pessoa morreu. Sabemos que foi assassinada e precisamos descobrir o culpado. Qualquer coisa que puder nos dizer pode ajudar. Por favor,

se souber de algo, nos diga.

A mulher pensou durante um breve instante, incerta, correndo o olhar entre seus dois interlocutores. — Vocês são investigadores particulares?

— Isso... — Aline confirmou. — Somos investigadores particulares.

Mais alguns segundos de relutância.

— Está bem... Eu conhecia Flaviano sim. Ele era colega do meu irmão mais novo, Marlon. Os dois fizeram o curso de antropologia juntos. Mas nem ele e nem eu sabemos nada sobre esse caso.

— E não há mais ninguém aqui em BH que tenha estudado com eles?

— Não sei... Mas tenho algo aqui que talvez possa ser útil — disse ela, enfiando a mão dentro da própria bolsa. — Mas antes de entregar, preciso ter certeza de que o meu nome não irá aparecer em nenhum lugar. Meu marido é uma pessoa pública e não quero nossos nomes envolvidos em escândalos.

— Está certo...

— E prometam que nunca mais irão me procurar — Marlúcia sussurrou.

— A senhora tem a nossa palavra — disse Aline com firmeza.

A mulher hesitou e, só depois de olhar duas vezes em volta, retirou algo da bolsa. Parecia um envelope comum, envolto em uma capa de plástico fina e transparente. A garota dos olhos verdes pegou o objeto e o extraiu de dentro do invólucro. Pedro viu que se tratava de uma espécie de convite, um folheto de poucas páginas, preto-e-branco, preso por uma fita dourada. O papel estava amarelado e um pouco amassado, mas o documento era bem conservado. Tinha mais de dez anos, com certeza.

— Encontrei isso há alguns meses, depois que fiquei sabendo da morte desse homem. É o convite de formatura do meu irmão. Desconfiei que iriam querer falar do caso, por isso o trouxe. Se olharem aí dentro, verão o nome do morto.

Logo nas primeiras páginas, o encarte trazia uma lista de nomes dos formandos, dispostos em ordem alfabética em duas colunas. Eram cerca de quarenta ao todo, com vinte de cada lado. O de Flaviano figurava entre os últimos da faixa à esquerda, e o do irmão de Marlúcia, Marlon Tomáz, era o primeiro da direita. Na página seguinte havia seções de agradecimento com outros nomes de professores e servidores da antiga escola.

— O seu irmão era amigo dele? — Aline quis saber.

— Não. Flaviano não era muito popular. Na verdade, parece que ele só tinha um único amigo. Este aqui — Marlúcia então apontou para um dos primeiros na lista de formandos, *Cláudio Aragão de Lima*. — Os dois se davam bem, mas os outros alunos os odiavam. Meu irmão contou que eles eram bastante inteligentes, mas viviam isolados. Eram considerados os *queridinhos* da sala. Tiravam sempre as melhores notas e a maioria dos professores os adoravam. Eu me lembro bem

na formatura, quando escolheram Flaviano para proferir o discurso de agradecimento para o paraninfo da turma. Meu irmão o odiava por isso. Coisas de jovens...

Pedro então fora novamente tomado por uma estranha sensação de familiaridade. *Esse nome, Cláudio Aragão de Lima, já apareceu antes, em algum lugar. Mas onde?* E se ele era o único amigo de Flaviano, seria a pessoa por quem a vítima procurava em Belo Horizonte?

— Esse Cláudio — Aline mirava o papel. — Onde ele está agora?

— Isso eu não sei. E posso garantir que meu irmão também não sabe. Ele não manteve contato com ninguém de sua antiga turma. Há dois anos vive na Europa e só ficou sabendo da morte de Flaviano por mim.

— E você sabe se alguém dessa lista mora ou já morou aqui em Belo Horizonte? — Pedro quis saber.

— Não. Não conheço ninguém. Há mais ou menos um mês a polícia me procurou, indagando sobre ex-colegas de Flaviano na faculdade. Achavam que poderia haver envolvimento de algum deles no sequestro. Eu disse que não sabia de nada. E realmente não sabia. Só depois disso me lembrei do convite que tinha guardado.

— E por que não entregou isto à polícia? — Aline exibia o papel.

— Bom... Tive um pouco de receio em envolver o nome do meu irmão nisso. No terceiro ano da faculdade ele e Flaviano tiveram uma briga feia. Nem lembro o motivo. Só sei que ambos saíram bem machucados e juraram vingança um ao outro. Mas isso já faz muito tempo.

— E você não tem medo agora?

— Não. Sei que o Marlon não tem nada a haver com o caso. E já que a polícia arquivou a investigação, acho que não vão querer mais isso. Podem ficar com ele. Se ajudar a desvendar a morte daquele pobre sujeito, ficarei satisfeita.

— Muito obrigada, Marlúcia.

— Bom, espero não vê-los de novo — a mulher se levantou da poltrona e colocou a bolsa de volta sobre o ombro. — Sinceramente desejo que resolvam o caso. Mas como falei, acredito que tudo seja apenas coincidência mesmo. Conto com a discrição de vocês.

— Não se preocupe com isso — disse Aline sem se levantar. — Obrigada pelo seu tempo.

— Senhora Marlúcia? — Pedro chamou, antes que a mulher se afastasse. — Uma última coisa.

— Pois não!

— Com relação à Cruz de Prata... — ele gaguejou. — Hã... acredita que ela realmente existiu? Quero dizer... aquelas lendas?

— Bem... No fundo, eu não acho que sejam verdadeiras, embora goste de pensar que nem tudo seja mentira nesses mitos. A cruz até pode ter existido, mas não achei quaisquer indícios disso em minhas pesquisas.

— Só mais uma pergunta — ele continuou. — Supondo que ela tenha existido. Se alguém a encontrasse,... que tipo de benefícios teria? O que a cruz tinha de tão especial?

Ela ajeitou o vestido. — Bem... As lendas diziam muitas coisas diferentes. Poderes de cura, benção divina, proteção contra o mal. Não tenho certeza. Certo mesmo era apenas a busca por riquezas. A prata era bem valiosa naqueles tempos. Bem mais do que hoje. Sem dúvida, uma grande cruz feita inteiramente desse metal faria qualquer homem da época bastante rico. Mas por que a pergunta?

— Por nada. É que realmente gostei muito do seu livro — ele inventou.

A mulher então foi embora calada, levando um olhar de desconfiança consigo. Pedro mirou uma vez mais o convite e ficou encarando o nome do amigo de Flaviano na tentativa de se lembrar onde o tinha visto antes.

— Tem algo familiar nesse nome — comentou em voz baixa. Aline não lhe deu atenção. Ela olhava fixamente em direção à cafeteria. — Cláudio. Tenho certeza de que já vi isso em algum lugar.

— *Venha!* — disse a garota de repente. — Temos que ir embora daqui agora.

Ela então se levantou, tomou o convite das mãos de Pedro e, guardando-o na bolsa, caminhou em direção à saída.

— O que foi? — ele indagou, mas a moça respondeu apenas puxando-lhe pelo braço.

Rapidamente os dois deixaram a livraria e caminharam até as escadas. Aline não quis esperar que os degraus rolantes os levassem até o piso inferior e começou a saltar um a um até atingirem o último.

— Por que a pressa, Aline?

— Não olhe para trás — ela murmurou. — Estamos sendo seguidos!

P_{ARTE} III

O SACRIFÍCIO

Três viajantes

O coração de Pedro gelou ao ouvir aquelas palavras.

— Temos que sair daqui — Aline o empurrava para frente. — *Por aqui!*

Eles então saíram do corredor principal, cruzando uma passagem menor, até atingirem outra seção do prédio igualmente cheia de gente. Era o ponto onde se aglomeravam as grandes lojas de eletrodomésticos e eletrônicos, cujas vendas explodiam durante o natal. Os estabelecimentos estavam cheios e cartazes de liquidações saltavam por todos os lados. Aline então conduziu Pedro até uma vitrine com enormes televisores de última geração, exibindo belas imagens em alta-definição de florestas tomadas de borboletas, cavalos correndo na praia e savanas com bandos de elefantes.

— Por que paramos aqui? — ele perguntou.

— Olhe... — ela apontou o aparelho de tevê na vitrine, como se tivesse interesse em comprá-lo. — Vê o sujeito careca e de jaqueta preta bem ali? Estava nos vigiando na cafeteria. Agora está atrás de nós.

Pedro procurou no reflexo ao longo do vidro e viu, parado em frente a loja de instrumentos musicais, o homem claro de cabeça raspada, casaco negro e calças jeans. Seu rosto, de perfil, pousava oculto por um grande par de óculos escuros.

— Quem é?

— Não sei, mas é melhor despistá-lo. *Venha!*

A garota se apressou ao longo do corredor, seguida de perto pelo jovem. Ao passarem por um segurança do *shopping*, ele pensou em parar e pedir ajuda, mas Aline não permitiu que sequer diminuíssem o passo. O rosto dela estava tenso e seus olhos exploravam concentrados o caminho à frente.

— *Por aqui!* — ela virou abruptamente em uma estreita passagem de paredes azul-escuras, onde a placa indicava a direção dos banheiros.

Depois, passaram direto pelas entradas dos *toilettes* e transpuseram em fuga o restante do corredor até saírem do outro lado. Estavam agora na praça de alimentação, local em que se concentravam as lanchonetes, *pizzarias* e restaurantes do segundo andar. Ali a densidade de gente parecia maior e quase não se podia encontrar uma cadeira vazia dentre as dezenas de mesas dispostas no centro do grande salão. Tendo adentrado por um acesso lateral, os dois passaram pelas muitas pessoas sentadas ou de pé nas filas dos caixas e correram em direção à entrada principal. Mas antes de alcançá-la, Pedro viu a figura

magra e careca surgir entre a multidão. Ele mirava os fugitivos enquanto parecia dar instruções em algum tipo de rádio comunicador.

Aline também percebeu, porque instantaneamente mudou de planos, puxando o amigo no sentido oposto, para os fundos do salão. Pretendia retomar o corredor de onde tinham vindo, mas desistiu ao ver que outros dois homens truculentos e vestidos de maneira discreta avançavam pela passagem em direção a eles. *Agora estamos presos em uma armadilha*, Pedro se deu conta.

A garota dos olhos de esmeralda então entrou na primeira porta que apareceu à frente. Era clara e com uma janela de vidro redonda bem no centro. Súbito, uma onda de calor e umidade os envolveu e, durante alguns poucos segundos, não foi possível enxergar nada além da nuvem branca e opaca de vapor. O lugar era estreito, cheio de prateleiras e gabinetes metálicos, e havia pilhas de pratos e bandejas espalhadas por todos os lados.

— *Ei!* Vocês não podem entrar aqui — gritou um homem pequeno, todo vestido de branco.

Aline o ignorou e seguiu pela passagem apertada. Sons de panelas caindo logo atrás deles indicavam que mais gente tinha invadido o recinto. Avançando em desespero, os jovens saíram em outra portinhola, que culminava em um corredor escuro. As paredes ali eram azuis como as do caminho dos banheiros, mas sem dúvida não era o mesmo lugar. Agora havia muitas portas e janelas, de onde brotavam fumaças de fritura e mais vapor. E a única pessoa que viram, uma mulher empurrando um carrinho de limpeza, não pareceu se importar com a presença deles.

Cruzaram outra portinhola e embocaram em uma segunda cozinha, essa vazia. Mas em vez de correrem para a saída, Pedro teve a iniciativa de puxar a amiga para trás de uma bancada metálica cheia de pratos e talheres sujos. Passou-lhe pela cabeça que a fuga com certeza seria infrutífera, porém talvez tivessem uma chance se ficassem escondidos. Fez sinal para que Aline pousasse quieta. Seu coração estava a mil por hora. Poucos segundos depois, viram a sombra de um homem cruzar o cômodo e flanquear a próxima porta, desaparecendo através dela. Ninguém o seguiu.

— Estamos cercados — Pedro sussurrou.

— Não podemos ficar aqui. Vamos voltar e tentar outra entrada.

— *Não, Aline...*

A garota puxou-o de novo para fora da cozinha e escolheu outra passagem no corredor de forma aleatória. Uma segunda porta maior logo à esquerda tinha um letreiro com a palavra "escadas" estampando a placa metálica sobre a madeira. Luzes de emergência se acenderam quando os dois se meteram pelos degraus a caminho do subsolo. E para a feliz surpresa do rapaz, a transposição do último

portão os levou direto ao estacionamento. Não estavam muito longe do carro de Aline depois que contornaram um grande pátio de entregas. E após entrarem no veículo, ela saiu acelerada até chegarem às guaritas de saída do *shopping*.

— Não pagamos o *ticket* de estacionamento — Pedro segurava com força a alça da porta. — Como vamos sair?

— *Deixa comigo!*

A moça dirigiu para a única cancela ocupada das três que haviam e encostou logo atrás de um automóvel vermelho fosco. A mulher que depositava o cartão no painel eletrônico falava ao celular, e nem percebeu quando um veículo a seguiu de perto assim que a armação metálica se levantou. Pelo retrovisor, Pedro viu o braço se fechar a milímetros da traseira do carro de sua amiga. Incrédulo com o que ela havia feito, teve um momentâneo alívio logo que foram novamente banhados pela luz do sol, mas o sentimento durou pouco.

Talvez fosse o medo ou a adrenalina que corraera seu corpo, mas ao olhar para trás, pensou ter visto a imagem de um de seus seguidores já na rua, perdendo-se à medida que Aline acelerava.

* * *

— Mas quem eram eles? — Jorge perguntou. Conforme esperado, ele pareceu profundamente assustado com a história da perseguição no *shopping* contada por Pedro no dia seguinte. Agora, na sala do pequeno apartamento, o estudante de geologia olhava o velho convite de formatura de Flaviano em suas mãos.

— Não sabemos — Aline respondeu. — Tive tempo de olhar para um deles enquanto conversávamos com a autora daquele livro, mas não era familiar. Era um sujeito esquisito, cheio de cicatrizes na cara.

— Creio que a pergunta mais importante agora não é quem eram eles, — Pedro completou — mas sim, por que estavam atrás de nós?

Jorge o encarou, pensativo. — Hum, talvez não estivessem atrás de vocês. Talvez estivessem atrás disso — ele estendeu a mão com o convite.

— Não sei não — Aline rebateu, afagando as trancinhas dos cabelos. — Não tenho muita certeza, mas acho que ele chegou lá antes da Marlúcia. Algo me diz que estavam mesmo atrás de nós desde o princípio.

— Talvez estivesse espionando a mulher e resolveu esperar lá, sabendo que vocês tinham marcado um encontro — Jorge conjecturou.

— Pode ser... Mas seja como for, uma coisa é certa. Precisamos tomar o máximo de cuidado a partir de agora. Não sabemos com que tipo de gente estamos lidando e nem do que são capazes.

— Engraçado... — Pedro se lembrou de um detalhe. — Mayra me pediu para

ser cuidadoso ao andar pelas ruas na última vez que a vi. Ela parecia realmente preocupada com alguma coisa. O que será que estava tentando me dizer? E onde estará ela agora?

— Nós não podemos contar com ela, Pedro. Aline tem razão. Precisamos ter o máximo de cautela daqui para frente.

— Por acaso, vocês dois estão querendo desistir do caso? — o jovem ficou indignado.

— Não... — Jorge pareceu relutante. Coçou a bochecha esquerda, mirando o teto. — Pelo contrário. Somos a última defesa de Aratama agora. E se alguém estiver nos perseguindo mesmo, podemos estar muito perto da verdade.

— Você acha que Paulista pôs esse estranho para nos seguir? — Pedro perguntou.

Aline, por sua vez, não se manifestou, mas ficou atentamente esperando a resposta do estudante.

— Acho que não. Se ele estivesse desconfiado de nós, creio que já saberíamos. Não. Temo que haja mais alguém, além dele, atrás desse amuleto sagrado. E é por isso que precisamos ser cautelosos.

— Concordo — disse Aline. — Nada pode ser pior do que o risco que já corremos até o momento. Mas valeu a pena, porque agora temos a lista completa com os nomes dos colegas de faculdade de Flaviano.

Jorge então voltou a encarar o papel em suas mãos. — Essa mulher. Marlúcia. Ela não conhece ninguém nesse convite que já tenha morado aqui em Belo Horizonte?

— Ela disse que não — Pedro respondeu. — E falou também que Flaviano não era uma pessoa muito sociável. Ele só tinha um amigo na faculdade — apontou o nome de Cláudio no papel. — Tenho certeza de que já vi isso em algum lugar.

Jorge o leu apenas por uma fração de segundo, antes de erguer a cabeça com uma expressão animada. — Conheço esse sujeito. Sei onde foi que você o viu.

— Onde? — Pedro e Aline perguntaram quase simultaneamente.

— *Na lista de pessoas atacadas por onças!*

O jovem ficou admirado com a resposta. Ele próprio tinha lido o inventário um milhão de vezes, mas ainda sim não se lembrava de nenhum Cláudio. Mas Jorge com certeza estava certo. Correu então até o quarto e pegou da gaveta as três folhas de papel que Aline havia lhe entregado tempos atrás. Uma delas continha a lista com menos de cinquenta pessoas, dispostos em duas colunas, assim como no convite de formatura de Flaviano. Aqui, porém, os nomes encontravam-se ordenados não de maneira alfabética, mas pelas datas das mortes impressas ao lado. Logo abaixo ficava a localidade onde o ataque tinha ocorrido.

E lá, entre os últimos dez registros, figurava o de *Cláudio A. de Lima*, morto há cerca de sete anos na cidade de Manaus, Amazonas.

— Você estava certo, Jorge — disse ele ao retornar para a sala.

— Eu sabia. Procurei esses nomes várias vezes na *internet* e acabei decorando toda a lista. Não encontrei esse, porque não sabia o significado do A.

— Agora sabemos. *Aragão...*

— Quer dizer que Cláudio, o melhor amigo de Flaviano, também morreu atacado por uma onça — Aline parecia em estado de choque.

— *Isso mesmo!* — o estudante de geologia anuiu. — E vejam só a data da morte. Bate exatamente com a época do sumiço de Flaviano, sete anos atrás.

Dessa vez foi Jorge quem deixou a sala, retornando segundos depois com seu computador portátil ligado. Após uma rápida busca pela *internet*, achou o que procurava.

— *Aqui está!* "Cláudio Aragão de Lima, formado em Antropologia"... Hum, no currículo não diz o nome da faculdade. Foi por isso que não o encontrei antes. "Atualmente", isso quer dizer sete anos atrás, "é técnico do Museu de História Indígena do Núcleo da FUNAI em Manaus". Ele também trabalhava com *artefatos indígenas!*

Jorge mirava a tela do computador com expressão intrigante. Pedro podia ver em seus olhos castanhos que o amigo conseguia enxergar mais coisas naquela delicada teia de fatos do que parecia haver realmente.

Aline deve ter percebido o mesmo. — Está bem! Mas o que tudo isso significa?

— Será que vocês não conseguem ver? — Jorge tinha um leve tom de arrogância na voz. — Flaviano e Cláudio eram amigos na faculdade. Os únicos um para o outro. Provavelmente ambos gostavam das mesmas coisas. E os dois foram trabalhar em centros de pesquisa relacionados a artefatos indígenas. De alguma forma, acharam um objeto sagrado poderoso e, por isso, alguém os matou.

— Bom, pode ser — Pedro relutou. — Mas eles moravam em lugares muito distantes. Flaviano estava em São Paulo e Cláudio, lá no Amazonas.

— Não quis dizer que encontraram o amuleto juntos — Jorge parecia empolgado. — Acho que a história é bem fácil de explicar agora. Sigam o meu raciocínio. Cláudio trabalhava em um centro de pesquisas indígenas em Manaus, no meio da Floresta Amazônica. Pela conversa que você ouviu entre Paulista e Roger, ambos estão atrás de um objeto sagrado pertencente aos Itaguaçu, um povo extinto há muitos anos. Cláudio certamente teve acesso a diversos artefatos antigos de várias tribos, incluindo os próprios Itaguaçu. Ele deve ter encontrado o amuleto.

— E como Flaviano entra nisso? — Aline semicerrou os lábios.

— Bom. É provável que Cláudio descobriu que tinha algo valioso nas mãos, ou talvez precisasse de equipamentos mais sofisticados para fazer algum tipo de análise no objeto — Jorge segurou o dedo indicador da mão esquerda. — Deve ter enviado o amuleto sagrado à única pessoa em quem confiava: seu amigo de faculdade. E após ter feito isso, morreu em circunstâncias misteriosas. Flaviano recebeu o objeto — apertou o dedo médio — e ele também devia saber que se tratava de algo valioso. E se Cláudio estivesse sendo ameaçado por causa disso, ele saberia. Tanto que deve ter fugido logo depois que soube da morte de seu melhor amigo. Foi por isso que Flaviano sumiu por seis anos, até ressurgir quase um ano atrás — segurou o anelar. — Só que antes de desaparecer... ele enviou o amuleto sagrado para alguém aqui em Belo Horizonte.

Segundos de silêncio se sobrepujaram ao comentário.

— Acho que foi um pouco longe demais nas suas adivinhações — a moça debochou.

— Adivinhações? Eu não estou adivinhando nada. Apenas usei de Lógica Dedutiva...

— Como *Sherlock Holmes*? — ela desdenhou.

Jorge não rebateu dessa vez.

— Os fatos se encaixam, Aline — disse Pedro.

— É claro que sim — o estudante tinha o orgulho estampado na face.

— Mas e daí? Em que isso tudo nos ajuda? — perguntou ela, de novo expressando algo que o jovem já tinha pensado.

— Bem... — Jorge hesitou por alguns instantes. — Ainda não sei. Mas é importante entendermos essas pistas. Acho que nossas suspeitas estavam corretas. Estamos lidando com algo muito maior e mais perigoso do que imaginávamos.

Todos ficaram em silêncio. Mas Pedro, com a cabeça mil por hora, dessa vez não foi capaz de conter seus piores pensamentos. — Agora sabemos que Roger matou mais gente além de Flaviano e do meu pai.

Aline e Jorge se viraram para encará-lo. Ambos carregavam expressões de pesar.

— Por que Aratama fez isso comigo? Por que mandou aquele infeliz ser o meu treinador em vez de Mayra?

— Paulista também o enganou, Pedro — disse o estudante.

— Eu confiei no Roger. Achei que era meu amigo. Ainda não consigo acreditar que seja um traidor...

— O que faremos agora? — indagou a garota.

— Bem... Temos essa lista com nomes de pessoas que estudaram com

Flaviano na faculdade — Jorge apertou o papel. — Sem dúvida, é uma pista valiosa. Vou cruzá-la com os registros de mortes por ataques de onças para ver se surgem outras vítimas. Mas acho que o mais importante agora é tentar encontrar alguém nesse convite que viva ou que já tenha vivido aqui em Belo Horizonte, ou nas proximidades. Se existir uma pessoa a quem Flaviano possa ter confiado o amuleto sagrado, então seu nome tem que estar nessa lista.

De repente, o telefone celular de Pedro tocou, exibindo um número desconhecido. Ele atendeu, na esperança de que fosse Chico, seu velho pai adotivo, ou Mayra, que há tempos não mandava notícias. Mas não era nenhum dos dois, e sim a voz grave e agitada de Paulista.

— Pedro. Quero que vá ao Parque Municipal amanhã cedo. Por favor, esteja lá as oito. *E vá sozinho!* Adeus...

— Era o doutor — encarou os olhares curiosos de seus companheiros após o fim da ligação. — Quer que eu vá até o parque amanhã de manhã, sozinho.

— E para quê? — perguntou Aline.

— Não sei. Ele não falou nada. Será que suspeita de alguma coisa?

— Talvez seja bom nós irmos com você — Jorge coçou o queixo barbado.

— Não. É melhor não. Isso certamente o deixaria desconfiado. Irei sozinho!

Ninguém mais discutiu a questão. Pedro mostrara-se irredutível em relação a sua decisão, mas no fundo, sentia medo. E tinha um péssimo pressentimento.

* * *

Pedro chegou ao parque no dia seguinte e no horário marcado. Era manhã de sábado e, como de costume, muita gente transitava pelos passeios da grande avenida do centro, agora tomados por trabalhadores do serviço de limpeza urbana. Poucas pessoas, porém, se permitiam apreciar o verde das árvores e o cheiro das flores da reserva àquela hora. Caminhou lentamente, pé após pé, até o lugar onde costumava se encontrar com Roger. Estava com o coração na mão.

Durante o trajeto, algo chamou sua atenção. Era um pequeno vulto negro, menor do que um gato, parado no meio da grama sob a sombra de um banco. Tinha o corpo todo peludo e olhos brancos esbugalhados que o encaravam com curiosidade. Pedro não identificou o que era até caminhar um pouco mais. A criatura o acompanhou com agilidade, escondendo-se atrás de uma árvore. Subiu pelo tronco e se mostrou completamente. Era um macaco, um *mico-saguí* como os mineiros o chamavam. Tinha uma mancha clara na testa e pelos brancos nas orelhas, e o corpo era rajado em tons marrons e pretos. *Estamos ambos com medo*, Pedro pensou.

Seguiu caminhando, tenso pela expectativa de sua chegada. Curioso com

alguma coisa, o pequeno animal saltou ao solo e continuou seguindo-o por dezenas de metros, até chegarem ao ponto crucial. O jovem esperava ver o médico parado ali, como da outra vez, aguardando por ele, alto e ereto enquanto consumia um cigarro, mas não foi o que aconteceu. Fora o mico, trepado agora no galho mais elevado de uma sapucaia a observá-lo, não havia nenhum ser vivo nas imediações. Mesmo seu amigo mendigo parecia ausente, pois um silêncio capital dominava o interior de sua modesta casa de sucata.

A construção aumentara bastante desde a última vez que Pedro a tinha visto semanas atrás. A quantidade de lixo crescia a cada dia e mal começava a caber dentro do barraco de pouco mais de três metros de comprimento por dois de largura e de altura. Agora, uma lona de plástico preta e nova cobria a grande pilha de entulhos à direita da porta de entrada. Por baixo dela, pedaços de ventiladores, cabos de vassoura e até um monitor de computador escapavam à vista.

O jovem se aproximou para se assegurar de que seu amigo não estava deitado lá dentro, esmagado pela própria pilha de lixo que juntara. E de repente, ao chegar perto demais da entrada, um vulto se ergueu do interior da casa, provocando-lhe um tremendo susto. O mendigo partiu para cima dele com uma barra de ferro nas mãos, mas conteve-se ao perceber quem era. Seus olhos estavam esbugalhados e havia terror em seu rosto.

— *João!* Sou eu, o Pedro — ele recuou. — O que foi?

— *Pedro... Pedro...* — repetiu o homem. A voz rouca ofegava e ele parecia mais perturbado do que de costume. — *Vá embora. Vá embora. Não pode ficar aqui.*

— E por que não?

— *Eles estão vindo. Estão vindo para cá...*

— Quem está vindo?

— As pessoas estranhas estão vindo para cá. *Gente má. Gente ruim.*

— Que pessoas?

— Pessoas más — repetiu o mendigo. — Gente de branco. Foi ele que trouxe elas aqui. Eu vi. Foi ele que trouxe aquela gente. *Tome cuidado com ele...*

— De quem você está falando?

— Querem tomar minha casa. Me tirar daqui... Não vou deixar! Vá embora logo. *Aqui é perigoso!* — ele fez um movimento de mãos enxotando Pedro do lugar.

— Quem? — insistiu.

O indigente não respondeu e, com um grito de medo, submergiu novamente no amontoado de lixo e desapareceu. O rapaz então não recuou mais do que quatro passos, de costas, quando sentiu a presença de alguém atrás dele. E ao se

virar, percebeu que se tratava não de uma, mas de três pessoas. *Três homens para ser mais exato.*

Um deles, o do meio, estava bem próximo e era o mais velho. Apesar de bastante calvo nas entradas, seus cabelos negros cumpridos caíam-lhe sobre os ombros. Devia ter menos de cinquenta anos, mas parecia fraco, com as costas curvadas, e apoiava-se em uma bengala de madeira maciça com a mão direita. A canhota ia dentro do bolso da jaqueta. Era também o mais baixo dos três, com cerca de um metro e sessenta de altura. Do lado esquerdo estava um jovem forte, com mais de um metro e oitenta, cabelos curtos, loiros e bem aparados. A pele era clara como a do primeiro homem, mas sua expressão era séria e sisuda como a do terceiro, à direita, um sujeito maduro, de tez negra e cabeça raspada. Barba densa e escura preenchia-lhe o rosto quadrado. Também era forte e alto, não tanto quanto o mais jovem, mas parecia ter extremo vigor físico. Os três usavam roupas pretas e discretas, calçados com botas sujas de terra, e todos carregavam mochilas nas costas.

Pedro ficou muito assustado. Lembrou-se da vez em que quase levou uma facada durante a tentativa de assalto na rodoviária de São Paulo. Mas Mayra não apareceria para ajudá-lo dessa vez.

— Você deve ser Pedro Oliveira? — disse o homem mais velho, com um sorriso sinistro preenchendo os lábios finos. Sua voz era firme e pesada, apesar do corpo aparentemente debilitado.

— Não, senhor — ele mentiu.

— Não? Mas suas descrições batem perfeitamente com as que tenho.

Seu o coração disparou e de forma inconsciente ele recuou dois passos. *Preciso sair daqui. A portaria dos fundos está longe, mas é minha única saída.* Em compensação, seu interlocutor também avançou duas passadas, as quais pareceram bastante custosas, mesmo com a ajuda da bengala de madeira escura. Os outros homens permaneceram imóveis.

— O que querem? — Pedro perguntou, tentando esconder a ansiedade.

— Queremos apenas conhecê-lo, meu jovem! Viemos de muito longe para encontrá-lo. Traçamos uma longa jornada desde a grande floresta até aqui, esperando ver a criança perdida de quem tanto ouvimos falar — o homem o mirou de cima a baixo, perigosamente próximo agora. — O menino Pedro Abreu Nunes, filho de Carlos e Sarah Abreu. O último possuído livre.

— Não sei do que está falando. Com certeza estão me confundindo com alguém.

O sujeito então parou de avançar, mas permaneceu fitando-o, curioso, como se pudesse mesmo acreditar que estava enganado. Pedro, porém, continuou se afastando e já se preparava para correr em direção à saída quando foi novamente

surpreendido por uma quarta pessoa atrás dele.

— O que está acontecendo aqui? — a voz familiar veio do passeio que levava até o caminho principal. Ao olhar para trás, o jovem viu surgir a figura altiva e imponente de Roger, iluminada pela luz do sol da manhã que vencia os galhos das árvores. — O que você faz aqui, Ramon?

Os três homens também se surpreenderam com a chegada do gigante, mas demonstraram tranquilidade depois disso. O grandalhão, porém, não partilhava do mesmo sentimento. Ao contrário, tinha os olhos tomados pela fúria que cega os guerreiros em combate. Pedro quase pôde ver a expressão animalesca do felino aflorar por trás de seu rosto triangular e sem barba. Ele era, sem dúvida, muito mais alto e forte do que todos os presentes e apresentava-se inteiramente recuperado do acidente sofrido na noite da morte de Flaviano. Estava vestido da mesma forma como costumava ir aos treinos, calças largas, sandálias e camiseta. O frio leve da manhã não parecia incomodá-lo em nada e a brisa tímida batia em seus cabelos presos sem atrapalhá-los.

— *Roger! Roger Lambert!* Justamente quem eu esperava encontrar — disse Ramon, voltando-se para o recém-chegado.

— O que você e seus capangas fazem aqui? — ele repetiu a pergunta, usando de um tom rude e pouco dissimulado.

O homem, porém, não pareceu ter se intimidado com a ameaçadora imagem do treinador de Pedro e avançou na direção dele, manquitolando da perna direita e meneando a cabeça. Os outros também deixaram de prestar atenção no rapaz e, mudos, voltaram-se para o possuído.

— Fazia tempo que não o via, Roger. Como tem passado? — Nenhuma resposta. — Vejo que continua crescendo, hein? — parecia haver certo sarcasmo na voz do estranho. Roger não se manifestou de forma alguma e, impassível, esperou pela réplica à sua pergunta. — Nós estávamos apenas de passagem por aqui, meu caro. Soubemos que havia um novo possuído chamado Pedro e viemos conhecê-lo.

— E quem disse que vocês o encontrariam nesse lugar?

— *Aratama!*

Ao som do nome, o gigante estremeceu.

— Sim — Ramon continuou. — Eu e meus rapazes fomos fazer uma visita ao velho mestre.

— E como ele está? — Roger inquiriu, menos agressivo agora.

— *Ah!* Quer saber como ele está? — o olhar era malicioso. — Ele está bem... Tão bem quanto um homem idoso pode estar, vivendo em um local inóspito e isolado feito aquele. Mas é curioso esse seu interesse pelo velho. Afinal, você não tem aparecido muito por lá, não é, Roger?

— Bom, eu... andei um pouco doente nos últimos meses — o professor de capoeira coçou a nuca. — Mas Paulista visitou o mestre para prestar assistência.

— Sim... Foi o que Aratama me disse. Pelo visto, ele ainda confia bastante no *doutorzinho*. E em você também — havia algo de estranho na forma como o Ramon se dirigia ao grandalhão.

— Ele confia em todo mundo — Roger rebateu. — É da natureza dele.

— Eu sei. Por isso foi parar naquele lugar... A propósito, o velho me pediu que te entregasse um recado. Disse que precisa vê-lo com urgência.

— Irei até ele assim que for possível. Mas por que vocês vieram de tão longe para visitar o mestre? Por acaso não deveriam estar atrás de outra pessoa?

— Bem... O *Rafael* não é alguém fácil de encontrar, você sabe — Ramon sorriu de maneira contida. — Não, meu caro grandão! Foi o próprio Aratama quem convocou a minha presença. Recebi um recado de Mayra faz alguns meses. Mas também andei um pouco doente como pode ver — ele exibiu a bengala. — E só agora pude atender ao chamado. Mas não se preocupe com Rafael. Coloquei outras pessoas no encalço dele enquanto estive fora. Conheço bem as minhas obrigações e, ao contrário de alguns, nunca abdicó delas.

Roger não respondeu. Parecia paralisado, mas cerrou os punhos das mãos enormes com bastante força.

O homem o ignorou e voltou-se para o jovem. — Pedro Oliveira — declarou calmamente. — Não pode negar sua identidade há ninguém que tenha conhecido o seu pai. Há algo em você que me faz lembrar muito dele. A postura talvez.

Na hora, o rapaz sentiu vontade de falar de seus parentes, indagar ao estranho sobre eles, descobrir qualquer coisa que o ajudasse a desvendar o paradeiro de sua mãe e o assassinato de seu pai. Mas então, se conteve. Perto de Roger, conversas desse tipo seriam perigosas.

— Quem é você? — ele perguntou ao sujeito.

— Oh, desculpe a minha indelicadeza. Meu nome é Ramon. *Ramon Queiroz*, ao seu dispor. Também sou um possuído — ele aproximou-se penosamente. Ao retirar o punho esquerdo do bolso, Pedro notou que sua mão estava contorcida e os dedos, dobrados para dentro da palma de maneira fora do comum. O homem usou o antebraço para escorar a bengala contra o chão, e estendeu a mão direita para cumprimentá-lo. Apertou com firmeza, demonstrando mais força do que aparentava. — Esses são *Luiz Felipe* — ele apontou para o parceiro loiro e bem mais novo — e *Jack* — indicando o homem negro. — Por favor, não pergunte o verdadeiro nome dele. É horroroso — sorriu, mas seus companheiros permaneceram sérios. — Somos todos possuídos e servos do Mestre Aratama.

— Prazer... Desculpe omitir o meu nome.

— Não, claro! Fez muito bem, garoto. Muito bem. Afinal, nem me conhecia.

É bom saber que não é um tolo vulnerável. Pelo que pude perceber, o velho tem bastante apreço por você. E ele tem razão em se preocupar com a sua segurança. Hoje em dia, não se sabe em quem podemos confiar, não é, Roger?

O gigante outra vez preferiu o silêncio e permaneceu com a cara fechada.

— Minha estima por ele é recíproca — o jovem respondeu.

— Fico feliz em saber disso. Talvez não tenham lhe contado, rapaz, — Ramon sussurrou — mas estamos à beira de uma revolução. Em breve, chegará o dia em que alguém terá de se levantar contra as tiranias desse atual governo. O Mestre Aratama será o único capaz de liderar essa batalha e ele precisará de toda a lealdade com a qual puder contar — Ramon encarava Roger com um olhar frio. — Bem... Com isso já cumprimos a nossa missão, amigos. Vamos embora. Ainda temos um longo caminho de volta. Foi um prazer conhecê-lo, Pedro. Tenho certeza de que nos veremos muito em breve.

E assim, os três homens se foram, caminhando em direção à saída do parque. O pequeno mico, escondido entre as galhas, se agitou assustado quando os estranhos passaram debaixo de sua árvore.

— Digam à Mayra que estamos prontos — Ramon gritou. — Esperamos pelo próximo chamado do Mestre. Adeus...

Roger manteve o olhar fixo nos viajantes até eles desaparecerem e, só depois disso, se dirigiu ao jovem pela primeira vez.

— Como vai, Pedro? — aproximou-se. A tensão começava a se esvaír de suas expressões.

Foi só então que Pedro reparou que o comentário de Ramon sobre seu treinador ainda estar crescendo não era puro sarcasmo. O possuído realmente parecia bem maior do que costumava se lembrar. Talvez fosse o medo ou o fato de que não via seu mestre de capoeira já há muito tempo, mas agora podia jurar que o homem tinha mais de dois metros de altura. *E ele também está bem mais forte*. Os músculos mostravam-se bem definidos e era fácil perceber cada uma das veias e artérias principais de seu pescoço e braços. Porém, apresentava-se meio abatido, o que levava a crer que ainda não tinha se recuperado cem por cento do incidente que sofrera na noite da morte de Flaviano, mesmo após tantos meses.

— Estou bem — Pedro engoliu seco. — E você?

— Agora estou bem também. Quero me desculpar pela minha ausência durante todo esse tempo. Sei que estou em falta com você, mas houve motivos de força maior que me impediram de vir.

— Está tudo bem — ele respondeu. Mas não estava. Passado o susto com Ramon, Pedro sentia o sangue pulsar nas têmporas e a adrenalina inundar seu peito. Encontrava-se agora diante de um traidor, de um falso amigo, *de um*

assassino.

— Lembro da sua frustração de antes, — Roger continuou — por não estar desenvolvendo seus poderes tão rápido quanto desejava. Imagino que esteja mais decepcionado agora, depois de todo esse período o sem treinamento. Mas não quero que se preocupe com isso. Prometo que iremos recuperar o tempo perdido.

— Certo...

— Prometemos a Aratama que você se tornaria um possuído e vamos cumprir essa promessa — o homem sorriu discretamente. — Creio que, a partir desse momento, teremos de treinar todos os dias para compensar o atraso. O que me diz? Está pronto para voltar ao treinamento?

Algo fazia Pedro se sentir estranho naquele instante. De repente, estava diante do sujeito que havia matado seu pai, conversando com ele. Mas apesar de tudo, não conseguia odiá-lo. Tão pouco sentia medo. Se houvesse uma palavra que pudesse expressar seus sentimentos agora, era *pena*. À primeira vista, Roger era uma figura ameaçadora, um perfeito guerreiro dos tempos primitivos, forte e ágil, alto e resistente. Mas conhecendo-o melhor, tinha-se a impressão de que ele era uma pessoa sensível e carente. Sua devoção a Aratama parecia tão sincera que era difícil imaginar que estava prestes a traí-lo. *Mas estava!*

Pedro não acreditaria se não tivesse ouvido a conspiração da própria boca de Paulista. E pelo visto, outros possuídos já começavam a ficar desconfiados dos dois. Primeiro Mayra. Agora esse tal de Ramon. *Também não posso confiar nele...*

— E então? — a expressão de Roger estava mais serena.

— Hã?

— Vamos retomar os treinos?

— Sim, claro...

— Está tudo bem com você?

— Sim...

— Tem certeza?

— Roger, quem eram aqueles homens? — Pedro arriscou.

Uma leve sombra voltou a pairar sobre o rosto do treinador. — Bem, como você ouviu, são todos possuídos. O mais velho, Ramon, foi um dos discípulos diretos de Aratama, assim como Paulista e Mayra.

— E você...

— Sim. E eu, claro. Mas eles são bem diferentes de nós dois.

— Diferentes como?

— Essa é uma longa história, Pedro — Roger respirou fundo. — Não sei se tenho permissão de compartilhar isso. Um dia você saberá de toda a verdade, mas provavelmente não será por mim. Tudo que posso lhe contar agora é que,

diferente de nós dois, eles não tiveram escolha. Eu, você, Jorge, Aline e até os capangas de Ramon, todos tivemos a opção de decidir se queríamos ou não nos tornar possuídos. Mas eles não. Nem Ramon, nem Paulista, nem Mayra e nem mesmo o próprio Mestre Aratama.

— E por que ele me chamou de o "último possuído livre"? O que isso significa?

— Bem... Até o momento, você foi o último que encontramos. E como eu disse, fomos livres para escolher. E tomamos a decisão correta.

Pedro gastou uns segundos tentando digerir a resposta de seu treinador. Naquele pouco tempo, algo o fez se lembrar de Mayra. Ele sabia que a mulher estivera fora, em alguma missão de recrutamento para Aratama. Pelo visto, aquilo era mesmo verdade, pois alguns já começavam a responder ao chamado do mestre.

— De onde eles são? Quero dizer, aqueles três homens?

— Não sei. Existem vários possuídos escondidos por aí. Muitos, como Ramon e seu bando, preferem não fixar residência por longos períodos. Achem que assim é mais seguro. Pelo que sei, Mayra tem tentado localizar alguns dos antigos possuídos leais ao velho mestre. Mas isso não é tarefa fácil, como deve imaginar.

— Você mencionou um tal de Rafael. Quem é ele?

— *Rafael?* — Roger hesitou. — Ele é só um dos vários possuídos foragidos. Aratama deu a Ramon a missão de encontrá-lo. Nada de especial. E então, vamos treinar ou ficar aqui conversando a manhã toda?

"Nada de especial", hein? Um grupo de três homens para encontrar outro? É claro que Roger não fala a verdade. Talvez nada do que diz seja mesmo verdade. Pedro não sabia mais em que acreditar, mas uma coisa era certa, Aratama começava a perceber a falta de lealdade de seus discípulos. Ele não mandaria três de seus aliados apenas para conhecer o "último possuído livre". Claramente havia algo errado. Roger, porém, não estendeu a conversa e Pedro então se viu obrigado a retomar o antigo treinamento, atirando-se ao chão para começar a etapa de alongamento das pernas.

Uma leve brisa soprou acima das árvores, os galhos se agitaram, as águas da pequena lagoa artificial ondularam e salpicaram umidade sobre a relva dos jardins. Agora, de outra sapucaia, o pequeno macaco continuou a observar os dois capoeiristas, curioso.

Sombras e luzes no parque

Uma nova rotina se estabeleceu na vida de Pedro após o retorno de Roger. Ele agora acordava cedo todas as manhãs e partia para o Parque Municipal, onde treinava não apenas por uma, mas por duas longas horas diárias, correndo e praticando movimentos de capoeira. Seu treinador parecia mais exigente e menos simpático do que costumava ser, e não se abria a assuntos sem relação com o treinamento. O jovem não entendia de onde tirava forças todos os dias para encarar o assassino de seu pai, mas sabia que aquilo precisava ser feito. *São as regras do jogo.*

— Encontrar o amuleto sagrado é mais importante agora do que a vingança — dizia-lhe Jorge quase sempre. Claro, para ele era fácil falar, mas era Pedro quem tinha de suportar a situação.

Durante as tardes ele seguia estudando e a noite, ia para as aulas. A escola lhe tomava o restante das horas do dia e mesmo os fins de semana começavam a ficar comprometidos. E nesse ritmo, logo o mês de novembro se esvaneceu na suave maré do tempo e dezembro já venciam os primeiros dias quando ele fez a última prova, já sabendo de sua aprovação em todas as matérias. Pedro havia enfim concluído o ensino médio, motivo de grande orgulho para seu pai adotivo.

Ao longo desse período, seus amigos também estiveram muito ocupados com as atividades de final de ano, Jorge com os estudos e Aline com as horas-extras de trabalho. Com tudo isso, eles pouco avançaram em relação ao caso de Lagoa Santa. O que era um agravante terrível, já que com a recuperação de Roger o time dos conspiradores estava novamente completo e concentrado na caçada ao amuleto sagrado.

Jorge havia cruzado os nomes do convite com os da lista de indivíduos mortos, mas não encontrou nenhuma outra conexão. Cláudio e Flaviano pareciam ser mesmo os únicos atacados por onças, pelo menos até o momento. O estudante de geologia era agora o mais dedicado à tarefa de achar o colega de faculdade das vítimas, e embora tivesse pouco tempo para dedicar ao assunto, dizia que perdia noites pensando nisso, sinal de que andava relapso em relação a seus remédios. Ele insistia que o nome da pessoa que recebeu o amuleto sagrado devia estar na primeira lista e provavelmente entraria na segunda, caso Roger e Paulista a encontrassem antes deles.

Pedro achava que, na verdade, o amigo sentia-se menos importante, já que foi Aline quem conseguiu a pista mais relevante. Agora ele tentava compensar isso

a todo custo, mas o fato foi que, passado um mês, eliminou apenas onze dos quarenta nomes do convite, incluindo Marlon, irmão caçula de Marlúcia. Esse, segundo a escritora, há tempos morava fora do país e nunca tinha ido até a capital mineira. E dos outros oito, ninguém parecia ter se quer visitado o estado de Minas Gerais uma única vez e dois já haviam falecido.

Além de tudo isso, Aline e Jorge ficaram assustados e intrigados com a história contada por Pedro sobre os três sujeitos que apareceram no parque. Nenhum deles jamais tinha ouvido falar de Ramon ou de seus companheiros antes e, quando perguntaram a Paulista, ele evitou prolongar o assunto. Pelo jeito, existiam mágoas entre o médico e o homem da mão atrofiada, como o próprio Ramon havia deixado claro naquela oportunidade. Porém, aliado ou inimigo, ele nada podia fazer para deter o plano secreto do Doutor e de Roger. Mas Jorge também tinha outros problemas não menos graves para resolver.

Depois da noite em que ele quase destruiu toda a casa com suas pedras voadoras, seus poderes retornaram muito devagar, mas já se aproximavam do ponto inicial. Porém, os pesadelos continuaram, sempre da mesma forma, com a voz estranha e o homem misterioso caminhando em sua direção. Depois de um tempo, ele parou de reclamar, mas Pedro sabia que isso ainda o incomodava. E para piorar, o Professor Velho seguia pegando em seu pé, e os últimos dias antes das provas finais foram terríveis. O jovem insistia para que Jorge tomasse regularmente os remédios, mas não tinha certeza se ele andava obedecendo, pois, às vezes, parecia mais ansioso do que o normal.

As semanas também não traziam notícias de Mayra e Pedro deixou de esperar por ela, aceitando enfim que ele e seus companheiros estavam sozinhos. Mas duas novidades chegaram ao término da primeira quinzena daquele mês, cada uma apresentada por um de seus amigos.

Terminado o semestre letivo da UFMG, Jorge havia conseguido passar em tudo, incluindo Mineralogia III, a matéria ministrada por seu professor mais odiado. Ele então começou a fazer planos para o final de ano. Precisava visitar a família no Espírito Santo, já que não obteve permissão de Paulista no meio do ano. E agora que o doutor lhe deu vinte dias de folga, ele desejava passar seu aniversário na casa dos pais, mesmo estando em um momento crítico da investigação do caso. Pedro achou a atitude do médico bastante estranha, mas não desencorajou o amigo a viajar. O convite de formatura, porém, foi junto à bagagem de Jorge e ele partiu com a promessa de que não retornaria sem descobrir pelo menos um suspeito de ser o colega de faculdade de Flaviano.

Já Aline trouxe uma notícia um pouco melhor. Ela andava estressada com a proximidade do Natal, mas embora trabalhasse muito mais agora do que o normal, parecia bastante empolgada com alguma coisa. Pedro não sabia do que

se tratava, até o dia em que ela perguntou o que ele faria na noite do dia vinte e quatro. Ele ainda não tinha pensado a respeito. Lembrava-se das festas e das ceias que aconteciam na casa de Dona Marta, sempre cheias de parentes e vizinhos da família, mas imaginava que Roger não lhe daria permissão para visitar Chico Estrada. A garota então o convidou para irem a uma comemoração de Natal, sem dizer onde era, e insistiu bastante até que ele aceitasse ir.

Pedro não fazia a menor ideia na época, mas aquela seria uma noite cheia de surpresas.

* * *

A manhã do sábado, véspera de Natal, não foi muito diferente das outras, pois lá estavam Pedro e Roger no parque, correndo através dos passeios cimentados, fazendo flexões nas barras da área de lazer e gingando sobre a grama de chão duro. O treinamento continuava o mesmo de sempre, com bastante esforço físico e sem os resultados esperados. Mas agora ele não se importava mais e treinava apenas para não chamar a atenção de seu mestre. As coisas começaram a mudar ainda no final da manhã, quando ele recebeu uma longa ligação de Chico. Como já era de se esperar, o homem ficou muito satisfeito com a notícia de que o filho conseguira se formar no segundo grau. Só que o velho tinha sonhos maiores agora, pensamentos que o levavam até a universidade.

Durante o restante da tarde, Pedro se consumiu pela ansiedade em saber onde Aline o levaria. As horas se arrastaram após o meio dia e o sol demorou muito a se pôr no horizonte, permitindo que um clima frio pairasse sobre a cidade. Ele se aprontou mais cedo, embora a amiga sempre chegasse atrasada, e deitou-se no sofá para assistir um pouco de televisão enquanto esperava. O barulho constante da rua pareceu diminuir lentamente, ao passo que o relógio de parede dava a impressão de rodar bem devagar agora.

De tanto olhar as horas, o jovem percebeu o exato instante em que os ponteiros pararam de girar. *Pilha fraca*, deduziu. Não querendo perder a hora, foi até a dispensa e pegou uma bateria nova. Retornou à sala e, ao retirar o relógio da parede, algo pequeno e pesado caiu no chão e rolou para baixo do sofá, provocando um ruído metálico. Curioso, ele se agachou e espiou sob o estofado, e viu o objeto reluzir na penumbra. Depois, arrastou o móvel e apanhou o artefato. *É uma chave*. Grande, escura, cilíndrica e de cabeça abaulada. Lembrava um pouco a da entrada de seu quarto, mas era maior e estava mais gasta. Teria Jorge escondido a peça ali? Para quê? E por que não contou a ele?

Pedro caminhou até a porta da sala, mas a fechadura era estreita demais. Em seguida, trocou a pilha do relógio, encaixou a chave de volta em um espaço nas

costas do aparelho e o devolveu à parede. Voltou a prestar atenção na tevê, sentado no sofá. Aline chegaria a qualquer instante. Mas ainda sentia-se incomodado com o fato. *Que chave é aquela? Tenho que saber.*

Apanhou novamente o objeto e caminhou até a porta de seu dormitório. Lá, a peça se encaixou perfeitamente, mas não girou a tranca. Ele forçou, moveu, empurrou, mas nada aconteceu. Em seguida, tentou a entrada do banheiro, bem em frente a seu quarto. Outra vez a chave entrou na lingueta, mas não produziu qualquer efeito. A que havia do outro lado da fechadura era semelhante a essa na forma, mas parecia ser de um metal diferente, mais claro. Ele então correu a casa inteira, testando-a em quase todas as maçanetas disponíveis, mas em nenhuma delas obteve sucesso. A única restante foi a da porta de seu companheiro de apartamento. Jorge havia trancado o cômodo assim que saiu de viagem, o que não tinha nada de estranho, afinal ele sempre fazia isso, mesmo quando passava o dia na faculdade.

Pedro colocou-se diante do quarto e encaixou a chave na fechadura com delicadeza. Não encontrou resistência alguma ao girá-la. Ouviu um leve estalo da trava. Instintivamente abriu a maçaneta e a empurrou para dentro. Apenas uma pequena greta surgiu entre a porta e o marco, deixando a luz tênue do aposento chegar até o corredor. Ele sabia que devia respeitar a privacidade do colega e que não deveria entrar no quarto dele sem permissão. E talvez tivesse conseguido resistir à tentação, não fosse o que aconteceu a seguir.

Algo travou a abertura mais ampla da entrada e Pedro não pôde ver nada no interior do aposento. Por um breve instante, pensou em recuar e cerrar a passagem, mas sua mão forçou a maçaneta outra vez, agora arrastando um peso atrás da porta. Empurrou uma terceira vez, abrindo uma brecha suficiente para que pudesse enfiar a cabeça e olhar dentro do quarto. *A cena que presenciou foi chocante.*

A cama de Jorge estava tomada de pedras, das mais variadas formas e tamanhos, e não apenas ela, mas todo o piso em volta e abaixo do estrado. O criado mudo também fora tomado de cristais, britas e blocos de calçamento. Não havia um único espaço onde se pudesse colocar os pés. Parecia impossível que alguém conseguisse dormir em um lugar como aquele. Atônito, Pedro empurrou a porta, bloqueada por uma série de rochas caídas da caixa de madeira atrás dela, até ser capaz de projetar seu corpo para dentro do cômodo. Por alguns segundos, tentou encontrar caminho para investigar o recinto, mas foi impossível. *De onde veio tudo isso?* Como seu amigo juntara tantas pedras assim sem que ele percebesse? Havia algo errado, sem dúvida. Então, a campainha tocou e seu coração subiu até a garganta.

Rapidamente chutou para dentro alguns cascalhos que escaparam do quarto e

fechou a porta, trancando-a. Correu, escondeu a chave de volta atrás do relógio, e só aí atendeu o interfone. Aline mandou que ele descesse.

— Olá! — ela cumprimentou, depois que Pedro entrou no carro. Parecia bastante empolgada.

— Oi... — a resposta foi seca.

— O que foi? — ela ainda sorria.

— O que foi o quê?

— Você está pálido. Viu algum fantasma, foi?

— Não — ele forçou um sorriso. Ainda estava impressionado com a cena no quarto de Jorge, mas algo lhe dizia para não compartilhar o que viu com ninguém. — E então, aonde vamos?

— A uma festa de Natal muito especial.

— E o que é tudo isso? — havia uma pilha de sacos de plástico pretos lotando o banco de trás.

— Presentes. Vai ver quando chegarmos lá.

— Então vamos logo.

— Tem certeza de que está tudo bem mesmo?

— Sim. Só estou um pouco ansioso — e estava mesmo. Desde o aniversário de Aline, ficava assim sempre que saía de casa, especialmente à noite. — Lembra o que aconteceu da última vez que você nos levou a uma festa?

— Essa será bem diferente, eu garanto...

A garota então arrancou o automóvel, mas não sem antes olhar ao redor, como que procurando por algum seguidor. Sua tranquilidade ao dirigir pelas ruas da capital também já tinha se perdido há muito tempo, sobretudo depois da perseguição no *Shopping Center*. Mas nada a impedia de ir aonde quisesse, ainda mais em dias de festa. Assim, Pedro tentou relaxar e esquecer os problemas. Agora, estava curioso para saber onde Aline o levaria, mas evitava perguntar, imaginando que ela jamais estragaria a surpresa antes da hora.

As ruas em direção ao centro já começavam a ficar vazias a aquela altura e o céu, já escuro, anunciava com bastante altivez a chegada de uma noite especial. Apesar da pobreza e da falta de parentes, o Natal não era uma época triste para Pedro. Pelo contrário. Quando criança, ele passava boa parte do tempo na casa de Marquinhos, seu vizinho, e lá todas as festas eram cheias de gente e de alegria. Chico sempre fazia o possível para estar em Taguatinga nos festejos de final de ano e nunca deixava de trazer uma lembrancinha para o filho.

Essa, porém, também era a época do ano em que o jovem mais pensava em seus pais verdadeiros, nas ceias que eles compartilhavam, nas árvores que enfeitavam juntos, e nos presentes que davam às outras crianças que não tiveram coragem de abandonar. Mas agora, doía-lhe saber que seu pai, Carlos, nunca

vivenciara outro natal desde seu último, dezessete anos atrás. E se sua mãe biológica, Sarah, vira alguma festa de final de ano, com certeza foi chorando pela família incompleta.

Os enormes portões do Parque Municipal já estavam cerrados quando o carro cruzou a grande avenida do centro da cidade. O lugar fechava depois das seis todos os dias e naquela noite, em especial, não seria diferente. Agora, apenas sombras e trevas habitavam o recinto. Pedro pensou no mendigo lá dentro, sozinho, sujeito ao frio, alheio ao mundo exterior e condenado a esperar eternamente por um pai que nunca viria buscá-lo. *Pobre coitado, com certeza nem sabe que é noite de Natal.*

Aline logo tomou uma rua de acesso à direita, caindo em vias estreitas e inclinadas, e o trajeto não demorou depois disso. Ela cruzou uma barragem, contornou uma pequena praça e seguiu por uma rua arborizada até estacionar diante de uma construção bastante peculiar. Baixa demais para um prédio, mas muito alta para uma simples casa, era toda feita de tijolos pequenos e maciços, expostos ao ar livre. Contava com três blocos na parte da frente, todos de dois andares, quadrados e interligados entre si por passadiços fechados, mas com enormes arcos que permitiam a visão do interior. Grades de ferro protegiam as arcadas e adornavam todas as seis janelas de cada prédio, três no primeiro andar e três no segundo. Essas, por sua vez, eram amplas e compostas de vitrais verdes, vermelhos e azuis em estilo antigo. Um enorme muro de pedras cinzas e irregulares, superior a dois metros e meio de altura, cercava todo o terreno. Havia ainda um velho portão de bronze bem na frente, com pouco mais de um metro de largura.

— Que lugar é esse, Aline? — a sensação foi a de que tinham retornado no tempo.

— *Convento Nossa Senhora da Luz.* Meu antigo lar.

— O quê? Você viveu em um convento? — Pedro ficou muito surpreso.

— Não é um simples convento. É um orfanato católico.

— Está brincando comigo? Você cresceu em um orfanato religioso?

— Ora! Por que esse espanto todo? Sou quase uma santa, não sou? — Aline sorriu. — Venha, vamos entrar.

O jovem então retirou um elástico dos bolsos e prendeu os cabelos compridos. Não sabia nada sobre os costumes das freiras, mas temia que sua aparência pudesse causar má impressão, embora suas roupas fossem mais do que adequadas para o momento. Uma das religiosas já esperava pelos dois assim que desceram do carro e caminharam em direção ao portão. Era magra, baixa e tinha o corpo todo coberto por um longo vestido cinza claro, que revestia-lhe as pernas e os braços. Um cordão branco amarrava-lhe a cintura e as pontas pendiam

pesadas até a altura dos joelhos. A veste, também branca, protegia a cabeça, o pescoço e os ombros, e sob ela, um crucifixo de madeira escorregava até o peito. Um lenço preto descia-lhe como cabelos da testa até os quadris e apenas as mãos, o rosto e parte dos pés, cobertos por sandálias, estavam visíveis, revelando uma mulher jovem e sorridente.

— Feliz Natal, *Irmã Beth* — Aline abriu os braços para a freira.

— Para você também, querida — ela respondeu, com uma satisfação tão natural que contagiava. — Que bom que veio. A *Irmã Clara* começou a achar que tinha desistido de participar da nossa ceia.

— Jamais. O Natal deve ser junto à família. Foi isso que aprendi aqui — a garota girou nos calcanhares. — Irmã, esse é Pedro, um amigo meu.

— É um prazer conhecê-lo — a mulher apertou a mão dele. — Vamos entrar, está ficando frio aqui fora.

E assim, os três cruzaram o portão em direção à entrada do velho convento, subindo uma dezena de degraus de pedra ardósia até o nível bem acima da rua. Por dentro, os muros que protegiam o local eram quase invisíveis, bloqueados por arbustos verdes e densos, plantados sobre faixas de grama, tudo muito bem cuidado. Um pequeno passeio ondulado, ladeado por palmeiras e finos pinheiros, conduzia até o marco enorme, composto por um par de portas maciças de madeira escura que se abriam no centro. Havia guirlandas penduradas em cada uma delas e nada mais que indicasse a época do ano.

Pedro ficava mais ansioso com o passar dos minutos. Nunca tinha entrado em um lugar como aquele antes. Sua imaginação lhe mostrava um recinto sombrio e frio, com mulheres vestidas de preto, caminhando de um lado a outro, silenciosas e frias como fantasmas esvoaçantes. E assim lhe pareceu ao entrarem no primeiro salão, um cômodo enorme e vazio, contendo apenas imagens e crucifixos nas paredes, um tapete roxo no chão e nenhum assento. Em um canto ficava uma espécie de armário, que ele a princípio pensou ser um oratório, mas que depois Aline lhe revelaria ser um confessionário. Mas tudo mudou rapidamente, pois, após cruzarem um pequeno corredor, caíram em outro salão, tão grande quanto o primeiro, porém mais agradável. Tinha sofás, cadeiras, mesas e almofadas espalhadas por todos os lados.

— *Olha só quem chegou!* — gritou Irmã Beth.

De repente, quase uma vintena de crianças surgiu, sabe-se lá de onde, correndo para dar um abraço coletivo em Aline. Eram meninas em sua maioria, com idades variando dos dois aos doze anos, mas também havia alguns garotos, todos com menos de seis. O alvoroço pareceu ter despertado o prédio inteiro, porque logo cerca de dez mulheres entraram no salão, vindas de outros corredores. Todas vestidas como Irmã Beth, exceto uma, cuja vestimenta era

escura, quase preta. Usava óculos arredondados e figurava entre as mais velhas e mais sérias, mas soltou um sorriso quando entendeu a razão de tanta agitação.

Ela caminhou em direção à Aline e, após vencer as crianças, abraçou-a sem dizer nada. Tinha a pele tão pálida que, comparada à cor da moça, parecia uma morta-viva. Mas curiosamente seus olhos eram verde-claros e tão radiantes quanto os dela. Pedro talvez lhe desse uns cinquenta anos, mas era difícil afirmar, vendo somente partes do rosto e das mãos.

— Pedro, — disse Aline, enfim lembrando-se dele. — Essa é a Irmã Clara. Irmã... Esse é um grande amigo meu.

— Olá — ele estava tímido.

— Seja bem vindo à Casa de Deus, meu filho — a religiosa tinha um sotaque estranho, mas falava português impecavelmente. — Vocês chegaram bem na hora do lanche. Estamos um pouco atrasadas com a comida hoje. Venham, ainda não terminamos de preparar a ceia de logo mais.

As freiras então arrastaram Aline por outra passagem e Pedro a seguiu, meio sem jeito. Atingiram uma espécie de refeitório, um salão amplo com mesas compridas de madeira dispostas de forma a criar corredores no centro do cômodo. Dezenas de crianças começaram a chegar de vários lugares e a se sentarem nos bancos. Algumas eram meninas mais velhas, já beirando os quinze ou dezesseis anos. Não havia lugar para todo mundo, por isso alguns pequenos ajeitavam-se nos colos dos maiores ou então pegavam o pão e a caneca de leite e iam embora. Aline e Pedro se acomodaram em uma das mesas junto às freiras para conversar, mas Irmã Clara e Irmã Beth seguiram para a cozinha, logo ao lado.

Depois de uma hora, em que o jovem ficou quase calado, a garota falou praticamente tudo sobre a correria dos últimos meses na loja de roupas e da luta para acabar com os estoques antes do auge do verão. As crianças já tinham acabado de lanchar e deixado o salão de volta ao cômodo onde brincavam.

— Irmãs, eu volto logo — disse Aline, levantando-se da mesa. — Venha comigo, Pedro. Vou precisar de ajuda.

Curioso, ele a seguiu até a saída do convento e, de lá, até o carro. Agora sabia por que sua amiga trouxera tantos presentes e, de bom grado, ajudou a carregar os sacos pretos para dentro do orfanato. A criançada se agitou de novo quando Aline anunciou que tinha trago lembrancinhas e uma multidão se formou ao redor dela. Pedro não conseguiu se aproximar e afastou-se para que a moça tivesse mais espaço. Um a um, ela começou a tirar os presentes dos sacos e a distribuí-los entre as crianças mais afoitas. Eram todos brinquedos simples. Bolas, bonecas e carrinhos de plástico. Mas o jovem sabia o valor que tinham, pois isso era tudo o que ganhava durante a infância, além de roupas. Muitas de

suas brincadeiras eram com objetos improvisados, como os bonequinhos de papel desenhados pelo irmão de Marquinhos ou as bolas feitas de panos e meias velhas.

— Ela é uma boa menina, não? — disse uma voz doce e inconfundível ao seu lado. Era a Irmã Clara que, com um sorriso discreto, havia se aproximado para ver Aline distribuir os presentes.

— É sim — ele respondeu.

— Ela sempre foi assim. Prestativa e preocupada com os outros.

O rapaz ficou em silêncio.

— Desculpe a memória fraca, meu jovem, — a freira juntou as mãos sobre o estômago — mas como é mesmo que você se chama?

— Pedro... Pedro Oliveira.

— Pedro... — ela repetiu. — O mais fiel entre os apóstolos de Cristo. Um belo nome, sem dúvida. Hã... me diga, Pedro. Por acaso, você é a Aline...?

Ele olhou para a mulher, demorando a entender a insinuação. — Oh não! — respondeu rapidamente. O rosto ficou corado. — Não... Somos apenas amigos.

Irmã Clara o encarou por alguns instantes, com seus olhos verdes cerrados atrás dos óculos e, enfim, sorriu. — Claro... Desculpe a minha indiscrição, mas eu tinha de perguntar. Sabe, você é a primeira pessoa que ela traz aqui, desde que nos deixou há mais de um ano.

— É mesmo? Mas e a amiga dela, a Kátia?

— Só a conhecemos por foto — a mulher virou-se novamente para a criança.

Pedro também desviou a atenção, mirando a garota no meio da bagunça. Ele achava que a freira puxaria mais conversa, por isso, esperou em silêncio.

— Aline é uma boa moça, mas às vezes é muito reservada. Ela não gosta de dar detalhes de sua vida. Desde criança, foi assim... De vez em quando, tenho a sensação de que precisa da minha ajuda, mas ela nunca pede. Eu me preocupo bastante, sabe.

— Entendo — disse Pedro. Ela também não se abria muito com ele.

— Bem, de qualquer forma, é bom enfim encontrar um amigo de Aline. Há quanto tempo vocês se conhecem?

Ele fez as contas. — Uns oito meses.

A freira balançou a cabeça e voltou a mirar as crianças.

— Irmã? — ele arriscou. A oportunidade de saber mais sobre sua amiga era tentadora demais. — A Aline morou aqui a vida toda?

— Oh sim... Alguém a deixou ali na porta com apenas cinco dias de nascida. Eu nunca me esquecerei daquele dia. Era uma noite do início de agosto, fria e nublada como a de hoje. Pobre coitada, teria morrido lá se eu não a tivesse

encontrado.

— Mas e quanto aos pais dela? Onde estão?

A mulher deu um leve suspiro antes de responder. — Nós não sabemos. Infelizmente, não deixaram nenhuma pista. Eu mesma passei anos procurando, mas não descobri nada. Aline também nunca teve interesse em saber. Acho que Deus ainda não deu a ela a capacidade de perdoá-los por terem-na abandonado.

— Entendo... — Pedro repetiu. Ele próprio já tinha sentido algo semelhante em relação aos seus pais biológicos, apesar de Chico sempre repreendê-lo por isso.

Irmã Clara não disse mais nada, apenas pediu licença para deixar a sala. O jovem continuou observando Aline e acabou se perdendo em pensamentos sobre seus parentes e seu pai adotivo. Pensou onde estaria sua mãe agora. *Será que ela sabe que hoje é Natal?* Depois vislumbrou a imagem de um terreno abandonado com a lápide indicando a cova de um indigente. Mas a amiga logo o chamou de volta à realidade. Os presentes já tinham sido entregues e era hora de ajudar a preparar as mesas para a ceia.

O restante da noite foi ainda bastante animado. Algumas freiras tocaram músicas alegres em violões, enquanto a maioria das crianças cantava e dançava. A mulher mais idosa do convento, Madre Célia, já na casa de seus oitenta anos, proferiu uma rápida homilia antes do jantar, expondo suas mãos trêmulas e voz fraca às mais de sessenta pessoas reunidas ali. Pedro, que nunca foi muito religioso, ficou constrangido quando pediram a ele e a Aline que declamassem a oração de Maria, mãe de Jesus, mas ele se saiu bem. Era o costume do lugar que os convidados fizessem parte das preces em cada refeição. A comida, por sinal, merecia mesmo agradecimentos, pois estava ótima. Todos se fartaram com os caldos, carne de peru, pães e salada.

Era perto das onze da noite quando todas as crianças receberam ordens de irem para a cama. Elas se despediram dos convidados, várias ainda agarradas aos presentes novos que tinham recebido. Aquela também foi a deixa para que Aline e Pedro fossem embora, pois mesmo para eles já começava a ficar tarde.

— Foi um prazer enorme conhecê-lo, Pedro — disse a Irmã Clara.

— O prazer foi todo meu.

— Espero vê-lo aqui outras vezes. Será muito bem vindo.

— Obrigado.

E após vários cumprimentos e promessas de retorno, ele entrou no carro, mas precisou esperar cerca de cinco minutos por sua amiga. Preocupado, olhou em volta, mas não havia nenhuma pessoa ou veículo na rua àquela hora. Os prédios ao redor tinham poucas luzes acesas, mas eram as janelas apagadas que mais o incomodavam. Imaginando os cômodos atrás delas, acabou se lembrando de

Jorge e da cena assustadora no quarto dele. Finalmente a garota entrou no carro e eles foram embora, deixando uma noite excelente para trás.

— E então, foi muito chato? — ela quis saber, as mãos delicadas coladas ao volante.

— Está brincando? *Eu adorei*. Foi uma das melhores festas de Natal da minha vida.

— Que bom! Fiquei preocupada se você estava se divertindo.

— Eu me diverti sim. E achei bem legal o que fez. Falo dos presentes.

— Ah! Não foi nada — ela coçou a sobrancelha direita. — Custaram-me algumas horas-extras de trabalho... Mas valeu a pena.

— Não é fácil ser a melhor vendedora do mês todos os meses, não é?

— Oh, a propósito, esqueci de um — ela abriu o porta-luvas, revelando o pequeno embrulho prateado.

— E para quem era?

— *Para você!*

— Para mim?

— *É. Vamos, abra!*

Ele desembulhou o pacote, leve e macio, expondo uma bela camisa lisa e preta, do jeito que gostava de usar.

— Feliz Natal, Pedro.

Ele ficou sem palavras a princípio. — Não comprei nada para você — revelou, meio sem graça.

— Bom, também não te dei nada de aniversário — disse ela, balançando o braço com a pulseira que ele lhe dera há meses. — Daria se tivesse me contado a data, mas já que não contou, estamos quites.

— Muito obrigado, Aline.

A garota respondeu apenas com um belo sorriso.

— Pelo presente e pela noite — ele completou. — Nunca imaginei que as freiras de um convento pudessem ser tão animadas.

— *É*. Agora você já sabe por que eu sou assim meio doidinha...

— E por acaso elas sabem?

— Do quê?

— Sobre os possuídos.

— Não! É claro que não — ela ficou séria de repente. — Se soubessem, acho que mandariam me exorcizar.

Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes, tempo em que cruzaram várias esquinas e se aproximaram do centro da cidade.

— Queria te pedir uma coisa, Pedro.

— O quê?

— Não conte ao Jorge sobre esta noite.

— Mas por quê?

— Por nada. Só não quero que ele saiba. Está bem?

— Claro — ele concordou, estranhando o pedido. — Tomara que ele já tenha descoberto alguma pista naquele convite.

— Duvido muito! Quando ele volta para casa, fica só correndo atrás da namorada.

— O Jorge tem uma namorada?

— Sim. Ex-namorada na verdade — ela fez um muxoxo. — Ninguém aguenta aquele chato por muito tempo. Ele nunca te falou disso?

— Não.

— Nesse caso, melhor fingirmos que eu não te contei.

— E por que eles terminaram?

— Sei lá! Ele não toca no assunto. Mas deve ser por isso que nunca quer sair de casa. Lembra a cara feia dele no dia da minha festa? Acho que ainda gosta dessa menina.

Pedro então abriu a boca para perguntar a Aline se ela já tinha namorado ou gostado de alguém, mas acabou se contendo. O rosto dela agora estava radiante e ele, quase sem querer, reparou na beleza simples e juvenil de sua amiga. Não era a primeira vez que sentia um calor percorrer o seu peito ao se perder nos olhos grandes e verdes da moça, mas isso nunca tinha acontecido ao mirar a boca dela. Era muito bonita, sem dúvida, carnuda, vermelha, delicada, quase sempre carregando um sorriso. Aline era uma bela mulher e isso nem Jorge negava.

— O que foi? — ela percebeu que Pedro a encarava.

— Nada... — ele ficou sem graça.

— Desapontado por não conhecer todos os segredos do seu melhor amigo?

— Não — ele lembrou do estudante de geologia. — Mas estou um pouco preocupado com ele.

— E por quê?

— Bem... — sem pensar, decidiu que contaria a ela o que viu no quarto de Jorge. Mas não houve tempo.

De repente, Aline voltou a ficar séria e seu olhar se desviou para o céu, à direita. — O que é aquilo? — ela apontou para cima, abaixando a cabeça, tentando ver além do para-brisas do carro.

Pedro então percebeu que estavam na avenida principal do centro e que se aproximavam do Parque Municipal, antes de identificar o que havia chamado a atenção da moça. Apesar do céu escuro e nublado daquela noite, era possível ver uma coluna densa e negra de fumaça erguendo-se acima das árvores, vindo de dentro da reserva. O vento a empurrava em direção ao leste, transformando-a em

uma cortina fina que se espalhava rapidamente. De imediato, seus pensamentos retornaram ao mendigo.

— Pode ser um incêndio — Pedro comentou.

— Devemos chamar os bombeiros?

— Vamos ver o que é primeiro.

— Como? O parque está fechado a essa hora.

— Talvez dê para enxergar de fora. Pare ali.

Aline encostou na beira da avenida, bem próximo à entrada da pequena reserva.

— Viu só... Eu disse que estaria fechado.

E de fato, o portão de ferro que protegia o lugar estava cerrado. Mas Pedro logo percebeu algo de estranho. Havia uma corrente grossa prendendo as duas partes da grade, mas suas pontas pendiam soltas do lado de dentro, balançando ao sabor do vento, e um cadeado destrancado encontrava-se em uma das extremidades. Não havia ninguém à vista. Apenas de vez em quando, um ou outro automóvel cruzava a larga avenida.

— Está aberto, veja — o jovem abriu a porta do carro. — Vamos lá ver.

— Hum, não sei se devemos entrar — a moça relutou. — O parque não devia estar aberto a essa hora. Sobretudo na noite de Natal.

— Não acredito. Você, com medo de quebrar uma regra? O que aconteceu com a Aline que eu conheço?

— Bem, a gente fica mais cauteloso depois de atropelar um homem, dar de cara com uma onça e ser perseguida por um estranho dentro de um *Shopping* em plena luz do dia. Temos que ser prudentes e...

— Mas o João pode estar em perigo.

— E nós também. *Espere...*

Dessa vez, Pedro resistiu às súplicas da moça. Desceu do carro e correu até o portão. Olhou em volta para confirmar que não havia mais ninguém ali e, apesar das recomendações de cautela por parte de Aline, retirou a corrente. Ouviu-se então um ranger que certamente teria chamado a atenção de qualquer um a dezenas de metros de distância. A garota o seguiu de perto e, após encostarem o portão de volta, tomaram a descida cimentada em direção à coluna de fumaça, cuja visão era agora obstruída pelas árvores ao redor.

Intuitivamente Pedro apressou-se através do caminho rotineiro que fazia até o local de seus treinamentos com Roger. Todos os postes estavam apagados e uma escuridão incômoda e sinistra os acompanhava. Mas isso foi por pouco tempo, pois logo o brilho intenso de uma luz amarelada espalhou-se pelo bosque, servindo como referência para caminhada. O clarão parecia vir do mesmo ponto onde ele treinava capoeira e tornava-se cada vez maior e mais forte na medida

em que se aproximavam. *Era fogo, sem dúvida.*

Um enorme bloco, composto por paredes de chamas, bem no meio do parque. Pedro não podia acreditar em seus olhos. A pequena casa de seu amigo, João, feita de lixo e entulho, agora ardia em labaredas incandescentes, derretendo feito plástico fervente, ardendo em brasas vivas, caindo aos pedaços. Correu desesperado em direção ao lado direito da habitação, onde ficava a precária porta de entrada. O lugar estava tomado pelo fogo. Sentiu no rosto a irradiação do calor que, de tão intensa, o impedia de se aproximar a menos de três metros do incêndio.

— *João! João!* — gritou, olhando dentro do barraco.

— *Pedro!* — Aline soltou um berro. Mas antes que ele pudesse se virar, um vulto o atacou.

Um homem alto, claro e magro, vestido com roupas brancas agarrou-o, afastando-o do fogo. Ao tentar se desvencilhar, pulando para trás, ele caiu de costas, batendo as costelas com força no chão. Outro estranho, bem mais forte, de pele escura e também trajando branco, correu em direção à Aline, que por sua vez, pulou aos gritos para junto do amigo. Ainda caído, Pedro percebeu que um terceiro e quarto sujeitos, de roupas claras, arrastavam um corpo até uma espécie de van branca, cerca de vinte metros à direita. O rosto da vítima estava ocluso, voltado para baixo, mas as vestes eram, sem dúvida, as de seu amigo mendigo.

Tomado de fúria e medo, Pedro aproveitou o contato com o chão para, ainda deitado, golpear seu agressor com uma rasteira, atirando-o ao solo. Aquele foi um dos primeiros movimentos de capoeira que aprendeu com Roger. Em seguida, erguendo-se, colocou-se entre Aline e o outro homem. O estranho de pele negra avançou e segurou-o pelos braços, com uma força impressionante. O rapaz tentou se desvencilhar, chutando-o no meio das pernas, mas o sujeito parecia à prova de dor. Juntos, os dois foram ao chão e Pedro logo se viu imobilizado, com o inimigo aplicando todo o peso do corpo para prender seus membros.

— Quem é você? — bufou o homem negro.

Ele não respondeu. Mal conseguia respirar com toda a pressão que havia sobre seu peito. O estranho então tentou repetir a pergunta, mas mal teve tempo de terminá-la, porque levou um golpe na cabeça. Aline o atacou com a primeira coisa que encontrou, um pedaço de tijolo do meio-fio que delimitava a trilha. Cambaleando, ele saiu de cima de Pedro e partiu na direção dela, empurrando-a contra o chão.

— Já chega, Eustáquio — disse o outro sujeito, agora de pé. — Já pegamos o que viemos buscar. *Vamos embora.*

E assim, os dois homens correram até a van e entraram nela. O veículo logo

saiu acelerado pela pequena rua de asfalto que circundava todo o parque. Em vão, Pedro tentou alcançá-los. Primeiro correu até Aline e, após verificar que estava tudo bem com ela, disparou até entrada principal. Esperava que o carro misterioso deixasse o recinto por ali e sabia que os fugitivos teriam que dar uma grande volta até chegarem àquele ponto.

Desesperado, seguiu pelo escuro, sem a menor ideia do que faria para salvar seu amigo, porém a adrenalina o impedia de raciocinar. *Droga, vou perdê-los. Preciso chegar primeiro ao portão.* E quando atingiu a entrada principal, nada pôde fazer a não ser observar o segundo homem que o atacou fechar o portão e a van cruzar a avenida, desaparecendo além das grades do parque. Porém, frente às luzes dos postes na rua, viu um nome estampado na lateral do veículo, em letras vermelhas.

Sanatório São Sebastião.

O homem da tatuagem tribal

O dia da antevéspera de Ano Novo iniciou-se ainda de madrugada para Pedro e Aline.

Depois de muito procurarem, eles descobriram um lugar na entrada da cidade de Nova Lima, nas imediações de Belo Horizonte, chamado Sanatório São Sebastião. Tratava-se de uma espécie de centro de recuperação de doentes mentais, uma clínica particular estabelecida em uma antiga fazenda, a menos de trinta minutos da capital. Primeiro encontraram o número de telefone do local, mas depois de algumas ligações, não conseguiram nenhuma informação relevante. E assim, após muita discussão sobre se deveriam ir ou não até lá, quebrando outra vez a regra de não saírem da cidade, acabaram se decidindo por visitar a clínica.

Aline não conhecia bem aqueles lados, mas o caminho até Nova Lima era bem simples, contornando em sua maioria o imenso anel rodoviário da capital, até uma avenida movimentada. Não havia formas de se errar o trajeto e, dirigindo primeiro para o sul e depois leste, alcançaram a divisa entre os dois municípios em menos de vinte e cinco minutos. A estrada descia devagar à medida que progrediam e, ao longe, o perfil da cidade era bem mais rebaixado do que Belo Horizonte. O clima parecia fresco agora e o ar, frio e úmido, enchia os pulmões e trazia uma sensação agradável às narinas, tão castigadas pelo tempo seco da capital mineira. Apesar do sol tímido que se projetava sobre o vale, havia neblina bastante condensada nas partes menos protuberantes do relevo.

Pedro, porém, não viu nem de longe o esplendor e a riqueza da região que atraía moradores da alta classe de Belo Horizonte para seus luxuosos condomínios. Seu objetivo ficava logo na entrada do município. Uma placa discreta e antiga indicava a pequena estrada de chão, que deixava a rodovia pela direita e seguia tortuosa por entre dois paredões de terra seca de mais de quinze metros. A partir desse ponto, o relevo voltou a subir e de novo o centro da cidade ficou visível por alguns segundos, para depois sumir de vez atrás de um morro verde e cheio de acácias.

Logo eles atingiram a guarita branca ao lado de uma porteira de madeira. A entrada da propriedade era cheia de árvores baixas e havia muros por uma extensão de apenas vinte metros dos dois lados. Cercas de arame farpado protegiam o restante do imenso terreno. Um homem baixo, usando boné e uniforme marrom, deixou a guarita e lentamente aproximou-se do veículo, antes

de desejar bom dia.

— Bom dia! Meu nome é Aline — ela alisou os cabelos, sedutora. — Conversei mais cedo por telefone com a moça da recepção. Estamos procurando por uma pessoa que trouxeram para cá.

— A senhorita tem hora marcada? — o homem rebateu, mirando Pedro de maneira desconfiada.

— *Ah não!* Precisa de hora marcada para isso?

— Sim. É porque hoje não é dia de visitas.

— Puxa, moço... Ninguém me falou nada. E nós viemos de tão longe para chegar até aqui... — ela lamentou. — Será que não haveria uma forma de entrarmos, nem que seja rapidinho?

Aline é uma ótima atriz nessas horas, Pedro pensou. O homem ficou encarando os dois com suspeita, mas de certo modo, parecia mais interessado na garota.

— Vou ver se alguém pode recebê-los. Espere um pouco — ele então voltou à guarita. Depois pegou o telefone e, após poucas palavras, retornou, abrindo a porteira. — Podem ir para a recepção. É só seguirem até o final dessa estrada.

Aline agradeceu e acelerou o carro, seguindo a trilha de terra que se mostrava a frente. Cruzaram a extensa fazenda, muito bem cuidada por sinal, cheia de arbustos e cercas rústicas, em direção a uma enorme construção branca. Pedro achou que já estava dentro do sanatório, mas logo descobriu que ainda não tinham nem chegado à porta principal. Diante deles, ergueu-se um alto e estreito portão de ferro antigo, com grades pontiagudas, margeado por uma vastidão de muros com mais de quatro metros de altura. A prisão de loucos começava a se revelar. A moça parou o carro junto a um dos paredões, em um ponto onde a grama gasta indicava a posição do estacionamento improvisado. Dali para frente, seguiriam a pé.

Outro homem, vestindo uniforme semelhante ao do primeiro, destrancou o portão, abrindo-o para que os visitantes passassem. Ele não disse nada e apontou adiante quando questionado sobre a sala da recepção. Pedro e Aline então caminharam por um passeio de pedras aberto no centro do belo jardim. Por todos os lados havia bancos retangulares de cimento e círculos de grama contornando finos arbustos. Existiam também canteiros de flores aqui e ali, e uma bela fonte rasa jorrava finas brisas de água para o ar. E tinha gente, bastante gente. Alguns eram enfermeiros, com luvas e roupas brancas, sapatos emborrachados e aventais lisos. Mas a maioria eram pacientes, pessoas sentadas no chão ou encostadas nos muros, cobertas por vestes azuis claras, e com olhares perdidos no céu ou no solo. Muitos eram jovens, mas pareciam desanimados, feito idosos, sem vitalidade. E nenhum deles lembrava o mendigo do Parque Municipal.

A recepção era a primeira na fileira de pequenas casas escondidas atrás dos jardins e a única com gradeados nas portas e janelas.

— Em que posso ajudá-los? — perguntou a secretária, uma jovem loira e magra, sentada na mesa atrás da grade fechada. Largou a revista de moda que estava lendo, mas não parecia interessada em deixá-los entrar.

— Bom dia — Pedro respondeu. — Queremos uma informação. Estamos procurando por uma pessoa desaparecida. Uma pessoa com sérios problemas mentais. Desconfiamos que ela foi trazida para cá.

— Desaparecida? — ela franziu o cenho.

— Sim, um homem que sumiu em Belo Horizonte há cinco dias.

— E, por acaso, algum de vocês é da família?

— Não. Mas ele é muito amigo meu.

— Bom. Nesse caso, lamento, mas só podemos dar informações de pacientes aos familiares.

— Por favor, moça! — Aline insistiu, as mãos coladas contra a grade. — Estamos preocupados. Só queremos saber se ele está mesmo aqui e se está bem. Viemos lá de Belo Horizonte só para isso.

A mulher hesitou por alguns instantes antes de girar a cadeira para o lado e colocar-se diante do computador. Ela mexeu o *mouse* e, logo, a tela se acendeu.

— Qual é o nome da pessoa que procuram?

— João — disse Pedro.

Ela digitou uma palavra. — João de quê?

— Hã... Não sei... Só conheço o primeiro nome.

— Bem... aqui na clínica temos treze pessoas chamadas João — a secretária mirava o computador. — Mas nenhuma delas deu entrada nos últimos dias. A última chegou há mais de dois meses. Têm certeza de que o nome é esse mesmo?

— Bem, era assim que eu o chamava.

— E vocês não têm nenhuma outra informação sobre ele? Tipo físico, marcas de nascença, residência?

— Ele é baixo, magro, tem cabelos pretos e é meio vesgo. Era mendigo. Morava no Parque Municipal de Belo Horizonte.

A mulher reagiu com tremenda surpresa a essas últimas palavras. Direccionando um olhar curioso e desconfiado para os visitantes, pediu um minuto e retirou o telefone do gancho.

— Doutor Mauro? Tem duas pessoas aqui perguntando pelo paciente novo... Não, não esse! Aquele paciente novo... É... O que eu faço?... Sim. Está bem... Eu aviso... — a mulher então desligou o aparelho, levantou-se e destrancou as grades. — O Doutor Mauro irá atendê-los. Ele é diretor da clínica e poderá dar

mais informações. Podem entrar por aquela porta ali.

E assim, Pedro e Aline caminharam até uma entrada nos fundos da sala e a abriram. Depois dela, havia um pequeno consultório todo pintado de branco, com uma cama e armários de metal. Um homem velho e de jaleco estava sentado atrás de uma mesa. Branca também era a maior parte de seus cabelos curtos.

— Bom dia. Entrem! — disse ele, sem muita delicadeza. — E, por favor, fechem a porta.

Os jovens então se sentaram em duas cadeiras diante do médico. Pedro não se sentia a vontade naquele lugar. — Bom dia, Doutor — ele começou. — Estamos procurando por um mendigo que vivia no Parque Municipal de Belo Horizonte.

— Qual é o seu nome, filho? — o homem expunha uma expressão fechada.

— Pedro. E essa é Aline. O mendigo se chama João, eu acho.

— Diga uma coisa, Pedro. Por que veio procurar por essa pessoa aqui? Por que acha que foi trazida para cá?

O jovem gaguejou, mas tinha a resposta na ponta da língua. — Bem, o João tem sérios problemas mentais. Ele morava em uma casa feita de lixo, bem no meio do parque. Um dia cheguei lá e a casa havia sumido. E ele também. Por isso pensei que pudesse ter sido levado para algum abrigo ou coisa assim. Depois, perguntando, descobrimos que algumas pessoas viram uma ambulância dessa clínica dentro do parque, antes de o homem desaparecer. Foi por isso que viemos até aqui.

— Perguntando... — repetiu o médico, a descrença estampada no olhar. — E por que estão procurando por ele afinal? Por acaso, são parentes?

— Não. Somos apenas amigos.

— São amigos de um mendigo? Um mendigo demente!

— Sim! — o jovem respondeu com firmeza.

— Bem... — o Doutor Mauro apanhou uma série de canetas espalhadas sobre a mesa e as colocou dentro da latinha arredondada, à esquerda. — Nós realmente recebemos a pessoa de quem você fala. Chegou há alguns dias um paciente com tais descrições. Só que o nome dele não é João — pegou um pequeno fichário de uma gaveta e retirou dele uma folha de papel esverdeada. — Aqui está! *Vicente de Paula e Souza*. Filho de Arlindo de Souza e Isabel de Fátima Souza. Ambos falecidos. Nenhum outro parente conhecido.

— Não pode ser — Pedro não compreendia. — Ele atendia pelo nome de João.

— Esse paciente é uma pessoa muito doente, meu jovem. E gente assim, às vezes, assume outras personalidades — disse o médico.

De repente, a porta se abriu com rudeza e um homem forte e de pele negra surgiu parado na entrada da sala. De relance, Pedro percebeu que já o tinha visto

antes. Seu sangue gelou. Aquele era um dos homens que atacaram a ele e a Aline no parque. Estava vestido com as mesmas roupas brancas e usava de uma expressão séria e ameaçadora.

O médico então se levantou. — Bom, agora se me dão licença, tenho muito trabalho a fazer. Eustáquio. Por favor, mostre a esses dois a saída.

— Não podemos ver o João...? — Pedro insistiu. — Quero dizer, o Vicente?

— Lamento, mas hoje não é dia de visitas. Além disso, o seu amigo é uma pessoa bastante violenta. Nós o colocamos em uma área de isolamento. Peço que não voltem mais aqui, pois perderão a viagem. *Adeus!*

O homem negro então se aproximou dos dois, deixando livre a porta de saída, mas ele nada precisou dizer ou fazer. Vencidos, Pedro e Aline começaram a andar na direção de onde vieram. O jovem sabia que não tinha a menor chance física de se defender, caso aquele enfermeiro o agredisse de novo, pois ele era o mesmo que derrubara a garota e que o prendera contra o chão. Em sua cabeça havia um curativo, no lugar em que Aline o atingira com o tijolo do calçamento do parque, e ele ainda parecia furioso com isso.

Em silêncio, os jovens caminharam até o carro, sempre acompanhados de perto pelo brutamonte. Pedro só teve coragem de falar depois de uns dez segundos após o veículo cruzar a última porteira e ganhar a estrada de terra.

— Então, os pais dele estão mortos — disse, quase que para si mesmo. — Pobre mendigo... O coitado vivia esperando o pai ir buscá-lo.

— Isso é muito triste, Pedro. Mas pense bem. Talvez seja melhor que ele fique aqui do que lá no parque.

Nisso, Aline tinha razão. Embora não tivesse visto as condições às quais seu amigo estava submetido naquela clínica, qualquer coisa era melhor do que morar no meio do lixo, comendo sabe-se lá o quê. Mas de repente, um breve pensamento tomou conta de sua mente e ele ficou refletindo sobre aquilo por vários minutos, antes de expor à amiga.

— Tem algo que me deixou intrigado. Aquele médico disse que o mendigo não tinha nenhum parente conhecido.

— Foi sim.

— Mas então, quem está pagando a estadia dele nesse lugar? É uma clínica particular, não é?

— Sim... E deve ser bem cara por sinal. Reparou nos estofados e nas cortinas?

Pedro não tinha notado. Não ligava muito para esses tipos de detalhes, por isso não falou mais nada. Mas lembrou-se do desespero do amigo em uma das últimas vezes em que se encontraram, assim que Roger voltou. "Pessoas más, pessoas de branco", disse o mendigo. *A agitação dele agora faz todo o sentido. Provavelmente descobriu que os enfermeiros do sanatório iriam buscá-lo. Talvez*

até já tenham tentado antes. Mas quem terá comandado sua ordem de despejo? A prefeitura? Com certeza não. O governo tem seus próprios hospícios públicos para jogar os doentes mentais. Mas então, quem estará pagando sua permanência em uma clínica particular tão cara quanto aquela?

Qualquer que fosse a resposta, uma coisa era certa. Pedro e Roger agora ficariam sozinhos na área de treinamento do parque, e isso não parecia coincidência.

* * *

A virada de ano não foi tão emocionante quanto a noite de Natal. Aline queria assistir, ao vivo, ao tradicional *show* de fogos às margens da Lagoa da Pampulha, mas dessa vez não foi difícil para Pedro convencê-la a ficarem em casa. O tempo também não ajudou muito, pois as chuvas que só ameaçaram cair nos últimos dias vieram com tudo no princípio do Ano-Novo, como se estivessem apenas esperando pelo *réveillon*. Jorge só chegou no dia dez, bem no início da semana, mas trouxe boas notícias sobre o caso de Flaviano.

— *Encontrei um nome!* — ele mostrava o convite de formatura, empolgado como Pedro nunca tinha visto. — *Miguel Alípio Dutra*. Engenheiro com especialização em análise de solo e consultor de uma empresa de construção civil aqui de Belo Horizonte. Tem quarenta e dois anos e fez duas faculdades, Engenharia de Minas e Antropologia. *É ele*. Tenho certeza de que é ele!

— Como sabe? — Pedro estava descrente.

— É a única pessoa da sala de Flaviano que já morou em Minas Gerais. Consegui descartar todas as outras. Só pode ser ele.

— Temos que contar a Aline então. Precisamos ir atrás desse homem o mais rápido possível.

— Infelizmente não adianta ter pressa agora — disse Jorge. — Assim que descobri sobre ele, há dois dias, liguei para a tal empresa. A secretária me contou que ele tinha acabado de sair de férias e que não havia como contatá-lo, porque está fora do país. Teremos de aguardar até ele voltar no começo de fevereiro.

— Mas até lá, pode ser tarde demais.

— Lamento, mas não podemos fazer nada.

E assim, outro longo período de espera se impôs frente à ansiedade de Pedro. *Mais um mês. Que falta de sorte!* E dessa vez não havia qualquer alternativa ou pista a seguir, restando apenas aguardar e torcer para que Paulista e Roger não encontrassem o amuleto sagrado antes deles. Mas o maior problema em não poder fazer nada era não saber se estavam mesmo na trilha certa. E se o homem do convite não for a pessoa para quem Flaviano enviou o objeto? E se ele não

souber de nada com relação ao caso? Podiam estar perdendo um tempo muito precioso. Tais dúvidas atormentaram Pedro mais e mais, à medida que o fim de janeiro se aproximava.

Cada dia que chegava ao Parque Municipal e encontrava Roger, ficava aliviado por ver que aparentemente ele e o médico ainda não haviam se revelado traidores. Achava que isso poderia acontecer a qualquer momento, assim que os dois tomassem posse do objeto sagrado dos Itaguaçu. E agora que não tinha mais aulas à noite, Pedro passava a maior parte do tempo vendo televisão.

Às vezes, quando Jorge lhe dava algum conselho sobre fazer faculdade e continuar estudando, pegava um livro para ler, mas sua atenção logo se desviava em outras direções. Sua preocupação com o amigo persistia, e embora não tivesse tocado no assunto das centenas de pedras que havia no quarto dele, vivia lhe perguntando se tomava os remédios regularmente. Jorge sempre dizia que tudo estava bem e perguntava a Pedro pelo treinamento.

Esse era outro problema em sua vida. Não importava que treinasse todos os dias, sem intervalos, e nem que passasse horas se concentrando, seus poderes espirituais jamais se manifestavam. Ele já nem se queixava mais sobre isso a ninguém e estava convicto de que Sapiranga, o homem cego que encontrou em São Paulo, não havia se enganado. Apesar do que todos diziam, Pedro não era mesmo um possuído.

Esse sentimento, porém, não o impedia de se importar com Aratama e com seus amigos. Se a guerra velada contra o governo ou a Liberdade Verde nunca fora sua, por não ter um espírito aprisionado em seu corpo, seria agora por causa da ameaça a seus novos companheiros. *Não posso abandoná-los agora, sobretudo num momento tão crítico. E ainda há esperança. Esperança de encontrar o amuleto sagrado. Esperança de que Mayra apareça a qualquer instante.* Um dia ele viu um urubu pousado em uma árvore do parque, mas o bicho não tinha cabeça pelada como a de Bárbara, o animal de estimação da mulher.

E então o tempo passou e chegou o dia em que o último suspeito da lista de formatura de Flaviano voltaria ao trabalho. Era segunda-feira, dia treze de fevereiro, por coincidência também o primeiro dia letivo do novo semestre da UFMG. Jorge agora começava o quinto e mais difícil período do curso de Geologia. Isso, aliado ao fato de que não queria chamar a atenção de Roger faltando ao treinamento, fez com que Pedro e seus amigos marcassem a visita ao suspeito para a parte da tarde. Mas para sua infeliz surpresa, foi seu treinador quem não compareceu ao parque naquela manhã, e dessa vez, sem deixar recado algum. *Coincidência? Será que Roger sabe do homem, e ele e Paulista estavam apenas esperando por seu retorno de férias também?* Seu coração se aqueceu só

de pensar que poderia ser tarde demais para encontrarem o amuleto agora.

A notícia mexeu muito com Aline. Não era da natureza dela esconder os próprios sentimentos e Pedro pôde ver a preocupação estampada nos olhos verdes, cada vez mais belos. Jorge, porém, não se abalou. Já estava de péssimo humor quando voltou para casa, logo depois do meio dia. Pela manhã, havia recebido a pior notícia que poderia ter vindo da faculdade. O Professor Velho, a pessoa que provavelmente mais o odiava no mundo, ministraria naquele semestre a matéria mais difícil de todo o curso, *Fundamentos de Geoquímica Analítica*. E o sujeito já tinha começado bem, pois marcou um trabalho enorme para casa, a ser entregue já na próxima aula, dali a dois dias.

Eram três da tarde, uma hora antes do combinado, quando Aline parou o carro em frente ao endereço comercial no qual estaria o suspeito. O céu estava aberto e iluminado e, embora faltassem algumas horas para o crepúsculo, o astro-rei já se escondia atrás da cadeia de prédios do bairro nobre da capital. O clima era quente e sufocante, e só servia para aumentar o desconforto de Pedro. Estava muito nervoso, pois da última vez que ele e Aline seguiram pistas sobre o caso de Flaviano, acabaram perseguidos por um homem misterioso.

Procurando esconder o medo de seus companheiros, tentou imaginar que mentiras a garota contaria dessa vez a fim de convencer o colega de Flaviano a revelar as verdades que sabia. A única coisa que ela comentou foi que a deixassem dizer tudo e que ele e Jorge falassem o mínimo possível. Pedro não se importou, afinal não levava muito jeito com as pessoas. Aline, pelo contrário, era bela e simpática, e parecia ter um dom especial para lidar com os outros. Não era à toa que ganhava o prêmio de melhor vendedora da loja todos os meses.

O prédio que procuravam era enorme, com mais de vinte pavimentos, e largura suficiente para comportar cerca de quarenta carros no passeio dianteiro. O andar de entrada era cheio de pequenos estabelecimentos comerciais como mobiliárias, decoradoras e livrarias. Mas a portaria ocupava a maior parte do piso. Era um imenso salão de teto alto, com poltronas em frente à recepção. Havia muita gente por ali, sentados ou caminhando entre as lojas, mas ninguém era familiar.

— Pois não — perguntou o rapaz bem aparentado, de rosto liso e cabelos ruivos, atrás do balcão de entrada.

— Boa tarde — Aline cumprimentou. — Gostaríamos de ir até o escritório da *Construminas Consultoria*.

— Vocês três?

— Sim.

— Identidades, por favor — o recepcionista mirava a tela do computador.

Os amigos se entreolharam rapidamente e cada um entregou o documento ao

sujeito. Esse, por sua vez, os leu e digitou alguns dados antes de devolvê-los, junto com três crachás de visitantes.

— Décimo terceiro andar — ele informou e logo se virou para atender outras pessoas.

Com naturalidade, os jovens seguiram, usando os crachás como cartões magnéticos para transporem as catracas eletrônicas que protegiam a entrada do corredor de elevadores.

— Essa foi a parte fácil — Jorge comentou, aparentemente tão nervoso quanto Pedro.

— E então, Aline? — sussurrou o jovem. — Agora você já pode dizer como vai convencer o homem a contar seus segredos. Vai bancar a repórter de novo?

— Sim. Acho que é o jeito mais fácil de conseguirmos alguma informação. O problema é que, dessa vez, não poderemos usar nomes falsos, já que nossos documentos ficaram registrados na recepção. Por essa eu não esperava.

— E acha que vai dar certo? — Jorge perguntou.

— Não sei. Agora, tentarei um método mais direto. Vamos ver no que dá.

— O que você tem em mente? — Pedro quis saber.

A garota não respondeu, porque naquele exato instante, as portas do elevador se abriram. Meia dúzia de pessoas saiu, deixando para trás apenas um homem idoso, de cabelos brancos e cara amarrada, sentado em um grande banco de madeira. Perguntou qual era o andar de destino dos três e pressionou o botão de número treze, quase automaticamente após a resposta de Jorge.

O prédio era novo, porém o elevador fazia um bocado de barulho. Pedro experimentou uma desagradável sensação de tontura no início e no final da rápida viagem de subida, e sentiu um leve tremor do chão assim que o ascensor parou de repente. Em pouco tempo, eles chegaram ao andar que desejavam e, quando a porta se abriu, revelou um grande corredor cheio de salas. Uma enorme entrada de vidro figurava bem no fim da passagem, com o nome da empresa de consultoria que procuravam estampada a meia altura. Na pequena sala de recepção havia confortáveis bancos, todos vazios, e uma mesa modesta onde se sentavam uma mulher jovem e negra.

— Em que posso ajudá-los?

— Boa tarde — respondeu Aline. — Estamos procurando por Miguel Dutra. Ele trabalha aqui, não?

— Sim. Vocês marcaram hora?

— Não... Não marcamos.

— Bom, ele deu uma saída. Se quiserem esperar, não deve demorar.

E então os três aguardaram por cerca de quinze minutos. Impaciente, Pedro não quis se sentar junto aos outros, indo até a janela para apreciar a vista. Do alto

do prédio, viu ao longe as montanhas tomadas por torres de celular e antenas de transmissão de rádio e TV. À volta, vislumbrou grande parte da cidade, banhada pelo sol, refletindo feixes de luz amarelada de maneira pontual nas janelas e nos ladrilhos dos arranha-céus. No horizonte, nuvens esparsas e muito brancas quebravam a imensidão azulada. Em um momento, Aline se aproximou para observar a paisagem, mas Jorge permaneceu sentado onde estava.

— Ele tem pânico de altura — a moça sussurrou, olhando através da janela.

— É mesmo? Eu não sabia — Pedro comentou, surpreso.

— Morre de medo do terceiro andar. Não diga que eu te contei.

De repente, um homem aparentando quarenta e poucos anos de idade, não muito magro, estatura média, calvo nas entradas e de cabelos pretos, adentrou a sala. Estava socialmente vestido e trazia nas mãos um pacote marrom engordurado com a marca de uma padaria. Parecia distraído e se virou assustado quando a secretária o chamou.

— Senhor Miguel. Esses jovens estão esperando pelo senhor.

O sujeito olhou desconfiado para os três. O rosto era avermelhado de tão branca a pele e o nariz era redondo e chato, ladeado por bochechas protuberantes.

— Sim, pois não?

— Boa tarde, Senhor Miguel — a garota estendeu o braço para cumprimentá-lo. Ele esfregou a mão nas calças antes de retribuir o gesto. — Meu nome é Aline. Sou repórter da *Revista Carta BH*. Não sei se o senhor conhece.

— Não — ele respondeu, apático, mas com um leve sorriso nos lábios.

— Esses são Pedro e Jorge, dois estagiários. Será que o senhor teria alguns minutinhos para conversar conosco?

— E do que se trata?

— Estamos fazendo uma reportagem investigativa sobre a morte de um homem chamado Flaviano Guimarães, ocorrida meses atrás em Lagoa Santa — disse ela, ainda segurando a mão de Miguel. — Soube que o senhor era amigo dele. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Isso, se não for um inconveniente, claro.

Ao ouvir tais palavras, o sujeito pareceu desconcertado. Tentou olhar no relógio de pulso, mas Aline não soltou-lhe a mão.

— Estou um pouco ocupado agora.

— Por favor, Senhor Miguel. Será uma conversa rápida, prometo.

— Hã... — o homem vacilou. — Está bem. Acho que tenho alguns minutos sim. Queiram vir até o meu escritório.

Eles então seguiram o engenheiro através do corredor apertado, alcançando logo a porta branca à esquerda. Entraram na sala. Pedro e Aline tomaram dois

assentos à frente de uma escrivaninha de metal e Jorge permaneceu de pé, próximo à entrada.

— Desculpem, mas só tenho duas cadeiras — disse o anfitrião, sentando-se em uma poltrona confortável do outro lado. Guardou o pacote que trazia em uma gaveta, antes de prosseguir. — E então, em que posso ajudá-los?

— Senhor Miguel, — Aline começou — é verdade que o senhor estudou com Flaviano Guimarães em uma faculdade de antropologia em São Paulo?

— Sim — respondeu com seriedade. Juntou as mãos sobre o tampo da mesa. — Mas você está mal informada quanto a ele ser meu amigo. Nós não éramos próximos. Eu mal conversava com ele naquela época. E depois, nunca mais o vi.

— O senhor não teve mais contato com ele? Nunca recebeu nenhum tipo de carta ou encomenda enviada por Flaviano?

— Não. Como disse, mal o conhecia. Quando li sobre a morte dele nos jornais, levei dias para me dar conta de que era alguém conhecido. Mas me chamou a atenção a forma como ele morreu, atacado por um animal selvagem em plena cidade — o engenheiro balançou a cabeça, lastimando-se. — *Que coisa horrível!*

— E sabia que ele foi sequestrado antes de morrer? — Jorge perguntou.

— Sim, li isso também.

— Senhor Miguel, temos um exemplar do convite de formatura da sua turma — Aline arrastou o documento sobre a mesa em direção a ele. — Soubemos que, depois que Flaviano fugiu do cativeiro em Lagoa Santa, tentou vir para Belo Horizonte. Parece que ele conhecia uma pessoa aqui. Alguém com quem tinha estudado na faculdade.

O homem mirou rapidamente o papel. — Como já disse, eu nunca mais me encontrei com ele. Ele não me procurou.

— Eu sei. Ele não conseguiu sair vivo de lá. Mas, por favor, dê uma olhada nesse convite. Por acaso, o senhor não reconhece nenhum nome dessa lista? Não sabe de mais ninguém que mora ou que já tenha morado aqui na capital?

O engenheiro analisou cuidadosamente o papel, segurando-o com bastante zelo. — *Nossa!* Esse é o tipo de coisa que nos faz perceber o quanto o tempo passa rápido — ele comentou em tom nostálgico, um leve sorriso compondo o rosto. — Parece que foi ontem que eu estava na festa de formatura. Onde conseguiram isso?

— Ele nos foi entregue pelo parente de um dos formandos — Aline respondeu. — Prometemos que não revelaríamos a fonte. E assim também prometemos ao senhor. Se souber de alguma coisa, qualquer coisa que possa nos ajudar nesse caso, ficaríamos muito agradecidos. Apesar do que dizem sobre Flaviano ter morrido pelo ataque de um animal selvagem, acreditamos que ele

foi mesmo assassinado. Alguém o sequestrou e o matou a sangue frio. E estamos em busca da verdade.

— Entendo, moça, — disse Miguel — mas lamento não poder ajudar. Depois que me formei, fui trabalhar no Paraná e nunca mais tive contato com ninguém da minha antiga turma. Logo fiz outra faculdade e mudei de profissão. Fazem menos de quatro anos que vim morar em Belo Horizonte. E eu não conhecia ninguém aqui.

— Senhor Miguel, por acaso se lembra de Cláudio Aragão de Lima? — Jorge se intrometeu na conversa.

— Sim... Vagamente — o homem retornou ao convite. — Ele e Flaviano eram amigos.

— E sabia que ele também morreu atacado por uma onça em Manaus?

— Não, eu não sabia — Miguel voltou os olhos arregalados para o estudante de geologia. — Isso é sério?

— *Muito sério!* — Jorge continuou. — Sei que pode parecer estranho, ou mesmo paranoico, mas temos razões para acreditar que existe uma sociedade secreta por trás dessas estranhas mortes. O senhor já ouviu falar da *Liberdade Verde*?

Imediatamente Aline se virou para encarar o estudante com um olhar reprovador. *Ele falou mais do que o necessário*, Pedro soube na hora. O homem, por sua vez, não respondeu, mas sua expressão séria e assustada revelou que ele já tinha ouvido sobre a suposta sociedade antes.

— Eu não acredito nessas coisas — disse o engenheiro, sem muita convicção.

— Isso é exatamente o que eles querem. Que não acreditemos!

— Não ligue para ele, Senhor Miguel! — Aline interrompeu, ainda de cara fechada. — O Jorge é meio paranoico.

— Eu realmente lamento não poder ajudá-los, mas já disse tudo o que sabia à polícia.

— A polícia procurou pelo senhor? — o comentário acendeu uma luz na mente de Pedro.

— Sim. Hoje de manhã.

— *Hoje?*

— É. Também achei estranho. Até pensei que eles pudessem me procurar logo depois que Flaviano morreu. Mas assim, após tanto tempo, eu não esperava... E agora vocês vêm atrás de mim, no mesmo dia. Por quê?

— Não sabemos... — Aline gaguejou, abalada. — Talvez estejam querendo reabrir o caso. O que a polícia queria com o senhor?

— Bem, eu disse polícia, mas na verdade não era bem isso. O homem que me procurou hoje era detetive particular. Ele falou que trabalhava para a família de

Flaviano. Achei estranho, mas ele me mostrou a identificação. Agora não me lembro mais do nome.

— Mas como era esse sujeito? — Pedro ficou com o coração na garganta.

— Bem. Ele era magro, tinha a minha altura...

— E o que mais?

— Hum... Deixa ver. Cerca de um metro e setenta e poucos. Uns quarenta anos. Cabelo escuro e curto.

— Ele tinha alguma marca? — Jorge perguntou, afoito.

— Sim... Uma tatuagem no punho direito. Era uma marca estranha, cheia de riscos pretos. Parecia um símbolo tribal, eu acho.

Pedro então se virou para o estudante de geologia e, quando seus olhares se encontraram, quase pôde ler o pensamento do colega. *Paulista!* A descrição batia perfeitamente com a do médico. Será que ele e Roger haviam chegado até o homem? Estariam eles à frente no caso mais uma vez?

— Mas o que ele queria? — Aline indagou.

— Bom, também queria saber se eu era amigo de Flaviano. Perguntou se eu tinha recebido alguma coisa dele pelo correio. Uma carta ou pacote contendo um objeto qualquer. Eu disse que não. Ele então quis saber se eu conhecia alguém de sobrenome Garcia.

— Garcia? E quem é esse?

— É um sujeito que também foi da nossa sala de faculdade. Em princípio, não me recordei do nome, mas depois lembrei de um jovem que estudou com a gente.

— Mas não tem ninguém com esse sobrenome no convite — exclamou Jorge, que àquela altura já tinha memorizado todo o documento.

— Não. Aqui só tem os formandos. O Garcia não chegou a se formar. Na verdade, ele abandonou a faculdade antes de chegarmos à metade do curso. Lembro que adorava estudar antropologia. Era fascinado por objetos antigos.

— Mas por que ele largou o curso? — Pedro perguntou.

— Não tenho muita certeza, mas acho que o pai dele ficou doente e a família teve dificuldades em pagar a faculdade, que por sinal era muito cara. Na época, algumas pessoas comentaram que o Garcia precisou voltar a Belo Horizonte para tocar os negócios do pai. Eles eram donos de algum estabelecimento comercial aqui na capital. Mas eu nunca mais ouvi falar dele também.

— Então ele era daqui de BH?

— Sim. Alguns até o chamavam de Mineiro, porque ele era o único da sala que nasceu aqui no estado.

— E esse Garcia tinha ligação com Flaviano? — a garota pegou de novo o convite e o pôs na bolsa.

— Talvez sim. O Garcia era um sujeito bem simpático e cativava todo mundo. Mas não posso dizer que já os tenha visto juntos. Como disse, isso já faz muitos anos. O detetive queria saber qual era o primeiro nome dele, mas eu não me lembro. Eu realmente não lembro de mais nada. Desculpem.

— Está certo — Aline se levantou. — Obrigada pelas informações, Senhor Miguel. E perdoe termos tomado o seu tempo.

Os três jovens então deixaram o escritório e pararam diante do elevador.

— *Você ficou maluco!* — a garota sussurrou para Jorge, com uma raiva contida.

— Por quê?

— Quase estragou tudo!

— Ora, você não disse que seria direta? Eu também fui.

De novo a porta se abriu e todos se calaram. O mesmo velho os levou de volta até a portaria e os três deixaram rapidamente o prédio.

— E agora? O que vamos fazer? — Aline perguntou.

— Nada — Jorge respondeu. — Paulista chegou antes. Acho que agora perdemos.

— Ainda não — Pedro retrucou. — Temos que encontrar esse tal de Garcia primeiro. Ouviram o que o Miguel disse. Ele era fascinado por objetos antigos. Deve ser ele. Flaviano deve ter enviado o amuleto para ele, o único da turma que era de Belo Horizonte.

— Mas deve haver centenas de pessoas com esse sobrenome na cidade — o estudante de geologia rebateu. — Por onde começamos a procurar?

— Bem, sabemos que ele é um homem na casa dos quarenta anos e que tem ou já teve um estabelecimento comercial. Isso reduz muito as possibilidades.

— Pedro tem razão — completou a garota. — Não podemos desistir ainda.

A conversa cessou e, em pouco tempo, estavam de volta ao prédio de Jorge. Porém, não tiveram chance de entrar, antes que um carro vermelho estacionasse logo atrás do veículo de Aline. Um homem desceu e caminhou na direção dos três, chamando a atenção do jovem. Era totalmente careca e usava jaqueta preta e calças jeans escuras. Tinha cicatrizes horríveis no lado esquerdo do rosto. Pelo tipo dos óculos de sol e pela estatura, não havia dúvidas. Aquele era o sujeito misterioso que perseguiu ele e Aline dentro do *shopping*, meses atrás.

— Pedro Oliveira? — ele chamou.

— Sim... — respondeu, assustado.

— Sou da polícia — o homem exibiu um distintivo prateado. — Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— Qual é o assunto? — Jorge rebateu.

— É sobre a morte de um homem chamado *Flaviano Guimarães*.

O colega da faculdade

Pedro sentiu faltarem-lhe as forças das pernas. O coração disparou acelerado e um fluxo de adrenalina aqueceu seu peito.

— A morte de quem? — Aline perguntou.

— Flaviano Guimarães — o estranho repetiu de maneira incisiva. — Vocês devem ter ouvido falar sobre ele.

Ninguém respondeu. Nem sequer se moveram, tamanha foi a surpresa.

— Meu nome é Júlio — ele continuou. — Investigador da Sexta Delegacia de Homicídios, Polícia Civil. Gostaria de conversar com vocês três. Será que posso entrar por alguns minutos?

— É claro — disse Jorge, virando-se para abrir o portão com aparente tranquilidade.

Sem alternativa, Pedro e Aline o seguiram e, logo atrás, veio o detetive. Ao chegarem ao apartamento 303, os quatro se acomodaram na sala, o policial em uma cadeira trazida da cozinha e os jovens no sofá. O homem retirou os óculos, revelando um par de olhos acinzentados e grossas sobrancelhas negras. Talvez tivesse pouco mais do que trinta anos, mas a profissão parecia ter desgastado-lhe bastante a aparência. Pedro reparou nas pequenas cicatrizes do rosto e na parte lateral esquerda da cabeça raspada.

— Bem... Primeiro, gostaria de confirmar algumas informações — o detetive retirou um pequeno bloco de notas do bolso e o abriu, na página demarcada por um lápis preto. — Seu nome é Pedro Oliveira de quê?

— Só isso — ele gaguejou. — Pedro Oliveira.

— Hum... E você tem dezoito anos, certo?

— Fiz há poucos meses.

— Ok! E vocês devem ser *Jorge Augusto Prudente e Maria Aline Rodrigues* — leu o detetive. Os dois apenas confirmaram com a cabeça. — Idades?

— Dezenove — o estudante respondeu.

— Eu também — completou a moça.

O homem anotou algo no bloco e, tranquilo, virou algumas folhas e as leu em silêncio. Cerrou os olhos ao deter-se por alguns segundos em uma página. — Respondam uma coisa. Onde estavam na noite do último dia seis de agosto?

— Estávamos em uma festa, comemorando o meu aniversário — Aline rebateu sem vacilar.

— E onde foi isso?

— Foi em uma boate... em Lagoa Santa.

— Hum... Vocês estiveram na cidade de Lagoa Santa. Então, com certeza, ouviram sobre o caso da morte de um homem, atacado por uma onça lá, naquela mesma noite.

— Soubemos pelos jornais — disse ela.

— E a que horas entraram e saíram da boate?

— Eu fui com uma amiga e cheguei por volta das dez. Já eles dois chegaram às onze. Nós três fomos embora juntos, lá pelas quatro da manhã, se não me engano.

— Sei... — ele fez algumas anotações no caderninho. — E, por acaso, não viram nada suspeito naquela noite? Não perceberam nada de estranho?

— Não — o estudante de geologia respondeu. — Ficamos o tempo todo dentro da boate e, depois, viemos para cá direto.

O detetive olhou de novo o bloco de notas, em silêncio. Pedro se virou para Jorge, que lhe devolveu um olhar tenso. Aline apertava as mãos, e não tirava os olhos do investigador.

— Aquele carro verde é seu, moça?

— É sim.

— Há quanto tempo?

— Vai fazer um ano que o comprei.

— E estavam com ele no dia do crime?

— Por que não vai direto ao ponto, Senhor Policial? — Aline esbravejou. — Aonde quer chegar com tantas perguntas?

Pedro ficou perplexo com a reação da amiga. O homem, por sua vez, não se manteve impassível frente à colocação e encarou-a com ares de sarcasmo e raiva, mordendo com força a ponta desgastada do lápis.

— Está bem. Deixem-me contar uma breve história sobre esse caso — ele fechou o bloco de notas. — Quem sabe vocês não me ajudam a entender melhor algumas coisas. Naquela noite, quando a perícia moveu o corpo da vítima, encontraram um pequeno pedaço de papel nas mãos dele. Uma espécie de guardanapo.

O guardanapo, pensou Pedro. *Eles já sabem*. Seu coração acelerou mais. O calor subiu e tomou conta de seu rosto, fazendo minar suor de sua testa.

— Não havia documentos, dinheiro e papéis de nenhuma natureza. Apenas um guardanapo tomado de vermelho. Nós o recolhemos e o analisamos, e logo se constatou que a mancha era sangue da própria vítima. Essa prova acabou arquivada e esquecida, uma vez que tudo levava a crer que o Flaviano tinha sido mesmo atacado por um animal selvagem. Meus colegas responsáveis pelo caso passaram então a investigar apenas a questão do sequestro, descartando a

hipótese de assassinato. Particularmente eu nunca acreditei na história da onça, mas o caso ainda não era meu e minha opinião não importava.

— Mas o mais curioso aconteceu a cerca de um mês. A perícia lavou o guardanapo e apareceram algumas inscrições nele. Havia o logotipo da boate *Refúgio*, na qual vocês estiveram, e também um nome e uma sequência numérica, escritos a caneta, que parecia um telefone. Logo que me informaram disso, liguei para o número. O nome era da dona do aparelho, uma moça chamada... — o detetive consultou o bloco de novo. — *Vanessa Linhares*. Vocês devem conhecê-la, não?

— Se não me engano, é a prima da minha colega de trabalho — disse Aline, ainda fria. — Ela esteve lá na festa.

— Sim, foi o que ela me contou. Só que não soube explicar como um guardanapo com o telefone dela foi parar junto ao corpo de um homem naquela mesma noite, a menos de quatrocentos metros da boate. Mas ela se lembrou de ter escrito o nome e o número em um pedaço de papel e de tê-lo entregue a um rapaz que conheceu na festa. Disse que ele se chamava *Pedro* — o detetive fez uma pausa e encarou o jovem, em silêncio.

Ele, por sua vez, esforçava-se para não demonstrar nervosismo e evitava, a todo custo, olhar para seus amigos. *Preciso tomar cuidado com o que vou dizer*, refletiu. *Um tropeço e estaremos perdidos*.

— E aí, você recebeu o guardanapo com o telefone dela?

— Sim, recebi... — gaguejou.

— Então, talvez possa explicar como ele saiu de suas mãos e foi parar nas da vítima?

— Não. Não posso...

— Não pode? Não estava com o guardanapo? O que fez com ele?

— Não sei. Pus no bolso e, depois, nunca mais vi... Devo ter perdido — Pedro usou a resposta planejada há meses.

— Você o perdeu? Jogou pela janela? Aí a vítima passou, pegou e foi morta por uma onça?

— Não joguei fora. Apenas perdi.

O policial continuou encarando-o com o olhar sério por alguns segundos. Depois se voltou para Aline.

— Por acaso, vocês se acidentaram naquela noite? Pergunto isso porque uma testemunha acordou com o barulho de um automóvel derrapando na pista, pouco antes de ouvir gritos. Ela achava que o carro era verde-escuro, assim como o seu. A perícia também encontrou marcas de derrapagem na estrada, perto de onde acharam o corpo.

— Bem, nós tivemos um pequeno contratempo naquela noite sim — foi Jorge

quem interveio. — Eu dirigi na volta. Lembro que tinha chovido muito antes das onze horas e o chão ainda estava bem molhado. E logo na rua de descida, saindo da boate, apareceu uma vaca no meio do caminho. Precisei jogar o carro para o lado. Mesmo assim batemos nela e saímos um pouco da pista.

— Uma vaca? Vocês atropelaram uma vaca?

— Sim.

— Hum... — o detetive pareceu puxar pela memória. — Mas ela não deve ter se ferido muito, porque não havia nenhuma vaca próxima à cena do crime. Pelo menos, não consta nada disso no relatório da perícia. E eles não deixariam passar um detalhe desses.

— Parecia morta quando a deixamos — Jorge completou.

— Sei... — o detetive fez outra anotação. — E não viram mais nada de estranho?

— Não. Foi só isso.

— Certo... — o homem murmurou. — Mais uma coisa. Há cerca de quatro meses, vocês dois — ele olhou para Pedro e Aline — se encontraram com uma mulher chamada Marlúcia Tomáz em um *shopping*. É verdade?

— Você sabe que sim — a garota desabafou. — Também estava lá, não é?

— Sou eu quem faz as perguntas aqui, moça — repreendeu calmamente. — Pois bem. Vocês estiveram com a Senhora Marlúcia e, na ocasião, receberam dela um envelope. Podem me dizer do que se tratava?

— Nada de importante — indignada com a grosseria do interlocutor, Aline recostou-se no sofá e cruzou os braços.

— Então me contem o que era.

— Era um convite... — Pedro balbuciou a primeira ideia que lhe veio à cabeça. — Para uma noite de autógrafos do livro que ela escreveu. Mas nós não fomos.

— E posso ver esse convite?

— Joguei fora — a garota disse, tão rápida quanto se tivesse antecipado a pergunta.

— Está bem... — o detetive Júlio não parecia satisfeito. — E agora à tarde, vocês estiveram em um prédio visitando uma empresa de construção civil. Estou certo?

Ninguém respondeu. Assim como deve ter acontecido a Jorge e a Aline, Pedro foi pego de surpresa pela questão. Com certeza o policial os havia seguido, pois não tinha maneira de ele saber do encontro com Miguel tão rápido.

— E então, — ele insistiu — foram ou não até a empresa chamada *Construminas*?

— Sim — disse Jorge. — É que... estamos planejando uma reforma no

apartamento. A dona pediu que fizéssemos um orçamento.

— E suponho que tenham conversado com um engenheiro, de nome Miguel Dutra? — novamente os jovens ficaram em silêncio. O homem, por sua vez, fechou o bloco de notas, guardou o lápis no bolso e continuou, agora de maneira mais agressiva. — Sabiam que esse sujeito, Miguel, foi da mesma sala de faculdade da vítima, há dez anos?

— Não — Pedro respondeu.

— *Não?* E também não tinham ideia de que o irmão da Senhora Marlúcia estudou com Flaviano? — de novo, silêncio. — Respondam uma coisa! Por que estão procurando por pessoas relacionadas à vítima? Por que o interesse nesse caso?

— Não estamos interessados em nada — Aline rebateu. — Isso é tudo uma grande coincidência.

— Coincidência? — o detetive gargalhou de sarcasmo. — Moça, na minha profissão, nos proibem de acreditar em tal coisa. Mas sabem? Tenho uma teoria. — ele recurvou-se na cadeira e abaixou a voz. — É meio maluca, reconheço, mas alguns de meus colegas creem que seja plausível. Acho que a vítima foi sequestrada e levada até Lagoa Santa. De alguma forma, ela conseguiu fugir do cativeiro e, aí, correu para se salvar. No desespero, é possível que tenha atravessado a rua correndo e sido atropelada por um grupo de jovens bêbados que passaram a noite naquela boate. Então, depois de matá-lo, eles atiraram o corpo no meio do mato e foram embora, deixando-o à mercê de algum animal selvagem faminto que estivesse por ali.

— Por acaso está nos acusando, Detetive? — Jorge franziu o cenho.

— Claro que não! — ironizou. — Como disse, é só uma teoria. Mas estou tão convencido dela que até já consigo visualizar os rostos daqueles jovens.

— Eu não estava bêbado. Jamais bebi uma gota de álcool na vida.

— Um jovem de hoje que nunca consumiu bebidas? — escarneceu novamente. — Isso é muito difícil de acreditar.

— Acho melhor o senhor ir embora detetive — Aline disse.

— Escuta aqui *mocinha*...

— *Não, escuta aqui você!* — gritou a garota, erguendo-se do sofá. Seus olhos estavam cheios de fúria como Pedro jamais havia visto. — Você entra aqui sem convite, faz um monte de acusações sem provas e ainda levanta a voz para os donos dessa casa. Acho que já toleramos suas grosserias demais. Vá embora e volte apenas quando tiver um mandado. Não responderemos mais nada.

Surpreso, o homem se acalmou, estampando no rosto mais de seu sorriso falso. — Certo... Se é assim que preferem, farei isso. Recomendo que arrumem um advogado e que não saiam da cidade nos próximos dias — ele então se

levantou e começou a caminhar em direção à porta. — Ah, só mais uma coisa... — abriu novamente o bloco de notas e leu algo. Depois se voltou para Pedro. — Por acaso, você foi a uma loja de antiguidades no centro da cidade, na manhã do crime?

O jovem confirmou com a cabeça após alguns instantes. A pergunta lhe pareceu estranha, pois mal se lembrava do fato.

— E o que foi fazer lá?

— Comprar um presente de aniversário para a minha amiga — ele mirou a pulseira que Aline trazia no punho, enquanto ela a exibia ao policial.

— Já chega, Pedro — disse a moça, abaixando a mão. — Não precisa responder mais nada.

— Até breve então! — falou o detetive, antes de abrir e cruzar a porta do apartamento.

Súbito, a garota dos olhos de esmeralda correu até a entrada para trancá-la. Seu rosto estampava medo e surpresa com a própria coragem em expulsar o policial. Mas Pedro mal percebeu isso, pois sua atenção permaneceu fixa na pulseira que adornava o braço fino e negro dela. Por que o detetive fez aquela última pergunta? Foi a várias lojas na manhã daquele sábado. Por que aquela, em especial, era tão importante? Uma simples loja de...

— *Antiguidades!* — ele gritou.

Os outros levaram um susto.

— O que é que tem? — Jorge perguntou.

— *Sim* — ele exclamou e então correu até o quarto, seguido de perto por seus amigos.

— O que foi, Pedro? — Aline quis saber.

Ele revirou a gaveta da cômoda até encontrar um pequeno pedaço de papel, o recibo guardado da compra da pulseira. — "*Antiquário Garcia e Filho*" — leu, tomado de satisfação. — Foi onde comprei o seu presente. Garcia e Filho. O homem que me atendeu, dono da loja, tinha uns quarenta anos. *É ele!* É o colega de faculdade de Flaviano!

— Será? — Jorge parecia incrédulo.

Aline permaneceu boquiaberta.

— Temos que ir até lá agora! Fica perto do Parque Municipal.

— Já são quase *seis horas* — disse o estudante de geologia. — Até chegarmos ao centro, já terão fechado. Melhor ligarmos antes — ele então pegou o telefone e discou o número marcado no recibo, mas desligou após poucos segundos. — Secretária eletrônica. O horário de funcionamento é de sete da manhã às cinco e meia da tarde.

— Que azar! — Pedro estava frustrado.

— Podemos ir amanhã bem cedo — disse Aline. — Seremos os primeiros a chegar.

— Mas e se for tarde demais? E se Paulista já tiver ido até lá?

— Talvez ele ainda não saiba quem é o Garcia. — Jorge rebateu. — E depois, não temos alternativa senão esperar.

Pedro se calou. A frustração sufocava sua garganta. Parado, tentou se acalmar. E teria sido bem sucedido, não fosse o susto que tomara logo em seguida. Abruptamente uma criatura negra e imponente aterrissou no parapeito da janela de seu quarto. Era grande e esguia, e trazia consigo um odor desagradável de carniça. Os outros também se assustaram. A chegada foi barulhenta, por causa do bater de asas, mas a figura permaneceu quieta depois do pouso.

— *Barbara!* — Pedro exclamou. Era a mascote de Mayra. — O que faz aqui? — disparou, antes de perceber que a ave carregava algo amarrado à perna direita. Era um pedaço de papel enrolado com fita adesiva preta e um cordão negro, com um dente preso à ponta.

Sem muita coragem, avançou e retirou o bilhete e o pingente. Sua mão ainda tinha marcas da primeira vez que tentara tocar na urubu. Agora, porém, Barbara foi submissa, estendendo a pata com passividade.

— É de Mayra — o texto era curto e trazia a letra pequena e delicada da mulher.

— Por que ela não usa o telefone como todo mundo? — Aline tinha o nariz e a boca tapados.

— O que diz aí? — Jorge quis saber.

— "Pedro," — começou a ler em voz alta — "não quero que se alarme, mas estamos correndo grande perigo. É muito importante que você permaneça em casa. Não saia para nada. Calculo que, quando receber esse bilhete, estarei a menos de um dia de viagem daí. Não abra a porta para ninguém além de mim. Avise aos outros para ficarem escondidos também. Estou mandando um presente, caso precise se proteger. Até breve. Mayra".

— O que é isso? — Jorge mirava o dente.

— É o amuleto sagrado dela. Provoca dores incapacitantes nos inimigos.

— O que será que aconteceu? — Aline balbuciou através da mão.

— Ela sabe. Mayra sabe da traição de Paulista e Roger. Está vindo para cá!

— Ótimo. Podemos contar tudo o que sabemos — disse o estudante de geologia.

— Mas ela só chegará aqui amanhã ou depois. Não podemos esperar mais.

— Isso é diferente, Pedro. Mayra pareceu muito preocupada nesse bilhete. Tem alguma coisa errada.

— O que quer dizer?

— Não faz sentido. Ela não nos mandaria ficar em casa se estivesse com medo de que Paulista ou Roger pudessem fazer algo contra nós. Eles sabem onde moramos. Seria inútil nos escondermos deles aqui. Não. Tem algo pior nisso tudo.

— Não podemos recuar agora!

— Eu sei, mas também acho perigoso sairmos. Melhor seguirmos o conselho de Mayra.

— Concordo com o Pedro, Jorge. Chegamos muito longe para desistir. Já nos envolvemos demais. Até a polícia está atrás de nós. Você mesmo disse, não temos outra saída.

— Obrigado, Aline — o jovem mirou a amiga. — Amanhã, iremos até o antiquário e pegaremos o amuleto sagrado para Aratama.

— E acha que o tal Garcia vai nos entregá-lo assim, de mão beijada?

A pergunta de Jorge foi um balde de água fria no fogo que queimava no peito de Pedro. Durante todo o tempo em que almejava encontrar a relíquia perdida dos Itaguaçu, jamais pensou sobre como convenceria o colega de Flaviano a entregá-la.

— Amanhã decidiremos isso — disse Aline. — Por hora, é melhor eu ir andando. Voltarei antes do nascer do sol. Estejam prontos!

— Por que não passa a noite aqui? — Jorge interpelou. — Pode ser perigoso lá fora.

— Não dá. Não tenho nem roupa para trocar.

— Então eu vou com você até a sua casa. Você pega a roupa e a gente volta. E não diga não. Ficaremos preocupados com você sozinha por aí?

— Você, preocupado comigo? — ela debochou.

— Claro... E você fique aqui, Pedro! Não vamos demorar. Ainda preciso começar aquele maldito trabalho. Agora, mais do que nunca, queria que fosse adiado.

E assim, Jorge e Aline saíram, deixando o jovem para trás, perdido em pensamentos. Mas logo os dois retornaram em segurança. A moça carregava uma mala que parecia conter roupas para a semana inteira e o estudante reclamava que ela havia trago um monte de coisas inúteis.

A noite demorou a passar. Foi como no primeiro dia em que Pedro chegou à casa de Jorge. Estava quente e abafado em seu quarto e a ansiedade pelo dia seguinte não o deixava dormir. Mas dentre os muitos pensamentos que o perturbaram, o mais frequente era a dúvida sobre como iriam retirar o amuleto sagrado de seu atual dono. Teriam que oferecer algo em troca, ou então tomá-lo à força.

Não haveria uma terceira alternativa.

* * *

Quando Pedro chegou à sala pela manhã, trazendo o pequeno volume envolto em um pano azul nas mãos e o pingente de Mayra no pescoço, Jorge e Aline já esperavam por ele.

— Para que isso? — o estudante de geologia quis saber.

— Bem, estive pensando. Esse Garcia trabalha com antiguidades. Se ele tiver mesmo recebido o amuleto sagrado de Flaviano, não vai querer entregá-lo de bom grado... Talvez possamos barganhar com isso.

— Mas é a faca do seu pai! É a única recordação que tem dele.

— Eu sei, — Pedro refletiu sobre isso a noite toda — mas não importa agora. Mais importante é conseguirmos o amuleto antes de Paulista. E depois, uma faca de pedra não vai me servir para nada mesmo — disse, revelando o azul translúcido e o perfil afiado da antiga peça indígena.

Ele então a enrolou de volta e guardou-a no bolso da calça. Na sequência, os três partiram para o centro da cidade. A maior parte do céu estava às escuras, mas uma luz tênue e alaranjada já pintava o horizonte ao leste. Nunca o trânsito até a região central fora tão tranquilo quanto naquele dia. Pedro os levou até o quarteirão da loja de antiguidades, mas Aline achou melhor não parar o carro logo em frente ao estabelecimento. Da esquina da rua vazia, era possível ver o lugar ainda fechado, tal qual todo o comércio à volta. Vez ou outra, um transeunte cruzava o passeio e um ou outro veículo cortava a rua paralela, um pouco mais larga.

— Chegamos muito cedo — ela murmurou.

— Quanto antes, melhor — Jorge rebateu. — Assim que o dono chegar, nós entramos.

E então, dentro do carro, a cerca de cem metros da entrada do antiquário, eles aguardaram. Na meia hora seguinte, o volume de pedestres e de veículos na rua aumentou bastante, mas nada que atrapalhasse a visão privilegiada da porta da loja. Por volta de quinze para as sete, quando todos os comércios ainda estavam fechados, um automóvel branco estacionou em frente ao estabelecimento. Um homem gordo e de bigode desceu tranquilamente e caminhou até a entrada, carregando uma espécie de pasta marrom de baixo do braço.

— *É ele!* — Pedro reconheceu. — É o dono da loja. Vamos lá!

— *Espere aí!* — Jorge o interrompeu, mirando a calçada adiante. — Quem é aquele?

Antes de pôr os pés para fora do carro, o jovem voltou a fechar a porta. Quando o proprietário do antiquário retirou um molho de chaves do bolso e

parou diante da entrada, uma figura estranha surgiu da outra esquina e correu na direção dele. Era uma pessoa magra, de boa estatura para um homem adulto, e de passos leves e firmes. Usava sobretudo negro, que o cobria do pescoço até os joelhos. As mãos iam dentro dos bolsos e um chapéu marrom escuro obstruía-lhe o rosto.

— Parece Paulista — comentou.

— Sim, é ele — Jorge confirmou, cerrando os olhos. — Chegamos tarde demais.

— Não! Não é ele — Aline rebateu.

— É ele sim — repetiu o estudante. — Conheço aquele jeito de andar.

A figura sinistra abordou o dono da loja, ameaçando-o com palavras. Assustado, deixou cair a pasta, mas o estranho o forçou a pegá-la de volta e a abrir a porta. Então empurrou o homem indefeso para dentro e, antes de entrar, olhou ao redor para ver se alguém presenciara o fato. Provavelmente a distância e os vidros escuros do carro de Aline os protegeram de serem vistos, mas nada disso os impediu de reconhecerem a face do médico.

— Com certeza é ele! — Pedro não tinha mais dúvidas.

— *Droga!* — Jorge resmungou.

— O que faremos agora? — a garota perguntou.

— Vamos lá — gritou o jovem. Prontamente ele e o estudante desceram do veículo.

— Mas ele vai nos ver!

— Se ele pegar o amuleto, isso não importa. *Venha!*

Os três se esgueiraram até a entrada do estabelecimento. Era toda feita de vidro, mas por trás ficava uma cortina escura e espessa que impedia a visão plena do interior. Pedro tentou escutar alguma coisa, mas havia muito barulho do lado de fora. Então, sem fazer força, empurrou a porta. Uma fresta se abriu.

— Vou entrar — ele murmurou e, antes que alguém se impusesse, se encheu de coragem e deslizou para dentro.

O lugar era como se lembrava, pequeno e cheio de prateleiras com os mais variados objetos. Adiante ficava o balcão, todo feito em madeira, mas não havia ninguém por ali. O recinto parecia vazio. De repente, o som de algo se quebrando chamou a atenção. Vinha de dentro da porta atrás do móvel da recepção. Pedro então se arrastou por entre as prateleiras, seguido de perto por seus amigos, e ao se aproximar da metade do corredor, ouviu dois homens conversando.

— *Foi ele! Eu juro, foi ele!* — reconheceu a voz ofegante e assustada do Senhor Garcia.

— E como você sabe? — havia algo de diferente na voz de Paulista. Parecia

mais grave e cheia de raiva.

— Foi ele mesmo quem me disse... Falou que Flaviano tinha mandado algo muito valioso pelo correio para ele. Mas não sei o que é... *Palavra!*

— E por que ele contou isso a você?

Pedro aproximou-se três passos para ouvir melhor.

— Somos amigos. Há anos que ele traz peças para vender aqui. Eu não sei onde ele arranja, eu juro. Não faço perguntas. Apenas vendo...

— Mas e quanto ao objeto que Flaviano mandou? Ele o vendeu para você? — Pedro ouviu um tranco contra a parede e mais coisas caindo no chão, somadas aos gemidos abafados do dono da loja. — *Responda!*

— Não, não... Eu nem sei o que é. Juro pela alma do meu pai. Ele me falou que o valor daquilo não era financeiro, mas sim científico. Disse que ia guardá-lo e que não o venderia por nada.

— E quando foi a última vez que o viu?

— Já faz alguns meses — o homem balbuciou. — Ele apareceu aqui com um jornal nas mãos, logo depois que Flaviano morreu. Parecia transtornado. Estava com medo de alguma coisa.

— Com certeza estava... — disse Paulista. — Estava com medo de mim.

Um grito de horror cortou o ar.

Durante poucos segundos, a voz desesperada do dono da loja se esvaneceu em um gemido de agonia, até que, no silêncio mortal, se ouviu o som de um corpo pesado batendo contra o solo. Assustado, Pedro deu um passo para trás e, com o cotovelo direito, atingiu sem querer uma jarra metálica. O objeto empurrou outros utensílios e uma chuva de vasilhames caiu no chão, provocando ecos estridentes através do antiquário. Um frio percorreu-lhe a espinha quando Paulista cruzou a porta e identificou a presença deles ali.

E foi então que Pedro percebeu. Aquele não era o doutor. Ou pelo menos, não como o conheciam, porque seu rosto estava bastante deformado. O nariz e a boca se projetavam para frente. Os olhos eram amarelos e esbugalhados. As orelhas tinham pequenas pontas. Aberto, o sobretudo revelava o peito cheio de pelos claros. Tal qual o médico, a criatura possuía uma tatuagem tribal sob o punho destro. As mãos, mais grossas do que o normal, exibiam unhas negras e afiadas, a direita coberta de sangue.

— *Vocês?* — a figura animalesca berrou com sua voz gutural.

— *Corram!* — Jorge gritou, mas Pedro não teve forças para sair do lugar. Estava chocado demais com a imagem sinistra do médico. Paulista, o homem-onça. Não era possível.

A criatura então pulou habilmente por cima do balcão e, ao fazê-lo, revelou os pés descalços, também equipados com unhas afiadas.

— *Pedro!* — gritou Aline, desesperada.

O possuído, sedento de sangue, partiu na direção dele e chegou perto de atingi-lo, quando um estrondo chamou a atenção de todos. De uma vez só, uma figura enorme arrombou a porta da frente e entrou correndo no recinto. A imagem do homem forte e vigoroso era inconfundível.

— *Roger!* — disse Pedro, quase para si mesmo. A voz não saiu direito.

Imediatamente o atacante recuou, ao passo que o gigante avançou em sua direção.

— Olá, grandão — zombou Paulista, com um leve sorriso de sarcasmo à esquerda do rosto. — Mas que surpresa incrível vê-lo assim de pé, depois do nosso último encontro. Se bem me lembro, naquela noite, a situação não estava nada boa para o seu lado.

Roger não respondeu, mas seus olhos avermelhados diziam tudo. Um ódio intenso parecia consumi-lo.

— Imagino que meu querido irmão o tenha ajudado, — o homem-onça continuou — do contrário, você não estaria vivo.

— *Cale a boca!* — gritou o treinador de Pedro. — Dessa vez, seremos só nós dois. Vou acabar com a sua raça, maldito.

O que ocorreu na sequência foi tão rápido e extraordinário que o jovem não conseguiu fazer outra coisa senão observar, estático. Assim que Roger ameaçou partir para cima de seu algoz, Paulista se curvou, ajoelhando-se e pondo-se de quatro no chão. O sobretudo, que cobria-lhe o dorso, deslizou sobre as costas e caiu, revelando a figura bestial de um enorme felino dourado. As calças jeans escorreram pelas pernas, os cabelos negros clarearam e dentes afiados projetaram-se para fora da boca. Era agora uma onça perfeita, grande e ameaçadora, com manchas negras espalhadas em padrões aleatórios por todo o corpo.

Roger, por sua vez, também se curvou. Não por vontade própria, mas porque seu dorso começou a inchar e os braços esticaram-se para frente. Suas roupas se rasgaram em mil pedaços e a pele ficou escura, negra, mas não havia pelos em seu corpo. O rosto alongou-se de maneira bizarra e um imenso par de chifres pontiagudos se projetaram por cima do crânio achatado. Um touro gigantesco, de corcunda protuberante e cauda cumprida, bloqueou o corredor, e nada nele lembrava Roger, a não ser o tamanho. E lá estava Pedro, bem no meio da disputa dantesca, cercado por duas bestas selvagens, cujos olhares vibravam pela iminência do combate feroz.

Durante cinco longos segundos, ninguém no antiquário moveu um músculo ou emitiu qualquer som. Mas com um rugido bravio, a onça correu e saltou para frente, passando a poucos centímetros do jovem. Ele recuou por impulso e caiu

sentado entre as prateleiras. Sentiu o chão tremer quando o touro também avançou sobre o felino, arremessando-o de volta ao balcão com uma cabeçada. Roger então partiu para cima novamente, mas seu corpo era tão grande que, ao cruzar o corredor, derrubou a maioria das estantes, soterrando Pedro sob pilhas de objetos antigos.

Seguiu-se uma sequência de estrondos e quando ele ergueu os olhos, constatou que a destruição também reinava sobre os fundos da loja. A onça, agarrada as costas do touro, lutava para se manter por cima, com as duas garras cravadas na pele negra. Mas Roger era incontrollável. Com um rápido movimento de dorso, derrubou o adversário e, na sequência, deu-lhe um coice que o arremessou com violência em direção à entrada da loja. Súbito, a criatura retomou a aparência humana de Paulista e, completamente nu, correu porta a fora.

Ainda com as pernas presas, Pedro viu Roger retornar da forma animalesca. Ele também estava nu e apanhou o sobretudo de seu adversário para se cobrir. Com dificuldade, vestiu as calças do inimigo que mal lhe cabiam. Depois, deu uma breve olhada através da porta nos fundos da loja, onde jazia o Senhor Garcia. Jorge e Aline ficaram paralisados em um canto e nada disseram, até que Roger se aproximasse de Pedro. O possuído usou toda sua força para erguer as estantes e libertá-lo.

— Paulista é o homem-onça... — as palavras deixaram a boca do jovem quase involuntariamente.

— Aquele não é Paulista! — disse o gigante, ajudando-o a se levantar. — É o irmão gêmeo dele, *Cássius*.

— Gêmeo? — Aline ficou espantada. — Mas como...?

— Não há tempo para explicações agora — Roger calçou os próprios sapatos. — Precisamos sair daqui. Esse lugar logo estará cheio de policiais.

— Mas e o dono da loja? — Jorge protestou.

— Não há mais nada que possamos fazer por ele. Vamos embora.

Então, os quatro correram até a rua, em direção ao carro de Aline. Transeuntes começaram a se aproximar do local, mas os possuídos logo ganharam as vias do bairro. Roger, sentado no banco de trás, ao lado de Pedro, parecia tenso.

— Querem me dizer o que vocês três faziam naquele lugar?

— Estávamos atrás do amuleto sagrado dos Itaguaçu — o jovem respondeu.

— O quê? Como sabem sobre isso?

— Nós sabemos de tudo. Sabemos que você e Paulista estão procurando um objeto sagrado indígena. Vocês pretendem trair o Mestre Aratama — desabafou ele, sem pensar. A adrenalina ainda corria em suas veias.

— Mas do que você está falando, Pedro?

— Não adianta negar. Ouvi você e Paulista conversando. Escutei quando disseram que entregariam o amuleto a Emanuel Seixas, o líder da Liberdade Verde.

— Onde foi que ouviu isso?

— Na sua casa, logo depois que... — o jovem fez uma pausa. Parou para respirar. De repente, percebeu o quão ilógico eram seus argumentos.

— Não foi ele quem matou Flaviano, Pedro? — Jorge interferiu.

— O quê...? — Roger esfregou o queixo liso. — É claro que não. Foi o Cássius. Ele é um dos assassinos da Fogo-Fátuo. E vocês três também seriam vítimas daquele facínora se eu não tivesse aparecido.

— Pensamos que você fosse o homem-onça? — Aline confessou.

— Eu? Mas por quê?

— Disse a Paulista que perseguiu Flaviano na forma animal — Pedro justificou.

— Sim... Naquela noite, nós tínhamos ido até Lagoa Santa para tentar libertá-lo. Eu lutei contra Cássius. Ambos estávamos transformados. Eu o derrubei e corri atrás de Flaviano, que tinha fugido desesperado. Mas não o matei!

— Então o que aconteceu depois?

— Não sei bem... — Roger vacilou. — Mas quando atravessei a rua, levei uma pancada forte e desmaiei.

— Você foi atropelado por um carro — completou Jorge, espantado.

Aline deu uma freada brusca e quase bateu no veículo da frente. Pedro ficou boquiaberto. A conclusão era óbvia e perturbadora. Aquele pobre animal, caído no canto escuro da estrada, atingido por eles ao tentarem desviar de Flaviano, não era uma vaca, mas sim um touro. *Era Roger!*

— Como sabe disso? — o grandalhão perguntou.

— Fui eu quem te atropelou — confessou o estudante de geologia. — Desculpe, não tive a intenção. Joguei o carro para o lado para desviar de Flaviano. E bati nele também.

— Então eram vocês... — o homem parou, pensativo. — Meu Deus... Eu me lembro. Havia três pessoas lá. E um *carro verde-escuro*.

— Lamento muito — disse Jorge.

— Está bem... Isso não importa agora — o gigante retornou, após alguns segundos de silêncio. — O importante é que vocês estão bem. Vou levá-los para casa.

— Mas Roger, temos outro problema — Pedro interrompeu, desesperado. — Acho que o Cássius já sabe quem está com o amuleto sagrado.

— E por que você diz isso?

— Ouvi parte da conversa dele com o dono da loja. O homem contou que

alguém tinha recebido alguma coisa de Flaviano pelo correio.

— E ele não disse quem era?

— Não. Só falou que o tal sujeito trazia peças para vender no antiquário.

— *Droga!* — resmungou o treinador. Meditou durante mais alguns instantes.

Pedro não conseguiu esperar muito. — O que faremos?

— Hum... Preciso ir até Lagoa Santa. Paulista disse que Mayra chegaria aqui hoje, mas não posso esperar por ela.

— Nós vamos com você! — disse o jovem.

— Não! Já ajudaram demais — o tom de Roger era recriminador. — Os três irão para o apartamento e ficarão lá, escondidos.

Ninguém contestou a ordem e permaneceram em silêncio até estacionarem na porta do prédio de Jorge.

— Agora subam e fiquem lá até eu ou Paulista voltarmos. Se Mayra aparecer, digam a ela que estou em Lagoa Santa. Ela saberá me achar.

— Onde o Glauber está? — Aline perguntou.

— Foi ver Aratama hoje de manhã. Deve estar de volta logo.

— Mas e quanto a Emanuel Seixas? — Pedro irrompeu. — De que lado vocês estão afinal?

Roger olhou fundo nos olhos dele. — Não estou autorizado a falar sobre isso. E agora não é o melhor momento. Preciso ir. *Adeus!* — ele então correu velozmente, recusando levar o carro.

Arrasados, os três subiram para o terceiro andar. Jorge ainda parecia não ter se recuperado do choque em descobrir que quase matou Roger. Aline o guiava escada acima, mas a garota também não estava nada bem. Sua apatia vinha de antes, por causa do susto que levava dentro do antiquário.

Pedro, porém, só conseguia pensar em Cássius, a criatura que assassinou Flaviano. Irmão gêmeo de Paulista... *Agora as coisas começam a fazer sentido. Foi Cássius quem visitou Miguel no dia anterior. Foi ele quem nós vimos na noite da morte de Flaviano. E foi ele quem... quem... matou o meu pai, anos atrás...*

— Não acredito em quanta besteira fizemos — Jorge desabafou, com os óculos nas mãos e o rosto baixo. Os três estavam de volta ao velho sofá da sala. — Quase matei o Roger. Estraguei tudo.

— Não se culpe — Aline o envolveu em um abraço. — Se alguém tem culpa aqui, sou eu. Você tinha razão. Nunca devia tê-los convencido a irem à minha festa.

— Agora não adianta procurar culpados — Pedro replicou. — Temos que fazer alguma coisa.

— Acabou — ela disse. — Não há mais nada o que possamos fazer.

— Não! — aquelas não eram as palavras que ele queria ouvir. — Não podemos deixar que aquele monstro vença.

— Nós investigamos todos os nomes do convite e fomos atrás de todos os suspeitos — o estudante de geologia completou. — Não há mais nenhuma pista. Estamos derrotados.

— *Aquele homem matou o meu pai!* — Pedro gritou, levantando-se do sofá.

A cabeça latejava com a dor leve, mas constante. Jorge não esboçou reação, mas Aline ficou assustada com sua postura agressiva. Ele não queria aceitar a derrota tão facilmente. Primeiro teve raiva de seus amigos. *Como podem desistir de tudo assim, logo agora que sabemos tanto.* Mas depois que começou a perceber que tinham razão, direcionou sua ira para si. *Fui mesmo um idiota. Droga, um grande idiota...* Consumido pela angústia, pegou o convite de formatura, jogado sobre o sofá, e leu nome por nome, em um último ato de desespero. Todas as pessoas da lista possuíam marcações em forma de cruz, indicando que já haviam sido descartadas. Não existia mais ninguém entre os alunos da turma de Flaviano que não fora investigado. Olhando então no verso do papel, reparou pela segunda vez na seção de agradecimentos do documento. Lá, três nomes estavam sem marcações.

— Não consideramos todos os nomes desse convite...

Jorge e Aline levantaram as cabeças.

— Tem mais três aqui atrás. *Ouçam!* "Os alunos da 13ª turma de Antropologia agradecem ao diretor André Paes pela excelência na administração do curso, à secretária Maria Auxiliadora Braga pela dedicação no atendimento, e ao nosso querido paraninfo, Professor Milton de Assis Siqueira".

— Milton Siqueira? — Jorge repetiu. — Esse nome parece familiar.

— Você o conhece? — perguntou Aline.

— Não sei. Mas tenho quase certeza de que já o ouvi antes — ele então se levantou e caminhou até a cozinha. Seu computador portátil repousava ligado sobre a mesa e diversos livros estavam espalhados por ali, consequência de outra longa noite de estudos.

Jorge se sentou e digitou o nome em um site de buscas da *internet*. A primeira página que surgiu foi o currículo acadêmico do tal professor. Pedro viu a foto em preto e branco, bem antiga, de um homem barbado e de óculos, e percebeu que já o tinha visto antes. Começou a ler o texto que acompanhava a imagem, mas não conseguiu finalizar. Dizia, "Milton de Assis Siqueira Velho, doutor em Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi docente do Centro Paulista Fátima Meneses. Atualmente é professor titular do Departamento de Geologia da UFMG e diretor do Museu de História Natural"...

Espantado, olhou para Jorge.

Seu amigo tinha os olhos esbugalhados e o rosto vermelho, e a voz dele se reduziu a um murmúrio inexpressivo, fraco em função de sua aparente incredulidade. — Não acredito. *Professor Velho!*

O amuleto sagrado

— Quem é ele? — Aline quis saber.

— É o meu professor — Jorge estava atônito.

— O que brigou com você por causa do...?

— *De mim!* Esse mesmo — Pedro completou. Estava igualmente chocado.

A imagem do sujeito carrancudo e mal-educado voltou à sua mente. As lembranças do episódio ocorrido no IGC, quando foi atrás do livro sobre as lendas da Lagoa Santa, retornaram viva e subitamente, trazendo não apenas raiva, mas também esperança. *Então, o Professor Velho é a pessoa por quem procuramos todo esse tempo.* Aquela era mesmo uma infeliz coincidência, mas bastante óbvia se analisada diante dos fatos.

— Só pode ser brincadeira — o estudante de geologia continuava em negação.

— Pode ser ele sim, Jorge. Flaviano disse que precisava encontrar um colega da época da faculdade, mas não falou que se tratava de um aluno. Ele também era professor universitário, lembra? E se esse colega fosse outro professor?

— Mas eles não lecionaram na mesma época — Aline rebateu.

— Isso não invalida a teoria. Flaviano foi aluno do velho, mas ao se tornar professor, eles passaram a ser automaticamente colegas. E os dois já eram próximos antes. Lembra do que Marlúcia disse? Que os outros estudantes odiavam Flaviano e Cláudio, porque ambos eram os queridinhos da turma? Foi Flaviano quem fez o discurso de agradecimento ao paraninfo — Pedro balançou o convite. — *O Professor Velho!*

— Não... Isso não prova nada — Jorge contestou.

— Certo — o jovem cutucou o amigo no ombro. — Então explique, por que o seu professor estava procurando o mesmo livro que eu naquele dia?

— Mas... eu...

— E lembra o que aconteceu na segunda-feira, um dia depois da morte de Flaviano? — Pedro se deixou levar pela empolgação. — Você passou o fim de semana inteiro fazendo um trabalho, mas no dia da entrega, seu professor não apareceu. Assim como nós, ele deve ter lido os jornais da manhã e descoberto sobre o assassinato. Com certeza ficou preocupado, porque sabia que Flaviano havia lhe confiado algo importante. Algo que causou a morte de Cláudio. Então o velho foi atrás do dono do antiquário. Estava desesperado.

— Eles se conheciam da época da faculdade — Aline completou.

— *Isso!* E o Garcia confessou que a pessoa que recebeu o amuleto de Flaviano

ia até lá, de vez em quando, para vender coisas antigas. E também de origem duvidosa... Jorge, você mesmo disse que já acusaram seu professor de roubar peças do museu da UFMG. Tudo se encaixa. Lógica dedutiva, lembra?

— *Nossa!* — foi como se o estudante de geologia retornasse de um transe. — Era tão óbvio.

— Sei que é difícil aceitar, mas só pode ser ele.

— Como não percebi isso antes? Passei horas olhando esse convite. Estava aí o tempo todo...

— E agora, o que vamos fazer? — Aline enrubesceu.

— *Nada!* — Jorge gritou. — O homem-onça já sabe quem ele é. Já deve tê-lo pego a essa altura.

— Talvez não — o jovem replicou. — Onde você acha que o seu professor está agora?

— Na faculdade, é claro. Ele praticamente mora lá... Espere um pouco... Não me diga que está pensando em ir atrás dele?

Era exatamente o que Pedro queria. — Podemos ter uma chance de chegar lá antes do Cássius. Estamos bem perto.

— Não! Isso é loucura — Jorge se levantou. — Por acaso, quer se encontrar com aquele assassino de novo?

— E o que mais podemos fazer? Roger não tem telefone. Também não temos como avisar Mayra.

— Vou ligar para o Glauber — Aline retirou o pequeno celular do bolso de trás da calça e, após uma rápida busca na agenda, levou o aparelho ao ouvido. — Está fora de área! — disse ela.

— Deve estar com Aratama — Pedro completou. — Não há torres de telefonia próximas ao esconderijo dele. Agora não temos escolha. Precisamos ir até a universidade.

Jorge não tinha mais argumentos, ou se tinha, guardou-os para si. Os três se agitaram, pondo-se novamente frente à escadaria do prédio e chegando até a rua. De carro, levariam não mais que cinco minutos até o campus, tempo que parecia uma eternidade dada a urgência da situação. Passava das nove da manhã quando Pedro entrou na Universidade Federal de Minas Gerais pela segunda vez em sua vida. No fundo, ele não queria ficar face a face com a criatura felina de novo. Porém, a ânsia de consertar as coisas erradas que tinham feito dava-lhe a coragem necessária para o que estava prestes a realizar. Agora, só pensava em recuperar o amuleto sagrado e entregá-lo a Roger.

Aline estacionou bem em frente ao prédio de três andares do Instituto de Geociências e Jorge os guiou pela entrada do edifício até um conjunto de degraus metálicos nos fundos, à esquerda.

— As salas dos professores ficam no terceiro andar — ele disse. — Se não estiver dando aula agora, ele só pode estar lá.

Ao final de dois lances de escada, os três seguiram por um corredor até o estudante parar diante de uma entrada aberta. Pedro logo percebeu que aquela não era a sala de nenhum docente, mas sim a secretaria do departamento, conforme avisava a placa discreta no alto do marco.

— Por que paramos aqui? — Aline murmurou.

— O Professor Velho não gosta de atender a porta — Jorge estava ofegante. — Temos que pedir à secretária para ligar para a sala dele. Só assim, teremos alguma chance de sermos atendidos.

Ele então entrou e parou diante do balcão. A dependência era pequena e só havia uma pessoa lá dentro, uma mulher muito baixa, de cabelos vermelhos e curtos.

— *Dona Glória!* Preciso falar com o Professor Velho. A senhora sabe se ele está na sala dele?

— Acho que não — a secretária tinha voz tranquila. — Liguei para lá há cinco minutos e ninguém atendeu.

— E ele dá aula nesse horário?

— Oh não. Ele só deu uma saidinha mesmo. Tenho quase certeza de que não o vi voltar. Mas deixa eu tentar de novo — a mulher retirou o telefone do gancho, discou quatro números e aguardou em silêncio. — Não atende. Por que não voltam depois?

— Está bem. Obrigado!

— E agora? — Pedro perguntou.

— Ele pode estar na sala do café. *É por aqui* — Jorge voltou pelo corredor, em direção às escadas, mas passou direto por elas.

Quase no outro extremo do prédio, os três alcançaram o cômodo de portas duplas, fabricadas em madeira. Ambas se encontravam fechadas, mas destrancadas. O estudante de geologia parou diante da maçaneta e respirou fundo, antes de forçar e abrir uma delas lentamente. Olhou através da greta.

— Está lá... Sozinho — sussurrou.

— Então, vai lá e fala com ele — Aline ordenou.

— *Eu?*

— Mas claro. *Vai logo!* — ela quase o empurrou porta adentro.

Pedro não entrou na sala, mas de fora viu o Professor Velho sentado tranquilamente em uma grande mesa de madeira, lendo jornais. Estava da mesma forma como ele se lembrava, cabelos e barbas brancas, óculos quadrados enormes e expressão carrancuda. A camisa xadrez e as calças presas por suspensórios pareciam seu uniforme padrão. Apesar do ranger da porta, o sujeito

continuou concentrado, sem se mexer. Após três passos dentro da sala, Jorge enfim se dirigiu a ele.

— Professor Velho... Será que... posso falar com o senhor?

— Você pode voltar depois? — disse ele, sem nem ao menos se dar ao trabalho de olhar para ver com quem falava. — Estou ocupado agora.

— Está bem — ele começou a recuar em direção à porta.

— *Bem uma ova!* — gritou Aline, adentrando a sala. — O que você está fazendo? — ela indagou ao estudante.

— Mas o que significa isso...? — o docente enfim desviou a atenção para eles, primeiro olhando por cima dos óculos, mas depois erguendo a cabeça de maneira ríspida. — Ah... *Jorge*. Tinha que ser. Você e o seu amigo mal-educado de novo — ele olhava para Pedro.

— Pergunte para ele — sussurrou a garota.

— Hã... Professor Velho... — o estudante tomou coragem. — Queria lhe perguntar uma coisa.

— O que foi? — o sujeito estava vermelho de raiva.

— Eu... eu queria saber se... se... Queria saber se o senhor pode adiar o trabalho de amanhã?

— *Não!* — Aline gritou. Mas antes que ela perdesse a calma com Jorge, Pedro interveio.

— Senhor Velho... O que ele está querendo perguntar na verdade é se o senhor conheceu um homem chamado Flaviano Guimarães.

Subitamente o professor deixou cair o jornal sobre a mesa e o semblante de fúria deu lugar uma expressão de surpresa. Ainda sentado, encarou os três por alguns segundos, antes de se manifestar. — Não sei de quem você está falando, moleque.

— Estou falando do seu ex-aluno que morreu em Lagoa Santa, meses atrás, atacado por uma onça — Pedro se aproximou. — O senhor o conhecia, não? Foi professor dele em uma faculdade de São Paulo.

— Isso não é da sua conta. Vão embora e parem de me importunar — ele voltou a mirar o jornal, mas parecia intranquilo.

— Senhor Velho — Aline insistiu. — Está correndo grande perigo. A morte de Flaviano não foi acidental. Ele foi assassinado e as pessoas que o mataram estão vindo atrás de você.

O homem encarou-os novamente, agora com uma postura menos agressiva e mais assustada. — Mas por quê? Eu não tenho nada a ver com esse sujeito de quem falam.

— Senhor Velho, por acaso, não teve contato com Flaviano nos últimos tempos? — Pedro perguntou. — Não recebeu algo dele pelo correio? *Um*

objeto?

— Mas como é que vocês... — o professor se calou depois de um súbito impulso. Abaixou a cabeça por alguns instantes, antes de dobrar os jornais e de se levantar.

Em silêncio, caminhou em direção à porta e saiu, deixando os jovens sozinhos no recinto. Ao comando de Aline, os três o seguiram pelo corredor.

— Estamos aqui para ajudá-lo — disse Pedro. — Tem uma organização secreta atrás do objeto que Flaviano lhe mandou. Foi por isso que o sequestraram e o mataram. Agora, eles sabem que o senhor recebeu esse objeto. Está correndo perigo também.

— Pela última vez. Eu não sei do que vocês estão falando — o velho esbravejou, mas continuou caminhando em direção às salas dos professores. — Eu não conheço nenhum Flaviano, e não sei nada sobre objeto nenhum.

— O seu amigo do antiquário, o Senhor Garcia, — Aline interpelou — foi morto hoje de manhã. Mandaram um assassino atrás dele.

Pedro achou que esse golpe faria o homem ceder, mas foi inútil. Inabalável, ele continuou caminhando, as pernas curtas vencendo uma a uma as dezenas de metros do corredor. Cruzou a secretaria, seguiu por mais dez passos até a esquina e parou diante da terceira porta à direita. Estava entreaberta, com a fechadura *arrombada*.

O jovem quis impedir que o sujeito abrisse a entrada, mas ficou tão chocado que não teve reação. O Professor Velho não entrou de cara e, quando o fez, foi a passos lentos, olhando minuciosamente em todas as direções. A sala era um *caos completo*. As gavetas da mesa e dos armários ao fundo repousavam no chão e caixas de papelão contendo papéis, mapas e livros encontravam-se reviradas. Um belo enfeite cravejado por enormes cristais de quartzo jazia quebrado em um canto e o *laptop* em outro. As janelas estavam fechadas e não havia ninguém no recinto. Quando voltou a si, o professor correu até a secretaria.

— *Glória!* — ele gritou desesperado. — Entraram na minha sala e reviraram tudo. Você viu alguém suspeito por aqui?

— Sua sala? — a mulher pareceu ter levado um susto. — Não... Espera... Teve um sujeito que procurou pelo senhor.

— E quando foi isso?

— Há vinte minutos.

— Mas que droga! — o professor esbravejou.

— Quer que eu chame a polícia?

— Não. Pode deixar que eu mesmo faço isso — ele retornou à sala revirada.

Pedro dirigiu-se à secretária. — Como era esse homem?

— Era um sujeito esquisito — a mulher pôs as duas mãos na própria testa. —

Magro, claro, um metro e oitenta.

— Alguma tatuagem?

— Sim. No braço direito.

Não era necessário dizer mais nada. *O homem-onça chegou antes de nós.* Agora só restava saber se ele havia apanhado o amuleto sagrado.

Na sala, o professor já se encontrava de fone em punho.

— Não! O senhor não deve ligar para a polícia — disse Pedro.

— E por que não?

— É muito perigoso! Se chamar a polícia, eles saberão.

— Quem? Do que você está falando, garoto?

— Da Liberdade Verde — ele já não tinha mais certeza sobre quem era o verdadeiro inimigo. Resolveu, porém, usar um nome capaz de impor medo às pessoas.

— Não. Isso é loucura — revidou o professor.

— O objeto de Flaviano estava aqui, Senhor Velho? — Pedro perguntou. — Eles o levaram?

— Não — disse o homem, ainda chocado com a destruição à sua volta.

— E onde ele está?

— Guardado em um lugar seguro.

— O senhor precisa entregá-lo a nós. Somos sua única chance de salvação — o jovem duvidava do que acabara de dizer, mas não sabia mais como convencer o velho.

— Não. Acho melhor chamar a polícia.

— Ah, já cansei disso — de súbito, Aline avançou em direção à mesa e segurou energicamente o braço direito do professor com ambas as mãos. — Ouça bem, meu senhor! — o tom era de ordem. Curvada sobre o móvel, ela o olhava com seus imensos olhos verdes. Estático, o velho contemplou as duas esmeraldas brilhantes com certa passividade. — Somos seus amigos. Estamos aqui para ajudá-lo. Mas precisa confiar em nós. Por favor, não chame a polícia. Desligue esse telefone.

Surpreendentemente o professor, mais calmo, abaixou a mão aos poucos e devolveu o fone ao gancho. Aline, porém, manteve firme a pegada e os olhos permaneceram fixos nele.

— Agora, — ela mantinha a voz imponente — diga onde guardou o objeto de Flaviano.

— Está no... — o velho relutava. — Está no...

— Onde? — insistiu. Apertou mais forte o braço do sujeito.

— *Museu de História Natural.*

Pedro achou aquilo tudo incrível. Era como se o homem não tivesse mais

vontade própria. De alguma forma, Aline parecia capaz de influenciá-lo fortemente.

— O museu! — Jorge olhou para seus companheiros. — Fica fechado durante a semana. Não conseguiremos entrar lá hoje.

— Você é o diretor, não é? — a garota perguntou ao velho, que confirmou com a cabeça. — Então vai nos levar até lá.

O homem levantou-se, mas ainda por algum tempo, Aline não soltou o seu braço. Pedro estava confuso, mas não tinha dúvidas de que acabara de presenciar a manifestação dos poderes secretos da moça.

— Por aqui, Senhor Velho — ela indicou o caminho para fora da sala.

Os quatro foram direto para o carro da garota. Ela convencera facilmente o professor a não pegarem o automóvel dele no estacionamento, pois isso seria bastante perigoso. Pedro ficou preocupado ao deixarem o prédio. Imaginava que Cássius devia estar por perto, vigiando-os, esperando o momento certo para atacar. E com ele no banco do carona, Jorge ao volante e a garota atrás, ainda segurando o braço do velho, partiram para a próxima etapa da jornada.

O jovem não se tranquilizou enquanto não deixaram a entrada principal da universidade. Mesmo assim, manteve a atenção nos retrovisores para ter certeza de que ninguém os seguiam. Ver a face assustada e mal-encarada do professor pelo espelho trazia sensação de desconforto. Jorge também parecia incomodado com o silêncio, pois havia tensão em seu rosto. *Ele tem essa mania de pressionar os olhos e o nariz quando fica nervoso*, Pedro sabia. Era como se os óculos o fizessem enxergar mal.

— O que é o objeto que Flaviano lhe enviou, Senhor Velho? — Aline quis saber.

— Logo vocês verão — ele respondeu, evasivo. Olhava para todos os lados compulsivamente.

A garota não insistiu, mas Pedro aproveitou a deixa. — Senhor Velho. Por acaso, Flaviano disse algo sobre esse objeto? De onde veio? Quem o achou?

— Não. Ele só mandou pelo correio, junto com uma carta pedindo que eu o guardasse até ele aparecer. Mas nunca apareceu.

— E quando foi isso?

— Há uns oito anos, eu acho.

— Acreditamos — o jovem continuou — que o objeto pertenceu a Cláudio. Ele o enviou para Flaviano antes de morrer.

— O Cláudio também está morto... — balbuciou o velho. — *Meu Deus do Céu!*

Depois disso, todas as perguntas foram inúteis. O homem emudeceu. Pedro então ficou ansioso pela chegada ao museu. Aos poucos, começou a se lembrar

de coisas isoladas que Jorge havia lhe contado sobre o lugar. No início do Século XX, a área era uma enorme fazenda pertencente a uma família de antigos colonos. O local sofreu desapropriação logo que Belo Horizonte se tornou a nova capital do estado e, assim, surgiu o primeiro centro de pesquisas ambientais de Minas Gerais. Com extensão verde superior a seiscentos quilômetros quadrados, e distante vinte minutos do campus, o museu era mais de três vezes maior do que o Parque Municipal.

Logo eles pararam em frente à entrada do local. Jorge falou em manobrar na pequena área do estacionamento de visitantes, mas o professor ordenou que fosse direto à portaria. Lá, havia uma guarita simples, disposta à direita, atrás de um portão de tela fechado. Grades se estendiam ao redor de todo o enorme quarteirão do horto florestal, promovendo o contraste entre a área verde e o asfalto. A vegetação era densa e as copas volumosas das árvores obstruíam a visão do interior. Um homem alto, de uniforme azul escuro, boné e cassetete na cintura, veio de encontro ao carro.

— Você não pode parar aí! — ele repreendeu de dentro do portão.

— Precisamos entrar — Pedro respondeu.

— Estamos fechados — replicou o guarda. — Voltem amanhã com hora marcada.

O Professor Velho então colocou a cabeça para fora da janela. — Está tudo bem, Reginaldo — gritou. — *Abra!*

— Oh. Sim, Senhor Diretor! Não tinha te visto aí dentro. Só um minuto! — o segurança imediatamente deu ordem a outro homem, mais baixo e claro, que pegasse as chaves na guarita e abrisse a portaria.

E assim, diante deles, estendeu-se um caminho estreito de pedras que margeava a avenida de onde vieram por quase duzentos metros, até entrar na mata. O trecho mal comportava um único veículo e virava abruptamente para direita e depois para esquerda, sempre ladeado por enormes árvores e vegetação densa. Pedro jamais imaginaria que um lugar como aquele pudesse ser um museu. O bosque se abriu de repente e pequenas casinhas coloridas surgiram dos dois lados da trilha. Em parte, o local ainda lembrava uma fazenda do interior, mistura da serenidade do Parque Municipal de Belo Horizonte com a riqueza e encantamento do Parque Nacional da Serra do Cipó.

— Encoste ali — o professor indicou a área perto de uma casinha amarela. Nela, havia uma placa escrito "Mineralogia". — Subiremos o resto a pé.

Jorge estacionou próximo a um tronco de árvore encostado no passeio. Todos desceram do carro e começaram a subir a pé a alameda de pedras que passava diante de dois outros casebres e de uma estufa de plantas à esquerda, e de um galpão maior à direita. Pelo visto, não havia um só funcionário trabalhando

naquele dia. No final da elevação, avistaram um enorme casarão de dois pavimentos, um bloco de cor vermelho vivo, bastante comprido e com telhado em formato colonial. Logo em frente ficava uma escada para o segundo piso, que terminava em uma varanda de portas fechadas.

Adiante havia uma placa metálica, presa a uma chapa de bronze, com informações difíceis de ler à distância. Atrás dela, hasteadas a três metros do chão, tremulavam as bandeiras de Minas Gerais à esquerda, do Brasil no meio e da UFMG à direita. Um par de portas brancas, com basculantes de vidro na parte superior, combinava perfeitamente com as janelas em estilo antigo, duas no primeiro andar e três no segundo. Estava tudo fechado.

— Esse é o Centro de Exposições Temporárias! — Jorge comentou.

O professor retirou do bolso um molho de chaves e, com uma delas, abriu as portas do casarão. O salão principal era amplo e recepcionava os visitantes com uma assustadora imagem. Pedro ficou momentaneamente paralisado. Uma espécie de onça ou tigre pré-histórico expunha sua arcada dentária voltada para a entrada, em posição de ataque. Era enorme, quase duas vezes maior do que um felino comum. Mesmo assim, a figura não era tão aterradora quanto Cássius em sua forma animal, porque se tratava de uma escultura cheia de pelos. Os jovens apenas se entreolharam, assimilando a bizarra coincidência, mas não disseram nada. *Só espero que esse não seja um mal presságio*, Pedro refletiu.

Havia grandes telas nas paredes da direita, fotografias que reproduziam escrituras e pinturas rupestres impressas em antigas cavernas. Elas exibiam imagens estilizadas de grupos humanos e animais pré-históricos difíceis de determinar. Em um canto oposto, estava uma enorme caixa de vidro, apoiada sobre uma estante de madeira escura. Somava cerca de um metro e oitenta de altura ao todo, por outros dois de comprimento e um de largura. Dentro da vitrine havia grande variedade de pedras, tais quais as que Jorge guardava em seu quarto, marcadas com etiquetas que continham os respectivos nomes. Misturado a elas, existiam também peças de cerâmica, pontas de flecha e instrumentos de pesquisa. Em outro canto, o cenário de uma escavação revelava os restos parcialmente enterrados de um esqueleto humanoide, deitado com as pernas e os braços dobrados. Parecia bastante real.

— É o semestre de homenagens ao *Doutor Peter Lund* — disse o professor casualmente, ao caminhar através do salão.

Pedro se lembrava bem do nome. Tratava-se do famoso naturalista que explorou a região de Lagoa Santa, centenas de anos atrás, e que encontrou inúmeros fósseis de animais e homens pré-históricos.

Sem perder tempo, o velho acendeu as luzes e caminhou até os fundos do cômodo. Eles o seguiram por um estreito até as escadas e subiram para o

segundo andar. O professor, agora demonstrando nervosismo, abriu a porta logo à esquerda com dificuldade e ligou as lâmpadas. Uma sala menor e mais sinistra que o salão principal surgiu diante deles. Era branca, com pequenos mostruários preenchendo as paredes ao redor.

Estavam cheios de *ossos humanos*.

O docente caminhou até uma vitrine que continha apenas crânios. Eram cerca de uma dúzia, espalhados nos dois níveis das prateleiras de madeira. Sem entender seu objetivo, Pedro observou-o destrancar e abrir a porta de vidro que protegia o mostruário. Da seção inferior, bem ao fundo, retirou um pequeno objeto. Era um crânio humano, alongado na parte superior, delgado na frente e sem a mandíbula. Apesar disso, estava intacto, bem diferente dos outros, quebradiços e porosos. E esse era o mais escuro, não por ser antigo, mas porque parecia ter sido *queimado*.

— O que é isso? — Aline retorceu as feições.

— É o objeto que Flaviano me pediu para guardar.

— Uma cabeça? — ela ficou surpresa.

Aquilo também não era o que Pedro esperava. Sempre imaginou o amuleto sagrado dos Itaguaçu como sendo algum tipo de artefato primitivo. Uma lança, um medalhão de pedra cheio de penas ou mesmo um dente de animal, feito o que carregava no pescoço agora.

— É só isso? — perguntou ele. — Foi só isso que ele mandou para o senhor?

— Foi.

— E como sabe que é esse mesmo? — apesar de diferente dos outros crânios, mais claros e despedaçados, qualquer um poderia confundi-los depois de oito anos.

— É este sim — o professor virou o objeto, mostrando a nuca. — Ele tem uma marca aqui atrás. *Vejam* — apontou a pequena rachadura na base da caixa óssea. — Essa pessoa provavelmente morreu com uma pancada na cabeça.

— E quem é ele? — o jovem quis saber.

— Eu não sei. Mas faleceu a cento e cinquenta anos, pelo menos.

— Está certo então... Entregue-o para o Pedro agora — Aline ordenou. Não parecia disposta a segurar o amuleto com as próprias mãos.

— Esperem! — o velho relutou. — Ainda falta uma parte.

Com certeza era o osso do queixo. Ele caminhou até uma porta cerrada nos fundos da sala, abrindo-a sem dificuldades. A chave repousava na fechadura. Pedro entrou primeiro, seguido de perto por Jorge e Aline. Estava tudo escuro e ele não encontrou nenhum interruptor nas paredes próximas.

De repente, a luz de fora se apagou. Ouviu-se o bater da porta e um clique na tranca.

— Ele nos trancou aqui — gritou o estudante, fazendo barulhos na maçaneta.
— *Velho safado!*

Pedro recuou e trombou com o amigo. Aline sacou o celular. A luz revelou o pequeno cômodo, vazio não fossem algumas vassouras e baldes em um dos cantos.

— Estamos presos? — ela choramingou.

— Não. Jorge, vamos arrombar essa porta. No três. Um... dois... *três!*

A entrada só veio abaixo depois de duas tentativas coordenadas dos rapazes. A sala estava vazia. O homem tinha sumido com o crânio. Pedro e os outros correram desesperados pelas escadas, mas antes de atingirem o salão principal, ouviram um *grito*. Ao seguirem o caminho, se depararam com uma cena terrível.

Lá jazia o Professor Velho, caído no chão, contorcendo-se e sangrando com um enorme corte no pescoço robusto. Sobre ele erguia-se a figura grotesca e assustadora de Cássius, o homem-onça, parcialmente metamorfoseado em felino como da outra vez. Usava sobretudo semelhante ao de antes, porém de cor marrom, e dessa vez não trazia chapéu. A mão direita tinha garras negras enormes, avermelhadas por causa do sangue, e a esquerda segurava o crânio.

— Olá, garotos! — disse o irmão gêmeo de Paulista. A voz era grotesca. — Então, nos encontramos de novo.

O coração de Pedro gelou, não só pela presença do perigoso inimigo, mas também porque a falha na tentativa de recuperar o amuleto sagrado era iminente. Agora sim, tudo estava perdido.

Agiu sem pensar. — Devolva o crânio!

— *Ahhh!* Não me faça rir, moleque.

— Nós o encontramos primeiro.

— *Seu insolente!* — Cássius começou a caminhar na direção do trio. — Isso não é uma prova de velocidade, mas sim de força. O mais forte é quem vence sempre. Vão pagar caro por ter se metido no meu caminho.

— Não se aproxime! — Pedro ordenou. — Roger chegará aqui a qualquer instante — mentiu.

— Eu não contaria com isso — o olhar do possuído era uma mistura de sadismo e escárnio. Parecia sedento por mais sangue.

A criatura continuou avançando devagar. Instintivamente o jovem puxou Aline para trás de si, protegendo-a. E de repente se deu conta de algo estranho. Alguma coisa vibrava em seu bolso.

A princípio, pensou que fosse o celular, mas o aparelho havia ficado no carro. Levou a mão esquerda ao objeto e se lembrou da faca de pedra de seu pai, que tremia levemente. Virou a cabeça para Jorge e percebeu que o amigo tinha os olhos arregalados e concentrados na direção do atacante. Atrás de Cássius, as

rochas de vários tipos, expostas dentro da caixa gigante de vidro, também começaram a vibrar, agitadas. E então, quando o estudante de geologia estendeu a mão direita, um estrondo ecoou pelo prédio e estilhaços da vidraça voaram em todas as direções.

Pedro protegeu a face e curvou-se para o chão, em cima de Aline. Ao abrir os olhos, viu que Jorge estava de pé, com dois pequenos cortes sangrando no rosto, mas o homem-onça jazia deitado sobre uma pilha de pedras e cacos de vidro. O crânio havia escorregado de sua mão e rolado para perto da estátua do tigre pré-histórico, a menos de três metros da saída.

— Você fez isso? — Pedro encarava o amigo.

Já tinha visto as incríveis manifestações dos poderes telecinéticos dele antes, mas aquela foi a primeira vez que o estudante realizou tamanho feito estando acordado. A surpresa estampada em seu rosto respondia a pergunta.

— *Vamos!* — Aline gritou. Cássius começava a se mexer após o golpe.

Os três correram em direção à porta. Pedro apanhou o crânio do chão e deixou o casarão, sem olhar para trás. Mas eles mal atingiram a alameda de pedras que levava até o carro, quando o homem-onça arrombou a janela, saltando para fora e colocando-se como obstáculo aos fugitivos. Caiu de joelhos e escorou a mão direita no chão. Parecia ainda atordoado com ataque do estudante. Grande quantidade de sangue escorria por sua testa e cobria-lhe o olho esquerdo.

Sem alternativas, Pedro, Jorge e Aline correram na direção oposta, onde outras casinhas coloridas margeavam a viela. O passeio terminava em uma pequena ponte de madeira que cruzava o lago minúsculo, e dava lugar a uma trilha de terra que conduzia ao meio do bosque.

— Não — a garota hesitou diante da plataforma. — Vamos cair na água...

— Não, não vamos — Pedro gritou.

— Eu não sei nadar.

— Então, segure a minha mão.

Devagar, eles transpuseram a ponte e seguiram sem parar, até perderem os casebres de vista. O local lembrava muito o Parque Municipal, mas diferente desse, era bem mais arborizado e a mata era tão densa que obstruía completamente a visão da capital à volta. No ponto onde estavam, mal dava para ver o céu e, apesar do sol caminhar para o seu auge, o ambiente era mais escuro e frio do que o normal.

— Não pare de correr! — Jorge ordenou ao ver que Aline relutava em seguir.

— Acho que minha pressão caiu — ela ofegava.

Os rapazes então a sustentaram pelos braços, um de cada lado, e seguiram mata adentro. Existia uma trilha bem definida no início, mas Pedro não tinha a menor ideia de para onde iam. Sua esperança era que Jorge soubesse, afinal, ele

já havia feito inúmeras visitas ao museu. Por cerca de cinco minutos eles se embrenharam na reserva, até que Aline não suportasse mais mover as pernas. Seu rosto estava pálido, com um tom negro fosco. *Ela não vai aguentar muito tempo*, ele soube logo.

Sentaram-na no chão, próximo a um velho tronco de árvore caído, atravessado no meio da trilha.

— Onde estamos? — Pedro sussurrou.

— Eu não sei — o estudante respondeu. — Nunca tinha entrado na mata.

Pararam para ouvir a floresta. O silêncio reinava absoluto.

— Aquilo foi incrível, Jorge. Seus poderes retornaram com tudo. Você está bem?

O amigo não disse nada. Suas mãos tremiam e ele parecia ter dificuldades em respirar. Pedro já o tinha visto daquele jeito antes, ansioso, agitado, beirando a crise nervosa.

— Há quanto tempo não toma os remédios? — cochichou.

— Três dias... — Jorge pressionava o estômago com a mão esquerda. Com a direita, escorava Aline.

Escutaram então um rugido ao longe, mas não dava para saber ao certo a direção ou a distância.

— Não podemos ficar aqui — disse o estudante. — Temos que prosseguir.

Os dois puseram a garota de pé de novo, mas se surpreenderam com os grunhidos de um animal, agora muito perto. Assustados, olharam em volta, mas não viram nada. Um frio correu a espinha de Pedro. Segurou o dente sagrado de Mayra em seu pescoço, sobre a camisa, segundos antes de olhar para cima e ver o felino de pele dourada saltar da árvore em sua direção. No reflexo, empurrou Jorge e Aline para trás e, assim, projetou-se no lado oposto. A garota soltou um berro. A onça caiu bem no meio da trilha, interpondo-se entre Pedro e seus amigos, e olhou para ele, fitando o crânio em suas mãos. Os olhos eram vermelhos e furiosos, o esquerdo envolto em uma mancha rubra escurecida.

O jovem recuou dois passos e, no terceiro, tropeçou em um galho e caiu de costas, rolando por cerca de dez metros para dentro de um declive acentuado. A mata encobriu sua visão e ele não pôde mais enxergar seus amigos e nem o inimigo. Mas o crânio sagrado continuava firme em suas mãos.

— *Corra, Pedro!* — era a voz de Jorge, não muito distante.

A queda o fizera perder momentaneamente a noção da direção, por isso ele correu sem rumo, fora da trilha. Queria se livrar do perigo e salvar o amuleto, mas mesmo em meio ao desespero, não se esqueceu dos amigos. Temendo por eles, olhou de volta para o topo da ribanceira, de onde tinha caído, e viu a sombra enorme, amarelada e de quatro patas descer a pequena encosta. Percebeu

então que era ele, e não seus companheiros, quem corria perigo agora. Virou-se e fugiu desesperado.

Cruzou troncos, pulou galhos e venceu plantas, até parar diante de uma rocha branca e arredondada, de quase um metro de altura. Olhou ao redor. Não havia sinal de animal ou pessoa alguma. Retirou o amuleto de Mayra do pescoço e o apertou com os dedos. Ficou de costas para uma grande árvore e escolheu um lado para correr.

Era tarde demais.

O enorme felino saltou por cima da pedra e, de mandíbula aberta, projetou-se em sua direção. No reflexo, Pedro ergueu o braço esquerdo, o que segurava o crânio, e o conjunto de dentes afiados cerrou-se à sua volta. O pingente de Mayra voou para longe e se perdeu em meio à folhagem do terreno. Sentiu as presas rasgarem-lhe a pele e perfurarem-lhe a carne, mas a dor só viria em seguida. Agora estava anestesiado por causa do susto.

A onça logo o soltou, mas com o peso do golpe derrubou-o de costas no chão. Ele se virou e tentou se arrastar. Viu o crânio caído perto da pedra. Ao se mover, sentiu outra mordida da fera, agora na perna direita. Dessa vez, o animal segurou apenas a barra da calça, mas ele se viu obrigado a rolar para o lado a fim de evitar um novo ataque. Sentou-se de costas contra a árvore. O braço esquerdo, banhado em sangue, ficou coberto de terra e folhas.

A onça se aproximou lentamente agora. Como um predador estudando a melhor forma de acabar com sua vítima, ela andou de um lado a outro, sem tirar os olhos da presa. Pedro sentia que o fim era questão de segundos. Naquele instante, ninguém, nem mesmo Roger, poderia salvá-lo. Sua visão ficou turva e a pressão subiu. Pensou em Flaviano. *Logo descobrirei o que aquele pobre homem sentiu na hora da morte. A vida é mesmo irônica*, ele divagou. *Estou prestes a morrer pelas mãos do próprio assassino do meu pai*. Pediu perdão pelas muitas vezes que o odiara, achando que tinha sido abandonado de propósito. Seu último ato, inútil talvez, foi o de usar o braço intacto para proteger a garganta. Lembrou-se de que todas as vítimas da onça morreram com escoriações no pescoço. Ele então se entregou para o fim. Mas o animal *não o atacou*.

Pelo contrário, recuou alguns passos e prostrou-se de barriga no chão, gemendo em dores. Os grunhidos eram guturais e assustadores. E de repente, para sua surpresa, a onça começou a se contorcer mais e, aos poucos, a forma felina foi desaparecendo para dar lugar ao perfil de um homem nu. Cássius, o irmão gêmeo de Paulista, revelara-se outra vez, agora com a aparência inteiramente humana. Ele ainda gemia com dores na barriga, caído no solo, e Pedro assistia a tudo, impassível.

— O que está acontecendo? — o assassino murmurou em meio aos lamentos.

A dor logo passou, mas ele continuava aturdido. O jovem olhou para o crânio negro atirado ao chão, que por sua vez o encarava de volta com as órbitas vazias. Ele então compreendeu o que estava ocorrendo. *O amuleto sagrado. O amuleto sagrado dos Itaguaçu está manifestando algum tipo de poder. Está anulando a transformação dele.*

— Isso é mais poderoso do que pensei — Cássius grasnou para si mesmo, com o olhar direcionado à caveira. — Mas não importa. Ainda posso matá-lo — agora ele falava com Pedro.

Partiu para cima dele e fechou as duas mãos ao redor de seu pescoço. O jovem não tinha mais forças para reagir. Pouco a pouco, sentiu faltar o ar nos pulmões, enquanto uma dor forte bloqueava-lhe a garganta e rasgava-lhe o peito. Cássius carregava a ânsia da morte nos olhos.

De repente, tudo ficou silencioso. E então, Pedro pôde ouvir com clareza o seu nome. Era um chamado vindo de muito longe, do meio da mata. A voz era de Jorge. Novamente algo começou a vibrar em seu bolso. Era a faca de pedra de seu pai. Levou a mão direita à calça e tomou o instrumento, desvencilhando-o do pano que o envolvia. E sem pensar duas vezes, usou o resto de energia que tinha e enterrou a lâmina em seu agressor. O golpe foi abaixo das costelas, bem no centro do tórax.

Cássius soltou um berro de dor, mas não largou o seu pescoço. Ao contrário, apertou com mais força. Sem ar, Pedro sentiu o sangue quente escorrer pela faca até sua mão. Puxou-a de volta e deu outro golpe, agora bem mais violento, cravando a arma no lado esquerdo da barriga. Dessa vez, Cássius não resistiu. Afrouxou a pegada, deu dois passos para trás e sumiu de seu campo de visão.

Toda a luz foi embora de uma vez...

Medidas desesperadas

Pedro voltou a respirar. Primeiro a frequência rápida, com os pulmões ardendo ao se expandirem, depois, mais calmo, capturando o ar com profundidade. Levou alguns segundos para recuperar o fôlego e a visão.

— Pedro, você está bem? — era Jorge, ajudando a erguê-lo.

— Não sei — após se levantar, viu o corpo de Cássius caído de lado, com uma poça de sangue enorme manchando o chão próximo ao dorso.

— O que aconteceu? — Aline também estava perto.

— Eu o matei... — respondeu, incrédulo.

— Seu braço! — disse Jorge.

Só então se deu conta da dor no lugar da mordida. — Estou bem!

— Não está não — o estudante o puxou pelo cotovelo, de modo a erguer a ferida. — Venha. Vamos voltar. Tem uma enfermaria no museu — ele apanhou o crânio do chão.

— O amuleto de Mayra... Preciso achá-lo.

— Aqui está — a garota pegou o objeto e pôs no pescoço dele.

Pedro sentia o corpo pesado, mas era capaz de caminhar sem ajuda. Por mais que fizesse pressão sobre o próprio braço agora, o sangue insistia em fugir pelos cortes, cobrindo-lhe a pele e a camisa sujas de terra.

Os três retornaram à sede do museu. Jorge foi direto para a casinha azul no início da trilha e arrombou a porta com o pé. O lugar estava cheio de armários e havia ainda uma mesa e duas cadeiras metálicas. Ele pegou algumas gazes, soro fisiológico e faixas de pano, e levou o amigo até a pia. Aline ajudou a lavar o ferimento. *Parecia horrível!* Dava para ver as marcas do conjunto de dentes afiados dos dois lados do antebraço esquerdo. A água corrente mostrava a profundidade dos rasgos, mas eles logo se enchiam de sangue de novo. *Isso é pior do que bicada de urubu*, ele refletiu, com a mente ainda turvada pela adrenalina e a falta de ar.

— Você vai ter que ir a um hospital — disse a garota.

— *Não!* Como vou explicar isso... *Ai!* Ninguém vai acreditar que é a mordida de um cachorro... — a dor era intensa agora.

— Concordo com ela, Pedro. Está muito feio.

— Não se preocupem. Estou bem. Precisamos voltar para casa. A essa altura, Mayra já deve estar lá.

E então, após enrolar o braço do amigo em um conjunto de faixas brancas,

Jorge enfiou o amuleto sagrado dentro de um saco de pano sujo que encontrou. Ao caminharem até o carro, eles passaram em frente ao casarão de três andares, agora com as portas e uma das janelas arrombadas. O estudante de geologia parou por alguns instantes, contemplando de fora o grande salão de entrada. Podiam ver o corpo inerte e robusto do Professor Velho, esparramado sobre a poça de sangue.

— Olhe pelo lado bom, Jorge — Aline tocou-lhe o ombro esquerdo. — Seu desejo foi atendido.

— Do que está falando? Eu nunca quis que ele morresse.

— É, mas parece que aquele trabalho será adiado, como você queria — ela esboçou um sorriso sem força, mas ele não achou a menor graça.

Quando chegaram ao carro, o estudante se negou a dirigir. Suas mãos tremiam. Por isso, Aline assumiu o volante, mesmo ainda sentindo-se um pouco fraca. Manobrou com habilidade e retornou o veículo pela mesma trilha de entrada. Outra cena terrível os acometeu ao atingirem a guarita do museu. Os guardas que os abordaram na chegada estavam caídos, um na mesa e outro sobre o parapeito da janela. Ambos tinham as gargantas dilaceradas e havia sangue em todo lugar. *Mais dois para a lista do irmão gêmeo de Paulista*, Pedro contabilizou. *Só que agora ela vai parar de crescer.*

Aline usou o próprio carro para arrombar o portão. Eles alcançaram a avenida vazia e tomaram o caminho de volta para casa. Tão logo deixou o museu, Pedro sentiu como se tivesse acordado de um terrível pesadelo. Mas era a mais pura realidade. A intensa dor que afligia seu braço esquerdo não deixava dúvidas. O sangue já havia transpassado as bandagens e se distribuía de maneira homogênea pela área mordida.

Em cerca de vinte minutos, chegaram ao bairro onde moravam. Estavam a menos de dois quarteirões do velho prédio, quando Jorge pediu que Aline encostasse o carro. Ela estacionou na esquina, a mais de cem metros da entrada. Pedro não tinha percebido a princípio, porém, ao olhar para a porta de casa, se deu conta da estranha movimentação. Havia uma dúzia de veículos, quatro furgões e oito esportivos, todos pretos, parados em fila na frente do prédio. Cerca de dez homens altos e fortes, vestidos com calças e blusas escuras, se aglomeravam no portão de entrada.

— Quem são eles? — Aline quis saber.

— Droga... — Jorge praguejou. — Com certeza não é a polícia.

— Será que já sabem que estamos com o crânio? — Pedro segurava firme o saco com o objeto. O medo fazia o estômago queimar.

— Eu não sei. Mas não é seguro ficarmos aqui. Dobre a esquina, Aline. *Rápido!*

A garota obedeceu, fazendo uma curva abrupta para a direita.

— Minhas pedras... — Jorge lamentou, a mão cobrindo as sobrancelhas sobre os óculos.

— E agora, para onde vamos?

— Emprésteme o seu celular. Vou tentar falar com Paulista de novo — ele levou o aparelho rosa ao ouvido. — Ainda fora de área.

— Vamos para minha casa.

— Não. Se descobriram onde eu e Pedro moramos, também já sabem onde você vive. Não há lugar seguro agora. Precisa avisar a sua amiga para sair de lá.

— A Kátia viajou — ela disse, aliviada.

— Pedro, não podemos mais esperar por Mayra, e não temos para onde ir — Jorge encarava o amigo sentado no banco traseiro. — Acho que não temos outra escolha. Precisamos ir até Aratama. Você tem de nos contar onde é a casa dele.

O jovem relutou, lembrando-se da promessa de nunca revelar o esconderijo a ninguém. Nem mesmo a seus companheiros. Mas por fim, aceitou que não havia alternativa. — Vamos para a Serra do Cipó!

— *Eu sabia!* — Jorge deu um leve soco no ar. — Eu sabia...

* * *

A passagem por Lagoa Santa foi a parte mais tensa da viagem, pois tinham quase certeza de que os inimigos ainda monitoravam o lugar. Mas o caminho era inevitável. Levou cerca de duas horas até que os três chegassem a *Cardeal Mota*, região da Serra do Cipó onde ficava a entrada do Parque Nacional. Lá, Pedro começou a se esforçar para relembrar o trajeto feito por Mayra, quase um ano atrás. O braço não parava de doer, embora já tivesse se acostumado ao martírio. O estômago também penava agora, mas de fome. A agitação daquele dia fatídico não deixara tempo para comerem nada. Sua cabeça começou a rodar e as vistas escureceram por um décimo de segundo, antes de ele avistar a ponte na entrada do município. A faixa de terra que conduzia à portaria da reserva ficava logo à direita.

No início era uma viela estreita, cercada de pousadas e casas de campo. Pedro explicou a Aline que não deveriam ir até o parque, pois existia uma trilha à esquerda, poucos quilômetros à frente. Adiante, ele identificou a passagem, uma bifurcação simples anteriormente escondida pelo matagal que tomava o chão arenoso. Todavia, estava mais fácil de ver dessa vez. Não que estivesse mais aberta ou acessível. Pelo contrário, havia uma enorme poça de água escura bem no centro e era impossível evitá-la. Ele não se lembrava desse detalhe, mas tinha certeza de que era o caminho certo e encorajou a garota a prosseguir.

Devagar, ela transpôs o declive, que mostrou ter não mais do que alguns centímetros de fundura. O trecho não melhorou muito depois disso, mas quando a mata se abriu, lá estava o velho casebre de Dona Conceição no final da trilha. *Chegamos, finalmente!* Já passava das três da tarde, e a luz do sol brilhava sobre o preto metálico da lataria de um veículo esporte e morria na superfície fosca de suas janelas de adesivos fumê. Fora estacionado ao lado da casa humilde e de poucos cômodos.

— É o carro de Paulista! — Jorge comentou.

Entre ele e o automóvel de Aline havia vinte metros de solo arenoso e grama morta, somado a uma porteira em péssimas condições. Pedro a tinha empurrado da última vez para dar passagem a Mayra, mas isso não era necessário agora. Além de aberta, estava tão inclinada que quase tocava o chão.

— Devemos entrar? — Aline não parecia segura dessa vez. Sua tensão se imprimia na força com que apertava o volante.

— Sim. A senhora que mora aí é amiga de Mayra. Há uma entrada secreta para o parque nos fundos da casa. Vamos torcer para que ela se lembre de mim.

Pedro esperava ver o rosto enrugado e sorridente da dona do terreno surgir na janela, tão logo o carro transpusesse a porteira. Mas isso não aconteceu. A residência estava toda fechada e permaneceu assim, mesmo depois que Aline estacionou ao lado do esportivo preto. A porta da frente, velha e rachada, prendia-se ao marco por uma corrente com cadeado atravessando o buraco da maçaneta. Pequenas frestas nas janelas de madeira mostravam apenas a completa escuridão dentro do imóvel.

— Tem certeza de que mora alguém aqui? — Jorge espiava através das ranhuras próximas às dobradiças da entrada. — Parece abandonada.

E parecia mesmo. Ainda que fosse uma casa antiga e mal conservada, estava limpa e iluminada da última vez que o jovem a tinha visitado. Agora, porém, existiam teias de aranha entre o teto e as paredes, mato irregular crescia nos fundos e era como se alguém houvesse espalhado lixo pelo quintal.

— *Dona Conceição!* — Pedro bateu na porta da frente. Não ouviu nenhuma resposta. Repetiu o gesto mais três vezes até desistir.

— Talvez ela tenha dado uma saída — Aline disse.

— Não! — Jorge rebateu. — Esse lugar parece fechado há muito tempo. Ela morava sozinha?

— Pelo que sei, sim. Acho que é viúva e os filhos moram em outra cidade — ele lembrou-se do que Mayra dissera sobre a velha e seus herdeiros negligentes com ela. Praguejou ao perceber o óbvio. — *Droga!* Esperava que ela pudesse nos ajudar.

— Talvez tenha comida aí dentro — insinuou a moça.

— Não! — Pedro exclamou. — Não podemos entrar. Seria o mesmo que roubá-la.

— Eu não falei nada sobre roubar.

— Eu sei. Desculpe... Mas não tem nada para nós aqui — o jovem vislumbrou as montanhas distantes, iluminadas pelo sol da tarde. — Melhor irmos andando. Estamos apenas na metade do caminho. Logo vai escurecer, e não será bom se não acharmos Aratama antes disso.

— Metade? — Aline repetiu. — A casa dele é muito longe?

— Não é uma casa. É uma caverna. Fica lá em cima — ele apontou para o alto da serra, azulada e coberta por densas nuvens brancas.

— Lá? — Jorge parecia não acreditar. — Vamos cruzar o parque a pé?

— Sim...

— Quanto tempo de caminhada?

— Umas duas horas.

— O quê? Isso é loucura — o estudante de geologia ficou agitado. — Por que não nos disse isso antes, Pedro?

— Qual é o problema?

— Problema? Olha só para você! Está ferido e faminto. Mal se aguenta de pé. Não vai suportar uma caminhada dessas.

— Não estou tão mal assim — ele mentiu. As pernas fraquejavam, doloridas, e a cabeça pesava, como se tivesse perdido uma noite inteira de sono. — E depois, não temos escolha.

O jovem começou a andar em direção ao quintal. Separada da casa, a cabine em forma de banheiro tinha a porta escancarada. Próximo, havia galhos cobrindo o buraco da cisterna e um balde de plástico jazia atirado ao chão. Mais a frente, o chiqueiro continuava sujo e malcheiroso, mas estava vazio. Os dois porcos enormes de outrora desapareceram.

Conforme se lembrava, existia uma portinhola de madeira que, junto com a cerca modesta de arame, delimitava a propriedade. Transpondo-a, eles desceram a pequena encosta de pedra para caírem nos limites do Parque Nacional. Foi somente então que Pedro se deu conta do quão arriscado era o que estavam prestes a fazer. *Devo estar ficando louco pela falta de sangue*, ele especulou. O início do caminho era fácil de recordar, pois era aberto, com poucas árvores. Havia rochas e paredes de blocos antigos, construídas por escravos centenas de anos atrás. Mas logo a vegetação se adensava e as passagens pareciam menos bem definidas e mais tortuosas.

Indo sempre à frente, Pedro evitava passar insegurança a seus companheiros de viagem, mas sua coragem agora estava por um fio. A breve visão do rio trouxe algum conforto, indicando que iam na direção certa. Mas a pior parte do

trecho ainda viria. Adiante, sob uma área elevada da trilha, viram a rota principal de visitação do parque. Da outra vez, Mayra evitou ao máximo aquela estrada, seguindo paralelo à passagem por entre a mata. Aqueles caminhos, porém, eram estranhos e cheios de bifurcações, e agora não era hora de arriscar.

Havia um barranco separando-os da rota principal, por isso tiveram de procurar uma forma de descer. Usaram os galhos de uma árvore para se segurarem e saltaram por cima de um largo rasgo na terra, até atingirem a trilha larga e bem delineada do parque. A caminhada foi longa e penosa por quase uma hora, com o sol pesando-lhes sobre as costas e enormes poças de lama bloqueando o avanço.

Pedro não pôde evitar que a água suja e quente molhasse as ataduras, ainda que a parte mais profunda do trecho não subisse acima dos joelhos. Sentiu a cabeça rodar algumas vezes, mas não precisou parar a caminhada. Jorge também não foi capaz de impedir que o saco com o crânio ficasse encharcado, apesar de levá-lo sobre as costas. Ele apanhou uma pedra arredondada e branca, e passou o tempo todo girando-a na mão, talvez tentando controlar a ansiedade. Aline seguia firme, quase sempre na retaguarda, e ficou só reclamando da lama e dos mosquitos.

Tal qual da outra vez, Pedro chegou ao pequeno riacho de água gelada e cristalina que cortava a trilha principal e, como na época, deitou-se para molhar o corpo. Após quilômetros de caminhada na mata, aquilo era sempre revigorante. Jorge também se molhou, mas Aline não se atreveu a entrar no rio e atravessou-o devagar. A partir daquele ponto, avançar ficou mais difícil do que o jovem esperava. O sangue continuava a fugir pela ferida do braço e sua visão começava a ficar turva com maior frequência. Agora, mais do que nunca, o corpo pesava devido ao cansaço e à fome.

Depois de meia hora cruzando lamaçais cheios de capim alto, com pontos que pareciam intransponíveis, o trajeto voltou a se abrir. O sol já ia próximo à linha do horizonte, quando a belíssima visão da Cachoeira da Farofa despontou na paisagem, ainda muito longe para se ouvir o som da queda de água. O braço de Pedro começou a formigar de repente e seus passos ficaram mais lentos que os de seus companheiros. Sofria câimbras intensas cada vez que as solas dos pés tocavam o chão e um calor passou a enrubescer-lhe a face. *Estou bem. Preciso continuar. Estamos quase chegando*, ele dizia para si, mesmo sabendo que não era verdade. Jorge ia bem à frente no momento em que Aline o chamou, depois de perceber que o jovem tinha ficado para trás. Suas vistas escureceram e ele se sentou, antes que desabasse por completo. Então, se deitou.

— *Pedro?* — ela gritou, desesperada.

O estudante de geologia ajudou a colocá-lo sentado. — Ele perdeu muito

sangue, Aline. Não podemos continuar assim.

— Não se preocupem, já disse. Estou bem — sua cabeça rodava. — Só preciso descansar um pouco.

— A quem está querendo enganar, Pedro? Olhe só para você. Está pálido. Ficou quase um minuto desacordado.

Ele não tinha percebido isso, mas não se importou. — Não. Sério! Dê-me apenas cinco minutos — a visão começava a voltar ao normal.

Aline então se acomodou junto a ele e, depois de encará-lo com preocupação, desviou o olhar para admirar a vista da cachoeira. Jorge, porém, permaneceu de pé, com a atenção voltada em outra direção.

— Estão ouvindo isso? — ele lançou a pergunta após alguns instantes coçando o braço esquerdo.

— O quê? — perguntou a garota.

Pedro não percebeu nada de estranho, apenas sons de aves e do vento batendo nas copas das árvores.

— Não sei explicar. Parece um zumbido, só que muito baixo.

— Não ouço nada — disse ela.

Jorge então começou a caminhar em direção a outra margem da trilha. Por repetidas vezes, deu alguns passos e parou para escutar. O som o guiou por entre galhos secos até a elevação cuja passagem, ortogonal ao caminho principal, fora bloqueada por um tronco enorme. Atrás dele havia uma picada bem definida que terminava em dois paredões de pedra, unidos por um bloco de rocha na parte superior.

— Não devemos entrar aí! — Pedro disse.

— E por que não? — Jorge se virou.

Ele então lhes contou sobre o desaparecimento do casal de adolescentes, quase um ano atrás, e o aviso de Mayra para nunca, sob hipótese alguma, tomarem a estrada, o Caminho Proibido como o chamavam.

— Isso é muito estranho — o estudante comentou. — Aquela árvore bloqueando a trilha... Ela não caiu por acidente. Parece que as raízes foram arrancadas.

— Deve ter sido o pessoal do parque — o jovem se levantou. Sentia-se um pouco mais vivo, porém as câimbras não o tinham abandonado ainda. Fez um breve alongamento e olhou para o céu. — Já estou bem. Vamos andando.

Dessa vez, ninguém criou objeção e os três seguiram a caminhada. Alguns metros à frente, um grande rio cruzava o caminho. A água corria lentamente para o norte, sem pontos de turbulência, mas era escura, turva por causa dos particulados de terra e folhas do leito.

— E agora? — Aline parou bruscamente.

— Temos que atravessar o rio. A trilha continua do outro lado.

— Mas eu não sei nadar!

— Não será preciso — Pedro se lembrava bem de que naquele ponto a água não passava da altura de seu peito. Mesmo assim, ela se agarrou ao braço de Jorge durante a travessia e seu rosto expressou bem o desconforto com a situação.

A floresta se adensava muito na outra margem, o que tornava a progressão mais lenta agora. O jovem sabia que precisava ficar atento, pois a partir daquele ponto teriam de deixar o caminho principal para seguirem uma trilha escondida que contornava a cachoeira. A passos lentos, avançaram por quase meia hora. O terreno era arenoso, difícil de vencer, e eles não tinham mais fôlego para caminhar rápido.

Logo o sol se escondeu atrás das montanhas e o som da cascata tornou-se evidente. A ansiedade e o arrependimento por terem deixado Belo Horizonte tomavam conta de Pedro a cada metro vencido. Continuaram até alcançarem os pés da queda d'água, onde o chão era exclusivamente pedregoso e áspero. Lá de baixo dava para ver a trilha lateral à grande cachoeira, o caminho que deveriam subir, mas não havia como alcançá-la daquele ponto. Precisaram voltar mais de um quilômetro, agora na escuridão quase total.

— Estamos perdidos... — o jovem fraquejou. — Não sei o que fazer...

Súbito suas pernas falharam e ele caiu prostrado. *Não aguento dar mais nenhum passo*, teve de admitir. *Este é o fim para mim*. Deitou-se de costas no solo pedregoso. O corpo tremia de frio.

— *Pedro!* — alguém chamou.

Mãos geladas apoiaram seu pescoço. Não sentia o braço. Era o fim da jornada.

* * *

Quando voltou a abrir os olhos, sua visão foi momentaneamente ofuscada por uma luz quente e brilhante. Pedro jazia deitado em chão duro de terra, forrado apenas por um fino lençol cinza-escuro. Seu corpo estava coberto por uma manta, também escura, mas apesar disso, ainda sentia um pouco de frio. Acima dele impunha-se um teto de pedra rústico, sustentado por um único paredão à direita. O sol recém-nascido se projetava do leste e banhava o abrigo com sua luz amarelada.

Jorge estava sentado ao lado, cochilando, apoiado com as costas na parede. Ele também se envolvera em uma espécie de lençol e os óculos quadrados repousavam sobre uma pedra lisa no chão. Pedro descobriu parte do corpo e, ao se movimentar, sentiu o braço esquerdo imobilizado. Uma faixa branquíssima

recobria todo o membro, do cotovelo até o antebraço, e a manga da camisa estava rasgada. Usando apenas a mão direita para se apoiar, colocou-se sentado e, ao fazê-lo, viu Aline deitada no chão, mais à frente, enrolada em um velho cobertor. Viu também uma mochila preta atirada em outro canto, junto a peças de roupa masculina, um maço de cigarros e um *kit* de primeiros socorros. Próximo havia uma vela apagada, presa a um pires, e um isqueiro vermelho.

— Oi, Pedro! — seus movimentos acordaram Jorge. — Como se sente?

Ele pensou para responder. Sentia o aperto das faixas, mas as feridas não doíam mais. Ainda estava fraco e teve um pouco de tontura ao erguer a cabeça. Usava no pescoço o pingente de Mayra. — Estou bem.

Olhou melhor em volta e reconheceu o local ao mirar contra o sol em cima do conjunto de fendas nos paredões de pedra à esquerda. Uma delas era a grande entrada da caverna escura, sobre a qual ficavam dezenas de ninhos de papagaios. — Que dia é hoje?

— Hoje? — Jorge estranhou a pergunta. — É quarta-feira.

Pedro então se lembrou de seu último instante de consciência no dia anterior. *Dormi por mais de doze horas*, ele concluiu. — O que aconteceu?

— Paulista nos encontrou. Ele estava voltando para Belo Horizonte. Sorte Aline estar com a gente. Nunca vi ninguém gritar tão alto.

— E ela está bem? — ele voltou-se na direção da garota.

— Estou — ela abriu os olhos verdes, mas permaneceu deitada. Parecia pálida e cansada.

— Você está com fome? — Jorge colocou de volta os óculos.

— Muita — disse Pedro.

O estudante foi até a grande caixa de isopor, escondida no canto do abrigo, e retirou uma pequena trouxa de pano. Nela, havia algumas frutas e pedaços de pão velho, ainda comestíveis, lembrando seu primeiro desjejum após o Ritual do Despertar, ali mesmo, com Roger ao seu lado.

— Onde está Paulista?

— Estava aqui a pouco — Jorge respondeu. — Foi falar com Aratama lá dentro da caverna.

— E vocês contaram a ele?

— Sobre o que exatamente?

— Cássius...

— Bem... Dissemos que escapamos dele, mas não entramos em detalhes. Na verdade, não tivemos tempo para conversar. Paulista ficou muito preocupado com o seu estado.

— E quanto aos outros? Roger e Mayra?

— Se apareceram, eu não os vi. Mas duvido que tenham vindo durante a

madrugada.

— E Aratama? Vocês o viram?

— Não — Jorge parecia frustrado. — Ele não saiu da caverna. Paulista nos proibiu de entrar lá.

Aline então se sentou e começou a devorar um pedaço de pão. Os três permaneceram quietos por alguns minutos. O jovem agora apossava-se novamente do próprio corpo, tomando consciência de cada músculo desgastado, cada arranhão exposto, cada dor latejante. Mas a despeito de suas recentes escoriações, as lembranças já pareciam bem antigas, quase esquecidas, pertencentes há um tempo sem graves consequências.

— E o amuleto?

— Está a salvo. O doutor o levou para dentro. Nós conseguimos — Jorge tinha a satisfação estampada nos olhos castanhos.

Pedro não disse nada. Então suas memórias se perderam em meio aos instantes finais no Museu de História Natural contra o homem-onça. Em voz alta, proferiu um pensamento inquietante. — Pessoal, acho que meus poderes começaram a aparecer...

— Quando? — o estudante de geologia se agitou. — Como?

E assim, ele narrou em detalhes a forma pela qual se salvou de Cássius.

— Finalmente, Pedro... — disse Aline. — Você conseguiu.

— Mas pode ter sido o crânio — ele desabafou. Estava confuso demais para ter certeza de qualquer coisa.

Ninguém retrucou.

Nesse exato instante, algo chamou sua atenção. Suas vistas ainda se acostumavam ao brilho radiante que transpassava as nuvens, mas ao longe, percebeu a pequena mancha negra surgir no horizonte. Na medida em que se aproximava, o perfil das asas longas ficava mais evidente.

— *Bárbara!*

Seus amigos se viraram e viram a grande urubu fazer um voo rasante por entre os paredões de pedra e deslizar corajosamente para dentro da caverna escura. Os papagaios em cima da encosta ficaram agitados.

— Está trazendo algum recado de Mayra — Pedro se levantou. Sentiu as pernas dormentes. — Vamos lá.

Aline também se pôs de pé, mas Jorge permaneceu sentado.

— Não! — ele gritou. — Não podemos ir até lá...

Ignorando-o, o jovem correu descalço sobre o terreno arenoso, até atingir a grande rampa rochosa que levava à entrada da caverna, cerca de três metros acima. Sem vacilar, invadiu a toca e o bando de dezenas de aves se agitou mais. Jorge e Aline o seguiram. Com a falta de luz ele reduziu o passo, tateando as

paredes de pedra a sua volta. Os pés tocaram o chão gelado e a pele percebeu a variação brusca da temperatura. Havia se esquecido o quanto era frio dentro do abrigo de Aratama. *Odeio este lugar*, ele blasfemou ao raspar o braço ferido em uma protuberância da gruta. No fundo do corredor, viu a luz trêmula de uma vela e, assim que se aproximou mais, pôde ouvir a voz de Paulista.

— São dois bilhetes — ele murmurou. — Esse aqui tem a letra de Mayra.

— E o que diz? — era a voz rouca e inconfundível do velho possuído.

— "Mestre" — o médico começou a ler — "alguma coisa ruim aconteceu aos jovens. O apartamento deles foi invadido e revirado. Não encontrei ninguém, mas achei esse outro bilhete. Temo que Roger esteja em grave perigo. Não consigo falar com o Glauber. Se ele estiver aí, peça que retorne imediatamente. Vou procurar pelos garotos".

— E o que diz o segundo papel? — Aratama permaneceu calmo.

— Veja o senhor mesmo.

— *Deus!* — o velho sussurrou, após um breve momento de leitura.

Pedro não se conteve. Adentrou o salão. — O que aconteceu com Roger? O que houve?

Paulista levou um susto ao vê-los surgirem na boca da passagem. Usava camisa de algodão branca, calças de moletom compridas e tênis. Já Aratama não se moveu. Permaneceu sentado em uma pedra no meio da grande câmara e, como de costume, tinha todo o corpo coberto por um manto cinza-escuro. Ambas as mãos estavam envoltas em luvas negras de couro, a esquerda apoiada sobre os joelhos e a direita segurando o pedaço de papel. Bárbara repousava ao lado.

— Falei para não entrarem aqui! — Paulista esbravejou.

— Tudo bem, Glauber — replicou Aratama. — Olá, Pedro... Já faz um bom tempo que não nos vemos, hein?

— Oi, Mestre.

— Bom... E vocês devem ser Jorge e Aline — o velho fez uma pausa. — Minha nossa! Da última vez que os vi, podia carregá-los no colo. Agora, vejam só como cresceram.

Nenhum dos dois respondeu.

— Desculpe entrar assim, Mestre, — Pedro continuou — mas o que diz o bilhete?

Aratama apenas estendeu a folha na sua direção, mantendo o rosto baixo. O jovem se aproximou e tomou-lhe o papel. Era irregular e tinha pautas azuis, como se alguém o tivesse arrancado de um caderno escolar. Leu a pequena inscrição em voz alta, escrita à caneta por uma mão descuidada.

— "Pegamos o seu companheiro grandão. Sabemos que estão com o crânio.

Levem-no até a beira da lagoa principal de Lagoa Santa. Melhor irem sozinhos ou mataremos seu amigo e enviaremos as partes. Vocês têm até a meia-noite desta quarta-feira".

— Creio que vocês têm muitas coisas para nos contar — disse Aratama, mirando os invasores.

Um silêncio súbito se abateu dentro da caverna. O jovem não sabia por onde começar. Havia muitos pensamentos em sua cabeça querendo sair. Mas ali, parado diante do médico, não conseguiu pensar em nada mais importante.

— Eu... matei o seu irmão — despejou com a voz trêmula.

Paulista pareceu não se abalar com a notícia. — Onde encontraram o crânio?

Pedro se surpreendeu com a reação do homem. Talvez ele não tivesse acreditado no que acabara de ouvir. — É uma longa história.

— Comece pelo princípio — Aratama ajeitou-se na pedra.

Então, apoiado pelos amigos, ele narrou resumidamente os fatos. Contou-lhes da festa de aniversário de Aline e do trágico encontro com Flaviano. Falou de Marlúcia e do convite de formatura. Revelou sobre a fatídica visita ao dono da loja de antiguidades. Por fim, explicou quem era o colega da faculdade e onde ele havia escondido o amuleto sagrado.

— Mas por que vocês não me disseram nada disso antes? — o médico olhava para Aline. — Você sabia de tudo isso. Por que não me contou?

Envergonhada, ela apenas mordeu o lábio inferior, permanecendo de cabeça baixa.

— Pensamos que você e Roger fossem traidores — Pedro disparou.

— Nós? Mas por quê?

— Bom... Após a morte de Flaviano, eu quis confessar a Roger o que aconteceu. Então, resolvi ir até a casa dele na favela e, sem querer, ouvi vocês dois conversando. Pensei que ele fosse o homem-onça, porque disse que perseguiu Flaviano na forma animal.

— Roger não é uma onça — explicou Aratama, com a voz tranquila, porém grave. — Ele é *Carabao*, o grande búfalo dos pântanos. Forte e destemido. Só é pena que, às vezes, não sinta muito orgulho disso.

— Pensamos que ele fosse uma vaca na noite em que o atropelamos — disse Jorge.

— Foram vocês que atropelaram Roger? *Meu Deus!* — Paulista levou a mão à boca aberta.

— Sim... — foi Pedro quem respondeu. — Mas foi um acidente. Flaviano surgiu de repente. Ele atravessou a rua correndo, desesperado. E para não atingi-lo, jogamos o carro para fora da pista.

— Eu joguei... — corrigiu Jorge. — Eu sou o responsável.

— Quando o acertamos, ele estava na forma de touro — complementou o jovem.

— Foi o que salvou a vida dele! — a expressão de Paulista era de repreensão. Todos se mantiveram em silêncio por quase um minuto.

— Mas por que agiu como se estivessem escondendo algo do Mestre Aratama? — Pedro se dirigiu ao médico.

— Bem... Há meses, Roger e eu estávamos monitorando as atividades da Fogo-Fátuo em uma residência de Lagoa Santa. E também já sabíamos sobre o sequestro de Flaviano — Paulista levou a mão aos bolsos, provavelmente procurando pela cartela de cigarros esquecida no abrigo. — No ano passado, fui até São Paulo para investigar o caso. Então, um dia, um de nossos contatos informou que o tinham levado para Lagoa Santa. Nós fomos até lá, naquele mesmo sábado, com o objetivo de resgatá-lo. Infelizmente elaboramos o plano às pressas e deu tudo errado. Depois tive vergonha de contar ao Mestre o que aconteceu. Resolvi esperar até que Roger recuperasse a memória.

— Todos cometemos erros, Glauber — Aratama o confortou.

— Mas na favela, escutei você dizer que entregariam o amuleto sagrado a Emanuel Seixas, o líder da Liberdade Verde.

— *Eu?* Nunca falei isso — Paulista retrucou.

— Falou sim! Ouvi quando confessou que Emanuel Seixas ficaria orgulhoso de vocês — ele foi incisivo.

— Eu não... Eu... — o médico gaguejou. Olhava para o velho possuído e parecia desconcertado.

— Glauber e Roger são dois de meus amigos mais fiéis — o mestre tomou a palavra. — Eles jamais trairiam a nossa causa.

— Eu não entendo...

— Pedro — Aratama interrompeu. — Eu sou *Emanuel Seixas!*

— O quê? — a revelação explodira em sua cabeça. — Mas como? O senhor me disse que Emanuel Seixas estava morto.

— Sim, disse — o velho despejou um desabafo contido. A voz era cansada, mas seus gestos e seu tom eram serenos apesar de tudo. — Essa é a mais pura verdade, Pedro. Era assim que me chamavam antigamente, quando não havia o medo da Liberdade Verde e nem a mão sombria da Fogo-Fátuo. Mas isso foi há muitos anos. Foi com essa denominação que o seu pai me conheceu, mas ele preferia me chamar pelo meu nome indígena. *Aratama...*

— Então, o senhor é o líder da Liberdade Verde?

— Não. Emanuel Seixas é que é. Tudo o que te contei da última vez era verdade.

— Mas se é assim, por que tudo isso?

— Lembra-se do que falei sobre a Liberdade Verde? Do motivo pela qual ela existe? A razão por que fizeram da figura de Emanuel Seixas o seu líder? É tudo uma grande conspiração. Um jogo... Enquanto as pessoas tiverem medo dessa sociedade secreta, enquanto temerem a imagem de um inimigo, mais fácil será controlá-las.

— Mas então por que o senhor não aparece? Por que não vai a público dizer que é tudo uma farsa?

— Não posso fazer isso — o velho mirou a urubu e acariciou-lhe a cabeça pelada.

— Mas por quê? O que aconteceu no passado?

— Todos cometemos erros... — Aratama repetiu o que disse ao médico, quase para si mesmo dessa vez. — Mas essa é uma longa história! Longa demais para contar agora. Temos coisas mais urgentes a resolver.

— Preciso voltar — o doutor avisou. — Mayra pode estar em perigo.

— *Mayra*? — Pedro replicou. — Mas e o Roger?

— Deve ser um blefe. Ele não se deixaria capturar assim, tão facilmente.

— *Não é blefe!* Quando nos deparamos com o seu... hã... o homem-onça no museu, eu disse a ele que Roger estava a caminho. Era uma estratégia para afugentá-lo. Mas não funcionou. Ele respondeu que eu não esperasse por isso. Que Roger não apareceria.

Paulista não retrucou.

— Chegou a hora, meu caro Glauber — Aratama interveio. — Terá de fazer a sua escolha... Está preparado?

— Não sei... — o homem mirava o chão. — Mas partirei imediatamente.

— Nós vamos com você? — Pedro se levantou.

— Não vão não! — o médico se opôs com firmeza.

— Mas podemos ajudar.

— Já causaram problemas demais. Vocês três vão ficar aqui até eu voltar. Não podemos perder mais ninguém. Além disso, você ainda está fraco e precisa repousar.

— Mestre, por favor — Pedro interpelou. — Deixe-me ajudar o Roger! Também sou um possuído. Meus poderes estão começando a se manifestar...

Aratama pensou por um breve instante. — O Glauber está certo. Não é seguro vocês ficarem andando por aí. Principalmente agora que eles sabem que estamos com o crânio.

— Mas Roger é meu amigo. E é por nossa culpa que foi preso...

— Já chega — o doutor interrompeu. — Estão desrespeitando o Mestre.

— Saiam, por favor... — disse Aratama. — Eu e o Glauber precisamos ter uma conversa.

Contrariado, Pedro foi quase arrastado por Jorge e Aline para fora do recinto. Não se conformava em ter de ficar para trás, mas não tinha escolha.

Esperaram por menos de vinte minutos no abrigo, até que Paulista surgisse na entrada da caverna. Barbara veio logo atrás e, com um voo rasante, pousou em uma pedra. O médico então prendeu algo na perna direita do animal e o espantou. Em seguida, caminhou até os jovens.

— Estou indo — ele disse, sério, abrindo a mochila preta. Nela, guardou as roupas e o *kit* de primeiros socorros. O maço de cigarros foi para o bolso da calça, junto com o isqueiro. — Tem uma caixa de fósforos dentro do isopor se quiserem acender uma fogueira. Melhor ficarem por perto. Aratama pode precisar de ajuda. Deixei comida suficiente para dois dias, mas volto antes disso.

— E o que você vai fazer? — Pedro perguntou.

— Eu não sei...

— Vai atrás do Roger?

Paulista não respondeu.

— Não vai, não é? Vai deixá-lo *morrer*! — gritou.

— Se ele foi mesmo capturado, então não podemos fazer nada para salvá-lo.

— Não acredito... Vamos abandoná-lo.

— Vocês se expuseram demais. Agora, precisamos cuidar da nossa própria segurança — o médico pôs a mochila e deu as costas, caminhando para o fim da trilha.

— Manter nossas vidas normais... — Pedro rebateu, lembrando-se do que Paulista confessará a Roger na favela. — É o que deseja, não é? Viver uma vida normal.

Ele o ignorou e continuou andando.

— *Covarde*! — o jovem gritou sem pensar. Aline tentou acalmá-lo.

O doutor parou imediatamente e se virou. — Não me chame de covarde — sua expressão era de raiva agora. Apontava o dedo de maneira nervosa. — Não tem ideia dos sacrifícios que fiz até aqui. Perdi tudo o que tinha só para salvar a sua vida, garoto. Fui eu quem o entregou a seu pai para que ele pudesse fugir com você daquele inferno... Talvez um dia, me agradeça.

Pedro emudeceu.

E assim, o médico retomou o caminho de pedras que levava até os pés da Cachoeira da Farofa. De lá, seguiria a trilha do parque até o seu carro, na fazenda de Dona Conceição. Eram por volta de oito e meia da manhã no celular de Pedro quando Paulista partiu. Daquele momento em diante, as horas custariam a passar.

Sem nada para fazer, o jovem permaneceu sentado, remoendo os pensamentos. Primeiro ficou chocado consigo mesmo, por ter acusado o médico

de covardia. Depois, sentiu-se mal pela forma como o homem reagiu. Tentou imaginar o que ele quis lhe dizer com ter ajudado o pai a fugir do inferno. Mas sua mente era correntemente assaltada pelas coisas que aconteceram no Museu de História Natural.

Os sentimentos com relação ao irmão de Paulista eram conflitantes. Embora aliviado por ter sobrevivido aos ataques do homem-onça, não conseguia se acostumar com o desfecho que o embate tomara. Mesmo odiando aquele facínora, mesmo sabendo que ele tinha matado outras pessoas, inclusive o seu pai biológico, a morte dele agora pesava em sua consciência. *No fim, me transformei naquilo que mais combati. Como posso condenar um assassino, se eu mesmo acabei virando um?*

A serra era tão silenciosa durante o dia quanto à noite. Especialmente por volta do meio-dia, quando os papagaios da encosta deixavam os ninhos para procurar alimentos sob o sol a pino. As horas continuaram a passar. Uma, duas, três da tarde e nada de Aratama aparecer. Aline brincava com um jogo no celular e Jorge tentava, sem sucesso, mover algumas pedras do chão, quando Pedro se levantou.

— *Chega...* Cansei de esperar. Deve haver algo que possamos fazer.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Conversar com o Mestre.

Então caminhou até a boca da caverna, ainda livre do bando de pássaros. Silenciosamente adentrou o recinto, bem mais escuro agora. Acendeu a luz do celular para enxergar melhor. *Aratama precisa me ouvir. Tenho que convencê-lo a ajudar o Roger. Não é tarde demais.* Tal qual o corredor, o salão principal estava tomado pelas trevas. A princípio, pensou que o mestre estivesse ali, meditando na escuridão. Chamou por ele em voz baixa, mas não obteve resposta. Correu a luz fraca do aparelho ao redor. Não viu ninguém. As coisas do velho, como de costume, repousavam espalhadas pelo chão. Entre as pilhas de jornais, roupas e painéis, viu a imagem grotesca de um crânio humano. Ao lado estava o saco de pano sujo que usaram para carregar o objeto. Então uma luz fraca, oriunda dos fundos da caverna, chamou sua atenção.

Sem fazer barulho, caminhou até a câmara secundária, onde passava o pequeno veio de água gelada e cristalina. A luz ficou mais brilhante e vinha do lampião de Aratama. O velho estava sentado diante do riacho, de costas. Ainda escondido em seu manto escuro, ele permanecia imóvel, envolto em uma nuvem de fumaça branca. Pedro sentiu o cheiro de ervas aromáticas, misturado ao querosene da lamparina.

Sua primeira intenção foi interromper a meditação do mestre e tentar convencê-lo a autorizar sua partida. Mas no fundo, algo lhe dizia que qualquer

argumento seria inútil para persuadi-lo. *Esse pobre homem não pode fazer nada para ajudar*, ele concluiu. *Há quanto tempo se esconde aqui? Anos talvez. Está preso a este lugar.* Um instante de hesitação e, então, sobreveio-lhe um segundo pensamento. *Estamos perdendo um tempo precioso para salvar Roger. Paulista não se arriscará para ajudá-lo e Aratama, por mais que queira, não pode deixar a serra. É velho demais e está impotente diante da situação. Mas eu não.*

Sem titubear, deu meia-volta, colocou de novo o crânio dentro do saco e levou-o para fora. Tinha se decidido com relação ao que devia fazer. Agora só precisava de uma coisa.

— O que é isso aí? — Jorge perguntou, incrédulo, ao ver o que ele trazia nas mãos.

— Estou indo para Lagoa Santa.

— Você conversou com Aratama? — Aline também parecia assustada.

— Não...

— *Ficou maluco?* — o estudante se levantou. — Não podemos entregar isso a eles.

— Não vamos entregar nada. Pensaremos em um modo de salvar Roger.

— Então por que levar o crânio?

— É um *plano B*. Caso não tenhamos sucesso.

— Mas vamos perder o amuleto — disse a moça dos olhos verdes.

— Ela tem razão, Pedro. Sabe o quanto foi difícil conseguir isso.

— E vocês veem outra forma de ajudá-lo?

Ninguém respondeu.

— Preciso tirar uma dúvida... — ele continuou. — Tenho que descobrir se sou um possuído ou não. Preciso saber se fui eu ou o crânio quem interferiu nos poderes de Cássius. Talvez tenha sido nós dois, juntos...

— É arriscado — completou o estudante.

— Não vou ficar aqui, esperando.

— Por favor... — Aline avançou e estendeu a mão.

— *Não me toque!* — Pedro recuou. Evitou os olhos dela.

A garota ficou chocada com a reação.

Então, sem saber bem o porquê, ele recordou-se de quando ela tocou-lhe o braço e o convenceu a ir à sua festa, meses atrás. — Já usou seus poderes em mim antes?

Aline apenas desceu a mão e olhou para baixo, cruzando os punhos.

— Jorge, — Pedro virou-se para o amigo — vou precisar de carona. Você não tem que ir comigo até o final se não quiser. Mas preciso que me leve até a lagoa. Nós só temos até a meia noite.

O estudante ficou pensativo.

— Por favor, Jorge. Devemos isso a ele. Lembre-se de que quase o matamos.
— Está bem... Eu vou com você.
— *Não!* — a garota gritou.
— Ele tem razão, Aline. Precisamos fazer alguma coisa.
— Eu não acredito. Logo você, o senhor "*vamos seguir as regras*", vai participar dessa loucura.
— Sim! Não posso deixar o Pedro sozinho nisso.
— Vamos precisar do seu carro, Aline — o jovem estendeu a mão. Queria as chaves.
— Você está diferente — ela replicou. — Não estou te reconhecendo mais.
Ele não retrucou, mas lembrou-se da imagem de Cássius caído no chão. Depois pensou em Roger. — Não podemos perder mais tempo. Vai emprestar o carro ou não?
A garota hesitou. — Está bem — ela disse. — Mas eu dirijo.
— Você não tem que vir com a gente.
— Claro que tenho. Estamos juntos nessa, lembra? E além disso, toda vez que o Jorge dirige o meu carro, alguma coisa ruim acontece — ela emitiu um breve sorriso.
Aquela era a Aline que Pedro conhecia.
— Obrigado... — ele mirou os companheiros.
E assim, com o sol caminhando para o final da tarde, os três juntaram água e comida, e deixaram o abrigo de pedra em direção à saída do Parque Nacional da Serra do Cipó. O jovem não disse a seus amigos, mas não pensava em retornar de Lagoa Santa sem o seu mestre de capoeira.
Custasse o que custasse!

Morte na água

O carro de Aline estava parado em um posto de gasolina na metade do caminho entre a Serra do Cipó e Lagoa Santa. Desesperada para usar um banheiro de verdade, a garota convenceu Pedro a atrasar a viagem por alguns minutos. O estabelecimento ficava no meio do nada e se encontrava vazio, a não ser pelo frentista e pela jovem no caixa da loja de conveniências.

— E então? — Jorge perguntou. — Já pensou no que vamos fazer?

— Não tenho a menor ideia — Pedro aguardava sentado no banco de trás, o crânio embrulhado no colo.

— Das outras vezes tivemos sorte. Não acredito que isso acontecerá de novo.

— Já se arrependeu de ter vindo?

— Ainda não — Jorge parecia bastante nervoso. As mãos tremiam levemente e ele piscava três vezes mais do que o normal.

— Está sentindo alguma coisa?

— Não... Só o peito apertado. E um pouco de dor de cabeça.

— Os remédios estão fazendo falta, não é?

— Mais do que imagina...

Os dois se calaram por breves segundos. Alguns carros passavam pela rodovia de vez em quando, mas nenhum parou para abastecer.

— Precisamos de um plano, Pedro. Não acho que salvaremos o Roger assim, tão facilmente. Você está sendo muito ingênuo...

— O que quer dizer?

— Quero dizer que não devemos aparecer lá de peito aberto. Não sabemos quem são essas pessoas. Melhor irmos com calma...

— Concordo. Estou tentando pensar em alguma coisa — disse o jovem, pouco depois de Aline despontar na porta lateral da loja. *Devíamos tê-la deixado para trás.* — Não quero que ela se arrisque, Jorge — sussurrou. — Quando chegarmos lá, preciso que me ajude a convencê-la a se esconder.

— Está certo. Mas acho que isso vai ser mais difícil do que salvar o Roger.

No exato instante, a moça abriu a porta do carro e sentou-se diante do volante.

— E aí, mudaram de ideia? — a expressão dela era séria.

— Não — Pedro foi firme na resposta.

— *Ótimo!* Então, vamos logo — ela virou a chave, atou o cinto de segurança e saiu acelerada. Agora, parecia a mais corajosa dos três.

Passava das seis da tarde e o tempo corria implacavelmente contra eles. Levou

cerca de meia hora até que atingissem o destino, já encobertos pela escuridão da noite. A vista da lagoa surgiu assim que a garota contornou a praça principal da cidade e desceu um morro íngreme. A mando de Jorge, ela virou para a esquerda, entrando na rua que margeava o enorme espelho d'água e lentamente seguiu em frente. Com os vidros fechados e as luzes apagadas, eles observaram os bares e restaurantes que compunham o primeiro quilômetro da beira da lagoa, mas não identificaram nenhuma atividade suspeita. Adiante, começaram a surgir as primeiras casas, a maioria de alta classe, grandes, com jardins pomposos, piscinas e áreas de lazer decoradas.

Continuaram contornando a lagoa, sempre atentos aos detalhes da paisagem. Depois de três quilômetros, a margem limpa e bem cuidada deu lugar a uma extensão de mata densa e alagadiça. Não havia luz alguma e os únicos sons que se ouviam eram os coaxes de sapos agitados. A garota acelerou e, mil metros à frente, se depararam com uma guarita bem no meio da rua. Segundo a placa, era a entrada para a vila militar da Aeronáutica. Havia um adolescente de uniforme azul e fuzil nas mãos dentro do abrigo, mas ele nem se importou com a aproximação do carro. Como o caminho não estava bloqueado, Aline seguiu.

Aquele podia ser eu, Pedro divagou. Onde será que eu estaria agora se tivesse entrado para o Exército? O que teria acontecido? Será que estaria em uma situação pior do que esta? Mayra o havia prevenido para que ele não se alistasse, a fim de evitar problemas, mas isso não tinha adiantado muito. A área militar apresentava uma série de pequenas casas idênticas, com vista para a lagoa. Na beira da água, existiam estreitos trampolins, plataformas suspensas construídas com tábuas e troncos, como pontes que seguiam margem adentro. A maioria media cerca de dez metros de comprimento e todas culminavam em uma espécie de casebre, também de madeira, onde ficavam bancos cobertos por um teto forrado de palha. A vila contava com pouco mais de um quilômetro de extensão, terminando em outra guarita na extremidade oposta, igualmente protegida por um jovem soldado.

A volta já completava cerca de cinco quilômetros quando avistaram algo de estranho. Às margens do grande espelho d'água, havia uma área arborizada, uma espécie de horto florestal, cercado de mangueiras e goiabeiras na frente e enormes jacarandás ao fundo. O lugar estava totalmente escuro. As luzes dos postes banhavam apenas a rua, revelando uma série de veículos pretos estacionados dos dois lados. Eram meia dúzia deles, semelhantes aos dos homens que invadiram o prédio. Mas não havia uma alma viva sequer no local.

— *São eles!* — Jorge leu os pensamentos de Pedro. — Roger deve estar dentro daquele bosque.

Aline parou o carro no meio da rua. — E o que faremos?

— Não podemos ficar parados aqui. Seremos vistos.

O estudante de geologia apontou uma rua transversal que contornava a lagoa e a garota dirigiu por ela, subindo a pequena ladeira. Seguiu por mais alguns metros e estacionou em outra viela escura. Desligaram todas as luzes.

— Já sabemos onde estão — Aline sussurrou. — E agora, qual é o plano?

— Primeiro, — Pedro tirou o cinto — vamos arrumar um lugar seguro para você ficar.

— Como assim? — ela protestou. — Falei que estamos juntos nessa. Não quero me esconder.

— Não podemos arriscar tudo — o estudante de geologia interveio. — Alguém precisa avisar aos outros, caso algo dê errado. Eu vou com o Pedro.

— Meus poderes podem ser úteis. Posso convencê-los a entregar o Roger.

— Você consegue persuadir trinta pessoas ao mesmo tempo? — Jorge usou de um tom sarcástico.

— E o que você vai fazer? Atirar pedras em todo mundo?

— *Ei, ei, vocês dois!* Não é hora de brigas.

— Eu tentei — o estudante se virou para Pedro.

— Aline... — ele abaixou a voz. — Eu e o Jorge precisamos ir. Eles invadiram o nosso apartamento, mas talvez não saibam que você esteja envolvida. Se for assim, então, será nossa carta na manga. Alguém deve ficar aqui tomando conta do crânio, enquanto negociamos a libertação do Roger.

— Mas...

— Por favor, Aline! Pode fazer isso?

Ela ficou em silêncio, pensativa. Pedro mirou fundo em seus olhos verdes, sem medo, e não desviou a atenção até que a moça dissesse algo. — Está bem... Mas tenho uma condição.

— Qual?

— Vamos aguardar mais um pouco.

— E por quê? — Jorge perguntou com cara de desconfiança.

— Bem... Temos até a meia noite — ela respondeu. — Por que a pressa? Quanto mais esperarem pelo crânio, mais estarão dispostos a negociar. Além disso, quem sabe vocês dois não pensam melhor e acabam desistindo dessa maluquice?

— Não vou desistir do Roger — disse Pedro. — Mas talvez você esteja certa. E será bom aguardar até as ruas ficarem vazias.

E então, de comum acordo, eles permaneceram dentro do carro. Observaram e ouviram com atenção os arredores da rua escura, sem postes de iluminação. Porém, nada de anormal aconteceu. As poucas casas do quarteirão estavam à meia-luz e os lotes vagos encontravam-se cobertos por mato alto e entulho de

construção. Na medida em que as horas passavam, o clima ia ficando mais frio e algumas nuvens transpunham o céu, bloqueando temporariamente a lua minguante. Aline só julgou ser tarde o suficiente quando o relógio de seu celular marcou onze e quinze. Pedro entregou o amuleto sagrado a ela e desceu do carro, seguido pelo estudante. Já do lado de fora, bateu no vidro do motorista e ela abriu.

— Bem, o plano é o seguinte... Se eu ou o Jorge não voltarmos até meia-noite, quero que dê a partida e desapareça daqui.

— Isso me parece um *péssimo plano*.

— Essa é só uma parte dele. É só o que precisa saber. Prometa que não irá atrás de nós.

— Eu...

— *Prometa!* — Pedro ordenou.

— Está bem... Mas para onde eu vou?

— Vá para a casa de Paulista ou para o hospital. Se não o encontrar, volte para a caverna e conte o que aconteceu a Aratama.

— Certo! — ela segurou-lhe a mão fria com força. — *Boa sorte*.

— Melhor manter o vidro fechado — ele concluiu.

Aline obedeceu, relutante. Os rapazes então começaram a caminhar pela rua escura, em direção à esquina que dava acesso a beira da lagoa. Estavam a cerca de trezentos metros do ponto onde avistaram o estranho aglomerado de árvores às margens da água quando Jorge quebrou o silêncio.

— E aí? Qual é a outra parte do plano?

— Pegar o Roger, levá-lo até o carro e dar o fora.

— Hum... — ele massageou a nuca. — Algum detalhe que eu deva saber?

— Lamento. Teremos que improvisar...

O estudante de geologia suspirou fundo. — Está com medo?

— Não — Pedro mentiu. O coração estava acelerado e o estômago queimava. As feridas no braço começavam a latejar por baixo das ataduras. — E você?

— Estou. Estou morrendo de medo. Queria que estivesse com sua faca de pedra.

O jovem não respondeu. Apenas debochou do comentário com um leve silvo e ajeitou os cabelos para tirá-los dos olhos. *Ele está tão nervoso que até se permite fazer piadas*. Jorge não era dado a gracinhas, especialmente em momentos críticos como aquele, mas o humor negro era sua especialidade. Os dois caminharam em silêncio até o calçadão que margeava a lagoa e então seguiram por mais duzentos metros até o início do horto. Lá, parados nos mesmos lugares, estavam os veículos que tinham visto horas antes. Porém, mal se aproximaram da entrada do bosque, quando duas figuras sinistras saíram de dentro da mata e,

pelo passeio, começaram a caminhar de encontro a eles. Pareciam sombras com a mesma estatura mediana, uma muito magra e a outra corpulenta, com o tronco mais avantajado do que a cintura.

Pedro e Jorge pararam e esperaram até que os estranhos se revelassem sob a luz fraca do poste. O brilho amarelado expôs a imagem de dois homens. O mais magro era loiro, de pele branca e cabelos longos que corriam por sob os ombros. Ostentava uma pequena argola de ouro nas narinas. Usava sobretudo preto, assim como Cássius, o homem-onça, e levava as mãos junto aos bolsos. Aparentava no máximo quarenta anos de idade. Já o outro era bem mais estranho. Era bastante forte, embora não tanto quanto Roger, e tinha o peito largo. Também usava roupa preta, mas apesar do frio trajava apenas calça de malha e camiseta. Levemente calvo nas entradas, exibia cabelos escuros muito curtos e a pele era morena, quase negra. Apresentava um pescoço roliço, anormal para o resto do corpo, envolvido por um estranho adorno. Era uma espécie de protetor cervical, daqueles usados por pessoas com torcicolo, mas era todo feito em metal e, dele, saíam dois cabos de aço que se estendiam até pulseiras brilhantes, cada uma presa a um dos punhos. Mostrava uma enorme marca tribal impressa no ombro direito. Tinha mais de trinta anos com certeza.

Pararam a menos de cinco metros dos jovens e ficaram em silêncio por alguns segundos, encarando-os. Por fim, o mais magro se pronunciou.

— Finalmente chegaram — sorriu, revelando o dente de ouro no canto inferior esquerdo da boca, que reluziu tal qual o *piercing* do nariz. Sua voz era suave, quase feminina, mas com trejeitos masculinos. — Pensamos que não apareceriam mais. Mas onde está a garota?

— Não veio — Pedro respondeu com firmeza. Sua coragem, porém, estava por um fio. — Somos só nós dois.

— Hum... — o estranho parecia desconfiado. — Vieram mesmo sozinhos?

— Não eram essas as ordens? — Jorge falou dessa vez.

— Foram vocês que acabaram com o Cássius? — o segundo homem se pronunciou com expressão de raiva, dando um passo à frente. Sua voz era grave e poderosa.

— Fui eu... — Pedro assumiu, evitando demonstrar medo. Mas antes que o inimigo partisse para cima dele, seu companheiro loiro estendeu o braço esquerdo, bloqueando o avanço. Sua mão era muito branca e as unhas, brilhantes e compridas, pareciam bem cuidadas.

— Mas foram eles! — grunhiu o homem com o protetor cervical. — Mataram o Cássius...

— Eu sei — disse o outro, bem mais calmo. — Tudo há seu tempo, *Poraquê...*

— Ainda poderão falar depois da minha vingança — o estranho tinha a raiva

nos olhos.

— Ficou maluco? Por acaso essa coleira nova parou de proteger o seu cérebro de bagre? Esqueceu-se das nossas ordens?

— Onde está o Roger? — Pedro interveio.

— Ah, vocês o verão em breve — respondeu o sujeito loiro. — Não se preocupem. Mas não deviam ter trazido algo?

— Primeiro você liberta o nosso amigo. Depois, entregamos o crânio.

— Hum... É assim que querem jogar então? Está bem. *Sigam-me* — ele deu as costas e começou a caminhar de volta para o horto. Pedro, Jorge e o outro estranho permaneceram parados. — O que foi? Não desejam encontrar o seu amigo?

Sem alternativa, eles seguiram o homem do dente de ouro, acompanhados de perto pelo sujeito da coleira de metal. O medo do jovem aumentou quando o inimigo os levou para dentro da escuridão do pequeno bosque, às margens da lagoa. *Estão nos levando para uma armadilha*, ele concluiu. *Aline terá que partir sem nós*. De fora, era impossível notar a presença de alguém no interior do horto, mas assim que se acostumou à falta de luz, percebeu homens escondidos atrás e em cima das árvores. Todos vestiam farda preta e carregavam armamento pesado. Contou pelo menos uma dezena de soldados ao longo dos trinta metros de trilha que conduziam até a beira da água.

Outros dois guardas fardados protegiam a entrada de um enorme trampolim de madeira, diferente daqueles vistos dentro da vila militar em vários aspectos. Esse agora era um pouco mais largo, de modo que duas pessoas podiam caminhar nele lado a lado, sem riscos de queda. Além disso, era bastante comprido. Tanto que Pedro via algumas luzes na outra extremidade, sobre a lagoa, mas não conseguia distinguir o que tinha lá. Havia também duas barras verticais de madeira presas à margem, uma de cada lado da entrada, que um dia serviram para sustentar corrimãos ao longo de todo o trampolim, mas esses já tinham caído. Por fim, os troncos que apoiavam a plataforma eram maiores, mantendo-a quase um metro acima do nível da água. *Isso está ficando cada vez pior*.

O anfitrião loiro subiu no *pier* e começou a caminhar. Por causa da escuridão, Pedro atolou o pé em uma poça de lama, antes de subir no enorme trampolim. Jorge foi logo em seguida, e os dois ficaram encurralados entre o homem magro na frente e o estranho de coleira na retaguarda. Não havia mais *saída*.

Pé após pé, andaram sobre as precárias tábuas da passarela. Várias tinham rachaduras, faltava um pedaço em uma delas e outras pousavam soltas. A estrutura parecia bastante antiga e fazia sons que indicavam a iminência do colapso. A água, entretanto, estava parada. Ao transporem metade dos quase cem passos do trampolim, lagoa adentro, Pedro percebeu o casebre no final do

trajeto. Era um pouco maior do que os vistos antes, com telhado superior a dois metros e grades de madeira protegendo as laterais. No interior havia um grupo de pessoas, cuja quantidade era impossível precisar sob a fraca luz das velas que decoravam o lugar. Mas um dos indivíduos logo se destacou sobre a plataforma e começou a caminhar até eles.

Era um homem magro, de boa estatura e constituição firme. Estava bem vestido. Trajava calça de linho escura, camisa social branca de mangas compridas, dobradas até os cotovelos, e sapatos sociais. Os cabelos brancos eram muito lisos e o rosto, bem cuidado, apresentava poucas rugas. Mas apesar disso, era fácil ver que se tratava de um sujeito maduro, já com mais de cinquenta.

Após se aproximar do grupo, ele parou. — Eu disse que haviam dois possuídos, *Igor!* — comentou, sem tirar os olhos dos rapazes. — Mas aqui só há um. Onde está o outro?

O homem loiro então se aproximou e cochichou algo em seu ouvido. Naquele instante, Pedro temeu por Aline. *Será que sabem sobre ela?* Na dúvida, resolveu agir.

— Não há mais ninguém. Estamos sozinhos.

O velho fitou-o por alguns segundos, antes de se manifestar. — E a quem tenho a honra de me dirigir? — sua voz era tranquila agora.

— Meu nome é Jorge — o estudante balbuciou.

— E eu sou o Pedro.

— *Pedro?* — o homem ergueu as sobrancelhas e parou para esquadrinhar o rosto magro do jovem. — Pedro de quê?

— Não importa...

— Hum... — o velho continuou encarando-o. — Bom, rapazes. Permitam que eu me apresente. Meu nome é Sinval Seixas. É um grande prazer conhecê-los. Agora me digam. O que traz dois jovens como vocês até aqui, esta noite?

Pedro vacilou na resposta. O nome caiu feito bomba em sua cabeça. *Esse homem é o filho mais moço do Capitão Seixas, o explorador que descobriu a tribo dos Itaguaçu dezenas de anos atrás. E é irmão do inimigo número um do governo, Emanuel Seixas. É irmão de Aratama.*

— Viemos resgatar o nosso amigo — foi Jorge quem respondeu.

— Hum... É muita coragem da parte de vocês — disse o velho, com um sorriso discreto. Depois se virou para o homem loiro. — Está vendo só, Igor! É desse tipo de atitude que precisamos hoje em dia. É bom saber que esses jovens são o futuro do país...

— Estamos com o amuleto sagrado — Pedro disparou, após respirar fundo. — Nós o entregaremos se libertarem o nosso amigo.

— É mesmo? — o velho ficou sério. — Eu não vejo nada em suas mãos.

— Também não estou vendo o Roger. Leve-nos até ele e nós lhe diremos onde o crânio está.

Seixas então fechou os olhos e abaixou a cabeça. Parecia escutar alguma coisa. Continuou assim por alguns instantes antes de responder. — Presumo que nada disso será necessário!

De repente, um grito agudo cortou o ar, vindo do aglomerado de árvores as margens da lagoa. *Era Aline!* A garota caminhava junto a um homem magro e alto. Ele a puxava pelos cabelos enquanto trazia na outra mão o saco onde guardavam o crânio sagrado.

— *Aline?* — Jorge chamou.

Ele e Pedro fizeram menção de correr em auxílio à amiga, mas Poraquê, o sujeito da coleira metálica, usou seu corpo robusto para bloquear a ponte. Abriu as mãos em posição de defesa e seus olhos ficaram estranhamente mais claros, quase brancos. Era assustador. O outro inimigo arrastou a moça pelo trampolim e a empurrou até onde eles estavam. Era um homem sujo, de pele corada, cabelos vermelhos compridos e emaranhados. Usava luvas negras sem os dedos, jaqueta de couro sem camisa e calças jeans rasgadas. Gargalhou de maneira sádica ao forçar a garota a caminhar sobre a rampa precária e, ao se aproximar, exibiu o saco como troféu. Seu rosto era cheio de cicatrizes e o olho esquerdo não se abria direito.

— *Senhor!* — a voz era grotesca e as risadas, insanas. — *Senhor! Consequi... Consequi... Aqui está* — ele atirou o embrulho para o velho, que o agarrou com extrema habilidade.

— *Seu imbecil!* — gritou Seixas. — Faz ideia do quanto isso é precioso? — imediatamente o estranho parou de rir. — E solte essa moça! Isso não é jeito de tratar uma dama.

O homem soltou os cabelos de Aline e ela saltou para junto de seus companheiros. Pedro a abraçou.

— Desculpem — lágrimas escorriam pelo rosto dela. — Não pude fazer nada.

— Você está bem?

Ela acenou com a cabeça. O jovem então voltou sua atenção para Seixas. Ele, por sua vez, retirou o crânio de dentro do saco e seus olhos vibraram ao contemplar o objeto.

— Trinta anos... — murmurou para si mesmo, encarando as órbitas vazias da caveira. Depois virou o amuleto e passou o dedo indicador na rachadura da nuca. — Trinta longos anos procurando por você, poderoso *Cumar*, Andarilho da Floresta. Finalmente nos encontramos de novo.

— Você já tem o que queria — Jorge interpelou. — Agora, liberte o Roger!

O velho ignorou o apelo e continuou contemplando o amuleto por mais alguns

segundos. Depois se voltou para Igor. — Dê início aos preparativos!

— O senhor tem certeza de que quer fazer isso hoje? Talvez pudéssemos nos preparar um pouco melhor — replicou o servo, com expressão de preocupação.

— Jamais haverá momento mais propício, meu caro amigo — Seixas mirava a lua, agora descoberta no céu. — Além disso, não creio que possamos nos preparar mais. Nunca estaremos prontos para isso.

— E quanto a eles? — Igor se referia aos jovens.

— Tragam-nos para junto do outro. Quero que presenciem isso. Depois, descubram o que sabem sobre o meu irmão. Levem-nos direto para Manaus. Vamos ver se resistem ao *treinamento*.

— E o garoto normal, Senhor?

Seixas olhou para Pedro. — Sabe o que fazemos com os *não possuídos*.

O velho então se virou e caminhou de volta ao abrigo, no final do trampolim. Os jovens os acompanharam, escoltados de perto por Igor e Poraquê. O agressor de Aline regressou até a beira da lagoa, mas permaneceu sobre a plataforma, protegendo a entrada.

Ao chegarem ao casebre, Pedro pôde contemplar melhor o estranho local. Era um cômodo com cinco passos de largura por outros dez de comprimento. Distribuídas nas extremidades e no centro do recinto ficavam seis vigas grossas de madeira que davam sustentação a partir do leito da lagoa. Tábuas empenadas cercavam as laterais esquerda e direita até um metro e meio do chão. No fundo, a estrutura terminava abruptamente, sem paredes, e só havia água adiante. Além dos jovens, do Senhor Seixas e de seus dois capangas, outras dez pessoas dividiam o pequeno espaço.

Sentados em um banco comprido de madeira, à direita do trampolim, estavam um homem idoso, uma mulher de meia idade e uma garotinha. O velho era alto e magro, de pele muito clara e costas curvadas. Visivelmente desconfortável com a situação, usava roupas pretas e carregava uma mala branca sobre o colo. A senhora era um pouco gorda, trajava vestido escuro, apresentava cabelos negros presos e a tez era mais corada. Encontrava-se abraçada à menina, uma criança com menos de dez anos de idade, de pele morena, madeixas lisas, compridas e escuras. Usava roupas coloridas e os olhos eram pequenos, cinzentos e cintilantes.

No centro, de pé na beira do casebre, pousava um sujeito estranho, coberto por um manto escuro. Lembrava Aratama, mas era bem mais alto, e seu rosto velho era visível sob o capuz. Os traços eram diferentes, indígenas. Do outro lado da plataforma estava uma figura igualmente bizarra, toda vestida de preto. Era magra e tinha a mesma estatura de Pedro. Usava calças largas, blusa de mangas compridas, luvas e botas de cano alto. Uma touca de pano, também negra,

protegia a cabeça. A única parte exposta do corpo eram os olhos, negros e brilhantes como os da menina. Ao lado, em um dos cantos da habitação, quatro guardas fardados de preto e de metralhadoras em punho, faziam a escolta de um homem enorme, caído no chão. *Era Roger.*

Poraquê empurrou-os para junto do possuído e Pedro logo viu que seu treinador jazia desacordado. Tinha vários cortes no rosto, havia um inchaço no olho esquerdo e os lábios feridos ainda sangravam. Suas mãos foram acorrentadas juntas, mas os pés descalços repousavam livres. A roupa estava suja e os cabelos soltos.

— Roger? — ele chamou em vão.

— *Quieto!* — comandou um dos guardas.

Pedro e os outros se sentaram junto ao professor de capoeira.

— Deem início aos preparativos! — Seixas ordenou a todos.

E então, o que se viu a partir daí foi a intensa movimentação dentro do casebre. O velho indígena retirou o manto e revelou o corpo quase nu, ornado por tatuagens e pinturas primitivas. Começou a caminhar de um lado para outro, e a entoar cânticos rimados em línguas estranhas. De vez em quando, mirava a superfície da água e a perturbava com sua mão nervosa.

Sentado, Seixas contemplava concentrado o crânio em suas mãos. A garotinha permaneceu junto a ele, agarrada a seu braço. Algumas vezes, o velho com a maleta lhe dirigia palavras rápidas. Com um aparelho, mediu a pressão do irmão de Aratama e, com outro, ouviu o coração. Poraquê esperava de pé, como os demais, mas seu rosto cerrado encarava Pedro sagazmente. *Precisamos sair daqui, ele pensou. Mas de que forma? O único jeito seria pela água, mas Roger está desacordado e Aline não sabe nadar. O que vamos fazer?*

E foi assim por cerca de vinte minutos, até que Seixas se levantou. — Está na hora — disse ele.

Abaixou-se e entregou o crânio à garotinha. Então, olhou fundo nos olhos assustados dela e beijou-lhe a fronte. Cochichou-lhe instruções no ouvido por quase um minuto enquanto ela apenas balançava a cabeça. Depois se afastou, relutante. Estendeu a mão ao sujeito mascarado e apertou com força. Os dois trocaram olhares rápidos e se distanciaram. Na sequência, Seixas caminhou para junto de Igor, na ponta do casebre. O homem loiro agora tinha um taco de madeira rústico nas mãos, adornado por símbolos tribais primevos. Eles também se abraçaram brevemente.

Seixas então se despiu. Enquanto isso, o velho índio acendeu um ramo de folhas secas e começou a balançar o buquê incandescente, espalhando fumaça pelo ambiente. Recitando sons estranhos, tal qual Aratama durante o Ritual do Despertar, passou o fogo em todas as partes do corpo de Seixas, contudo sem

queimá-lo. Depois, bradou uma palavra de ordem e o velho se ajoelhou na beirada da plataforma, de frente para a água. O índio encarou Igor e gritou para ele, ainda em linguagem desconhecida. O sujeito loiro então levantou o tacape e, relutante, fez algo impensável. Golpeou seu senhor por trás, na nuca, com toda a força que parecia ter. Seixas dobrou-se para frente e caiu dentro da água. Aline soltou um grito.

Pedro não acreditou no que viu. Ninguém fez absolutamente nada. Todos assistiram à cena com incrível passividade. Apenas o velho índio pareceu alheio ao ocorrido e continuou balançando os galhos fumegantes e recitando versos primitivos. Quase um minuto após o corpo de Seixas afundar e desaparecer na escuridão, o nativo ordenou à mulher gorda que trouxesse a menina para a beirada da plataforma.

A garotinha se aproximou com o crânio nas mãos, mas parecia ter medo de mirar a superfície da lagoa. E quando ela finalmente o fez, foi para soltar um grito de horror. Voltou-se chorando para abraçar a mulher atrás dela, mas o velho índio virou-a de volta, forçando-a a olhar em direção à água. Todos esboçaram lamentos e murmúrios, e Pedro logo percebeu o motivo da comoção. O corpo de Sinval Seixas aflorou, boiando sem vida na penumbra, com o rosto voltado para baixo e sangue espalhando-se com rapidez ao seu redor. Havia se *afogado*. Poraquê fez menção de se jogar na água para resgatar o líder, mas Igor, ainda com a arma do crime nas mãos, o impediu.

Súbito, algo chamou a atenção de Pedro. Uma pequena criatura verde surgiu da escuridão e pousou sobre a grade de tábuas na lateral do casebre. Era um papagaio, aparentemente da mesma espécie que habitava a caverna de Aratama. Ninguém além dele reparou no pássaro, pois todos continuavam a mirar a superfície da água no final do trampolim. Outra ave idêntica aterrissou no parapeito do lado oposto e ficou encarando-o. E foi então que algo mais estranho aconteceu.

Ouviram-se um assóvio longo e baixo, à distância, vindo da beira do espelho d'água. Os homens que guardavam o horto começaram a gritar e a disparar rajadas de tiros para o ar. Pedro viu, ao longe, as luzes dardejantes das metralhadoras sob as árvores. Seus olhos perceberam pontos negros cortando os céus, contornando a margem da lagoa. Pequenos vultos, do tamanho de cães, saíram de dentro da água e correram em direção ao bosque.

— O que está acontecendo lá? — Igor se virou.

Então, os quatro seguranças que guardavam os jovens partiram para o trampolim, mas antes que deixassem propriamente o abrigo, tiveram uma surpresa. O ataque veio de cima, desferido por um bando de sombras esverdeadas. Dezenas de papagaios se amontoaram sobre eles, cravando as

garras afiadas onde houvesse pele exposta, atirando-os dentro da água. Dali, não houve tempo para qualquer reação. Logo em seguida, todo o casebre ficou rodeado de aves, voando desgovernadas em todas as direções, arrancando palhas do telhado e proferindo grunhidos agudos.

— *Protejam a menina!* — Igor gritou, antes que alguns pássaros se agarrassem a seus cabelos loiros.

— *Vamos!* — Jorge se levantou. — É a nossa chance.

O caminho através do trampolim estava livre, mas Pedro relutou. — *O crânio...* — ele mirou o objeto nas mãos da garotinha, agora cercada pela mulher, pelo médico e pelo homem da coleira metálica.

— *Esqueça!* — o estudante segurou o pulso do amigo. — *Vamos sair daqui. Ajude-me a carregar o Roger.*

Eles então levantaram o imenso possuído do chão, segurando um em cada braço. Aline correu na frente sobre o trampolim, mas parou após alguns passos. Parecia com medo de cair na água.

— *Não pare* — Pedro gritou.

Ela prosseguiu mais devagar, tateando as tábuas frouxas com os pés. Mas também não adiantava terem pressa. Era difícil carregar Roger em cima da plataforma estreita, onde só cabiam duas pessoas lado a lado. Além disso, ele estava desacordado, com as mãos acorrentadas, e era bastante pesado. Por alguma razão estranha os papagaios não os molestavam, mas isso não tornava a tarefa fácil. Pedro ia atrás, andando quase na ponta dos pés, quando viu uma grande labareda rasgar os céus, saindo de dentro do abrigo do trampolim. As chamas duraram poucos segundos, atingindo alguns pássaros e espantando outros, mas o alvoroço continuou. O fogo também alcançou parte do telhado de palha e começou a se espalhar por cima do casebre.

Os jovens continuaram avançando sobre a ponte, mas não conseguiram atingir a metade do caminho. Dois homens armados correram de encontro ao abrigo em chamas e bloquearam a plataforma.

— *Parem...* — ordenou um deles, apontando a metralhadora.

Aline, que ia à frente, obedeceu. Tentou voltar, mas era impossível. Pedro não teve tempo de pensar o que fazer, porque de repente, o chão de tábuas começou a tremer. Os dois soldados também não tiveram reação. Um grupo de oito animais do tamanho de porcos, correu sem controle sobre o trampolim, a partir da margem, derrubando os atiradores na lagoa. Eram capivaras enormes, de pelos marrons, focinhos compridos, guinchando feito cães alvoroçados.

— *Para a água!* — Jorge gritou.

Não havia escolha. Se não pulassem, a pequena manada os atropelaria. Saltaram para a esquerda. A água estava gelada e turva.

O estudante de geologia e a garota dos olhos de esmeralda sumiram. Pedro continuou agarrado ao braço de Roger e os dois afundaram juntos. Sentiu o peso da coluna líquida a empurrar-lhe para baixo. Os pulmões arderam por causa do frio, e ele logo precisou respirar. Então, com um esforço absurdo, bateu as pernas e emergiu na superfície, trazendo seu treinador consigo. O braço ferido doía intensamente e mover a mão para nadar se mostrava um sacrifício a mais.

Respirou fundo.

Olhou em volta para ver de que lado ficava a margem. Próximo, Aline recebia suporte de Jorge, debatendo-se assustada. As capivaras haviam mergulhado junto com eles e, agora, atacavam os dois homens que tinham derrubado, além dos quatro que caíram primeiro. Sem dizer nada, os jovens começaram a nadar em direção à terra firme.

Roger continuava desacordado e Pedro se esforçava para manter a cabeça dele fora da água. Fraquejou após avançar cerca de dez metros e submergiu de novo. Seu treinador era muito pesado, além de enorme. Encontravam-se mais próximos ao píer agora, mas não havia como alcançá-lo estando submersos. Sem querer o soltou. Roger afundou e desapareceu. Pedro emergiu. Precisava de ar mais uma vez. Arrebatado pelo deslize, olhou em volta. Mergulhou.

Nadou atrás do companheiro com uma mão só. A atadura molhada atrapalhava bastante os movimentos. Os cabelos soltos, às vezes, obstruía-lhe os olhos. A água era escura demais para se ver qualquer coisa, e ele vagou sem direção durante quase uma eternidade. O coração flamejou e ele começou a se desesperar, sentindo a iminência do afogamento. *Vamos ambos morrer*, concluiu. Então, de relance, viu um braço forte e o agarrou firme. Estava sem forças para subir de novo, quando a sorte lhe sorriu.

Uma enorme tora de madeira, escorregadia e lamacenta, surgiu presa ao solo. Apoiou-se nela e escorou o pé em uma rachadura, tomando impulso para emergir. Levou Roger de volta à superfície e continuou boiando, usando uma técnica dos bombeiros que Marquinhos havia lhe ensinado. Ao longe, viu Jorge e Aline atingirem a margem. Lentamente, e sob a escuridão da noite, flutuou levando seu treinador por cerca de trinta metros até a área aberta, afastada do pequeno horto. Chegou sem fôlego à orla e deu graças quando seus pés tocaram o solo arenoso dos fundos da lagoa.

Jorge e Aline saíram caminhando através do terreno cheio de mato. Já Pedro arrastou Roger até onde teve forças. O homem então abriu os olhos e começou a tossir, expelindo água pela boca e narinas. Seus pulsos ainda estavam presos por correntes.

— Você está bem...? — o jovem balbuciou, deitado de costas ao lado, mal aguentando erguer a própria cabeça.

O gigante apoiou-se com os joelhos e as mãos no chão. A tosse não deixou que respondesse.

— *Venha...* Vamos sair daqui — disse Pedro.

Com dificuldade os dois se levantaram, o pupilo ajudando a sustentar o treinador. Ao longe, o jovem viu a bola de fogo na qual tinha se transformado o velho casebre de madeira e percebeu as pessoas fugindo pelo trampolim. Jorge corria em auxílio deles quando parou, assustado.

— *Cuidado!* — o estudante gritou.

Pedro só sentiu o impacto pelas costas. Alguém pulou de dentro da água feito um peixe voador e o atingiu, atirando ele e seu treinador ao chão, cada um para um lado. Era Poraquê, o homem da coleira metálica. Roger caiu de bruços e permaneceu estatelado no solo. Já o jovem rolou para não se machucar, movimento que aprendeu nos primeiros treinos de capoeira, e parou a alguns metros do adversário.

— Aonde pensam que vão? — o sujeito objetou, depois de ver que o gigante parecia vencido.

Pedro se levantou e ficou em posição de defesa, com Jorge e Aline logo atrás. Poraquê começou a caminhar na direção deles e, apesar de não ser tão grande quanto Roger, era forte e impunha medo pela postura desafiadora. Sem pensar, o jovem partiu para cima, visando golpear o oponente com movimentos de perna. Mas, depois de errar o primeiro chute, pisou em falso no terreno lamacento e perdeu a pose.

O inimigo acertou-lhe dois tapas no peito. A força dos golpes não foi bastante para derrubá-lo, mas a onda de choque que sobreveio sim. Pedro sentiu uma forte descarga elétrica varrer seu dorso por alguns milésimos de segundo, com potência suficiente para arremessá-lo três metros para trás. Os músculos de suas pernas se contraíram involuntariamente e, por um tempo curto, não conseguiu se mexer. Mas a dor logo se tornou suportável.

Aline soltou um grito. Poraquê continuou avançando na direção de Pedro, mas o golpe de uma pequena pedra no ombro direito o retardou. Jorge, desesperado, usou do modo tradicional para atirá-la. Apanhou outra do chão, mas deteve-se antes de arremessar. Roger apareceu de repente e agarrou Poraquê por trás. De alguma forma, havia arreventado as correntes que o prendiam.

— *Fujam!* — ele gritou aos jovens.

Pedro se levantou. O sujeito da coleira começou a se debater, sufocando, mas o *homem-búfalo* era infinitamente mais forte, apesar de debilitado.

— *Corram...* — ele insistiu, mas os três não se moveram.

O jovem viu quando os olhos de Poraquê ficaram brancos de novo e suas mãos começaram a brilhar pontualmente. Com os braços presos, ele tocou as

pernas de Roger e o possuído começou a urrar de dor. *Está sendo eletrocutado*, Pedro agora sabia. Mas o gigante não afrouxou a pegada.

— *Saiam daqui!* — ele urrou, em meio aos gemidos. O corpo enorme tremia.

Jorge então correu com Aline, mas Pedro não conseguiu tirar os olhos de seu mestre de capoeira. Após uma pausa, Poraquê voltou a tocar o adversário, agora nos braços, e liberou outra descarga. Dessa vez, Roger não suportou o ataque por muito tempo. Caiu de joelhos e desabou sob os pés do inimigo. Mas o sujeito da coleira não se deu por satisfeito. Em vez de correr até Pedro, preferiu torturar covardemente o oponente caído. Por duas vezes, esfregou as mãos e tocou em Roger. O gigante se contorcia a cada nova descarga, mas depois permanecia imóvel e calado. Tinha perdido a consciência outra vez. *Ele vai matá-lo. Preciso fazer alguma coisa.*

— *Venham!* — um carro preto encostou na rua. Era Paulista...

Jorge arrastou Aline até a calçada. Mas Pedro não deixaria seu mestre para trás. Não após ter sacrificado o crânio por ele. Iria salvá-lo a qualquer custo agora. E só havia uma solução. Uma bastante *arriscada*. Tirou o pingente de Mayra do pescoço e segurou o dente. Tentou imaginar o objeto se aquecendo, como a mulher ensinara. Em segundos, pareceu que pegava *fogo*...

— *Ei, covarde!* — ele chamou. Poraquê logo se virou. — Ainda estou esperando a vingança que me prometeu. Não vai me castigar por ter matado o seu amigo peludinho?

Inflamado de fúria, o possuído partiu para cima dele com os olhos esbranquiçados. Pedro apenas abriu os braços e respirou fundo, aguardando a carga. *Se for para morrer, iremos juntos*. O homem então tocou-lhe o peito com as duas mãos e a corrente elétrica começou a percorrer o seu corpo. Seus músculos se enrijeceram temporariamente, mas a dor ainda era suportável. Juntou as últimas forças que tinha e cravou o dente sagrado na nuca do adversário. Sua agonia diminuiu, enquanto Poraquê passou a urrar de maneira insana. Mas o homem não parou de produzir corrente elétrica. Ao contrário, as contrações musculares de Pedro voltaram a aumentar e seu corpo se aqueceu. De repente, o inimigo afastou-se e desabou no chão, inconsciente.

Pedro levou alguns segundos para cair também. Depois disso, não viu e nem sentiu mais nada.

Epílogo

Um estranho barulho acordou Pedro.

Era um som abafado, como se alguém batesse palmas com as mãos em formato de concha. Ele abriu os olhos. *Que lugar é este?* Estava em uma sala de paredes amareladas e teto claro acinzentado, forrado por chapas de plástico. Jazia deitado em uma cama metálica e coberto por lençóis, os longos cabelos anelados espalhados sobre o travesseiro. Em sua mão destra, bem onde Bárbara o tinha ferido, havia um tubo ligado a uma garrafa de líquido transparente, apoiada em uma haste próxima. Uma faixa nova, branquíssima, envolvia o braço esquerdo.

— Olá, Pedro — declarou uma voz rouca e fraca.

Olhou para o lado direito e viu apenas a cortina branca presa a uma trave de ferro. O pano não estava totalmente esticado, revelando a extremidade de outra cama, aparentemente vazia, no canto oposto à porta. Mas na parte coberta, era possível ver o perfil de uma pessoa baixa e curvada, de pé perto do leito.

— Mestre Aratama? É você?

— Sim... Sou eu — a voz era inconfundível. — Como se sente, meu filho?

— Bem, eu acho — ele sentou-se na cama, recostando as costas sobre o travesseiro. Sua cabeça doía um pouco. Viu então um pequeno armário de metal branco ao lado, onde repousavam um pão doce, um copo de suco e o pingente sagrado de Mayra. — Que lugar é esse?

— É o hospital onde o Glauber trabalha.

— E que dia é hoje?

— Dezesete de fevereiro.

Pedro então fez os cálculos. Era sexta-feira, dois dias após ele e seus amigos deixarem a Caverna dos Papagaios em direção à Lagoa Santa. Dessa vez, lembrava-se bem do que havia acontecido.

— E o Roger?

— Ele está bem... — o velho se aproximou. — Você salvou a vida dele...

— Ele também salvou a minha.

O jovem ficou rememorando os últimos acontecimentos por alguns instantes, calado. Aratama respeitou o silêncio e tão pouco moveu um músculo. Ao longe, um relâmpago rasgou os céus, mas Pedro apenas ouviu o som do trovão.

— E os outros, Mestre? Como eles estão?

— Todos bem... Felizmente. E preocupados com você, claro. Recebeu uma grande descarga elétrica e andou muito perto da morte.

— Eu matei aquele homem? — lembrou-se do rosto contorcido de Poraquê na hora do choque.

— Duvido. Mas ele deve ter ficado atordoado por um bom tempo — Aratama falou, quase rindo. Mas depois, ficou sério. — Você foi bastante corajoso ao fazer o que fez. *E imprudente também.*

Pedro sentiu-se sem graça com o puxão de orelhas. Não sabia como se desculpar, por isso, resolveu mudar de assunto.

— E quanto ao amuleto sagrado?

O velho suspirou fundo. — Temo que o tenham levado.

— Sinto muito, Mestre. Não queria entregar o crânio. Eu o levei por que achei que ele me ajudaria a manifestar meus poderes. Tínhamos que fazer alguma coisa. Não podia deixar que o matassem.

Aratama ficou outra vez em silêncio e imóvel. Pedro achou melhor não retomar a conversa dessa vez e esperou até que o velho falasse.

— Sabe, Pedro...? Eu devia ter ficado surpreso com o que você fez. Com a sua atitude, digamos, irresponsável — a voz do possuído era tranquila. — Mas não fiquei. E sabe por quê?

— Não.

— Bem... Uma vez, conheci alguém exatamente assim. Um jovem idealista, determinado. Capaz de fazer qualquer coisa para proteger as pessoas que amava. Inclusive, sacrificar a própria vida. *Era o seu pai* — a voz do velho saiu fraca. — Seu pai foi o homem mais corajoso que já cruzou meu caminho, Pedro. E olha que conheci muita gente nessa minha longa jornada. Mas ninguém tinha a mesma determinação e a ambição daquele sujeito. Tanto que, quando te encontrei, quase um ano atrás, cheguei a duvidar que fosse mesmo o filho dele. E devo confessar que fiquei até um pouco desapontado com o jovem que Mayra me trouxe.

— Eu lamento, mas...

— *Por favor, me deixe continuar* — o velho interrompeu. O tom era áspero agora. — Passei muito tempo tentando imaginar como você era, Pedro. Pense o que é viver em uma caverna por quinze longos anos. O que mais se tem é tempo para pensar. Mas, quando o vi pela primeira vez, não tive certeza de que você estava pronto para ingressar em nossa causa. Parecia assustado, embora não quisesse deixar transparecer. Estou certo?

— Sim... — confessou, relutante.

— Bom. Quase um ano se passou desde aquele dia e eis que, de repente, me aparece um jovem totalmente diferente do que conheci. Um rapaz determinado, cheio de vontade e com o brilho nos olhos que esperei anos para ver. E assim como o pai, ele também arriscou a própria vida, mostrando sua imensa lealdade.

Não a mim ou a causa, mas as amizades.

— Fiz o que qualquer um faria, Mestre.

— Se isso fosse verdade, estaríamos cercados de aliados neste momento — Aratama riu discretamente. — De todo modo, agradeço muito a sua dedicação e fidelidade a mim, Pedro. Ainda que você tenha suspeitado das pessoas erradas. Mas isso é outra história...

— Jorge e Aline também foram bastante leais ao senhor, Mestre.

— Eu sei. Agradecerei a eles em tempo oportuno. Mas, além disso, quero que entendam o risco que correram sem necessidade. Agiram de maneira impensada e tiveram muita sorte. Tudo poderia ter acabado bem pior, não fosse pela intervenção de Mayra.

— *Mayra...?* — o jovem lembrou-se do assovio que ouviu, antes da invasão dos pássaros e capivaras ao trampolim. Parecia idêntico ao que a mulher proferiu ao invocar a urubu-fêmea, ainda na cozinha de sua casa em Taguatinga. — Foi ela quem mandou aqueles... bichos?

— Sim.

— Mas como ela fez aquilo?

— Bem... Mayra tem um certo *talento* para lidar com os animais.

Então essa é a resposta, Pedro pensou. Esses são os poderes dela. Ela pode controlar os animais. Por isso, Bárbara a obedece tão bem. Era tão óbvio.

— E o Glauber também o salvou — Aratama acrescentou.

— Pensei que Paulista não ia fazer nada — o jovem desabafou. — Achei que ele ia abandonar Roger lá...

— Ele teve medo, Pedro. Medo de perder a vida que construiu. Medo de sair das sombras de sua própria caverna. Mas não o condene por isso. Todos nós tememos alguma coisa. O medo é a maior força que move a humanidade. Mas sempre se lembre dessa lição. Nunca julgue as pessoas pelo que elas sentem, filho, mas pelos atos que realizam.

Pedro refletiu naquelas palavras por um tempo. — Paulista disse que arriscou tudo para me salvar, antes. O que ele quis dizer?

— Oh... Isso foi há muitos anos. Você era apenas um bebê na época. Glauber foi quem o resgatou da Fogo-Fátuo e o entregou a seu pai, pouco antes de ele fugir de Manaus. Um dia, ele próprio poderá lhe contar os detalhes...

O jovem ficou admirado, mas só até se lembrar da parte mais importante da história. — Mestre?

— Sim...

— Aquele homem lá na lagoa... Ele era o seu...

— *Irmão* — o velho completou. — Sim... Aquele é Sinval, filho caçula do capitão de quem te falei.

— O que aconteceu? — Pedro fez uma pausa para relembrar a horrível cena que presenciara no trampolim sobre a água. — Por que ele fez aquilo?

Aratama não respondeu. Ficou quieto atrás do pano que balançou com a leve brisa oriunda da janela aberta. Era noite e o céu estava carregado. Houve tempo então para que o jovem repensasse a pergunta. Para que se desse conta de que tinha tocado em um assunto delicado. Antes de qualquer coisa, era da morte de um ente próximo ao mestre que falavam.

— Sinto muito pelo seu irmão — ele não sabia se aquilo era o certo a dizer, mas não pôde evitar.

— Todos perdemos parentes nesta guerra, Pedro. Eu, Glauber, você... *Todos!*

— Mas ele se deixou morrer. Por quê?

Aratama suspirou fundo. — Está disposto a ouvir uma longa história de um velho chato?

— Claro...

— Bem... Tudo começou há muito tempo, quando nem você e nem eu havíamos chegado a essa Terra — Pedro viu o perfil de seu mestre curvar-se e sentar sobre a cama, atrás da cortina. — Antes mesmo de a tribo dos Itaguaçu ser descoberta pelo Capitão Seixas. Naquela época, esses índios levavam uma vida isolada do resto do mundo. E assim deviam ter permanecido. A região onde viviam tinha uma mata densa e cheia de mistérios. Poucos eram os povos vizinhos que se atreviam a se aproximar dos *Adoradores da Grande Pedra*. Muitos acreditavam que os Itaguaçu eram uma sociedade de feiticeiros compactuados com *Anhangá*, o poderoso demônio da floresta, a entidade mais temida pelas antigas culturas tupis-guaranis.

— Dizia-se que coisas estranhas aconteciam nas cercanias do pequeno vale onde ficava a tribo perdida. Que sons macabros ecoavam pela mata nos dias em que os guerreiros Itaguaçu saíam para caçar. Que pedras flamejantes caíam dos céus nas noites em que uma criança nascia. Mas apesar do isolamento dos Itaguaçu e dos rumores sobre sua natureza mística, eles eram um povo pacífico. Por décadas, precisaram resistir à dominação de outros povos maiores e mais agressivos. Um deles eram os *Iraguaras*, nativos que viviam em áreas menos densas e mais elevadas da planície local.

— Só que as guerras com os vizinhos não foram as únicas ameaças enfrentadas pela tribo. Havia anos de fome, em que os peixes desapareciam dos rios e alguns animais sumiam das matas — Aratama tossiu duas vezes e pigarreou. — Em outros períodos, pragas tomavam conta do cultivo de raízes. Mas nada castigava mais do que as doenças que eventualmente se espalhavam pela região. A pior delas aconteceu há cerca de duzentos anos.

— Os índios mais velhos contavam que, naquele verão, houve um longo

tempo de estiagem. A falta de chuvas nunca foi algo comum na parte central e norte da Floresta Amazônica. Por isso, assustava muito a todas as tribos. Então, ao fim de vários meses sem que uma gota de água caísse dos céus, os animais começaram a morrer de repente. Primeiro os macacos, depois as pacas, as cutias e os porcos-do-mato. A misteriosa enfermidade logo atingiu também os índios que se alimentaram de bichos doentes. Era letal para crianças e velhos, matando-os em poucos dias... Os adultos resistiam por algumas semanas, mas só uma minoria sobrevivia.

— Que coisa horrível! — Pedro comentou.

— É sim... O mal começou a se espalhar pela aldeia, passando de pessoa para pessoa, dizimando quase um terço da população. O auge da crise foi a morte do cacique *Guanã*, o grande chefe, que usou seus guerreiros para proteger as terras da tribo na guerra contra a dominação dos Iraguaras. A doença também levou seu primogênito, *Jaranã*, o combatente mais forte de todo o povo Itaguaçu.

— Recaiu então sobre o filho caçula, *Perianã*, a responsabilidade de guiar a aldeia através daquela terrível crise. Foi um dos piores momentos vividos pela tribo perdida... Mas o jovem índio não estava preparado para ser líder. Aquele destino cabia a seu irmão morto e fora direcionado a ele desde cedo. *Perianã* era apenas um dos aspirantes a pajé, o preferido, e quando criança já se interessava mais pelo lado místico do mundo do que pelos aspectos políticos da comunidade. Ele era discípulo de *Oê Cumar*, o velho líder espiritual, que há anos preparava o garoto para sucedê-lo.

— Com seu limitado conhecimento sobre as cerimônias ocultas empregadas há séculos pelos Itaguaçus, o jovem cacique achava que a doença tinha sido uma maldição enviada pelos inimigos. Para ele, os Iraguaras haviam feito um pacto com o demônio da floresta, a fim de vencerem a guerra e dominarem o território em volta da grande pedra cinzenta. Cego pela sede de vingança, *Perianã* organizou um levante, convocando todos os guerreiros com o objetivo de tomarem a aldeia vizinha — outro trovão se propagou pelo céu, e *Aratama* mirou a paisagem antes de prosseguir. — Mas o jovem cacique não era um combatente e tão pouco entendia de estratégias de batalha, especialidade que cabia ao pai dele. *Cumar*, o pajé, percebeu que o inexperiente líder levaria a tribo a uma luta que não poderiam vencer e que isso culminaria na extinção dos Itaguaçus, antes da própria doença.

— O velho tentou convencer o cacique de que aquilo era loucura e que ele deveria seguir os ideais de paz entre os povos, cultivados pelo antigo líder. Só que *Perianã* estava irredutível. Ele então deu a *Cumar* um mês para que fizesse alguma coisa a fim de erradicar a enfermidade e espantar a maldição da tribo, antes que a guerra tivesse início. E o velho curandeiro, que conhecia os mais

profundos segredos da mata, de repente se viu obrigado a tomar atitudes extremas para evitar o massacre iminente. Ele então apelou aos antigos registros de seus antepassados e embarcou em uma jornada de muitas luas através da floresta. Partiu assim em busca de um espírito de grande poder, capaz de quebrar a maldição da tribo.

— Bem... A partir desse ponto, a história não passa de uma lenda Itaguaçu. Os mais velhos diziam que o pajé encontrou uma entidade poderosíssima vagando pelas matas, muito longe da aldeia. Era tão poderosa que poderia não apenas acabar com a doença que dizimava a comunidade, mas também proteger de todas as enfermidades que recaíssem sobre a população no futuro. Mas as forças ocultas são mesquinhas e ambiciosas, e nunca ajudam os homens sem receber nada em troca.

— Sabendo disso, Cumar ofereceu ao espírito a adoração eterna da tribo. Infelizmente não era o que a entidade queria. O pajé então ofertou abrigo, permitindo que ela vivesse dentro da grande pedra ao redor da qual a aldeia fora construída. Mas só isso também não a agradou. Ela cobiçava bem mais. Desejava o sacrifício de um ser humano, o *jovem cacique Perianã*.

— O curandeiro sabia que a morte de outro líder traria mais instabilidade à tribo. Então, desesperado, propôs à entidade que aceitasse sua própria vida no lugar da de seu antigo discípulo. Ambiciosa, ela concordou com o pacto e ordenou que ele preparasse um ritual de sacrifício aos pés da grande pedra. E assim, em uma noite estrelada e de lua minguante, Cumar entregou sua alma ao poderoso espírito — Aratama fez uma pausa.

— E o que aconteceu depois? — Pedro perguntou.

— Bom... Se for possível acreditar nas histórias, a doença parou de se espalhar e os enfermos se curaram milagrosamente, após passarem por rituais de restauração da saúde. Perianã acalmou os ânimos e recuou na guerra contra os Iraguaras. Quanto ao velho pajé, dizem as lendas que sua cabeça foi arrancada e queimada durante o ritual de autossacrifício. Depois disso a empalaram em uma estaca no centro do vale, para que servisse de talismã a fim de espantar doenças e maldições atiradas por outras tribos. Ninguém sabe o que aconteceu ao resto do corpo. Mas com o tempo, os nativos começaram a cultuar o crânio como símbolo de força e proteção.

— Então o amuleto sagrado...?

— É o *velho pajé* — Aratama completou.

Pedro olhou para o chão. Lembrou-se da primeira vez que viu a caveira no Museu de História Natural, ainda nas mãos do professor de Jorge. O objeto parecia mesmo ter sido queimado há muito tempo. Além disso, havia uma marca, uma rachadura na base do crânio que o velho docente atribuiu à causa da

morte. O pajé deve ter recebido uma pancada na nuca, tal qual aconteceu com o irmão de Aratama.

O jovem então teve um estalo de surpresa. — Espere um pouco. Quer dizer que aquilo tudo em Lagoa Santa foi um ritual de sacrifício?

— Exatamente...

— Mas por quê? Quero dizer, pelo que o seu irmão estava se sacrificando?

— Essa é uma pergunta importantíssima, e para a qual não tenho resposta...

Dessa vez, o estrondo de um terceiro trovão ecoou com mais força através do quarto. O jovem viu a luz rápida se projetar no céu, quase imperceptível, mas ainda sim imponente.

— E por que o crânio era tão importante? Por que a Fogo-Fátuo estava atrás dele afinal?

— O povo Itaguaçu conhece há muito tempo os segredos da floresta, Pedro. Por centenas de anos, interagiram com diversas entidades místicas, aprendendo a controlar seus poderes e usando-os em benefício próprio. Logo descobriram como fazer para que esses espíritos manifestassem suas energias neste mundo físico — o velho raspou de novo a garganta. — Só que para isso, tinham de aprisioná-los em meios materiais. No começo, utilizavam somente pedras e peças em madeira como receptáculos para os seres sobrenaturais. Costumavam usar os amuletos sagrados como adornos para espantar o mal ou apenas para ostentar maior prestígio. Mas logo vieram outros objetos. Flechas, dardos envenenados e demais instrumentos de caça e guerra.

— Então os Itaguaçus começaram a se tornar cada vez mais orgulhosos de suas capacidades ocultas. Eles passaram a usar os rituais de possessão de forma indiscriminada a fim de criar talismãs sagrados. Mas o grande problema dessa prática era que um ser enclausurado em um objeto geralmente não durava muito tempo. Os espíritos demandam muita energia para se manterem no mundo físico e, quando presos a corpos inanimados, não têm de onde tirar essa força. Por isso, depois de alguns meses, às vezes semanas, acabam retornando espontaneamente às fronteiras do plano espiritual.

— E isso não acontece com os possuídos — Pedro deduziu.

— Não. Quando aprisionados a um ser vivo, o espírito drena energia corporal para se manter durante vários anos. E isso é uma grande vantagem. Mas há também uma grande desvantagem com relação ao uso de seres humanos como amuletos sagrados. Bom, na verdade, são duas. A primeira é que uma pessoa é bem mais difícil de controlar do que um pequeno objeto de bolso. A segunda, e talvez mais importante, é que se leva muito tempo e esforço para que o indivíduo manifeste os poderes espirituais, como você mesmo já deve ter notado.

— Agora, respondendo a sua pergunta, o crânio é um artefato bastante

especial. A marca do sacrifício do velho pajé e os anos de adoração por parte de uma tribo inteira o tornaram um tipo de amuleto sagrado muito poderoso. Acredita-se que ele seja capaz de armazenar entidades de grande poder por longos períodos de tempo. E isso faz daquele crânio um dos artefatos indígenas mais importantes que existem.

— Mas como ele chegou até Flaviano?

— Essa é a parte mais obscura da história. Mas creio que é possível adivinharmos. O amuleto sumiu da tribo logo após a invasão do Capitão Seixas e de seu bando. Seus homens eram uns covardes. Depois da morte do líder, eles roubaram tudo o que puderam carregar e fugiram, deixando para trás apenas os dois filhos órfãos do homem. De alguma forma, o crânio chegou até um museu de Manaus. Sinval o viu lá, vários anos mais tarde, quando fomos morar na capital. Mas ele ainda não havia se dado conta do poder que aquele simples amuleto possuía. Só muito tempo depois, passou a cobiçá-lo, mas de novo o objeto havia se perdido. Alguém o tinha encaminhado a um centro de estudos em Manaus. E conforme vocês mesmos descobriram, um amigo de Flaviano enviou a peça para ele em São Paulo.

— Antes de morrer — Pedro completou.

— Isso... Bom, o resto você já sabe. Flaviano repassou o crânio para alguém em Belo Horizonte e sumiu durante seis anos. Devia saber o perigo que corria, embora não tivesse noção dos poderes que o objeto continha.

— Então Seixas queria o amuleto para aprisionar um espírito poderoso? — o jovem perguntou.

— É possível...

— E havia algum naquela lagoa?

— Não sei... — Novamente o velho guardou silêncio e assim permaneceu por alguns instantes.

— Mestre?

— Sim, Pedro?

— Aquele homem, o seu irmão... Ele disse que eu não era um possuído. Por quê?

— Bem... Sinval também tem habilidades especiais. E uma delas é a capacidade de identificar os espíritos que vivem no mundo físico. Especialmente os aprisionados em seres humanos.

— Assim como o Nelson? — Pedro lembrou-se do homem misterioso em São Paulo.

— Hum... Não exatamente. Saporanga tem o dom de enxergar pequenas emanções de luz, imperceptíveis às pessoas normais. Muitos pensam que ele é completamente cego, mas na verdade, seus olhos são tão sensíveis que até a

brasa de um cigarro aceso pode ofuscar sua visão. No escuro absoluto, ele consegue ver os padrões de luz emitidos pelos espíritos aprisionados em objetos e nos corpos das pessoas. E já fez isso tantas vezes que se tornou um especialista em identificar o tipo da entidade, sem que ela manifeste os poderes. Mas Sinval é diferente. Ele pode sentir a presença dos possuídos a grandes distâncias, como se fosse capaz de captar a energia emanada por eles.

— Então sabiam que estávamos lá o tempo todo — Pedro sussurrou para si próprio. — Foi assim que acharam Aline escondida.

— Foi...

— Quer dizer que não sou mesmo um possuído?

— Eu não disse isso — Aratama corrigiu com rapidez. — Sinval só consegue sentir as entidades que estejam plenamente desenvolvidas ou em fase de expansão. É possível que ele não tenha sido capaz de detectar os seus poderes porque o seu espírito ainda não se manifestou abertamente. Conforme te falei na primeira vez que nos vimos, acredito que o mesmo aconteceu a Sapiranga. O espírito só começa a se tornar visível para ele por volta dos dez anos, quando a pessoa está mais propensa ao treinamento. Mayra, Glauber e Carabao começaram a treinar com essa idade. Mas no seu caso, a prática se iniciou um pouco tarde. Acredito que o seu espírito tenha entrado em estado de hibernação por causa da falta de estímulos e, talvez por isso, seja tão difícil detectá-lo.

— Mas pensei que tivesse manifestado meu espírito no museu...

— Como assim?

— Quando Cássius estava prestes a me matar na forma de uma onça, ele foi forçado a se transformar em homem de novo. Foi impressionante. Na hora, acreditei que era o poder do crânio, mas depois, achei que pudesse ter sido eu. E se não fosse por isso, eu não teria... — ele não quis terminar a frase. Preferia esquecer o que tinha acontecido, mas era difícil.

— Hum... — Aratama fez uma curta pausa. Foi como se tivesse lido sua mente. — Não direi para não se culpar pelo que fez, Pedro. Eu mesmo carrego nas costas uma vida inteira de culpas e erros. Mas tente pensar nas vidas que salvou, e não nas que tirou. Talvez, um dia, seja capaz de se perdoar.

— Eu não quis matá-lo, Mestre. Mesmo depois do que aquele assassino fez com o meu pai.

Dessa vez, o velho possuído não disse nada. Pedro também ficou em silêncio por alguns segundos, tentando se acalmar. Não queria mais ficar se justificando a ninguém.

— Então, o treinamento foi uma total perda de tempo? — ele perguntou.

— Hein...? — Aratama pareceu perdido em pensamentos.

— Foi o crânio que deteve o irmão de Paulista?

— Creio que é pouco provável. Conforme já disse, espíritos ficam aprisionados em objetos por um período limitado. O crânio se perdeu há muitos anos. Acho difícil que ele ainda possua algum poder, mesmo sendo tão especial. E ainda que tivesse, não manifestaria nada sozinho, por vontade própria. Alguém teria de usá-lo.

— Estou confuso então, Mestre...

— Ainda tem dúvidas de que seja um possuído, meu jovem?

— E o senhor não tem?

— Eu nunca tive...

Pedro desistiu da conversa. Sabia que Aratama não lhe daria respostas concretas.

— Bom, agora tenho que ir — disse o velho. — Precisa descansar. Seus últimos dias foram bastante agitados.

— Vai voltar para a caverna?

— Por enquanto é um lugar seguro. E também é um excelente local para se colocar os pensamentos em ordem. Meus únicos vizinhos estão a quilômetros de lá e são todos bem tranquilos.

— Mestre, — o velho o fez se lembrar de algo — por falar nisso, o que aconteceu à Dona Conceição? A casa dela parecia abandonada.

— E estava mesmo. *Pobre mulher...* Ficou muito doente. Paulista a trouxe para cá por um tempo. Depois a enviou para morar com uma das filhas, em outra cidade do interior — Aratama se levantou e afastou-se da cortina. — Por falar nisso, já ia me esquecendo. Que cabeça... Estou mesmo ficando velho. O João está bem.

— Quem?

— João, seu amigo... Você não foi até o manicômio para visitá-lo?

Pedro então se lembrou do mendigo do Parque Municipal. — Como o senhor sabe sobre isso?

— O Glauber me contou. O diretor da clínica informou a ele que dois jovens, um rapaz de cabelo comprido e uma moça negra de olhos verdes, foram até lá perguntar pelo sujeito.

— Foi Paulista quem pagou pela internação?

— Sim...

— Mas por quê? — Pedro ficou indignado. — Aqueles homens destruíram a casa dele. Eles o agrediram e o levaram do parque a força.

— Foi uma medida de precaução — disse o velho calmamente. — Nos últimos meses, a Fogo-Fátuo estava se aproximando demais de Belo Horizonte. Todos nós, possuídos, estávamos correndo perigo.

— O João é um possuído também?

— Sim... Embora ele não se lembre. Mesmo assim seria perigoso se o descobrissem lá. Mas, como disse, ele está bem agora. Melhor até do que vivendo naquele parque.

O jovem ficou sem reação.

— Bom... Deixa eu ir andando — a voz do velho expressava cansaço. — Vem vindo uma tempestade forte por aí. Estas estão sendo noites tristes para os papagaios do serro...

— E o que vai acontecer conosco, Mestre?

— Ainda não sei. Mas por hora, tudo ficará bem...

— Vamos nos encontrar de novo?

— Com certeza. E muito em breve, imagino. *Adeus...*

Pedro ouviu um leve farfalhar, igual ao das folhas de uma árvore ao vento, seguido do som de batidas rápidas no ar, idênticas as que o acordaram. Depois, silêncio absoluto. Curioso, sentou-se de lado na cama para alcançar a cortina da divisória. Afastando-a, viu apenas o outro leito, vazio e arrumado. A janela ao fundo do quarto estava aberta e um vento frio soprava por entre a cadeia iluminada de prédios da capital mineira. A escuridão que recaía sobre o horizonte devia-se não só à noite, mas também ao véu negro formado pelas nuvens pesadas que se aproximavam sem a menor pressa.

Sentindo-se ainda um pouco fraco, voltou a se deitar. Por algumas horas, ficou rememorando as coisas que Aratama havia lhe contado. O sono, assim como a chuva, ameaçava chegar, mas nunca vinha. De repente, a porta do quarto se abriu silenciosamente e o rosto de Aline surgiu na greta.

— Ele acordou... — ela sussurrou para alguém fora do cômodo. Depois entrou timidamente, acompanhada de perto por Jorge, que trazia um bolo de jornais nas mãos.

— Olá, Pedro. Como se sente? — a garota perguntou.

— Estou bem — recostou-se mais uma vez na cama. — E vocês?

— Também — ela sorriu e seus olhos se iluminaram. — Ficamos muito preocupados com você, moço.

— É — disse Jorge. Parecia tranquilo agora. Com certeza voltara a tomar os remédios para ansiedade. — Como está o braço?

— Bem melhor.

— Você nos deu um grande susto, cara.

— Desculpem. Mas o que aconteceu afinal?

— Bom... — a moça começou. — Logo depois que você derrubou aquele sujeito, Mayra apareceu. Roger então se levantou e os dois te carregaram para o carro do Glauber. Ainda bem que ele estava lá para te reanimar.

— Foi muita sorte mesmo — Pedro comentou.

— *Sorte nada!* — Jorge interveio. — A Aline entregou a gente.

— Como assim?

— Ela mandou uma mensagem para Paulista na hora em que paramos no posto de gasolina, antes de chegarmos a Lagoa Santa.

— Não *entreguei* ninguém — ela sorriu. — Só avisei que vocês dois tinham ficado malucos e que íamos todos morrer.

— Bom... Ainda bem que fez isso — Pedro também riu.

— Sabia que foi Mayra quem mandou aqueles animais? — Jorge completou, talvez esperando surpreender o amigo.

— Eu sei. Aratama me disse.

— *Aratama?* Ele esteve aqui? — foi o estudante quem ficou espantado. — Quando?

— Mais cedo. Umas três horas atrás.

— Mas nós não o vimos. Ficamos no corredor o tempo todo...

— Acho que ele entrou pela janela.

— Como? Estamos no *quinto andar*.

Pedro não respondeu. Preferiu apenas mirar a paisagem noturna através da abertura na parede do quarto. Depois de todas as coisas sobrenaturais que vira até o momento, acreditava que nada mais poderia surpreendê-lo.

— Ele disse mais alguma coisa? — Jorge quis saber.

O jovem então narrou aos companheiros tudo o que o velho havia lhe contado sobre os Itaguaçu, o crânio, Sinval Seixas e o mendigo do parque. Aline ficou particularmente chocada com esse último tópico.

— Usaram o sanatório como esconderijo para ele?

— Pois é... Pelo jeito, não existem muitos locais seguros hoje em dia. Conforme Aratama me disse, a Fogo-Fátuo está em todos os lugares.

— Ah... — Jorge interrompeu. — E por falar nisso, Pedro, creio que você ainda não leu os jornais de ontem — ele passou os papéis que trazia.

O jovem varreu a página principal, procurando o que seu amigo pretendia mostrá-lo. E não foi difícil achar. Dizia a pequena manchete, à esquerda: "Mortes no museu da Federal".

Ao pular para o caderno policial na página 12, viu a foto do Professor Velho estampando a notícia. Leu a coluna em silêncio: "O professor universitário *Milton de Assis Siqueira Velho*, de sessenta e nove anos, cometeu suicídio no Museu de História Natural da UFMG na última quarta-feira, depois de matar dois seguranças. Os corpos de *Reginaldo da Costa* e *José Mauro Braga* foram encontrados com tiros na guarita de entrada do local. Já do lado de dentro, estava o docente e diretor do centro, morto com um único tiro na cabeça e portando uma arma calibre trinta e oito. A polícia declarou tratar-se de um caso de duplo

homicídio, seguido de suicídio. De acordo com a família do professor, o homem andava bastante perturbado nos últimos meses e vivia a base de antidepressivos"...

— Não acredito. Como podem publicar isso?

— Pois é — o estudante de geologia levou as mãos aos bolsos. — Parece que alguém resolveu distorcer um pouco os fatos.

O jovem leu o resto da reportagem. — Aqui não diz nada sobre o corpo de Cássius.

— E a coisa fica ainda pior — Jorge completou. — Veja a próxima página.

Pedro virou a folha e viu outra notícia, menor e no canto direito.

"Polícia soluciona sequestro misterioso", dizia o título. "A polícia divulgou hoje que encontrou o bando responsável pelo sequestro de *Flaviano Guimarães*, morto vítima do ataque de uma onça em agosto do ano passado em Lagoa Santa. Informações dão conta de que três homens foram presos na tarde de quarta-feira, depois de assaltarem e matarem o gerente de uma loja de antiguidades no centro da capital. Dois deles teriam sido mortos durante a perseguição e o último assumiu a autoria do crime de sequestro, entre outros, encerrando assim o mistério que já durava mais de seis meses"...

— Eu te disse, Pedro — Jorge respondeu ao olhar descrente do amigo. — Não podemos confiar nos jornais e na *internet*. São todos manipulados.

Um silêncio se abateu momentaneamente sobre o quarto.

— Bem, Pedro... — Aline tinha agora um sorriso malicioso. — Já que as coisas se resolveram, talvez você ainda tenha alguma chance com a Vanessa.

— Duvido muito... Mas quem sabe? No futuro, tudo é possível — ele se acomodou melhor na cama e ficou olhando para o teto. — E quanto ao Roger? Será que ainda está com raiva de nós?

— Acho que não — disse Jorge. — Ele até veio te ver mais cedo. Mas não pôde esperar você acordar. Precisou sair correndo.

— E por quê?

— Bom... Aline ouviu umas coisas. *Conte a ele!* — o estudante mirou a garota.

— O que foi?

— Bem... Escutei ele, Mayra e o Glauber conversando. Acho que falavam sobre convocar uma reunião com outros possuídos.

— Uma reunião? E para quê?

— Não tenho muita certeza, mas estavam falando de um *assassinato*.

— E quem morreu?

— Não tenho ideia, mas creio que era alguém conhecido dos três. E logo depois da conversa, Mayra e Roger viajaram juntos para algum lugar.

Pedro ficou pensativo por alguns segundos. Ele e seus amigos permaneceram calados, observando a tempestade que começou a cair de repente sobre o hospital e os quarteirões a volta. Era uma chuva pesada e bravia. Aline correu e fechou a janela. Grandes gotas de água começaram então a colidir contra o vidro.

— Por acaso, Aratama não te disse nada sobre isso? — Jorge perguntou.

— Não... — Pedro respondeu. Então, acrescentou. — E tenho certeza de que ele ainda não nos contou muitas coisas.

Esta história continua em

^{os}**P**OSSUÍDOS
E O **P**ICO DO **N**EVOEIRO

Agradecimentos

Gostaria de agradecer imensamente a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a produção desta obra.

Aos meus eternos amigos e colegas de RPG (*Role Playing Games*), Elvis (Suíno) Batista, Rogério (Canela) Lambert e Gleyber (Pitico) Paulista, cujas personas dramáticas se mantiveram vivas na minha mente ao longo de todos esses anos. À minha primeira e mais especial leitora, Grazielli Cristina, e aos que sucederam a ela, Maria Madalena, Rogério Lambert, Erickson Nascimento, Leandro Soriano e Douglas Macharet. Sem suas valorosas críticas e elogios, este livro jamais teria saído da gaveta.

A todos, meu muito obrigado...

Sumário

[Prólogo](#)

[Parte I — Do Planalto às Montanhas](#)

[A Liberdade Verde](#)

[Revirando o passado](#)

[O segredo dos possuídos](#)

[Olhos misteriosos](#)

[Dr. Paulista](#)

[Rochas, cristais e esmeraldas](#)

[A caverna dos papagaios](#)

[Parte II — O Caso do Antropólogo](#)

[Versos na fumaça](#)

[A proposta de Aline](#)

[Uma noite agitada](#)

[Um rosto familiar](#)

[Ataques de onça](#)

[Uma conversa suspeita](#)

[A lenda da Cruz de Prata](#)

[O convite de formatura](#)

[Parte III — O Sacrifício](#)

[Três viajantes](#)

[Sombras e luzes no parque](#)

[O homem da tatuagem tribal](#)

[O colega da faculdade](#)

[O amuleto sagrado](#)

[Medidas desesperadas](#)

[Morte na água](#)

[Epílogo](#)